



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia

Lúcio Gomes Dantas

**A LIBERDADE DE SER, APRENDER E
ENSINAR NA ESCOLA CRISTÃ**

Fortaleza

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LÚCIO GOMES DANTAS

**A LIBERDADE DE SER, APRENDER E
ENSINAR NA ESCOLA CRISTÃ**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade.

Orientador: Prof. Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D.

Fortaleza

2007

D192 I Dantas, Lúcio Gomes.
A liberdade de ser, aprender e ensinar na escola cristã / Lúcio
Gomes Dantas. – 2007.
407 f.

Cópia de computador.
Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza.
“Orientação: Prof. Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D.”

1. Educação cristã. 2. Professores – Formação. 3. Pobreza
4. Psicologia educacional. I. Título.

CDU 373:2



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Mestrado em Psicologia
Psicologia, Sociedade e Cultura: Produção e
Expressão Sociocultural da Subjetividade

Dissertação intitulada “*A liberdade de ser, aprender e ensinar na Escola Cristã*”, de autoria do mestrando Lúcio Gomes Dantas, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. FRANCISCO SILVA CAVALCANTE JUNIOR, Ph.D. - Orientador
(Universidade de Fortaleza - UNIFOR)

Profa. Dra. TEREZA GLÁUCIA ROCHA MATOS
(Universidade de Fortaleza - UNIFOR)

Prof. Dr. JOSÉ ARVEDO FLACH
(Centro Universitário La Salle - UNILASALLE)

Prof. Dr. HENRIQUE FIGUEIREDO CARNEIRO
(Coordenador do Curso de Mestrado em Psicologia – UNIFOR)

Fortaleza, 27 de agosto de 2007.

À minha Mãe, D. Isaurinha, primeira educadora-alfabetizadora, por ter enxergado longe a educação para minha promoção, meu engrandecimento e por acreditar nos sonhos possíveis juntamente comigo.

Ao Professor Cavalcante Junior, pela paciência e sabedoria, além de me ensinar como fazer ciência, apontando caminhos para a pesquisa. Por despertar em mim, também, o veio de autor-pesquisador-escritor, ajudando-me a ser mais autêntico. Encontrei um verdadeiro mestre.

AGRADECIMENTOS

- A Deus, em primeiro plano, por permitir o meu crescimento espiritual e profissional que possibilitaram um melhor desempenho na minha missão na educação cristã de crianças e jovens.
- À minha família, por ter me educado com sentimentos tão nobres de querer o bem e a cuidar dos demais. Meu pai, minha mãe, irmãos, cunhadas, sobrinhos, tios e primos, obrigado por me amarem.
- À minha Congregação Religiosa, pela oportunidade de realização deste estudo, bem como ao Ir. Claudino Falchetto, pelo apoio e incentivo a todo o momento, sua compreensão foi valorosa.
- À Gerência Social de nossa Província, pelo acompanhamento em meu percurso como gestor, foi um belo aprendizado.
- Aos Ir. Kerginaldo Moreira e Inácio Dantas, grandes educadores-cristãos, pelo compartilhamento de seus saberes e de suas experiências, pois seus exemplos me edificam.
- Ao Ir. Marisaldo Barbosa, grande amigo e companheiro de missão perante a Igreja.
- À minha Comunidade Religiosa, especialmente ao Ir. Joventino Laquini, pela paciência comigo, pelas inúmeras vezes em que me ausentei do convívio comunitário. Mesmo assim senti de sua parte um apoio incondicional.
- Aos professores de minha Banca, Teresa Gláucia e Ir. Henrique Justo, por suas sugestões e arguições tão pertinentes para finalização deste trabalho.
- Aos professores colaboradores do Colégio Cristão do Nordeste, pela oportunidade de aprendizagem e ensino como experiência de pesquisador, nascendo daí os vínculos e as implicações que esta pesquisa demandou de nós.

- Aos alunos do Colégio Cristão do Nordeste, colaboradores deste estudo, bem como seus familiares por terem acolhido em seus lares, nossos professores, para brotar a partir dali este trabalho.
- Aos amigos e companheiros de mestrado, pela caminhada que fizemos juntos, incentivando-nos uns aos outros a cada momento para seguir em frente. Sobretudo à Nadja Venâncio, pela confiança das partilhas.
- Aos co-pesquisadores do grupo de pesquisa da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade (RELUS), através da qual aprendi a fazer pesquisa coletiva e a desconstruir minhas certezas e convicções, paralelamente vocês deram sentido a novos conhecimentos.
- À professora Sandra Maia, por cultivar a minha relação com a Língua Portuguesa, pois a sua exigência e rigor, através de suas revisões, permitiram-me manter uma relação mais íntima com a escrita.
- À Elisete Oliveira e Francinésio Rebouças, pela ajuda logística durante esses dois últimos anos, sempre trabalhando nos bastidores.
- À Gerciana Carvalho, a ética na escuta e paciência na escrita garantiram a confiança de nosso grupo de Terapia Cultural.
- A Jean Fernandes, homem de grande mística, amigo e companheiro de tantas leituras. A quem devo, em parte, minha formação intelectual.
- A todos os meus grandes amigos, aqueles de minha infância e de minha adolescência e tantos outros companheiros em meu percurso de trabalho. Valeram os incentivos!
- Finalmente, a todos os alunos pobres, nossos prediletos, razão de ser de nossa missão, por acreditarem na educação cristã humanizadora e libertadora.

Não se pode dizer como a vida é, como a sorte ou o destino trata as pessoas, a não ser contando a história.

(Arendt, 1995, p. 279)

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisa*. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de *desaprender*, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, da cultura, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.

(Barthes, 2004, p. 47)

RESUMO

A educação cristã dialógica e libertadora é abordada aqui como espaço democrático na liberdade de ser, aprender e ensinar, valorizando a autoformação em que os atores sociais nela envolvidos, sobretudo o docente, possam ser realmente o que são, com suas expressões autênticas, efetivas e libertadoras, como propõe Paulo Freire. Nesse sentido, buscou-se compreender a percepção que o professor tem de seus alunos e como isto influencia nas suas práticas em sala de aula. Estes professores estão inseridos numa escola cristã católica no Nordeste do Brasil, que tem como objetivo principal atender alunos em situação de vulnerabilidade social e está voltada para a educação formal desses alunos. Foi realizada uma investigação científica qualitativa do tipo etnográfica, constituída como um estudo de caso, em que o autor inseriu-se como pesquisador participante. Foram colaboradores deste trabalho doze professores, na qualidade de co-pesquisadores etnógrafos, que escolheram doze alunos em situação de vulnerabilidade social e, através da pesquisa etnográfica, puderam conhecer os contextos culturais desses estudantes. Esses professores participaram de um grupo de Terapia Cultural no modelo de George e Louise Spindler, em Círculos de Letramentos criados por Cavalcante Junior, onde puderam dialogar acerca da cultura dos alunos, bem como de sua própria cultura, e como esta influencia nos relacionamentos, sobretudo, em sala de aula. Durante a produção de dados e através dos encontros de Terapia Cultural, a reflexão foi inerente, sempre subsidiando as narrativas coletadas, que foram se alterando durante o trabalho de campo. Ademais, o diário de campo, as entrevistas semi-estruturadas e a análise documental foram utilizados para dar maior profundidade à coleta de dados. Ao participarem do grupo de Terapia Cultural, os professores, em unanimidade, perceberam-se nos contextos dos alunos, resgatando seus próprios valores, compreendendo, enfim, como suas ações são interagidas pela cultura do outro. Essa intervenção metodológica propiciou aos professores a construção de si, pelas narrativas de suas vidas, como propõe Marie-Christine Josso, em atitude reflexiva retomada na conscientização das práticas escolar e pedagógica, visando a mudanças de comportamentos, atitudes e suposições. Isso tornou-os mais conscientes das realidades culturais, tanto aquelas trazidas pelo aluno como as alojadas no interior de cada docente participante desta pesquisa. Dessa forma, as abordagens narrativas e autobiográficas evocadas a partir da imersão no campo e das fotos apresentadas a cada encontro como, registro cultural, trouxeram para esses professores a possibilidade de novas compreensões acerca de suas práticas pedagógicas. Durante a terapeutização desse professor, oportunizou-se a rememoração de suas histórias de vida: sua infância, sua adolescência, sua formação inicial na docência, enfim, a reconstrução de si mesmos. Constituiu-se, assim, a identidade do professor-sujeito em sua formação, sem prescindir da presença dos demais nesse construto. Por fim, foi significativa a contribuição desta experiência para o pesquisador mestrando, na qualidade de gestor escolar, pois à medida que avançava o processo da Terapia Cultural, a sua auto-reflexão tornava-se imprescindível. Como gestor-pesquisador-reflexivo, com a escuta ao professor de um outro lugar, na Terapia Cultural, romperam-se as hierarquias, permitindo a realização de uma escuta plena do grupo e da própria consciência do ser educador. Portanto, essa pesquisa, foi transformadora também para o pesquisador.

Palavras-chave: Educação Cristã; Formação docente; Histórias de vida; Terapia Cultural; Pobreza.

ABSTRACT

Dialogic Christian and liberating education is focused here as a democratic space in the liberty of the being, learning and teaching, valorizing self build-up in which social players involved in them, especially teachers, can really be what they are with their authentic, effective and liberating expressions as Paulo Freire proposes. In this sense, we tried to understand the perception that teachers have of their students and how it influences their practice in the classroom. These teachers are inserted into a catholic Christian school in Northeast Brazil, which has as main objective to help socially vulnerable students and it aims at a formal education of such students. A qualitative scientific investigation of the ethnographic type was carried out, elaborated as a case study where the author inserted himself as a participating researcher. Twelve teachers, in the capacity of ethnographic co-researchers were collaborators on this work and they chose twelve socially vulnerable students and through the ethnographic research they could know the cultural contexts of such students. These teachers participated in a Cultural Therapy group within the George and Louise Spindler model in "*Lettering Circles*" created by Cavalcante Junior where they could talk about the students' culture and how it influences relationship, especially in classrooms. During the production of data and through Cultural Therapy meetings, reflection was inherent, always subsidizing the collected narratives, which kept changing during the fieldwork. Besides, the field diary, the semi-structured interviews and the documentary analysis were used to provide more depth of data collecting. When participating in the Cultural Therapy group, the teachers unanimously perceived themselves in the students' contexts, rescuing their own values, finally understanding how their actions are interacted by the other's culture. Such methodological intervention has provided the teachers with their own building-up, through the narratives of their lives, as Marie-Christine Josso proposes, in a reflexive attitude retaken in the conscientiousness of the school and pedagogical practices, aiming at changes of behavior, attitudes and assumptions. It has made them more aware of cultural realities, both those brought by the student and those lodged in the interior of each teacher participating in this research. In this manner, the narrative and autobiographical approaches conjured up from the immersion into the field and the pictures presented at each meeting, as a cultural register, have brought to those teachers the possibility of a new understanding of their pedagogical practices. During the therapeutics process of that teacher, he was given an opportunity for remembering his life story: his childhood, his adolescence, and his initial education during his adolescence, finally the reconstruction of himself. Thus is formed the identity of this teacher-subject during his build-up, without ignoring the presence of others in this construct. Finally, the contribution of this experience was meaningful to the master-to-be researcher, in the capacity of school principal, because as the Cultural Therapy process advanced, his self-reflection became indispensable. As principal-reflexive- researcher, through the hearing of the teacher from a different place, at the Cultural Therapy, hierarchy was broken allowing for the realization of a full hearing of the group and the very conscience of the educator being. Therefore, such research was also transforming for the researcher.

Key words: Christian Education; Teaching build-up; Life stories; Cultural Therapy; Poverty.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Região de cacau na Bahia	12
Figura 2 – Escola em assentamento do MST.....	12
Figura 3 – Escola em zona de cacau da Bahia	12
Figura 4 – Vista frontal da casa do Sítio Liberdade.....	18
Figura 5 – Vista lateral da casa do Sítio Liberdade	18
Figura 6 – Açude do Sítio Liberdade	18
Figura 7 – Gado descansa à sombra das árvores no Sítio Liberdade.....	18
Figura 8 – Porteira do juazeiro no Sítio Liberdade	18
Figura 9 – Desenho da professora Sofia.....	42
Figura 10 – Desenho da professora Árvore	42
Figura 11 – Desenho da professora Rita.....	42
Figura 12 – Desenho da professora Isadora	42
Figura 13 – Desenho do professor John	70
Figura 14 – Desenho da professora Mélore	70
Figura 15 – Desenho da professora Lena	70
Figura 16 – Desenho do professor Neet	70
Figura 17 – Pescadores no Rio Mágico	107
Figura 18 – Rio Mágico	107
Figura 19 – Sítio dos pais de Lena.....	107
Figura 20 – Casa dos pais de Lena.....	107
Figura 21 – Jesus na Sinagoga	139
Figura 22 – Jesus com as crianças	139
Figura 23 – Desenho da professora Tereza.....	149
Figura 24 – Desenho da professora Irildênia.....	149
Figura 25 – Desenho da professora Jaque	149
Figura 26 – Desenho do professor João Marcos.....	149
Quadro 1 – Relação dos professores e educandos colaboradores.....	82

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
Capítulo 1 - ITINERÁRIO AUTOBIOGRÁFICO: A POBREZA COMO RIQUEZA..	19
1.1 A infância	19
1.2 O êxodo e o encontro místico	27
1.3 O mestrado	33
1.4 A escola cristã e os pobres	35
Capítulo 2 - PERCURSO DIALÓGICO	43
2.1 O Contexto.....	43
2.2 A educação pelo diálogo.....	48
2.3 Um participante engajado	56
2.4 Produção de Dados	61
2.5 Análise dos Dados	66
Capítulo 3 - PERCURSO TERAPÊUTICO	71
3.1 A Terapia Cultural em Círculos de Letramentos	71
3.2 Os encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos	79
3.2.1 Primeiro Encontro	79
3.2.2 Segundo Encontro	85
3.2.3 Terceiro Encontro	90
3.2.4 Quarto Encontro.....	94
3.2.5 Quinto Encontro	96
3.2.6 Sexto Encontro	98
3.2.7 Sétimo Encontro.....	100
3.2.8 Oitavo Encontro	102
3.2.9 Nono Encontro	105
Capítulo 4 - FORMAÇÃO AUTOBIOGRÁFICA: UM ESTUDO DE CASO	108
4.1 A formação autobiográfica	108
4.2 A análise do percurso autobiográfico de Lena	115
4.2.1 A infância no campo	115

4.2.2 A mulher “rurbana”	119
4.2.3 A mulher freireana e a docente.....	120
4.2.4 A liberdade de ser, aprende e ensinar	125
4.2.5 A construção de si pela Terapia Cultural: A formação e o percurso de vida	132
Capítulo 5 - O GESTOR-PESQUISADOR NA ESCOLA CRISTÃ.....	140
5.1 O trabalho na escola	140
5.2 O gestor-pesquisador-reflexivo	142
5.3 A construção de mim mesmo pela autobiografização.....	146
CONSIDERAÇÕES EM ABERTO	150
REFERÊNCIAS.....	156
APÊNDICES	170
A - Encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos	171
B - Carta-convite da Reunião Pedagógica	391
C - Roteiro de Entrevistas	393
D - Carta de Informação.....	394
E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Professor	396
F - Carta de Boas-vindas aos Professores	397
G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais	398
H - Carta de Agradecimento aos Professores	399
I - Certificado dos colaboradores co-etnógrafos	400
ANEXOS	401
A - Requerimento para tramitação da Qualificação	402
B - Requerimento para composição da Banca de Qualificação	403
C - Ata de Qualificação de Projeto de Dissertação	404
D - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	405
E - Carta justificativa do professor João Marcos	406
F - Declaração de revisão estilística e gramatical	407



FIGURA 1 – Região de cacau na Bahia¹.
Fonte: Salgado & Buarque, 2005, pp. 92-93.



FIGURA 2 – Escola de assentimento do MST.
Fonte: Salgado & Buarque, 2005, p. 45.

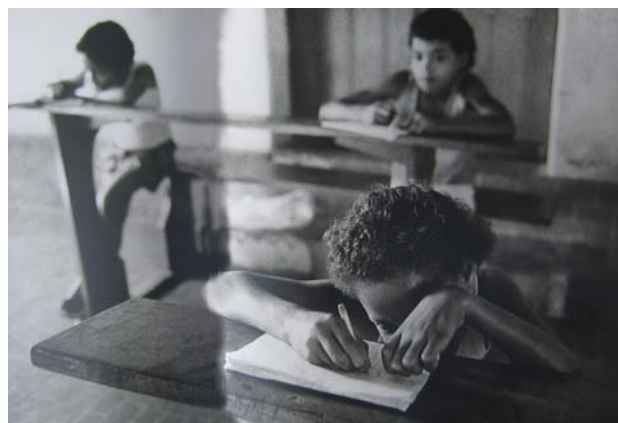


FIGURA 3 – Escola em zona de cacau da Bahia.
Fonte: Salgado & Buarque, 2005, pp. 96-97.

¹ As fotos desta página são de Sebastião Salgado.

APRESENTAÇÃO

Antes mesmo de te formar no ventre materno, eu te conheci; antes que saísse do seio, eu te consagrei.

(Jr 1, 4)²

Ao iniciar este encontro entre mim e você, caro leitor, convido-o para juntos percorrermos caminhos subjetivos e encorajá-lo a não se sentir constrangido em alguns momentos, se porventura evocar em você sentimentos de que, pedaços de histórias de vidas aqui narrados possam parecer muito com a sua também, pois isso aconteceu comigo. Por isso, das muitas histórias ouvidas ou lidas que se inter cruzaram com a minha, tentei narrá-las na essência da própria palavra subtraindo o ocorrido. O que vamos encontrar aqui é da quiessência do humano, são histórias muito ricas que se inter cruzam com a minha e com a sua, talvez. Porém, se você se identificar com algumas das personagens aqui expostas, saiba que você encontrou um tesouro de quem com sua sensibilidade quis abrir seu coração para esse pesquisador, e que com as devidas permissões deixou que pudéssemos publicar como ciência, pois conhecimento sistematizado que não se publica não é ciência. Todavia, esta deverá servir para que outros que vêm acompanhando esse estudo possam aprimorar, descobrir ou redescobrir novos conhecimentos.

Por vezes submeti meu pensamento à escrita em tom mais poético, porém, nem por isso foi tratado com menos cientificidade. Foi a forma que encontrei de transmitir para você a mais límpida da essência do que produzi como conhecimento nestes dois últimos anos. Esta escrita, portanto, não vem “avexada” de uns poucos meses antes de fazer minha “defesa” a uma banca examinadora, ela advém, sim, do próprio percurso dos dois anos de mestrado.

Confesso que este é, sem dúvida, um momento único em minha vida. Pois escrevo esta apresentação de meu trabalho movido por uma sensação quase indescritível oriunda do âmago de meu ser. Este é um produto escrito por várias mãos, embora tenha usado apenas as minhas, das muitas mãos e corações submersos nas palavras expostas aqui, que você naturalmente vai perceber. Sonhei

² Todas as citações bíblicas inseridas neste trabalho, no início de cada parte principal, foram retiradas da Bíblia de Jerusalém (1995).

com este momento, e estas minhas mãos ajudaram-me a concretizar esse sonho, que foi muito além de uma realização profissional e acadêmica, visto que está imbricado em meu projeto de vida como religioso consagrado a Deus. Talvez por isso tenha visto em meu percurso certa sacralidade ao expor meus sentimentos através desta escrita.

Este trabalho foi desenhado e gradativamente tomou forma na medida em que começou a ser compartilhado com meu orientador, colaboradores de pesquisa e com a academia. O propósito dessa socialização foi aprimorar o máximo para chegar até você, pois o carinho e o desejo, unidos em acertar, foram selando o itinerário desta escrita.

Pensei muitas vezes em palavras ainda não pensadas, de alma sonhadora de desejos vários que ansiavam correr neste papel. Minhas mãos, estas minhas mãos quase sempre impacientes em corporificar meu pensamento e os dados produzidos pela escrita apressavam-se em narrar o pensado, o vivido, o criado. Dedos ao teclado de meu computador aguardavam este momento mágico de dar vida ao pensamento e aos dados pela escrita, e o silêncio era necessário para dar vida a tudo isso. A vida que outros tantos esperaram nesta esplêndida iniciação.

Por vezes inspirado pelo veio do escritor, por vezes do pesquisador-autor, essa encruzilhada exigiu de mim inspiração, ao escrevê-la como fruto da própria terapeutização. Por outro lado, como cumprimento do dever, fruto de estudo e pesquisa (Soares, 2003). Diria que mesclado por esse sentimento de escritor-pesquisador-autor desenvolvi esta escrita, sabendo que os leitores-destinatários seriam, provavelmente, muito variados: a começar pelos professores doutores de minha banca de mestrado, indo aos semi-analfabetos ou mesmos analfabetos, pois muitos deles ajudaram-me a compor o cenário desta pesquisa. Tenho certeza de que estes últimos terão um enorme prazer, juntamente comigo, quando eu ler para cada um deles as trajetórias em comum narradas em pequenos episódios, aqui registrados por este escritor-pesquisador-autor.

O esforço é grande, mas o barulho interior não cala, teimoso em anunciar páginas esplendorosamente cuidadas para você me acompanhar, sem receios. Os dedos apertam o teclado e correm soltos em busca do tempo perdido, deslizam sobre o computador e, num gesto súbito, as palavras vão brotando a cada instante, e num outro gesto generoso quero compartilhar o saber até aqui apanhado, para juntos, quem sabe, aprendermos mais um bocado.

Aviso, desde já, que todos os colaboradores teóricos estão esparramados ao longo desse percurso. Propositadamente não os arregimentei em um só capítulo teórico como base de sustentação epistemológica deste estudo. Contrariamente, preferi-os dialogando conosco durante toda a nossa trajetória; confinei-os somente no salão das Referências, apenas por uma questão de arrumação da casa, como inscrição no panteão dos imortais.

Igualmente, você vai perceber que a minha comunicação vai se dando geralmente na 1ª. pessoa do singular, e raras vezes utilizo-a na 3ª. pessoa do plural, Com isto senti-me mais próximo e íntimo de você, leitor, numa demonstração de minha implicação com este texto. Outro alerta que faço é quanto à linguagem de gênero, utilizo-a sempre na opção convencionalmente masculina, não por ratificar a linguagem machista, longe disso, mas para evitar os famosos “parênteses” com a letra “a” logo após a palavra masculina, talvez como tentativa de justificar uma equidade de gênero na escrita, como a que utilizarei em alguns documentos nos Apêndices. Outra justificativa minha foi a de não encher de grafismos desnecessários no escopo deste estudo. Ademais, nem sempre pude transmitir essa linguagem de forma impessoal. Portanto, se você é uma leitora, sintase muito à vontade para transmigrar de imediato a palavra ora esbarrada em seus olhos para o gênero feminino.

Dito isto, escrevo agora sobre a minha vivência, hoje, como gestor em escola cristã católica, a qual denominei nesta pesquisa de Colégio Cristão do Nordeste, objetivamente esse colégio é destinado a atender alunos em situação de vulnerabilidade social – alunos pobres. Essa experiência instigou-me a buscar um comprometimento maior com essa população, para me implicar no processo educacional como um sonho de humanização. Na tentativa de romper as amarras reais e concretas da ordem perversa econômica que condena cada vez mais as pessoas, desumanizando-as, pois na maioria das vezes, as vítimas são as mais empobrecidas. Com isso, o sonho de uma educação de melhor qualidade a esses destinatários foi, sem dúvida, meu porto-seguro para me impulsionar a pesquisar sobre este objeto de estudo que foi a escola cristã na perspectiva da pobreza.

Frente a esta realidade, senti a necessidade de investigar essa representação de pobreza na escola católica através do professor, partindo de seus valores pessoais e crenças e de como ele conceberia as (in)capacidades do aluno em situação de pobreza. Assim, foi no intuito de rastrear essa temática que busquei

compreender a percepção que o professor tinha de seus alunos pobres e como esta situação influenciava sobre a prática pedagógica desse docente. Para isto, percorremos um itinerário até chegar aos resultados dessa pesquisa no intuito de socializar nossas conversas sobre a liberdade de ser, aprender e ensinar na escola cristã.

Por conseguinte, organizei esta dissertação em cinco capítulos, além da apresentação e da quase conclusão. Esses capítulos estão estruturados de tal forma, que você possa acompanhar e compreender todo o itinerário da pesquisa. Além, claro, de brindá-lo com todos os encontros de Terapia Cultural (Spindler & Spindler, 1994) em Círculos de Letramentos (Cavalcante Jr., 2003). Como confirmação de uma descrição densa na metodologia empregada do tipo etnográfico (André, 2004; Macedo, 2006) e para você, também, sentir como foi experienciado cada momento daquele que, indubitavelmente, envolveu a todos nós com uma riqueza ímpar (consulte o Apêndice A).

Dessa forma, fundamentei esse estilo de apresentação em três trabalhos acadêmicos: duas dissertações de mestrado em Psicologia (Barbosa, 2003; Giaxa, 2006) e uma tese de doutorado em Educação (Cherobim, 2004). Assim, além desta **Apresentação** ou preâmbulo, estruturei este trabalho da seguinte forma:

Primeiro Capítulo – Itinerário Autobiográfico: A pobreza como riqueza – Faço minha trajetória de vida até chegar ao Colégio Cristão do Nordeste, rememoro ali minha infância, adolescência, juventude e vida adulta, tentando, sempre que possível, mostrar para você o veio educacional-escolar que me persegue até hoje, bem como o chamado ao meu estado de vida atual de homem Consagrado religioso que trabalha numa escola para pobres. Portanto, a temática da pobreza vai se plasmando neste capítulo a partir da minha origem familiar e que desemboca, hoje, na escola cristã.

Segundo Capítulo – Percurso Dialógico – Relato o contexto da escola cristã justificado por grandes educadores e diretrizes da Igreja. Como o *lócus* desta pesquisa foi se fundamentando na educação pelo diálogo, por isso mesmo, o meu engajamento como pesquisador e a escolha do método qualitativo como compreensão dos fenômenos apresentados durante a produção de dados. Na verdade, vou descrevendo como foram as etapas de investigação e em seguida, explico como se deram as análises dos dados.

Terceiro Capítulo – Percurso Terapêutico – É uma continuidade do capítulo precedente, onde faço o recorte minucioso da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, bem como o balizamento teórico como sustentação e as contribuições das narrativas do professores colaboradores da pesquisa sobre essa temática. Finalizo este capítulo descrevendo como transcorreu cada encontro da Terapia Cultural.

Quarto Capítulo – Formação autobiográfica: Um estudo de caso – É nesse momento que trabalho a autobiografização (Delory-Momberger, 2006; Josso, 2004, 2006; Pineau, 2006) como histórias de vida. Analiso, através de um estudo de caso, o percurso da professora co-etnógrafa Lena, colaboradora desta pesquisa. Com ela, percorro a sua infância, os sentimentos de mulher “rurbana” (Silva, 2004), de freireana e de docente. Tudo isso para justificar a sua busca de liberdade de ser, aprender e ensinar, feita pela construção de si na Terapia Cultural.

Quinto Capítulo – O gestor-pesquisador na escola cristã – É meu outro capítulo autobiográfico a exemplo do primeiro capítulo, porém, este com foco em minhas reflexões acerca do gestor-pesquisador no Colégio Cristão do Nordeste. Também explico como essa construção de mim mesmo, na qualidade de pesquisador-reflexivo, contribuiu para a escola e quais foram as mudanças qualitativas que se somaram a minha experiência, bem como a do meu entorno.

Nas **Considerações** finais, as quais qualifico **em aberto**, sumário as reflexões resultantes do itinerário ao longo deste trabalho, registrando algumas impressões que marcaram como desafios esta empreitada. Assim, finalizo meu processo de reflexão e diálogo, “terminando-abrindo” uma janela como a que se abre para um pássaro, na esperança de alçar outros vôos e em outros lugares.

Assim, caro leitor, desejo, ardentemente, uma boa estada comigo nesta aventura maravilhosa que é a leitura.



FIGURA 4 – Vista frontal da casa no Sítio Liberdade.



FIGURA 5 – Vista lateral da casa no Sítio Liberdade.



FIGURA 6 – Açude no Sítio Liberdade.



FIGURA 7 – Gado descansa à sombra no Sítio Liberdade.



FIGURA 8 – Porteira do juazeiro no Sítio Liberdade.

Capítulo 1

ITINERÁRIO AUTOBIOGRÁFICO: A POBREZA COMO RIQUEZA

Fitando-o, Jesus o amou e disse: “Uma só coisa te falta: vai, vende o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me”.

(Mc 10, 20)

Esta escrita foi construída, em parte, durante todo o percurso dos dois anos no mestrado em Psicologia, escrita esta evocada a partir de leituras, discussões, reflexões em sala de aula e durante a facilitação dos encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos; através de textos-sentido evocados nas apresentações e participações dos professores colaboradores desta pesquisa, apresentados mais adiante; além disso, fruto dos encontros da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade (RELUS), laboratório de pesquisa, ensino e extensão, vinculado ao Mestrado de Psicologia da Universidade de Fortaleza, do qual fiz parte até o término do mestrado. Portanto, caro leitor, você haverá de perceber de modo muito claro e inequivocamente a diversidade dos estilos de escrita, por vezes poético, por vezes com mais rigor acadêmico, na tentativa de me colocar nesta escrita para sua melhor compreensão.

Antes de falar sobre a escola cristã na perspectiva do aluno pobre, quero convidá-lo a iniciarmos esta viagem, partilhando um pouco de minha história de vida, que não é só minha, naturalmente, mas de muitas outras personagens que a enriqueceram. Todas as personagens foram muito marcantes, pois na altura de meus quarenta anos de idade, ainda estão impressas em minha memória.

Desse modo, solte a imaginação comigo, respiremos fundo, remetendo-nos a um tempo-espço distante de nós, em início da década de 1970...

1.1 A infância

Eram cinco e meia da manhã. No sítio Liberdade, município de Currais Novos, RN, nordeste do Brasil, quando o sol preguiçoso ia se levantando. Minha tia, minha prima e eu já íamos em busca do açude, especificamente para o sangradouro de

pedras rústicas, local do ritual sagrado da lavagem de roupas. Elegantemente as trouxas de roupas se comprimiam sobre a cangalha e o burro, à frente da gente, conhecia bem o caminho do velho açude de “seu” Braz, meu avô.

Ainda não sentíamos o cheiro da fumaça do fogão à lenha da casa de d. Isaura, minha avó, pois os gravetos ainda descansavam sob o velho fogão. Lembrome do caminho que resguardava as ruínas da velha casa de meus pais, da casa de taipa. A casa humilde lembra raízes comuns da família sertaneja como a minha, que vivia por lá; o chão de barro aguado para varrer; os limpos potes para água encher, recordava minha mãe, da casa de taipa de seu tempo, quando morou por lá. Perto dessas ruínas, fincada até hoje, em terreno árido, está a casa grande de meus avós maternos. Lá, levava-se muito a sério a preocupação com o futuro, pois, naquele ambiente, o respeito e a obediência eram lei, sobretudo para as minhas tias.

O sol esquentava em nosso corpo, mas os chapéus de palha cobriam e protegiam nossas cabeças. Minha tia e minha prima vestiam-se com blusas de mangas longas e calças compridas – somente nessa hora meu avô permitia filha sua usar calças compridas - pois a posição de cócoras deixava-as mais à vontade. Sobretudo pela astúcia do sobrinho “cabido” que elas conheciam.

E eu, com meus galões sempre cheios d’água para abastecer suas bacias. Lá pelas sete horas, lá ia eu de volta a casa para pegar café e merenda. Que café! Num litro portava o café; numa tigela, macaxeira machucada, farofa de ovo com bolacha quebrada dentro. Um limpo pano ornava a tigela de ágata, “chambocada” pelo tempo. Mais tarde a merenda, enquanto a roupa quarava sobre as pedras quentes do açude. Lá pelas dez, é hora de enxaguar, do anil se dissolver na água, mas antes disso, tem merenda: banana, farinha, rapadura e água fresca do açude para saciar a sede do árido.

Só não sabia, ainda, que a vida ia exigir de mim. As lavadeiras, essas não me disseram, talvez porque cantarolavam a lavagem inteira, ouvindo as músicas no rádio de pilha. Afinal, a vida exigiu das minhas tias quando eram crianças, o prazer que lhes foi cortado por responsabilidades como estudo e a lida diária de quem são filhas de agricultores. Tive de ver a labuta, também, de meus pais na “rua”, do pai vigilante de prefeitura, de mãe costureira de filhos de madame, de cozinheira das casas e depois merendeira de escola estadual pública. Essa mãe-menina que ajudou, desde muito cedo, meu avô no roçado e minha avó na lida da casa. E a dor e a preocupação de meus pais, principalmente a de minha mãe, fizeram-me

precocemente consciente de que eu não podia relaxar ou falhar na vida, pois tinha como certo “vencer na vida”, para num futuro dar uma velhice digna para eles.

Não seria já figurativo, as lavadeiras dando surras nas roupas de brim manchadas e pesadas? As pesadas redes que apanhavam de pau. Quase uma catarse era aquilo que as tias-lavadeiras faziam. Não imaginava que a vida seria dura também, que ela vai manchando a gente, que às vezes a água não limpa, a “surra” não apaga.

Mas a hora média vai chegando, a do “pingo do meio-dia”. E a fome vai nos arrastando para a casa grande da família. Contudo, sei que a vida só se vive experimentando e colhendo os frutos da aventura que é viver.

A cerca de pau espera a roupa limpa para enfeitar colorindo o sertão de meu sítio Liberdade, e as lavadeiras que enfeitiçaram a minha memória estimulando as brincadeiras por lá.

Lembro-me das brincadeiras dentro do caçua, parado no terreiro da casa grande. Na imaginação, dirigia do Sítio Liberdade a Natal, RN. O volante era, quase sempre, um cipó de “maravaia”, como chamávamos aquele graveto de pau; da coleção de carrinhos que tinha, representado por pequenos ossos, sobrados do almoço e ruídos pelas bocas de nossos familiares. Mas também, misturados a eles, despontava algum carrinho de plástico, ganhado no último Natal.

E dessa forma o pátio da calçada do alpendre tinha uma boa frota e estradas feitas sinuosamente em parte do terreiro com as sandálias estilo “havaianas”, permaneciam pedaço da tarde, onde dava uma boa sombra.

Interrompia as brincadeiras para pegar água no açude com meu avô, encher os barris d’água para depois colocar nos potes da cozinha e do banheiro. Quando chegávamos, todos os potes estavam bem arrumados com limpos panos em sua boca para receber a água. Essa água, que muitas vezes, servia para regar as flores do quintal de minha avó.

Por isso, talvez, gosto de flores e, em especial, de rosas. Sobretudo porque me fazem lembrar do velho quintal que exalava uma mistura de alecrim com rosas-amélias, rosas-prata, todas bem cuidadas pela minha avó e que ornamentalmente escondiam as latas de querosene enferrujadas pelo tempo. Mas, mesmo assim, eram belas! Talvez porque combinavam nas cores cinzentas da região árida de onde nasci, no meu solo nordestino, que de pouca água dispõe.

Flores cuidadas pelas mãos calejosas e marcadas pelo tempo, de uma mulher sertaneja que embelezou o mundo com sua simplicidade e generosidade, eis sua marca neste mundo.

Gosto de flores, pois me fazem lembrar de minha mãe, que cultivou no mesmo quintal de minha avó seu buquê de casamento, de uma combinação de rosa prata, cravo e palmas de bambu; da noiva que ia pegar água no açude em pesados barris d'água para colorir o seu jardim; do jardim ou quintal que hoje ainda, sinto o cheiro entranhado em meu nariz.

Gosto de flores como rosa, pois fazem lembrar as educadoras. Particularmente dos botões, quando, por exemplo, Isadora, uma das professoras colaboradoras desta pesquisa, proclamou um raro poema da pedagogia: *pois ele está sempre a desabrochar, e é assim que me sinto como educadora, sempre aberta para aprender, aprendendo com o outro, com os alunos*³. Lembro-me da tia educadora de zona rural, Lourdinha, que dava aulas à noite, com lamparinas acesas no grupo escolar, através do antigo Mobral, aos alunos agricultores sertanejos; de minha tia, quando andava no “rabo de sua saia” e de escola: essa eu freqüento antes de conhecer o b-a-ba!

Ainda quando criança, brincava em cima de muitas árvores e criava muitas brincadeiras até a curiosidade cansar. Corria pelo terreiro até o carrapicho pegar. Alguma coisa me inquietava muito, era curioso. Quando parava de fazer alguma coisa, minha cabeça não parava de pensar. “Pinga-fogo” era como me chamavam, em referência às minhas traquinagens.

Mas de flores mesmo, não esqueço, pois via todas as noites em nosso oratório, no sítio, na reza do terço, as flores para Nossa Senhora e a ladainha dos pecadores, das Ave-marias de todo mundo, recolhíamos dizendo: “Maria de toda nossa gente, rogue por nós e por seu filho, também. Eleve nossa prece ao Pai, que no céu junto aos anjos digamos Amém!”. Não sabia eu que minha vocação de Consagrado a Deus já nascera ali, na devoção à Maria para consagrado tornar-me.

Toda essa vivência rural era durante as férias escolares, década de 1970, que aconteciam por três meses: dezembro, janeiro e fevereiro. Não tive a oportunidade

³ A partir de agora, por questões de apresentação estética, as entrevistas e as narrativas transcritas pela produção de dados dos 12 (doze) professores colaboradores, além dos 2 (dois) diretores da instituição pesquisada, serão apresentadas em estilo itálico para diferenciar das citações dos demais autores referenciados na minha pesquisa.

de morar no sítio, pois, logo após meu nascimento, minha mãe persuadiu meu pai, então pequeno agricultor, para irem morar na cidade. Assim, antecipava ela que era preciso “os meninos estudarem”, não queria que meus três irmãos e eu tivéssemos o mesmo destino deles, semi-analfabetos e sobrevivência numa região de seca esperando a vontade de Deus para o plantio crescer.

Chegando à cidade nos estabelecemos e meu pai foi trabalhar como vigilante na Prefeitura e minha mãe costurar roupas para crianças, jovens e adultos somente para o sexo masculino. Logo “pegou” fama na cidade, de boa costureira; para complementar a renda familiar cozinhava em casas de pessoas de posses.

De volta ao urbano, já não era mais a casa grande isolada num terreno semi-árido do Rio Grande do Norte. Era sim, uma casa de parede-meia situada num espaço quadrado de nome Vila Circular que meus pais, uma tia materna caçula, meus irmãos e eu morávamos. Escutávamos quase tudo o que os vizinhos conversavam. Privacidade? Quase nenhuma! Os quartos eram divididos entre nós, quatro irmãos. Isso provocava diálogos constantes entre nós. Difícil ter solidão quando a casa já não tem teto forrado e isolada por grandes muros eletrificados. Ora a vizinha chega com novidades da culinária, ora a minha mãe pede para deixar um “pratinho” de comida para outra vizinha.

E eu não parava em casa. Na oportunidade que encontrava a porta aberta para a rua, estava lá correndo, brincando, numa casa ou outra. Era um andarilho, em cima de telhado dos vizinhos, pulando muro dos outros, correndo para o rio vazio, mas de terreno arenoso bom para pinotar, se esfregar, se lambuzar, jogar areia em outras crianças como eu. Chegava a casa, quase sempre, com os cabelos loirinhos que eram, sufocados em areia. E era difícil de tirá-la, e sem paciência a minha mãe me surrava, mas de pirraça, no outro dia eu voltava.

Nesse cotidiano da liberdade-repressão fui me constituindo ser cultural, cultura que encontrava na informalidade do dia-a-dia das praças, das feiras livres, da espera pela Festa de Sant’Ana, no mês de julho, padroeira de nossa cidade, para ir toda família, de roupa nova para as novenas e depois para o parque (roda-gigante, balanços, tiro ao alvo...) comer algodão doce, bolo pé-de-moleque. Período que era coroado com o grande dia da procissão de Sant’Ana, dia 26, onde a maioria da população vai render suas homenagens à padroeira do sertão. Uma festa onde habita o imaginário coletivo do sertanejo até hoje, pois é conhecido popularmente como o mês de Sant’Ana.

E da cultura escolar (Brandão, 2002a) ou do ensino formal e sistematização dos conteúdos da vida, ficou a doce lembrança de minha Escola de Nossa Senhora, o lugar do silêncio respeitoso da espera do professor, mas também da troca da pergunta e da resposta. Na época não me dava conta de que a educação era cultura, era natalidade (Arendt, 1992b), era o encontro do estabelecido com o que estava para estabelecer. São as vivências pessoais, que mesmo na disciplina hierarquizada da época, respeitávamos como diferentes. Já adolescente, era curioso, com sede de sistematizar o conhecido, de buscar o escondido, de amar o saber estabelecido, do desejo de aprender, de viver a educação.

Sou arrebatado, neste momento, ainda pelas lembranças da infância, de minha infância. Quase ouço o velho pedal da máquina de costura de minha mãe rangendo, sendo empurrado pelos seus pés; aquele barulho que penetrava o nosso quarto, de meus irmãos e meu, pelas madrugadas de nossas infâncias. A lembrança de ver a cabeça de minha mãe quase chegando à agulha da máquina, recostada pelo cansaço, talvez pelas inúmeras horas de trabalho durante o dia e a noite. E com seus dedos quase sendo tomados pela agulha. De olhos arregalados, ela cuidava minuciosamente para que o pesponto das roupas saísse perfeito.

E os meus olhos, no entanto, refletiam a vontade de ler para conhecer o mundo. Suspeito que minha mãe queria ler; só não tinha tempo para isso. Esse tempo se encarregou de gastar seus olhos e hoje nenhum tamanho de letra permite que possa desfrutar o prazer da leitura. Mas a leitura do mundo ficou em seu corpo, em seus dedos, tamborilando constantemente; pois, como afirma Freire (1994): “A leitura de mundo precede a leitura da palavra [...]” (p. 11). Era ela, também, quem fazia as contas da casa, dia e noite. E isso também demonstrava que tinha dificuldade de leitura e usava os dedos para soletrar.

E foi com este recurso pedagógico – soletramento - que ela alfabetizou seus quatro filhos antes que estes entrassem na escola, através da velha cartilha do ABC, que aprendera em tempos antigos com minha avó. Portanto, por ironia do destino, aprendi a ler, primeiramente, com uma semi-analfabeta, minha mãe. Todas as vezes que me chamava até a sua máquina para “tomar a lição” do b-a-ba, com uma ponta de lápis marcava com um “x” a lição seguinte.

- *Vá estudar mais essa.* Dizia minha mãe.
- *Ainda não sei isso, mamãe.* Replicava eu.
- *Preste atenção, meu filho: veja...*

Foi assim que ela me ensinou a amar a leitura, a procurar os livros depois, a ensinar e a aprender com os outros. Foi minha mãe que me ensinou como o livro é precioso, é experiência e deslumbramento, ele me conta o tempo e o espaço; faz-me pensar no que nunca se pensou; dá essa generosidade que pouquíssimas obras da cultura têm. Eu vejo a dança e sou um herdeiro silencioso da dança que o outro faz. Mas quando leio palavras escritas, reflito e isso me faz escrever. É quase uma doação, é uma grandeza na generosidade, uma partilha sagrada, uma eucaristia.

Como é gratificante poder registrar meus sentimentos adormecidos naquela criança que, um dia, começara a aprender a lição das letras com uma mestra que teve a incumbência de me conduzir para o magnífico mundo da leitura. Essa experiência deixou em mim marcas indeléveis para a busca do conhecimento.

Esse conhecimento vai se fazendo sistematizado na escola formal, das perguntas e das curiosidades que a vida oferece e que vão se transformando em conteúdos; da meninice pobre de meu sertão, tinha eu a certeza de que pelos estudos ganharia o mundo, na vontade de ajudar a outras criaturas a desvelar o mistério do desconhecido. E capacitar outras pessoas para serem pessoas cidadãos no mundo, pessoas felizes como eu.

Portanto, logo cedo em minha vida, descobri-me educador, pois aos treze anos de idade já ensinava deveres “particulares” em minha casa, para crianças e adolescentes, em níveis da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental. A necessidade financeira em ajudar nas despesas da família, concomitantemente com a vontade e a alegria de poder compartilhar conhecimento, permitiram-me um engajamento cada vez maior em meus estudos na escola pública, em suprir as carências materiais de minha Escola de Nossa Senhora, onde a gente não dispunha de livros nas aulas e com isso todos os educadores tinham a rotina de transcrever seus apontamentos no velho quadro-negro, que na verdade era verde oliva, contrastava com o branco do giz.

Quando precisava de livro recorriamos à biblioteca da escola, onde na maioria das vezes, não encontrávamos o procurado. Dela mesmo, tínhamos medo, pois era lá que a penitência em transcrever grandes leituras era imposta aos indisciplinados: as famosas cópias de “Paulo Afonso”, assim conhecido o texto fazendo referência à cachoeira de mesmo nome. Misturado ao medo vinha um cheiro de livros mofados, amontoados, e da velha bibliotecária que compunha esse

cenário de anos de trabalho em sala de aula. E à espera de sua aposentadoria, aguardava quase imóvel os alunos indisciplinados.

Foi nesse cenário pobre e feliz de meu espaço “rurbano” (Silva, 2004), é que fui me tornando educador e guardava no meu imaginário o colo de belas e fortes mulheres que me acolheram e que despertaram em mim a promessa de lutar sempre pelas causas sociais, sobretudo, junto aos mais empobrecidos. E vi, muito cedo, que a escola poderia ser esse espaço do aconchego, do crescimento pessoal e coletivo, da partilha de vida, da felicidade.

A escola como colo que aconchega muitos corpos; que aquece os gélidos e pálidos corpos de afeto; que absorve tantas lágrimas acompanhadas de muitas tristezas. Colo que acalenta e conforta os seres; que assenta o corpo de crianças ou jovens, e de braços estendidos aponta o horizonte da possibilidade de ser feliz.

Hoje vejo aquelas histórias de tantos meninos e meninas que foram criados pela avó, ela que também nunca teve carinho da mãe, sempre foi muito carente, criança muito pobre, passando por necessidades. Então, todas as formas de carência que essa criança sofre, tem raiz na carência afetiva. Aquela outra, que na vida só vê a desgraça, que de tanto viver a penúria, o lamento dos empobrecidos, embruteceu, petrificou, desumanizou. Acreditou que o destino mutilou seus sonhos e que a realidade a transformou em estátua. São histórias orais transcritas e vividas em minha escola, hoje.

Cadê o colo para os desvalidos, para os filhos queridos? O lugar que é reconstrutor de vidas afetivas, rejuvenescedor do carinho, do amor? Até tentei dar o meu, - não em substituição ao da mãe - pois este é insubstituível como aquela *criança carente, às vezes ela me abraça, me beija e ao mesmo tempo ela é agressiva, tudo dela é na “porrada”, tudo dela é assim, é mordendo, é batendo, ela avança*. Esse é um relato da educadora Rita sobre a sua aluna colaboradora, Ana Camargo. De outra forma, é curioso que algo tão determinante na vida dos seres humanos, a educação pelo afeto não tenha crescido em nossas instituições chamadas escola.

Esse colo deve ser espaço para educar a sensibilidade alheia, educar os corações, educar para o diálogo e para a liberdade. E talvez deseducar as certezas, as fórmulas, os professores que insistem em reproduzir e transmitir conteúdos, os gestores que se transformaram em executivos burocratas. É hora, portanto, de desconstruirmos as jaulas que adestram nossas crianças e jovens.

Precisamos de colo, sim, não somente da família, mas da escola também. Do espaço para falar em dor, perda, ruptura afetiva, falência, morte, espiritualidade. Assim, falaremos cada vez menos de cuidados higiênicos para evitar doenças sexualmente transmissíveis e falaremos mais e muito mais de educação afetiva, de educação para o amor, pois viveremos no amor.

E aquela criança, personagem de nossa história contada, compreenderia, um dia, que sua avó foi mais vítima que culpada, que o colo da escola reconstrói laços, que o educador também educa no afeto. Por isso, é necessário estar no grupo para ajudar e não para destruir. Destruir somente as barreiras que nos separam, nos segregam, nos engessam. Bendito colo que nos apóia, numa nobre missão de cuidar de outros seres, de sermos os guardiões do patrimônio natural e cultural comuns, gerando vida em nosso planeta, inscrevendo-nos neste mundo e o mundo sendo reescrito por nós.

1.2 O êxodo e o encontro místico

Aos dezoito anos de idade, saí de Currais Novos e fui morar em Natal, capital do estado, onde fui servir à Força Aérea Brasileira. Depois do Curso de Formação de Soldados, fui designado a trabalhar num setor voltado para a educação dos aspirantes a aviadores, todos eles advindos da Academia da Força Aérea Brasileira. Foram nove anos de grande aprendizagem em minha vida, pois a disciplina e a organização, permeadas por um bom espírito de companheirismo dos colegas de trabalho, acabaram por formar meu caráter.

Nestes anos de Força Aérea, graduei-me em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Durante esse curso, conhecendo as várias vertentes e linhas da Filosofia, sensibilizou-me, fortemente, a reflexão filosófica da alemã Hannah Arendt. De tal forma, que o seu pensamento norteou-me na elaboração da monografia de final de curso sob o título “Elucidação dos conceitos de labor, trabalho e ação em Hannah Arendt”.

Dediquei-me com afinco a esse trabalho. E como resultado dessa importante pesquisa fui motivado a ingressar na valorosa e atraente carreira do magistério que há muito já admirava.

Nessa trajetória de educador, tive o privilégio de trabalhar em todos os níveis da Educação Básica, o que me capacitou para conhecer, com profundidade, os

diversos anseios de crianças, adolescentes e jovens que tanto exigem de nós, educadores, uma atualização permanente no que concerne às mudanças dos seus comportamentos e à naturalidade das suas ações.

Na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, lecionei Filosofia para Crianças. Já no Ensino Fundamental II, trabalhei com Filosofia para Crianças e História. No Ensino Médio, ministrei aulas de Filosofia, Educação Artística, Ensino Religioso e História, além de estudos constantes com outros educadores como forma de capacitação. Essa tarefa foi-me bastante gratificante, visto que pude contemplar uma atividade permanente de pesquisa para a qual busquei respostas a diversas dúvidas, com a esperança de poder ajudar a que os educandos aprendessem a pensar, a refletir sobre o objeto de estudo escolhido em um ambiente propício e em clima de amizade, respeito e afetividade. Compreendo que só assim pode haver motivação. E este é um elemento essencial para que se estabeleça a metodologia dialética de trabalho.

Nas escolas onde lecionei orientei trabalhos aos alunos para a realização das Feiras de Ciências e Cultura, o que me deixava bastante à vontade e de onde abstraí e acrescentei diversas aprendizagens no meu currículo.

Devo enfatizar que esse trabalho com palestras é muito gratificante para mim, pois através dele aprendo sempre novos conhecimentos e aprofundo os já construídos. Considero de suma importância a integração entre os participantes desses eventos, pois oportuniza a troca de experiências, bem como a relação interpessoal, que facilitam o êxito no trabalho docente diário com os educandos.

Neste íterim, ressalto o Educandário Jesus Menino, dirigido por religiosas consagradas – Filhas do Amor Divino - no qual tive o privilégio de ser educador. E foi lá que, verdadeiramente, emergiu o desejo de me tornar religioso consagrado, quando tive a oportunidade em diversos momentos de sala de aula ou em atividades extra-sala de aulas, vislumbrar um serviço gratuito na missão de educar cristãmente crianças e jovens, vendo o testemunho daquelas mulheres.

Aos trinta e um anos de idade, optei por um estilo de vida mais radical, ingressando numa Congregação religiosa voltada para educação cristã católica de crianças e jovens, sobretudo, os mais empobrecidos. Percebendo-me como uma pessoa advinda de classes populares e buscando minha realização como pessoa, a vida religiosa consagrada, em sua vivência, é um porto de possibilidades para a minha felicidade em poder servir a outras pessoas.

Assim, busquei um colégio da congregação religiosa para um acompanhamento mais personalizado e, a partir daquele contato, fazer um discernimento vocacional. Tendo, no entanto, a consciência de que Deus me chamou, mas não me forçou, respeitando a minha liberdade. Eu pude dizer, naquele momento, um “sim” pequeno e tímido, na esperança de dizer, a cada dia, um “Sim” maior. Como também sempre ficava a voz do Senhor em meu coração: “Não temas, porque eu estou contigo!” (Is 41, 10).

Esse seguimento a Jesus Cristo e o desejo de conhecê-lo sempre melhor, amá-lo mais ardentemente e segui-lo mais generosamente através de uma obra apostólica ligada à educação especializada em promover crianças e jovens, foi o que me seduziu. Pois, no comprometimento de uma educação evangelizadora na luta contra as exclusões é necessário que o reino da unidade, da justiça, da solidariedade e da fraternidade vá se fazendo sempre mais presente. Entendo que esse é o dom que Deus oferece a mim e aos que se entregarem a Ele.

Seguindo uma trilha que parte de Cristo, na vida consagrada a Ele, pude reencontrar o primeiro amor, a inspiração primeira a partir da qual começou o seguimento. Sei, hoje, que o meu seguir é somente resposta de amor ao amor de Deus.

Sei, também, que carrego dentro de mim minhas misérias, meus pecados, minhas limitações. Aceito-me na pobreza, na fragilidade, na limitação, mas acredito em que sou amado em minha pequenez. Porém as quedas não me roubam a esperança. Na partilha com os irmãos e na oração, a força e a graça vencem o desânimo. Pois o chamamento do Cristo Ressuscitado a trabalhar com Ele pelo Reino vem sempre acompanhado de seu poder. Plasmada a missão nas três virtudes da Congregação: humildade, simplicidade e modéstia, compreendo muito mais sua existência, talvez sem frases, sem exageros, sem grandiloquência.

Creio que a missão na qual estou inserido está dirigida aos caminhos nos quais o Cristo faz sentir sua presença na diversidade das experiências humanas, com o fim de poder apresentar o Evangelho como presença explícita dEle e libertadora. Busquei até hoje, e procuro cada vez mais centrar apaixonadamente minha vida em Jesus Cristo. Por intermédio de minha Congregação Religiosa efetiva-se, no entanto, a oportunidade de meu crescimento humano-espiritual e da própria conversão. Na transfiguração de minhas relações vividas à luz da

consagração, assumi o amor humano sem fazer ruptura com o mundo. Acolhi todo o meu ser fazendo brotar a abundância da cordialidade com os outros.

A missão que se desvela para mim no seio da Congregação está comprometida, no sentido mais profundo da palavra, na busca da plenitude e da Verdade. Esta enraizada como está em Deus. Pela minha convicção religiosa e pedagógica, coloco-me a serviço da educação, do que posso oferecer, especialmente aos mais empobrecidos. Pois o nosso fundador, homem simples que morava no campo, atendeu às necessidades de seu tempo através de uma Congregação e a introduziu numa dimensão evangélica.

No que tange aos valores evangélicos, busco pautar minha vida de consagrado a proclamar a beleza de espírito e a castidade de coração que libertam dia-a-dia para o serviço aos irmãos, e da obediência como escuta à vontade do Pai. Nesse sentido, a vida de comunidade não é somente um apoio às renúncias vividas, mas, sobretudo o contexto privilegiado para criar vínculos com a verdade na interajuda dos coirmãos. A vida fraterna, tenho certeza, é motivada por Cristo, que convoca em torno de si e que se faz presente no meio de nós.

Aberto às necessidades do nosso tempo, na perspectiva de Deus, olho para o futuro com sabor de ressurreição, disposto a seguir o exemplo do nosso fundador, que deu sua vida a uma missão, a missão de bem educar cristãmente nossas crianças e jovens.

Profeticamente, ele advertia o mundo de que almas empobrecidas não estavam sendo atendidas nas suas muitas necessidades. Hoje, ninguém pode sequer se dar conta da abrangência das necessidades ou das deficiências instauradas em nosso meio.

Por isso peço, a cada dia, para ser mais aberto e sensível à miséria humana. Conseguir discernir, se possível, mais prontamente, as reais necessidades e estar mais apto a aceitar os desafios inerentes à observação do clamor dos necessitados, a uma vida no Espírito pautada no amadurecimento e no crescimento.

No afã de coibir as diversas formas de marginalização, a ignorância do saber acadêmico e de Deus, aflora, assim, em meu cotidiano uma urgência de se fazer presente Sua Palavra. Sabendo que a educação é um campo privilegiado para a evangelização e a promoção humana.

Ratificando minha vocação para os estudos, resolutamente, acato a vigorosa formação espiritual e intelectual que a mim está sendo oportunizada. Assim satisfaço uma contínua construção do saber que tem como objetivo a missão recebida.

Isso supõe um trabalho pessoal assíduo e, com muita freqüência, solitário; adiciona-se a esse a solidariedade, pois no estudo solitário habita, em mim, o desejo de anunciar a Verdade, como sendo o sentido da alteridade em anunciar a própria Verdade, de uma alteridade para o saber; nunca individualizado, mas pluralizado, necessitando da companhia de outros.

Quanto mais me capacito como religioso-educador, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural-religioso, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com as pessoas.

Tal capacidade é indispensável se quero integrar a promoção da justiça com a proclamação da fé em nossos ambientes educacionais. Evangelizar pela educação e uma educação evangelizadora.

Afinal, foi nesta educação que o nosso fundador e os seus primeiros discípulos deram carne e espírito ao modelo de ser humano virtuoso para, assim, diminuir os contrastes sociais da França do início de século XIX, e instaurar uma sociedade mais justa.

Daí a gênese da alegria de estar disponível aos outros através da educação, de testemunhar o Evangelho como forma ética de me comportar. O que me cabe é testemunhar minha profunda “amorosidade” pela liberdade em aprendizagem (Freire, 2003c), para que amanhã, crianças e jovens usem-na plenamente no domínio intelectual tanto quanto no da fé.

A exemplo, novamente, do fundador de minha Congregação, que começou sua missão apostólica com a pobreza - pois ele mesmo viveu essa pobreza material - coloco-me na missão de educar. Ele tinha contato com os poderosos, com reis e bispos, mas também com as pessoas de vida bem simples. E soube conectar sua missão com os poderosos para suprir as necessidades dos despojados de poder. Assim também me coloco a serviço da missão de “Tornar Jesus Cristo conhecido e amado”, lema tão bem lembrado para atender as crianças e os jovens em estado de penúria.

Convenço-me, uma vez mais, de que dizer as pessoas quem Ele é, implica dizer quem eu sou, na medida em que realmente sou um consagrado religioso-educador, para a vida do mundo.

Na liberdade em Cristo é que vou me tornando a cada dia um Consagrado de Deus e ouvir de novo seu chamado: “Segue-me”. Pelo Espírito Santo que me proporciona abundância de luz para fazer compreender tudo o que implica esse chamamento e tudo o que a minha congregação há de seguir. Por Maria, a mãe de nosso Senhor, que exerce um papel fundamental, inseparável de qualquer aspecto da vida, presença significativa e modelo de vocação. E seguindo os ensinamentos do fundador, sendo hoje, um amigo das crianças e jovens, “um pai que cuida dos Irmãos como seus filhos”. Coloco-me à inteira disposição da educação, para oportunizar a outras pessoas o direito delas de serem felizes.

Mesmo diante de meus avanços, em termos de crescimento pessoal integral, ainda se impõe em mim a busca da capacitação permanente, pois na seara da educação é importante o aperfeiçoamento do conhecimento para o bom desenvolvimento do trabalho e para a solidificação da competência docente e religiosa.

Para isso tenho a convicção de que o contato com o pensamento sistematizado reflexivo e dialogado propicia um engajamento pertinente à ética educacional, o que só favorece ao meu desenvolvimento pessoal. Ademais, a vida religiosa consagrada permite-me constante atualização no campo teológico, na espiritualidade.

Tudo isso tem proporcionado à minha formação resultados bastante satisfatórios, refletindo diretamente no que acredito como profissional, como pessoa e na qualidade de religioso da educação. E fundamentado num dos principais pilares da educação “aprender a aprender” – reconheço-me um descobridor de saberes ligados à pessoa e ao mundo (Delors et al., 2000). Acredito ser isso um elemento articulador de pensamentos e ações no ambiente educacional.

É por isso que o contato direto com culturas diferentes da minha, nos diversos pontos de vista, a idiossincrasia presente em cada região enriquecem-me o ser e fazer educação. E é nessa vivência constante que encontro resposta para as mais diversas pretensões educacionais que tenho adquirido nesse percurso de educador, na esperança de ser um agente transformador de realidades, muitas vezes cruéis, com que me deparo. Portanto, é por isso que almejo contribuir eficazmente para a

melhoria de vida daqueles com os quais convivo nesse trabalho prazeroso de fazer educação.

Há algum tempo venho exercendo algumas atividades gestoras que têm contribuído, sem dúvidas, para confirmar a satisfação que tenho em trabalhar na educação.

Diante do exposto e impulsionado sempre pelo aprender é que resolvi investir numa formação continuada significativa, que me possibilitasse um contato real com a prática social através da investigação, da pesquisa. E acreditando piamente que um curso acadêmico mais aprofundado, neste caso um mestrado, permitiria uma maior consolidação de respostas a algumas de minhas inquietações epistemológicas advindas de minha prática educacional, na função de gestor de um Colégio destinado a atender crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social.

1.3 O mestrado

Antes de minha entrada no mestrado, chegou a minhas mãos, em maio de 2005, uma entrevista publicada com o professor Cavalcante Junior, no jornal *O Povo* que discorria sobre a reinvenção da leitura na “escola do sujeito” (Cavalcante Jr., 2005c). Fui arrebatado, naquele instante, pelo sentimento de que esse professor poderia me ensinar muitas coisas, me introduzir no mundo acadêmico, de abrir horizontes jamais imaginados por mim.

Pautado numa pedagogia humanista e dialogada pelo afeto, no amor às pessoas e inserido num contexto em que a educação possibilita a expressão do amor e do cuidar da formação integral do educando, pretendi seguir a linha de pesquisa que apontava para a Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade, inserida no Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza.

Aspirei me inscrever na seleção de mestrado e que mais tarde, ao iniciar o curso, pretendia aproximar os pensamentos filosóficos de dois expoentes da Educação e da Filosofia, que tratavam o Ser como “realidade suprema”: o educador brasileiro Paulo Freire e a pensadora alemã Hannah Arendt. Através da pesquisa e fundamentado na reflexão desses dois estudiosos, da relação afetiva entre os seres, quis investigar profundamente a existência concreta de afeto, amor e cuidado presentes no ambiente escolar. Queria ainda perceber como ambos os cientistas

conseguiram buscar, na ação política e na educação, a liberdade humana – em sua expressão maior: o amor a si mesmo e aos outros.

Com esta intenção de investigação teórica, enfocando as linhas freireana e arendtiana, pretendia desenvolver uma pesquisa de campo que tivesse sua efetivação no Colégio que eu geria. Pois a pobreza da educação e a educação para os pobres me instigavam a todo instante. Perseguindo o pensamento do fundador de uma Congregação religiosa, profundo conhecedor da importância do amor como instrumento essencial à aprendizagem dos pobres, queria desvelar algumas inquietações provocadas em minha práxis. Quem conhece a vida desse educador-fundador sabe que sempre exortou seus Irmãos dizendo que “para educar bem as crianças, é preciso amá-las e amá-las todas igualmente” (Furet, 1989, p. 501). Suas cartas estão repletas de amor às crianças e aos jovens, sobretudo os mais necessitados.

Com esse estudo, quis trazer para a minha formação da consciência crítica, na qualidade de educador, dentro e fora da Igreja, um posicionamento mais seguro frente ao mundo, na constituição de sujeito, artífice de minha identidade. Pois me tornei pesquisador de mim mesmo, com minha biografia conectada em uma etnopesquisa crítica no meio educacional, possibilitando-me um processo, como afirma Macedo (2006), “de ser mudado e mudando-se, de ser conscientizado e conscientizando-se” (p. 46).

Nesse contexto cultural, metamorfoseando-me em busca de mim mesmo, sem perder de vista minhas raízes de homem pobre, e sempre atento ao foco desta pesquisa, em apresentar a liberdade de ser, aprender e ensinar como contraponto à pobreza. Diante do exposto, é importante notar que não pretendi me deter apenas na pobreza vista pelo ângulo material ou econômico, mas a existência da pobreza de capacidades. Pois, conforme Rocha (2005): “pobreza é um fenômeno complexo, podendo ser definido de forma genérica como a situação na qual as necessidades não são atendidas de forma adequada” (p. 9).

Refletindo sobre a pobreza no sentido mais restrito, focando a escola como possibilidade de libertação, Gadotti (2005) nos afirma que: “o papel da escola consiste em colocar o conhecimento nas mãos dos excluídos de forma crítica, porque, a pobreza política produz pobreza econômica” (p. 9). Ademais, negando aos mais empobrecidos de nossa sociedade o direito de tornarem-se, em plenitude,

cidadãos, subtraímos suas liberdades, bem como suas dignidades. Em relação a isso a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB (1990) diz que:

Numa sociedade como a nossa que, ao longo de sua história, negou à grande parcela da população, sobretudo aos mais pobres, o direito de cidadania e de participação, precisamos incentivar por todos os meios uma educação que vise a capacitar para o pleno exercício da cidadania (p. 42).

Balizada por tal premissa, a educação surge como um processo de autonomização mais humana, mediada pela transparência no processo dialógico, no respeito às diferenciações como elemento facilitador para acontecer o desenvolvimento individual e social.

1.4 A escola cristã e os pobres

Na perspectiva da educação para pobres, a investigação da liberdade de ser, de aprender e de ensinar com os mais empobrecidos achou terreno fértil dentro do *lócus* escolar cristão. Pois o modo como se sistematizou e se praticou a pedagogia possibilitou-se ao corpo docente demonstrar, pela prática e/ou pelo testemunho, ser fonte de potencialidade para enriquecer também os seus alunos. A partir dessa premissa, acreditamos, eu e meus colaboradores, numa educação libertadora baseada em princípios éticos. Essa empreitada da educação cristã alargou a responsabilidade social da escola com relação ao aluno pobre. Sobre isso e ainda em documento a CNBB (2003) afirma:

A educação está a serviço da liberdade. Ela é libertadora não só no sentido de que considera o educando como sujeito do seu próprio desenvolvimento (Medellín)⁴, em comunidade (Puebla)⁵, mas também, enquanto visa à plena liberdade do educando como pessoa (p. 39).

A escola, nesse sentido, a partir da educação, é convidada a refletir seu real papel frente aos mais abandonados ou alijados pela sociedade. Pois na perspectiva eclesial, “Medellín-Puebla resgataram os marcos que colocam os pobres no centro do discurso eclesial: porque o compromisso evangélico da Igreja... deve ser como o de Jesus Cristo: um compromisso com os mais necessitados” (Gasda, 2007, p. 310).

⁴ A Conferência de Medellín (Colômbia) foi uma reunião dos Bispos latino-americanos realizada em 1968. Refletiu-se sobre o papel da Igreja na transformação social da América Latina.

⁵ A Conferência de Puebla (México), 1979, reuniu os Bispos latino-americanos para discutirem a dimensão social da fé e da vivência cristã, a fim de superar a situação de marginalização e de pobreza na América Latina.

Quando compreendemos o profundo sofrimento das crianças e dos jovens, sobretudo aqueles com os quais convivemos diariamente em nossas escolas, procuramos fazer algo para aliviá-lo.

A pobreza aqui tratada é vista como um processo inibidor de potencialidades humanas, desagregando as pessoas. Outrossim, a pobreza desumaniza e tira a dignidade das pessoas e é um fenômeno complexo, associado a muitas causas. Rocha (op. cit.), diante disso, adverte sobre as desigualdades como fonte de pobreza:

Estudos evidenciam que as desigualdades de rendimentos no mercado de trabalho não são criados devido a mecanismos próprios desse mercado, tais como segmentação e discriminação, mas, principalmente, devido a diferenças educacionais entre os indivíduos (p. 184).

Assumir explicitamente na educação a pobreza de capacidades das pessoas, inclusive, e principalmente a dos pobres materialmente, em vista da superação da pobreza, é possibilitar a realização dos direitos mínimos do cidadão, do seu encontro com a dignidade como agente transformador da sociedade, como sujeitos.

Nessa perspectiva, o pobre passa a ser sujeito de sua própria promoção, adquirindo seus direitos com sua dignidade, assim, Almeida (1983), vai dizer que: “Não se trata, por favor, de outorgar nada a ninguém, mas de criar condições de educação para que o empobrecido possa ascender aos benefícios do progresso” (p. 23). Diante de tal reflexão, Touraine (1999) nos alerta que: “a escola não deve ser feita para a sociedade; ela não deve atribuir como missão principal formar cidadãos ou trabalhadores, mas acima de tudo aumentar a capacidade dos indivíduos para serem sujeitos” (p. 327).

Igualmente, nessa perspectiva da capacidade humana, para o economista indiano Sen (2000): “concentra-se no potencial – a liberdade substantiva – das pessoas para levar a vida que elas têm razão para valorizar e para melhorar as escolhas reais que elas possuem” (p. 332). As pessoas incapacitadas, portanto, tornam-se aprisionadas em suas liberdades, privando-se de seu desenvolvimento integral, pois “o desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente” (ibidem, p. 10). Assim, o referido autor

aborda o tema com base em sua articulação com a idéia de desenvolvimento social e ético.

Com isto, a pobreza tem multifoco, que não é somente a pobreza econômica ou material, mas a pobreza de capacidades. A capacidade de uma pessoa é o que permite, dentro de um conjunto de possibilidades, escolher qual, entre elas, proporcionará melhor qualidade de vida para ela. Acrescento, no entanto, o resgate da pessoa pobre através de uma visão humanista que a valorize. Nesse sentido, urge o respaldo da condição existencial da própria pessoa do pobre.

Garantir uma educação de qualidade às pessoas pode encurtar essas distâncias fronteiriças e proporcionar ferramentas indispensáveis aos seres humanos para um conhecimento crítico das realidades que as circundam. Ratificando isso, Demo (2002) diz:

O *conhecimento* talvez seja a invenção mais potente do ser humano, porque é sua ferramenta de intervenção tanto na natureza como na sociedade, e isso concedeu vantagens comparativas decisivas aos povos que souberam trabalhar esse recurso estratégico (p. 255).

Pessoas no estágio de não-agentes na sociedade são conscientes de sua vulnerabilidade, mas não se vêem como identidade positiva capaz de romper com as barreiras da exclusão que lhes são impostas por normas sociais já arraigadas.

Seguindo essa linha de pensamento, Cavalcante Jr. (2005b) faz uma incursão na educação, enfatizando que é necessário “ensinar e criar contextos para que as funcionalidades e as múltiplas formas de leitura e escrita sejam experienciadas, e, dessa maneira, levar cada sujeito a descobrir porquê e como saciar a sua fome particular, tornando-os agentes” (p. 50). São esses formatos educacionais, portanto, o espaço mais inclusivo do despertar das potencialidades humanas, pois, “quanto mais inclusivo for o alcance da educação básica [...], maior será a probabilidade de que mesmo os potencialmente pobres tenham uma chance maior de superar a penúria” (Sen, 2000, p. 113).

E dentro desse espaço, o indivíduo pobre pode, sim, identificar-se como sujeito ativo na superação da privação que o acomete, configurando-se efetivamente como cidadão de uma sociedade democrática. Dessa forma, o indicador da educação formal para crianças e jovens pode ser uma alavanca de transformação social a partir da alteração de mentalidade do indivíduo. E que este reconheça que tem condições de superar as suas privações. Portanto, “o conhecimento não apenas

abre fronteiras e se mantém destemido diante de qualquer desafio” (Demo, op. cit., p. 256), como possibilita a liberdade de escolha das pessoas.

Em muitas áreas do mundo, no entanto, ainda hoje é a pobreza material que impede muitos jovens e adolescentes de terem acesso à instrução e a uma adequada formação humana, privando-os de suas capacidades de ser e de aprender como desenvolvimento da liberdade. A pobreza de capacidades mutila a liberdade das pessoas, privando-as de viver melhor. Ora, para Sen (op. cit.), “nessa perspectiva, a pobreza deve ser vista como privação de capacidades básicas em vez de meramente como baixo nível de renda, que é o critério tradicional de identificação da pobreza” (p. 109).

A educação, por sua vez, pode ser vista como facilitadora de uma oportunidade social como indicadora do desenvolvimento de liberdade. Logo, “essas facilidades são importantes não só para a condução da vida privada [...], mas também para uma participação mais efetiva em atividades econômicas e políticas” (ibidem, p. 56). Assim, a missão de educar traz o gesto amoroso do compartilhar, de formar, não no sentido de enquadrar, emoldurar, mas de possibilitar aos que ingressam no processo educacional o tempo para a curiosidade, para as descobertas, o prazer de aprender. Nesse sentido, os educadores têm algo a oferecer, como afirma Freire (Freire & Shor, 2003):

Enquanto professores, temos algo para oferecer, e devemos ter muita clareza quanto a esse nosso oferecimento, nossa competência e diretividade. Mas o oferecimento não é um oferecimento paternal. Não é um gesto de dádiva angelical do professor. Na perspectiva libertadora, não temos nada para dar, realmente. Damos alguma coisa aos alunos apenas quando intercambiamos alguma coisa com eles. Esta é a relação dialética, em vez de uma relação manipuladora (pp. 204-205).

Na perspectiva da educação como um meio de redução da pobreza de capacidades e da desigualdade, urge invariavelmente o consenso de uma democratização do ensino de qualidade. Pois, sabemos que é amplamente reconhecido o valor da educação como garantia do desenvolvimento da liberdade, permitindo, assim, o acesso às mais diversas discussões e à interação social como papel construtivo na formação de valores em vista do patrimônio humano. Ainda se referindo a esse tema, interessante notar o que Alves (2006a) ratifica:

Esse patrimônio é o de uma Educação Integral e Humanista de qualidade. Identidade e fundamento da proposta educativa da Escola Católica, tal patrimônio decorre da sua confessionalidade, ou seja, da concepção cristã do desenvolvimento da pessoa humana (p. 32).

Em opinião com relação ao compromisso que une a liberdade de ensino e a autonomia de gestão na escola confessional católica para sustentar a superação da pobreza, ainda o referido autor afirma: “A escola confessional possui condições intrínsecas, que são únicas, para acelerar, pela via da educação formal e privada, a mobilidade social e a superação da profunda clivagem social que macula o nosso país” (Alves, 2006b, p. 157).

Nesse sentido, sem a superação desse tipo de pobreza – a privação da educação ou esta de má qualidade – as pessoas estão fadadas a permanecer na inanição. Por conseguinte, a pobreza priva as pessoas dos bens básicos como saber ler ou escrever, usufruir de moradia digna, hospitais com bons atendimentos, de remédios, de lazer; tudo isso atrofia a dignidade humana. Os pobres têm rostos muito definidos: crianças desfiguradas e com futuro desolador, jovens desorientados e frustrados, apenas para citar alguns casos concretos de como as pessoas se apresentam incapacitadas. Ante o exposto, a natureza de uma educação para pobres é desafiante e iluminadora. Explicando melhor esse pensamento, o diretor-presidente das mantenedoras⁶ da Instituição Cristã pesquisada nos diz:

Os processos pedagógicos, os mecanismos de gestão da instituição, os procedimentos de relacionamentos externos e internos numa escola, onde a população de baixa renda estuda gratuitamente, se reveste de peculiaridades, que distingue dos mesmos processos dinâmicos de uma escola em que os alunos pagam pelos serviços prestados. Isso vai imprimir características próprias particulares de uma escola, num desafio muito maior, porque além de promover o processo ensino-aprendizagem com qualidade e resultados, você tem que estar ao mesmo tempo investindo em outras questões como, resgate da auto-estima, gerando uma consciência cidadã da população tão desprovida dessa consciência de cidadania; zelando por alguns aspectos de ordem material, aspectos relativos à saúde física, mental e psicológica dessas crianças; cuidando dessas crianças para que se sintam verdadeiramente amadas, para alcançar um processo de maturação afetiva e adequada. Pois, no resultado do processo educacional dessa escola, você possa ter crianças e jovens que resultem em cidadãos com a mesma completude, com a mesma realidade de um jovem de um processo educacional pago,

⁶ É uma entidade devidamente constituída, com personalidade jurídica própria, que tem por objetivo a captação de recursos, visando suprir as necessidades de suas executoras - entidades mantidas – no caso aqui, as instituições de ensino, unidades sociais e comunidades religiosas.

de uma escola para crianças e jovens de população mais abastada. (M. A. P., entrevista pessoal, 9 de dezembro, 2006).

Assim sendo, a escola cristã, a partir de sua proposta evangelizadora, sinaliza para uma educação libertadora e humanista, pois é papel da educação desaprisionar todas as correntes opressoras que amarram o ser humano. Com efeito, a educação no diálogo sustenta essa proposta evangelizadora, apostando na liberdade do ser. Por isso, a missão que nos é confiada, sobretudo junto aos mais empobrecidos, favorece um trabalho em favor de um mundo mais justo e fraterno.

Isso me leva a crer que libertar é iluminar a pessoa sobre a sua dignidade, é levá-la a superar tudo o que a oprime, é conduzi-la a construir a justiça, e como escola confessional católica é chegar àquela comunhão com Deus e com outras pessoas. A opção pela dignidade da pessoa conduz necessariamente à opção preferencial por aqueles que essa dignidade pode estar ruída. Por sua vez, a educação cristã compreende a sua missão precisamente dentro desse horizonte mais amplo da evangelização, ao perceber que a sua função é libertar as pessoas de suas amarras, tornando-as livres.

No rastro dessa liberdade de ser, sobretudo, no âmbito educacional escolar, procuro ouvir a voz de Freire (2003e), quando diz: “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os[as] homens[pessoas] se libertam em comunhão” (p. 52). Diante de tal assertiva faço um alerta desde já: ao me comprometer com os colaboradores desta pesquisa, de buscar junto a eles uma forma de empoderá-los, não me submeti à idéia colonialista de quem sendo “estrangeiro” sempre tem o que dar aos “pobres nativos”.

Assim, valeu à pena a leitura crítica das autoras Brito e Leonardos (2001), quando chamam a atenção no que diz respeito ao poder simbólico que o pesquisador tem sobre os colaboradores, assim se referem:

Na verdade, as pesquisas que promovem o *empowerment* reconhecem implicitamente que as interações pesquisador-sujeito são permeadas pelas relações de poder: nesse contexto, o pesquisador que pretende conferir poder aos demais participantes se auto-representa com uma figura toda-poderosa, na medida em que só se pode conferir ao outro o que se detém (pp. 18-19).

Por isso, criamos ao longo de nossa pesquisa de campo um clima de confiança e ajuda mútua, no sentido de termos construído juntos o nosso

conhecimento, e descoberto os nossos caminhos. Na verdade fomos todos beneficiados com esta pesquisa.

A descoberta é feita no interior da própria experiência, porém essa descoberta não é tudo, certamente. É, no entanto, o centro em torno do qual podemos desenvolver a vivência verdadeiramente da educação cristã como algo que alimente e ajude as pessoas a crescerem. O objeto de estudo aqui talhado – a extensão da pobreza – tem o seu peso cultural e, sobretudo, a sua força no alcance da mensagem de uma “boa nova” para os pobres (Rodríguez, 1991). Estes só podem ser compreendidos verdadeiramente quando, além das informações estatísticas e das análises sociológicas, mergulharmos no corpo e na alma no mundo deles. E isso somente acontecerá quando pobres e não pobres se fizerem próximos, e estar próximo, muitas vezes, requer o gesto de disponibilidade, de abertura, de aceitação.

Hoje, no percurso da educação, ter como objetivo primordial a humanização da pessoa supõe orientá-la para a transcendência, para um desenvolvimento pleno de seu pensamento e liberdade para assumir sua tarefa de humanizar o mundo, produzir cultura, transformar a sociedade e construir a história. Pois, em documento, a CNBB (1990) afirma que: “na perspectiva dessa realização plena, o[a] homem[pessoa] sente-se impelido[a] a procurar o fundamento do mundo e, nele, o sentido da própria existência” (p. 27). Essa prática converte a pessoa em protagonista de suas próprias ações, não só de seu próprio desenvolvimento, mas também a serviço dos demais, tornando a educação na e para a alteridade.



FIGURA 9 – Desenho de Sofia.



FIGURA 10 – Desenho de Árvore.



FIGURA 12 – Desenho de Isadora.



FIGURA 11 – Desenho de Rita.

Capítulo 2

PERCURSO DIALÓGICO

*Ensina-me o teu caminho, lahweh!
Guia-me por uma vereda plana.
(SI 27, 11)*

2.1 O Contexto

Inserido num contexto educacional confessional cristão, precisamente, numa instituição cristã católica, tive o interesse de investigar a liberdade de ser, aprender e ensinar na escola cristã na perspectiva do docente, como fonte de potencialização do estudante economicamente pobre. Esta instituição é especificamente, hoje, uma unidade social, destinada a atender um público de baixa renda familiar ou alunos em situação de vulnerabilidade social. Até o ano de 2004 o Colégio Cristão do Nordeste atendia alunos pagantes, com percentual pequeno de alunos não-pagantes.

Desde o ano de 2005, essa escola passou a receber um maior número de alunos pobres e aos poucos foi se tornando um espaço para alunos desfavorecidos economicamente. Em 2007, o colégio contou com 962 alunos matriculados e destes, 587 são alunos não-pagantes e de alguma forma em situação de vulnerabilidade social. Essa transição decorreu em virtude de três fatores, basicamente. Primeiro, pelo fato da situação socioeconômica da cidade, que foi considerada possuidora de alto índice de vulnerabilidade social, de acordo com a leitura do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA (2007). Segundo, pelo valor da cobrança das mensalidades que estava além do padrão sócio-familiar. Ainda que essas famílias pagassem parte dos custos, não supriam o valor integral pelos benefícios; e por último, os recursos das mantenedoras, em pelo menos 20% (vinte por cento), que precisam ser aplicados em atividades nas áreas social e educacional da instituição, como imunidade das contribuições sociais; pois de acordo com o Decreto nº. 2.536 (1998, 6 de abril), inciso VI, deve-se:

Aplicar anualmente, em gratuidade, pelo menos vinte por cento da receita bruta proveniente da venda de serviços, acrescida da receita decorrente de aplicações financeiras, de locação de bens, de venda de não integrantes do ativo imobilizado e de doações particulares, cujo montante nunca será inferior à isenção de contribuições sociais usufruídas.

No entanto, na perspectiva de educação para pobres, no passado as escolas católicas, nos séculos XVIII e XIX, focaram sua missão, em sua grande maioria, numa profunda solidariedade educativa para com as crianças e jovens abandonados a si mesmos e privados de qualquer forma de educação. Visto que o pobre não tinha dinheiro para pagar uma educação humana e profissional, nascia, nesse contexto, a grande maioria das congregações educacionais da Igreja Católica. Nesse sentido, a CNBB (2003) diz que: “a evangélica opção preferencial pelos pobres deve ser, assim, uma inspiração de fundo do serviço educativo que a Igreja presta à sociedade” (p. 61).

Sobre esse aspecto da instituição fazer a opção preferencial pelos pobres, o diretor-presidente das mantenedoras da instituição pesquisada, em entrevista, complementa que:

Hoje quando faz certas opções ela o faz na mais legítima tradição e compromisso que os seus fundadores ou o seu fundador assumiu ao iniciar a Instituição. Portanto, se fazer presente através da educação formal junto às camadas populares, para oferecer uma opção distinta que a escola estatal laica oferece, uma opção que prega valores e que traduzem numa concepção integral de educação, oferecendo uma educação que transmita valores religiosos. Uma educação que evangeliza e possibilita aos jovens de classes populares uma educação formal, onde possam ascender socialmente, materializando a mobilidade social que estaria efetivamente alijada deles, se não fosse pelo acesso a uma educação e uma educação de qualidade como aquela que a Instituição propiciaria (M.A.P., entrevista pessoal, 9 de dezembro, 2006).

Do ponto de vista da instituição privada, Beghin (2005) diz que: “Por integrarem as elites, elas apresentam condições de influir no rumo das políticas públicas e, mais especificamente, nas políticas sociais” (p. 17). Nesse caso, a escola católica inserida na sociedade, em nome da Igreja, é convidada a refletir seu real papel frente aos mais abandonados ou alijados por essa mesma sociedade. Pois, como diz Castejón (1983):

O processo educativo pensado a partir da opção pelos pobres – seja qual for a circunstância ou classe social com que se esteja trabalhando na educação – supõe este posicionamento de solidariedade, e encontrará formas concretas de facilitar o encontro pessoal, direto e solidário com o pobre (e não apenas com a pobreza, as análises sociológicas ou as estatísticas da subnutrição ou da mortalidade infantil) (p. 10).

A opção preferencial pelos pobres, numa perspectiva eclesial, exorta-me a uma tomada de consciência pela responsabilidade da missão educativa a que me proponho, concordando com o que afirma Bosi (1983), pois: “é o altíssimo número dos explorados e oprimidos por um reduzido número dos privilegiados, num contraste escandaloso, verdadeiro desafio para a consciência cristã que afirma tão enfaticamente o dever da **fraternidade** universal” (p. 10).

Creio que a opção preferencial pelos pobres sugeriu um caminho promissor, pois na medida em que se reúnem na fé, organizam-se em defesa de seus direitos e de sua dignidade, gerando relações mais participativas e por isso, menos conflituosas. Nesse sentido, a Instituição que foi o cenário desta pesquisa nasceu com seu fundador, a partir da pedagogia da solidariedade e para a solidariedade, pois a experiência fundante se baseou na sensibilidade frente às situações de pobreza, carência e injustiça, em seu país no início do século XIX.

Na época do fundador, a opção por educar crianças e jovens de camadas mais populares representou um mecanismo concreto e efetivo de inserção do movimento social com conotações fortemente políticas. Mas ele fez isso a partir de sua própria história de vida e por uma opção institucional de Igreja, em preferir o movimento de educação popular ou de educação para os mais empobrecidos.

Entendo assim, naquele contexto histórico de Igreja, que ele queria oferecer educação às camadas populares no intuito de barrar o avanço de uma educação desprovida de valores e, portanto incompleta, também limitada. Pede insistentemente aos seus educadores e discípulos para que eles dedicassem os primeiros passos de seu zelo às crianças e jovens mais abandonados e ignorantes como importância da missão frente aos mais desamparados.

Assim ele sofre e tem compaixão ante o abandono das crianças do campo, emergindo assim, naquele contexto histórico, uma presença educativa de natureza psicológica, carente de valores, nos quais ele acreditava, por questões de fé, serem valores profundamente evangélicos e religiosos.

Nesse sentido, Cotta (1996) nos diz: “Educar o jovem é antes de tudo, ter-lhe amor e conquistar-lhe a confiança. É essa a premissa para avaliar suas potencialidades, para ajudá-lo a se conhecer, para revelar-lhe o que é e, sobretudo, o que pode e deve ser” (p. 40). Assim, para o fundador do Instituto, no contexto da Igreja na qual agiu, oferecendo educação às camadas populares naquele momento,

estaria ao mesmo tempo barrando o avanço de uma educação desprovida de valores, portanto, incompleta e também limitada.

Esses pobres, os quais foram atendidos educacionalmente pela maioria dos Institutos religiosos que emergiam no início do século XIX na Europa, voltavam-se para uma abertura maior em relação ao sujeito, fruto do pensamento emergente do Iluminismo, também preocupado com a cidadania. Esta pedagogia voltada para a pessoa “conseguiu captar que o sujeito situado é um sujeito social” (Sandrini, 1988, p. 407). Portanto, inicia-se àquela época a legítima participação do sujeito na esfera social, sendo reconhecido como alguém. Não por acaso alguns lemas desses institutos educacionais religiosos serem patrocinados pelos slogans: “Bons cristãos e virtuosos cidadãos” ou “Bons cristãos e honestos cidadãos”.

No rastro dessa educação integral valorativa como bússola viva, animada com pessoas de fé e coragem, os educadores cristãos se inserem em meio à educação amorosa, pois de acordo com o Guia das Escolas - 1853 (1994), a amorosidade faz parte da essência da educação cristã:

Um mestre que não sabe amar os meninos não é apto a educá-los. A educação é, sobretudo, obra do coração; o coração duro e malévolo nada entende deste mistério inteiramente feito de caridade, de benevolência e de devotamento extremo. Para se educar os meninos é mister amá-los com a mesma ternura e carinho dos pais; sem amor, os encargos da educação são pesados e a tarefa educativa impossível. O que emana dos sentidos atinge os sentidos, o que brota da vontade excita a vontade, o que sai do coração fala ao coração. Um mestre que ama os meninos pode instruir, pois, o afeto, mais que sua capacidade, faz-lhes apreciar as lições, desperta e sustenta sua atenção e faz-lhes penetrar o ensinamento em sua inteligência (p. 199).

Oferecia assim, um contraponto: educação completa integral, porque também estaria oferecendo com essa educação, um conjunto de valores religiosos, na dimensão da evangelização pela catequese àquela população de jovens e crianças, acrescida a isso, a possibilidade daquelas camadas populares entrarem num processo efetivo de mobilidade e ascensão social. No tocante a isso: “a promoção dos pobres – deve não ser somente do educador, mas de todo verdadeiro cristão – é feita com amor” (González, 2000, p. 101).

Vendo o sofrimento pela ignorância como privação do desenvolvimento da pessoa e do abandono material, fundamentado nos princípios de seu fundador, o Colégio Cristão do Nordeste faz a opção preferencial, também, pelos mais pobres da

cidade, abrindo suas portas para crianças e jovens estudarem gratuitamente. Assim, o Colégio vai se transformando, gradativamente, em unidade social voltada para uma educação significativa, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa nela envolvida. Afinal, como diz Demo (2005): o “desenvolvimento define-se como oportunidade, ou seja, como capacidade de cada sociedade de o construir, dentro do contexto histórico concreto. [...] A qualidade educativa popular emerge como fator crucial das chances de construir projeto de desenvolvimento moderno próprio” (p. 10).

Isso me leva a crer no compromisso ético da instituição com os mais empobrecidos. Nesse raciocínio, o diretor-executivo responsável pela área social da Instituição Cristã falou:

Vejo que a Instituição parece ter esse espaço de oportunidade que tem se restabelecido ou quando nós perguntamos e fizemos essa opção, realmente. Fomos garantindo a base, damos continuidade e fazemos as mesmas opções pelos mais empobrecidos, pensando que não estamos só garantindo educação, são os modos e as orientações de fazer. Demos um passo que foi além do compromisso: o resgate da pessoa humana de Jesus e da opção que Ele faz. O mesmo valor em seu tempo, a mesma realidade das pessoas ricas. Ele fez, no entanto, a opção por aqueles que são rejeitados e não chegavam lá, não vislumbravam um olhar de futuro - até vislumbravam, mas não conseguiam conquistar aquilo que viam, que eram as oportunidades. Então, eu penso que muitas vezes opção é mais do que você garantir a fidelidade do nosso fundador, mas garantir aquilo que ele fez: servir fiel as suas intenções, compromisso com o Evangelho para poder caminhar, dar oportunidades de crescimento às pessoas. (V. F., entrevista pessoal, 9 de dezembro, 2006).

Ainda no rastro do pensamento desse diretor-executivo, percebi a credibilidade que esse diretor dá ao fortalecimento da escola pública em nosso país, e a crença na possibilidade de um grande avanço na qualidade de ensino na rede pública em parceria com a escola cristã católica, quando ele fala de seu sonho que é:

Fortalecer a rede pública, onde nós nos encontramos como escola católica, ajudar na formação dos educadores, das equipes técnicas; da gente se integrar mais com os alunos de outras escolas públicas, de igualar mais com a escola pública sem perder o nosso diferencial, de fazer isso, de continuar a qualidade. Que na escola A, B ou C tem a mesma qualidade, então entra a nossa participação, também, na escola pública de reivindicar, nas conquistas dos espaços de discussões das políticas públicas, da própria educação, de assistência, do direito da criança e do adolescente. Eu acho que seja a grande oportunidade, o grande diferencial de a gente ser. (V. F., entrevista pessoal, 9 de dezembro, 2006).

Interessante notar que é a mesma convicção que Freire (1988) defende em relação à defesa da escola pública de qualidade para todos. Assim o referido educador se expressa: “Eu sou é pela escola pública. Eu acho que os cristãos católicos deveriam fazer a sua pedagogia no contexto da escola pública. Esse negócio de escola privada só faz aumentar o fosso de classe” (p. 88). Diante do exposto, vale registrar o que a Sagrada Congregação da Educação Católica (1998), em documento, expõe:

Deste modo se torna claro o caráter público da escola católica, que não surge como iniciativa privada, mas como expressão da realidade eclesial, por sua natureza pública e, embora se faça presente declaradamente na perspectiva da fé católica, não é reservada só aos católicos, mas abre-se a todos os que mostrem apreciar e partilhar uma proposta de educação qualificada (n. 16, p. 12).

Explicitando o contexto da escola cristã, ora escolhida, para melhor delineamento da pesquisa e dentre as metodologias de investigação científica, elegi a metodologia qualitativa como instrumento norteador para investigação científica, por ter me permitido investigar e compreender alguns fenômenos voltados para a percepção, a intuição e a subjetividade das relações humanas vivenciadas no dia-a-dia do Colégio, pois como afirma Alves (1991): “a realidade é uma construção social da qual o investigador participa e, portanto, os fenômenos só podem ser compreendidos dentro de uma perspectiva holística, que leve em consideração os componentes de uma dada situação em suas interações e influências recíprocas” (p. 55).

A escola cristã católica, assim, em seu contexto, na presença dos pobres, interpela-me diretamente como comunidade educadora e em busca de uma educação libertadora, por conseguinte dialógica, pois não compreendo liberdade sem o diálogo. Por isso mesmo que as práticas educativas das quais quero falar e que meus colaboradores de pesquisa ratificaram estão profundamente implicadas nos aspectos da vida e para a vida de cada ser humano.

2.2 A educação pelo diálogo

As práticas educativas funcionam como princípio ético-humanizador e podem potencializar o desenvolvimento dos educadores e dos educandos, como

possibilidade de realização plena. Pois, como afirma Justo (2002): “à escola cabe a tremenda e nobre tarefa de facilitar a eclosão e o desabrochar mais pleno possível das virtualidades dos alunos” (p. 137).

O sistema de valores sociais e éticos de uma sociedade, assim como suas mais diversificadas heranças culturais, chega aos indivíduos que dela fazem parte, através do processo de socialização. Esta socialização possibilita a transmissão desses valores, das gerações mais velhas às gerações mais jovens, que os internalizam e os modificam dentro do processo de interação social, como nos aponta a pensadora alemã Arendt (1992b): “do ponto de vista dos mais novos, o que quer que o mundo adulto possa propor de novo é necessariamente mais velho do que eles mesmos” (p. 226), sendo esta uma responsabilidade que o adulto assume perante o mundo. A mesma autora afirma ainda que:

A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo. Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: - Isso é o nosso mundo (*Ibidem*, p. 239).

Assim, a responsabilidade pelo mundo cria uma categoria ética para aqueles que ensinam a cuidar dele. Igualmente, diz Freire (2003f):

A qualidade ética da prática educativa libertadora vem das entranhas mesmas do fenômeno humano, da *natureza* humana constituindo-se na História, como *vocação* para ser mais. Trabalhar contra esta vocação é trair a razão de ser nossa *presença no mundo*, que terminamos por alongar em *presença com o mundo* (p. 91).

Para o filósofo americano Dewey (1978), por sua vez, acrescenta que os

elementos fundamentais do processo educativo são, de um lado, um ser imaturo e não envolvido – a criança - e, de outro, certos fins, idéias e valores sociais representados pela experiência amadurecida do adulto. O processo educativo consiste na adequada interação desses elementos (p. 42).

A escola passa a ser esse lugar do passar e do indicar: pessoas mais experientes na vida indicam saberes, contam, recontam, transformam. São experiências acumuladas, codificadas, sistematizadas e propostas como orientação aos que entram na vida e põem-se a caminhar.

E nunca será de menos entrar em contato com a tradição, com os mestres em todos os âmbitos da experiência humana porque, assim, aprendemos a caminhar com aqueles que caminharam primeiro, pois como diz Brandão (2005a), “todo aquele que ensina aprende com quem aprende. Todo aquele que aprende ensina ao que ensina. Toda a educação é uma vocação ao diálogo” (p. 118), uma dialogicidade marcada pela construção real de uma interação concreta entre as pessoas. Assim, pela liberdade nos estabelecemos no mundo e com o mundo na qualidade de sujeitos. Trata-se de uma educação que pretende humanizar as pessoas, na medida em que rejeita todas as formas de manipulações e foca o ser humano como artífice da sua própria educação.

De sorte que, a escola pode ser o palco em que alunos e professores busquem o desenvolvimento do pensamento reflexivo que implica consciência, autoconsciência e expressão, melhorando nossa relação com o mundo e com as demais pessoas, assim como nossa própria identidade. Freire (2003e), nesse sentido, enfatiza o potencial do diálogo como uma

[...] exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tão pouco torna-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (p. 79).

Compreendo, portanto, que a livre expressão propicia o surgimento de significados proporcionando o diálogo, ao mesmo tempo em que nos integra. Falar e escutar, por conseguinte, implicam reciprocidade, tolerância e respeito. Expressar-se através da linguagem permite reconhecermo-nos como seres sociais vinculados aos que nos escutam. A esse respeito, Arendt (1991b) assevera: “só falando daquilo que se passa no mundo e em nós próprios é que o humanizamos, e ao falarmos disso aprendemos a ser humanos” (p. 35).

É através da palavra que nos inserimos no mundo, “é a maneira humana de *apropriação*, e, por assim dizer, de desalienação do mundo no qual, afinal, cada um de nós nasce, como um recém-chegado, como um estranho” (Arendt, 1992a, p. 77). Dessa forma, a escola passa a ser essa miniatura de mundo, onde as gerações efetivam a pluralidade humana, espaço da ação e da palavra. A ação torna-se inseparável da palavra e depende do discurso não só para interagir e se revelar diante dos demais, mas também para dar sentido à existência humana. Segundo

Arendt (1991a): “sem o discurso, a ação deixaria de ser ação, pois não haveria ator; e o ator, o agente do ato, só é possível se for, ao mesmo tempo, o autor das palavras. A ação que ele inicia é humanamente revelada através de palavras” (p. 191).

Visto que todos têm a capacidade de comunicação, a liberdade de começar algo novo se associa com a dos outros sujeitos. Assim, todos discutem sobre como devem viver no espaço que não é mais privado, mas público, porque é o espaço do indivíduo com a liberdade da palavra e da ação. Na esfera pública o discurso se apresenta, pois, como revelação da identidade do sujeito. É o que confirma Courtine-Dénamy (1999): “A palavra é, pois, indispensável para a constituição de uma identidade que não pode adquirir na solidão e ela própria é primeira em relação ao pensamento” (p. 328). Ou seja, é na companhia dos demais que vai se construindo a identidade.

Então dar a palavra ao outro é reconhecer-lhe o direito de ser ele mesmo. Dirigir nossa palavra ao outro implica assumir a própria responsabilidade sobre o que decidimos e fazemos, pois toda palavra autêntica é transformadora. Assim, para Freire (2003e) “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda” (p. 79).

Dessa forma, vai se investindo na liberdade do sujeito pessoal para uma comunicação intercultural através de um autodirecionamento democrático e na preparação de mudanças. Arendt (1993), nesse sentido, também confirma essa linha de pensamento:

A faculdade da fala e a pluralidade humana se correspondem, não só no sentido de que uso palavras para a comunicação com aqueles com quem estou no mundo, mas também no sentido – até mais relevante, de que ao falar comigo mesmo, vivo junto comigo mesmo (p. 101).

Ademais, ainda em relação ao diálogo, o psicólogo humanista Rogers (2001b) garante: “*sinto que é extremamente compensador aprender em grupo, nas relações com outra pessoa, como na terapia, ou por mim mesmo*” (p. 319), dando ênfase, portanto, a um processo terapêutico grupal ou individual.

No tocante à concepção freireana de que uma das condições para o diálogo é a fé nas pessoas, acredito piamente que esta possibilita um clima de confiança,

veracidade e respeito entre os que dialogam. Por isso, estou convencido de que as pessoas podem pronunciar-se livremente, pois como sustenta Freire (2003e): “não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de *ser mais*, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens” (p. 81).

Portanto, é na confiança estabelecida entre os interlocutores que se darão testemunhos reais de suas intenções. Nesse sentido, Rogers (2001a) vai nos dizer que “se *todas* as atitudes e sentimentos, não importa quão ‘extremos’ ou ‘irreais’ sejam, forem respeitosamente levados em consideração; [...] então a confiança aumenta: no indivíduo, a autoconfiança; e, no grupo, a confiança geral” (p. 129-130). Complementando, Justo (2002) declara que: “A liberdade será concedida na medida da *confiança*: autoconfiança e confiança na capacidade dos escolares” (p. 172).

Os educandos e os educadores que elegem o diálogo como centro de suas relações vêm-se impulsionados a encontrar contra-exemplos, formular hipóteses, descobrir regras, tirar conclusões e comprometer-se com o processo educativo em que cada um descubra no outro uma fonte de novos conhecimentos, capaz de ajudar-lhe a moderar seu próprio pensamento. E pensar crítico para Freire (2003e) “é um pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante devenir e não como algo estático. Não se dicotomiza a si mesmo na ação. ‘Banha-se’ permanentemente de temporalidade cujos riscos não teme” (p. 82).

Assim sendo, a escola é convidada a rever suas relações de poder, seu currículo, sua reprodução social e a interagir, desse modo, com os sujeitos sociais que comunicam suas experiências de transformação de si mesmos e de seu entorno. Nesse sentido é provocador o questionamento que a professora Lena faz:

Que responsabilidade tem a escola quando vê a realidade do menino, sem espaço para o convívio social, com amigos e outras experiências? Que perspectiva tem a escola para esse menino? E quais expectativas a mãe tem da escola para esse menino? A meu ver, o professor passa a ser o diferenciador de aprendizagem, daquilo que o menino pode ser. O sucesso ou fracasso desse menino acaba sendo colocado para escola, de exigências, tem que produzir certas coisas, evitar certos traumas. Responsabilizarmo-nos pelo religioso, social, esportivo; e aí como é que nos envolvemos com essa criança?

O educador cristão, portanto, tem a nobre missão de ajudar a despertar em cada pessoa, sobretudo nas mais empobrecidas, a consciência de sua própria dignidade e, também, a sua capacidade de assumir a responsabilidade de fazer a

sua parte para possibilitar vida, e vida de qualidade. Aqui, este é o papel preponderante do educador cristão, pois, como esclarece González (2000):

O educador cristão sabe alegrar-se ao poder trabalhar com os pobres deste mundo, pois a fé lhe ensina a ver neles o reflexo transparente do próprio Jesus Cristo. Por isso, a dedicação aos mais necessitados da terra é envolta em atmosfera espiritual, transcendendo a mera atividade humana (p. 101).

Um desafio central hoje, a meu ver, para a educação, é exercer seu papel de instrumento de promoção humana numa sociedade de exclusão, onde grande número de pessoas é simplesmente dispensável. Porque o acesso ao conhecimento, o resgate do belo, da verdade, do bem, a valorização da pessoa podem determinar significativamente a manutenção ou a transformação dessa realidade.

Nessa realidade, o coletivo se constrói com identidades diferentes. Portanto, cada um tem o direito de ser o que é, e desse jeito, complementa o conjunto. E educação padronizada não desenvolve o potencial individual nem contribui para o enriquecimento da construção coletiva. Pois, como diz Touraine (1999):

O sonho de submeter todos os indivíduos às mesmas leis universais da razão, da religião ou da história, sempre se transformou em pesadelo, em instrumento de dominação; a renúncia a todo princípio de unidade, a aceitação de diferenças sem limites, conduz à segregação ou à guerra civil (p. 25).

Desse modo, a escola como ambiente de sistematização de saberes, pode ser um espaço de relações sadias contínuas e diárias entre estudantes e professores. Relações que potencializam positivamente educandos-educadores numa autodescoberta do prazer do ensinar-aprender, que segundo Rogers (1986): pelo “fato emocionante de que quando os olhos de um estudante se acendem com nova descoberta, um novo conhecimento que lhe enche e ilumina a vida, isto faz valer a pena todo difícil trabalho, o esforço pessoal de ensinar” (p. 31). Talvez aqui resida a magia da educação, num processo de busca constante, pois “o conhecimento precisa de expressão e de comunicação. Não é um ato solitário. Além de ser um ato histórico, gnosiológico e lógico, contém um quarto elemento que é a sua dimensão dialógica” (Gadotti, 2005, p. 11).

A missão educativa da escola cristã, nesse sentido, poderia ser alimentada não somente pela razão e pelo conhecimento, mas também pelas relações que tocam afetivamente o coração e que marcam afirmativamente a vida; pode se firmar como encanto, beleza, maravilhamento, admiração, e em busca do transcendente. Só assim podemos desejar a mudança não externa, mas interior e a partir dela vislumbrar um mundo mais humano. Sobre isso, Rogers (op. cit.) vaticina:

O único homem instruído é aquele que aprendeu como aprender, o que aprendeu a adaptar-se e a mudar, o que se deu conta de que nenhum conhecimento é garantido, mas que apenas o processo de *procurar* o conhecimento fornece base para a segurança (p. 126).

Por tudo isso, observamos que, nas sociedades ocidentais de início do século XXI, a escola, instituição socializadora por excelência, tem um poderoso e importante papel na educação das novas gerações e na configuração em sua pauta de valores que exponenciem o desenvolvimento da pessoa a partir de uma ação dialógica e comunicativa. Sobre isso, Justo (2002) afirma que: a “relação dialógica no processo educacional pressupõe que o mestre seja um ‘expert’ a fim de oferecer ao aluno ambiente e condições de crescimento autodirigido. Ele, professor, crescerá nessa relação, pois a complexidade do psiquismo é espontaneamente ampla, quase infinita” (p. 196).

Ao propor uma educação dialógica, expressão forte e marcante do pensamento pedagógico, Freire (2002b) consolida que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação de significados” (p. 69). Aliás, é o que Touraine (1999) vai dizer também com respeito à prática do diálogo em sala de aula, em

que a escola leve os alunos a dialogar, ensine-os a argumentar um contra o outro, analisando o discurso do outro, ao mesmo tempo para aprender a manejar a língua nacional e para se tornar capaz de perceber o outro, que é a condição de uma vida em comum (p. 333).

No tocante a isso, saber ser humilde como ferramenta para uma boa educação, expor seus sentimentos sem medo, falar do próprio medo, não mediar os diálogos permeados de hierarquias daqueles que sabem e daqueles que não sabem, reforçando essa velha dicotomia na educação, pois seguindo o raciocínio de Rogers (1986): “Quando o facilitador é uma pessoa real, sendo o que é, ingressando

num relacionamento com o estudante sem apresentar-lhe uma máscara ou fachada, ela tem muito mais probabilidades de ser eficiente” (p. 128). As relações vão se tornando mais autênticas, genuínas nessa convivência na escola.

Freire (2003g) corrobora o mesmo pensamento: “falando de seu medo, de sua insegurança, o educador vai fazendo, de um lado, uma espécie de catarse indispensável ao controle do medo, de outro, vai ganhando confiança dos educandos” (p. 67). Mas, nem sempre, esse ideal humanista é fácil de se conseguir, sobretudo num mundo plural. Os ideais não se impõem nem se exigem. Só se chega a eles pelo convívio vital e dialogante. As relações humanas educam e a educação as aperfeiçoa, papel preponderante, também, das famílias, de um cultivo pessoal e da relação com a escola. Com respeito a isso, Damke (1998) afirma: “Somente é possível dialogar quando temos um mundo comum de modo que todos os interlocutores saibam em torno de que está falando. Daí, a necessidade de partir do contexto próximo dos alunos, que inclui suas experiências, saberes e cultura” (pp. 36-37).

A educação é vista, aqui, como um processo de crescimento na habilidade de reconstruir as próprias experiências para que se possa viver uma vida mais plena, mais feliz, qualitativamente mais rica. Dewey (1971) ilustra bem essa assertiva quando diz que “em certo sentido, t^oda [sic] experiência deveria contribuir para o preparo da pessoa em experiências posteriores de qualidade mais ampla ou mais profunda” (p. 41). Experiência reflexiva, que resulte em novos conhecimentos, constituindo o paradigma de compreensão da cognição. Pois, vida e educação são inseparáveis. O mesmo autor acrescenta: “E feliz aquêl[e] [sic] que não teve, para poder progredir profissional e intelectualmente, de desaprender o que veio a aprender na escola” (Ibidem).

Pois, a educação é permanentemente o esforço da pessoa por constituir-se e reconstituir-se, buscando a forma histórica na qual possa reencontrar-se consigo mesmo, em plenitude de vida humana que é, substancialmente, em comunhão social. A subjetividade, portanto, advinda do crescimento individual não poderia constituir-se um mundo fechado em si mesmo, sem transparência na consciência humana, ou fechado na estreiteza de uma consciência individual, separada dos demais. Ao contrário, uma educação que pleiteie a interação dos seres, como diz Brandão (2002b):

Uma educação devotada ao SER de cada pessoa e destinada a fundar as condições crescentes de criação pessoal de saberes, de valores, de sentidos e de sensibilidade como processos ativos e solidários, em termos da idéia de que nós somos o saber que criamos ao aprendermos juntos (p. 311).

Por isso mesmo é que a formação docente, situada no escopo desta pesquisa, através dos professores colaboradores, abre-se para um diálogo consigo mesmo e com os demais, porque “O Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando Eu que digo Tu. Toda vida atual é encontro” (Buber, 2004, p. 59). Consciência aberta para si e para o outro, ou mesmo como “consciência do mundo”, no dizer de Paulo Freire: “O mundo, enquanto “outro” de mim, possibilita que eu me constitua como “eu” em relação com “você”. [...] Precisamente essa consciência do mundo, tocado e transformado, é que gera a consciência do eu” (Freire & Macedo, 2002, p. 32). E é exatamente este o sentido de relação para designar aquilo de essencial nas relações entre as pessoas, e aqui, no caso específico, os professores.

2.3 Um participante engajado

Esse pensamento dialógico libertador possibilitou-me eleger a metodologia qualitativa, permitindo-me investigar e compreender alguns fenômenos voltados para a percepção, a intuição e a subjetividade das relações humanas, além de estudar os aspectos multifacetários do fenômeno social apresentado no ambiente escolar. Nesse sentido, Minayo e Sanches (1993) dizem que: “o social como um mundo de significados possível de investigação e a linguagem **comum** ou a ‘fala’ como a matéria-prima desta abordagem, a ser contrastada com a prática dos sujeitos sociais” (p. 240) pesquisados. Fundamentado nessa premissa, fiz uma imersão na realidade pesquisada do Colégio Cristão do Nordeste para desvelar as situações emergentes no cotidiano dele, sempre confrontando a teoria com a prática.

Foi com esse olhar qualitativo que me encantei por esta pesquisa, pois sou um pesquisador da esperança. E como afirma Macedo (2006) sobre esse olhar: “é necessário conviver com o desejo, a curiosidade e a criatividade humanas; com as utopias e esperanças; com a desordem e o conflito; com a precariedade e a pretensão; com as incertezas e os imprevistos” (pp. 39-40).

Este trabalho permitiu-me repensar minha prática pedagógica, como participante engajado, pois aprendi que “o pesquisador intervém de modo quase

militante no processo, em função de uma mudança cujos fins ele define como a estratégia” (Barbier, 2004, p. 43). Entendendo, assim, as pessoas do entorno de minha comunidade escolhida, com um olhar investigativo sobre minha pessoa, lançando bases para um conhecimento sólido pautado na pesquisa e seus desdobramentos junto à comunidade educativa pesquisada.

Pois, ainda de acordo com Barbier (ibidem):

Não há pesquisa-ação sem participação coletiva. É preciso entender aqui o termo ‘participação’ epistemologicamente em seu mais amplo sentido: nada se pode conhecer que nos interessa (o mundo afetivo) sem que sejamos parte integrante, ‘actantes’ na pesquisa, sem que estejamos verdadeiramente envolvidos pessoalmente pela experiência, na integralidade de nossa vida emocional, sensorial, imaginativa, racional (pp. 70-71).

Nesse sentido, a contribuição do trabalho de Silva (2004) foi emblemático e evocativo, no que diz respeito à imersão no universo dos colaboradores, com toda sua idiossincrasia. É assim que Brandão (2005b), também, se posiciona diante da realidade vivida do pesquisador e da comunidade, pois “deve-se partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações” (p. 261).

Conseqüentemente, abrimos fronteiras para um novo modo de pensar e agir a serviço de uma qualidade melhor de vida para todos os envolvidos nesse processo tão enigmático que é a Educação. Nos acompanhamentos com meu orientador, professor Cavalcante Junior, fomos gestando a idéia de construir uma pesquisa que investigasse a capacitação de potencialidades inseridas no corpo docente do colégio, verificando através de seus discursos como eles estavam ensinando, como eles se sentiam em relação ao contexto dos educandos pobres do colégio. E também se esse discurso alimentava as potencialidades para o desenvolvimento pleno do ser. Queria compreender, por conseguinte, através de pergunta norteadora, como esse professor percebia a realidade pobre em seu educando, e como essa percepção exercia influências sobre a sua prática pedagógica ou docente.

Para fazer esta investigação seria preciso dar um mergulho minucioso na cultura desse docente e para isto escolhemos a etnografia como metodologia adequada (Achutti & Hassen, 2004; André, 2004; Carvalho, 2001; Garcia, 1999; Goldman, 2003; Lima, Dupas, Oliveira & Hakehashi, 1999; Mattos, 2005; Neto, 2005; Rocha & Eckert, 1998), por esta nos permitir uma descrição densa da realidade e

um conhecimento melhor da cultura estudada. Além do mais, era importante saber a percepção que o professor colaborador trazia da experiência que ele viveu indo à realidade do educando pobre, e ainda o que permanecia ou o que mudava na concepção desse professor.

Neste caso, a investigação demandou um trabalho do tipo etnográfico, em fases organizadas em espiral, conforme Barbier (2004) essas fases são: “de planejamento, de ação, de observação e de reflexão, depois um novo planejamento da experiência em curso” (p. 60). Dessa forma, busquei responder aos objetivos propostos, aos seus verdadeiros significados diante da realidade vivida, permitindo, ainda, inserir-me nesta realidade de pesquisa.

Essa concepção, conforme André (2004), “visa sempre implementar alguma ação que resulte em uma melhoria para o grupo de participantes, geralmente pertencentes às classes economicamente desfavorecidas” (p. 33). Possibilitou-me, ainda, um “contato direto do pesquisador com a situação pesquisada”, visando “reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária” (Ibidem, p. 41), através da observação participante, da entrevista intensiva e da análise de documentos. Com isso busquei realizar um trabalho flexível e aberto, em que os passos foram constantemente revistos, reavaliados e repensados. Isso era necessário para que o conhecimento gerado através da prática participativa possibilitasse novas interações com os colaboradores.

Por estar imerso na realidade pesquisada e implicado nela, isso permitiu-me ser um observador participante completo, pois como afirma Barbier (op. cit.): “o pesquisador ou está implicado desde o início, porque já era membro do grupo antes de começar a pesquisa; ou ele se torna membro do grupo por conversão, porque provém de fora” (pp. 126-127). Macedo (2006) confirma esta implicação inicial quando “o pesquisador emerge dos próprios quadros da instituição e dos segmentos da comunidade, recebendo destes a autorização para realizar estudos em que a realidade comum é o próprio objeto de pesquisa” (p. 101). Sobre esse aspecto, tanto fiz parte do quadro da instituição, na qualidade de gestor, como oriundo de comunidade e de família pobres.

Sendo assim, como observador participante completo, procurei descrever a situação, compreendê-la, revelar seus múltiplos significados, constituindo assim, uma interação com a situação estudada. Portanto, a observação participante é assim chamada, de acordo com André (2005) “porque se admite que o pesquisador

tenha sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado” (p. 26). Deixando, assim, que o leitor atento, à luz da sustentação teórica, faça suas próprias interpretações.

Por meio do contato direto com a realidade escolar, na situação de pesquisador engajado, tive uma aproximação intensiva e pude documentar o viés educativo, bem como a idiosincrasia dos atores sociais, documentei o não-documentado, peregrinando nos encontros e desencontros da educação inserida no Colégio, bem como compartilhando as histórias de vida do docente. Pois, na pesquisa etnográfica, segundo André (ibidem):

O pesquisador é o principal instrumento na coleta e análise de dados, é possível manter um esquema aberto e flexível que permita rever os pontos críticos da pesquisa, localizar novos sujeitos, se necessário, incluir novos instrumentos e novas técnicas de coleta de dados, aprofundar certas questões, ainda no desenrolar do trabalho (p. 28).

Assim, essa modalidade de pesquisa permitiu a mim, como pesquisador, visão ampla e integrada da unidade social explorada. Essa foi uma das razões, inclusive, que me levaram a escolher o método etnográfico como estudo da prática do cotidiano escolar, com suas linguagens, modos de agir e de pensar dos colaboradores da pesquisa. Sistematizei, enfim, o fazer do cotidiano pedagógico, como bem observa André (2004):

Formas de organização do trabalho pedagógico, estruturas de poder e de decisão, níveis de participação dos seus agentes, disponibilidade de recursos humanos e materiais, enfim toda rede de relações que se forma e transforma no acontecer diário da vida escolar (p. 42).

Um dos conceitos que não perdi de vista foi o de cultura, pois a apreensão e a descrição dos significados culturais dos sujeitos foram relevantes no escopo da pesquisa. Dessa forma, a contribuição do conceito de cultura elaborado por Geertz (1989) foi significativa, pois ele diz: “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; [...] como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (p. 4). Foi neste conceito que esteve contido o lastro de meu trabalho do tipo etnográfico, com valores, concepções e significados trazidos pelos colaboradores.

O Colégio Cristão do Nordeste como estudo de caso a ser estudado foi essencial, por aprofundar a descrição de determinada realidade escolar, o que

possibilitou que os objetivos atingidos permitissem a formulação de hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas, dentro da etnografia. Esse método levou em conta, portanto, os colaboradores na unidade educacional, consistindo numa descrição e análise detalhadas para compreensão profunda da realidade singular.

Assim, ao realizar uma pesquisa qualitativa através da etnografia, objetivei fazer um percurso pela imersão da cultura (Freire, 2003a). E de qual cultura eu estava pautado? Não era cultura com “C” maiúsculo, elitizada, de uma pessoa culta, letrada, mas falo de uma cultura de raízes (Brandão, 2002a), em que se meu colaborador come a farofa de ovo no café da manhã, e eu estou imerso nesta realidade, não tenho nenhuma resistência em aceitar o mesmo prato. Compreendi então que, o etnógrafo, fazendo a sua imersão, esparramou-se e misturou-se no contexto pesquisado.

Para preservar o rigor científico no percurso da pesquisa, pela sua complexidade e familiaridade com o pesquisador, ora imbricando-se sujeito e objeto de estudo, precisei distanciar-me como pesquisador participante, não me neutralizando, mas entrando na lógica do “*estranhamento*”, como bem define André (2004), no “esforço sistemático de análise de uma situação familiar como se fosse estranha” (p. 48). Em um outro texto esta mesma autora complementa como “um esforço deliberado de distanciamento da situação investigada para tentar apreender os modos de pensar, sentir, agir, os valores, as crenças, os costumes, as práticas e produções culturais dos sujeitos ou grupos estudados” (2005, p. 26). Assim, como gestor do Colégio, demandou de mim objetividade na participação, cuidados necessários para não analisar dados ou fazer juízos de valor a partir de meus pressupostos ou crenças pessoais.

Na verdade, no decorrer do processo da pesquisa essa relação tradicional de sujeito-objeto foi sendo “progressivamente convertida em uma relação do tipo *sujeito-sujeito*, a partir do suposto de que todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber” (Brandão, 2005b, p. 261). Na tentativa de elaborar uma síntese entre sujeito e objeto de estudo, a identidade construída a partir disso fez com que o pesquisador, segundo Demo (2004), devesse “manter uma certa distância estratégica metodológica, mas, fazendo parte do projeto comunitário, não teria como separar de maneira estanque sujeito e objeto” (p. 21).

Para iniciar a pesquisa de campo, antes de fazer o convite para os colaboradores da pesquisa, enviei um pedido de autorização, por e-mail, ao Diretor

Presidente das mantenedoras da instituição educacional pesquisada, pessoa a qual responde juridicamente pela instituição e que, de imediato, gentilmente nos autorizou. No entanto, antes de iniciar a pesquisa de campo, quis fazer a Qualificação do Projeto de Dissertação, para isto, meu orientador de pesquisa solicitou a Secretaria do Mestrado, através de um Requerimento à tramitação oficial da Qualificação (consulte o Anexo A), concomitantemente com o encaminhamento de composição da Banca de Qualificação (consulte o Anexo B).

Logo após a aprovação do Projeto de Pesquisa pela Banca de Qualificação (consulte o Anexo C), o estudo e a coleta de dados foram iniciados. Posteriormente, aguardei o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (COÉTICA), órgão vinculado à Universidade de Fortaleza, pois a nossa pesquisa envolvia seres humanos. Este parecer (consulte o Anexo D) só veio em 26 de setembro de 2006, sob o número 287/2006, quando já havia iniciado os encontros de Terapia Cultural.

2.4 Produção de Dados

Para a coleta de dados usei, durante todo o percurso da pesquisa, registros de diário de campo feitos por mim e pelos professores pesquisadores co-etnógrafos, sob a observação participante. Na verdade, até este momento de minha escrita, temos assistido a uma “produção de dados”. Este termo é justificado por Rey (2005) quando nos diz que:

Não há nenhum sentido em continuar definindo a coleta de dados como uma etapa da pesquisa: em primeiro lugar, porque realmente os dados não se coletam, mas se produzem e, em segundo lugar, porque o dado é inseparável do processo de construção teórica no qual adquire legitimidade (p. 100).

Assim, imbricados com o processo da pesquisa fomos, eu e meus colaboradores, produzindo nosso conhecimento. A partir de agora, portanto, faço uso do termo “produção de dados” como sinônimo de “Coleta de dados”, pois achei mais pertinente do que vínhamos desenvolvendo na trajetória desta pesquisa.

Os professores colaboradores do Colégio Cristão do Nordeste participaram como co-etnógrafos para descreverem a história de vida dos alunos pobres do Colégio. Esses educadores (doze no total) foram, ao mesmo tempo, pesquisadores e informantes desta pesquisa. De acordo com Rey (ibidem), portanto, foram

“informantes-chave”, pois, foram “aqueles sujeitos capazes de prover informações relevantes que, em determinadas ocasiões, são altamente singulares em relação ao problema estudado” (p. 111), e acrescenta: “o sujeito é uma unidade essencial para os processos de construção na pesquisa qualitativa” (p. 113).

Confirmada a Autorização da pesquisa de campo, pela Instituição pesquisada, apresentei o Projeto de Pesquisa aos professores numa reunião pedagógica do Colégio, que de acordo com o calendário escolar, sempre acontece num sábado de cada mês do ano letivo em vigor.

Explicitarei os objetivos, esclarecendo que seriam escolhidos 12 (doze) professores, daqueles que fizessem adesão voluntária, três de cada segmento: Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio. Com isso equalizaremos a quantidade nos referidos segmentos, considerando que esse número era o ideal para uma pesquisa qualitativa. Adiantei que esses encontros seriam quinzenais ao longo de quatro meses: de agosto a novembro do segundo semestre de 2006, mas se houvesse necessidade, prorrogaríamos mais quatro encontros para o mês de dezembro. Esclareci, ainda, que os participantes do grupo de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos teriam sua identidade resguardada sob a forma de sigilo e que ao longo do processo dos encontros os professores teriam a liberdade de desistirem, se desejassem.

Em seguida, distribuí uma Carta-convite (consulte o Apêndice B) seguida do Consentimento Livre e Esclarecido de interesse em participar da pesquisa a todos os 42 (quarenta e dois) professores presentes à reunião. Como houve mais de três voluntários colaboradores por segmento, foi realizado um sorteio na presença do grupo dos 20 (vinte) professores voluntários, quando, finalmente, constituiu-se o grupo de 12 (doze) professores colaboradores (Barbosa, 2003). Esta adesão foi feita livre e espontaneamente pelos participantes. Acreditei, portanto, que isso possibilitou facilmente o preenchimento das vagas por segmento.

Assim, os professores colaboradores participaram de um grupo formado através da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos (Cavalcante Jr., 1999/2000). Naquela ocasião, puderam dialogar acerca de sua cultura e como esta influenciava nos seus relacionamentos, sobretudo, em sala de aula. Além do mais, entendi que, pela perspectiva da pesquisa etnográfica, estaria voltado “para os valores, as concepções e os significados culturais dos atores pesquisados, tentando compreendê-los e descrevê-los e não encaixá-los em concepções e valores do

pesquisador” (André, 2004, p. 46). Esse grupo foi organizado a partir dos pressupostos dos Círculos de Cultura (Freire, 2003a), da Terapia Cultural (Spindler & Spindler, 1994; Spindler, 1999), e dos Círculos de Letramentos (Cavalcante Jr., 2003). Sobretudo, pela influência muito rica dos Círculos de Cultura, não somente por estes terem influenciado aqueles, mas pela própria intenção do autor da pesquisa de “desierarquizar” os tradicionais papéis desempenhados na escola, no caso, no meu lugar de gestor-pesquisador. Assim, coloquei em prática o vaticínio de Freire (2003a): “Em lugar de professor, com tradições fortemente ‘doadoras’, o *Coordenador de Debates*. Em lugar de aula discursiva, o *diálogo*. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o *participante de grupo*” (p. 111).

Antes de iniciarmos os Encontros da Terapia Cultural sentimos a necessidade de nos reunir, para agendarmos as possíveis datas. Com isso, ganhamos um tempo precioso no primeiro encontro de Terapia Cultural, pois só este pré-encontro demandou 1h10min (uma hora e dez minutos), para discussão do calendário das reuniões ordinárias.

No Projeto de Pesquisa existia a possibilidade dos encontros serem ampliados para até 12 (doze), dependendo das necessidades que emergissem no grupo, para não interromper, prematuramente, algum processo de construção que o próprio grupo estivesse estabelecendo. E realmente foi preciso acrescentar e prorrogar 1 (um) encontro para o mês de dezembro.

Formado o grupo, assim, realizamos 9 (nove) encontros ao longo do segundo semestre de 2006, de agosto a dezembro, com datas e horários marcados de acordo com a disponibilidade dos participantes.

Também foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, através de um roteiro aberto (consulte o Apêndice C); pois justifica Rey (2005) que: “o questionário mais usado nesta aproximação à pesquisa qualitativa é o de tipo aberto que, igual à entrevista, permite a expressão do sujeito em trechos de informação que são objetos do trabalho interpretativo do pesquisador” (p. 52). Isso me oportunizou a introduzir novas perguntas ao roteiro proposto, permitindo aos colaboradores respostas sob suas perspectivas pessoais. O roteiro básico da entrevista foi um recurso para o maior número de apreciações sobre a natureza da opção preferencial pelos pobres na Instituição pesquisada, no que tange a representação de pobreza como privação das potencialidades humanas.

As entrevistas realizadas por mim foram relatadas o mais próximo possível de sua ocorrência para que não perdêssemos detalhes importantes. As entrevistas foram realizadas com dois diretores-executivos, responsáveis pelas áreas jurídica e social da instituição pesquisada, pois foram interlocutores considerados “testemunhas privilegiadas”, como afirma Quivy e Campenhoudt (1992): “Trata-se de pessoas que, pela sua posição, pela sua acção [sic] ou pelas suas responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema. Essas testemunhas podem pertencer ao público sobre que incide o estudo ou ser-lhe exterior, mas muito relacionadas com esse público” (p. 69). O objetivo dessas entrevistas, portanto, fora saber os reais motivos os quais levaram a Instituição a fazer uma opção preferencial pelos estudantes pobres.

Levei o questionário semi-aberto para a entrevista no intuito de ampliar a conversa com os interlocutores, pois como afirma Szymanski (2004): “para o pesquisador iniciante, é interessante levar já preparadas as várias versões da questão desencadeadora, para que não mude sua formulação essencial, referente ao fenômeno que deseja estudar, no caso do participante solicitar esclarecimentos” (p. 29).

Interessante notar que o desafio para mim, como pesquisador, foi o de saber ouvir. Nesse sentido, conforme ensina Brandão (2003): “não existe método de trabalho em pesquisa junto a pessoas humanas que substitua a sabedoria da escuta. Se você a tem ou a desenvolve, qualquer bom método serve. Se não, qualquer um atrapalha” (p. 135). É a “escuta sensível” da qual descreve Barbier (2004): “trata-se de um ‘escutar/ver’ que toma de empréstimo muito amplamente a abordagem rogeriana em Ciências Humanas, mas pende para o lado da atitude meditativa no sentido oriental do termo. A escuta sensível apóia-se na empatia” (p. 94).

Já em fase de término dos encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, como produção de dados durante a pesquisa, houve a manifestação por parte dos professores co-etnógrafos de que pudesse haver o envolvimento de outros docentes e serem trabalhadas as histórias de vida deles. Portanto, na última reunião pedagógica do Colégio do ano letivo expus aos professores a proposta de construirmos juntos uma Jornada Pedagógica para o ano seguinte, centrada nas histórias de vida dos professores. Apresentei um esboço dessa jornada, construído por mim e a equipe técnica pedagógica do colégio, bem como, com todas as

sugestões do oitavo encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, advindas dos professores co-etnógrafos. Expus a proposta do tema “Em busca da identidade docente: a construção de si na autobiografização”, bem como o subtemas a serem trabalhados no decorrer dos dias e as respectivas vagas. Expliquei também o motivo pelo qual alguns professores já estavam inscritos, pois eram os professores colaboradores co-etnógrafos.

A proposta aos poucos foi sendo assumida pelos professores, à medida que iam se disponibilizando para partilharem suas ricas experiências, sejam elas em algumas comissões de preparações, seja em seminários, orações, alimentação, dinâmicas de grupo, ornamentação, apoio didático e infra-estrutura. Alguns professores tiveram seus nomes apontados por colegas e isto foi significativo, pois houve o reconhecimento e a valorização do potencial do outro; imediatamente 43 (quarenta e três) professores e funcionários de apoio pedagógico e administrativo se posicionaram disponíveis, de um total de 63 (sessenta e três) pessoas presentes naquela ocasião. A professora colaboradora da pesquisa, Lena, se prontificou a esclarecer algumas dúvidas depois, mediante sua experiência vivida na Terapia Cultural. Seu posicionamento foi aprovado pelo grupo. Os demais professores co-etnógrafos também se dispuseram a ajudar os outros colegas na construção daquela Jornada.

A proposta da participação dos professores ativamente nessa Jornada foi ousada, inovadora e necessária, conforme avaliação verbal de alguns professores, pois era uma grande contradição incentivá-los a um real compromisso, quando se ignorava o lado humano e o seu potencial. Lembrou-se de que sempre o ano letivo se iniciava com o mesmo ritual estéril e “bancário” da formação docente até então. Foi com o intuito de a comunidade educativa sentir-se participante da pesquisa e com ela posteriormente aprofundar, ampliar e transformar a realidade vivida, que topamos fazer uma jornada pedagógica autoformativa.

Além da Jornada Pedagógica, cinco professores se engajaram para apresentarem trabalhos científicos, através de comunicação oral, em um Colóquio Internacional sobre História e Memória da Educação. Três deles advindos da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos narraram suas histórias de vida, e outros dois que apresentaram juntamente comigo a experiência da Jornada Pedagógica do Colégio Cristão do Nordeste, do ano de 2007, como evento autoformativo do docente, pela autobiografização.

Outrossim, outros colaboradores puderam ser entrevistados por mim, embora de maneira bem informal. Isso foi feito com o fim de que pudesse compreender a opção institucional, nesse colégio, da prioridade da educação para as crianças e jovens pobres da cidade.

2.5 Análise dos Dados

Todas as mensagens foram vistas como conteúdo, sejam gestuais, silenciosas, figurativas, documentais ou diretamente provocadas. Elas deram sentido à linguagem expressa pelos colaboradores. Trazendo, portanto, para o interior de nossa pesquisa a construção de si mesmo, pois de acordo com Rocha e Eckert (1998): “a constituição do ‘si-mesmo’ do etnógrafo com ‘um outro’, confrontado na escritura de seu texto com o lugar de autoria/autoridade de sua produção teórico-conceitual, segundo uma hermenêutica da existência, na impossibilidade do tratamento impessoal da identidade no plano conceitual” (para. 18). Nessa perspectiva, Franco (2005) também ratifica esse pensamento, dizendo que: “o sentido implica a atribuição de um significado pessoal e objetivado, que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das Representações Sociais, cognitivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizada” (p. 15).

Mas, o grande material para análise de dados foram os discursos produzidos na Terapia Cultural, bem como as linguagens expressas nos textos-sentido. Esses textos são assim definidos, conforme Cavalcante Jr. (2003, p. 64), como uma escrita que “pode acontecer através das múltiplas linguagens disponíveis no repertório comunicacional” da pessoa. Pois:

Pede-se ao leitor que saia da postura de receptor de um texto e passe a expressar seu próprio texto, de forma autêntica e espontânea, em reação ao texto evocativo. [...] O texto-sentido pode ser escrito com qualquer forma de linguagem, dependendo dos recursos de letramentos disponíveis para o autor (Idem, 2005a, pp. 24-25).

Com efeito, os textos-sentido devem ser compreendidos como importante elemento do método aplicado durante a Terapia Cultural. Nele os integrantes ficaram livres para agirem de forma espontânea na produção de seus próprios textos, onde o que importava eram os sentimentos evocados. O mesmo “consiste numa primeira fase da escrita, uma escrita de primeira versão, onde uma idéia seminal é registrada

por meio e uma forma de linguagem” (Ibidem, p. 25). São textos que fizeram os autores se implicarem com a sua própria linguagem, assumindo a autoria de forma autêntica.

À medida que foram surgindo as narrativas dos colaboradores, sendo a maioria delas evocada a partir de imagens trazidas como recorte cultural pelos professores, através da fotografia. O que refinadamente Achutti e Hassen (2004) chamara de “fotoetnografia”, esta “como sendo uma das formas de etnografia que utiliza a fotografia como meio de penetrar, apreender e relatar (no sentido de narrar) a cultura e os valores” (p. 287). Essas narrativas foram transcritas através de textos-sentido. Assim, fui categorizando-as a fim de que pudessem facilitar meu trabalho de análise e interpretação de dados. No percurso da pesquisa também surgiram as categorias de análise, algumas macrocategorias, advindas dos temas discutidos nos encontros.

Ainda no que diz respeito à análise dos dados, elegi uma professora colaboradora como estudo de caso, este amplamente analisado no Capítulo 4 desta dissertação.

Reforço ainda que, nos encontros, a partir do que foi evocado pelo grupo, além dos textos-sentido como ferramenta útil à produção de dados para a pesquisa, pedi textos autobiográficos. A observação participante, reflexões dialógicas foram meios, também, de produzir (coletar) dados. Gravei, no entanto, todas as falas por meio de gravador de MP3⁷ e, posteriormente, foram transcritas por uma assistente de pesquisa, em transcrição absoluta. De acordo com Meihy (2006) “Transcrição Absoluta é a passagem completa, com todos os detalhes sonoros, da entrevista gravada para a escrita” (p. 150). Assim sendo, ganhei um tempo precioso para me dedicar à interpretação e à triangulação dos dados.

Os textos escritos foram lidos por mim e foram acrescentadas algumas situações observadas que não tinham sido registradas nas falas. Mesmo que todos os encontros tivessem sido gravados na íntegra, através de áudio, tive papel, tipo caderneta de anotações, à minha disposição, para registrar os pormenores observados e relevantes à pesquisa.

⁷ MP3 é uma sigla de *Moving Picture Experts Grup 1* (MPEG) *Audio Layer 3*. Trata-se de um arquivo de computador extremamente comprimido. Este formato é utilizado para a gravação de áudio.

Em outros termos: usei o diário de campo, pois me possibilitou, como pesquisador, compreender como meu imaginário estava implicado nesta pesquisa, tornando-me cômico na caminhada da autoformação, constituindo-me sujeito entre outros sujeitos colaboradores (Macedo, 2006).

Fiz análise de documentos institucionais, tais como: Missão Educativa da Instituição, Capítulo Geral dos membros da instituição, Projeto Político Pedagógico Pastoral, Regimento Interno, Atas de reuniões dos Conselhos Diretor e Pedagógico, Atas de reuniões de pais. Afinal, “documentos são muito úteis nos estudos de caso porque complementam informações obtidas por outras fontes e fornecem base para triangulação dos dados” (Barbier, 2004, p. 53).

Ao final do percurso metodológico não me satisfiz em “coletar” apenas dados e devolver resultados à comunidade educativa, pois talvez isso relegasse a alguns esconderijos de gavetas, onde as traças a contemplassem. Pelo contrário, a partir do que a pesquisa apontou, pude fazer um trabalho cada vez mais participativo, cooperativo e solidário para saber pensar e intervir juntos (Brandão, 2003; Demo, 2004).

Nesse sentido de participação, tive o cuidado de não perder meu senso crítico durante o percurso da pesquisa, pois foram valiosas as contribuições de todos os colaboradores, sejam eles os professores co-etnógrafos, sejam os educandos escolhidos por eles, assim como também os diretores executivos entrevistados. Pois valeu o alerta de Quivy e Campenhoudt (1992): “Depois de uma longa participação na vida de um grupo pode desgastar a lucidez do investigador. Deixa de notar o que deveria surpreendê-lo e os sentimentos que ligam a alguns membros do grupo podem comprometer o seu espírito crítico” (p. 83).

Fundamentado nesse conteúdo, publiquei esta pesquisa através da redação de uma dissertação, um capítulo de livro (Dantas & Cavalcante Jr., em produção), uma apresentação no “Mundo UNIFOR” (Dantas & Cavalcante Jr., 2006), dois artigos em periódicos científicos (Dantas & Cavalcante Jr., 2007a, 2007b) e duas apresentações em congressos com anais (Dantas & Cavalcante Jr., 2007c; Dantas, Cavalcante Jr., Santos & Freitas, 2007).

Acreditando que todos os envolvidos puderam lograr êxito e a partir disso buscar, cada vez mais, uma educação significativa, em que pudesse haver o pleno desenvolvimento humano com todas as suas potencialidades.

Esta pesquisa ajudou-me, sobremaneira, a compreender a idéia que o professor tinha, a partir da experiência que ele vivenciou, da realidade do estudante pobre, o que permaneceu ou o que mudou na concepção desse professor acerca do estudante em situação de vulnerabilidade social. Assim, na opinião de Castejón (1983): “para educar na opção pelos pobres será necessário, pois, conhecê-los pessoalmente. Não se opta por abstrações, por problemas sociais ou por estatísticas, por mais dilacerantes que sejam” (p. 10). Ajudou, portanto, ao professor a conhecer mais de perto o estudante a quem ele servia e, possivelmente, ampliou as suas capacidades de ensino e aprendizagem para o benefício de ambos.

Por fim, a etnografia me deu condições, junto à Terapia Cultural, de me ver como um outro, mas visto por mim, primeiro; possibilitou-me enxergar com a lente do outro. Assim, de acordo com Macedo (2006): “a necessidade de ir ao encontro do ponto de vista do outro para, a partir daí, interpretar suas realizações” (p. 64).

Portanto, o maior beneficiado com a pesquisa foi o próprio pesquisador. Retornei para meu campo de pesquisa com uma pesquisa etnográfica e transformadora. Entendendo, agora que ela me transformou e transformou os seus envolvidos diretamente. Com isso, essa sensibilidade de ler o gestual, as ações do cotidiano das pessoas, enriqueceu também esta pesquisa. Tentei ao longo de nossos encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos não trazer as lentes da pesquisa científica positivista, e optei como dito antes, por uma pesquisa qualitativa, cuja ênfase recaiu na descrição densa e pormenorizada dos fenômenos observados pelo pesquisador.



FIGURA 13 – Desenho de John.

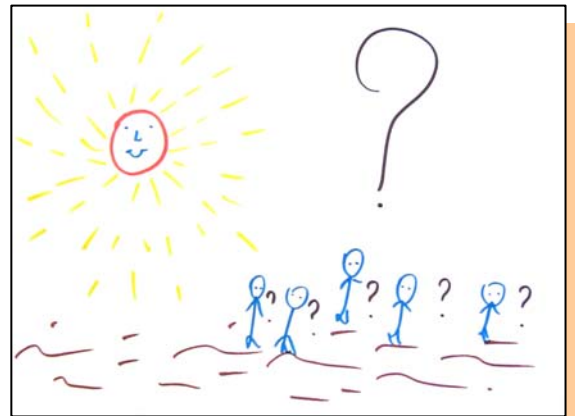


FIGURA 14 – Desenho de Mélore.

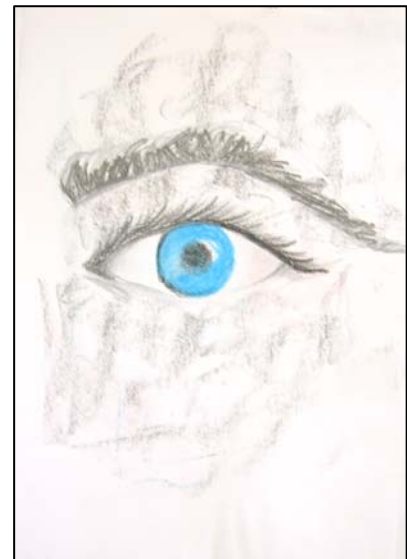


FIGURA 16 – Desenho de Neet.



FIGURA 15 – Desenho de Lena.

Capítulo 3

PERCURSO TERAPÊUTICO

*O fruto mostra o cultivo da árvore,
Como a palavra do homem faz
conhecer seus sentimentos.*

(Eclo 27, 6)

3.1 A Terapia Cultural em Círculos de Letramentos

Durante a produção de dados, optei como via de chegar ao contexto cultural do docente, pelo veio do estudante pobre, o formato de grupo através da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Interessante, portanto, apresentar ao leitor o que é a Terapia Cultural. Ela foi desenvolvida pelo casal de antropólogos norte-americanos George e Louise Spindler, na década de 1960, para ajudar as pessoas a tomarem consciência de suas experiências opressoras e dominadoras, tornando explícitos os valores culturais (Cavalcante Jr., 1999/2000). A despeito disso, os próprios Spindler e Spindler (1994) definem a Terapia Cultural como sendo:

Um processo que traz a cultura de uma pessoa, em suas múltiplas formas – crenças, preconceitos, aspirações, valores e modos de comunicação – a um nível de consciência que permita a uma pessoa percebê-la como uma forte tendência que influencia na sua interação social e na aquisição ou transmissão de habilidades e conhecimentos – o que mais tarde nos referimos como “competências instrumentais”. Ao mesmo tempo em que a cultura de uma pessoa é trazida a esse nível de consciência, ela é percebida em relação à cultura do “outro”; facilitando, assim, a identificação de potenciais conflitos, mal-entendidos e “pontos cegos” na percepção e interpretação de comportamentos. A cultura de uma pessoa, bem como a cultura do “outro”, se tornam uma “terceira presença”, distante de alguma forma da pessoa, para que as suas ações possam ser compreendidas como sendo “causadas” pela cultura e pela interação com o “outro” e não pela personalidade de uma pessoa (pp. 3-4).

Esses encontros oportunizaram uma imersão dos professores em suas realidades culturais, a partir dos contextos dos alunos, conscientizando-se de suas posturas, sobretudo dentro de suas salas de aula. A esse respeito, a professora Sofia relata:

Ao penetrar na esfera dos problemas de vida dos nossos alunos, agora não dá mais para continuar passiva diante de todo contexto vivido. Hoje sei que o meu aluno é uma construção histórica e cultural, que tem condição de aprender o legado cultural que a humanidade construiu. Através da educação e de minhas práticas e intervenções pedagógicas posso fazer muito por ele, pois acredito e aposto no potencial de cada um. [...] Tenho em minhas mãos, uma grande responsabilidade de fazer algo para transformar a realidade vivida por muitos alunos. Como professora, sei que preciso ser mediadora entre os alunos e o conhecimento a ser conquistado, facilitando sua aprendizagem.

Assim sendo, a utilização das narrativas feitas pelos professores durante os encontros, foram se constituindo uma das alternativas para que pensassem sobre as suas realidades intersubjetivas, bem como suas realidades culturais, na tentativa de buscar caminhos para a ação docente e que possam se constituir no docente, a partir de seu contexto cultural. Para isto, foram utilizados textos dos mais variados gêneros, com o objetivo de evocar nos professores reações em forma de pensamentos, idéias e sentimentos. Nessa reflexão eles sempre foram orientados pela pergunta: “*O que esse (con)texto me faz lembrar, pensar ou sentir?*”.

Para facilitar o trabalho no que se refere à partilha de vida dos professores, fiz uso do método da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Esses Círculos me possibilitaram a liberdade de comunicação e expressão no contexto democrático da pesquisa. Isso legitima o que o criador do método, Cavalcante Jr., (2003, pp. 34-35), afirma e enfatiza sobre os Círculos de Letramentos, como sendo os espaços onde:

As pessoas partilham as suas múltiplas ferramentas de leitura e composição de mundo em busca de sentidos para as experiências vividas nos seus cotidianos [...] servem de espaço para o cultivo dos seus múltiplos potenciais, valorizando, sem julgamentos, tudo o que são e sabem.

À medida que avançávamos nos encontros, percebia o desvelar dos professores no que concerne às suas vidas, pois possibilitava-lhes plena liberdade de expressão. O diálogo estabelecido com esses professores, deram-nos a visibilidade de suas narrativas como (re)construção de caminho metodológico de investigação e elemento de formação para a autonomia docente, além de “compreender os significados culturais atribuídos” pelos professores em suas realidades (Canen, 2001, p. 209). Em outros termos Cavalcante Jr. (op. cit.) justifica que:

A prática psicoeducativa libertadora de empoderamento humano, que através das múltiplas formas de expressão estética da palavra – dança, escrita, música, pintura, teatro, dentre outras – visa a desvelar os potenciais oprimidos no ser humano, para a sua livre comunicação e expressão de idéias, pensamentos e sentimentos, capacitando-o como agente de trans-form-ação pessoal, grupal e social. (p. 13).

Dessa forma, as narrativas autobiográficas foram resgatando a voz interior do sujeito-professor, possibilitando, através da memória, o resgate de seus contextos culturais, a partir do que eles trouxeram da imersão no campo, como pesquisadores co-etnógrafos. Tal observação vem complementar as falas de algumas professoras colaboradoras:

Esta experiência singular levou-me principalmente a rever e questionar minha prática educativa e refletir qual o real papel da educação na sociedade, até que ponto ela está contribuindo para o crescimento e realização da pessoa humana. Ou não estará a educação contribuindo cada vez mais para o desânimo, a alienação, a exclusão e as injustiças? Será que eu como educadora, estou respeitando e levando em conta a história de vida dos meus alunos, suas diferenças, suas culturas tão diferentes, mas tão ricas e significativas, suas inúmeras e diversas capacidades, seus sonhos, anseios e angústias? Estou eu estimulando-os a prosseguir ou encorajando-os a desistir? (Teresa).

Foi exatamente com as histórias reveladas durante todo o processo que percebi o meu crescimento em relação a minha postura como colaboradora, educadora e acima de tudo como pessoa, pois aprendi a ter mais sensibilidade, a valorizar cada ser humano resgatando de quem descobre o aprendiz, no diferente, no igual (Mélora).

Neste resgate, o professor colocou em evidência histórias individuais e coletivas, saberes culturais, enfim, que delineiam sua identidade docente. Utilizaram-se, também, de perspectivas que considerei como sendo um constante processo de formação que teve início nas experiências prévias de suas vidas, e que continuam com a formação enriquecendo-se nas ações, na trajetória de suas vidas, na medida em que, estes professores teciam, em suas realidades, elementos teóricos, práticos e subjetivos na construção de suas práticas docentes.

Observando o cotidiano do aluno e partilhando as suas observações durante os encontros, os doze professores colaboradores percorreram a sua formação, potencializando-se como sujeitos da práxis educativa (Freire, 2003c), centrada na ação-reflexão-ação, numa perspectiva significativa das experiências de suas práticas. Esta prática de formação vinculada às histórias de vida como ferramenta de

formação, possibilitou-nos, na qualidade de pesquisador terapeuta e professores colaboradores, um diálogo permanente entre a identidade do educando e sua relação com o processo formativo do docente, bem como de sua vida como um todo. Nesse momento acontecia a Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Sobre este aspecto, Cavalcante Jr. (1999/2000, p. 18) vem complementar que:

[...] Esse método encoraja o participante a se comunicar e se expressar com suas múltiplas ferramentas intrínsecas. Nos Círculos de Letramentos, os participantes partilham as ferramentas que trazem consigo, aquelas que há muito tempo já existiam dentro de si, mas que não haviam encontrado ainda espaço seguro para serem mostradas. [...] **Esses momentos, além de serem terapêuticos, trazem crescimento para os participantes** (negrito meu).

Nos encontros citados, só havia uma regra a seguir – o não julgamento de si mesmo e do outro (Cavalcante Jr., 2005a) - o que oportunizou ao grupo maior confiança no pensar, no escrever e no falar, sem medo de julgamentos. Os mesmos foram mediados pela leitura e produção de textos-sentido sobre o que foi evocado nos encontros anteriores. A esse respeito, interessante o sentimento do não julgamento expresso pelas professoras colaboradoras:

[...] Aprendi muito com meus doze colegas de Terapia e com as doze crianças que pesquisamos. Hoje, tenho certeza que me conheço ainda mais como pessoa, profissional, filha ou como colaboradora. Para ajudar o meu próximo quando necessário, com tudo que aprendi e ouvi do outro, respeitando seus limites, sem julgamentos, pois sinto-me mais segura e mais madura com relação aos meus pensamentos e opiniões (Irlidênia).

Aprendi a não julgar, a observar, captar ações e entender o porquê. Descobri que ninguém pode conquistar o mundo de fora se não aprender a conquistar o mundo de dentro... Ninguém pode brilhar no palco do mundo se não brilhar no palco de sua própria vida (Sofia).

A convivência junto ao grupo de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos me proporcionou esta nova forma de olhar, além da aparência dos meus alunos e sem julgamentos (Isadora).

Chorei muito e pedi forças a Deus para não desistir. Não foi fácil o reencontro comigo mesma e conhecer o coração daqueles que todos os dias cruzavam meu caminho. A todo o momento eu ficava me avaliando e me questionando. Tudo mudou no meu cotidiano. Passei a observar tudo e todos só que com uma diferença (sem julgamentos), o que não é fácil, porque humanamente em alguns momentos se tem vontade de explodir com pessoas que não têm sequer humildade de tratar os outros (Jaque).

Estabeleceram-se, então, uma magnífica teia de emoções, memórias que provocaram transformações oriundas do autoconhecimento de cada participante do grupo. Sobre esse aspecto, Cavalcante Jr. (ibidem, p. 24) nos diz:

Existe apenas uma regra, que consiste em não julgar depreciativamente a suas idéias, pensamentos e sentimentos e nem as dos outros [...] essa segurança compartilhada por todos possibilita a construção de um ambiente acolhedor às múltiplas expressões humanas.

Em outras palavras, cada integrante da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos foi motivado “a tornar-se autor dos seus próprios pensamentos, idéias e sentimentos, sem o medo do julgamento, assumindo-se plenamente como agente de “trans-form-ações” (ibidem, p. 27).

Com efeito, a Terapia Cultural em Círculos de Letramentos possibilitou aos participantes uma compreensão de si mesmo e do outro em suas manifestações culturais. As narrativas ali construídas deram vida aos participantes, permeadas pelo viés dialógico e terapêutico de formação. Mesmo que isso fosse permeado pelas histórias de vidas dos outros, como espelho de suas próprias vidas. A esse respeito Spindler (1999) adverte: “O aspecto essencial é que o espelho do comportamento e das posturas de alguém enquanto professor é mantido para ser visto e refletido em interação com o etnógrafo/terapeuta” (p. 471). Nesse sentido, na busca da construção de si mesmo, a partir ou através do outro, os professores disseram:

Outra coisa bastante marcante foi a descoberta de mim mesma. Sempre ao final da terapia eu refletia bastante, sempre me vendo no lugar do outro, buscando algo em comum, fazendo, na verdade uma terapia com meu espelho (Árvore).

Hoje, depois da terapia sinto-me fortalecida para lidar com meus sentimentos e de outras pessoas que me cercam. Aprendi a me ver através do outro. Houve momentos difíceis, de medo, angústia e fracasso. Sofri com o outro... Houve momentos alegres, sorrimos juntos, criamos vínculos, fomos cúmplices, amigos, confidentes e companheiros (Sofia).

Pelos olhares dos outros nos espelhamos em suas realidades e através dos relatos e imagens nos projetamos e nos apropriamos da vida do outro. O resultado foi a formação de um grupo coeso, fortalecido pelas experiências, análises, impactos e sentimentos comuns (Lena).

Com a Terapia Cultural estávamos envolvidos no todo, eu observei muito a Juliana, não porque ela fosse a minha colaboradora, e sim de João Marcos. Mas eu a observei com um outro olhar, eu não percebia, de repente, ela começou a participar tanto na minha aula (John).

Enriquecendo nosso pensamento, faço um recorte em relação ao estudo que Josso (2004) fez sobre a presença do outro no processo de autobiografização. A autora assim escreve:

O lugar do outro como revelador de mim mesmo e como tendo uma visão redutora do *eu*. Este outro que acolhe a minha diferença e que a ameaça, cuja presença oscila entre o medo de se afirmar e o medo de não poder fazê-lo (p. 61).

Nesse sentido, em relação aos medos e às possíveis resistências no processo de autobiografização, expressaram as professoras:

No início, meu coração disparou, as emoções tomaram conta de todos os sentimentos e pensamentos, deixando-me, às vezes, ansiosa e angustiada, pois não sabia o que falar, trêmula, pois, não sabia me expressar em público. Então, parei, respirei fundo e entreguei nas mãos de Deus tudo aquilo que meu coração palpitava e depois rezei em silêncio para acalmar-me e retornei, falando da minha família (Irlidênia).

Quando iniciei a pesquisa, pensei: “o que esse Rodolfo quer, ele está pensando que eu vou me abrir, eu vou contar, de jeito nenhum” e comecei pensando errado, vou sair pensando o correto mesmo (Mélora).

Diante do exposto, o esforço coletivo de inter-ajuda provocou nos professores e em mim, pesquisador, um sentimento de gratuidade e de partilha, de retomada do fio de nossa vida. Isso nos dava a certeza de que professores e pesquisador estávamos no caminho certo em busca de nossa autobiografização. Assim sendo, os professores co-pesquisadores tomaram consciência de suas próprias realidades e tomaram em suas mãos o projeto de capacitar cada vez mais e melhor os alunos. Em outros termos, assim se posicionaram:

À medida que conheço melhor meu aluno, também me conheço melhor. Quando me conheço melhor, sou capaz de resolver meus conflitos, me compreender, curar minhas feridas e fico mais fortalecida para lidar com os desafios alheios. Estou por demais inquieta com a aprendizagem dos meus alunos, principalmente porque sei que a educação é o único meio que eles têm de se capacitar diante da vida. Procuo diante de seus interesses dinamizar minhas aulas e despertar neles a alegria de vir a escola todos os dias para aprender. Agora penso mais ainda que à escola deva ser um espaço onde ocorrem felizes momentos de aprendizagens, onde o aluno encontre esperanças de futuro e aprenda a lidar com os desafios da vida (Teresa).

O meu dia-a-dia, como professora, mudou a minha forma de ver, pois hoje, sou mais flexível com relação a trabalhos e provas. Procuo cada vez mais, fazer rodas de conversas para ouvi-las sobre suas vidas, como é sua casa, sua família (Irlidênia).

Uma dificuldade que se apresentou durante os encontros de Terapia Cultural foi em relação ao conteúdo experienciado como aquilo que é psicoterapêutico e terapêutico cultural. No entanto, ao virem esses conteúdos para os encontros, esclareci que as dimensões mais íntimas poderiam ser trabalhadas na clínica, se assim o quisessem e pudessem, porém, estávamos (eu e os colaboradores) ali, também, para acolher as suas narrativas. Esta preocupação foi contextualizada na avaliação final dos encontros, feita pelo professor Neet. Nessa oportunidade ele indaga do que seja conteúdo da Psicologia e da Terapia Cultural:

Ela de certa forma te puxa para um desabafo e de repente ela te alimenta naquele desabafo. Aí chega um momento que tu tens que controlar aquele desabafo, tu não podes, tu tens que saber até onde é o teu limite. Eu não sei se é uma falha. Ao mesmo tempo em que ela te puxa, de repente não podes mais ir, tu não sentes a mesma coisa. Tens que trabalhar a inteligência emocional. Eu tive que controlar tudo aquilo, segurar, segurar, segurar. Aí eu volto para minha realidade. E a realidade do outro? Tive dificuldades, enfim, de fazer essa distinção.

Em outros termos, Spindler e Spindler (1994) já advertiam que: “Fazer terapia cultural, como fazemos, tem conteúdos psicológicos, mas eles não são o foco. O foco é a cultura da pessoa e o modo como ela influencia as relações [...]” (p. 4). Entendo, aqui, que todo o conteúdo expresso na Terapia Cultural foi compreendido e analisado como aquilo que move a pessoa em seu contexto cultural no qual ela está inserida. Lembro que, o educador Freire (2003a) quando trabalhou com os Círculos de Cultura, já praticava de alguma forma a terapia cultural, porém, em círculos com grupos homogêneos (oprimidos). Enquanto que, para os Spindlers (op. cit.), oprimidos e opressores deveriam dialogar no mesmo contexto de terapia. Porém, ambos usavam a palavra como ferramenta emancipadora. Daí o interesse dos Spindlers pela Psicologia como veio na Antropologia Cultural.

Todo conteúdo cultural foi relevante durante a produção de dados no escopo de nossa pesquisa, pois a(s) cultura(s) foi(ram) se plasmando em todo o contexto social inserido, através de relações muito próximas do cotidiano dos sujeitos colaboradores. Cultura aqui foi vista como toda manifestação das pessoas. Portanto,

percorrendo o conceito de cultura, a contribuição de Brandão (2002a) foi significativa, pois ele afirma que:

Tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como objetos e os utensílios da vida social representam uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos: *cultura*. O que fazemos quando inventamos os mundos em que vivemos; a família, o parentesco, o poder de estado, a religião, a arte, a educação e a ciência, pode ser pensado e vivido com uma outra dimensão (p. 22).

Para os Spindlers, no entanto, (como citados por Cavalcante Jr. & Moreira, 2002, para. 11): “cultura é um processo dinâmico que está presente e influencia as nossas interações diárias. Para eles, cultura é uma dinâmica que está presente em tudo o que fazemos, dizemos ou pensamos”. Desse modo, acrescenta Brandão (op. cit.): “cultura é conviver *com* e *dentro* de um tecido de que somos e criamos, ao mesmo tempo, os fios, o pano, as cores, o desenho do bordado e o tecelão” (p. 24).

Ao participarem do grupo de Terapia Cultural, os professores, concomitantemente, perceberam-se nos contextos dos alunos, resgatando seus próprios valores, percebendo como suas ações são interagidas pela cultura do outro. A Terapia Cultural trouxe, ainda, para os professores co-pesquisadores a consciência das realidades culturais, tanto aquelas trazidas pelo aluno como as alojadas em seus interiores.

Os testemunhos pessoais não bastaram, pois a cultura enraizada no docente e no palco da escola foi perpassada, renovada, transformada por uma corrente humanista dialógica que potencializou e libertou o docente. Em outros termos, sobre a Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, Cavalcante Jr. (1999/2000) diz que é onde os professores partilham “as suas múltiplas ferramentas de leitura e composição do mundo” (p. 18). A respeito disso, a professora Tereza diz:

Confrontar essa experiência com as vividas pelos meus colegas de pesquisa deu sentido à própria pesquisa. Lidamos diariamente com pessoas carentes (alunos), seja de comida ou de afeto. Só temos duas alternativas: fazer ou não fazer. Arrumar desculpas, mascarar a realidade não vai adiantar. À medida que nos envolvemos, que conhecemos suas histórias de vida, passamos também a nos conhecer melhor. É impossível que essa experiência não gere ética, compromisso e felicidade.

Feita nos Círculos de Letramentos, essa intervenção metodológica propiciou aos professores a construção de si, como propõe Josso (2004), em atitude reflexiva retomada na conscientização das práticas escolar e pedagógica, visando a mudanças de comportamentos, atitudes e suposições. Conscientização vista também pela óptica de Freire (2002a), pois o referido autor se refere “ao processo pelo qual os seres humanos se inserem criticamente na ação transformadora, não deve ser compreendida como uma manifestação idealista” (p. 110), alerta. Os inúmeros relatos transcritos pelos professores confirmaram essa tomada de consciência como autoformação do docente. Durante a terapeutização do professor, divisou-se a importância em lidar com o caráter formador da destruição de fronteiras que se instauram entre a vida privada e a vida pública do docente.

Finalmente, explicitados os conceitos de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, bem como os seus desdobramentos, apresento de forma resumida os principais fatos vividos nos encontros da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, com a seguinte estruturação explicitada.

3.2 Os encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos

*Porque a boca fala daquilo de que
o coração está cheio.*

(Mt 12, 34)

3.2.1 Primeiro Encontro

Todos os professores chegaram até dez minutos antes de iniciar o Encontro, muito animados e ansiosos do que iria surgir a partir daquele momento. A sala estava devidamente arrumada para recebê-los. Fiquei, inicialmente, um pouco nervoso, pois como afirma Macedo (2006): “o trabalho de campo implica uma confrontação pessoal com o desconhecido, o confuso, o obscuro, o contraditório, o assincronismo, além dos sustos com o inusitado sempre em devir” (p. 85). Também era a primeira vez que coordenava um encontro com fins de pesquisa qualitativa em Terapia Cultural nos Círculos de Letramentos.

O papel do diretor já não se fazia presente e sim o trabalho do pesquisador. E para facilitar o envolvimento utilizei roupas mais informais, como: jeans, camiseta,

sandálias tipo surfista, para romper o “estilo” do diretor, usando um visual mais informal. Constatei depois que acertara na decisão.

Cumprimentei-os e agradei a pontualidade aos professores colaboradores, numa dimensão de compromisso e desejo de estarmos juntos. Falei-lhes sobre a importância de nosso momento como pesquisador e co-pesquisadores; da dimensão ética de nosso comportamento frente à pesquisa; do cuidado com as informações, com o outro, com o grupo e com os educandos escolhidos, bem como com as famílias colaboradoras. Alertei-os sobre a necessidade do irrestrito sigilo naquele trabalho, pois tudo aquilo que se passaria dentro da Terapia Cultural, deveria ficar ali guardado. Seria imperativo a partir daquele momento o não-julgamento, pois era uma das características dos Círculos de Letramentos. Complementei, por fim, que todos nós deveríamos ter muita liberdade de expressão.

Para nos conhecermos melhor, pedi-lhes, em seguida, que fizessem uma auto-apresentação através de um texto-sentido expressando seu próprio texto, de forma autêntica e espontânea, em relação à pergunta evocativa. Assim, o professor se retratou através de sua auto-imagem da vida profissional ou de suas histórias de vida (estes desenhos estão distribuídos entre as partes principais, em forma de figuras, ao longo desta dissertação); mostrou-se, dessa forma, a partir da linguagem do desenho. Em seguida lancei a seguinte pergunta: “Quem são vocês?” Esta pergunta revelou aquilo que eles realmente eram.

Por conseguinte, vale registrar o encantamento do grupo naquele instante. Foi uma experiência singular ver os educadores demonstrarem seus sentimentos, suas impressões, enfim, disponibilizarem a sua personalidade, o seu “eu” para o outro. Tudo isso feito de forma gratuita, sem medo. Pelo contrário, feito com grande sentimento de reciprocidade. E isso foi uma prova inalienável da congruência que se estabeleceu no grupo para aquele trabalho ora desafiador para nós.

Fizeram suas auto-imagens com giz de cera, pincéis e canetas ao som de uma música instrumental. E eles usaram e abusaram da criatividade. Também, a partir do desenho que eles criaram, pedi-lhes para pensarem num codinome, para si se possível, e o registrassem a partir desse primeiro encontro. Esse expediente asseguraria o anonimato dos colaboradores da pesquisa. Esclareci que, não necessariamente, o nome deveria surgir naquele momento. Mesmo assim, todos anotaram seus nomes verdadeiros no verso da folha de seus desenhos. Enquanto isso, com minha caderneta de campo (diário de campo) à mão, fazia meus

pequenos registros de observador participante descrevendo a realidade, bem como minha subjetividade evocada pelo momento. Para Macedo (ibidem), nesse sentido: “*descrever é um imperativo, estar in situ é ineliminável, compreender a singularidade das ações e realizações humanas é fundamental, bem como a ordem sociocultural que aí se realiza*” (p. 83). No entanto, intencionalmente não usei minha habitual agenda de diretor para não lembrar também essa figura.

Antes de iniciar o Encontro falei que seria registrado em áudio, por gravadores (MP3 e convencional para fita K7, esta última por segurança e porque também o grupo era grande e a sala muito aberta), e em algum outro encontro poderia estar fazendo os registros fotográficos em nossa Terapia Cultural em Círculos de Letramentos.

À medida que os professores faziam suas partilhas, mostravam seus desenhos e diziam seus significados, o grupo ia criando confiança, as pessoas ficaram muito à vontade, e por vários momentos riram com as partilhas uma das outras. Essas partilhas estão descritas minuciosamente no Primeiro Encontro, como descrição densa (consulte o Apêndice A).

Pedi, em seguida, que cada professor fizesse a escolha de um educando, para conhecer, mais de perto, o contexto cultural dele. Esta escolha não seria necessariamente no segmento em que o professor estivesse ensinando àquele educando, o que deixaria livre sua escolha. Mesmo ocupado reservei um tempo para observar aquele momento. Afinal, era importante detectar as impressões de cada educador em relação ao seu colaborador. Percebi então que a escolha feita por alguns denunciava uma certa curiosidade; a de outros, dava-me a impressão de que procuravam se identificar com aqueles estudantes que eram mostrados nas imagens. Talvez procurassem a si próprios ou mesmos vissem, já naquele instante, uma reprise da sua vida, da sua história de vida. Portanto, era já a cultura do outro apontando para uma relação estreita entre pesquisador e pesquisado. Isso acontecia certamente pelo envolvimento prévio que alguns educadores tinham com os educandos, sendo, muitas vezes aqueles conhecedores da história de vida de seus alunos.

Para isso, foi mostrado, pelo data-show, o fotograma de todos os educandos em situação de vulnerabilidade social que estudaram no Colégio no ano de 2006, no total de 457 (quatrocentos e cinquenta e sete) aprendentes, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Os educandos foram apresentados por série e em duas vezes.

Naquele momento, os professores ficavam atentos e alguns deles iam escrevendo os nomes para depois fazerem suas escolhas.

Enquanto isso, eu estava ao quadro escrevendo os nomes dos professores com seus educandos colaboradores. Já o professor John comandava o data-show e João Marcos anotava num papel à parte as escolhas para depois passar para mim. Rita foi a primeira professora voluntária a escolher seu colaborador. Ao final tínhamos doze professores co-etnógrafos e doze educandos colaboradores. Segue (Quadro 1), por ordem crescente de escolha, a relação dos professores e educandos colaboradores.

QUADRO 1

Relação dos professores e educandos colaboradores

Professor	Educando
1. Rita	Ana Camargo (Nível 3, Educação Infantil)
2. Jaque	Kakimik (6º. ano, Fundamental II)
3. Árvore	Condor (1º. ano, Fundamental I)
4. Tereza	João (3º. ano, Fundamental I)
5. João Marcos	Juliana (1º. ano, Ensino Médio)
6. John	Maria (1º. ano, Ensino Médio)
7. Sofia	Marília (5º. ano, Fundamental I)
8. Isadora	Paula (3º. ano, Fundamental I)
9. Irildênia	Clara (3º. ano, Fundamental I)
10. Neet	Pierrô (8º. ano, Fundamental II)
11. Mélore	Jazz (6º. ano, Fundamental II)
12. Lena	Diana (2º. ano, Ensino Médio)

Perguntei-lhes se alguém gostaria de trocar seus colaboradores e apenas três professores fizeram essa opção: Rita, na primeira vez, tinha escolhido o educando José Wellington; Sofia que tinha escolhido Vitória e Lena escolheu Neuma. Não perguntei o porquê da permuta. Acreditei que saberia desse motivo através de suas falas em futuros encontros de Terapia Cultural.

Depois da escolha, lembrei-lhes de que deveriam se aproximar mais do educando, naquela semana seguinte, não dizendo que ele ia ser pesquisado, mas

demonstrando interesse em conhecer mais sobre sua realidade para melhor intervir no ensino-aprendizagem dele; do cuidado para não violar a intimidade desse educando, sempre o respeitando. Avisei-os também que toda a produção de dados seria em benefício do educando, do professor, do colégio. Isso contribuiria para que o participante da pesquisa se revelasse, também, para os pais dos alunos e criasse laços de confiança cada vez mais fortes.

Em seguida a essa escolha e das partilhas por parte dos professores, foi interessante ver a construção do grupo, a escuta, o respeito ao outro. Diria que foi um momento sagrado, sem julgamentos, de acolhida à nossa pessoa e a do outro; acreditando em nossas potencialidades, no encanto de descobrirmos juntos o conhecimento real da vida.

Aproveitei o momento e entreguei a Carta de Informação (consulte o Apêndice D) sobre a pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os professores (consulte o Apêndice E) assinarem, lendo com eles estes dois documentos. Entreguei, também, uma Carta de boas-vindas nesse primeiro encontro com o cronograma de datas da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos feito anteriormente com o grupo (consulte o Apêndice F).

Já próximo do final do encontro falei-lhes sobre o sentido da metodologia etnográfica empregada em nossa pesquisa, sobretudo pelo fato de eles, professores colaboradores, estarem se tornando, a partir daquele momento, co-etnógrafos e por se proporem a fazer uma imersão na cultura do educando, extrapolando a cultura escolar desse educando, rompendo, se possível, o intra-muros do colégio. A cultura desse professor se enviesaria, a partir daquele instante, para as lentes do aluno também.

Dei-lhes algumas informações preliminares quanto à entrada no campo, como por exemplo: registrarem tudo que eles pudessem; quando fossem a campo não desperdiçassem nada, observassem e construíssem textos para produzir uma boa etnografia. Esta pesquisa de campo deveria ser norteada pela criatividade, ressaltar a todos, e que a sua entrada em campo ajudaria em suas práticas pedagógicas. Disse ainda que anotassem em seus diários de campo o que eles observassem como gestos, falas, objetos, e muita atenção no repertório das pessoas, como também a forma como seriam recebidos; enfim, estarem conscientes de que a observação era um importante instrumento do pesquisador etnográfico, pois segundo Vianna (2003), as:

Anotações cuidadosas e detalhadas vão constituir os dados brutos das observações, cuja qualidade vai depender, em grande parte, da maior ou menor habilidade do observador e também de sua capacidade de observar, sendo ambas as características desenvolvidas, predominantemente, por intermédio de intensa formação (p. 12).

Dessa forma, a etnografia aproximaria o pesquisador ao campo de pesquisa, e ali eles se misturariam com método humanizador. Assim, sujeito pesquisador e sujeito pesquisado teriam suas situações de interações. Conhecendo o contexto desse educando e trazendo para a Terapia Cultural, o professor revelaria suas crenças.

Refletimos que não era somente em Universidade que se construíam textos acadêmicos. A escola também era um bom campo de pesquisa, assim como a rua, a casa, o cotidiano das pessoas para se fazer uma investigação científica.

Houve uma pergunta sobre o não consentimento para a pesquisa por parte do educando ou de seus responsáveis. O que fariam? Respondi-lhes que se os pais não consentissem ou o educando não aceitasse haveria a substituição de um outro educando, pelo mesmo critério de escolha anterior, ou seja, um educando em situação de vulnerabilidade social.

Entreguei-lhes um texto (Branco, 2006), para ser lido em casa, sobre os princípios da pesquisa etnográfica, no intuito dos professores familiarizarem-se com os fundamentos desse tipo de pesquisa. Fiz pequena avaliação do nosso primeiro encontro, bem como de suas expectativas quanto a esta pesquisa. Conforme André (2005): “os participantes puderam fazer questões ao vivo e dar suas opiniões sobre o que foi apresentado. As reações dos participantes foram levadas em conta na comunidade do estudo” (p. 55).

Agradei as suas colaborações, as partilhas de vidas, o desejo de acertarmos juntos, como construção de um grupo. Enfatizei minha felicidade, pois estava aprendendo com eles, não só na dimensão da pesquisa, mas da inter-relação. Foram três horas de aprendizado ouvindo-os (inicialmente, todos os encontros estavam planejados para durar duas horas e meia). Foi um privilégio para mim, pois, no dia-a-dia do colégio, não tinha essa oportunidade de conhecê-los melhor e nem eles a mim, e ali tínhamos esse tempo. Tudo que foi registrado em cada encontro foi transcrito, imediatamente após cada um deles, pela assistente de pesquisa.

Para finalizar, informei que quem tivesse câmera fotográfica digital deveria usá-la a partir do terceiro encontro na pesquisa de campo. E quem não a possuísse, informasse, pois eu compraria para todos que participassem daquele trabalho. Deixamos uma boa noite e fomos saindo num clima de muita satisfação.

A professora Isadora ao sair perguntou se poderia trazer chá no próximo encontro, naturalmente que disse sim. Senti, na verdade, um grupo já bem entrosado, receptivo, curioso, com vontade de aprender.

Depois que todos se foram, fiquei refletindo acerca daquele primeiro Encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Ponderei o quanto fora proveitoso para todos nós e como havíamos avançado nas relações interpessoais. Este era, portanto, requisito imprescindível para o sucesso do nosso trabalho: a confiança no outro.

Divisei com segurança, naquela hora, o compromisso e a determinação que demonstraram as pessoas que ali estiveram para conhecerem aquela nova etapa de sua profissão em busca do aperfeiçoamento docente. Desta vez embasado na realidade da razão maior da existência da nossa missão de educar: a formação integral do nosso educando.

E foi com esse pensamento que descansei das emoções daquele dia, imaginando também como seria o próximo encontro. Talvez fosse conveniente começar pela avaliação feita pelos professores, pois a minha eu já havia realizado.

3.2.2 Segundo Encontro

Todos os professores chegaram pontualmente. Naquele dia, Isadora que chegou um pouco diferente, sentia-se mal, mas fez questão de iniciar a Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Quarenta minutos depois do início, porém, ela saiu. Esta professora estava com uma crise renal, mas quis permanecer até quando pudesse. Percebi que ela estava com medo de perder a vaga de pesquisadora co-etnógrafa, se porventura faltasse a algum encontro de Terapia Cultural. Afinal, havia professores à espera de alguma desistência do grupo, para poder participar da Terapia. Ela mesma, depois, confessou-me essa suspeita.

Mudamos de sala (estávamos na sala de áudio-visual anteriormente) e fomos para a sala de vídeo-conferências, pois esta era mais aconchegante, climatizada, muito boa para fazer a gravação de áudio.

Iniciei esse encontro dando boa noite e perguntei-lhes como passaram o breve intervalo de uma semana, somente; quais foram às suas expectativas daquilo que deixamos do nosso primeiro encontro para o segundo. Quais foram as expectativas, os medos, os receios, as angústias, enfim, os sentimentos que vieram à Terapia Cultural. Eles prontamente foram fazendo suas partilhas de sentimentos.

Escolhidos os 12 (doze) educandos pobres no encontro anterior, cada professor foi motivado a falar sobre a sua escolha, bem como do educando escolhido, através de textos-sentido, onde permitiram registrar seus pensamentos, sentimentos e idéias sobre esses educandos. Este texto-sentido baseou-se na leitura de algo, de alguma pessoa, de algum objeto, de algum fenômeno e que teve um sentido para cada um deles. Na verdade, não foi colar palavras ou frases de outros, mas aquilo que evocou dentro de cada um, sentimentos que foram provocados por outras interpretações, um texto desencadeador para os professores escreverem. Diferentemente do texto-sentido pedido no primeiro encontro, na expressão do desenho, neste segundo encontro aconteceu por meio da escrita.

Antes de os professores colocarem no papel seus sentimentos, provoqueei-os com as seguintes indagações: “*O que o levou a fazer a escolha de determinado educando?*” Diante daquele panorama todo, daquele elenco de 457 (quatrocentos e cinquenta e sete) educandos, “*o que o motivou para essa escolha?*” Se não conhecia aquele educando em profundidade – partia do pressuposto de que ainda não tinha familiaridade com ele. O texto-sentido seria para expressar as suas motivações. Pedi-lhes para expressarem aquilo que emergia naquele momento. O importante era que eles mergulhassem para dentro de si mesmos.

Foram dados vinte minutos para os professores escreverem seus textos-sentido. Percebi que alguns professores sentiram dificuldades, inicialmente, em escrever sobre seus próprios pensamentos, de colocar na escrita o que fazia sentido para eles.

Como iríamos projetar imagens dos educandos, sentamos em semicírculos, rompendo habitualmente nosso costume de ficarmos em círculos. Levantei de meu assento e apaguei o que estava escrito na lousa, para início das partilhas. Assim, fomos visualizando, pouco a pouco a vida de cada educando escolhido, ainda com fotos registradas pelo fotograma.

Perguntei-lhes quem gostaria de começar, orientando para primeiro fazerem a leitura de seus textos-sentido, e se quisessem fazer outros comentários acerca do

que escreveram, podiam fazê-lo. E à medida em que cada professor fazia a sua partilha, íamos projetando, pelo data-show, a imagem do educando escolhido por ele.

Durante as partilhas, alguns professores insistiram em trazer descrições detalhadas sobre o processo de ensino-aprendizagem de seus educandos. Retomei por duas vezes que não estávamos em Conselho de Classe no Colégio e os professores de imediato concordaram com minha observação.

Fato que me chamou atenção foi a fala de professora Rita, pois segundo ela quando entrou no Colégio, logo na primeira semana de aulas, descobriu que sua colaboradora educanda era adotada e essa iniciativa tinha sido do pai adotivo. Então achou que essa carência de amor da educanda vinha da falta da mãe. Com esse relato, percebi a professora Jaque se afastando do semicírculo e indo para o canto da parede. Minha sensação era que ela estava com frio, pois a sala desse encontro estava climatizada. No entanto, com o desfecho dos outros encontros da Terapia Cultural, a professora Jaque tinha história semelhante em sua família. Por isso, naquele dia, seu corpo falara com o conteúdo expresso pela professora Rita.

Lembrei-lhes de que algumas percepções que eles estavam tendo a respeito de seus colaboradores a etnografia daria a oportunidade de eles constatarem em campo através da observação. Neste sentido, Clifford (2002) afirma:

A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado lingüístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um 'desarranjo' das expectativas pessoais e culturais (p. 20).

Fechei o ciclo de partilhas constatando as riquezas, as motivações expostas pelos professores. Ao longo desse encontro, surgiram sentimentos de antipatia e empatia, conforme iam se configurando os relatos, às várias formas de comportamentos de familiares dos educandos. Pedi-lhes para deixarem seus sentimentos, bem como o meu, fluírem desaprisionando-nos, deixando vir as coisas como elas vinham, com naturalidade, nada julgados. Não havia intenção de estar observando ou experimentar se o fenômeno era verdadeiro ou falso. Mas, estarmos atentos ao real dos acontecimentos.

Continuei a reunião com a leitura de um trecho do livro de Clifford (Ibidem, pp. 17-18), onde ele traça a experiência etnográfica como resultado da leitura do

cotidiano dos sujeitos pesquisados, num histórico de 1724, passando, depois, para um cerimonial dos nativos. Houve comentários por parte dos participantes e a certeza de se fazer um registro minucioso dos fatos observados, pois em nossa pesquisa ouvimos muitas coisas e se não tivéssemos na memória e anotássemos cada nuance, aquilo que ouvimos tendia a ser perdido. Não pensávamos que íamos chegar a casa e rebobinar tudo em nossa cabeça. Era preciso registrar falas e transcrevê-las. Então toda fala, observação que eram feitas precisavam de um olhar sensível. Acreditei que meu olhar mudou, o olhar dos professores colaboradores também mudou.

Antes da entrada em campo sugeri que relêssemos o texto (Branco, 2006) parágrafo por parágrafo vendo as situações descritas pelo autor, como o pesquisador co-etnógrafo ia se inserindo em seu ambiente de pesquisa. Sobre a etapa seguinte, o terceiro encontro portanto, pedi-lhes para que fossem se aproximando mais de seu campo de pesquisa, *in loco*, ou seja, o local onde estaria o fenômeno que eles apreendessem como seu objeto de estudo, que não fosse somente à sala de aula, mas nos corredores, nas aulas, inclusive, na rua, na praça, na praia, na casa dos familiares dos educandos etc.

Como iriam logo entrar no campo de pesquisa, entreguei-lhes a Carta de Informação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os pais ou responsáveis (consulte o Apêndice G). Orientei-os para que antes de chegar à casa dos pais ou responsáveis, aproximassem-se dos educandos, observassem mais atentamente seus gestos, suas atitudes na escola, preparasse-os dizendo que iriam fazer uma visita aos seus lares. Em seguida, ao chegarem a suas casas, entregassem primeiro a Carta de Informações e em seguida o Termo de Consentimento. Ao ser lido com os pais o primeiro documento, os professores enfatizassem o teor da pesquisa, de que eles estavam como colaboradores ali, também comigo numa pesquisa. O Termo de Consentimento deveria ser assinado pelos pais ou responsáveis e devolvidos para os professores e depois a mim. A Carta de Informações ficaria com a família. Na oportunidade, falassem da seriedade de nossa pesquisa, que existia um acompanhamento sistematizado com meu orientador, Professor Cavalcante Junior, e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Dialogassem, enfim, com os pais a respeito da contribuição que eles iriam dar para as Ciências Humanas, à melhoria da escola, do trabalho do professor, da relação professor-aluno.

Fui conversando com os professores para irem estabelecendo uma conversa muito informal ao entrarem em campo, pois a informalidade deveria ser a palavra-chave dessa Etnografia. Pedi que dissessem para os pais ou responsáveis que tinham escolhido seu filho ou filha e o que aquilo representava significativamente para eles. A necessidade de acompanhar melhor a vida daquele educando, sua relação com o colégio, com a comunidade, com a família, a pesquisa estaria pautada na liberdade de ser, aprender e ensinar. E também, como se efetivaria a relação educador-educando por meio das relações humanas.

Alertei-os com relação às roupas que seriam escolhidas para a visita. Isso era uma preocupação também da ética profissional. Para cada ambiente uma roupa propícia. Em pesquisa etnográfica, quanto mais simples, “mais despojado”, mais natural, melhor. Que respeitassem aquelas pessoas que eram nossos colaboradores. Muito respeito, mesmo! Se por acaso a família não aceitasse a colaboração na pesquisa, dissessem com suas palavras: *“muito obrigado! Eu não esperava que você não aceitasse, mas compreendo que você tem toda liberdade em não aceitar”*.

Enfatizei, ainda, a importância de se desfazer dos preconceitos, antes de entrarem no campo de pesquisa. Orientei que à frente de um espelho, tirassem toda roupa e ficassem despidos de preconceitos. Depois, colocassem todos para fora e se vestissem novamente. Foi um momento muito divertido, pois todos gargalharam imaginando a situação.

Como método, a etnografia trata diretamente com o humano, com comportamentos, com o jeito de ser das pessoas. Pedi-lhes para andar, sempre que pudessem, com uma caderneta no bolso ou na bolsa, pois as percepções, os detalhes, poderiam ser descritos sob forma de tópicos, e chegando a casa, transcreveriam, sem medo, aquilo que observassem, construindo assim seus diários de campo. Portanto, “o que guardamos dentro de nós não é o real, mas a sua representação simbólica. É ela que volta ao mundo, re-apresenta o real, pela linguagem, que se estabelece com palavras, gestos, cores, formas...” (Martins, 1996, p. 26), para depois os professores se expressarem.

A maior câmera de registro que eles tiveram foram os olhos e os ouvidos. Não precisou falar demasiadamente, mas foi preciso ouvir e observar muito, sentir muito. Como disse Cavalcante Junior certa vez conversando comigo em acompanhamento de orientação: “o etnógrafo é uma filmadora que vê, ouve e sente”. Assim, os

professores colaboradores revestiram-se de águia para verem tudo e todos de longe, cada detalhe, nada foi desprezado.

Como dever de casa, para trazerem no próximo encontro, pedi aos professores que fizessem uma descrição da vida do educando em seu contexto sociocultural. Ratifiquei, uma vez mais, a importância do sigilo sobre o conteúdo da Terapia Cultural, bem como as observações e constatações em campo. O sigilo ético, nesse sentido, foi a chave da confiança em nossa pesquisa.

Por fim, Sofia trouxe bolo para o grupo. Fui alertado de que trouxera o chá. Falei que não compreendera a comunicação de Isadora ao final do primeiro encontro, e entendera que ela é que traria o chá. E nessa descontração, durante as três horas que se desenrolaram esse encontro, cresciam os laços afetivos do grupo.

3.2.3 Terceiro Encontro

Mais uma vez todos os professores foram precisos com relação ao tempo. Iniciei fazendo um alerta, mais uma vez, no que diz respeito à responsabilidade de se realizar uma pesquisa de campo. Tinha recebido naquela semana, do professor Cavalcante Junior, um e-mail com relação a isso. Pois como estávamos vinculados a uma outra equipe de pesquisa da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade (RELUS), aumentara nossa responsabilidade frente à comunidade pesquisada, já que estávamos fazendo pesquisa acadêmica e isso estava ligado à ética e a uma Legislação própria do Comitê de Ética. Absolutamente nada, que eu ou os professores observássemos ou escrevêssemos, poderia ser comentado com alguém da família, nossos parentes, amigos, colegas, sem a permissão expressa do coordenador da pesquisa, professor Cavalcante Junior. Por que ou para que isso? Expliquei-lhes que a ética da pesquisa em nós humanos era regulada pelo Ministério da Saúde e toda Universidade tinha um Comitê de Ética e iria garantir que isso fosse seguido. Se uma dessas regras fosse infringida, qualquer pessoa poderia fazer a denúncia ao Comitê. É por isso que antes da autorização dos colaboradores para a pesquisa, todos recebem uma Carta de Informações sobre a pesquisa e lá consta o endereço, telefone, e-mail para dar segurança aos colaboradores.

Avisei-lhes, ainda, que o material desta pesquisa não poderia ser apresentado em encontros acadêmicos como, congressos, seminários, trabalhos de sala, ou estudo de caso; não poderia, também, ser falada ou publicada nenhuma linha,

nenhum arquivo sem a permissão expressa do coordenador geral da pesquisa. Então, a regra era sempre perguntar para o coordenador geral da pesquisa, no caso, Cavalcante Junior; e no nosso caso específico, perguntar a mim. Ao fazerem seus registros pelo computador, muito cuidado nos arquivos deixados, seria importante colocar sempre senhas para segurança do sigilo da informação.

Após essa minha preleção, os professores foram convidados a fazer o perfil descritivo dos educandos que eles escolheram. Quem eram? Como viviam? Qual era a sua rotina? Pedi-lhes, então, que gostaria antes de alguém iniciar voluntariamente a sua partilha, de que valorizássemos o máximo o escrito trazido por eles. O professor que fosse falar fizesse a leitura, primeiro, do que escreveu. Enquanto isso, iríamos escutar o máximo o outro que estava falando e quando terminasse, fazíamos as observações que achássemos pertinentes. O importante era fazermos daquele momento, uma escuta do outro e irmos absorvendo essas escutas, pois essas experiências foram muito singulares para cada um. Além do mais, foram narrativas que perpassaram também as nossas histórias de vida.

À medida que cada professor fazia a sua partilha, investigava-o com pergunta provocativa: “*O que fez você pensar, sentir e lembrar sobre...?*”. Foi interessante a fala da professora Lena como observadora participante. Ela começou a sentir a confusão de papéis em sua vida, questionando-se do lugar como pesquisadora, como mãe, como professora. Que papel teria que desempenhar frente a sua colaboradora? Surgiu, então, uma série de averiguações que resolviam a sua concepção de valores. Afinal, a história de vida da educanda colaboradora estava controvertendo os próprios sentimentos da educadora. Pedi-lhe para ir pensando nisso, nesses questionamentos que a própria Lena fez, que escrevesse. Ela escreveu muitos pontos e deixou muitas reticências no próprio texto, nos esquemas que ela chamou de “intervalos”. Era o momento de ela se ver como mulher. À medida que avançávamos nos encontros, os professores começaram a se inscrever nos textos que produziam. Deixaram que a escrita perpassasse suas almas e suas almas se fixaram na escrita. Por isso, pedi-lhes que trouxessem no próximo encontro um texto-sentido sobre seus relatos deste terceiro encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos.

Para este terceiro encontro, portanto, alguns relatos vieram misturados com sentimentos dos co-pesquisadores com os seus colaboradores. Relataram como chegaram à casa de seus colaboradores: como foram acolhidos, o que observaram,

os detalhes, as descrições, os sentimentos vividos naqueles contextos. O esconde-esconde de alguma família, a intimidade logo de chegada, o velório da mãe de uma colaboradora, esse foi o primeiro contato de um co-etnógrafo nosso. Os contextos culturais foram trazidos aos poucos e os professores começavam a dar sinais de inquietações frente aos desafios da educação formal para pobres.

Nesse sentido, pesquisador e colaboradores foram se imbricando na pesquisa, trazendo elementos constitutivos da realidade pesquisada como construção de conhecimento em benefício da comunidade educativa. Pois, de acordo com Macedo (2006), esse envolvimento de pesquisadores e pesquisados formam “um *corpus* interessado na busca de conhecimento: o conhecimento é gerado na prática participativa que a interação possibilita” (p. 97). Assim, não foi estranho que se cuidasse da realidade, mas como a realidade cuidou de interferir na visão dos professores colaboradores e também da minha. Na verdade fomos todos atingidos ou afetados por essa realidade.

A primeira coisa questionada pelos professores foi o currículo da escola, a necessidade de uma reformulação. Percebeu-se que ele não contribuía em muita coisa com a realidade de nossas crianças ou de nossos jovens em situação de vulnerabilidade - o currículo da escola é um currículo baseado nos fatos burgueses e capitalistas, para manter o *status quo*, segundo os educadores pesquisadores. Para isto, todo o corpo docente do Colégio foi convidado a visitar o Projeto Político Pastoral Pedagógico, bem como realizar estudos de aprofundamento na matriz curricular.

Tínhamos a partir dali desafios fantásticos, pois algumas realidades de contextos socioculturais apresentadas pelos professores chocaram o grupo, como foi o caso da professora Teresa. Senti-me, naquele momento, muito tocado por sua fala, pela situação de miserabilidade do aluno João.

As reações pelos sentimentos aos contextos culturais dos alunos muitas vezes não foram escritas nos textos-sentido pelos professores, porém, as partilhas verbais feitas por eles estavam carregadas de sentimentos e emoções. No entanto, percebia-os com censuras em colocar no papel seus sentimentos; comentei, então, que não tivéssemos medo de colocar na escrita sentimentos que por vezes nos sufocavam. Acrescentei que expressaríamos ou penaríamos na angústia de não colocar para fora aquilo que nos sufocava; em outros termos: que a palavra curava.

Já a família da aluna Marília resistiu e dificultou muito a entrada da professora Sofia em campo. Com isso essa professora escolheu um outro colaborador: Pedro Birimbau, do 8º. ano do Ensino Fundamental II.

Para o quarto encontro pedi aos professores para irem ao contexto, fora da escola, onde esse educando vivia e fizessem o registro por escrito, através de um diário de campo, e, ainda, fotografassem a realidade sentida e percebida. Era importante validar a fotografia como registro autêntico da realidade pesquisada. Assim, de acordo com o fotógrafo Tiago Santana em entrevista ao jornal *O Povo* a fotografia:

É o retrato de uma leitura pessoal do mundo, ela é sempre uma visão própria e carregada de significados e intenções do autor. A função do fotógrafo é estar atento ao mundo em que vive, participando e se utilizando da fotografia como meio de expressão capaz de transformar as pessoas, emocioná-las, fazê-las debruçar sobre si mesmas, e sobre o mundo ao seu redor. [...] Precisamos criar imagens que façam o tempo parar, que façam as pessoas olharem para elas mesmas... A fotografia tem esse poder (Olhares, 2006).

Para isso, distribuí 11 (onze) câmeras fotográficas descartáveis, com 27 (vinte e sete) poses cada, uma para cada professor, com exceção do professor John, pois já possuía máquina fotográfica digital. Ao tirar as fotos do contexto pesquisado, os professores fizeram seleção das fotos mais significativas e as trouxeram para a Terapia Cultural. Ademais, o educando e seu responsável imediato já tinham tomado ciência de que esse estudante seria fotografado em diferentes contextos de sua vivência.

Recebi dos professores os Termos de Consentimentos dos pais ou responsáveis pelos educandos, assinados, para realizarmos a pesquisa com eles, bem como a entrada no campo. Para que nos organizássemos melhor, precisaríamos de três voluntários para as apresentações dos próximos encontros, ou seja, do quarto ao sétimo encontros, porém apenas o professor João Marcos foi voluntário para a apresentação no quarto encontro. Então, o grupo sugeriu que sorteássemos os apresentadores dos próximos encontros. Lena e Sofia foram sorteadas para o quarto encontro. Para o quinto encontro ficaram Mélore, Tereza e Neet; o sexto encontro, Jaque, Árvore e Isadora; e o sétimo encontro com John, Rita e Irildênia.

Uma coisa que marcou esse encontro foi a descrição densa de seus colaboradores trazida por alguns professores e a sua duração foi de 3h20min (três horas e vinte minutos).

3.3.4 Quarto Encontro

Mais uma vez os professores chegaram pontualmente, com exceção de João Marcos, que faltou por motivo de falecimento de um amigo de infância, ocorrido numa outra cidade. Deixou, no entanto, uma carta para mim, justificando a sua falta (consulte o Anexo E). Pois, naquele dia seria a sua apresentação.

Para desencadear as reflexões no grupo foram confeccionados slides no “power point” e projetados no “data-show”, a partir de registros fotográficos, feitos pelos professores colaboradores, quando de sua visita ao contexto natural do educando. Essas cenas revelaram a realidade dos educandos pobres do Colégio. Os professores discutiram, assim, o que foi evocado a partir das cenas. Falaram ainda de suas lembranças, sentimentos vividos na pesquisa de campo, e o que mais gostariam de saber sobre aquele estudante.

Para isso, tivemos duas apresentações de contextos culturais dos educandos colaboradores das professoras Lena e Sofia. Pedi-lhes para iniciarem suas apresentações, e enquanto as imagens dos contextos iam sendo mostradas, as professoras apresentadoras falaram de seus pensamentos, lembranças e sentimentos naquele contexto.

Como foram as primeiras a apresentar na Terapia Cultural, essas duas professoras tiveram dúvidas com relação se iam continuar suas visitas em campo. Esse mergulho do etnógrafo pode ir mais longe, pode continuar aprofundando suas visitas de campo. E assim, assegurei-lhes que a nossa pesquisa etnográfica não acabaria com as apresentações pela fotoetnografia (Achutti & Hassen, 2004) do educando. Uma etnografia feita em pouco tempo teria que estar em outras realidades como pesquisadores. Realizando outras imersões apreendemos outros materiais, outras categorias e isso vão construindo outros dados a partir dessas novas visitas ao campo.

Assegurei-lhes, ainda, que se prestássemos atenção naquilo que nos fazia lembrar enquanto estávamos vendo e ouvindo, isso nos remeteria às nossas

realidades também, as quais observávamos. Pois o recorte cultural do texto visual pela fotoetnografia, mesmo

Para quem não teve acesso à experiência viva, na carne, a lembrança é envolvida com outras saudades, com processos que se entrecruzam, ninguém sabe direito por quê, confundindo tempos e espaços da imagem revelada. Temporalidades espaciais da experiência do sujeito que observa” (Koury, 2004, p. 69).

Esse recorte cultural que vai se entrecruzando com a própria experiência de quem observa, a isto os Spindlers chamaram de “parênteses culturais” (Cavalcante Jr., 1999/2000), essa expressão da cultura trazida sob parênteses para os professores co-etnógrafos.

Foi muito, também, do que a professora Lena nos falou: do viver o experiencial (Dewey, 1971); de mergulhar na realidade e nos confundir no ambiente de nossos colaboradores. Valeu enfatizar como o pesquisador não tem a pretensão de mudar o ambiente introduzindo modificações nele, o que caracterizaria uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, pois eventos, pessoas devem ser observados, fazendo sua manifestação cultural, compreendendo os contextos múltiplos que plasmam a nossa vida, o nosso cotidiano e o que fazemos como pessoas. E então extrair dessas observações as mais naturais possíveis, sem interesses moralistas de julgar os fenômenos apresentados no campo.

Depois distribuí aos professores um artigo científico do pesquisador etnógrafo Goldman (2003): “*Os tambores dos mortos, os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*”, para eles lerem em casa. O artigo se refere a uma pesquisa do tipo etnográfica, onde o autor faz uma imersão em contextos religiosos, e o que mudou em sua vida de pesquisador. Sobre esse aspecto, é bom lembrar que aprendemos nos momentos de pesquisas quando, também, lemos textos etnográficos.

Abri um espaço para avaliarmos os encontros até aquele momento para saber quais eram as nossas facilidades e dificuldades encontradas até ali. Quais, ainda, eram os nossos temores? Com muita transparência os professores se apresentaram por meio da partilha.

Percebemos, portanto, que as questões culturais vão nos afetando no percurso da Terapia Cultural, cada vez mais temos um olhar sensível da cultura do nosso educando, conseguimos nos ver como um ser cultural, com suas fragilidades,

que são também minhas fragilidades, sem que estejamos distantes uns dos outros, sem nos escondermos. Rogers (1986), numa de suas grandes falas para os professores nos diz que na escola quem mais usa máscaras são os professores e quando as máscaras começam a cair, o educando começa a perceber quem é o professor autêntico, começa uma relação de confiança, porque ele começa a ver no outro a autenticidade e a congruência. Portanto, o professor passa a ser “uma pessoa real, sendo o que é, ingressando num relacionamento com o estudante sem apresentar-lhe uma máscara ou fachada, ela tem muito mais probabilidade de ser eficiente” (p. 128).

Neste quarto encontro despertou nos professores e em mim, o desejo de partilhar suas autobiografias na Jornada Pedagógica do Colégio, com o intuito de se criar um espaço de vínculos e de autoformação. Com isso, todos os outros professores iriam perceber que as pessoas estavam mudando, pelo menos os que estavam se terapeutizando através da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Se quisessem continuar um professor tecnicista, medidor de conteúdos, ou opressores, não era esta escola que os acolhia, pois agora era um outro mundo e outro espaço. Tal era o sentimento que permeava esse nosso encontro. Este encontro ocorreu durante 2h50min (duas horas e cinqüenta minutos).

3.2.5 Quinto Encontro

Os professores foram pontualíssimos, uma vez mais. A professora Lena faltou por motivo de uma reunião escolar em um outro colégio da cidade. Antes da apresentação dos professores discutimos o texto do antropólogo Goldman (op. cit.), entregue no encontro anterior.

Como o grupo se familiarizou com o artigo citado, recomendei o sítio eletrônico, <http://www.scielo.br>, da Scientific Electronic Library Online [Biblioteca Científica Eletrônica em Linha] – SciELO, em que poderiam encontrar vários artigos científicos sobre temáticas de nossa pesquisa em andamento. Concordaram com o referido autor, em que o etnógrafo era aquele que descrevia para quem não estava no local poder sentir que estava ali. Um etnógrafo conseguia ser muito bom, portanto, quando ele, em sua leitura, em sua escrita, levásse-nos todos nós leitores para aquele local que era estranho a nós. Era o que o professor João Marcos dizia,

da familiarização e do familiarizar: qual seria o papel do etnógrafo? Tornar o estranho familiarizado, fazer aquilo que nos era estranho se tornar familiarizado.

Houve a apresentação do contexto cultural dos educandos, pelos professores Mélore, Tereza e Neet. A apresentação da professora Tereza nos emocionou, trouxe o retrato cruel da realidade do aluno João. Durante a apresentação, saíram lágrimas, emocionei-me junto com o grupo.

Durante a apresentação do professor Neet, fiquei bastante preocupado, pois ele trouxe conteúdo, a partir da fotoetnografia de seu colaborador, psicoterapeuta, apesar de a distância entre o conteúdo cultural e o psicoterapeuta ser muito ínfima, como vimos anteriormente. Ele chorou muito e teve momentos de interrupções pelo choro acompanhado de silêncio. Orientei que ele fosse até o contexto do aluno colaborador e descrevesse somente os fenômenos que as fotos traziam, sem se preocupar com o que estava emergindo dele. Tereza chorava bastante, Jaque saiu da sala chorando muito, Isadora saiu acompanhando-a e confortou-a. Lena foi para junto de Neet e afagou o seu braço. Aos poucos ele foi retornando à sua apresentação e o clima ficou mais ameno.

Percebi que o grupo estava preso ainda à apresentação de Tereza, pois, as imagens projetadas do contexto cultural do aluno João comoveram muito o grupo pelas cenas de miserabilidade social. Como o grupo se segurou no choro em sua apresentação (somente Tereza e eu, visivelmente, choramos), penso que o grupo “desabou” nas cenas seguintes com Neet. Jaque não falou nada durante o encontro, era como se estivesse “travada”.

Lembrei que as fotografias que eles estavam tirando, não necessariamente teriam que ter a presença física da pessoa. Pois, o contexto fotografado sem a pessoa, também refletia o ambiente do contexto cultural.

A etnografia é a fotografia que nossos olhos vêem a partir daquilo em que estamos imersos. Quanto mais eles estivessem em campo, mais familiaridade com esses espaços, mais natural possível, não se sentiriam, assim, um sujeito estranho na pesquisa.

Assim como emergiu no grupo a reflexão sobre os conteúdos evocados a partir da fotoetnografia, chegamos à conclusão de que estávamos revitalizando a escola, nossos encontros. Essas inquietações os impulsionavam a mover uma outra realidade, inclusive como pesquisadores etnógrafos e como professores, quando estavam relendo suas práticas. Perguntei-lhes como, na qualidade de etnógrafos,

eles estavam sendo afetados? Essa pergunta pairou por algum momento em nosso encontro e sua relação com os conteúdos orientados em sala de aula.

Para finalizar o quinto encontro sugeri que eles fizessem um texto-sentido, ainda naquela tarde, pois excepcionalmente este encontro aconteceu pela manhã de um feriado. Que eles aproveitassem para expor aqueles sentimentos que brotaram durante as apresentações, em determinadas falas, determinados contextos visualizados. Isso iria, a meu ver, apaziguar sentimentos que imergiram da dimensão psicológica. Recolhi os textos-sentido do encontro passado. Houve, ainda, uma proposta de mudança de data para o sexto encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, e o grupo apoiou a alteração. Este quinto encontro durou 2h40min (duas horas e quarenta minutos).

3.2.6 Sexto Encontro

Este encontro, extraordinariamente, foi mudado para outra data no encontro passado e com o consentimento de todos. No entanto, até a hora marcada para seu início, só chegaram Isadora, Jaque, Árvore, John, Sofia, Rita, Mélore. Começamos com sete minutos de atraso, pois pela primeira vez alguns professores chegaram atrasados.

Neste encontro houve a apresentação das três professoras co-etnógrafas: Isadora, Árvore e Jaque. A professora Isadora, de início, se identificou com sua colaboradora na visita de campo, pois o pai da educanda tinha uma amante. Situação esta vivida na infância e na adolescência pela professora. Isso provocou um processo de “espelhamento” por parte de Isadora. A pesquisadora se viu na colaboradora: foram imagens, narrativas, fatos observados que a fizeram se identificar com a sua colaboradora.

A apresentação da professora Árvore tomou um tom psicologizante sobre os traumas vividos pela criança colaboradora. Uma característica peculiar desse grupo era que os participantes conheciam a maioria das famílias dos alunos colaboradores da pesquisa. Isso facilitava a entrada nos foros íntimos das discussões, pois conheciam as vidas particulares das mesmas.

A professora Jaque também passa por um processo de “espelhamento”. Sua colaboradora é adotada e Jaque tem uma irmã adotada também. Ela escondia essa adoção para sua filha até aquele momento e isso lhe trazia um sofrimento muito

grande. Durante a apresentação a professora gesticulava muito, mãos se esfregavam bastante, como se estivessem suadas. Apresentou seu relato, no entanto, muito serena, e lembrou o sorriso de sua colaboradora, mas não chorou, como acontecera anteriormente.

Conversamos sobre o não direcionamento da pesquisa e da observação no campo, pois os colaboradores inseridos em seus contextos, na verdade, iriam direcionar a posição do etnógrafo. Os próprios fenômenos foram surgindo e direcionando os co-pesquisadores etnógrafos na pesquisa, bem como a mim. Pois, quanto mais tempo ficamos imersos no campo de pesquisa mais consistência vai tendo o seu corpo.

Percebemos, por conseguinte, que a Terapia Cultural em Círculos de Letramentos permitiu aos professores um deslocamento da cultura do outro para a deles, por vezes permeado por discursos psicoterapêuticos, o que aconteceu no quinto encontro, por exemplo, quando havia uma insistência minha, para Neet sair de uma situação de sua infância para o contexto do aluno. Naquela ocasião houve um espelhamento muito forte.

Dei-lhes, mais uma vez, a dica de um outro sítio eletrônico, sobre fotoetnografia: www.ufrgs.br/fotoetnografia, para retro-alimentar as suas expectativas com relação à interação do pesquisador com sua comunidade pesquisada. Sugeri, também, para assistirem ao filme “Eu Tu Eles”, de Waddington, Tambelini, Barros e Hollanda (2000). Este filme apresenta-nos uma etnografia cinematográfica pelo sertão nordestino. E ao documentário “A Pessoa é para o que Nasce”, de Berliner, Cheuiche e Domingues (2004). Este filme-documentário acompanha os afazeres cotidianos de três irmãs cegas, cantoras, no interior do nordeste do Brasil.

Por resistência da colaboradora Maria e de sua família, o professor John escolhe uma outra, Sílvia, educanda do 1º ano do Ensino Médio. Entreguei a ele a Carta de Informações e o Termo de Responsabilidade Livre e Esclarecido para os pais assinarem. Recolhi os textos-sentido do quinto encontro e tivemos que mudar de sala, pois a sala habitual foi cedida para um “aulão” com os alunos do 3º ano do Ensino Médio. Lembrei-lhes para que fossem computando as horas de imersão no campo, pois ao final da pesquisa seria interessante termos uma média de quantas horas foram destinadas à Etnografia. Fomos para a sala de áudio-visual terminar o nosso sexto encontro. Este teve a duração de 2h30min (duas horas e trinta minutos).

3.2.7 Sétimo Encontro

Sete professores chegaram para este encontro pontualmente, conforme o horário combinado; quatro, com dez minutos de atraso e um com vinte minutos de atraso. Coincidentemente as pilhas de meu gravador MP3 não funcionaram. Havia testado pela manhã e aparentemente estava tudo certo, mas na hora que iniciamos a Terapia Cultural não funcionou. A professora Isadora me emprestou dinheiro e o professor John, voluntariamente, comprou as pilhas. Isso não demorou muito, pois este possui uma motocicleta. Mesmo com todo o empenho, iniciamos a Terapia com vinte minutos de atraso com a apresentação dos trabalhos de campo dos professores João Marcos, Rita e Irildênia.

A mãe da colaboradora de Rita não permitiu registrar a sua casa com câmera fotográfica, somente na casa da avó é que ela conseguiu. Então suspeitamos o motivo pelo qual ela não queira mostrar: a sua realidade social era considerada pelo Colégio e de acordo com o crivo da Assistente Social, uma situação de vulnerabilidade. Portanto pela ficha socioeconômica, a aluna entra no critério da filantropia, mas havia o receio dessa mãe em não denunciar seu real estado de vida.

Alguns professores sabiam mais sobre a vida da família da colaboradora de Rita, pois logo após a sua apresentação, a intervenção por parte do grupo foi nítida. Como a cidade é pequena e quase todos se conhecem, o cotidiano das famílias é fácil de ser observado e comentado. A professora Rita, então, familiarizou-se tanto com a aluna na casa da avó, a ponto de arrumá-la. Como a mãe estava sempre ausente, ela assumia esse papel de “maternagem”; inclusive, em sala de aula, pois sua colaboradora era sua educanda. Esse campo se apresentou como ambiente delimitado, no que diz respeito a não permissão e resistência da família à co-pesquisadora.

Na apresentação da professora Irildênia, ela relatou a emoção do pai de sua colaboradora, pois ficou bastante emocionado com sua presença em sua casa, segundo ele, nunca uma professora tinha ido à sua casa. Isso o deixou muito orgulhoso.

Quanto à apresentação do professor João Marcos, foi uma descrição densa. Houve, também, o “espelhamento” do professor co-etnógrafo com a sua colaboradora. A força do opressor contra o oprimido sofrida pela colaboradora também foi vivida pelo professor em sua infância.

O relato do professor João Marcos foi marcado pela sua intimidade, na dimensão da sexualidade, por isso sugeri para ele se deter aos parênteses culturais de sua colaboradora e seu, daquele sentimento que emergia pela fotoetnografia e retornasse ao seu sentimento de pesquisador, saindo um pouco da sua infância - que não o deixara, mesmo como pesquisador. Sabia porém, que era necessário ouvirmos aquela história de sua visita de campo, de suas observações, de seus sentimentos.

O contexto cultural que estava lá afetou a mim como pesquisador e aos co-etnógrafos. Particularmente, vendo-me como pesquisador, por meio dessa Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, fui me transformando para tentar transformar a minha realidade. A Terapia Cultural foi um espelho, eu me vi diante do outro, e isto provocou em mim uma mudança interior. Não esperei que essa mudança viesse do outro, porque essa transformação teria que ser de dentro para fora, ela não veio de fora para dentro.

De todas as fotografias registradas e mostradas neste encontro, uma chamou-nos a atenção: aquela em que João Marcos registrou de alguns pertences da mãe de sua colaboradora, que durante a pesquisa de campo veio a falecer, foi motivo de emoção para todos ao ser visualizada.

Depois de apresentados os três últimos casos e refletidos, provoquei todo o grupo quanto às suas dúvidas, desejos que surgiram e pedi para os professores voltarem aos sujeitos colaboradores, indo uma vez mais a campo, tirar suas dúvidas com os próprios educandos ou com os que conviveram com eles. Essas reflexões seriam levadas para casa, aprofundadas e discutidas, se necessário no oitavo encontro.

Recolhi os textos-sentido das visitas de campo e pedi um outro para ser entregue no oitavo encontro. Alertei-os sobre os nomes fictícios, dos professores e de seus colaboradores, para o corpo do texto na pesquisa e posteriormente disseminados na dissertação. Pedi-lhes que trouxessem no próximo encontro.

Entreguei aos professores as suas falas transcritas até o sexto encontro, individualmente, para cada um retificar alguma imprecisão ou ratificar o que eles disseram durante os Encontros. Essa leitura objetivava corrigir pequenos erros de transcrição ou vícios de linguagens etc. Cada professor recebeu um envelope com suas falas transcritas. Pedi-lhes para que entregassem, também, no oitavo encontro.

Este encontro de Terapia Cultural durou 2h40min (duas horas e quarenta minutos).

3.2.8 Oitavo Encontro

Começamos este encontro com quinze minutos de atraso, conforme o previsto. E ainda, duas professoras chegaram vinte minutos depois.

Houve a apresentação da pesquisa de campo do professor John sobre sua colaboradora Sílvia. Foi percebida uma mudança de comportamento por parte da colaboradora, com relação ao seu contexto social inserido e a sua negação, pois depois que ela veio estudar no colégio quis imitar os hábitos e comportamentos dos estudantes pagantes, o que foi relatado pelo educador.

Neste encontro recebi dos professores suas falas transcritas, conforme pedido anteriormente no sétimo encontro, bem como seus nomes fictícios e de seus colaboradores para a publicação desta pesquisa. Assim, ao trabalharem com suas falas transcritas, esses educadores realizaram uma “transcrição”, conforme Meihy (2006), esta “é a entrevista trabalhada já em sua fase de apresentação pública. As correções gramaticais, as frases completas, tudo deve estar estabelecido nesta etapa” (p. 150). Perguntei-lhes, ainda, se havia mais alguma coisa a acrescentar sobre os estudantes pesquisados ou sobre suas falas.

Em seguida, expliquei sobre o trabalho que eles iriam fazer durante os meses de dezembro e janeiro sobre “autobiografia reflexiva”: a partir das falas transcritas dos oito encontros eles iriam fazer uma reflexão, para finalmente chegar às minhas mãos. Deveriam transformar aquelas falas, valorizando e mantendo ao máximo a fidelidade do que foi dito pela autobiografização (Delory-Momberger, 2006; Josso, 2004, 2006). Na verdade, contar sua história reutilizando o que ele mesmo disse. Essa história deveria permear a fala do outro, assim como o outro permearia o seu trabalho. Pois, como afirma Macedo (2006): “exercita-se uma hermenêutica polifônica e intercrítica, tensa, porque experimentada no encontro de diferenças, de seres humanos em interação, que constroem realidades e são construídos por elas” (p. 14). Sendo assim, já não era um retrato autobiográfico individualizado, mas um relato coletivizado, uma “Polifonia” (Bakhtin, 2005; Toscano, 2006) biográfica.

Plenamente motivados, os professores foram conversando sobre a proposta discutida no quarto encontro, de juntos realizarmos apresentações na Jornada

Pedagógica do Colégio. Aos poucos foram surgindo os seguintes temas e seus respectivos professores voluntários: “Pesquisa participante e etnografia”, John; “‘Autobiografização’ na Terapia Cultural”, Lena; “Histórias de Vida”, João Marcos, Teresa e Sofia. As orações da jornada seriam da responsabilidade de Irildênia, Isadora, Neet, Árvore, Ana e Jaque; a coordenação de uma mesa redonda, Mélore. E eu desenvolveria a temática: “Biografização docente: a construção de si”. Depois disso, vimos o entusiasmo dos professores para partilhar, na próxima reunião pedagógica do colégio, esse desejo de construir juntos a Jornada Pedagógica autobiográfica e autoformativa docente.

Pedi aos professores para escreverem um texto-sentido, a partir da frase evocativa “*O que as histórias de vidas dos estudantes fizeram-me refletir sobre minha prática ou intervenções pedagógicas?*”. Expressando seus sentimentos através da escrita, se preferissem, podiam criar um título para sua história.

Ao final do encontro, a professora Lena fez os agradecimentos a mim, em nome do grupo e apresentaram uma mensagem de agradecimentos pelo data-show. Em seguida, Jaque me deu um presente em nome do grupo com um cartãozinho.

Os professores tinham planejado, sem eu saber, que o encerramento desse encontro seria num restaurante na cidade, por ocasião da comemoração de meu aniversário. Antes de irmos ao jantar comemorativo, sugeri a possibilidade de mais um encontro para concluirmos esse ciclo de terapias. O grupo concordou.

O encontro finalizou, em sala, com 2h40min (duas horas e quarenta minutos). E, claro, a comemoração no restaurante não teve hora para terminar. Quero, no entanto, antes de fechar essa descrição do oitavo encontro, partilhar com você, caro leitor, um conto de campo evocado em mim, a partir dessa comemoração no grupo de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos e que eu intitulei de: “Celebrando a vida”.

Chegava o dia de celebrar meu aniversário, por coincidência, o penúltimo dia de encontro da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Perto das 18 horas, a maioria dos professores participantes desse grupo já estava a postos para mais um início de terapia. A expectativa era grande, pois faltava apenas um professor para apresentar o contexto cultural de sua aluna escolhida. Os relógios igualavam seus ponteiros de uma ponta a outra do círculo, preso ao pulso, numa reta vertical, como se apontasse para pontos cardeais nortesul. Alguns poucos chegaram atrasados, mas a fotoetnografia mostrada pelo professor era cuidadosamente apreciada e refletida pelo grupo.

Percebia, naquele momento, certa inquietação por parte de algumas mulheres. Santas mulheres aquelas, que também foram verdadeiras testemunhas da ressurreição do Homem, pois tinham a missão de transmitir aos apóstolos a notícia do milagre. Manifestavam, assim, a felicidade e a transbordante alegria de viver a certeza do amor do Pai.

Proclamar a palavra com incontida alegria, também, foi nossa tarefa como educadores pesquisadores. Exaltação e júbilo contagiantes, no percurso da Terapia Cultural, fomos nos reconhecendo, descobrindo-nos, incendiando nossos corações e despertando a confiança, como os discípulos de Emaús:

- “Não é verdade que ardia o nosso coração, quando Ele nos falava pelo caminho...?”

Ruminava sobre este versículo bíblico.

Nós, no entanto, conhecemo-nos na partilha, no diálogo; com o outro sentimo-nos felizes. O educador, como nenhum outro profissional, tem muitos motivos para uma vida alegre. Vivemos um testemunho feliz e entusiasta pela convicção de que, estar na educação, apesar das dificuldades, é muito gratificante; o desfecho será, sempre e inexoravelmente, alegre e vitorioso pela descoberta do mundo, de um novo mundo. Não seria uma verdadeira Páscoa Pedagógica? Toda a vida do educador precisa estar embebida das realidades pascais.

- “Acabais de receber de graça, daí de graça”. Ouvia-se uma voz suave soprando em nossos corações.

Não seria esta a missão dos doze ali presentes, prontos para anunciar a boa nova? Uma boa nova de esperança, de potencialização do ser humano, acreditar que somos capazes.

Passando-se o tempo, à medida que o encontro chegava ao fim, uma inquietação tomava conta do grupo. Alguns chegaram a sair da sala, e eu ainda não suspeitava que tramavam uma confraternização fora dali. Pois, antecedia dois dias de meu aniversário, e eles combinaram, antecipadamente, aquela festa.

Ao finalizar o encontro na sala fechada, os professores fizeram uma homenagem a mim, e assistimos a uma mensagem através de um vídeo. Em seguida uma educadora falou em nome do grupo e uma outra me ofereceu um presente.

Saímos do espaço de costume, onde nos reuníamos a cada encontro e fomos ao restaurante para a última ceia do grupo. Restaurante semi-vazio, as seis mesas que antes estavam separadas e ornamentadas foram juntadas uma a uma pelos serventes. Assim, aos poucos os convidados foram se assentando num clima de muita festa e alegria. Partilhavam ainda as expectativas para a próxima jornada pedagógica quando eles terão a oportunidade de partilhar com outros educadores suas experiências vividas no cenáculo. Parecia a festa de Pentecostes, e “estavam eles cheios do Espírito... Na mais íntima união, com algumas mulheres”.

Enquanto isso pensava comigo mesmo:

- Doze professores, doze apóstolos. Festa, homenagens, mulheres, preparativos para o banquete... Fiz de imediato esta analogia.

Tudo me remetia ao contexto bíblico no tempo de Jesus. Não seria a Última Ceia? Ou seria a festa em Caná da Galiléia, onde uma mulher antecipava o primeiro sinal do Mestre?

- “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Disse, então, sua mãe aos serventes da festa.

A caridade daquela mulher, mãe de Jesus, para com os donos da festa e sua confiança no poder e na bondade de Jesus, conseguiu o primeiro sinal. O Senhor quer se aproximar de nós para manifestar Seu amor terno para conosco. Assim como na Terapia Cultural a aproximação do professor ao aluno demonstrou várias formas de amor. Conhecer é amar, pois ninguém ama a quem não conhece. O processo na Terapia Cultural aprofundou essas relações, transbordando as talhas de uma incondicional confiança em si e no grupo.

Durante a ceia, muitas conversas foram trocadas, os dozes apóstolos-professores demonstravam alegria, muitos sorrisos, conversas gesticuladas, como verdadeiros bailarinos ensaiando seus passos no palco. Dei-me conta de que celebrar a vida com quem a gente ama é um gesto gratuito e ao mesmo tempo pascal; paira um espírito vivificador que agrega, que une, que manifesta a presença de Deus no meio de nós. Na partilha celebramos o dom da vida.

Fiquei apreciando, por fim, o final daquele ágape. Os participantes daquela cerimônia demonstravam no rosto uma alegria esplêndida pela realização daquele trabalho. A sensação que eu sentia era a de que cada educador saía daquele espaço com o corpo e alma alimentados; satisfeitos por terem recebido a oportunidade de conhecer melhor os seus alunos e de aprender mais.

De certa forma, saíamos todos, desta etapa do nosso trabalho de pesquisa em campo, com a certeza de São Paulo quando escreveu a Timóteo na sua segunda epístola;

- “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé”.

3.2.9 Nono Encontro

Desta vez, todos chegaram pontualmente. E isso foi bom, pois o objetivo desse encontro era fazermos uma avaliação de todos os encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos.

Pedi-lhes que a partir daquele momento fizessemos uma avaliação muito pessoal, com transparência, passando pelo viés da criticidade, na nossa disponibilidade daqueles sentimentos que permearam todos os nossos oito encontros anteriores e este nono encontro. Acreditávamos que aquela avaliação seria interessante para aperfeiçoar o método da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, uma vez que o método estava sendo desenvolvido numa pesquisa, de certa forma, da nossa contribuição para a ciência da Psicologia ou das Ciências Humanas.

De uma forma geral, os vínculos que foram se estabelecendo na Terapia Cultural demonstraram o sujeito pesquisador com o outro sujeito pesquisado; não um sujeito objeto, feito objeto de pesquisa, foi, no entanto, uma relação estabelecida, sujeito–sujeito.

Entreguei um envelope a cada um dos professores com suas falas transcritas dos oito encontros para eles tornarem suas falas centradas em um texto autobiográfico. Para transformarem suas falas, aprofundando-as e mantendo o máximo de fidelidade o que já estava transcrito. Deveriam contar uma história ao longo desses encontros, reutilizando o que eles próprios disseram. O professor iria se refletir nesses encontros, permeado também pela fala do outro, não como um retrato autobiográfico, mas um relato coletivizado, povoado por outros companheiros co-etnógrafos participantes dos encontros. Isso estabeleceria assim, uma “polifonia” coletiva.

O retorno dessas narrativas escritas pelos professores favoreceu uma constante avaliação do percurso, pois o retorno dos dados produzidos pelo grupo foi imprescindível para o andamento deste estudo.

Para finalizar, entreguei a Carta de Agradecimento aos professores (consulte o Apêndice H) por suas colaborações na pesquisa, lida por mim e acompanhada por todos os presentes. Presenteei-os também com o livro de Silva (2004): “*Sertão de jovens*”, uma etnografia autobiográfica, resultado de sua dissertação de mestrado e um certificado de participação (consulte o Apêndice I) a cada um dos meus colaboradores co-etnógrafos, com um total de 120h (cento e vinte horas) de imersão no campo e na Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Entreguei, também, em separado, um certificado à assistente de pesquisa que fez, silenciosamente e cuidadosamente, todas as transcrições das falas ocorridas na Terapia. E por último, celebramos esse encerramento com um lanche. Disse aos professores que aguardava os seus trabalhos autobiográficos para o mês de fevereiro do ano de 2007; portanto, foram dados dois meses para esse trabalho auto-reflexivo. Esse encontro ocorreu em 2h (duas horas).

Com isso, terminamos os encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos com o sentimento de termos tido a oportunidade de produzir conhecimento no e pelo grupo, como desafio de se autoconhecer e refletirmos sobre a nossa prática docente durante o processo educativo, sem ser, no entanto, dissociado do contexto cultural inerente a cada um de nós, participantes.



FIGURA 17 – Pescadores no Rio Mágico.



FIGURA 18 – Rio Mágico.



FIGURA 19 – Sítio dos pais de Lena.



FIGURA 20 – Casa dos pais de Lena.

Capítulo 4

FORMAÇÃO AUTOBIOGRÁFICA: UM ESTUDO DE CASO

*Não temas, Maria! Encontreste
graça junto de Deus.*

(Lc 1, 30)

4.1 A formação autobiográfica

A escola, hoje, mais que nunca, é um espaço complexo, onde temas políticos, socioeconômicos e culturais são redesenhados em sua rotina, demandando do docente competências que se articulem entre a teoria e a prática, provenientes de diferentes campos de conhecimento e de experiências bastante diversificadas.

Para isso, o profissional docente é convidado insistentemente a se reconhecer nesse cenário. Emergindo, assim, a busca por reconhecimento do professor em formação, sobretudo pela sua formação inicial, e pela sua prática. Nesse contexto, necessário se faz compreender, também, a sua história de vida e sua trajetória profissional que ora se cruzam, moldurando seus comportamentos, suas perspectivas, suas concepções sobre educação, visando (re)orientar a sua prática pedagógica.

Nesse cenário, multiplicam-se os estudos sobre a subjetividade, identidade, carreira, processos de formação, histórias de vida desse docente. Percebe-se, hoje, que não basta somente o professor saber sobre sua profissão, sobre teorias e correntes pedagógicas; mas precisa, sobretudo, saber sobre si mesmo. Através desse autoconhecimento haverá contribuição de fazer de sua prática uma autoformação da existência, apropriando-se, dessa forma, do poder de refletir sobre sua própria vida.

Com isso, destaco a necessidade de construir espaços de aprendizagens coletivas, onde o profissional docente se sinta artífice de sua própria formação implicando a presença dos demais. Pois, a formação para a autonomia não pode ser imposta de fora, pelo contrário, é sempre um processo inverso, na busca da construção do sujeito.

As abordagens narrativas e autobiográficas (Bueno, 2002; Delory-Momberger, 2006; Dominicé, 2006; Josso, 2004, 2006; Pineau, 2006), evocadas a partir da imersão no campo e das fotos apresentadas a cada encontro trouxeram para os professores a possibilidade de novas compreensões acerca de suas práticas pedagógicas. Este fenômeno vai além da visão do interacionismo pedagógico, pois essas experiências socioculturais por parte do docente, repercutiram em sua formação humana como um todo. Assim sendo, os relatos dos professores Tereza e João Marcos confirmam isso:

Agora estou certa de que é impossível educar significativamente sem conhecer, compreender e valorizar o contexto sociocultural de nossos alunos. Não dá para educar sem envolver-se. Aprendi ainda que o tempo em que paramos para ouvir o outro é o tempo mais produtivo de nossas vidas. Hoje, escuto ainda mais os meus alunos e os estímulo a expressarem seus pensamentos e sentimentos, a defenderem suas idéias e lutarem por seus ideais (Tereza).

Agora, diante de Terapias Culturais, para as quais tive a sorte de ser sorteado e das quais o privilégio de participar, sinto-me mais consciente ainda da minha verdadeira missão de educador no mundo. Percebi-me e me descobri no outro, me fez ver que sou muito mais humano do que pensava ser (João Marcos).

Constitui-se, assim, a identidade do professor-sujeito em sua formação (Toscano, 2006), sem prescindir da presença dos demais nesse construto.

A Terapia Cultural trouxe, ainda, para os professores colaboradores desta pesquisa, a oportunidade de rememorar suas histórias de vida: sua infância, sua adolescência, sua formação inicial na docência, enfim, a reconstrução de si mesmos. A partir das narrativas foi-se desvelando o modelo formativo da prática docente e vimos as espontaneidades e os vínculos formados no grupo, que se constituíram, assim, naquilo que Bakhtin (2005) chamou de “polifonia”: pois são “vozes diferentes, cantando diversamente o mesmo tema. Isto constitui precisamente a ‘polifonia’, que desvenda o multifacetado da existência e a complexidade dos sofrimentos humanos” (p. 44).

Numa autopresença acrescida da presença do outro e dos outros, nessa presença pessoal e coletiva foram se efetivando as narrativas, por assim dizer, como bem explicita Delory-Momberger (op. cit.):

No movimento de reflexibilidade operada sobre si-mesmo: a da *autobiografia*, do trabalho realizado sobre si-mesmo no ato da palavra que, falada ou escrita, é sempre um ato de

escritura de si; e a da *heterobiografia*, ou seja, do trabalho de escuta/de leitura e de compreensão do relato autobiográfico mantido pelo outro (p. 368).

Tomando como indicador a autoconstrução de sua formação, o docente passa a se perceber como sujeito que deseja fazer sua história de vida. Nesse sentido, a contribuição de Pineau (2006) é significativa, pois, “a vida que busca entrar na história não é mais somente a dos notáveis, mas a de todos aqueles, querendo tomar suas vidas na mão, se lançam nesse exercício, reservado até aqui à elite” (p. 337).

No contexto da formação docente autobiográfica, a ciência da educação passa a ser orientada para o sujeito que se conscientiza de seu papel social como valor pessoal. Assim, os processos de aprendizagens se dão, dessa forma, ao longo de toda a vida. Pois segundo Alheit e Dausien (2006): “não podemos alterar o fato de que somos aprendentes ‘no longo curso’ da vida” (p. 177). Sobre esse aspecto, Josso (2004) acrescenta: “os processos de formação dão-se a conhecer, do ponto de vista do aprendente, em interações com outras subjetividades” (p. 38). Com efeito, reinventou-se uma nova função do saber gerida por uma produção individual intersubjetiva, tanto no campo fértil de possibilidades de formação, como também por práticas de investigação científica. Por isso, o nosso estudo centrou-se na investigação da formação docente.

Sobre isso, importante frisar o aspecto de significados intersubjetivos que essas histórias de vida trouxeram para os narradores, pois “nós *sabemos*, a partir da nossa própria experiência de contar histórias conseqüentes sobre *nós mesmos*, que há um lado inelutavelmente ‘humano’ na produção de significado. E nós estamos preparados para aceitar uma outra versão como ‘apenas humana’” (Bruner, 1997, p. 54). Em outros termos, quanto ao significado das histórias ou narrativas docentes, a professora Jaque rememora:

Foram coisas muito positivas na minha vida. Muitas vezes eu tinha vontade de fazer e não fazia, não fazia nada na minha casa, na minha vida, no meu casamento. Esses meses foram meses de crises na minha casa, no meu casamento, na minha família e eu dizia assim: “Meu Deus, eu não vou conseguir”. Eu senti uma força, e eu me lembro que o Rodolfo me dizia para escrever, me terapeutizar através da escrita, escrever minha história. Começava a escrever e vinha aquilo que eu estava sentindo. E cada vez que eu escrevia me sentia melhor, era outro significado que eu dava.

Essa formação buscou, portanto, estratégias de pesquisa pessoal e coletiva, numa tentativa de (des)construir um paradigma tradicional da não-escuta até então presente nos processos formativos do docente. Assim sendo, respeitei suas narrativas e motivei um rigoroso fluxo do diálogo, seja ele escrito ou verbal. Conforme Josso (ibidem): “*a construção da narrativa de vida como uma mediação para uma reflexão formativa sobre os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem*” (p. 85).

Compreendo assim que, o exercício que esse professor fez de resgatar em sua memória a interação do seu passado, situado nas lembranças que ele trouxe, assumiu no presente, portanto, uma possibilidade de (re)construção de seu futuro. Parafrazeando Neto (2001) em linha introdutória de seu trabalho, pude perceber que expondo “o contexto cultural no qual a retomada de *vidas de professores*” (p. 19) emergiu, foi como um paradigma importante para a minha aproximação pessoal com a investigação deste tema da autobiografização.

Tendo em conta o exposto até aqui, a minha pesquisa foi se desenvolvendo com o objetivo de identificar, analisar e compreender como esse professor, partindo de seus valores pessoais, de suas crenças, de sua formação docente, interagiu com o processo de sua formação docente e pessoal, reivindicando uma transdisciplinaridade. Tal como Dominicé (2006), considerei a pessoa do professor como um suporte de relações de múltiplos saberes, pois o referido autor diz que: “A reconstrução do horizonte biográfico necessita de um trabalho de formação, que não se reduz a um único registro psicológico de desenvolvimento pessoal. Ela aponta para uma globalidade, feita da aliança de saberes múltiplos e de aprendizagens complementares” (p. 350). Assim, o professor ao tomar consciência de sua história de vida, ao narrá-la, apercebeu-se dos seus espaços e se apropriou deles.

Nesse sentido, é ilustrativo um trecho do depoimento da professora colaboradora co-etnógrafa, Isadora, no que diz respeito à autenticidade:

Fazer parte da equipe colaboradora da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos foi vivenciar uma experiência única. Mergulhar em minhas entranhas, retirar máscaras, e me abrir para o novo. Senti-me liberta e pronta para superar os meus medos. [...] Os momentos vividos e os mergulhos de volta aos traumas mascaradamente resolvidos não me fazem sentir revoltas, não existe mais medo. Mas apenas o aprendizado do recomeçar.

Conforme ensina Rogers (1986): “É bastante costumeiro que os professores, de modo consciente, coloquem a máscara, assumam o papel, ergam a fachada de serem professores, e usem esta fachada o dia inteiro, removendo-a somente quando deixam a escola, à noite” (p. 128). Curiosamente, a professora Isadora fez esse depoimento à noite e sem deixar a escola. Pois os encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos se deram no próprio Colégio Cristão do Nordeste.

Ainda sobre a busca da autenticidade da pessoa, interessante a reflexão que Cavalcante Jr. (2006) faz a esse respeito, quando diz: “consiste na liberdade que o ser humano precisa ter para tornar-se quem realmente é. Isso significa viver sem máscaras, plenamente a pessoa que ela é e a natureza que ela traz dentro de si” (para. 8).

Vejo, assim como Josso (2004), que esses professores aprenderam também consigo mesmos, com o selo da autonomização de seus percursos formativos, como um novo paradigma da aprendizagem: “aprender consigo a aprender” (p. 80), ajudando, dessa forma, ao docente, a conceber as formas do que sua vida pode se tornar. A construção de si pela autobiografização pode representar bem, sobretudo no espaço escolar, a importância de retomar a sua vida, seja ela pessoal ou profissional, como um “plus” em sua formação.

As histórias de vida narradas na Terapia Cultural em Círculos de Letramentos me permitiu compreender, de um modo geral, o movimento das interações estabelecidas que foram se configurando nas diversas etapas da vida. Apesar disso, Moita (2000) nos diz: “Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à identidade, num diálogo com os seus contextos” (p. 116). Isso ratifica, também, o que o professor Neet falou a respeito de seu contexto cultural:

Sinto-me um novo educador, um novo amigo e um novo homem. Essa necessidade de descoberta me fez querer buscar novas formas de agir com os educandos que estão dentro e fora de meus cuidados. Perceber o outro e fazer parte do outro, através de sua cultura, se inserindo nessa cultura, tornei-me mais ligado ao meu passado e fomentou em mim um desejo grandioso da importância do “ser” pensante. Acredito que a partir do momento que me valorizo como sou e descubro o que realmente desejo, mergulho num mar de significados e minhas metas se tornam mais reais e atingíveis.

Redescobri, assim, o papel do educador como consciente de seus múltiplos saberes, sejam eles acadêmicos oriundos de sua formação inicial, sejam os

delineados ao longo do percurso de sua vida. Esse docente se manifesta num movimento de repertórios existenciais e subjetivos, na direção da apropriação de novos conhecimentos. Potencialmente, descobre-se num mundo novo, pois depois dessa tomada de consciência:

Esta criação de um novo mundo potencial faz surgir a perspectiva de sua realização, de sua atualização. É aí que se estabelecem e se negociam os projetos do sujeito, podendo ou não levar a uma segunda decisão ainda mais difícil de realizar, a decisão de se levantar (Pineau, 2003, p. 178).

Com efeito, esse tipo de decisão apareceu no movimento interno dos educadores colaboradores, no itinerário da pesquisa, como fonte de despertar para outras práticas nos saberes docentes.

Diante do exposto até aqui, nos cinco meses em que estive imerso no contexto dos doze professores colaboradores co-etnógrafos, elejo a partir de agora a história de uma professora, como estudo de caso para análise. Não porque foi a mais importante de todos os meus colaboradores, mas a escolho pelo seu percurso de vida que em muito me identifiquei, não somente pela sua trajetória de “rurbana”, de freireana, de pesquisadora, mas por ter dado um sentido maior de ser professora em sua trajetória.

Fundamentei-me também na escolha desse estudo de caso como análise, da professora Lena, inspirado no exemplo do estudo de caso sobre um outro professor, o americano Roger Harker. Conforme Cavalcante Jr. (1999/2000), este estudo foi “a primeira menção à terapia cultural” (p. 16) resultado da pesquisa desenvolvida com esse professor e vários outros, por George Spindler. Ou como também o fizeram os Spindlers (Spindler & Spindler, 1994) num outro estudo de pesquisa selecionando “apenas algumas entrevistas com duas professoras, uma na escola de Schoenhausen [Alemanha] e em Roseville [Estados Unidos]” (pp. 6-7). Do ponto de vista de recorte metodológico para análise, esses autores selecionaram algumas das entrevistas com duas professoras.

Portanto, creio que merece ser alvo de minha análise como recorte de tantas outras vozes ouvidas e escritas na Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, as histórias de vida de Lena.

Por isso mesmo, fiz a opção, juntamente com o meu orientador desta pesquisa de mestrado, em publicar, como apêndice desta dissertação, todos os

encontros de Terapia Cultural para que o leitor pudesse ter acesso à descrição densa e à riqueza das narrativas, resultado até aqui da “produção de dados”.

Realmente, eu com os meus colaboradores desta pesquisa, produzimos em nosso contexto os dados para a análise. Tal observação vem complementar a legitimidade sobre a história das histórias de vida produzidas e como elas se entrelaçaram na vida um dos outros, criando, assim, um espaço de comunicação entre o pesquisador e seus colaboradores. Como comenta Macedo (2006) sobre o pesquisador que desvela as comunicações produzidas, este “trabalha desvelando sentidos e significados que habitam a teia comunicativa, que se escondem e se revelam, dependentes que são dos valores, das ideologias e dos interesses do ser social” (p. 149). Por isso, ao analisar o discurso de minha colaboradora, em muito de suas palavras, também vai a minha auto-análise pelo veio de sua fala, construindo assim, uma teia comunicativa.

É imprescindível acrescentar que cada um dos narradores de histórias de vida teve acesso às transcrições de suas falas antes da publicação deste trabalho; e, especificamente, no caso da professora Lena, a análise de sua narrativa feita por mim. Ademais, utilizei uma prática reflexiva na produção de dados, corroborando o que Szymanski e Cury (2004) disseram a respeito disso: “A reflexão no processo de pesquisa se constitui através da devolução contínua de informações ao usuário/participante”. Interessante notar como, continuam as autoras, essa prática inspirou “a elaboração de novos procedimentos de intervenção indicando um movimento de influência da pesquisa na intervenção. Observou-se que o momento de devolução tem se constituído uma oportunidade de reflexão para todos os envolvidos, pesquisadores e participantes” (pp. 362-363). Assim, fiz essa opção por razões metodológica e epistemológica, esta última baseada na pedagogia do diálogo (Cavalcante Jr., 2003; Freire, 2003c, 2003e).

Finalmente, apresento a seguir a análise feita sobre o itinerário de autobiografização de uma das educadoras colaboradoras – Lena. Analisar suas histórias de vida a partir das narrativas, entrevistas, observações em apresentações em colóquios, jornada e reuniões pedagógicas, foi-me extremamente gratificante, além de um aprendizado significativo como pesquisador, pois esse aprendizado veio na função de gestor, num exercício de reaprender a escutar e a elaborar minha própria história de vida.

4.2 A análise do percurso autobiográfico de Lena

4.2.1 A infância no campo

A professora compartilha que ao nascer, em 1970, já havia um meio social previamente preparado que iria exercer fortes influências em sua formação e ela comprovou isso depois.

Nasceu em um meio rural de uma pequena cidade do Nordeste do Brasil, com um pouco mais de sete mil habitantes. Cidade que, de acordo com os seus conhecimentos adquiridos como professora, age como a Antiga Civilização Egípcia, organizando sua vida para duas épocas: a seca e o período de inundações, quando toda a cidade é literalmente banhada pelo Rio d'Azul. Como no Egito, a cidade vive às margens do rio exercendo atividades agropastoris. Distanciando-se das margens, percebe-se claramente a paisagem típica de zonas de inundação, pela presença dos carnaubais. Desse mesmo rio que ajudou a professora Lena a se constituir a mulher batalhadora, do rio que não representa o lazer, mas o trabalho; assim ela se expressa:

O rio para nós, como para minha mãe também, era o da obrigatoriedade, não era de lazer. Representava o padrão moral. Virgem Maria! Uma menina passar um dia de domingo na Cidade Divina, tomando banho de rio, naquela época, feria todas as convenções morais, era coisa de desocupado. A gente ia ao rio, sim, eu estava lá lavando roupa como no velho estilo de lavadeira mesmo, de trouxa na cabeça. Porém, não me lembro de sentimentos de vergonha - eu estava fazendo essa análise. Era aquele dia em que mamãe dava trégua da gente ir à roça. E tinha que ir lá, eu nem me lembro dela dizer: "pode ficar na Cidade Divina que é o lazer de vocês". Negócio de biquíni? Nem me lembro de ter comprado um, nós tínhamos aquele calção e camiseta de malha: "mergulha aí no intervalo para estender na corda", dizia minha irmã.

E, diante dessa dualidade do ambiente, a cidade tem suas atividades ditadas pela natureza. Nas inundações, os moradores mudam-se para as partes mais altas, onde os de maior poder aquisitivo têm uma segunda residência e os menos favorecidos esperam a ajuda de parentes, amigos ou pelo assistencialismo do governo. Durante o verão, os mais favorecidos economicamente, possuindo terras à margem do rio, dedicam-se à agricultura de vazante e plantam nas partes altas os

produtos que caracterizam a economia agrícola da região: o algodão, a castanha de caju e a exploração da cera de carnaúba.

Como economia complementar à renda agrícola, as mulheres e crianças dedicam-se ao artesanato da palha obtida das folhas da carnaubeira, evidenciando uma clara herança da arte indígena na confecção de chapéus, bolsas e outros artigos.

É nessa dinâmica da natureza que Lena se insere no contexto cultural e onde teve a sua inserção num mundo “concreto, datado, localizado no percurso da história humana e também de uma certa comunidade, configurado pelos diferentes modos de ver, dizer, se dizer, avaliar, fazer” (Toscano, 2006, p. 1).

A seca no Nordeste tem levado muitos habitantes a migrarem para outras regiões buscando escaparem a este determinismo geográfico. O avô paterno foi um destes que se alistou nas frentes de serviço, entre os muitos que foram para a região Amazônica explorar os seringais. Lena cresceu ouvindo suas memórias e de como fora escravizado nos barracões: a fuga, os biscates que fez nas cidades por onde passou, no intuito de retornar a terra natal. Experiências que foram responsáveis pela introdução de novos elementos em sua formação.

Conseguindo retornar à sua terra, o avô estruturou a família e percebeu, diante da aridez da paisagem, que a região além da falta d'água, tinha sede de educação.

Investiu, então, na alfabetização dos filhos e filhas, algumas, inclusive, estudaram na capital do Estado. Como consequência, ao voltarem tornaram-se as alfabetizadoras do lugarejo, o que levava os vizinhos a enviarem seus filhos para estudarem na casa do avô. Assim, entre a leitura e a agricultura, nesse contexto híbrido, o pai de Lena teve formação educacional.

A mãe, filha de um irmão do avô paterno, não pôde dedicar-se aos estudos, pois havia uma lei oculta no meio rural em que a prole grande constituía mão-de-obra para a lida do campo e, infelizmente, por isso a mãe não se escolarizou.

Os pais, uma vez casados, organizaram a família em meio a estes dois caminhos: o da escola e o da agricultura. Essa bipolaridade gerou em sua casa um ritmo próprio, através do qual foi se constituindo a idiosincrasia da menina Lena, sem muitas opções. Confrontando a realidade da aluna Diana, colaboradora na pesquisa de campo, no que diz respeito a sua liberdade de escolha, Lena diz:

O interessante, é que eu não tive direito a isso, quando criança, e mais uma vez ela [Diana] me causa um impacto, pois esse prazer foi cortado muito cedo. Numa família de agricultores, e nós somos trabalhadores agricultores, colhemos o fruto que nós plantamos. Essa responsabilidade diária de ter de conciliar estudo e campo, com colheita, de debulhar e no final disso, quando as safras não existiam e compensar a falta de safra com artesanato de palha, de ter que ficar sentada continuamente. [...] Eu convivi na responsabilidade de produzir o meu próprio alimento. Numa família de agricultores, você paga com o que come do trabalho, não que isso seja uma imposição de fato, eu não considero isso exploração de trabalho infantil.

O pai, um ser tranqüilo e reflexivo, gostava de ler e escrever poesias. Preocupava-se com as questões político-sociais, foi sindicalista rural. Era um homem que mantinha o contato dos trabalhadores rurais, na busca dos direitos previdenciários e médico-hospitalares na capital. Todavia, forçado pela necessidade de sobrevivência de onze filhos, dedicou-se principalmente à agricultura.

A mãe, forte, batalhadora, otimista, tinha o olhar mais fixado à realidade imediata da sobrevivência. Em torno dela conseguia criar os filhos em multitarefas entre a plantação, o artesanato e, principalmente, os estudos.

Inversamente, o estímulo aos estudos dos filhos não partira do pai. Este sentia a necessidade dos filhos ao seu lado na lida com a agricultura. Parecia-lhe priorizar a “ajuda” pelo trabalho ao estudo. Esse paradoxo nos ajuda a entender a cultura que o pai ou “chefe” de família rural tem em assegurar o valor do trabalho à sua família, pela labuta da agricultura. Pois, de acordo com Brandão (1990) “a ajuda’ é o *trabalho*, ou o *serviço* dos filhos. Na vida cotidiana de uma criança rural, os cuidados caseiros e o lazer com os irmãos e famílias vizinhas, importantes experiências de vida e aquisição do saber, são prioritárias em relação ao tempo de estudo na escola” (p. 57).

Foi da mãe que partiu a obstinação em garantir a continuidade da formação dos filhos. A escola negada a ela não poderia ser negada aos onze filhos. Os parâmetros da limitação da sala de aula/escola, em casa do avô, precisavam ser quebrados. Mas para isso, era preciso enviar os filhos ao meio urbano para uma ressocialização através da escola. Sobre esse aspecto, conforme Brandão (ibidem): “Ser educado traduz o efeito socializador primário da educação doméstica, enquanto ser instruído implica uma ressocialização externa, complementar e relativamente oposta à cultura camponesa. Essa ressocialização é oferecida principalmente pela escola” (p. 32).

Nesse momento é forte o apelo emocional-afetivo que Lena faz dos pais, sobretudo da mãe. Traduz esses sentimentos as palavras de Bakhtin (2003), quando nos diz:

Tudo que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo (pp. 373-374).

Refletindo essas recordações, outros sentimentos foram despertados, em Lena, durante a Terapia Cultural: a dor e a preocupação dos pais fizeram-na precocemente consciente de que não podia falhar diante deles ou do que eles sonhavam para ela. Assim se expressa a respeito disso:

Porque eu, Lena, fui orientada desde cedo a ter uma atitude de compromisso com a vida. Eu levo a vida sério demais. Primeiro a tarefa, depois a brincadeira. Os próprios compromissos diários, a dor e a preocupação de meus pais, principalmente de minha mãe, fizeram-me precocemente consciente de que não podia relaxar ou falhar diante deles.

Aos poucos, os elementos dos muitos “eus” constitutivos vão esquematizando sua personalidade; pequenos fragmentos de memória vão abrindo portas para o seu autoconhecimento.

Na infância, a audição das histórias ouvidas à noite, quando os adultos se reuniam no terreiro da casa para falar de experiências passadas e manter vivos, pela cultura oral, os valores herdados dos antepassados, era uma prática de rotina. A casa de taipa, a lamparina projetando sombras, as redes armadas na casa de meia parede e quartos interligados por portas; a reza animada pelos pais, e, da rede, o diálogo final noturno com um: “*bênção mãe..., bênção pai...*”, na resposta fervorosa: “*Deus te abençoe minha filha...*”. O sono embalado pelo som do gado e das ovelhas no curral ao lado; o cheiro das primeiras gotas de chuva caindo no chão árido e, principalmente, o ralhar imperativo da mãe em plena cinco horas da manhã: “*Levanta, levanta que o sol já vai naquelas alturas!*”. Escutando esta polifonia (Bakhtin, 2005), que vem do mundo exterior, encontra os valores, as noções de responsabilidades que serviram de elementos norteadores na conquista de novos espaços.

4.2.2 A mulher “rurbana”

Em 1974, uma grande inundação em seu lugarejo, aliada à necessidade de continuidade dos estudos dos irmãos mais velhos, levou os pais a fixarem morada na cidade. Essa medida criou condições para que Lena pudesse viver nas duas realidades: o universo rural e o urbano. Seu universo cultural foi ampliado, tornando-a “rurbana”. A esse respeito, Silva (2004) esclarece o termo “rurbana” como

uma realidade em que os jovens transitam entre o rural e o urbano, assimilando, portanto, valores de outras sociedades que serão reinterpretados a partir dos modelos tradicionais de sua sociedade local. O que significa dizer que poderão influenciar numa “reconstrução cultural”, lenta e gradual ou poderão apenas assimilar bens de consumo e conviver no sistema dos valores do lugar, o sistema dos mais velhos, pois tudo vai depender da criação (pp. 81-82).

Nesse sentido, as narrativas trazidas ao longo da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, por Lena, identificaram uma mulher consciente desse universo híbrido em sua formação, de ter se confrontado com esse múltiplo contexto do rural e do urbano, tornando-a uma pessoa “rurbana”, dado que ela sentia-se, também, numa realidade concreta. Seja pela sua própria experiência de vida, seja agora como pesquisadora co-etnógrafa. A esse respeito, Freire (1985) diz “que primeiro nos confrontamos quando nos obrigamos a conhecer uma dada realidade, seja a de uma área rural ou a de uma área urbana, enquanto nela atuamos ou para nela atuar, é saber em que realmente consiste a *realidade concreta*” (p. 34).

Nessa realidade do rural, os vizinhos mais próximos eram avós e tio, enquanto na realidade urbana, morava em casas interligadas. Portas diretamente ligadas com a rua, fizeram-na perceber os elementos controladores dos novos vizinhos, e a noção do espaço público e do privado. Isso me leva a crer, conforme Silva (op. cit.): “o que é ‘maquinado’ no interior da casa revela-se anonimamente nas ruas, pelo instrumento da fofoca, dos comentários, e o que é anônimo nas ruas, dentro de casa, torna-se confesso” (p. 62). Os comportamentos antes aceitos em meio ao universo familiar passam a ter o controle da comunidade urbana.

Imersa no meio urbano, Lena descobre a relação íntima que é conviver em uma pequena cidade do interior. A escola em que estudava também não confrontava os valores de casa com os seus. Ao contrário, os reafirmava. Escola nos moldes

tradicional, dirigida pelo pároco local, tinha por educadoras as mesmas mulheres que regiam os preceitos morais da família, da paróquia ou do comércio. A figura da mãe é emblemática nesse processo de formação da mulher. Pois, “nos sítios e fazendas dos bairros e nas moradias da vila, as filhas desde cedo tornam-se responsáveis pelos serviços domésticos, e a sua esfera essencial de relações gira em volta da figura da mãe-esposa” (Brandão, 1990, p. 43).

Também nessa escola, o professor ou a professora era também o catequista. Analisando a escola onde ingressara, Lena diz:

Percebi a domesticação de meu saber informal, rude, puro, obtido em meu meio social de origem, pelo saber formal da sala de aula. Da escola recebi a noção de que meu micromundo era parte de um macro. Nela recebi os valores dos ideais nacionalistas e patrióticos. Assimilei as primeiras noções de hierarquia social e o respeito às autoridades. Aprendi a silenciar quando uma autoridade estava falando, noção preexistente em minha formação, pois silenciar diante dos mais velhos fazia parte da minha educação familiar.

Da escola onde cursou o Ensino Fundamental, Lena guarda os valores, a admiração por um educador especial, que no auge de seu tradicionalismo escolástico soube despertar o seu interesse pelo saber científico. A formação teológico-filosófica do tutor a pôs em contato com uma antiga paixão de seu pai: a poesia. Ressurgiram os clássicos e a paixão pela História com suas personagens povoadas de mitologia. Nesse processo, conforme Toscano (2006), “a singularidade vai emergindo e uma biografia vai sendo edificada, lidando e articulando, de um modo específico, com essas muitas ‘vozes’ ou ‘palavras dos outros’” (p. 4).

4.2.3 A mulher freireana e a docente

Dessas influências familiar e escolar nasceu a profissional que ela hoje é, da relação trabalho-reflexão, própria da prática atual, que descobriu os determinantes que atuavam sobre o período histórico durante o seu ingresso na vida escolar. Reconheceu claramente a tensão social pela qual passava o Brasil durante a Ditadura Militar, nos anos de 1970.

Guarda desta escola o despertar da capacidade de indignação diante das injustiças. Situações de poder dentro da escola que a faziam lembrar uma frase dialética de Freire: “é interessante você observar como o opressor educa ao

contrário o oprimido” (Freire & Guimarães, 2001, p. 65). Foi vendo situações como o aluno ser privado de fazer as provas por não estar em dia com as mensalidades, apesar de ela mesma ser bolsista e assim começou a nascer a mulher freireana. Nesse sentido, Lena exclama:

Politizei-me ao perceber a estrutura rígida de uma escola que não abria espaço para discutir questões pedagógicas e ouvir a opinião da comunidade acerca das questões que fazem parte do centro das críticas à escola tradicional. Incrível como em meio a estas adversidades foi nascendo uma mulher silenciosa no questionar, mas crítica ao extremo no pensar.

Anos depois, já formada, voltou a esta escola para lecionar os Fundamentos Filosóficos da Educação e teve o seu trabalho questionado por provocar nos alunos o conhecimento das tendências crítico-pedagógicas da educação, principalmente as libertadoras. Sobre essa situação, Lena se expressa:

Fui dispensada de uma escola [pela direção] “porque a senhora pensa demais e fala demais dos políticos”. Muitos reclamam que eu falo demais dos políticos. Ensino a entender, de fato, na posição de professora, como os seres humanos são capazes de reconstruir seus próprios conceitos.

Para Lena, a transformação do mundo é feita pela educação. Isso só vem comprovar o que diz Freire (2003d): “libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade. O sonho se faz uma necessidade, uma precisão” (p. 100), como tarefa de transformação social, ampla e emancipadora. Lena acredita nesse sonho e ainda complementa esse pensamento:

O que percebia claramente era que, enquanto a escola legitimava a situação de poder dos militares com seus desfiles magnificamente compassados pela banda marcial da cidade, durante os desfiles comemorativos do dia 7 de Setembro, as idéias de uma educação mais voltada para a libertação do ser, pelo domínio da palavra, da leitura e do mundo, não eram sequer pensadas.

Reconhece em sua alfabetização um processo que não levava em conta os seus saberes preexistentes. Todavia, é de sua mãe que lembra ao aprender o alfabeto, quando com as aparas da palha que preparava para o artesanato, montava letras e pronunciava seus sons fazendo-a repeti-las.

Também de seu pai lembra-se das primeiras noções sobre o mundo medieval. Enquanto debulhava o milho ou o feijão, cantava a literatura de cordel ou

contava as novelas de cavalarias. Desse modo, entre o saber formal e o informal, a mulher “rurbana” tornava-se mulher-professora (Barbosa & Passeggi, 2006).

Conforme Lena, nas idas e vindas do passado cumpre não mergulhar nele, pois, os olhos de hoje não têm autoridade para julgá-lo, apenas aprender com ele. Sobre isso, Guimarães em conversa com Freire dizia que a seu ver

O grande interesse em se rememorarem momentos passados é de vê-los como recursos que a gente, como leitor, como pessoa, pode usar, com o intuito de melhor entender as idéias e melhor desocultar o contexto humano, social e histórico em que o indivíduo que as escreveu estava inserido. (Freire & Guimarães, 2001, p. 65).

A necessidade de uma pessoa para assumir os compromissos da casa de uma irmã, faz com que Lena, aos 14 anos, deixasse a casa dos pais e passasse a residir com a irmã em outra cidade; dessa forma, estudava pela manhã e se ocupava dos afazeres domésticos em outros turnos, enquanto a irmã trabalhava “fora durante o dia”. Da irmã recebeu as orientações que serviram de referências ao seu comportamento social. Elementos mais femininos foram introduzidos na vida da menina-moleca que se tornara enquanto estava no meio rural, acompanhando a mãe no campo e na lavagem de roupa ou seguindo seus irmãos nas pescarias ou caçadas, rememora Lena.

A escolha de continuar os estudos, o Ensino Médio, na época Segundo Grau, ocorreu em 1985. Seguindo um conselho de uma freira que, consciente da necessidade de educadores no meio rural, motivou-a ao Magistério. *“Minha mãe decidiu colocar suas filhas no magistério, pois, segunda ela, sairiam do Segundo Grau com profissão certa. Quanto aos homens, restavam-lhe o curso técnico”*, diz a professora Lena.

Cumprindo a decisão da mãe, Lena prestou exame de seleção e cursou a Escola Normal ou Pedagógico. Começou a mergulhar em conceitos, metodologias, na Sociologia da Educação e na Filosofia. Nesse universo, atuou pela primeira vez em sala de aula como professora estagiária.

Não ouço muitos sons dessa época. Para mim é muito forte a intensa realidade do lugar. Acredito que isso se deva ao fato dessa escola ser a formadora dos meus educadores anteriores. Um outro fato que obscureceu sons foi o falecimento do meu pai. A dor de não poder retornar ao meu lar em sua estrutura original foi muito forte. Sem poder representar, um peso a mais para minha mãe, esforcei-me muito mais e, em 1987, ingressava na Faculdade.

Assim, outro universo se abria, teorias científicas passaram a impactar o seu universo rural e na Universidade suas certezas se desestruturaram e ela se encontra diante da mudança. *“Encontro o sujeito histórico social presente nos discursos influenciados pelo materialismo-histórico marxista. O ‘eu’ rural encontra a esperança na luta pela reforma agrária e no estudo dos conflitos no campo”*, explica Lena. A filha do sindicalista encontrou, portanto, fundamento para as discussões antes ouvidas e não compreendidas.

Finalmente, a prática e a ação são confrontadas e transformadas em práxis, como Freire (2003b), tão bem define:

É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser de práxis.

Se ação e reflexão, como constituintes inseparáveis da práxis, são a maneira humana de existir, isto não significa, contudo, que não estão condicionadas, como se fossem absolutas, pela realidade em que está o homem (p. 17).

Nascia, portanto, a mulher politizada, militante, encharcada de práxis. Surgia assim, também, a mulher de reflexão de sua prática, como ela bem narra:

Estou me aproximando mais uma vez de Paulo Freire naquele diálogo íntimo entre ele e o Guimarães em ‘Aprendendo com a própria história’. Na verdade eu estou num momento de aprender com a práxis. O que eu posso passar para essa nova geração, aprender com sua prática, a ser mais forte. Eu fui me tornando política.

[...] Novos sujeitos começam a me construir: Marx, Che Guevara... Revoluções, quantas a compreender, quantas a falar. O mito da caverna se repete. É preciso voltar à caverna e contar aos outros o que ouvi e vi. Ofuscada pelo novo não me reencontro no velho.

Lena se inseriu numa busca incessante da mulher da consciência política, de querer ser agente transformadora, que elegeu a educação como uma possibilidade de liberdade interior, de capacitar outros para a liberdade, de se permitir a autotransformação, enfim. Uma vez mais, a contribuição de Freire (2003e) é bem-vinda, pois para esse autor, “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (p. 38). Assim, Lena se constituiu como mulher de superação e encontrou na palavra a ferramenta de sua libertação. Isso me leva a crer também, conforme Rosário (2002/2003), que:

A palavra é ferramenta da ação e da reflexão. Da ação enquanto re-invenção do mundo, re-significação da realidade pelo entendimento mútuo oferecido pela palavra dita e pronunciada. Da reflexão enquanto retorno à ação, à realidade numa tomada de busca de transformação. Portanto, na compreensão de *palavra*, encontramos elementos constitutivos da ação e da reflexão (p. 72).

Nessa dialética da dialogicidade, permeada pelos saberes acadêmicos ora construídos, ora em construção, Lena volta ao lugar de origem e descobre que a sua escola não quis mudar. Os donos do poder político local a rejeitaram, pela sua prática de “falar demais”. Dessa vez, o aprendizado foi o inverso, a teoria absorvida sobre os aparelhos ideológicos coercitivos do Estado finalmente fizeram sentido. Sentiu-se oprimida, silenciada. *“Parece-me que o movimento compreendido nas aulas sobre dialética finalmente fizeram sentido. O movimento faz parte de minha formação. Hoje, encontro-me mais serena, outros importantes papéis sobrepõem-se ao ser mulher-professora, sou mãe e esposa”*.

No entanto, esse silêncio não anestesia a mulher de sonho e de esperança pela transformação. Os novos papéis exigem que em sua formação, os outros sejam levados em consideração. *“Novos seres esperam de mim uma intervenção. São tantas as realidades a serem compreendidas e destas incluem-se o meu filho e o meu marido”*, afirma Lena. Interessante notar, quanto ao processo de construção de si, mesmo que em múltiplos papéis, o que Barbosa e Passeggi (2006) dizem a esse respeito:

A autobiografia fala sobre a autobiografia; em que a mulher-professora fala sobre a mulher-professora. Nessa sala de espelhos, ao se procurar a docência, se encontrará a pesquisa; ao se procurar a autobiografia, se encontrará as histórias de vida; e, ao se procurar a mulher-professora, se encontrará suas/nossas representações, num exercício contínuo de busca e de reelaboração de si/de nós (p. 4).

Assim apoderando-se conscientemente das relações e experiências traçadas no seu percurso de formação, Lena se reconhece com uma história única, porém, “polifônica”. Por ser pessoal, mas intimamente ligada à luta de muitas outras mulheres que, no anonimato, constroem vidas, plantam sonhos e conseguem desempenhar os múltiplos papéis que vão além do ser mulher, do ser professora. Ver na educação a possibilidade de amar o mundo, de cuidar dele. Assim, aproxima muito da profecia de Freire (2003a), quando ele diz que “a educação é um ato de

amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (p. 104). Nesse sentido, Lena se reconhece em tantas outras histórias “únicas”, de coragem, de denunciar as injustiças sociais e de anunciar a liberdade.

4.2.4 A liberdade de ser, aprender e ensinar

Percorri as histórias de vida de Lena ao longo dos nove encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, com os seus desdobramentos, entre seu envolvimento na Jornada Pedagógica do Colégio Cristão do Nordeste e sua apresentação em um Colóquio Internacional de Educação. Em ambos os eventos, apresentou a sua autobiografização ou histórias de vida. Permitiu-me, portanto, de muito perto, conhecer essa mulher-professora na sua liberdade de ser, aprender e ensinar.

Para chegarmos mais perto dessa figura docente, interessante esclarecer, inicialmente, o motivo pelo qual Lena fez a escolha de sua aluna-colaboradora na pesquisa de campo, como pesquisadora co-etnógrafa. Diana era aluna do Ensino Médio e Lena era também sua professora. Moravam na mesma cidade, quase vizinhas há três anos. De forma que essa aluna era muito familiar à professora. Assim Lena se expressa com relação à Diana:

Essa menina me descobriu aqui na sala de aula e foi buscando. Então um dia desses, ela chegou chorando lá em casa desesperada, pois ela tem muitos problemas em casa, uma conversinha rápida. Depois, eu perdi aquela cara de professora séria, essa história de geografia, de morar perto, pois estou há três anos morando perto dela, vi-a basicamente crescer.

A escolha da aluna foi motivada por certa incerteza e mistério que pairavam no imaginário de Lena. O espaço geográfico foi determinante. Enquanto que, subjetivamente distância e aproximação a inspiravam para a imersão do campo, e em imaginário criara o rompimento de barreiras. Quando foi pedido, através de um texto-sentido, para explicar sobre o motivo da escolha dos alunos, Lena escreveu:

Você me tocou... Em meio a tantos múltiplos rostos, você saltou aos meus olhos. Desejo... Encontrar em você o que motiva seu ser... Motivação... A amizade nascente... Próximas e distantes. Vizinhas, mas não te conheço, somente o que nos possibilitamos, que estranha

geografia nos coloca, próximas e distantes! Romper barreiras. Um dia “Dona Lena”. Ontem, Bom dia “Tia Lena”! Amanhã... Não sei. Descobriremos juntas...

Respondendo a um professor que a questionou pela a sua escolha, a referida professora prossegue a sua reflexão:

Talvez seja por isso que eu fiquei com Diana. Agora é minha vizinha, você não pode dizer a quantidade de vizinhos, porque Diana vai comigo no transporte, é minha aluna, ela me procura na hora do intervalo, na praça. De repente a cidade é muito pequena, ela está na praça, na “lan house”, na Igreja comigo. Estou fazendo relatos do cotidiano [...]. É por isso que eu estou me sentindo preocupada, pois acabo envolvida com mais esse fator: de pessoa da cidade, pessoa da comunidade, como amiga, como aluna.

Aos poucos Diana foi permitindo que Lena a conhecesse: a sua vida privada, da tutela *da tia solteira, professora rígida e moralista e de uma avó doente*; Lena conhece também seus atos públicos. A aluna-colaboradora vai traçando um perfil de dominadora, de quem nega a sua realidade e o seu contexto cultural, das muitas faltas ao Colégio, da “menina” que banaliza as oportunidades. Segundo Lena, *“ela está precisando encontrar alguém que penetre nessa ‘casca’”*. Assim, a pesquisadora-professora foi vivenciando em sua subjetividade interações com o modo de ser de sua colaboradora: *“jovem, sorridente, criativa, que sonha alto, sem limites. Para ela a vida é uma grande aventura que só é limitada pela tia”*. Desse modo, as relações de interações foram se efetivando entre a co-pesquisadora e a sua colaboradora social. A esse respeito Rocha e Eckert (1998) dizem: “Pesquisador e sujeitos pesquisados vivenciam, no tempo de duração do trabalho de campo, uma espécie de jogos de interações e de negociações de interesses, onde informações são trocadas assim como afetividades, angústias, tensões, frustrações etc” (para. 49).

Conflitos surgiram ao longo da pesquisa de campo por parte da professora, seus valores foram confrontados com os vividos pela aluna. Sobre isso Lena diz que:

De repente eu me pego revendo também os meus valores de educação e reafirmando esses valores que eu os considerava no passado ultrapassados, hoje me pego acreditando nesses valores tradicionais, refletindo-os. Eu fico mais tentada a dar conselhos que ajudem, pois naquele momento me vi policiando, queria ajudar a sua tia a educá-la, ao mesmo tempo, também, tive medo de ser aquela conselheira que vai liberar demais.

Assim sendo, os afetos e os julgamentos foram exponenciados na entrada em campo pela professora, pois, a meu ver, é muito difícil suspender os juízos morais, diria que quase inevitável, pois a professora Lena estava envolvida e afetada com a situação pesquisada. A esse respeito, André (2004) alerta àqueles que fazem a imersão no campo: “O trabalho etnográfico deve se voltar para os valores, as concepções e os significados culturais dos atores pesquisados, tentando compreendê-los e descrevê-los e não encaixá-los em concepções e valores do pesquisador” (p. 46). Em relação a esse aspecto, Goldman (2003) complementa: “Não se trata, portanto, de apreensão emocional ou cognitiva dos afetos dos outros, mas de ser afetado por algo que os afeta e assim poder estabelecer com eles uma certa modalidade de relação” (p. 465). “*Pois, eu encontrei além dos impactos, muitas semelhanças, coisas surpreendentes; nós nos aproximamos, eu percebi também trajetórias comuns*”, ratifica a professora Lena.

A aluna colaboradora desperta em Lena, durante sua imersão no campo, a menina-moleca da infância, restitui no presente a sensação de liberdade de ser a própria Lena, sem necessariamente exercer os seus múltiplos papéis de mulher, de mãe, de professora. Por outro lado, permitiu a mudança de rotina. Essa sensação foi assim expressa por ela:

Ela, na sala de aula, não é muito presente, não consegue demonstrar preocupação com os estudos. Na escola, quer continuar buscando sua liberdade, porém não coloca energia no que faz, ela tem muita vitalidade, sei lá. Esses dias todo que eu saí com ela, me senti moleca mesmo, de sair, de brincar, bem diferente da minha rotina de casa: o marido, o filho, o trabalho, a responsabilidade. Então eu me permiti também ser um pouco moleca com Diana. Isto quebrou um pouco minha rotina.

Lena, porém, aprende pela própria história, ver em seu passado, em sua história de vida, um alicerce pela experientiação, em que há uma imbricação com o social. Quanto a isso ela exprime: “*minha prática em relação à educação é de superação, aprendo com a própria história. Na verdade eu estou no momento de aprender, de me construir como sujeito realizando seu papel, com responsabilidades sociais*”. Isso reforça o que Dewey (1971) chamou de “princípio de continuidade de experiência”, pois, “significa que tôda [sic] e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subseqüentes” (p. 26). Dessa forma, Lena retoma suas experiências passadas e as reconstrói hoje,

aprendeu a crescer continuamente. No tocante a isso Fiori (1988) confirma: “Aprender, portanto, não é saber como foi o mundo ou como deverá sê-lo; essencialmente, é esforço por re-inventá-lo numa práxis que assume e supera as condições objetivas da situação histórica em que se vive” (p. 28).

O aprendizado da professora fora de ordem socializadora, embora as relações hierárquicas existissem no universo de sua casa. Observando a falta de referência de sua colaboradora em relação à família como aprendizado socializador, Lena afirma:

O que Diana sente falta, e que me vem à mente, é uma relação mais afetiva com uma família grande como a minha. Aprendi desde cedo a partilhar, dividir. Não existiam segredos e os nossos sentimentos eram comunitários, afloravam entre irmãos e irmãs, não dava para ter segredos.

Esse aprendizado socializador no seio de sua família, trouxe no percurso de suas histórias de vida o desejo de liberdade e de coragem da referida professora. Foi um contributo importante para a sua formação docente, como consciência formadora em busca da plenitude do ser. Rosenberg (2005), portanto, identifica essa pessoa como “social plena”. A esse respeito a referida autora certifica:

Esta pessoa que busca sua plenitude não explora os seus verdadeiros sentimentos, desejos e valores. Explora-os em meio ao quadro social, na própria situação de relacionamento que está vivenciando. A percepção quanto a si e aos outros pode ser reelaborada com o auxílio destes outros e das experiências de troca que oferecem (pp. 130-131).

E assim Lena emite seu juízo no que diz respeito a esse professor-formador:

Daí a importância do professor orientador, observador, aberto ao diálogo. Que educa não para o “seu” sonho, o “seu” projeto, mas com a esperança de educar para novas realidades, que o aluno seja capaz de sonhar com autonomia e realizar seus próprios sonhos.

Em sua prática docente, a professora Lena tem uma preocupação na formação sócio-histórica dos educandos. Por ser influenciada pela pedagogia freireana, seu jeito de ensinar revela traços de convicções nessa linha:

A minha prática em relação à educação supera o analfabetismo, na verdade, estou com vontade de aprender mais, é isso que eu passo como educadora e professora. Aprender e a ensinar a cuidar das questões sociais. [...] Ensino a entender, de fato, na posição de professora, como os seres humanos são capazes de reconstruir seus próprios conceitos.

Minha fundamentação está na pedagogia da história crítico-social. [...] Eu tento trabalhar o sentido da humanidade, aprender com a história.

Tal narrativa vem complementar o que Freire (2003e) diz: “não há realidade – mais outra obviedade – que não seja humana. Não há história *sem* homens, como não há uma história para os homens, mas uma história de homens que, feita por eles, também os faz” (p. 127). Nesse sentido, impregnada de um humanismo crítico-social e imersa na realidade de sua colaboradora pobre, bem como de outros contextos culturais trazidos por seus colegas professores, Lena confessa:

[...] A realidade me assalta de forma crua, sem disfarces. De repente me vi invadindo a casa de João, pelas lentes e relato de Tereza. Vi o Brasil pobre, miserável, carente de ações sociais, políticas e morais. Visitei, olhando as imagens, uma das muitas famílias de minha cidade, que vive uma realidade conseqüente da poderosa exclusão social. Emocionei-me com Tereza, ao identificar dentro da exclusão, uma exclusão ainda maior, a dor de João que em meio a uma numerosa família não é aceito, excluído do carinho familiar. [...] As realidades percebidas não são novidades. É sobre elas que trabalho. O que dói é percebê-las tão perigosamente perto, tão vivas, tão pessoais e parecidas com minha própria luta.

A realidade de pobreza trazida, tanto dentro da história de vida da pesquisadora colaboradora Lena, como as trazidas dos alunos pobres para a Terapia Cultural em Círculos de Letramentos pelos outros professores, revelaram através das fotos-imagem a sensibilidade desses professores diante do referido contexto. O recorte trazido de cada contexto cultural revelou, ainda, o universo pesquisado por parte de cada um deles. Assim, conforme Achutti e Hassen (2004): “cada imagem deve não apenas ter importância enquanto parte de uma seqüência, mas também de sustentar, de ter importância independentemente do conjunto” (p. 289). Pois essas fotografias iluminaram as paisagens ou os contextos pesquisados. Trata-se, também, na opinião de Alves e Oliveira (2004) a respeito dessas imagens, como:

portadoras de possibilidades de compreensão ampliada do que é e do que pode ser a prática pedagógica real, escamoteada e tornada invisível ‘a olho nu’ pelas normas e por regulamentos da cientificidade moderna, da hierarquia que esta estabelece entre teoria e prática e dos textos produzidos nesse contexto (p. 33).

Dessa forma, Lena foi se reconstruindo pelas realidades apresentadas através da fotoetnografia (Achutti & Hassen, op. cit.) - essa como recurso narrativo

ou autonarrativo – a ponto de ser afetada pelos conflitos inerentes da pesquisadora-professora-mãe. O impacto visual sobre o cotidiano dos alunos pobres do Colégio Cristão do Nordeste, aos poucos vai transformando a pesquisadora. Assim ela se expressa quanto a sua imersão como etnógrafa:

[...] esse trabalho de etnografia: é muito complicado ser um pesquisador. O etnógrafo que penetra em realidades que são bem familiares, ver e não se envolver. De repente agora a realidade dessas fotos me atinge. De fato a foto me atingiu profundamente. Clara é companheira de sala de aula do meu filho, é amiga do meu filho, então o problema não me é estranho. Clara é uma amiga quase de vizinhança. Esses meninos moram ao lado do meu cunhado, de repente esse pessoal vem para mim. Eu estou olhando como etnógrafa ou como cidadã local? Sou abordada por um companheiro da cidade.

No entanto, à medida que Lena se envolvia com a pesquisa, a consciência de mudança sobre sua prática pedagógica crescia. O sentido do conceito de pobreza se alargava, tornando mais significativo, pois as realidades dos contextos culturais ali trazidas na Terapia Cultural se imbricavam na própria vida da docente, e isso refletiu na maneira de ensinar. A esse respeito, ela diz que:

Em termos de práticas educativas, eu não sei se vocês sentiram o discurso de vocês em sala como está mais significativo. Esta semana falando de questões sociais, me vi mais crítica. De repente eu não medi as palavras. Dependendo da realidade, me vi dentro da realidade deles, o meu discurso já se confirmou a partir da realidade de meu aluno. Como objetivo claro de estar naquele momento, falava da pobreza com mais significado, mais criticidade, para meu aluno perceber o contexto que não é muito diferente do nosso. Olhando no olho do aluno, sabendo que minha mensagem o penetra, pela sua realidade. Saio fortificada, seja ele menino ou menina. Eu me senti mais dona do meu discurso. Vocês já sentiram isso? É como se todos os discursos até aqui apresentados tivessem vida em sala de aula com os nossos alunos.

A dimensão de mudança ganhou terreno na vida de Lena diante dos conflitos inerentes à própria situação pesquisada por ela e por seus companheiros colaboradores de pesquisa. A transformação lhe parecia inerente a sua prática pedagógica, pois começava a entender as histórias de vida como um processo contínuo. Interessante notar que essas pessoas para Rogers (2005a) estão em processo, “estão profundamente conscientes de que a mudança é uma das certezas na vida – estão sempre em processo, sempre mudando. Aceitam de braços abertos

um estilo de vida arriscado e são extremamente vitais na maneira como encaram a mudança” (p. 131).

Por fim, na trajetória de Lena, durante a pesquisa, percebi a esperança como possibilidade de se reconstruir pela liberdade de ser, de aprender, mas, sobretudo de ensinar, pois, como professora retomou suas histórias de vida e tomou direção com mais propriedade e convicção da profissão docente como pesquisadora. Assim, em apresentação num Colóquio Internacional sobre Educação, profere:

*Criticando o meu processo formativo, dentro de estruturas tradicionais, pela aquisição do saber formal, reafirmo a posição de que a educação é o caminho de transformação do ser e instrumento de superação de realidades que impedem **a plena liberdade** [Negrito meu].*

Desconstruo a idéia de saberes centrados no professor e fortaleço a crença de que a prática pedagógica requer olhar o aluno de frente, buscando identificar sua história e revelar-se também como alguém que tem uma história pessoal, com realidades que foram vencidas.

Isso me leva a crer no processo de empoderamento que Lena passou nos Círculos de Letramentos. A esse respeito, Cavalcante Jr. (2003) compartilha que há o empoderamento quando o participante “torna-se mais independente, torna-se mais solidário com outras pessoas, sendo mais tolerante às diversidades humanas e mais comprometido com o empoderamento de outras pessoas, desejando compartilhar com outros o que experienciou pessoalmente” (p. 36). Sobre esse aspecto, Lena diz: “*Seria interessante que na próxima Jornada Pedagógica criasse um espaço de vínculos. A gente começa sentir uma coisa e tem vontade de trocar experiências, talvez o primeiro passo seja de provocar essa história, ter vontade de sair transformando*”.

Até a conclusão final desta dissertação de mestrado, essa professora se apropriou com tamanha maestria de sua condição de professora-pesquisadora, que, de repente, viu-se cheia de esperança e entusiasmo para aprender-ensinar. Emergiu a compreensão de sua subjetividade como formação em exercício, colocando “em evidência a autonomização potencial como escolha existencial. Assim, este autoconhecimento poderá inaugurar a emergência de um *eu* mais consciente e perspicaz para orientar o futuro de sua realização e reexaminar, na sua caminhada, os pressupostos das suas opções” (Josso, 2004, p. 60). E Lena realmente se sentiu empoderada e transformada, pois para ela,

a maior contribuição da Terapia Cultural foi o resgate dos sujeitos que estão inseridos no educador, rompendo sua estigmatização como professor, sem uma história pessoal, trazendo para sala o ser múltiplo, seguro de sua história, questionador e de auto-estima elevada; um ser transformado e transformador, vivo e cheio de esperança.

Com efeito, a trajetória até aqui exposta convenceu-me de uma construção de conhecimento de modo dialógico, processual e relacional, tendo em vista uma educação libertadora, permitindo-me, inclusive, lançar um olhar sobre o *lócus* da pesquisa, na perspectiva da liberdade de ser, aprender e ensinar na escola cristã, vista pelas lentes da professora Lena. Este conhecimento do ser humano se desenvolve “desde do nascimento até a morte, é um processo dialético que começa pelo nascimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro (Delors et al., 2000, p. 101). Assim, o conhecimento de si, visto pelas lentes de Lena, reflete como efeito mobilizador impulsionado a provocar mudanças identitárias, a partir de sua reconstrução de si pela busca constante do movimento emancipador como diálogo intersubjetivo interrogante a partir do “outro”.

4.2.5 A construção de si pela Terapia Cultural: A formação e o percurso de vida

O percurso de vida analisado até aqui foi também, a meu ver, o percurso de formação. Desenvolvido em tempos e espaços concretos, onde a professora Lena foi tecendo as suas narrativas em busca da construção de si; situando-se, dessa forma, no campo da autonomia, cuja voz foi ouvida a partir dos encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos; expressando sentimentos, sonhos, conflitos, incertezas, medos, conquistas e tantos outros, como exercício do pensamento autônomo. Pois, a realidade sociocultural da qual ela se ocupou, particularmente na representação cultural de tantas imagens congeladas pelas fotografias trazidas aos encontros de Terapia Cultural, tornou-se, conforme Bittencourt (2004, pp. 198-199): “vestígio material de seu tema, característica essa que irá se sobrepor a sua qualidade de artefato cultural que congrega os domínios do perceptível, do real e do imaginário” de Lena.

Nesse percurso Lena se imprimiu, além da palavra como pronunciamento da interioridade, como própria essência do diálogo, também o fez pela escrita, através dos textos-sentido, que se configuraram como um trabalho de incertezas, de

conflitos, de tensões, que tendeu a se abrir, deslizar para um movimento de (re)construção das muitas vozes e dos muitos sentidos. Como retorno a si mesma, deu mais sentido a sua própria história de vida. Sobre esse aspecto, ensina Josso (ibidem): “A narrativa escrita dá testemunho, implícita ou explicitamente, de um impacto formador desta pluralidade de contextos culturais como traços das nossas pertencas de fato ou eletivas que nos permitem identificar-nos tanto na aceitação como na recusa” (pp. 188-189). Assim, Lena transitou entre o eu pessoal e o eu profissional nas diversas situações de sua vida como autoformação, permitindo se confrontar com ela mesma.

A construção da pesquisadora etnógrafa, no entanto, nasceu na medida em que sua expectativa diante do desafio do inusitado, com a sua colaboradora, na pesquisa. Pois, de acordo com ela:

Gostaria de assumir e conviver com essa minha aluna. Tenho que ter o cuidado com o vínculo que vai se desenvolver, que vai estabelecer. Eu tenho curiosidade de saber mais. Essa pesquisa vai ser muito boa. É uma forma de conhecer melhor meu aluno. Estou preocupada, sei que vem coisa por aí isso vai sacudir minha prática.

E, em seguida, confessa:

[...] estou mais tocada por aquela aluna, mesmo que ela não tenha iniciado um trabalho comigo, mas alguma coisa já foi iniciada e não tenho controle. Eu acho que a gente tem essa impressão, essa sensação de saber do outro sem ter chegado até ele. Portanto, já se traçou aí algum tipo de relação que não foi estabelecida e de qualquer forma a gente começa a ter certa responsabilidade pelo outro também. [...] Senti-me tocada por uma maior ação, a sensação que eu tenho, é que eu estou diante de um processo que eu ainda não tenho controle, mas que foi desencadeado, não sei se vocês sentiram isso.

Confrontada com a realidade absorvida do contexto cultural do aluno pobre, trazido pelas fotos-imagem durante a Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, Lena reflete sobre o seu papel como educadora e qual o sentido da escola para pobres na realidade circunscrita. Indignada pela realidade apresentada, muitas vezes cruel aos seus olhos, Lena almeja partir de uma aprendizagem focada na realidade do aluno, “a partir de projetos do real conhecimento” como tomada de consciência para poder transformá-la. Assim pensando, esse também foi o seu itinerário na construção de si. Sobre esse assunto ela questiona:

[...] Qual é o projeto para gente trabalhar? Por que eu vou trabalhar com a água do Rio Mágico que é tanta? Como é que eu vou dar noções de higiene para quem tem um balde de água? Como é que eu vou ensinar a não defecar em locais abertos, quando vimos uma realidade que não tem nem banheiro? Eu acho que a gente tem que partir da pior realidade e refletir no que fazer para solucionar o problema da nossa realidade.

Nesse sentido, há uma preocupação da professora em superar a pobreza e inserir na proposta curricular da escola a realidade sociocultural do estudante em situação de vulnerabilidade social, com base nessa tensão social. Observo, portanto, a partir dessa situação e, ainda, de acordo com Moreira e Candau (2003), a necessidade de:

Construir o currículo com base nessa tensão não é tarefa fácil e irá certamente requerer do professor nova postura, novos saberes, novos objetivos, novos conteúdos, novas estratégias e novas formas de avaliação. Será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados (p. 157).

De acordo com essa asserção, o docente consciente da realidade do aluno, poderá atingir com mais eficácia os objetivos propostos para uma aprendizagem mais significativa. Teoria e prática a partir de agora passam a ser um imperativo na vida da professora co-etnógrafa. Além disso, ela passa sentir o desejo de enlargar a reflexão para outros docentes. No tocante a isso, Lena ratifica:

Eu acho que essas fotos retratam a proposta do Colégio Cristão do Nordeste atualmente. Essa foto me comoveu bastante [foto trazida pela professora Tereza do contexto cultural de seu colaborador João], temos que aceitar essa realidade aos poucos. É contar a história da criança e ela chegar num mundo perfeito, lindo, totalmente estabilizado de amor, de bem-vindos, crianças de uma felicidade incrível, de um mundo maravilhoso, de arte. Mas esse menino volta a uma realidade tão conhecida pela própria miséria da vida que ele quer mais respaldo, ele não é só aluno, não. Para provocar uma imagem dessas, a gente se depara com tanta coisa! E eu, como professora, me deparo com tantas realidades políticas num mundo em desenvolvimento, onde às vezes esqueço que o meu aluno pisa nessa lama todo o dia. Parece um discurso estéril ao conhecer a realidade da pessoa. Uma foto dessa fala mais do que mil discursos. Seria interessante em nossa Jornada Pedagógica passar essas imagens da cidade, a realidade local. Uma escola com um projeto popular é essa aqui. Vamos mostrar logo a idéia do projeto e não ser somente teoria. Que tal a realidade do dia-a-dia, esse projeto não serviria para a nossa Feira de Ciências?

Consciente de seu papel como agente de transformação para esse aluno pobre, Lena vai se imprimindo como uma educadora da esperança, de quem confia na mudança e que faz por onde; de que vê na utopia dos empobrecidos a possibilidade, pela educação, de se superar e viver num mundo mais harmônico e justo. Ela se circunscreve como educadora humanista-crítica. Compromete-se desde o início em levar ao aluno a reflexão crítica de sua realidade para se atingir a liberdade de ser. Com respeito a isso, se assemelha ao pensamento de Freire (2005) sobre o educador humanista, quando ele afirma:

Desde o começo, seus esforços devem corresponder com os dos alunos para comprometer-se num pensamento crítico e numa procura da mútua humanização. Seus esforços devem caminhar junto com uma profunda confiança nos homens e em seu poder criador. Para obter este resultado deve colocar-se ao nível dos alunos em suas relações com eles (p. 94).

Refletindo uma foto-imagem trazida pelo professor Neet, Lena confirma isso e comenta: *“Pierrô busca transpor a dureza do seu cotidiano, pela porta da escola. Projeta seus sonhos na arte, no teatro. Brinca sobre túmulos para zombar da morte”*.

A questão está em saber se preferimos, ainda, viver na ilusão de uma suposta neutralidade ideológica da sociedade em que vivemos e que aí está e da qual somos parte. Como Lena fez, é importante crescermos na capacidade crítica, inquietarmos diante das condições de injustiça existentes em nossa sociedade. Nesse sentido, foi importante o esforço de perceber nos outros professores, que também fizeram parte da Terapia Cultural, ao verbalizarem sobre a escola como instituição inserida na sociedade e que é atravessada por todos os conflitos sociais. Pois, de acordo com Mészáros (2005): “A transformação social emancipadora radical requerida é inconcebível sem uma concreta e ativa contribuição da educação no seu sentido amplo [...]. A educação não pode funcionar suspensa no ar” (p. 76).

No processo de aprendizagem como educadora, Lena deu passos significativos, a partir do momento em que os ponteiros da reflexão passaram a incidir sobre a sua prática de cada dia e sobre a teoria que respalda o seu fazer pedagógico. Nesse sentido, Brandão (2003) enriquece a nossa reflexão quando diz que: “Todo o saber construído como um contexto cultural, dentro do qual aprendemos qualquer coisa, ao incorporar algo-novo-já-conhecido, transforma a estrutura completa do-que-já-se-sabia” (p. 118).

A partir do momento em que começou a olhar para a realidade de sua aluna colaboradora, centrada em seus múltiplos contextos, a relação professora-aluna, professora-professor, professora-direção foi (re)significada, passando a detectar os sintomas bem concretos do contexto sociocultural, o qual efetivamente anunciamos e com o qual estamos comprometidos, como escola cristã católica. Sobre esse aspecto, Lena se identificou e se expressou logo defendendo essa causa:

Até quando a realidade vai ser mediada pela teoria? Saio dos Círculos de Letramentos angustiada e renovada. Não sei o que fazer enquanto educadora e cidadã e, principalmente cristã, mais sei que algo precisa ser feito. As realidades percebidas não são novidades. É sobre elas que trabalho. O que dói é percebê-las tão perigosamente perto, tão vivas, tão pessoais e parecidas com minha própria luta.

Reconhecendo que a realidade do outro, muitas vezes, é a sua própria também, Lena, na construção de si pela Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, trouxe para ela, à tona, os seus preconceitos, pois atuando no campo de pesquisa e convivendo com sua aluna colaboradora Diana, reconhece: “*Ora eu me vejo bem preconceituosa revendo os princípios nos quais eu fui educada e a gente tende a ser meio tendenciosa como mãe, eu me senti assim*”. E reflete de modo transparente: “*Quando a gente entra no campo sem preconceitos ou tiver a coragem de perceber esse preconceito, é fundamental. Eu tenho preconceito, mas quando eu escrevo, faço minha auto-reflexão e confronto comigo mesma. É o processo da pessoa em si*”.

Nesse sentido, confirma-se a teoria dos criadores do método da Terapia Cultural, pois, com relação aos professores, Spindler e Spindler (1994) dizem que:

A terapia cultural pode ser usada para aumentar a consciência no que diz respeito as posturas culturais que eles trazem à sala de aula, que afetam seus comportamentos e as suas interações com os alunos. [...] É uma intervenção que pode ser usada como um primeiro passo para afetar e modificar comportamentos, atitudes, e posturas que são preconceituosas. [...] Nosso uso de terapia cultural foi dirigido a ajudar os professores e outros adultos a entender a sua própria posição cultural, refletir e analisar as razões pelas quais eles poderiam considerar censurável, chocante ou irritante no comportamento de uma pessoa culturalmente diferente (pp. 4-5).

No entanto, a identificação com a cultura do outro, no caso aqui, na identificação que ocorreu com a professora Lena face a sua aluna colaboradora, bem como outros alunos colaboradores, Spindler (1999) alerta que:

Embora a cultura seja, com certeza, necessária para o status e o funcionamento humano, isso é também a base para o etnocentrismo, algo que professores e outros que fazem julgamentos sobre pessoas e seus atos não podem proporcionar. Uma identificação saudável com a cultura de alguém é desejável. A cegueira cultural que acompanha essa identificação é o que nós pretendemos corrigir com a terapia cultural (p. 466).

Os conflitos estabelecidos entre Lena e a situação pesquisada do “outro”, e as realidades trazidas provocaram a sua transformação. Confirmaram, também, algumas resistências no processo de sua terapeutização, ou construção de si pela formação. Nesse sentido é significativo o seu depoimento a seguir:

Tem coisas nossas que temos coragem de ver, isso acontece comigo, eu me escondo de mim mesmo, eu sou uma crítica terrível de mim mesma, eu tenho muito medo. E essa Terapia Cultural move a isso. Essa coisa de escrever emoções é muito difícil. No entanto, houve momentos aqui que realmente se puseram a chorar e eu senti certa inveja e implodi. As implosões são aqui dentro, ter uma fala madura e racional. E de repente, nesse último momento, me permitir soltar a mente. Filtrei as emoções de mulher. Quando mamãe e papai morreram, entrei em casa como uma administradora. Papai morreu, recebi o telefonema, peguei um carro e cheguei em casa, varri a casa, fiz chá, almoço, fiz tudo, e ainda segurei a mão de mamãe. Sabe aquela coluna que assume e racionaliza? Essa terapia, pelo próprio nome já diz, é permitir a gente se identificar, se ver, se reconhecer. Claro que é muito difícil, quando a gente escreve não quer que alguém veja, se tem coisa que a gente queira que não descubra não pode ser registrada.

O depoimento acima sugere a reflexão de uma (des)construção de sua narrativa, indicando uma análise, não do resultado até aqui de sua história, mas do desfazer de sua trama. A escrita ou as narrativas autobiográficas de Lena foram compreendidas como uma escrita de si, tornando-a senhora de sua subjetivação. Essa construção subjetiva, naturalmente, ocorreu por meio da criação de uma narrativa autobiográfica que propôs ao longo da pesquisa questionamentos sobre a docência mais especificamente, assim como também dos vários papéis familiares, e de qual autoridade a professora Lena percorreu.

Dessa forma, percebi que as vivências passadas se entrecruzaram com as atuais, trazendo significados para a sua formação, seu trabalho, sua vida. O

exercício reflexivo sobre as ações implicou um movimento de novas construções geradoras de mudanças e de transformações. Pois, de acordo com Branco (2007), “a experiência humana não pode ser posta como algo acabado, devido ao fato da experiência ser contínua e estar constantemente assimilando experiências passadas e modificando futuras” (p. 3). Assim, a implicação de Lena no processo de autobiografização rompeu a barreira da individualização e ela mesma se assessorou de outras vozes. Nesse sentido, “a compreensão da palavra autobiográfica do outro se constrói no vínculo do ouvinte, ou do leitor, consigo mesmo e com sua própria construção biográfica” (Delory-Momberger, 2006, p. 368). E foi assim que a professora Lena conseguiu fazer sua trajetória, como construção de si pela autobiografização.

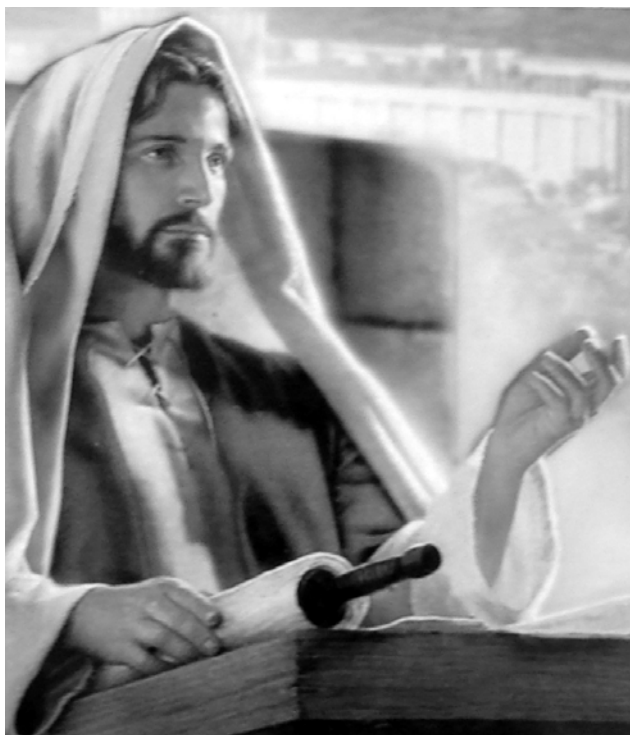


FIGURA 21 – Jesus na Sinagoga.



FIGURA 22 – Jesus com as crianças.

Capítulo 5

O GESTOR-PESQUISADOR NA ESCOLA CRISTÃ

*Bem-aventurados os pobres em espírito,
porque deles é o Reino dos Céus.*

(Mt 5, 3)

5.1 O trabalho na escola

A gênese deste capítulo teve início a partir das leituras e reflexões realizadas nas aulas no mestrado em Psicologia, especificamente na disciplina de Estudos sobre Identidade, Trabalho Humano e Comprometimento Organizacional, ministrada pela Profa. Dra. Tereza Gláucia Rocha Matos. Momento privilegiado de tantas argüições e encorajamento nas problematizações, na fala e na escrita no que diz respeito a fazer Ciência do Trabalho com um viés crítico.

Nesse universo do trabalho foquei, naquele momento, as devidas adaptações reflexivas ao universo peculiar educacional ou escolar. A escola não somente vista como um espaço do ensino-aprendizagem, mas também com suas próprias interações no trabalho, sobretudo pelo meu papel desempenhado, durante esta pesquisa de mestrado, que foi o de gestor-pesquisador. Hifenizo essa expressão pelo sentido valoroso que ela tem expressado para o desempenho do meu trabalho. Esse sentido por sua vez é inerente às atitudes advindas desde o início de todo o processo realizado e por essas funções estarem muito imbricadas.

Assim, reflito sinteticamente agora a escola pelo veio da administração moderna, partindo da teoria clássica da Administração, que vaticina processos de planejamento, organização, direção, coordenação e controle. Por conseguinte, o trabalhador se insere numa redoma em que tudo é planejado e controlado nos mínimos detalhes e tudo passa a ser funcional e mecanicamente pensado. Penso na organização escolar imersa nessa mesma lógica: do controle, da busca por resultados e resultados financeiros. Sei, no entanto, que não foi e nem é objeto desse estudo a escola na perspectiva mercadológica, porém como escola cristã católica, corre-se o risco de ser “contaminada” por essa onda neoliberal que tem seu foco somente nos resultados financeiros para sobreviver no mercado.

As ações racionais voltadas para um mercado competitivo aceleraram as fusões e aquisições, demandando mudanças radicais de liderança, pois as instituições não podem retroceder mais aos sistemas gerenciais tradicionais, por muitos chamados de “caseiros” ou “domésticos”. Então sob a égide de novas iniciativas dos novos gestores tentam arrebanhar cada vez mais clientes ao invés de alunos, satisfazendo a lei do mercado.

Portanto, a meu ver, como gestor escolar cristão, devemos estar voltados para produzir valores de uso socialmente necessários e não valores de troca para um mercado segmentado e excludente. Em nome de um empreendimento monumental podemos estar solapando as pessoas sem tempo para nada, a não ser burocratizando-as, mecanizando-as, instrumentalizando-as.

Nem sempre Modernização e fator humano combinam. Muitas vezes impactos se estabelecem, corporações ou Instituições religiosas começam um forte movimento por enxugamento em suas estruturas, havendo fusões de regiões geograficamente pelos Institutos religiosos (para não dizer um nome em voga na Vida Religiosa: “Reestruturação”) em decorrência, em parte, da diminuição do número de religiosos.

A formação de cidadãos pela qual optamos, mesmo como escola confessional privada, não pode ser consolidada na lógica no que Montaño (2002) chamou de “nova consciência social” empresarial ou de “empresa cidadã”, onde se buscam disfarçar, através da modalidade do capital, as relações lucrativas que encobrem o crescente interesse pelo lucro.

Penso, nesse momento, nos excluídos, na justiça, na equidade e na solidariedade, tão caras aos fundadores de tantos Institutos Religiosos, sobretudo aqueles que empreenderam uma “administração doméstica” em pleno século XIX, quando em boa parte do mundo evocavam os ideais liberais. Creio que a ousadia não pode ultrapassar o discernimento e que este pautar nossas opções e ações futuras. Afinal, a ordem social injusta gera a morte, o desalento e a miséria. Contrariamente, acredito na educação como possibilidade de acertar nossos passos num caminho que nos ajude a ser mais justos e proféticos diante de um mundo cravado pelas economias excludentes.

Nesse sentido, o papel da escola cristã voltada ao atendimento preferencial de crianças e jovens mais empobrecidos alicerça seu comprometimento com a equidade, favorecendo-os em crescimento pessoal, social e planetário mais justo.

5.2 O gestor-pesquisador-reflexivo

Na qualidade de gestor e religioso do Colégio Cristão do Nordeste, foi central para mim, desconstruir os papéis hierarquizados e enfrentar os desafios cotidianos da ousadia da inovação, do diálogo e da prática de princípios e valores ao gerir os sujeitos e a instituição pesquisada. Sair desse lugar comum de “diretor”, retornar a esse mesmo lugar com outras lentes, aquelas de quem foi afetado pela pesquisa, transportado e transformado, com um olhar mais sensível e mais humanizado; menos burocratizado pela administração moderna, enfim.

Nesse trabalho, a concepção de grupo de formação dos docentes trouxe ainda que implícita, a noção de reflexão, que constituiu em seu cerne, o andamento de toda a Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Não previ que, nesse enfoque da concepção de formação, destacaria a reflexão como fulcro do trabalho, entendida como o pensar sobre a prática, sobre o cotidiano, como ponto de partida para o processo formativo do gestor.

Conviver como gestor-pesquisador e terapeuta nesse processo foi muito enriquecedor, pois ao ouvir as narrativas dos professores em formação, na tentativa de construir suas próprias vidas, evocou em mim as mais íntimas subjetividades, que me fizeram refletir sobre meu processo formativo, construindo outros itinerários, antes não percorridos.

No entanto, a reflexão me permitiu voltar para examinar melhor, para ver e rever a realidade da escola de forma atenta, compreensiva e abrangente. Assim o processo reflexivo constituiu-se um contínuo indagar sobre a minha prática e isso envolveu a prática dos demais. Dessa forma pude entendê-los melhor e me fazer compreender também. Ao ouvir a exposição dos contextos culturais realizada pelos professores descobri-me envolto com eles, responsabilmente. A partir daquele momento, repensei as minhas práticas administrativas e pedagógicas; tomei consciência de que esse trabalho exigido pela narrativa oral tinha me colocado num movimento de articulação comigo mesmo e articulado com suas diversas significações.

Através desse olhar de professor reflexivo estive voltado para a minha prática de gestor e seu processo de conhecimento. Nesse contexto, foi importante a mudança que se deu em mim, pois fui capaz de, além de refletir sobre essa prática pude transformá-la, tornando-a mais significativa, mediante o diálogo e a escuta

plena, colocando-me mais próximo dos professores. A concepção desse gestor reflexivo privilegiou o movimento da mediação do diálogo que surgiu a partir da experiência de cada professor ou aluno envolvido no escopo da pesquisa. É necessário dizer que a dialogicidade foi vital para esse estudo, pois desencadeou debates, fertilizou reflexões, instigou os questionamentos. Assim, a formação reflexiva foi o vínculo que se traduziu pelo diálogo e semeou a comunicação e a sintonia do grupo.

Essa lógica de me colocar no lugar do outro e apropriar-me de sua narrativa, pela escuta, demandou de mim uma grande concentração no grupo de Terapia Cultural, e assim fez valer o que disse Justo (2001): “A escuta compreensiva, atenta, possibilita encarar o mundo interior de outra forma ou outro lado desse mundo, convertendo, inclusive, sentimentos temerosos em suportáveis” (p. 139).

Como foi percebido no itinerário desse estudo, as possibilidades foram desenhadas ou redesenhadas na formação docente, pelo viés da vez e da voz deste docente como potencializador do ensino-aprendizagem, resgatando a dialogicidade na prática docente como a própria emancipação da escola. Assim, legitimei a participação do coletivo da escola, embora com uma representatividade do corpo de professores. Incentivei-os, não apenas para o exercício de colaboradores co-pesquisadores, mas pela importância de buscarem elementos constitutivos dos saberes da docência. Saberes esses, evidenciados a partir do contexto cultural do aluno, especificamente aqui, do aluno pobre, para atuar sobre ele, promovendo as rupturas necessárias, expressando a crença na ação docente, amplamente exemplificada no escopo desta pesquisa pelo método da autobiografização.

Tudo isso desembocou, portanto, no entendimento do docente crítico ou autocrítico, criativo e transformador desse contexto cultural. Esta é, sem dúvida, uma contradição a ser explorada quando a intenção é sair do nível do discurso, quando a intenção foi de transformar ou de se autotransformar. Pois, de acordo com Finkler (2000): “Aquele que é ajudado individualmente torna-se agente criativo de mudanças no meio social no qual se insere. Desta maneira colabora pessoalmente no movimento cristão da chamada Nova Evangelização” (p. 15).

No contexto da formação docente autobiográfica, que agora posso acrescentar, também, como formação gestora autobiográfica numa escola cristã, a ciência da educação passa a ser, a meu ver, orientada para o sujeito que se conscientiza de seu papel social, de seu valor pessoal e de sua transcendência.

Assim, os processos de aprendizagens se dão ao longo de toda a vida, como encontro de si, como ocorreu comigo.

Essa formação buscou, portanto, estratégias de pesquisa pessoal e coletiva, numa tentativa de desconstruir um paradigma tradicional da não-escuta até então presente nos processos formativos do docente. Privilegiei também o respeito por suas narrativas e motivei um rigoroso fluxo do diálogo, seja ele escrito ou verbal. Compreendi assim que, o exercício que fizemos, professor e pesquisador, de resgatar na memória a interação do passado, situado nas lembranças que trouxemos oportunizou que eu assumisse, no presente, portanto, a possibilidade de (re)construção de meu futuro.

As trajetórias de vida narradas em cada encontro, pelos professores, permitiram que a minha história de vida também se mesclasse com a deles, embora as minhas narrativas segredassem naqueles momentos de partilhas. Mas, era ali onde os retratos de nossas vidas se compunham e se construíam como espelhos uns dos outros, pois, “se todo retrato é um espelho, um espelho aberto, então nós, os espectadores, somos por nossa vez um espelho para o retrato, emprestando-lhe sensibilidade e sentido” (Manguel, 2006, pp. 197-198).

Também como pesquisador-gestor vivi naqueles encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, de maneira resoluta, a experiência de me incluir no grupo de docentes, com toda a minha existência, de forma muito real, de me sentir “eu mesmo”. As histórias de vida ali narradas muitas vezes se imbricavam com a minha, como se pequenos trechos de outras vidas pertencessem a minha própria história.

Pesquisar a cultura trazida pelo educando mostrou a todos nós, envolvidos nesta pesquisa, as lentes do educando que aos poucos foram revelando especialmente as minhas crenças, as minhas superstições, os meus preconceitos; esses elementos foram me trazendo à consciência todas as minhas capacidades, como também minhas limitações. Acredito que este mesmo fenômeno aconteceu com os professores co-etnógrafos.

Nesse sentido, o envolvimento pessoal com o grupo dos professores colaboradores ajudou-me, sobremaneira, através das palavras evocadas a cada encontro. Estas fizeram eco em muitas das vezes, levando-me a confrontar-me com meus próprios “eus”, sobretudo meus medos, minhas fragilidades. Assim, a harmonia, a compreensão e a escuta plena se fizeram necessárias para um bom

desenvolvimento do processo. Acolhi de bom grado aquelas “polifonias” povoadas de outros contextos. Tal observação vem complementar o que, também, em outras palavras Josso (2004, p. 61) diz: “O lugar do outro como revelador de mim mesmo e como tendo uma visão redutora do *eu*. Este outro que acolhe a minha diferença e que a ameaça, cuja presença oscila entre o medo de se afirmar e o medo de não poder fazê-lo”.

Assim, ao analisar as experiências vividas pelos professores, pude me reconhecer como portador de uma história de vida e também como ator social, além de contribuir para a construção da identidade docente. As linguagens partilhadas, através de histórias singulares que ouvi permitiram a ligação com outras histórias. Nesse sentido, Freire (2003c) nos diz que: “A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a ‘outredade’ do ‘não eu’, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*” (p. 41).

Portanto, a minha trajetória como pessoa-gestor-educador dimensiona a importância do processo de reflexão sobre as vivências formadoras em meu campo de trabalho, pois referendou em mim, a compreensão de minha história de vida como testemunhou meus colegas docentes de caminhada, e que, essa história é um processo.

Ademais, demandou de mim, ao produzir minha história de vida, nesse processo de escuta e coordenação do grupo de Terapia, um movimento de “despreconceitualização”. Isso exigiu muita abertura e coragem nos enfrentamentos de minhas próprias fragilidades e limitações. Ficou a certeza de que os outros também fazem a minha história, e de que retalhos de suas histórias costuram a minha, pois, de acordo com Pineau (1984): “Não é a pessoa que produz a história de vida, é a história de vida que produz a pessoa” (p. 24).

A partir das narrativas advindas dos professores colaboradores, à luz das complexidades culturais dos alunos, esses professores puderam se autobiografizar como atores e protagonistas de suas próprias histórias de vida. Essa experiência possibilitou-nos dar seguimento ao projeto de conhecimento de nossa existencialidade. Vivenciamos e experienciamos, portanto, esses projetos de conhecimento e de formação no decurso de nossas vidas. Ademais, o meu propósito foi o de problematizar as histórias ali trazidas sob o prisma cultural de cada um dos colaboradores. Aprendi, dessa forma, a me movimentar em repertórios existenciais e

subjetivos, na direção da apropriação de novos conhecimentos, novos saberes e a me tornar gestor-pesquisador.

Desconstruí, por conseguinte, a idéia do gestor hierárquico, de saberes acadêmicos cristalizados e fortaleci a crença numa prática pedagógica de olhar de frente o professor; de andarmos lado a lado; de fazer juntos a nossa história em nosso *lócus*. Pois, como disse Rogers (2005b): “Foi um relacionamento muito mais pessoal e não tanto ‘profissional’. E os resultados falaram por si mesmos” (p. 202). Ao me identificar com tantas histórias narradas, dei-me conta de que alguém, também como eu, tem seu percurso, seu tempo, sua história pessoal e privada. E que muitas vezes elas vêm misturadas – o que é muito normal – no profissional docente. Nessa perspectiva, as práticas do gestor-pesquisador foram permeadas pela noção de que as teorias residiam nas práticas do gestor como conhecimento na ação e vieram contribuir com o processo de meu amadurecimento como gestor-pesquisador.

5.3 A construção de mim mesmo pela autobiografização

Autobiografizar-me foi um desafio ímpar na minha vida-profissão, pois me permitiu rememorar fatos do passado, significando-os no presente e direcionando-os para o futuro. Conscientizei-me ainda cada vez mais, de meu papel frente à instituição a qual estou ligado efetivamente e afetivamente. Vislumbrei as histórias de vida trazidas pelos professores colaboradores, cada uma delas, com sua idiossincrasia, narradas com tanto zelo e tanta simplicidade e arrancadas de seus contextos culturais.

Dessa forma, firmou-se a certeza, também, de que meu “eu” não se constitui sozinho, mas “povoado” por outras histórias de vida, por outras circunstâncias. A minha história é produzida com a história dos outros, como a minha vai tecendo a deles. Pois, ao “invés de falar sobre o Outro, ou, pelo Outro” (Versiani, 2005, p. 85), passei a falar com o outro por um processo dialógico e polifônico.

Nesse processo de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, por conseqüência, pesquisador e colaboradores experienciaram os encontros e os desencontros da vida, porém na certeza de que havia caminhos para a auto-reconstrução de si mesmos, através do modelo formativo da prática docente.

Essa construção de si pela autobiografização trouxe ao interior dos participantes a liberdade e a autonomia das relações entre os professores, conseqüentemente irradiando para uma qualidade do ensino-aprendizagem com os alunos. Isso também o foi para mim, gestor-pesquisador, pois facilitou a busca do meu autoconhecimento e a revisão do percurso da minha autoformação, bem como a de todos os educadores do colégio. Essa formação é baseada numa reflexão da prática docente imbricada com as histórias de vida mergulhadas, mais plenamente, na complexidade da vida docente.

Na diversidade das histórias, busquei o sentido maior da existência do grupo de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos: lançar um olhar científico-etnográfico sobre as histórias de vida. Mesmo assim não deixei de lado o olhar sensível, acolhedor para todas as histórias ali trazidas. Aos poucos fui interagindo, deixando que as histórias dos outros interagissem comigo também, e, de repente, vi o “florescimento humano” desabrochar no grupo e em mim. Procurei, com cuidado, a melhor forma de valorizar as sensibilidades, as pessoas, as formas de expressão de cada uma delas, trazendo-as para uma presença autêntica e real naquele espaço.

Os sentimentos de potência, de saber que podiam contribuir para os demais com um conhecimento epistemológico, com seriedade e serenidade daqueles que podem elevar o saber a serviço dos demais, vieram durante a pesquisa. No meu caso específico, senti uma grande alegria de poder atingir uma parcela da população mais pobre materialmente, pois sei que esta condição priva as pessoas de usufruírem muitos de seus direitos de cidadãos. Afirmo isso porque conheço de perto essa realidade através da minha missão como religioso numa escola cristã católica para educandos pobres.

Assim sendo, essa experiência de construção de mim mesmo pela autobiografização valorizou outros saberes que são constitutivos da e na formação docente, viabilizando uma grande complexidade de viver, de aprender, de ensinar e de pesquisar, potencialmente impressa em cada um de nós que participou da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos.

Por fim, como pesquisador e gestor terapeuta, com a escuta ao professor de um outro lugar, na Terapia Cultural, vi romperem-se as hierarquias, normalmente estabelecidas nas relações de poder dentro da instituição escolar, permitindo assim, paradoxalmente, a realização de uma escuta plena do grupo e da própria consciência do ser educador. No tocante a isso, Murad (2007) enfatiza que: “o ser

humano tem grande oportunidade de crescer pessoalmente e conduzir processos em vista do bem. Desde que não se esconda atrás do cargo, que não faça do poder a muleta para esconder suas fragilidades” (p. 191). E o que tem validado esta pesquisa é que consegui me inscrever nela, não houve distanciamento entre o sujeito pesquisador e os sujeitos pesquisados. Isso ratifica minha proposta de vida inscrita no mundo e o mundo inscrito em mim como eterno aprendiz do saber e da cultura.

Rastreando essa reescritura no mundo e na busca de compreender-me na construção de mim mesmo e em minha formação gestora como educador, por meio da autobiografização, inseri-me em atitude reflexiva retomando a conscientização das práticas escolar e pedagógica, visando, primeiramente em mim, a mudanças de comportamentos, atitudes e suposições. Para isso, registrei o percurso por mim escolhido para uma configuração do tornar-me educador-gestor-pesquisador.

Reafirmo, portanto, que as histórias de vida deram ênfase ao movimento reflexivo, tomando como referência a centralidade temporal, potencializadora do presente e do futuro e, assim, transformaram a lembrança de nossas histórias em formação docente.

Como gestor-religioso, finalizo minhas reflexões à luz de um outro pensador africano, Tévoedjré (1981), quando diz: “Se entre os dirigentes não existir a vontade de dividir a pobreza, de dar o exemplo, então o povo não levará a sério as declarações de igualdade e de fraternidade” (p. 203). E por extensão, compartilhar a Boa Nova com os pobres, pela educação, só será compreendida verdadeiramente quando mergulharmos de corpo e alma no mundo dos pobres, quando nos tornarmos próximos deles e permitirmos que os seus rostos se misturem aos nossos.

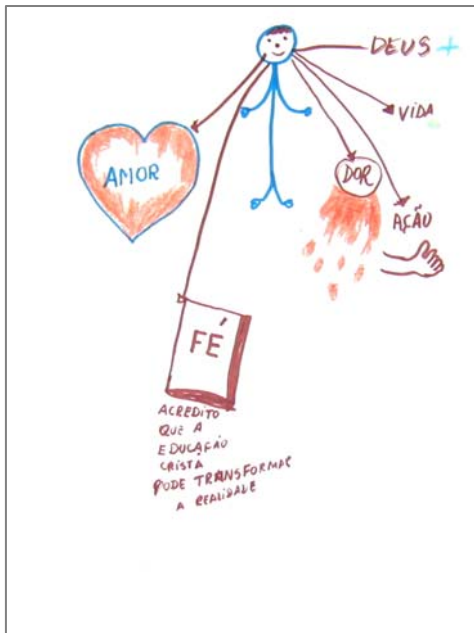


FIGURA 23 – Desenho de Tereza.



FIGURA 24 – desenho de Iridênia.

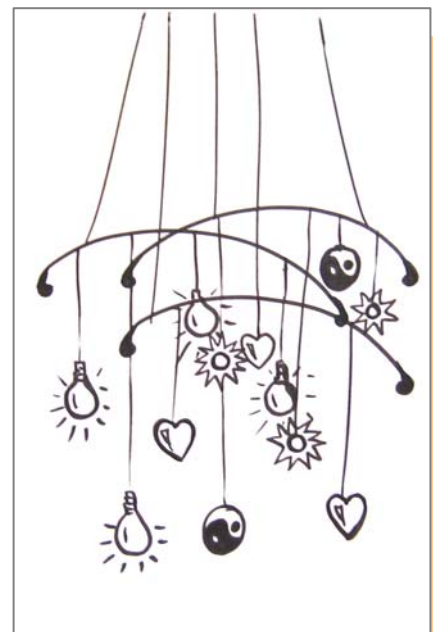


FIGURA 26 – Desenho de João Marcos.



FIGURA 25 – Desenho de Jaque.

CONSIDERAÇÕES EM ABERTO

Os que tiverem ensinado a muitos os caminhos da justiça brilharão como estrelas por toda a eternidade.

(Dn 12, 3)

Caro leitor que esteve comigo até agora, não é intenção minha concluir por definitivo este trabalho, embora muito dos manuais que eu li até agora orientem o pesquisador a fazer suas conclusões a partir da problematização gerada como tema norteador proposto. Vou fugir um pouco à regra e me sentir mais à vontade com você para discorrer, nestas páginas finais, minha real intenção: tecer algumas considerações sobre o pesquisado e o vislumbamento de nos encontrarmos numa próxima oportunidade como continuidade e aprofundamento da temática ora estudada.

Penso que não é por demais dizer que procurei neste trabalho me imprimir em todo o seu escopo. Cada palavra foi refletida e colocada no propósito de informar e esclarecer esta viagem maravilhosa nestes dois últimos anos dedicados à pesquisa. Valeram, indubitavelmente, todas as minhas renúncias e as longas horas impercebíveis de dedicação a este estudo. Tudo isso feito com imenso prazer. Pois, é sempre muito bom, quando no longo percurso de nossa vida vamos nos descobrindo e desvelando habilidades que estavam adormecidas. Nesse sentido, o mestrado foi um contributo inestimável para despertar em mim o pesquisador.

Priorizei, portanto, a consolidação dos conhecimentos e dos saberes, permitindo de maneira efetiva e afetiva a inter-relação com os professores-aprendizes, em meio ao percurso desta pesquisa, onde se visou à construção do ser humano em suas múltiplas funções. Daí a minha escolha pelo curso de mestrado em Psicologia, pois tive a certeza de sua contribuição para meu aprimoramento profissional, bem como para reconstrução de mim mesmo. Afinal creio que educação é mudança, avanço e transformação.

Sendo assim, alcancei o objetivo pleno de galgar meios que me possibilitaram mudanças, avanços e transformações e que me permitiram uma melhor construção do conhecimento através da autobiografização. Outra faceta deste estudo que me atraiu foi a relação estabelecida entre o saber científico-teórico e o colégio escolhido como *lócus* desta pesquisa. Foi daí que nasceu o relacionamento social, fundamento

primeiro para o desenvolvimento de qualquer projeto que pretendeu se firmar como instrumento de articulação político-ideológica no desenvolvimento de uma aprendizagem significativa.

Acreditei sempre que o diálogo interdisciplinar durante esta pesquisa seria permeado pela riqueza da investigação científica, contribuindo, sobremaneira, na formação das ciências da vida e porque não mencionar, a formação integral da pessoa. Pois, parte da palavra pronunciada, o corpo, o gesto, o movimento interior aspiraram à liberdade de ser, aprender e ensinar na escola cristã.

A formação do Mestrado me deu condições de trabalhar em consonância com novos padrões de aprendizagem que emergiram no exercício profissional e na experiência de vida das pessoas. Nesse caso, o grupo de colegas mestrados, professores, bem como o universo dos sujeitos colaboradores de nosso colégio. Percebi, paralelamente, que esses padrões e a orientação de meu tutor acadêmico desviaram a rota que eu queria trilhar, inicialmente, em minha pesquisa. Afinal, quando entramos numa pesquisa como esta não temos a dimensão de mudanças que estão por vir. O próprio objeto de estudo se encarregou de desconstruir as certezas, proporcionando-me novas investigações.

Acompanhar as experiências dos professores colaboradores, compreendendo a partir do que eles vivenciaram em campo, a ida aos contextos culturais de seus alunos colaboradores, revelaram as riquezas das subjetividades de seus universos pesquisados. Pois a realidade do estudante pobre provocou nesse professor co-etnógrafo as suas compreensões acerca das distâncias e dos desvios entre o vivido e o que poderia ser vivenciado em sua prática pedagógica, bem como sobre os encontros. Ademais, a realidade vivida e sentida por esses professores ao constatarem as realidades socioculturais dos alunos pobres, possibilitou um retorno a si mesmos, retomando as suas próprias histórias de vida. Isso possibilitou a retomada, também, das minhas histórias de vida. Elucidou-se, assim, como esse professor vive a sua liberdade de ser, aprender e ensinar no contexto da escola cristã. Afinal, o professor colaborador foi visto com seus valores pessoais e suas crenças, desvelando-se, finalmente, como ele viu esse aluno pobre.

No tocante a isso, interessante é o contributo que as histórias de vida dos professores, narradas na Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, a partir das histórias de vida dos alunos pobres e na perspectiva das observações feitas por eles e os bloqueios de si mesmos proporcionaram ao grupo. Todo esse processo

complexo foi se configurando durante todos os encontros, pois, um novo paradigma estava se configurando no grupo: a invenção de si.

E assim a história singular passa a ser uma história coletivizada, com a presença-combinada do outro em minha vida. Portanto, a invenção de si teve um caráter ímpar neste grupo, no sentido de uma construção sociocultural. Encontrar a originalidade dentro da conformidade foi uma premissa que alguns professores e eu nos propusemos com invenção de si mesmos, como espaço de construção de interações.

No entanto, nem tudo saiu como planejado, pois quando nos propomos a entrar numa pesquisa, os colaboradores podem, também, redirecionar nossos estudos. Nesse sentido, foi significativa a minha participação no II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica, em Salvador, BA, no ano de 2006. O tema desse evento foi: “Tempo, narrativas e ficções: a invenção de si”, e isso provocou nos dados produzidos, até aquela época, uma grande mudança, pois a partir dali me servi do apoio da fundamentação teórica da autobiografização ou de histórias de vida. Quero enfatizar que essa teoria era nova para mim, no entanto, essas temáticas foram, paralelamente, implicadas com os estudos já realizados sobre Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Tudo isso para sustentar epistemologicamente o que os colaboradores co-etnógrafos vinham desenvolvendo comigo.

Interessante registrar minha fragilidade diante do novo. Como a Terapia Cultural em Círculos de Letramentos era, também, uma ferramenta nova para mim, pelo menos no sentido de método, fiquei muito nervoso no primeiro encontro e vinha o sentimento de medo, de não saber coordenar aquele grupo de doze professores. Alguns questionamentos pairavam sobre mim: *“que tipo de fala apareceria? Quais conteúdos eu teria condições de facilitar a cada encontro? O que iria fazer com as histórias narradas?”* Mas as inúmeras partilhas com o meu orientador de pesquisa foi de suma importância, pois ele foi me encorajando e fui acertando no percurso da produção dos dados a cada novo encontro.

Por isso, creio ser interessante, também, como parte dessa nossa conversa nestas considerações, expressar o meu ponto de vista sobre alguns desafios que apareceram durante o percurso dos encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. A primeira, diz respeito à linha tênue que existe entre os conteúdos psicoterapêuticos e culturais, já discutidos no Capítulo 3 deste trabalho. É

necessário, portanto, que o facilitador do grupo de encontros esteja aberto e faça, verdadeiramente, a imersão cultural com o narrador; e a segunda observação é com relação ao próprio gestor que, porventura, não esteja preparado para as mudanças e transformações advindas dos sujeitos envolvidos na Terapia Cultural. Porque, muitas vezes, o conteúdo que aparecerá no interior do grupo diz respeito à necessidade de mudanças de posturas e crenças alojadas no interior das pessoas que fazem a escola, inclusive do próprio gestor.

Dito isso, retomo a figura do professor nesse itinerário feito ao longo do semestre. É de seu arquivo que eu quero falar: o arquivo do professor, sobretudo. Este registro serviu de inventário de sua própria vida e ele sabia onde estava esse arquivo. Porém, foi preciso ser evocado a partir da experiência de campo, em sua imersão, para que tomasse conta de seus relatos. Nesse sentido, foi importante que eu tenha desenvolvido uma cultura de atenção com o grupo, pois gerou uma imersão no humano, através dos relatos. Ademais, sabemos que cultura e educação se alimentam de relatos.

Com certeza, como escolha do método para chegar a cabo desta investigação científica, houve minha influência no grupo, como também a recíproca é verdadeira. Como pesquisador engajado não poderia deixar de interagir com o grupo como também ser envolvido por ele.

O processo da autobiografização é uma invenção permanente de si. Ela trouxe a autenticidade no grupo, pois, sem medo de serem julgados, os professores trouxeram verdades em suas narrativas. Suspeito, no entanto, que alguns não revelaram toda a sua vida. Também não era meu intento, fazer esse tipo de investigação. Todavia, tudo aquilo que foi narrado, pareceu-me que estava impregnado de verdade. Observei que eles tiveram a liberdade de inventar-se, pois, o sentido não estava no passado, ele sempre esteve presente no momento, como possibilidade de transformação pelo sujeito que fala.

No tocante a ter feito este estudo no espaço da escola cristã católica, foi uma aventura muito gratificante, pois me encontrei diante da mística como experiência do mistério, do amor, da beleza de Deus, que é trabalhar com seres humanos que acreditam no crescimento daqueles que chegam ao mundo, com a missão de cuidar e preservar a obra divina. A mística como atitude de busca do transcendente. No interior da escola católica, portanto, houve o engajamento pela busca da liberdade

humana, e principalmente porque os sujeitos dessa escola são pobres, a missão se tornou ainda mais responsável.

Com efeito, essa mística educacional exige profunda convicção, visão aberta, paixão forte e firmeza de princípios, com vista à formação qualificada das pessoas, à educação de qualidade e à transformação da sociedade por um mundo melhor. Assim, a educação aqui apresentada pelas pessoas colaboradoras desta pesquisa acredita nas mudanças, vence dificuldades, supera fracassos e realiza práticas pedagógicas libertadoras com serenidade e paciência. Pois, constatei que a mística educativa católica aponta para a esperança, para os sonhos possíveis, para o reino e para a fraternidade, alimentados pela pedagogia do amor. Por isso mesmo, se você, caro leitor, tenha se encontrado tão de perto com o educador Paulo Freire nesse nosso itinerário deve também ter feito essa constatação.

Outro ponto marcante nesta pesquisa foi acompanhar o envolvimento e o despertar dos professores colaboradores ao tornarem-se pesquisadores. Fazer ciência da educação a partir de suas práticas e terem experienciado a etnografia com seus alunos colaboradores. Enfim, seus relatos foram muito ricos e muito contribuíram para o sucesso do nosso trabalho. Ter ajudado a romper o medo que habitava em alguns professores, por não se verem como autores científicos, e muito menos se apresentarem publicamente. A partir de suas práticas, motivados, eles mesmos construíram seus artigos científicos e apresentaram publicamente em Jornada Pedagógica ou em Congressos trabalhos oriundos da nossa pesquisa.

Dessa forma, através do envolvimento com a formação docente, do gestor-pesquisador e das possibilidades de crescimento que esta pesquisa me deu, tenho a certeza de que quero continuar investigando essas temáticas, bem como aprofundando a educação cristã católica.

Espero que esta pesquisa desperte nos professores e nos gestores escolares a preocupação crítica em se cuidar para cuidar dos mais novos que são inseridos em nossas escolas, constituindo um diálogo crítico e reflexivo acerca de suas práticas. E, para os gestores, a sugestão de se tornarem o gestor-terapeuta, para exercitarem a escuta plena para poderem pautar suas ações com mais acerto. Todo esforço por menor que seja para o bem não fica perdido: é como um fiozinho de erva que contribui para tornar verde um campo e quem sabe florido.

Por fim, estas páginas escritas foi o espaço onde tive as mais variadas e inesperadas demonstrações de fé e de intimidade com Deus. Foi um espaço

sagrado, de extrema liberdade do espírito, de muita intimidade e profundidade. Por isso mesmo abri meus sentimentos a você, bem como os de outros colaboradores, de histórias que foram narradas como abertura e liberdade de ser, própria do aprendiz, do ensinante e que de repente aprendeu consigo a empreender uma busca incessante para o espiritual, para o transcendente.

Antes de fazer o último parágrafo, quero dizer que foi compensador esse nosso diálogo até aqui e como recompensa deixo-o a sós no silêncio, pois, de acordo com a escritora Isak Dinesen (como citada em Arendt, 1991b, p. 117): “Quando o contador de histórias é fiel... à história, no final, o silêncio fala. Quando a história foi traída, o silêncio é apenas vazio. Mas nós, os fiéis quando tivermos dito a nossa última palavra, ouviremos a voz do silêncio.” Esse silêncio como riqueza do encontro, do sentido de todos os sentidos.

Assim, termino esse nosso longo encontro dialógico esperando-o, sinceramente, para o nosso próximo encontro, como doutorando, pois é o que almejo. Nosso intento é burilar aspectos aqui conversados e descobrir outros novos, porque acreditei sempre que Deus me deu como missão, apanhar alguns punhados de conhecimento e oferecê-los na gratuidade. E é essa doação de conhecimento que tem me acompanhado por muitos anos e só tem sentido para mim quando consigo socializá-lo. Sobretudo quando os mais empobrecidos se enriquecem desse saber. Quero dizer-lhe, finalmente, que foi muito prazerosa a sua companhia. Um até breve!

REFERÊNCIAS⁸

- Achutti, L. E. R. & Hassen, M. N. (2004, janeiro/junho). Caderno de campo digital: Antropologia em novas mídias. *Horizontes Antropológicos*, 10 (21), 273-289.
- Alheit, P. & Dausen, B. (2006, janeiro/abril). Processos de formação e aprendizagens ao longo da vida. (M. T. V. Acker, trad.). *Educação e Pesquisa*, 32 (1), 177-197.
- Almeida, L. M. (1983). Opção pelos pobres: Educação e nova sociedade. In Arns, C; Almeida, L. M.; Hummes, C. & Câmara, H. *Opção pelos pobres: Educação e nova sociedade*. (XI Congresso Nacional da AEC, Vol. 8, pp. 13-34). São Paulo: Loyola.
- Alves, A. J. (1991, maio). O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisas*, (77), 53-61.
- Alves, M. (2006a). Perspectiva da Escola Católica no Brasil: Ajudando a pensar as estatísticas da Pesquisa CERIS-ANAMEC. In ANAMEC-CERES (Org.). *Censo das escolas católicas no Brasil*. (Coleção Plural, pp. 19-57). Bauru, SP: Edusc.
- Alves, M. (2006b). Relações entre a escola privada e o estado brasileiro: A atuação da educação confessional. In Projeto Linha Direta. *Em benefício da Educação*. (pp. 153-160). Vila Velha: Hoper.
- Alves, N. & Oliveira, I. B. (2004, abril). Imagens de escolas: “Espaçostempos” de diferenças no cotidiano. *Educação e Sociedade*, 25 (86), 17-36.
- André, M. (2004). *Etnografia da prática escolar* (Série Prática Pedagógica), (11^a. ed.). Campinas, SP: Papirus.
- André, M. (2005). *Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional* (Série Pesquisa, Vol. 13). Brasília: Líber Livro.
- Arendt, H. (1991a). *A condição humana* (5^a. ed. rev., R. Raposo, trad). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

⁸ De acordo com:
American Psychological Association – APA. (2006).

- Arendt, H. (1991b). *Homens em tempos sombrios* (A. L. Faria, trad.). Lisboa, Portugal: Relógio D'Água.
- Arendt, H. (1992a). *A vida do espírito: O pensar, o querer, o julgar* (A. Abranches, C. A. R. Almeida & H. Martins, trad.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UFRJ.
- Arendt, H. (1992b). *Entre o passado e futuro* (Coleção Debates, Vol. 64), (3ª. ed., M. W. B. Almeida, trad.). São Paulo: Perspectiva.
- Arendt, H. (1993). *A dignidade da política: Ensaio e conferências* (H. Martins et al., trad.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Arendt, H. (1995). *Entre amigas: A correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy – 1949-1975*. C. Brightman (Org.), (S. Campos, trad.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Barthes, R. (2004). *Aula*. (12ª. ed.; L. Perrone-Moisés, trad. e posf.). São Paulo: Cultrix.
- Bakhtin, M. (2003). *Estética da Criação Verbal*. (4ª. ed., P. Bezerra, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2005). *Problemas da poética de Dostoiévski*. (3ª. ed./1ª. reimp., P. Bezerra, trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Barbier, R. (2004). *A Pesquisa-Ação* (Série Pesquisa em Educação, Vol. 3) (L. Didio, trad.). Brasília: Líber Livro.
- Barbosa, M. L. A. (2003). *O sofrimento e a alegria de ser professor(a): Da pedagogia opressora à pedagogia libertadora*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Fortaleza.
- Barbosa, T. M. N. & Passeggi, M. C. (2006). Sua vida, nossa história. Pesquisa-ação e escrita autobiográfica na formação das representações docentes [1 CD-ROM]. In *Anais 2. Congresso Internacional sobre pesquisa (Auto)biográfica*. Salvador, BA: Universidade Estadual da Bahia.
- Beghin, N. (2005). *A filantropia empresarial: Nem caridade, nem direito*. (Coleção Questões da nossa época, Vol. 122). São Paulo: Cortez.

- Berliner, R. (Diretor), Cheuiche J. & Domingues, L. (Co-diretores e produtores). (2004). *A pessoa é para o que nasce* [Filme-DVD]. Brasil: TvZero/Europa Filmes. 90 min.
- Bíblia de Jerusalém*. (1995). (7ª. reimp.; E. M. Balancin et al., trad.). São Paulo: Paulus.
- Bittencourt, L. A. (2004). Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In Feldman-Bianco, B. & Leite, M. L. M. (Org.) *Desafios da imagem: Fotografia, iconografia e vídeos nas Ciências Sociais*. (pp. 197-212). (3ª. ed.). São Paulo: Papyrus.
- Bosi, A. (1983). A força que nos sustenta na opção pelos pobres. *Revista de Educação AEC*, (50), 8-16.
- Branco, P. C. C. (2006). *Fundamentos da Pesquisa Etnográfica*. Universidade de Fortaleza - UNIFOR, CE. 7f. (Uso restrito em sala de aula).
- Branco, P. C. C. (2007). *Empirismo versus pragmatismo na ACP*. Seminário de capacitação livre: Questões emergentes do Terapeuta Centrado na Pessoa. Fortaleza: Universidade de Fortaleza - UNIFOR, 3f. (mimeografado).
- Brandão, C. R. (1990). *O trabalho de saber: Cultura camponesa e escola rural*. (Coleção Aprender e Ensinar). São Paulo: FTD.
- Brandão, C. R. (2002a). *A educação como cultura*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Brandão, C. R. (2002b). *A educação popular na escola cidadã*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brandão, C. R. (2003). *A pergunta a várias mãos: A experiência da pesquisa no trabalho do educador* (Coleção Saber com o Outro, Vol. 1). São Paulo: Cortez.
- Brandão, C. R. (2005a). *A canção das sete cores: Educando para a paz*. São Paulo: Contexto.
- Brandão, C. R. (2005b). Pesquisa participante. In L. A. Ferraro Jr. (Org.). *Encontros e caminhos: Formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*

- (pp. 259-266). Brasília: Ministério do Meio Ambiente/Diretoria de Educação Ambiental.
- Brito, A. X. & Leonardos, A. C. (2001, julho). A identidade das pesquisas qualitativas: Construção de um quadro analítico. *Cadernos de Pesquisa*, (113), 7-38.
- Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. (S. Costa, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Buber, M. (2004). *Eu e Tu*. (8ª. ed.; N. A. Zuben, trad.). São Paulo: Centauro.
- Bueno, B. O. (2002, janeiro/junho). O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: A questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, 28 (1), 11-30.
- Canen, A. (2001, dezembro) Universos culturais e representações docentes: Subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. *Educação & Sociedade*, 22 (77), 207-227.
- Carvalho, J. J. (2001, julho). O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*, 7 (15), 107-147.
- Castejón, A. (1983). Opção pelos pobres: Desafios e perspectivas para a educação católica. *Revista de Educação AEC*, (47), 5-29.
- Cavalcante, F. S., Jr. (1999/2000, janeiro/dezembro) Círculos de Letramentos: Uma prática de Terapia Cultural. *Revista de Psicologia*, 17 (1/2), 18 (1/2), 14-22.
- Cavalcante, F. S., Jr. (2003). *Por uma escola do sujeito: O método (con)texto de letramentos múltiplos* (2ª. ed. rev. e ampl.). Fortaleza: Demócrito Rocha.
- Cavalcante, F. S., Jr. (Org.). (2005a). *Ler...: Caminhos de trans-form-ação*. Fortaleza: Demócrito Rocha.
- Cavalcante, F. S., Jr. (2005b, março). Ler e escrever podem custar um mundo: Uma década de investimentos para a superação da pobreza de letramentos. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 5 (1), 45-71.

- Cavalcante, F. S., Jr. (2005c, 16 de maio). Reinvenção da leitura. (Depoimento a Ana Mary C. Cavalcante). *O Povo*, Páginas Azuis, pp. 4-5.
- Cavalcante, F. S., Jr. (2006, 8 de janeiro). Para ser feliz o homem precisa viver sem máscaras. (Depoimento à Iracema Sales). *Diário do Nordeste*, Opinião. Recuperado em 20 de maio de 2007. Disponível em: http://www.cavalcantejunior.com.br/pdf/relus/reportagens/dn_paraserfeliz.pdf.
- Cavalcante, F. S., Jr. & Moreira, V. (2002). *Breve Teorização da Perspectiva Crítico-Cultural*. Recuperado em 14 de abril de 2006. Disponível em: http://www.cavalcantejunior.com.br/pdf/postscriptum/breve_teori.pdf.
- Cherobim, M. (2004). *La escuela, um espacio para aprender a ser feliz: ecología de las relaciones para la construcción del clima escolar*. Tesis doctoral, Facultad de Pedagogía, Universidad de Barcelona, España.
- Clifford, J. (2002). *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. J. R. S. Gonçalves (Org), (2ª. ed.; P. Farias, trad.). Rio de Janeiro: UFRJ.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. (1990). *Educação: Exigências Cristãs – Texto para estudo*. São Paulo: Paulinas.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. (2003). *Educação, Igreja e Sociedade* (Documentos da CNBB, Vol. 47), (5ª. ed.). São Paulo: Paulinas.
- Cotta, G. (1996). *Princípios educativos de Marcelino Champagnat*. (V. Balestro & J. Sagin, vers.). São Paulo: FTD.
- Courtine-Dénamy, S. (1999). *Hannah Arendt* (Coleção História e Biografias) (L. Figueiredo, trad.). Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Damke, I. R. (1998). Paulo Freire: O pensador que teorizou a prática, questionou a educação e sistematizou uma teoria do conhecimento. *Revista de Educação AEC*, (107), 31-48.
- Dantas, L. G. & Cavalcante, F. S., Jr. (em produção). *A autobiografização como processo formativo na Terapia Cultural*.

- Dantas, L. G. & Cavalcante, F. S., Jr. (2006). Educação na escola cristã e pobreza de capacidades [Resumo e 1 CD-ROM]. In *Resumos do 6. Encontro de Pós-Graduação da UNIFOR* (Mundo UNIFOR), p. 10. Fortaleza: Universidade de Fortaleza.
- Dantas, L. G. & Cavalcante, F. S., Jr. (2007a). *Educação e diálogo: Construindo o humano*. Manuscrito submetido à publicação.
- Dantas, L. G. & Cavalcante, F. S., Jr. (2007b). *Terapia Cultural: A construção de si e formação docente*. Manuscrito submetido à publicação.
- Dantas, L. G. & Cavalcante, F. S., Jr. (2007c). *Terapia Cultural: A construção de si e formação docente* [1 CD-ROM]. In *8. Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional*. São João del Rey, MG: Universidade Federal de São João del Rey.
- Dantas, L. G., Cavalcante, F. S., Jr., Santos, A. F. & Freitas, S. M. M. B. (2007). Formação (auto)biográfica na identidade docente [Resumos e 1 CD-ROM]. In Vasconcelos, J. G. et al. (Org.). *Anais 1. Colóquio Internacional de História e Memória da Educação no Ceará e 6. Encontro Cearense de Historiadores da Educação*. pp. 52-53. Aracati, CE: Universidade Federal do Ceará.
- Decreto nº. 2.536* (1998, 6 de abril). Dispõe sobre a concessão do Certificado de Entidade de Fins Filantrópicos. Brasília: Presidência da República. Recuperado em 20 jun. 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>.
- Delors, J. et al. (2000). *Educação, um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. (4ª. ed.; C. J. Eufrazio, trad.). São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/UNESCO.
- Delory-Momberger, C. (2006, maio/agosto). Formação e socialização: Os ateliês biográficos de projeto. (M. C. N. Dias & H. C. Chamlian, trad.). *Educação e Pesquisa*, 32 (2), 359-371.
- Dominicé, P. (2006, maio/agosto). A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. (H. C. Chamlian, trad.). *Educação e Pesquisa*, 32 (2), 345-357.
- Demo, P. (2002). *Solidariedade como efeito de poder*. (Coleção Prospectiva, Vol. 6). São Paulo: Cortez.

- Demo, P. (2004). *Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos* (Série Pesquisa em educação, Vol. 8). Brasília: Líber livro.
- Demo, P. (2005). *Política Social, Educação e Cidadania* (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). (8ª. ed.). Campinas, SP: Papirus.
- Dewey, J. (1971). *Experiência e Educação* (Coleção Cultura, sociedade, educação). (A. Teixeira, trad.). São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Dewey, J. (1978). *Vida e educação* (10ª. ed.; A. Teixeira, trad.). São Paulo: Melhoramentos/[Rio de Janeiro]: Fundação Nacional de Material Escolar.
- Finkler, P. (2000). *Por que sou psicólogo humanista?* Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Fiori, E. M. (1988, janeiro/março). Educação Libertadora. (H. C. Fiori, trad.). *Revista de Educação AEC*, (67), 26-36.
- Franco, M. L. P. B. (2005). *Análise de conteúdo* (Série Pesquisa, Vol. 6). (2ª. ed.). Brasília: Líber Livro.
- Freire, P. (1985). Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. (W. A. Silva & P. Sarti, trad.). In Brandão, C. R. (Org.). *Pesquisa Participante*. (pp. 34-41), (5ª. ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Freire, P. (1988, janeiro/março). Educação Libertadora. (Depoimento a Ivan Teófilo) *Revista de educação da AEC*, (67), 81-90.
- Freire, P. (1994). *A importância do ato de ler: Em três artigos que se complementam*. (Coleção Questões de Nossa Época, Vol. 13). (29ª. ed.). São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (2002a). *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. (Coleção O mundo hoje, Vol. 10). (10ª. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2002b). *Extensão ou comunicação?* (12ª. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2003a). *Educação como prática da liberdade*. (27ª. ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Freire, P. (2003b). *Educação e mudança*. (27ª. ed.; M. Gadotti & L. L. Martin, trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2003c). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* (Coleção Leitura). (28ª. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2003d). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. (10ª. ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2003e). *Pedagogia do oprimido*. (37ª. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2003f). *Política e Educação* (Coleção Questões da Nossa Época, Vol. 23). (7ª. ed.) São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (2003g). *Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar*. (14ª. ed.). São Paulo: Olho D'água.
- Freire, P. (2005). *Conscientização: Teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. (3ª. ed.). São Paulo: Centauro.
- Freire, P. & Guimarães, S. (2001). *Aprendendo com a própria história*. (2ª. ed., Coleção Educação e Comunicação, Vol. 19). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. & Macedo, M. (2002). *Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra*. (3ª. ed.; L. L. Oliveira, trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. & Shor, I. (2003). *Medo e ousadia: Cotidiano do professor* (Coleção Educação e Comunicação, Vol. 18). (10ª. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Furet, J. B. (1989). *Vida de José Bento Marcelino Champagnat*. (A. J. Camatta, trad.). São Paulo: Loyola (Edição do Bicentenário).
- Gadotti, M. (2005). O plantador do futuro. In M. C. Pinto (Ed.), *Viver mente & cérebro - Paulo Freire: A utopia do saber* (Coleção Memória da Pedagogia, Vol. 4, pp. 6-15).
- Gasda, E. E. (2007, junho). Com os pobres, para que todos tenham vida. *Convergência* (403), 305-314.

- Garcia, T. M. F. B. (1999, julho/dezembro). A riqueza do tempo perdido. *Educação e Pesquisa*, 25 (2), 109-125.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Giaxa, R. R. B. (2006). *Aprendendo a ser cientista-artista: Viagem etnográfica ao universo de Sérvulo Esmeraldo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Fortaleza.
- Goldman, M. (2003). Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, 46 (2). 445-476.
- González, P. C. (2000). *Perfil do educador cristão segundo La Salle*. (2ª. ed., H. Justo, trad. e adapt.). Canoas-RS: La Salle.
- Guia das Escolas - 1853 (1994). In Silveira, L. *Segundo Capítulo Geral do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria: 1852-1854*. (Coleção Capítulos Gerais FMS, Vol. 2, pp. 147-298). Belo Horizonte: CEM.
- Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA* (2007). Recuperado em 23 abr. 2007. Disponível em: <http://www.ipea.org.br/asocial>.
- Josso, M.-C. (2004). *Experiências de vida e formação*. (J. Claudino & J. Ferreira, trad.). São Paulo: Cortez.
- Josso, M.-C. (2006, maio/agosto). As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. (M. T. V. Acker, trad.). *Educação e Pesquisa*, 32 (2), 373-883.
- Justo, H. (2001). *Cresça e faça crescer: Lições de Carl Rogers*. (7ª. ed.). Canoas, RS: La Salle.
- Justo, H. (2002). *Abordagem centrada na pessoa: Consensos e dissensos*. São Paulo: Vetor.
- Koury, M. G. P. (2004). Caixões infantis expostos: O problema dos sentimentos na leitura da fotografia. In Feldman-Bianco, B. & Leite, M. L. M. (Org.) *Desafios da imagem: Fotografia, iconografia e vídeos nas Ciências Sociais*. (pp. 65-74), (3ª. ed.). São Paulo: Papirus.

- Lima, C. M. G.; Dupas, G.; Oliveira, I. & Kakehashi, S. (1996, janeiro). Pesquisa etnográfica: Iniciando sua compreensão. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 4 (1), 21-30.
- Macedo, R. S. (2006). *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. (Série Pesquisa, Vol. 15). Brasília: Líber Livro.
- Manguel, A. (2006). *Lendo imagens: Uma história de amor e ódio*. (3ª. reimp.; R. Figueiredo; R. Eichemberg & C. Strauch, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Martins, M. C. (1996). O sensível olhar-pensante. In M. F. Weffort. *Observação, registro, reflexão*. (pp. 20-37), (2ª. ed.; Série Seminários). São Paulo: Espaço pedagógico.
- Mattos, C. L. G. (2005, maio/agosto). O conselho de classe e a construção do fracasso escolar. *Educação e Pesquisa*, 31 (2), 215-228.
- Meihy, J. C. S. B. (2006). *Augusto e Lea: Um caso de (des)amor em tempos modernos*. São Paulo: Contexto.
- Melo, F. (2005). Voltei pra perguntar. In *Humano demais* [CD]. São Paulo: Paulinas Comep.
- Mészáros, I. (2005). *A educação para além do capital*. (I. Tavares, trad.), São Paulo: Boitempo.
- Minayo, M. C. S. & Sanches, O. (1993, julho/setembro). Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou complementariedade? *Cadernos de Saúde Pública*, 3, 239-262.
- Moita, M. C. (2000). Percursos de formação e de transformação. In Nóvoa, A. (Org.). *Vidas de professores*. (pp. 111-139), (M. A. Anjos & M. F. Ferreira, trad.). Porto: Porto Editora.
- Montaño, C. (2002). *Terceiro setor e questão social: Crítica ao padrão emergente de intervenção social*. São Paulo: Cortez.
- Moreira, A. F. B. & Candau, V. M. (2003, maio/agosto). Educação escolar e cultura(s): Construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, (23), 156-168.

- Murad, A. (2007). *Gestão e espiritualidade: Uma porta entreaberta*. (Coleção ética & negócios). São Paulo: Paulinas.
- Neto, J. B. (2005, julho/dezembro). Mestre do Tao: Tradição, experiência e etnografia. *Horizontes Antropológicos*, 11 (24), 87-105.
- Neto, E. S. (2001, janeiro/dezembro). Vidas de educadores: Contexto de sua nova Emergência, relato de uma aproximação e fundamentação para seu uso na formação de professores e na investigação. *Educação e Linguagem*, (Edição Especial), 17-14.
- Olhares diversos. (2006, 15 de novembro). *O povo*. Vida e Arte, p. 2.
- Pineau, G. (1984). Les histoires de vie: Entre la recherche et la formation. *Education Permanente*, 72/73, 15-24.
- Pineau, G. (2003). *Temporalidades na formação: Rumo a novos sincronizadores*. (L. P. Souza, trad.). São Paulo: TRIOM.
- Pineau, G. (2006, maio/agosto). As histórias de vida em formação: Gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. (M. T. Acker & H. C. Chamlian, trad.). *Educação e Pesquisa*, 32 (2), 329-343.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa, Portugal: Gradiva.
- Rey, F. G. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. (M. A. F. Silva, trad.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Rocha, A. L. C. & Eckert, C. (1998). A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. *Revista de Antropologia*, 41 (2). Recuperado em 21 abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- Rocha, S. (2005). *Pobreza no Brasil: Afinal, de que se trata?* (2ª. ed.). Rio de Janeiro: FGV.
- Rodríguez, J. A. G. (1991). Inácio de Loyola, hoje: Interpelações ao cristão moderno. *Grande Sinal*, 45, 471-481.

- Rogers, C. R. (1986). *Liberdade de aprender em nossa década* (2ª. ed., J. O. A. Abreu, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rogers, C. R. (2001a). *Sobre o poder pessoal* (W. M. A. Penteado, trad.; E. S. Abreu, rev. trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C. R. (2001b). *Tornar-se pessoa* (5ª. ed., M. J. C. Ferreira & A. Lamparelli, trad.; C. Berliner, rev. tec.). São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C. R. (2005a). *Um jeito de ser*. (6ª. reimp.; M. C. M. Kupfer; H. Lebrão & Y. S. Patto, trad.). São Paulo: EPU.
- Rogers, C. R. (2005b). Minha filosofia das relações interpessoais e como ela se desenvolveu. (L. Quintão, trad.). In Rosenberg, R. L. & Rogers, C. R. *A pessoa como centro*. (pp. 195-208), (11ª. reimpr.) São Paulo: EPU.
- Rosário, D. F. (2002/2003, dezembro/fevereiro). Exigência do diálogo na Pedagogia do Oprimido. *Revista de Educação CEAP*, 10 (39), 67-75.
- Rosenberg, R. L. (2005). Uma comunidade centrada na pessoa. In Rosenberg, R. L. & Rogers, C. R. *A pessoa como centro*. (pp. 103-132), (11ª. reimpr.) São Paulo: EPU.
- Sagrada Congregação da Educação Católica. (1998). *A escola católica no limiar do Terceiro Milênio*. Brasília: Associação de Educação Católica do Brasil (AEC/BR).
- Salgado, S. & Buarque, C. (2005). *O berço da desigualdade*. Brasília: UNESCO.
- Sandrini, M. (1988). Dom Bosco e os jovens, um binômio inseparável. *Grande Sinal*, 42, 393-427.
- Sen, A. (2000). *Desenvolvimento como liberdade* (5ª. ed. reimp.; L. T. Mota, trad.; R. D. Mendes, rev. tec.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, V. (2004). *Sertão de jovens: Antropologia e Educação* (Coleção Questões da nossa época, Vol. 115). São Paulo: Cortez.

- Soares, M. (2003). Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos? In Moreira, A. F.; Soares, M.; Folari, R. A. & Garcia, R. L. (Org.). *Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos? Um impasse dos intelectuais*. (Coleção Questões de Nossa Época, Vol. 88, pp. 65-90), (2ª. ed.). São Paulo: Cortez.
- Spindler, G. & Spindler, L. (1994). What is Cultural Therapy? In G. Spindler & L. Spindler. *Pathways to Cultural Awareness: Cultural Therapy with teachers and students*. (pp. 1-32), Corwin Press Inc.
- Spindler, G. (1999). Three categories of cultural knowledge useful in doing Cultural Therapy. *Anthropology and Education Quarterly*, 30 (4), 466-472.
- Szymansky, H. (2004). Entrevista reflexiva: Um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In H. Szymansky (Org.), L. R. Almeida & R. C. A. R. Brandini. *A entrevista na pesquisa em educação: A prática reflexiva*. (Pesquisa em Educação, Vol. 4, pp. 9-61), Brasília: Líber Livro.
- Szymanski, H. & Cury, V. E. (2004, maio/agosto). A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: Pesquisa e prática psicológica. *Estudos de Psicologia* (Natal), 9 (2), 355-364.
- Téveodjrê, A. (1981, setembro). A pobreza: Riqueza dos povos. *Presença Marista*, 7 (24), 200-210.
- Toscano, C. (2006). Aprendendo a ser professor: um estudo sobre o processo de formação [1 CD-ROM]. In *Anais 2. Congresso Internacional sobre pesquisa (Auto)biográfica*. Salvador, BA: Universidade Estadual da Bahia.
- Touraine, A. (1999). *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes* (J. A. Clasen & E. F. Alves, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Versiani, D. B. (2005). *Autoetnografias: Conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Vianna, H. M. (2003). *Pesquisa em educação: A observação*. (Pesquisa em educação, Vol. 5). Brasília: Plano Editora.
- Waddington, A. (Diretor), Tambelini, F. R., Barros, L. M. & Hollanda, P. B. (Produtores). (2000). *Eu Tu Eles* [Filme-DVD]. Brasil: Videofilmes. 104 min.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

American Psychological Association - APA. (2006). *Manual de estilo da APA: Regras básicas* (M. F. Lopes, trad.). Porto Alegre: Artmed.

Coutinho, E. (Diretor) & Formaggini, B. (Produtor). (2002). *Edifício Máster* [Filme-2 DVD]. Brasil: Videofilmes. 110 min.

França, J. L. & Vasconcelos, A. C. (2004). *Manual de Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. (7ª. ed.; Coleção Aprender) – Belo Horizonte: Editora UFMG.

Funaro, V. M. B. O., coord. et al. (2004). *Diretrizes para apresentação de dissertação e teses da USP: Documento eletrônico e impresso*. (Cadernos de Estudos, Vol. 9). São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas/Universidade de São Paulo.

Lalande, A. (1993). *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. (F. S. Correia; M. E. V. Aguiar; J. E. Torres & M. G. Silva, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Pedagogia radical: O legado de Paulo Freire. (1997, agosto/outubro). *Pátio: Revista pedagógica*, 1 (2), 41p.

Pessoa, S. (2005). *Dissertação não é bicho-papão: Desmistificando monografias, teses e escritos acadêmicos*. Rio de Janeiro: Rocco.

Sá, E. S., (coord.); Gaudie-Ley, M. D. L. M.; Davelli, A. L. F.; Souza, M. M.; Figueiredo, M. G. G.; Sodr e, S. M. F. & Pitanga, V. L. B. (2001). *Manual de Normalização de trabalhos técnicos, científicos e culturais*. (5ª. ed. rev. ampl.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Salles, W. (Diretor) & Tolomelli, E. (Produtor). (1998). *Central do Brasil* [Filme-DVD]. Brasil: Videofilmes. 112 min.

Vasconcelos, M. L. M. C. & Brito, R. H. P. (2006). *Conceitos de educação em Paulo Freire*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Mark Pesquisa/Fundo Mackenzie de Pesquisa.

Yimou, Z. (Diretor) & Yu, Z. (Produtor). (1999). *Nenhum a menos* [Filme-DVD]. China: Columbia Tristar Film Distributors. 106 min.

APÊNDICES

**Terapia Cultural em
Círculos de Letramentos
(Os Encontros)**

SUMÁRIO (Apêndice A)

1. Primeiro encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos	173
2. Segundo encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos	183
3. Terceiro encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos	209
4. Quarto encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos	251
5. Quinto encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos	275
6. Sexto encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos	309
7. Sétimo encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos	338
8. Oitavo encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos	354
9. Nono encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos	371

PRIMEIRO ENCONTRO DE TERAPIA CULTURAL EM CÍRCULOS DE LETRAMENTOS

Rodolfo – Boa Noite! Primeiramente, agradeço a pontualidade de vocês, numa dimensão de compromisso e desejo de estarmos juntos. Neste primeiro Encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, gostaria de iniciar ouvindo a apresentação ou auto-apresentação de vocês, educadores, cada um fazendo sua auto-imagem da vida profissional ou da história de cada um. Na verdade, revelando-se a partir da linguagem do desenho. Quem são vocês? Esta é a pergunta que revelará aquilo que vocês realmente são. Nós temos giz de cera, pincéis, canetas etc. Usem e abusem da criatividade de vocês. Também a partir do desenho que vocês criarão, criem também um nome fictício, o qual gostaria de registrar a partir de hoje. Pelo menos um registro, significa dizer que, nesse trabalho, seu nome vai ser trocado, para assegurar o anonimato dos participantes. De repente, esse codinome pode não ser usado agora, neste encontro, mas poderá sê-lo nos próximos. O importante é que vocês comecem a pensar sobre isso. Quem gostaria de iniciar a partilha, expressando um pouco o educador-profissional? Por gentileza, mostrem os desenhos enquanto se apresentam.

Sofia – Como educadora e como mãe, desenhei uma árvore-mãe com seus filhos, e estes poderiam ser os nossos alunos, uma mãe com braços estendidos, acolhendo a todos e também recebendo. Uma mãe preocupada. É uma árvore, ou seja, fruto do nosso trabalho, e nestas árvores poderão ser gerados vários profissionais, que certamente passarão por nós. A mãe com o olhar carinhoso e preocupado com este cidadão. Muitas vezes, em nosso caminho, erramos, mas procuramos acertar. Vejo esses alunos, como se fossem meus filhos. E o desenho da terra, que deverá ser fértil ou não, depende de nós, poderá gerar frutos em nosso trabalho. Mais tarde poderão ser bons cidadãos. Vejo-me como uma mãe para eles, sempre mostro o certo e o errado.

Lena – Essa mãe-educadora que Sofia comenta é, para nós, uma educadora, batalhadora, que sente a presença do amor. E procura se identificar neste símbolo que ela utilizou como meio ambiente, usando o vegetal, em que enfatiza a dimensão da vida, do compromisso.

John – Então quer dizer que a senhora (Sofia) tem o prazer de ensinar a todos como se fossem seus filhos?

Sofia – Com certeza. E é verdade isso, até mesmo no momento da oração. Quando chamo a atenção deles, passo para eles um cuidado todo especial.

John – A senhora tem filhos estudando? Como vê essa questão? A senhora já ensinou a seus dois filhos?

Sofia – Já. E eles me chamavam de professora, e são tratados igualmente como os outros alunos, sem nenhuma diferença. Cuido de todos e protejo-os por igual.

Mélore – Passei por esta mesma situação. Já ensinei a oito sobrinhos e chamava atenção deles. Alguns deles ficaram em recuperação. Ensinei a uma sobrinha e ela era dispersa em sala de aula. Aconteceu que ela me ligou desesperadamente às 10h da noite, a pedido da mãe, pedindo para eu ensiná-la para uma prova, porque seu pai iria chegar somente às 11h do trabalho, e não tinha prestado atenção na aula do dia anterior. Disse que seria a primeira e última vez, pois não seria cabível, naquele momento, ensinar a uma sobrinha. Deveria de ter prestado atenção a aula como os outros alunos. A minha preocupação maior era tratá-la não como sobrinha, mas como um aluno qualquer, até porque a gente precisa ter esse cuidado de não ser muito apegado ao parentesco. Se dependesse de mim, iria ficar reprovada. Isso aconteceu também com o meu sobrinho. São essas coisas, pequenos detalhes que nos fazem refletir.

Rodolfo – Observamos, aqui, muito bem, a diferença entre a vida familiar e a escolar. Como o parentesco influencia nas relações com a escola.

Sofia – A gente nota muito. A proteção da casa, da família. Esta influencia quando a gente é professora.

Rodolfo – Revelando-se através do desenho, vamos dar continuidade a nossa apresentação.

Árvore – Minha vocação nasceu no curso de Geografia. Pode-se dizer que estou na fase embrionária. Comecei ensinando a adolescentes num colégio público, durante seis meses, como professora polivalente. Desenhei um planeta, a área urbana e a natureza hoje. O que nós estamos fazendo é cuidar de nossas crianças. Acho que educar é para a vida, educação não é só conteúdos. Aluno deve estudar para a vida. Gosto de estudar as causas sociais e foi por isso que fui chamada para trabalhar neste Colégio Cristão do Nordeste. O livro representa que eu gosto muito de estudar, da leitura e me preocupo com as causas sociais, também.

Lena – Como você, professora de Geografia, lida com a relação do público infantil, já que ensinou a adolescentes?

Árvore – Não fiz Pedagogia, mas sempre tento buscar ajuda. As crianças estão incluídas no espaço da sociedade, pois a geografia estuda a natureza, os problemas sociais e a sociedade. Comecei no nível 5 (Educação Infantil) e depois fui para a alfabetização. Não é fácil, me causou ansiedade, certo medo. Alfabetizar crianças não é nada fácil. Mas posso acreditar que dá para trabalhar com a Geografia e as crianças.

Rita – É uma experiência nova. Estou aqui há quatro anos e sempre estive alfabetizando. Entrei esse ano aqui e estou adorando. Estou ensinando a crianças com três anos (Nível 3 da Educação Infantil) e me vejo como um livro, sempre em busca de conhecimento, para passar para nossos alunos. Vejo que somos como estrela, sempre brilhando, buscando conhecimento para que nunca nossa estrela apague.

Rodolfo – Gostaria de fazer uma pergunta a Rita. Falando em estrela que brilha, como você fez essa opção por ensinar?

Rita - Fiz Pedagógico (antigo Magistério – Ensino Médio). De início, não queria fazer, mas no momento em que eu fiz o estágio, aconteceu um probleminha – que eu não queria falar disso agora - e devido a isso, comecei a me apaixonar pela educação.

Isadora – Eu não nasci com vocação, mas desenvolvi na prática. Estudei aqui no Colégio Cristão do Nordeste até o 9º ano. Fui para o Colégio das Nuvens fazer o curso normal. Desenhei um botão de rosa, pois ele está sempre a desabrochar, e é assim que me sinto como educadora, sempre disponível para aprender, aprendendo com o outro, com os alunos. No início, comecei aos 16 anos, dando aulas de catequese no Campo das Flores (local muito pobre), aos sábados. Eu era voluntária, chegava as casas convidando e dava aula nos alpendres das casas. Eu sempre tive isso comigo, parece um chamado. Não tinha realmente condições financeiras de pagar uma Faculdade e o curso era à noite. Então apareceu uma pessoa excelente, Maria Cristina, professora que formava pessoas para a vida. O Lira chegou a minha casa e pediu para que eu escolhesse a Alfabetização ou o 3º ano. Optei pelo 3º ano, mas ele me deu a Alfabetização. Peguei uma série difícil, por isso fiz um botão desabrochando. Afinal, você não pode perder o controle. Lira me tirou daquela série, dizia para eu falar baixo e se eu perdesse o controle me distanciasse dos alunos e

eles perceberiam e se acalmavam. Trabalhei no Jardim II, 2º e 3º anos e agora no 3º ano. Uma outra experiência: Lira me disse: “não seja baú, pois sempre tem teia de aranha, renove sempre, abra sempre que possível”. Outro grande aprendizado, não esqueci! Por incrível que pareça estive em muitas experiências, não permaneci numa só sala, tanto na escola particular como na pública. Nunca me fechei, tive meus medos, de enfrentar os desafios, mas sempre tentei superá-los, sei que ganhei. Aí então o Arlequim me colocou na Escola das Valsas, ficando na Coordenação Pedagógica. Concluí o curso Normal, fiz o concurso público, na época, e fui aprovada Gosto do que eu faço, pois faço com amor. Fiz o desenho do botão de rosas, porque sempre aprendo com os alunos. É isso o que eu quero: permanecer na educação até o fim da vida. A gente tem que dar o que tem. É isso que eu penso. Me sinto realizada, vou continuar educadora, embora possa ou não continuar na área da Educação. Vai ser para sempre? Acho que não, no momento que me falarem que não precisa mais dos meus serviços... Já ganhei e aprendi bastante e continuarei educadora em qualquer outra profissão.

John – Comecei a ensinar em 1996, quando o Arlequim me convidou a trabalhar. Fiz um curso na cidade vizinha, arriscando a vida todos os dias. Tirei primeiro lugar na Universidade Céu Azul, tive uma colocação muito boa também na Universidade do Cisne. Normalmente quem sai do interior para estudar em capital é reprovado. Eu noto que ensinar é muito complicado. É uma ciência que requer mais atenção. É como um laboratório: mostra o caminho, como chegar a um resultado, como concluir aquela dificuldade. Estudei do Jardim ao 3º ano no Colégio Cristão do Nordeste. Ensinar é muito complicado, requer paciência e estudo, tendo que observar a todos da mesma forma, sem discriminação. Uma sala com 35 ou 40 alunos, todos com opiniões diferentes, tentando mostrar como agir nas dificuldades. Além do mais, fiz uma pós-graduação. Um dia desses, quando estava em sala de aula, três alunos, aprontaram. Um deles ficou revoltado com a matéria e aí comecei a falar sobre educação. A importância de estudar, de como pesquisar. Somos felizardos por estar numa profissão como essa: a educação. Se eu tivesse só minha profissão de graduação não me sentiria tão bem.

Isadora – Por isso John, por mais que você não esteja na Instituição, vai sempre continuar educador, está no sangue. Eu simplesmente não nasci com a vocação, apenas desenvolvi. Se eu disser que sempre amei estudar eu estou mentindo. Eu aprendi a gostar.

John – Gosto de estudar. Na minha turma tinha 45 alunos e somente cinco concluíram. Quero fazer mestrado na área de educação.

Mélore – No desenho que mostrarei fiz um sol, não no sentido de brilhar. Mas me referi às pessoas com quem convivo todos os dias. Estou há muito tempo em serviço nesta casa. Acho que sou a funcionária mais antiga da casa. Não vou chamar de instituição, mas casa, porque já me sinto em casa. No início eu era professora, comecei a ensinar no 2º ano no Colégio Lago Azul, no curso Normal. Sou de uma família de cinco mulheres e dois homens e os homens estudaram no Colégio Cristão do Nordeste e as mulheres no Normal. Descobri o meu jeito de ser. Com certeza se não estivesse trabalhando com educação estava no ramo do Direito, pois gosto de trabalhar com pessoas. O desenho do sol representa o norte. Comecei a trabalhar quando o famoso Romeu, ele foi a minha casa e me convidou para ensinar no Colégio Cristão do Nordeste e hoje estou aqui. Ofereceu o Jardim 1, 4º ano e Artes. Eu sou uma pessoa muito decidida, sei o que faço. Para trabalhar no infantil, pelo meu timbre de voz, tinha que fazer fonaudiologia. E artes ficou com Estrela, que por sinal é uma pessoa muito competente. Optei pelo 4º ano. Fez vinte anos no dia 1º de março, entrei em 1986. Entrei no 4º ano, mas ensinei 4º e 5º anos por dez anos. Sabia que quando terminasse o meu curso seria professora titular e substituiria a profa. Lena. De uma coisa eu tenho certeza: nós nunca estamos preparadas. Foi difícil, superei todos os obstáculos, sou uma eterna aprendiz. Quando estou na educação, ensino para os meus alunos que os desafios são grandes. Só lembrando: a minha maior alegria, hoje, é estar ensinando uma segunda geração. Ensinei aos pais, hoje aos filhos e gostaria muito de ensinar aos netos. Sinto-me lisonjeada por ter dois ex-alunos aqui nesse encontro, por sinal de renome na cidade. É uma honra para mim. Eu não estou velha, estou com excesso de experiência.

Lena – Eu comecei ensinando disciplinas ligadas às ciências humanas. Tentei colocar assim minha prática em relação à educação que é de superação. Aprendo com a própria história. Na verdade eu estou no momento de aprender, de me construir como sujeito realizando seu papel, com responsabilidades sociais. Estou me aproximando mais uma vez de Paulo Freire naquele diálogo íntimo entre ele e o Guimarães em “Aprendendo com a própria história”. Na verdade eu estou num momento de aprender com a práxis. O que eu posso passar para essa nova geração, aprender com sua prática, e ser mais forte. Eu fui me tornando política. Três elementos importantes aparecem no desenho: ser aluna, ter obrigação de

estudar, tempo-natureza. A minha prática em relação à educação supera o analfabetismo. Na verdade, estou com vontade de aprender mais e é isso que eu passo como educadora e professora. Aprender e ensinar a cuidar das questões sociais. Fui dispensada de uma escola (pela direção) “porque a senhora pensa demais e fala demais dos políticos”. Muitos reclamam que eu falo demais dos políticos. Ensino a entender, de fato, na posição de professora, como os seres humanos são capazes de reconstruir seus próprios conceitos. Minha fundamentação está na pedagogia da história crítico-social. Trabalho com dois seres: o ser animal e o ser animal social que se lapida com a razão. Fui da pecuária, criei ovelhas. Temos um rebanho que tem um chefe e que esse rebanho vive condicionado. E, por outro lado, trabalho com o ser humano que é lapidado, que é difícil. Eu tento trabalhar o sentido da humanidade, aprender com a história.

Neet – Lena foi minha professora. Quando criança queria ser médico, não queria ser professor, mas dentro de mim já existia o ser professor. Brincava de dar aulas para outras crianças, passar conhecimentos. Eu me considero um professor, um observador, gosto muito de observar, por isso desenhei um olho. Aquilo que você observa, você consegue construir. Pela experiência chega a um conhecimento. Quero construir um alicerce. Gosto de fazer as coisas no silêncio, não gosto de agir para aparecer. Comecei a me aceitar enquanto educador quando tive a experiência de 45 dias com o teatro com o professor Jonas, que o Arlequim levou para a escola. Tive a oportunidade de conhecer a arte, o teatro. Eu era estudante na Escola Viva e tive dificuldade em estar nas aulas, pois dava aulas particulares em casa e era difícil de conciliar e por isso abdiquei de muita coisa. Depois fui chamado para dar aulas no Colégio Cristão do Nordeste. Trabalhei com crianças muito pobres e vi como a arte pode transformar essas crianças e fazer a diferença. Hoje, as crianças são pessoas de atitude na sociedade. Muitas vezes na sala, me vejo fazendo um teatro, mesmo na aula de minha disciplina. Às vezes a criança vai para uma outra oficina de arte e não quer nada, é triste. A educação também tem seu lado triste, a gente quer ensinar alguma coisa, mas a criança não quer aprender.

Tereza – Comecei a trabalhar com crianças mais carentes em todas as situações num centro social perto de minha casa. Foi lá que descobri o desejo de trabalhar com a educação. Depois surgiu a oportunidade de trabalhar no Colégio Cristão do Nordeste como auxiliar da Educação Infantil e depois professora titular da Educação Infantil. Vim pelo salário, que era três vezes mais que o outro emprego. Minha mãe

dizia: “não perca essa oportunidade, minha filha”. Desenhei Deus, pela fé, crianças, amor, educação. A educação passar pela ação. Acredito que a educação pode transformar, principalmente, a educação cristã.

Irildênia – Quando estudava no Colégio Planeta Azul, uma pessoa me disse que eu tinha vocação para ser irmã consagrada, por eu ser muito paciente, dedicada. E eu sempre fugindo disso. Como eu tirava boas notas e os professores faltavam, eu ajudava na turma. Fui criando gosto e fiz até o 9º ano (antiga 8ª série), no Colégio Planeta Azul. No final do 9º ano fizeram uma brincadeira de mau gosto dizendo que eu tinha sido reprovada. Eu sabia que não tinha sido, mas chorei muito e fui para o Colégio Leão Dourado. Não me arrependo. A pessoa me chamou para voltar para o Colégio Planeta Azul, mas eu não quis. Também lá substituía os professores quando faltavam. Ensinava particular em casa com alunos de três anos de idade até 9º ano. Ensinei durante seis anos. Os meninos quando chegavam lá em casa, batiam o portão e com isso atrapalhava meus avós que tinham setenta anos. Meu irmão vivia perguntando que emprego era aquele que não tinha carteira assinada. Para não atrapalhar meus avós e arranjar um emprego de carteira assinada, fui para o comércio. Fui trabalhar no comércio, por dois anos, mas me decepcionei: não era aquilo o que eu queria. Até que surgiu uma vaga para ensinar no Colégio Cristão do Nordeste. Tive medo, mas aceitei. Tenho muita paciência e vontade de passar o pouco que eu sei para as crianças. Eu não sabia que a responsabilidade era tão grande. Chorei muito quando soube que tinha conseguido a vaga no Colégio Cristão do Nordeste.

Jaque – Estudei no Colégio Rouxinol. Trabalhei no Piu-Piu ensinando Português. Fiz minha faculdade. Gosto de trabalhar com os 7º e 8º anos. Tive a oportunidade de ensinar no Colégio Cristão do Nordeste. Na época, o Júlio (ex-diretor) ficava na janela, passeando, assistindo às minhas aulas. Era uma turma muito indisciplinada. Não gostava, ficava muito nervosa. Também o Rodolfo gosta de assistir às aulas, eu não gosto. Tive um filho que deu muito trabalho aqui no colégio e quando ele saiu, eu pensei que o Júlio também ia me colocar para fora. Mas ele amava meu filho, conversava muito com ele. Eu amo muito o que eu faço. Às vezes fico triste com os problemas do dia-a-dia. Coloco-me muito na vida dos alunos, no lugar de minhas crianças. Desenhei um coração, crianças, caminho. Acho que amar é se doar pelo outro.

João Marcos – Sempre tive uma educação voltada para o diálogo e este sempre esteve muito presente na minha vida. Minha mãe era professora. O que me incomodava na escola era a mesmice, eu sempre fui exótico. Na escola tinha as peças de teatro e eu era sempre o "príncipe", o bem comportadinho. Até que um dia eu troquei de personagem com um amigo e fui ser o sapo: aquilo para mim foi o máximo. Para qualquer criança, interpretar o príncipe era o máximo, para mim não. Então foi um presente maravilhoso interpretar o diferente. Eu queria ser artista e não educador. Aqui no Colégio Cristão do Nordeste desenvolvi meu potencial. O Clóvis (ex-diretor) foi um mestre, um pai, me deu muitas oportunidades, mandou-me para muitos lugares do Brasil. Tenho um espírito de liderança aguçado, mas não é uma liderança militar. Gosto de trabalhar com outras pessoas, estar ao lado. Ver a educação como transformadora da sociedade, do pensamento, através da educação é um desafio muito grande. Via a arte somente pela estética. Na época que o Arlequim trouxe Jonas para a Escola Viva, ele veio também para o Colégio Cristão do Nordeste, pois, Alerquim era diretor da Escola Viva. Aquilo que eu achava que era intuitivo de minha cabeça, Jonas me fez ver que era arte-educação. Comecei a pesquisar, a ler, não tive medo. Engraçado que, enquanto vocês mostravam os desenhos estavam preocupados com o julgamento e arte-educação é justamente esse sentir e expressar do jeito que é. Tive a oportunidade de trabalhar com a rede pública, antigo Centro das Gaivotas, com crianças muito pobres, cheirando ruim, marcadas de surras, impingem sujas. Então, vi que pela arte-educação e como educador que poderia ajudar a transformar aquela realidade, com aulas de higiene, cidadania, enfim. E o trabalho começou a funcionar e aquelas crianças começaram a se sentirem mais gente. Sinto um amor enorme por aquilo que eu faço. Já tive muitas oportunidades de sair, mas eu sou um educador. O desenho que fiz é um móbilie, porque estou sempre em movimento. Colocavam-me limites e isso sempre esteve presente em minha vida. Mas uma coisa me inquieta muito: sou curioso, interpreto diferente, meus neurônios ficam trabalhando a mil. Quando paro de fazer algo, meu cérebro não pára. A lâmpada representa o conhecimento. Eu nunca vou deixar de correr atrás do científico, da experiência. Fiz um coração pelo amor, tenho círculos de amizades com meus alunos. O sol por ser luz para as pessoas, energizá-las. E o yin-yang representa que nem tudo é perfeito, os lados são diferentes, mas se encaixam, se equilibram. (Logo após a auto-apresentação dos professores, houve o momento da escolha, por parte deles, dos alunos colaboradores).

Rodolfo – Depois que vocês escolheram os seus colaboradores alunos para conhecer melhor as suas realidades, vamos fazer agora uma avaliação de nosso primeiro encontro. Como vocês se sentiram? Como estão as suas expectativas com relação aos nossos encontros?

João Marcos – Senti-me bem neste encontro de Terapia Cultural. Fiquei muito preocupado com os compromissos, pois sou muito ocupado, tenho muitos compromissos. Agora olho a agenda e vejo todos os encontros. Fiquei muito feliz quando fui sorteado, senti-me seduzido pela proposta. Gostei muito de ouvir os colegas, é terapêutico, realmente é uma Terapia Cultural. Aqui é essencial para falar da gente.

Isadora – Esse é um momento muito rico. O Rodolfo não deixa claro o que está acontecendo. E isso é um suspense que motiva a gente vir para o próximo encontro.

Mélore – As pessoas mais ocupadas são as que têm mais tempo. Já fico pensando como será o próximo encontro.

Rita – O bom é que chegue o próximo encontro.

Sofia – Eu cheguei aqui hoje às 6h40min, pensei que ia ficar do lado de fora. Não queria perder de jeito nenhum. Fiquei curiosa, queria aprender tudo de novo. Dia 28 (outubro) teria uma festa de aniversário de casamento de meus pais e eu já disse: não pode pois tenho Terapia Cultural nesse dia. Então foi mudada a data do aniversário. Isso mostra quão tamanha é a importância para mim essa experiência.

Jaque – Hoje perguntei a Andréia, minha filha, se o diretor tinha chegado de viagem, pois hoje é o primeiro encontro.

João Marcos – Acho que a gente tem que quebrar essa coisa “é o diretor, é o diretor”, se não vai atrapalhar. Não é o diretor, eu vim nessa perspectiva. Não ter medo. E hoje estou bem à vontade com o senhor.

Neet – Somos co-participantes, me senti muito bem mesmo. Ver o Rodolfo diferente, de sandália (tipo surfista) é muito interessante, aproxima mais. Acho que a gente vai se conhecer melhor.

Lena – Gostaria de assumir e conviver com essa minha aluna. Tenho que ter o cuidado com o vínculo que vai se desenvolver, que vai se estabelecer. Eu tenho curiosidade de saber mais. Essa pesquisa vai ser muito boa. É uma forma de conhecer melhor meu aluno. Estou preocupada, sei que vem coisa por aí e isso vai sacudir minha prática.

Rodolfo – Entrego agora a vocês um texto de Paulo Castelo Branco: “Fundamentos da Pesquisa Etnográfica” (Branco, 2006), para vocês se familiarizarem com esse tipo de pesquisa, na perspectiva da fundamentação teórica. É um texto para principiantes como a gente (risos). Agradeço a colaboração, a partilha da vida, o desejo de acertar, construindo um grupo. Fico muito feliz, aprendendo com vocês, não só na dimensão da pesquisa, mas de inter-relação. Foram quase três horas de aprendizado ouvindo-os. É um privilégio para mim, pois no dia-a-dia do colégio não tenho essa oportunidade de conhecê-los melhor e nem vocês a mim, e aqui temos esse tempo. Lembrando que uma das características dos Círculos de Letramentos é o não-julgamento. É desenvolvimento da cidadania. Tudo que foi registrado aqui vai ser por mim levado para minha sala de estudo, não o da direção, mas para meu quarto, onde desenvolvo, escrevo, crio, produzo ciência. Portanto, desejo-lhes uma boa noite a todos e até o próximo encontro.

SEGUNDO ENCONTRO DE TERAPIA CULTURAL EM CÍRCULOS DE LETRAMENTOS

Rodolfo – Boa Noite, prezados colegas. Como é que passaram esse intervalo, um breve intervalo de uma semana, somente? Quais foram as expectativas daquilo que nós deixamos do nosso primeiro Encontro para este encontro?

Sofia – Bom, em relação ao primeiro encontro, eu fiquei pensando sobre o que nós vamos fazer com este aluno. E assim, na sala de aula, eu fiquei muito preocupada. Esses dias eu pensei muito sobre o que eu vou fazer. Que trabalho irei desenvolver com o aluno que escolhi?

Neet – É assim: eu não sei se aconteceu com vocês, mas de repente, o aluno começou aparecer tantas vezes na minha frente... Virava para um lado, estava lá; virava para o outro, estava lá. E assim comecei a perceber esse aluno de forma diferente entre os outros. Parecia que todos os outros andavam em câmera lenta e ele normal, ele apareceu demais. Surpreenderam as expectativas. O texto (Branco, 2006) também ajudou bastante.

Mélore - A minha história é muito parecida com a sua (Neet). Quando eu escolhi o aluno, eu achava que não ia dar certo. Depois conversando com Lena, no mesmo dia, disse: “eu acho que eu vou mudar, eu vou pegar um menino mais próximo a minha casa e um aluno do Ensino Médio que nunca repetiu”. Então vai ser mais fácil me ajudar na pesquisa. Porém quando eu cheguei, quinta-feira à tarde, foi o aluno que ficou mais perto de mim, até a minha mala ele queria levar, então eu disse: “eu não posso mais mudar, é esse menino mesmo que eu vou levar para lá”. Ele é do 6º ano. Minha preocupação era saber onde ele morava, para que eu pudesse ter mais acesso. Até perto da casa dele eu passei, fiquei olhando. É tão pequenininho! Mora na Rua das Bolotas.

John – A que eu escolhi tem um problema de audição. Ela ficou na prova de recuperação, e aí a gente tem que fazer um trabalho e ela se senta lá atrás. Ela tem dificuldade em outras disciplinas.

Rodolfo - Mais alguma coisa que se passou? Quais as expectativas, medos, receios, angústias, enfim, sentimentos que vieram na Terapia Cultural?

João Marcos – Eu tentei não forçar muito a barra, porque assim, eu tenho a impressão que a gente tem que saber chegar ao aluno porque pode vir a assustá-lo

Assim, estou agindo muito naturalmente, até também porque a menina que eu escolhi, a Juliana Belmira já é minha aluna. É uma aluna próxima, mas eu não escolhi por ser próxima, eu escolhi pela história de vida dela, do que eu já sabia dela. Eu gosto de história de vida assim muito interessante. É impressionante que eu já estou terminando e até trabalhando com os alunos, fazendo uma Terapia Cultural através do teatro do oprimido, em que eles se sentem de fato numa terapia como a gente se sente aqui. Eles falam de várias formas de opressão que eles sofreram no decorrer da vida deles, enfim, sem Belmira perceber, eu já estou fazendo a pesquisa com ela, porque ela contribui muito, por ela ter muitos relatos. Pra mim está sendo fácil nesse sentido.

Lena – Eu sinto como estivesse entrado em outro tipo de compromisso, por essa questão de não saber exatamente o que vai ser de fato. Parece que ao mesmo tempo vai se trabalhar a questão da sensibilidade pelo texto, já provocado essa questão de entrada no universo de construção, já fiquei assim: “meu Deus!”. Era como estivesse percebendo uma maior seriedade, uma maior explicação dos porquês, de estar trabalhando com o aluno. Eu concordo, estou mais tocada por aquela aluna, mesmo que ela não tenha iniciado um trabalho comigo, mas alguma coisa já foi iniciada e não tenho controle. Eu acho que a gente tem essa impressão, essa sensação de saber o outro sem ter chegado até ele. Portanto, já se traçou aí algum tipo de relação que não foi estabelecida e de qualquer forma a gente começa a ter certa responsabilidade pelo outro também. Hoje passei por um momento interessante: peguei o Projeto Político Pedagógico, e me vi explicando para o meu aluno, a função do ser aluno, pois passamos muitas informações para os nossos alunos. Senti-me tocada por uma maior ação. A sensação que eu tenho, é que eu estou diante de um processo que eu ainda não tenho controle, mas que foi desencadeado. Não sei se vocês sentiram isso.

Rodolfo – Então, agora vamos ter mais alguma novidade: vamos fazer aquilo que Bem Te Vi desenvolveu em sua tese de doutorado, o que ele chamou de “texto-sentido”. O que é o texto-sentido? Em poucas palavras, é a leitura que você faz de alguma coisa, de alguma pessoa, de algum objeto, de algum fenômeno e que tem um sentido para você, e na verdade, não é colar palavras ou frases de outros, mas é aquilo que evoca de dentro de cada um de nós. O texto desencadeador para que escrevamos, agora não é mais desenho, como no encontro passado, tentaremos escrever. A pergunta de partida é: “O que motivou a minha escolha de determinado

aluno ou aluna?” Diante daquele panorama todo, daquele elenco de quatrocentos e cinqüenta e sete alunos, “o que me fez escolhê-lo?” O que me motivou esta escolha? O texto-sentido que vocês irão fazer é sobre as suas motivações. Veja bem, não é uma descrição dos alunos que vocês escolheram. (Nesse momento foram dados 20 minutos para os professores escreverem seus textos-sentido. Mélore terminou primeira, olhava para os colegas e sorria disfarçadamente. Alguns professores sentem dificuldade em escrever sobre seus próprios pensamentos).

Quem é que gostaria de começar? Primeiro vamos fazer a leitura. Nessas partilhas vamos ler o que nós escrevemos e se tiver algumas outras palavras que queiramos dizer, também será permitido. E enquanto cada educador fizer a sua partilha, diga qual foi o aluno que você escolheu, para projetarmos a sua imagem no data-show, olhando para estes rostinhos bonitos.

Sofia – A minha é Marília, do 5º ano. Vou ler o texto-sentido:

“Por que te escolhi? Foi escolha imediata que me tocou profundamente, quando visualizei seu rosto entre os outros alunos, o carinho que ela tem por mim, sua timidez e simplicidade, o desejo de ajudá-la e conhecer melhor sua história de vida”.

Rodolfo – Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Sofia – Eu já conhecia e eu sei que ela é de uma família carente, uma mãe que luta, e trabalha como doméstica. A mãe dela tem um carinho muito grande por mim e eu senti. No 5º ano eu tenho muitos meninos. Eu não retribuía o carinho que ela tem por mim, e quando eu visualizei o seu rosto, eu acho que veio a tarefa de mãe. Tentei na sala de aula estar lá, junto com ela, eu acho que esse é o momento.

Rodolfo – Você trouxe para o primeiro encontro a figura materna e eu lembro que o seu desenho tinha árvore estendida como mãos e você faz uma retribuição. O que você quer dizer com isso?

Sofia – Ela chega me beija, me abraça. Às vezes eu estou sentada, ela chega para sentar no meu colo e aí são tantos que não posso colocá-la no colo. Peço para ela sentar na sua cadeirinha e talvez ela quisesse mesmo o colo. Porém, converso com ela na hora do intervalo, e eu sinto que ela necessita de alguma coisa mais.

Rodolfo – Tereza, você levantou o braço, quer ser a próxima?

Tereza – Quero. Ele é o João do 3º ano. O título é “A escolha”.

“Por algum motivo que não sei definir, o aluno escolhido tem um lado de “ser” que lembra o meu, parece comigo: o desejo de entender; o modo de agir; sua aguçada dificuldade de concentrar-se, mesmo em atividades essencialmente lúdicas; o desejo

de identificar seus objetivos ou ajudá-lo a construir; a sua história familiar; a vontade de compreender que papel a escola representa para ele e de fazê-lo avançar; o desejo de alguma forma participar de sua história, na certeza de que ele é uma criança que me fará aprender muito e também ter, por ele, um carinho muito especial”.

Rodolfo – Gostaria de acrescentar outras palavras que você não registrou, Tereza?

Tereza - Consegui dizer tudo.

Jaque – O entendimento primeiro lembra você, na sua infância. Alguma coisa que houve com ele, lembra você? O quê?

Tereza – Uma coisa que eu não sei definir ainda, mas ele lembra a mim, no modo de ser.

Sofia – Você já ensinou a ele?

Tereza – Não, eu sou professora de uma matéria específica. Ele tem muita dificuldade de concentração, muito da minha escolha. Tudo isso me chamou a atenção, lembra a mim, nesse aspecto.

Rodolfo – Alguma outra pergunta para Tereza?

Lena – É interessante essa coisa. “Ele lembra a mim”. Esse trocadilho é interessante. Mas nesse primeiro impacto, há uma motivação de conhecer a si também, quando você conheceu o outro.

Tereza – Ele se parece comigo (risos). Eu não sei definir isso ainda. Eu me identifico muito com ele.

Rodolfo – É por isso que eu coloco reticências. Tem muitas coisas que nós vamos conversar aqui, chegando a alguns conteúdos de nossas vidas que não vai ter um ponto, nem um ponto final, mas reticências.

Árvore – Onde ele mora?

Tereza – Num lugar de difícil acesso. Ele passa mais tempo na rua. Ele tem dificuldades até de conversar, ele gosta muito de brincar.

João Marcos – A aluna escolhida por mim foi Juliana Belmira, 2º ano do Ensino Médio. “Desde que a vi, senti um imenso desejo de abraçá-la. Não sei explicar ao certo o porquê. Existem coisas que são inexplicáveis, mas aquela adolescente me chamou a atenção. Seu olhar emanava uma tristeza profunda por mais que sua boca sorrisse. Seus gestos eram contidos como se tivesse medo de se expressar ou de que alguém a notasse, mas olhava fixo nos meus olhos. Notei alguns outros rindo disfarçadamente quando ela expressou-se pela primeira vez cenicamente. Senti uma

maldade e um preconceito cortante por parte de alguns, por seu jeito um pouco masculinizado. Fiquei com raiva, uma raiva disfarçada e naturalmente mudei um pouco o foco de trabalho para combater tal atitude. Ela é doce, bela, mas não sabe. Tem muito medo da vida, do futuro, do passado, do presente, das pessoas, dos julgamentos... Eu a escolhi, assim como nos conta a Bíblia que muitos foram os escolhidos para determinadas missões. Neste caso, eu sou o missionário e quero de alguma forma, quer dizer, de todas as formas possíveis, ajudá-la a interagir na sociedade, na família, na escola, no mundo... Tenho certeza de que aprenderemos um com o outro neste intercâmbio cultural”.

Rodolfo – Mais alguma coisa, João Marcos, que você gostaria de acrescentar, que não conseguiu registrar, olhando para o rosto de Juliana.

João Marcos – A história de vida dela é muito triste. Porque assim, eu trabalho com uma técnica que apresenta diversas formas de opressão existentes na sociedade. E na última aula nós tivemos um encontro mais ou menos de duas horas, quando conversamos muito, e os meninos apontavam quais os tipos de opressão que eles identificam na escola, na família. Qual a vez que ele se sentiu mais oprimido e qual a vez que ele oprimiu também, as formas de opressão em geral. A gente conversou muito sobre isso. E depois que eu a vi, o que me chamou a atenção foi que no depoimento dela, ela disse que é oprimida constantemente; ela disse que começou a ser oprimida quando não foi desejada e até hoje se sente oprimida por isso. Ela é criada pela avó e quando a avó fala com ela, diz: “Eu não sei por que fui te criar”. Uma coisa que me chamou atenção foi que ela me disse: “mas um dia vou me vingar de todos”. Perguntei para ela: “Mas como? Você tem um sentimento de vingança dentro de você?” E ela respondeu: “Tenho, porque sofri muito durante a minha vida toda”. Tentei conversar com ela e dizer que a melhor forma de ela dar resposta a essas pessoas que a humilharam era ser uma menina bem sucedida. Apesar de a mãe dela, ainda solteira, ter tido ela, nunca ligou para Juliana, as pessoas nunca acreditaram nela, a avó nunca deu carinho de mãe. Sempre foi uma menina muito carente, é uma menina muito pobre, passa por necessidades. Então todas as formas de carência essa menina sofre. Tem carência afetiva. Uma coisa que me chamou atenção foi quando ela se expressou pela primeira vez. Ela expressou-se cenicamente e percebi que vários alunos perceberam disfarçadamente o seu jeito masculinizado. Foi uma coisa que me doeu muito, ela se acanhou muito e ela

percebeu também. Hoje já está se soltando mais, então, é uma menina que precisa de “muito olhar”.

Irildênia – Só acrescentando o que João Marcos falou, eu moro pertinho da casa dela e ela tem uma prima que se chama Gardênia que deu atenção e cuidado para ela, em todos os aspectos desde os estudos até o vestir. Juliana gosta muito de arte e tem tudo para crescer e quando Gardênia saiu de casa, aí é que ela se sentiu mais sozinha.

João Marcos – É uma pessoa que tem muito potencial. Incrível! Mas que tem muito medo.

Rodolfo – João Marcos, por que você falou no primeiro momento, de uma raiva? Era raiva da aluna?

João Marcos – Eu tive uma raiva disfarçada dos alunos que estavam ao redor e começaram a rir da forma como ela agiu.

Rodolfo – Alguma pergunta para João Marcos?

João Marcos – Ela passa por uma mudança constante. Quando ela chegou à primeira aula, não abria a boca, não falava nada. E a única coisa que eu percebi nela era que ela olhava muito fixo nos meus olhos. E geralmente quando a pessoa é tímida não olha muito para os olhos.

Árvore – Você disse que ela queria se vingar, ela é uma menina agressiva?

João Marcos – Não, é uma menina boa, calma, uma menina que, apesar dos pesares, sabe disfarçar tudo isso. Eu senti equilíbrio nela, não apresenta nervosismo, é uma menina equilibrada.

Neet – De certa forma, deu a entender que ela tem medo de estar com pessoas, de trocar idéias.

João Marcos – A primeira vez que eu a abracei quase que ela recusava. Foi na apresentação no Fórum de Exploração Sexual Infantil aqui no Colégio. Ela teve oportunidade de construir um texto, de entrar em cena, e aí ela estava nervosa. E antes da apresentação fui lá e dei um abraço nela e senti uma resistência muito grande, quando a abracei. Tenho certeza que isso não é comum na vida dela: alguém chegar e abraçar, dar uma força. Senti uma rejeição, mas ela me abraçou.

Rodolfo – Depois dessa narrativa de João Marcos, uma outra pessoa que gostaria de apresentar?

Árvore – O aluno que escolhi é Condor, 1º ano. Meu texto-sentido é assim: “A criança escolhida apresenta um comportamento que sempre me chamou a atenção.

Preocupada com sua aprendizagem, buscava entender o porquê de suas ações e inquietações, mas percebi que os momentos que eu tinha com ele, não eram suficientes para entendê-lo. Isso foi me provocando uma grande angústia. Ficava em minha casa buscando encontrar um método novo de lidar com essa criança, mas sempre sem êxito. Foi então em um momento do recreio que, junto com a supervisora, tivemos uma conversa informal com ele, e percebemos que ele tem muitos problemas...”. Seus familiares... não sei se justifica, mas que explica algumas coisas. O Condor é uma criança agressiva, e protetora ao mesmo tempo. É uma criança que não se concentra. Segundo a sua mãe ele não tem contato com outras crianças em casa, vive sozinho, então me parece que quando ele chega ao colégio, ele quer tudo para ele. É uma criança que não sabe lidar e nem conviver com outras crianças; é uma criança que precisa muito da nossa ajuda. É uma criança que tem dificuldade enorme de concentração, de ouvir, de conversar com os coleguinhas, de estar perto do coleguinha, não consegue lidar com essas crianças. Todos os dias eu tento dar uma atividade nova para ele, isso me causa uma grande angústia.

Tereza – Ele adora colaborar, quando a gente atribui muitas responsabilidades.

Árvore – Ele gosta de ajudar, o pai não mora com ele. Foi um suicídio na família, causou certa revolta nele. Ele diz que o seu tio, que morreu, diz para ele que tem que fazer as coisas erradas. Ele tem seis anos. Dois casos de suicídio na família. Hoje ele mora somente com a mãe e o avô, que o considera como pai. Diz que é super cuidadoso com o avô e que coopera em casa. Deve ter alguma explicação ou justificativa para o comportamento de Condor. Ele conta histórias sobre o suicídio da sua família. No início eu dizia que era indisciplinado, mas eu acho que esse não é o nome certo para o problema dele. Desde o maternalzinho que ele já vem assim. E já no recreio eu percebia junto com as professoras. Pedia para ele sentar dez minutos na hora do recreio, ele ficava de castigo.

Rodolfo – Você acha que você tem algum comportamento parecido com o comportamento dessa criança?

Árvore – Se eu me identifico com essa criança? Eu não sei. Essa coisa de ser protetora, talvez. Ele pode agredir o colega agora, mas se o colega agredir um outro colega, ele já vai proteger o outro que foi agredido. Ele é assim: agressivo e protetor ao mesmo tempo. Eu o chamo para ajudar a distribuir os lápis e ele só distribui os três primeiros, a partir do quinto lápis, ele não distribui mais. Ele quebra, ele joga, ele quer furar o colega, ele morde o lápis, ele muda muito rápido de comportamento. E

eu digo: “Pronto Condor, me ajude a distribuir o caderninho”. Aí uma aluna diz: “tia ele rasgou a folha do meu caderno”.

Mélore – São quantos alunos na sala?

Árvore – São vinte e quatro. Eu peço para ele me ajudar, mas ele faz a mesma coisa. Até o quinto aluno ele vai bem, depois ele começa complicar a minha vida. E eu digo: “Pronto Condor, você não vai mais ser meu ajudante.”.

Rodolfo - Você tem, Árvore, então, uma margem de segurança até cinco, então (risos). Podemos ouvir outro texto-sentido?

Lena – Diana. Esse texto é de mais sentimento e contato com ela. “A escolha”. “Você me tocou... Em meio a tantos múltiplos rostos, você saltou aos meus olhos. Desejo... Encontrar em você o que motiva seu ser... Motivação... a amizade nascente... Próximas e distantes. Vizinhas, mas não te conheço, somente o que nós possibilitamos. Que estranha geografia nos coloca próximas e distantes! Romper barreiras. Um dia ‘Dona Lena’. Ontem: ‘Bom dia, Tia Lena!’ Amanhã... não sei. Descobriremos juntas...”

Neste texto... não sei se vocês escutaram esse momento com atenção. Uma das coisas seria: quais motivos? Eu conheci essa menina que sempre passou em frente a minha casa, sempre me passou um quê de frivolidade imediato. Eu não me contento apenas com essas coisas, essa “casca”. Vou direto ao papo, somos próximas e distantes. Por que ela me chamou para ser madrinha de crisma? Essa menina me descobriu aqui na sala de aula e foi buscando. Então um dia desses, ela chegou chorando lá em casa desesperada, pois ela tem muitos problemas em casa, uma conversinha rápida. Depois, eu perdi aquela cara de professora séria, essa história de geografia, de morar perto, pois estou há três anos morando perto dela, vi-a basicamente crescer. Parece que ela quer criar uma personagem de menina alegre e dinâmica, mas é agressiva. Do jeito que expressa o seu desabafo, fala mal, entrega as colegas, ela não cria uma relação profunda, passa uma imagem para as colegas de consumismo, de dinheiro, banca revistas, de fazer compras. Ela não aceita que seus parentes a ajudem. A tia é professora, não é casada, e a avó é doente, certamente pela idade. Ela não quer se diferenciar da amiga, ela está precisando encontrar alguém que penetre nessa “casca”, de alguma forma. Porque ela passa mesmo, mas falta aula. Pela história que ela tem... uma menina que veio da escola pública do interior de uma pequena cidade... Eu busco mostrar a importância de ela estudar aqui no Colégio, mas ela banaliza essa oportunidade.

Neet – Isso tem acontecido com muitos alunos. Você está numa condição de escola pública e passa a estudar numa escola particular através de uma bolsa. Começa agir de forma diferente para se sentir no meio, fica fazendo parte da roda, então o próprio meio vai construindo isso aí. Talvez os próprios colegas contribuam muito. Porque ela foi minha aluna e era muito boa, dedicadíssima, incentivava os outros, porém, os outros tinham muito poder sobre ela, ou seja, de influências negativas. Por exemplo: “eu estou com um tênis novo, olha que legal!” Então essas coisas contribuíram muito. No ano que passamos juntos, eu notei muito essa influência dos colegas sobre ela. Realmente tem essa fragilidade da coisa pobre. Ela acha que deve estar no meio rico para se sentir a vontade. O meio dela é o grupo.

Lena – Eu percebi também isso. Desde o ano passado eu tenho me preocupado com essa questão. Quando passei a vê-la de fato como minha aluna, na questão financeira, em poder gastar e comparei com a realidade que ela tem, com essa fragilidade. Ela é dominadora em seu grupo. Essa coisa de ser, status de poder, de ter, “eu vou ser atriz”. Na escola pública, ela já cometeu atos assim e dizia: “Eu vou para Hollywood”, ela fantasia muitas coisas. A tia comprava muita coisa numa loja para ela distribuir com os colegas. A partir do momento que ela chegou chorando lá em casa, que a tia já está colocando freio nela, eu sinto assim, que tem algo mais. É uma coisa superficial e se não fosse essa realidade, dava mais medo ainda.

João Marcos – Isso me tocou muito, vejo como realidade, sou educador também de escola pública e hoje vejo alunos do Colégio Cristão do Nordeste, que agem completamente diferente quando estudavam em escola pública. Não ligava muito para essas coisas na escola pública como, celular. E agora, pede para mãe comprar o celular porque os colegas usam. Esse comportamento é padrão da juventude, de querer usar calça tal, tênis tal, até de querer namorar.

Neet – Porque se não for assim, você se sente oprimido.

Lena – Eu sinto que é algo mais porque, de fato, se for pensar em termo de marca, a dela não tem nem o diabo da marca. É a negação da realidade, de não aceitar os familiares, de não suportar essa tia que ela tem por perto. É apaixonada por esse menino, mas já tem um namorado. É algo assim muito inconstante.

Neet – Eu conheço pessoas que, para fazer parte do patamar da sociedade, compraram roupas bem baratas. Vão à loja, compram as etiquetas e colocam nessas roupas, então você ia à loja e descobria: “olha fulano comprou...”. E acaba descobrindo essas coisas, o que o grupo influencia nesse sentido.

Jaque – Depois dessa reflexão gostaria de iniciar meu texto-sentido. Eu escolhi Kakimik e até coloquei o título no texto-sentido assim: “Feita de Coração”. “Minha escolha foi feita a partir do momento em que vi seu rosto”. Antes eu tinha escolhido Pedro, Josias, Francisco José. Vi-me em situações de outras pessoas, mas escolhi Kakimik. “Lembrei-me do seu sorriso, do seu olhar de deslumbre, quando em sala de aula partilhávamos nossas aulas”. Hoje conversando com Andréia nós falávamos da beleza interior que supera qualquer rostinho de Xuxa, e discutíamos sobre ver primeiro as pessoas que nos rodeiam, o tamanho do coração que elas têm. Foi isso que desde o início eu percebi na Kakimik. Através do seu sorriso, das suas palavras pronunciadas baixinho, do seu olhar e do que expressava em suas tarefas, trabalhos e desenhos. Observei que, no início do ano, ela estava um pouco acanhada, tímida, sozinha. Porém logo fez amizade com Lara e já ficou feliz, me deixando também feliz. Kakimik tem um coração bonito, mas no seu olhar tem algo que eu preciso descobrir, com jeitinho e poder assim ajudá-la... Percebi sua timidez e tentei trabalhar, elogiar.

Assim, Rodolfo, quando eu questionei a Tereza, que ela tinha visto e também se visto naquela criança, eu também me vi na Kakimik. Porque no começo do ano, nas aulas, percebi que o caderno dela era usado e ela arrancou as primeiras páginas do caderno. Ela tinha muita vergonha de abrir o caderno. Um dia eu percebi, que ela era muito tímida. Percebi também que tinha essa carência do material. E no momento em que pedi a Kakimik, eu também me vi na idade dela, lembrei o que aconteceu comigo. Eu tenho duas irmãs e eu sou a mais nova das três. Então meu pai arrancava as primeiras páginas, encapava e dava para mim. E por isso eu senti amor por Kakimik porque eu me vi naquela situação também. Tudo que ela ia responder, partilhar, nunca levantou o braço e nem disse: “tia, eu quero falar”. Falava baixinho, mas mesmo assim eu a elogiava. Eu não escutava o que ela dizia, hoje ela fala bem mais alto, se expressa muito melhor e ela se sente mais à vontade. Além disso, está muito amiga, arrumou uma colega no bate-papo. Sérgio (professor) foi pegar uns vidros que ele tinha trabalhado para o Dia das Mães e o vidro dela tinha desaparecido. Sérgio falou: “Kakimik pode pegar qualquer um”. Aí eu disse: “não, Sérgio, o dela é o maior e você deu o menor, tem que procurar”. Então ela se sentou sorrindo, mas ao mesmo tempo ficou triste. Ela tem um coração muito grande. Já conversei com ela, perguntando se ela morava aqui mesmo ou em outra cidade. Disse-lhe: “porque eu passei em tal rua e vi você”. “Não, tia, eu moro perto

de fulano”, respondeu-me. “Então era engano”, respondi-lhe. Perguntei se tinha irmão, ela disse que tinha um irmãozinho e era muito danado. Eu gostei muito de ter escolhido Kakimik, porque me identifico muito com ela, principalmente nessa questão do olhar. Ela sorri, mas tem alguma coisa que me chama atenção no olhar dela.

Neet – Não é só com você não, comigo também, dá um aperto. Tanto que nas aulas ela me pede para fazer tudo. “Tio, eu posso falar esse texto, posso ser esse personagem, eu posso isso eu posso aquilo”? O Rodolfo fala para ter cuidado para não se envolver com os colaboradores. Eu acho que a gente vai chorar muito, depois que for descobrindo as coisas.

Rodolfo – Espere aí Neet, o envolvimento é importante. Só que eu devo ter o controle do envolvimento. Devo conhecer o caminho de volta. O que não pode acontecer é que não pode é ficar lá. O perigo é esse: quando você fica lá com o seu colaborador, aí não ajuda. É estar com, mas sabendo o caminho de volta. Compreendem isso?

Jaque – Muitas vezes é difícil. Eu estava lendo o texto hoje à tarde, essa questão de se envolver, saber dividir é muito difícil.

Rodolfo – Saber se distanciar do objeto de pesquisa, mesmo estando imerso nele.

Mélore – Agora sou eu. O aluno que escolhi é o Jazz, do 6º ano. “Tudo começou uma semana antes das aulas começarem aqui no Colégio Cristão do Nordeste. Desde o primeiro contato que tive com o Jazz, senti-me na responsabilidade de acompanhar de modo mais especial, porque sua maneira de ser, de agir, era diferente dos demais. Sua história de vida desde a gestação foi complicada: o problema de saúde que atrapalha sua aprendizagem, a confiança, a credibilidade e o jeito de querer buscar conhecimento...”.

Tudo começou quando uma semana antes das aulas ele me abraçou pensando que fosse minha irmã Lima. “Oh! Tia Lima”, disse-me. Até que eu me acho parecida com ela de tanto falarem que sou parecida com Lima. Ele me chamou atenção, me apertou como se eu fosse minha irmã e eu faço muito isso quando as pessoas me confundem. Até porque meu nome é Mélore. E os dias que eu tenho contato com ele são nas quintas e sextas-feiras. Ele se parece comigo porque é ativo, prestativo e o que ele passou, pois eu percebo em seu olhar que ele tem um problema de saúde. E nós, professores, temos um pouquinho de cada, somos psicólogos e médicos. Ele tem muita coragem de perguntar, não tem vergonha dos meninos de perguntar, tem

laços de amizade, é novato, pisando num terreno diferente, com as dificuldades que ele tinha, do jeito dele, dócil. Marcou-me uma vez quando ele começou a chorar numa sala numerosa e então falei para ele que na minha sala homem não chora. Perguntei-lhe por que estava chorando. “Porque, tia, estão me chamando de ‘veado’”, respondeu-me. “E você é ‘veado’?”, Perguntei. A partir daí contornei a situação. Eu sinto assim que ele tem uma grande credibilidade e confiança em mim. O tempo foi passando e aí me encontrei com a mãe dele lá no supermercado e ele faz questão de me apresentar. A mãe pediu ajuda para mim, porque Jazz tem problema, desde a gestação. Disse que quando ele começasse a chorar, tirasse isso da cabeça dele. Disse que na escola que ele estudava ele chorava 24 horas e algumas pessoas do Colégio Cristão do Nordeste ficassem responsáveis pelo acompanhamento dele, pois ele não ia mais chorar. Ele é dócil, me beija, me abraça. Vou desempenhar um bom papel para ele. O olhar dele é estranho. Nas férias, me encontrei novamente com ele e ia viajar à capital, dar uma volta. Quando retornei das férias, em agosto, perguntei, até brincando com ele: “vamos brincar de sessão de mentiras em 5 minutos? Onde estivemos nas férias?” Eu percebo Jazz crescendo, nunca mais chorou. Eu não sei se o pai vive com a mãe. Mas o que me passa de primeira impressão, é que afetividade, o carinho ele tem demais. O que me preocupa é o problema de saúde, pois a mãe e a tia dão total assistência, e por coincidência já três sábados que eu vou à missa e ele fica no mesmo lugar que dá para me ver. Ele mostra a tia dele quem eu sou. Já tentei mudar de lugar, mas não tem jeito. Acho que eu combino muito com ele, essa maneira de falar, de ser.

João Marcos – Ele tem muito amor do pai e da mãe. Apesar dos dois serem separados, às vezes ele vai passar final de semana com o pai, aí me diz: “tio eu vou passar o final de semana com meu pai, vou para Point”. Não sei como são suas condições financeiras. Ele fala demais, é muito inquieto, ele fica mexendo com os outros o tempo inteiro. “Tio, olha a letra dela como é feia. Tio olha o caderno dessa outra, tio não sei o quê...”. Ele não pára um segundo, o tempo todo falando.

Lena – Essa questão dele chorar é biológica?

João Marcos – Se você chamar a atenção dele por qualquer coisa e disser: “Jazz se sente agora”, é motivo dele sentar e chorar.

Mélore – Eu percebi João Marcos, que você não pode ser muito dócil com ele, eu descobri que quando eu falei mais grosso do que eu já falo, eu consegui fazer com

que ele não chorasse. Tudo dele era chegar no birô. Aí falei para ele: “Jazz, você vai falar daí. De onde você estiver eu escuto muito bem”.

Rodolfo – Muito bem! Depois da apresentação de Mélore, quem gostaria de apresentar?

John – Eu. O nome dela é Maria - 1º ano – Eu fiz meu texto em forma de tópicos: “Primeiro quero traçar a origem da vida escolar dela; 2º, limites de estudo que ela tem em casa; 3º, o dia-a-dia dela, pois comentário da sala é que ela e o irmão trabalham muito em casa; 4º, o que ela pensa do futuro, e se ela pensa realmente em crescer; e 5º, a sua comunidade: eu não sei onde é que ela mora”.

Mélore – Onde é que ela mora? Ela mora perto cemitério, não...?

John – Deixe-me comentar um pouquinho: O 1º, é sobre a vida escolar dela. 2º, o limite de estudo que ela tem em casa, 3º, o seu cotidiano no dia a dia, pois comentário da sala é que ela e o Francisco (irmão) trabalham muito e que os pais os espancam. O 4º ponto é o objetivo de vida no futuro. Se ela pensa realmente crescer, pois ela falta muito às aulas. O 5º ponto é sobre a comunidade, eu não sei onde ela mora. E o 6º ponto é com relação à família. Eu a vejo como uma menina muito carente. No meu ponto de vista ela procura aprender. Toda segunda e terça ela diz: “eu não estou entendendo”. Me chama e fala bem baixinho. O irmão dela não fala nada, e ela diz: “John não entendi isso aqui”, eu vou lá e explico. Eu não ia escolhê-la, ia escolher o José. Daí foi quando o senhor falou que quem quisesse mudar, podia, então, aquela seria a ocasião. O José também possui as mesmas características dela. Ela é uma menina carente, tem problemas na família, têm problemas de estudo em questão de aprendizagem. É só o que eu conheço.

Mélore – Ela tem um problema sério de audição, eu descobri na sala de aula. Ela é muito dócil e o meu timbre de voz é muito forte. Então, para ela, eu fui grosseira e aí começou a chorar, um choro muito sentido. Ela pediu para sair, eu a deixei ir ao banheiro, depois eu pedi a uma menina para acompanhá-la, pois ela estava chorando. “Por que você estava chorando?”, perguntei. “Porque eu tenho problema de audição”, respondeu-me. Trouxe para sala e conversei também sobre a questão da aprendizagem. “Olha, Maria, eu vou prometer que eu vou te ajudar na questão da aprendizagem, agora, quando você não entender você vai me dar um toque. Gostaria até que você saísse do fundo da sala e viesse mais para frente para eu ter mais acesso corpo a corpo com você”. Hoje eu sinto que ela fica cada vez mais próxima de mim. Por exemplo, na terça-feira, eu tenho a última aula e ela faz

questão de sair comigo. Se possível pede para apagar o quadro ou desligar o computador. Realmente ela é muito carente e hoje eu já percebo que ela já fala, antes ela não abria nem a boca. É como se fosse assim: ela precisa de alguém para estar sempre chamando atenção, conversando com ela.

Lena – Eu percebo que além do problema dela da audição, que até então eu não sabia - a mãe dela falou da audição da filha na primeira reunião do 1º bimestre - eu sinto também que Maria tem uma questão de autojustificativa, eu já estou ouvindo essa questão de audição. Passei por tudo isso e passei um trabalho de recuperação duas vezes para ela, se auto-avaliar dentro da sua limitação. Ela não fez nenhum dos dois, depois perguntei se ela não tinha me entregue o trabalho e aí ela foi me justificar o problema da audição. Vejo também a questão dos pais. A mãe dela com todo aquele discurso na reunião: “você tem que lembrar que a minha filha é surda, ela tem esse problema”. Eu acho que nossa ajuda é como professor, não como psicóloga. Será também nossa tarefa desafiar e não está desafiada. Eu pedi uma avaliação específica e disse para irmos um horário na biblioteca. Ela não apareceu. Com essa condição, eu noto também que ela está desinteressada.

John – Ela lê, participa das tuas aulas?

Lena – Não, agora eu tenho uma preocupação muito grande de me posicionar de frente para ela.

Rodolfo – Lembro a todos e faço uma observação: isso aqui não é Conselho de Classe. Vocês estão percebendo que está parecido com um Conselho de Classe. Estou lembrando, pois esse é papel meu, de facilitador do grupo. Vamos pedir a John quais motivações levaram a escolher Maria como sua colaboradora. Esse sorriso meigo, essas faltas, isso tudo deve estar mexendo com você, não é John? (O grupo concordou que estava parecendo um Conselho de Classe).

John – É verdade, como isso se torna difícil, porque eu não tenho um ponto de referência da Maria. Eu pensei na questão da dificuldade, em termos de conteúdo, dificuldade familiar. Eu noto que ela não é amiga de ninguém da sala, é isolada até do mundo. Esse foi o motivo. Como eu sou muito curioso, no lado profissional uma pessoa cheia de renovações...

Rodolfo – Depois da fala de John, outra pessoa, poderia se apresentar?

Rita – Minha escolha foi por Ana Camargo. “A minha escolha se deu por achar minha aluna carente de carinho, uma aluna ao mesmo tempo agressiva. Mas outro ponto que se deu para a minha auto-escolha, foi o fato de chegar ao meu

conhecimento o fato dessa criança ser adotada. Sendo assim, me transmitiu uma simples curiosidade de como e o porquê essa adoção”.

Ana é uma criança carente, às vezes ela me abraça, me beija e ao mesmo tempo ela é agressiva com os coleguinhas. Tudo dela é na “porrada”, tudo dela é mordendo, batendo. Ela avança, ela não pede, e ela procura sempre chamar a atenção na sala. Quando eu entrei aqui, na sala de tia Tereza, logo na primeira semana eu descobri que ela era adotada e essa iniciativa foi por parte do pai. Então eu acho que essa carência de amor vem da falta da mãe. Eu notei isso, observei e é isso realmente. Eu noto que o pai dela é mais carinhoso com ela. Ana é muito assustada, tem receio, o que acontece na sala, ela fica: “tia, tu não contas para minha mãe, não?” E isso me chamou muito a atenção, por ela ser tão pequenininha, três aninhos e ser tão agressiva. Procura chamar a atenção com agressividade. Esta semana ela fez umas coisas engraçadas. Eu a escolhi, fiquei até com dúvida, tinha um outro, mas resolvi ficar com Ana.

Árvore – Tem muita coisa da Ana, com três aninhos, que a gente pode notar, como por exemplo, o egocentrismo, e aí fica difícil, para avaliar, faz parte da sua fase.

Rita – Se a menina derruba a bolsa, se a menina está despenteada, ela, a mãe, já entra para ver a criança. A mãe disse para mim que não tem mais paciência.

Rodolfo – Quais são os sentimentos que você tem ao ver essa criança, com essas características que têm descrito para nós, dessa mãe um pouco agressiva, esse pai mais amoroso, enquanto criança adotiva?

(Jaque se afasta do círculo e vai para o canto da parede, minha sensação é que ela estava incomodada com o assunto em questão).

Rita – Eu quero muito ajudar e saber o porquê da adoção, e porque também, Rodolfo, ela é uma criança muito carente. Às vezes ela chega e me abraça. “Ana, tu não abraças, nem beijas a tua mãe?” Pergunto. E ela responde: “Não, minha mãe não gosta”. Tenho muita vontade de ajudar, chegar para mãe e mostrar que não é esse o caminho, que ela é uma criança. Eu não conheço tanto assim, mas a mãe que gerou e a mãe que está criando são bem parecidas. Depois da pesquisa você vai saber disso. A mãe adotiva a pegou quando bebezinho. “Oh! Mãe desnaturada, passa por um dor”. Com o pai é assim, ele é super protetor, carinhoso, ele já discutiu com a esposa, pois já presenciei. A mãe dela é muito ciumenta, acho que é consequência disso.

Irildênia – A minha escolha foi por Clara Barbosa, do 3º ano – Escrevi alguns pontos: “Curiosidade, descoberta, conhecimento, educação, o meio em que vive, como vive, com quem mora, o jeito carente e tímido de ser. Procuro conhecer de perto a realidade de uma criança, que no primeiro momento me deu uma carta com uma flor dizendo que eu era a segunda mãe dela. O seu jeito parece com o meu”.

Antes da gente fazer esse momento aqui, logo que eu entrei no primeiro dia de aula, todos me acolheram muito bem, mas ela me deu uma carta com uma flor e colocou embaixo da bolsinha, mesmo ainda sem conhecer o nome dela. “Tia você pra mim é a segunda mãe, a mãe que me dá atenção”. Disse ela para mim. Isso me chamou a atenção, quando colocou as fotos dos alunos dos 2º anos e ela estava lá. Eu a escolhi pelo jeito de sua vida. A sua mãe trabalha no supermercado o dia todo, ela é promotora de vendas de um produto e passa o dia todo trabalhando. E eu vejo a atenção que ela tem. O pouco tempo que ela dispõe, dedica atenção somente à noite, ela procura passar muito carinho e muito amor, mas mesmo ela passando isso, eu percebo que a Clara é muito carente e muito tímida. O jeito dela, de procurar nas outras colegas o carinho, o amor de mãe, o amor de amigo, principalmente da sala ou qualquer pessoa que ela se sente acolhida. Foi isso que me chamou a atenção na Clara. E ela, de início, era muito tímida, ela não olhava para as pessoas de frente, olhava por baixo, não olhava para as pessoas, mas sempre para o chão. Clara é uma menina muito dedicada aos estudos, ela é muito preocupada com seus estudos. O que ela faz, se faz certo ou se faz errado, se chega atrasada, o que me chamou atenção foi procurar bem a fundo o jeito dela viver.

Rodolfo – Lembrem-se de que algumas percepções que vocês estão tendo, a etnografia deverá dar oportunidade de vocês constatarem. Então aquilo que vocês acham que é percepção, vocês vão constatar por meio da entrada no campo. Muito Bem! Próxima pessoa, só tem o Neet?

Neet – Escolhi o Pierrô. “É incrível a diferença que existe entre o observar por pura necessidade e o observar por prazer. A partir deste momento, a sensação é de extrema desorientação de tudo que você conseguiu juntar em determinado tempo. Foi o que aconteceu ao observar os rostinhos enfileirados e projetados à parede durante a escolha do aluno. Primeiro veio a desorientação, depois, a necessidade de escolher vários deles para o processo de pesquisa. Muitos foram passando, mas algo já apontava para a direção da minha escolha. Sempre tive a necessidade ou o desejo de me ver por dentro e por fora, observando formas de agir, expressões

durante um rápido flash de pensamento etc. E vi no aluno escolhido essa oportunidade, por já tê-lo observado e listado certas atribuições “emblemadas” por outros ao meu respeito. Acredito que essa tenha sido a razão principal de minha escolha. Ele tem demonstrado ser um instrumento muito interessante para o desenvolvimento da pesquisa, e esse material me faz pensar e questionar sobre sua influência entre seus amigos, apesar de desprovido de certas características”.

Então, assim, a primeira pessoa em que eu pensei foi o Alfredo do 8º ano. E eu estava certo que ia ser Alfredo, mas quando passou a fotografia de Pierrô, me veio certos flashes na cabeça. Aí é que eu chamo de desorientação, quando você tem certeza das coisas e de repente você se encontra desorientado. É com esse menino que eu quero fazer a pesquisa, porque tem certas coisas que as pessoas me falavam que eu tinha na idade dele, e eu sempre, paro e fico a pensar como é que as pessoas me observam, como as pessoas me vêem, como é que eu ando, como é que eu falo, como eu me expesso. Essas perguntas vêm na minha cabeça e eu vi de repente, no Pierrô, uma forma de me conhecer mais. Através dessas qualidades ou defeitos que apontaram sobre minha pessoa, eu vejo nele hoje. A forma de vida dele também é muito parecida com a minha e foi por isso. Quando eu falo dessa questão de um material muito interessante é porque ele não é tão falante. Ele sobe no palco para representar e se ele tem uma obrigação a fazer, ele toma a frente e faz. E isso dá certa liderança para ele. Eu passei por um momento difícil esse mês, Alfredo chegou para mim e disse que ia parar de fazer teatro, porque eu elogiava muito ele e não se achava assim. Então, certo momento, eu percebi quando ele disse: “Eu acho que o Pierrô daria melhor para o papel”. Talvez um certo tipo de inveja do Pierrô. Ele tem essa liderança muito aguçada. Eu digo que essas características influenciam os amigos, pois eles não têm suas características. Ele mora num lugar perigoso, perto da Escola da Alegria. Ele estudou na Escola da Alegria e lá é um local muito perigoso. É engraçado pois ele não tem a cabeça igual dos meninos que eu conheço daquele lugar. Ele não pensa da mesma forma, ele não age da mesma forma. Ele parece querer ser alguém na vida. Não é menino de jogar pedra no telhado, o que geralmente todos os meninos da região fazem. Então eu quero saber por que Pierrô é diferente da maioria daquelas crianças. O que proporcionou para ele pensar diferente, agir diferente, muito mais além do que ele tem.

João Marcos – O que me chama atenção no Pierrô é que ele é além dele. Na região onde ele mora não tem muitas crianças. Conheço amigos deles que são marginais, mas ele também é muito ele. Ele é completamente diferente daquele menino que eu acabei de citar, que veio de uma escola pública, está no meio dos meninos que quer ter celular. Ele é muito ele, se aceita muito, quer mudar a realidade de extrema pobreza, mas é um menino muito pé no chão.

Sofia – Eu fiz um trabalho no 8º ano com os meninos sobre as Instituições e eles colocaram diversos lugares conhecidos. Ele estudou na escola Lago Azul e eu ensino lá à noite. Ele é muito querido, é uma liderança, ele se destaca no teatro. Fiz um teste com eles e tinha um item sobre comida preferida, e os meninos colocaram maçã. Ele colocou farofa de ovo. E na hora que foi apresentar o trabalho, ele disse que era a comida que gostava. Falou de sua mãe que trabalha na limpeza de rua e que é a única comida digna que sua mãe leva para casa de sua avó, bem simples!

Neet - Eu acho tão interessante quando a família tem uma condição financeira ruim, mas sabe viver. Ele faz parte do Projeto Confete-serpentina, mas faz teatro aqui. Esse é um projeto promovido pela Secretaria de Educação e a gente faz parte do Programa de Arte. De repente passou aquela mulher e eu juro que não reconheci. O pessoal que trabalha na limpeza veste aquela roupa laranja e ela passou varrendo na nossa frente e eu não tinha chegado ainda. A gente estava observando, quando ele chegou: “espera aí que eu vou falar com a minha mãe”. Ela estava na nossa frente, meu Deus do céu! No dia que ela foi para reunião estava com o cabelo amarrado com a roupinha toda direitinha e ela cuida dele de uma forma incrível! Eu tenho certeza que a arte mudou muita coisa na vida desse menino.

Sofia - Ele se orgulha mesmo dele ser diferente daqueles meninos.

Neet - Às vezes eu já vi as irmãzinhas dele pedindo nas ruas, isso no ano passado, nesse ano eu não cheguei a ver. Eu nunca o vi pedindo, mas as irmãzinhas dele eu já vi. Não sei se por necessidade da família, ou porque a mãe passa o dia na rua, elas saem normalmente quando os pais trabalham, pedindo dinheiro. Muitas vezes não precisa estar ali, eu já vi muitos fazendo isso.

Rodolfo – A gente vai fechar esse ciclo de partilhas, de riquezas, de motivações e de exposições de pessoas com as quais nos identificamos. Num primeiro momento, pode ser que durante a pesquisa, criemos sentimentos adversos. Deixemos nossos sentimentos fluírem, desaprisionem, deixem vir as coisas como elas são,

naturalmente. Vocês viram isso no texto, como os fenômenos não são forçados, nada julgados. Não é intenção, experimentar se é verdadeiro ou falso.

Neet – A convivência tem muitos segredos.

Rodolfo – Eu vou contar para vocês duas historinhas e vocês vão dizer onde está a diferença delas. No livro de Clifford (2002, pp. 17-18), a cena 1, diz que: no “frontispício de 1724 do livro *Moeurs de sauvages américains*, do Padre Lafitau, retrata o etnógrafo com uma jovem mulher sentada numa escrivaninha em meio a objetos do Novo Mundo, da Grécia Clássica e do Egito. Ela está acompanhada por dois querubins - que ajudam na tarefa da comparação - e pela barbuda personagem do Tempo, que aponta para uma cena que representa a fonte primordial da verdade brotando da pena do escritor. A imagem para qual a jovem mulher dirige o seu olhar é a de um conjunto de nuvens onde estão Adão, Eva e a serpente. Acima deles estão o homem e a mulher redimidos do Apocalipse, de cada lado de um triângulo que irradia luz e ostenta a inscrição *Yahweh*, em alfabeto hebraico.” Cena 2: “Já em *Os argonautas do Pacífico Ocidental* o frontispício é uma fotografia com o título ‘Um ato cerimonial do kula’. Um colar de conchas está sendo oferecido a um chefe trobriandês, que está de pé na porta de sua casa. Atrás do homem que presenteia o colar, está uma fileira de seis jovens, curvados em reverência, um dos quais sopra uma concha. Todas as personagens estão de perfil, com atenção aparentemente concentrada no rito da troca, um evento importante na vida melanésia. Mas a um olhar mais atento parece que um dos trobriandeses que se curvam [sic] está olhando para a câmara”. Dentre as duas cenas relatadas, onde vocês percebem a figura genuína do etnógrafo? Na 1ª ou na 2ª cena?

Árvore – Confesso que esse texto é de difícil compreensão? (Risos).

Lena – Ficou na minha mente a questão de diferenças quanto às formas... isso é meio místico. No outro texto eu também senti o que motiva esse ato de opressão. Se tenta libertar o ciclo desses dois elementos, eu não sei se ele ia mostrar.

Rodolfo – São duas situações descritivas. Elas estão descrevendo momento de pesquisadores. Deu para entender isso? Estão descrevendo pesquisadores. Agora tem um detalhe: quando fala da 1ª e da 2ª tem uma diferença. Percebem elementos da 1ª cena e da 2ª cena? Vamos tentar lembrar quais são os elementos da 1ª cena. Do que vocês apreenderam?

Professores - Uma obra de arte, um triângulo; não existem muitas pessoas ao redor, existe elementos do Primeiro Mundo, da Grécia Clássica e do Egito; junto à

escrivaninha, que tem alguém observando. 2º elemento: existe uma câmera na diagonal, os personagens olharam para câmera, terminou a cena.

Rodolfo - O que esses personagens estavam fazendo antes de olhar para câmera?

Professores - Estavam participando de um ritual, relacionamento de pessoas, um colar de conchas.

Rodolfo - Para quem?

Professores – Um moço oferecendo um colar de conchas.

Neet – Diz muito desses programas sobre a cultura de um povo. Então ele vai lá e tem a dança do coco, vai lá e registra, então parece muito com isso, está registrando um momento de arte que está fazendo, mais humano.

Rodolfo – O que nós conseguimos lembrar da 1ª cena e da 2ª cena? O texto que vocês leram sobre a etnografia, qual cena representa melhor o etnógrafo?

Professores – A cena 2.

Rodolfo - Por quê?

Neet – Nela, estava junto com o povo, com as pessoas, e na 1ª não?

João Marcos – Trata muito de ritual, isto é objeto de estudo da Etnografia.

Árvore – O cotidiano da comunidade.

Jaque – Na 1ª, ele parte de uma observação, foi isso que eu achei.

Rodolfo – Vou reler a cena em que está o etnógrafo. A escuta é muito importante na função que vocês vão desempenhar. Percebam a descrição dos fatos com detalhes, tudo isso é muito importante para o etnógrafo.

Jaque – Isso tudo é descrição de uma foto que ele faz.

Rodolfo – Exatamente, todo mundo estava olhando para o presente que o chefe estava recebendo, mas o etnógrafo percebeu que um olhava para a câmera, mesmo curvado olhou para a câmera, e ele fez um registro. Vocês vão ouvir muitas coisas e se não retiverem na memória e anotar cada nuance, aquilo que vocês estiverem ouvindo, vai se perder. Não pensem que vocês vão chegar a casa e vão rebobinar tudo. É muito importante registrar falas e transcrevê-las. Então toda fala, observação que for feita, é preciso ter esse olhar sensível. Em muitas falas que vocês trouxeram esta semana, já perceberam o aluno ou a aluna de maneira diferente, porque o seu olhar mudou e vai mudar ainda mais.

Lena – Essa sensação de ser co-responsável pelo olhar do outro e de nós mesmos, ao mesmo tempo, vai gerar uma referência para mim e para o outro.

Rodolfo – Essa referência, Lena, deve ser seguida tanto pela pesquisadora como pela colaboradora ao mesmo tempo por estarem muito juntas. Agora me responda: Quem é o principal instrumento da pesquisa etnográfica?

Professores - É o pesquisador.

Jaque – Eu sou responsável pela condução dos processos na pesquisa.

Rodolfo – Vejam como vamos começar a inverter uma série de mentalidades que temos sobre pesquisa; de que existe o fenômeno e eu o apreendo; que é um objeto que está externamente e eu continuo neutro. A etnografia nos dá condições junto à Terapia Cultural, de olhar o fenômeno pelo meu viés. Pelo olhar a partir da lente de Pierrô, eu me vejo com a lente de Ana, por exemplo. O maior beneficiado com a pesquisa etnográfica é o próprio pesquisador. Ele vai retornar para seu campo de pesquisa, com uma pesquisa participante e transformadora. Por isso, a Terapia Cultural vai nos auxiliar nessa transformação. Ter a sensibilidade de ler o gestual, as ações do cotidiano das pessoas, o principal objeto de estudo da etnografia, para não trazermos às lentes da pesquisa científica positivista. Muito das ciências exatas, como comprovar se é falso ou verdadeiro, quantos por cento, gráfico e tudo mais. Vamos fazer uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfico, fazendo um percurso, uma imersão na cultura. E o que é cultura? É outro conceito muito precioso, pois não é cultura com “C” maiúsculo, elitizada, de uma pessoa culta, mas uma cultura baseada no cotidiano das pessoas. E se o povo da “farofa de ovo” está no meu cotidiano, será essa cultura a privilegiada. Quando estivermos pesquisando, se nos oferecem a farofa de ovo, não devemos ter nenhuma resistência em querê-la. Nesse caso seria exagero nosso, exigir lasanha ou estrogonofe, mas é a farofa de ovo que vamos comer. Portanto, o etnógrafo faz uma imersão, ele se plasma, se mistura com as pessoas colaboradoras de sua pesquisa.

Neet – Acho que a suposta etnografia, assim, você escutar a palavra parece um bicho de sete cabeças, mas depois a gente começa a conversar e de repente as soluções de alguns problemas que a gente passa em sala. Imagine se cada pessoa fosse um pouquinho de etnógrafo e observasse essas coisas e sentisse o desejo de ajudar a pessoa a auto-realizar-se na sociedade. Porque às vezes a gente fala assim: “essa pessoa da farofa de ovo”. Os meninos vão dizer assim: “aquele da farofa de ovo”. De repente eu sou criado de uma forma que a farofa de ovo não vai entrar, mas se eu como farofa de ovo, eu tenho que gostar da farofa de ovo. Isso é cultura, eu faço parte da cultura. Sem me envergonhar disso.

Árvore – E essa pesquisa parece que vem dar a volta no seu próprio eixo, porque o Rodolfo me fez uma pergunta, me deixou inquieta o suficiente para ficar a noite toda pensando. Onde é que me identifico com o Condor? Será que “me dou” com Condor?

João Marcos – Eu acho que é um trabalho que vai fazer com que a gente desperte o nosso olhar, ou então os nossos múltiplos olhares; que a gente perceba, analise situações em diversos ângulos e as situações também. Analisar, refletir.

Neet – Isso é coisa para qualquer Secretaria de Educação, qualquer escola ter. Isso é importante: como eu vejo de forma diferente, eficaz.

Rodolfo – Importantíssimas, essas nossas observações e eu sugiro que antes de irem para campo vocês relesem o texto (Branco, 2006), parágrafo por parágrafo, vendo cada situação. Pensar: “eu que sou pesquisador, como vou estar me inserindo no contexto?”. Eu trago aqui para vocês algumas observações que gostaria de estar lançando na próxima etapa, quando vocês irão se aproximar mais desse campo de pesquisa, “in loco”, ou seja, o local onde está aquele fenômeno que eu quero apreender com o meu objeto de estudo. Que não é somente na sala de aula, nos corredores, na aula de Educação Física, na aula de Artes, mas na rua, na praça, na praia, ou em outros lugares. Na verdade, vocês não vão coletar dados, vocês vão “produzir dados”. Ou seja, colaboradores e co-etnógrafos produzirão dados para a nossa pesquisa. Algumas atitudes seriam interessantes termos, para chegarmos ao campo, são orientações preliminares:

Primeiro, pegar a autorização dos pais dessas crianças ou adolescentes. Vocês estão recebendo hoje um documento que contém: uma Carta de Informação, que deve ser lida primeiro para os pais, dizendo qual é o teor da pesquisa. Esta Carta de Informação diz também qual o trabalho que vocês estão fazendo comigo nesta etapa, inclusive informações sobre o Colégio. Perguntem se têm alguma dúvida, se tiverem, tirem as suas dúvidas. O Termo de Consentimento deverá ser assinado, que é o segundo documento. A Carta de Informação pode ficar com a família. Se por acaso, o protocolo dessas assinaturas assustá-los, pois geralmente eles acham que vão colocar na justiça ou coisa parecida, diga-lhes que é uma forma de se fazer pesquisa, que é uma exigência do Comitê de Ética e que precisamos da autorização, pois é uma coisa séria. Nós não podemos invadir a sua privacidade, a casa deles, a vida deles, sem que eles tomem conhecimento. Em troca, garantimos o sigilo e a contribuição que eles vão dar à ciência da educação, à melhoria da

escola, à melhoria do nosso trabalho como educadores, como educadoras. Portanto, a sensibilização que vocês irão realizar é conversar com os pais. É nessa direção. E o benefício não é exclusivamente para o diretor, no caso aqui passa a ser o pesquisador em primeiro plano.

Árvore – Então no primeiro momento levo as duas.

Rodolfo – Você vai ter uma conversa informal, pois uma das características da etnografia é a informalidade. Leia a carta, em seguida, trate-o com gentileza: “O sr.(a) gostaria..., eu escolhi...”, “eu escolhi o seu filho ou a sua filha, porque tem um significado muito grande para mim”, “eu gostaria de conhecer melhor a vida de..., pois isso vai ser de grande valia para todos do colégio”, “uma pesquisa que visa ao desenvolvimento da liberdade, de ser, aprender e ensinar”. Então, “essa relação professor-aluno é fundamental, são relações humanas que a gente vai trabalhar na verdade”. Frases desses tipos ajudarão a quebrar a monotonia da conversa inicial.

Árvore – Rodolfo, um esclarecimento: eu vou ficar lá na casa da criança, sentada observando? Se a família resistir, antes do encontro?

Rodolfo – Essa pergunta é interessante. Afinal, eu não vou estar com o meu celular ligado, para dizer: “eu estou aqui”. “O que é que você está fazendo agora?” (Risos). Brincadeira, Árvore. Não somente na casa, mas em outros espaços, observando naturalmente, conversando, as coisas vão surgir naturalmente. A observação também passa pelo diálogo com os colaboradores. Cuidado com as roupas, isso é uma preocupação também da ética profissional, a não ser que sejam convidados para a praia, então vão de camiseta e bermuda. Para onde vocês forem vão a caráter, lembrem-se de que a simplicidade é sua maior elegância. Se for a uma casa que é muito pobrezinha, não vá de plataformas altas, de colares, pulseiras, de chapéus, de carros caros, de bolsas caras, perua, enfim (Risos). Por favor, em pesquisa etnográfica, quanto mais simples, “mais despojado”, melhor. Também não é para ir de qualquer jeito e achar que está sendo o melhor dos etnógrafos do mundo, não. Respeitem as pessoas que vamos pesquisar. Muito respeito, e se por acaso a família não aceitar, dizer: “muito obrigado! Eu não esperava que você não aceitasse, mas compreendo que você tem toda liberdade”. Voltaremos para a próxima pessoa o mais rápido possível. Aqueles casos particulares a gente pode rever. Se o aluno quiser, vocês já entram em campo para pedir autorização dos pais ou responsáveis. Não podemos é iniciar a pesquisa sem a autorização dos pais ou responsáveis.

Lena – O objeto de estudo requer muitas vezes resistência. Tem que perguntar?

Rodolfo - Sobretudo aos maiores que vocês têm de falar. Na verdade, é uma permissão em comum, junto com os pais, e como todos eles são menores, a autorização por escrito é dos pais. Lena, não use para as pessoas “objeto de pesquisa”, mas a palavra “colaborador”. Aprendam, desde já, essas nomenclaturas próprias das ciências, ou simplesmente chame-os de “sujeitos-colaboradores”.

João Marcos – Rodolfo, quer dizer que a gente pode chegar como colaborador dessa pesquisa, também?

Lena – Em toda situação é feita uma relação entre professor no dia a dia. Ele tem que se sentir nesse processo?

Rodolfo – Na verdade, quanto mais natural, melhor.

Lena – Mas cada momento desse, ele entra em contato?

Rodolfo – Porque é a cultura dele; se namora ou não namora; se vai para mesa, se não vai; se é evangélico; isso é a cultura, é a vida. E essas são as lentes do aluno ou dessa aluna que tira as minhas crenças, as minhas superstições, os meus preconceitos, esses elementos que vão me trazer o potencial do meu aluno ou não.

João Marcos – Rodolfo e se esse aluno tiver condição de ser colaborador de uma pesquisa e se, de repente, começa a mudar os hábitos?

Rodolfo – Deixar muito natural, muito normal. Acolha com naturalidade as mudanças no percurso. Abram espaços para as falas e à medida que as falas forem acontecendo, vão mergulhando no universo de sua cultura. O que diz o texto da etnografia (Branco, 2006)? O texto diz que é um redirecionamento, na verdade. E tais elementos vão aparecendo e vão lhes dar significado. É muito importante se desfazer dos preconceitos. Antes de saírem, fiquem de frente a um espelho, tirem toda roupa, fiquem nuas/nus, que aí vocês vão se lembrar de todos os preconceitos. Aí se vistam de novo (Risos). Digam pra vocês mesmos “Eu vou botar todos os preconceitos para fora”. Aí vão para a cama, está certo? É preciso se vestir de novo, pois os preconceitos estão vindo de lá e não daqui para lá; vai ser de lá para cá. O etnógrafo ou etnógrafa tem que ter um coração muito grande, pois a etnografia é uma metodologia que trata diretamente com o humano, com comportamentos, com os costumes. Outra coisa: vocês já viram essa cadernetinha? Seria bom que todos tivessem uma cadernetinha (diário de campo) dessa e lápis. Mas não precisa estar mostrando para os colaboradores (Risos). Nós descrevemos alguns tópicos. Chegando a casa, recheiem a cadernetinha, sem medo, com aquilo que vocês

observaram, porém não deixem à vista em casa, guardem como se fossem as provas do colégio. A maior câmera que vocês vão ter são os olhos e ouvidos; não precisa falar muito, mas é preciso ouvir muito e observar muito. Vocês devem se revestir de águia, para que possam ver tudo e todos de longe. Então cada fenômeno, cada detalhe serão registrados.

Neet – Tem alguns momentos que a pessoa não está esperando e aí o que acontece?

Rodolfo – Tem elemento inusitado na pesquisa, a imprevisibilidade é uma ferramenta do etnógrafo.

Árvore – Nosso caso, Rodolfo, como vai ser com criança? É mais complicado?

Mélore – As crianças são mais sinceras, menos armadas, penso. Portanto será mais fácil.

Rodolfo – As crianças têm elementos fantásticos, são sinceras, na maioria das vezes. Por elas não esconderem as coisas, isso facilita o trabalho da co-etnógrafa, pois na etnografia é objetivo desvelar a cultura, os costumes, os hábitos, o jeito de ser.

Lena – Apesar dessa leitura, dessa visão assim, o meu foco para compreender vai ter que envolver a família e a relação comigo ou tenho que me distanciar desse foco?

Rodolfo – Se lance ao ambiente. Sei de uma história de um professor, Bem Te Vi, que foi colocado para fazer uma pesquisa etnográfica pela primeira vez. O seu professor orientou para que ele escolhesse um local na rua, literalmente. Cada aluno da turma ia para um local na rua, e ele escolheu uma loja de bijuterias. Ficou em frente à loja de bijuterias, passou uma, duas horas e nada de anormal. Entra gente e sai, aí ele chegou descontente para seu professor e disse assim: “Olha eu não estou encontrando nada de novidade”. “Olhe de novo e tire seus óculos para saber se você consegue ver alguma coisa,” disse seu professor. Quando ele voltou para a frente da loja começou a perceber que homens e mulheres entravam na loja, mas que os homens saíam mais rápido da loja do que as mulheres. Finalmente ele entrou na loja. Quando entrou na loja começou a perceber que as mulheres experimentavam tudo que era de bijuteria, porém os homens nem experimentavam, estes compravam e iam logo embora. “São os homens que eu vou pesquisar, porque fazem compras em loja de bijuterias e não querem passar muito tempo”, pensou Bem Te Vi. Então o trabalho etnográfico que ele fez foi em uma loja de bijuterias e

verificou qual o nível de frequência de homens naquela loja e os motivos pelos quais os levavam ali. Depois de várias semanas na loja de bijuterias, constatou a cultura masculina naquele local. Lembro, porém, que o seu professor-orientador disse que ele se lançasse ao campo, pois os elementos etnográficos iriam logo aparecer. Portanto eu lhes digo que vocês vão encontrar caminhos fantásticos e relatos. Lembrem-se de que a informalidade é a palavra-chave de uma pesquisa etnográfica. Então o próximo passo, a tarefa de casa daqui a três semanas é ir a campo. Eu gostaria de ter uma descrição deste aluno ou aluna, então precisaria que vocês fizessem uma descrição detalhada dessas visitas.

Árvore – Mas, Rodolfo, levarmos a carta desse aluno... e se a família resistir, antes do encontro?

Rodolfo – Eu estarei uma semana e meia fora, é muito tempo. Se por acaso a família não aceitar, peçam a Francisco para ver o fotograma de novo. Olhem e façam a sua escolha, também descrevam o porquê. O importante é que vocês não façam comentários sobre os nossos encontros para ninguém do colégio ou às pessoas em suas casas.

Mélore – E se alguém perguntar que pesquisa é essa?

Rodolfo – Digam que é uma pesquisa que nós estamos fazendo no Colégio e que nós escolhemos alguns alunos para conversar. Relação professor-aluno. Digam que é uma pesquisa para melhorar a qualidade de ensino de nosso colégio, mas não entrem em muitos detalhes. Mais alguma pergunta que vocês querem saber, mais alguma coisa?

Sofia – Precisa fazer fotografias?

Rodolfo – Ainda não, vocês devem anotar, registrar. Se os pais já autorizarem gravador, é interessante as coisas serem gravadas também. Se for uma família muito disponível, se vocês sentem esta disponibilidade já podem gravar. Mas lembrando, nunca colocar o gravador na boca das pessoas, essas coisas são bem discretas. Todos os textos-sentido estão aqui? Naturalmente que, depois, essas falas de vocês serão transcritas e disponibilizadas para vocês. Então se não há mais dúvidas, agradeço a presença de cada um e espero por vocês no próximo encontro. Tenham uma boa noite e bom trabalho de pesquisa.

TERCEIRO ENCONTRO DE TERAPIA CULTURAL EM CÍRCULOS DE LETRAMENTOS

Rodolfo – Boa noite a todos! É uma alegria poder estar novamente aqui com todos para mais um encontro de nossa pesquisa. A gente vai iniciar hoje fazendo um alerta. Na verdade, este alerta é para que cada vez mais a gente vá seguindo essa responsabilidade ética de uma pesquisa de campo. O Comitê de Ética da Universidade pede que se faça o cadastramento de pesquisas, informando, inclusive, se envolve seres humanos. No caso a nossa, envolve seres humanos. Na oportunidade, meu orientador passou um e-mail fazendo um alerta com relação à ética em pesquisa. (Li o e-mail para o grupo e refleti sobre diversos pontos de nossa pesquisa). Alerto, também, para vocês não abrirem arquivos de seus trabalhos sem senhas. Quando pensarmos em apresentar algum dado desta pesquisa, precisamos de autorização, portanto, muito cuidado com sigilo.

Jaque – Quando eu fui pedir informações a Carlos, na Secretaria, disse que iria fazer um trabalho.

Rodolfo – Para despistar, você vai atrás de outros alunos. Peça o nome de fulano, cicrano, beltrano, para confundir. A nossa mente é muito curiosa, muito fértil, então, para as pessoas irem atrás, procurar saber o que está acontecendo é daqui para acolá.

Isadora – Quando eu estive lá, não foi Sofia? A gente pediu só uma verificação de cadastro. Também não fiz mais nenhuma pergunta.

Rodolfo – Bom, agora nós gostaríamos de partilhar, aquilo que nós realizamos nesses vinte e dois dias, um bom tempo, e foi pedido para vocês um texto-sentido, uma descrição daquele sujeito colaborador ou daquele aluno ou aluna que a gente fez a escolha. Então eu gostaria antes de iniciar voluntariamente a partilha, que valorizássemos o máximo o escrito. Vamos escutar o que o outro ou a outra está falando, e depois, quando a pessoa terminar, façamos as interrupções que acharmos pertinentes. O importante é fazermos desse momento a escuta do outro e tentarmos ir absorvendo essas escutas. Essas experiências devem ter sido experiências singulares para cada um. Quem gostaria de iniciar?

Lena – Fiz uma descrição. Como não tive idéia do que ia ser, então fiz um relatório. O primeiro contato oficial foi num deslocamento até a cidade vizinha.

Rodolfo – Quem é a sua colaboradora, Lena?

Lena – Diana. No momento, ela estava muito efusiva, muito irritada com algumas exigências que havia acontecido aqui na escola. Então foi a deixa para que nós começássemos a conversa. Aproveitei a ocasião para conversar sobre o porquê dessa irritação. Ela respondeu que detestava certas exigências em sua vida. Então a partir daí me alertou alguns pontos a serem observados. E procurei mudar de assunto encaminhando para o campo dos dados pessoais, sobre o novo namorado, e ela veio comentando essa nova fase da conquista. Indaguei se não gostaria de passar alguns momentos conversando e expliquei a necessidade de desenvolver o trabalho de acompanhamento com um aluno, no caso, porque não ser com ela? Mas para isso eu teria que ir à casa da sua tia. A reação de aceitação ao trabalho foi espontânea e salientou que nesse caso isso não seria aprovado, o seu comportamento. Eu expliquei que sua tia era importante para o trabalho que estava sendo desenvolvido. Marquei o encontro mais ou menos às 3h da tarde em sua casa. Então aqui é o primeiro momento e resolvi inverter um pouco as coisas e pedir permissão também a ela. Diana faz o 2º ano. Então ela me disse que poderia ir então à casa da tia. Pronto, agora vem o contato com a tia dela, as minhas primeiras intervenções. Resolvi ir a casa. Estavam ambas me esperando. Diana, muito efusiva, preferiu não ficar na hora da conversa. Deixei em aberto. Se ela quisesse permanecer nesse primeiro contato, ela podia ficar para ouvir sobre a Carta de Informações. Mas não quis ficar. Convidou-me para entrar e saiu. No recinto da casa estava a avó, que é diabética, sofreu pólio na infância e praticamente não sai de casa, passa o dia deitada. É uma senhora mais ou menos de oitenta anos, o nome dela é D. Nara. Também na sala estava a tia Marília, solteira, professora da Educação Infantil. Após cumprimentos especiais, expliquei a natureza do trabalho pela leitura comentada na carta, apresentei o tema então do trabalho. Apresentei o Termo de Consentimento. Após a leitura da carta, afirmou que seria um trabalho muito interessante e que esperava que o mesmo fizesse bem a Diana. Bom, o aspecto geral observado da casa é de muita humildade. Ainda é uma casa de taipa, a única de taipa da rua é dela, muito baixa, uma casa antiga, já bem baixinha, com apenas quatro cômodos e alguns móveis, redes. Não há indício de luxo, televisão, essas coisas. O terreno foi cedido por um cunhado, irmão da avó. A renda da casa, comentada pela tia, vem da aposentadoria da avó e do trabalho de Marília, como professora. Terminado esse processo de observação da casa, aproveitei então para

iniciar uma conversa com Diana, e a tia resolveu conversar tudo que tem em vista. Então começamos a conversar sobre a veracidade do processo de adoção da Diana, pois na verdade, ela é adotada. Vamos conversar sobre esse processo. Os pais jovens ainda tinham dois filhos: Diana e o irmão mais novo e por falta de emprego para o casal, eles foram para São João “tentar a vida na cidade grande”. E ao partir, deixaram Diana com a avó aos cuidados da tia Marília. Na conversa, sempre liderada por Marília, a avó permaneceu de lado todo o tempo, não comentou nada. E eu observei meio constrangida, pois a tia apertava um pouco as mãos repetindo por várias vezes que isso representou para ela o peso da responsabilidade. Repetindo, assim, várias vezes o peso da responsabilidade em criar Diana. Uma vez que nunca havia imaginado casar e ter filhos, que não se via como mãe e que não era seu destino essa função. Eu achei essa expressão muito forte, mas ela repetiu muitas vezes “o peso da responsabilidade”, “eu tenho medo, muito medo de sentir o peso da responsabilidade”. Afinal, Diana teimava ser educada de um jeito muito diferente do que ela foi educada. Então isso também me deixou uma alerta para distinguir esse jeito de ser educada. Este foi o tema da conversa. Depois me disse que entendia essa fase pela qual Diana vinha passando. Então perguntei: “Que fase é essa? Como você observa isso como fase?” A fase foi esclarecida como a teima em vestir-se como criança, querer sair toda hora, principalmente para namorar. “Está dito se isso é fase? Como era o comportamento anterior a essa fase?” Então, ela fez um relato como foi a fase infantil de Diana. Ela afirmou que Diana, desde o princípio, foi muito adulta, muito responsável, precoce. Desde pequena tinha comportamentos não esperados. Ela salientou bastante isso, explicou que Diana sempre estudava numa Escola do Tamanduá na rede pública, mas que no 3º ano ela passou a reclamar por atenção e foi então aconselhada a transferir a aluna para o interior onde ela lecionava. Ela sempre estudou na escola da rede, lá na pequena cidade. Mas porque a tia passava o dia todo fora, ela passou a reclamar da infância e da atenção; ela passava o dia em casa com a avó doente, esses detalhes apareceram na conversa. E por isso ela foi aconselhada a transferir Diana para uma escolinha do interior. Segundo ela, para que tivessem mais tempo juntas. Quando ela foi para o interior, talvez pelo nível, por ser considerada muito inteligente, muito precoce, ela foi transferida de imediato através da progressão do 3º para o 4º ano. Não chegou a concluir o 3º ano e ainda no 3º ano, a tia foi aconselhada a colocar no 5º ano, mas a tia recusou. Nunca ficou reprovada. Sabe-

se que sua sobrinha tem muita dificuldade em matemática. As amigadas estão cada vez mais difíceis de serem controladas. Perguntei então por que estudar no Colégio Cristão do Nordeste nesse processo? Ela respondeu que a chance foi por um aconselhamento de uma amiga que havia conseguido uma vaga. Uma coisa que me chamou atenção é que Diana não tem receio de contar os problemas de casa. Eu encarei isso como válvula de escape, de falar tudo, ela simplesmente diz tudo que se passa em todas as situações. Por exemplo, afirma não suportar que sua tia venha a intervir em suas atividades; não poupa esforços em descrever seu dia-a-dia; acusa a tia de exigente, grosseira, que ela não deixa fazer tudo que ela quer, que obriga ir para Igreja e que ao entrar para Igreja se sente mesmo é só. Sente que por mais que faça as coisas em casa, a tia não agradece, afirmando que é sua obrigação de ajudar e costuma gritar palavrões do tipo: “você é burra, não presta para nada, eu faço o favor em te criar”. Uma coisa que eu preciso fazer é investigar é a tia dela. Segundo o seu relato, tem muito atrito, muita briga entre as duas e quando ela afirma isso se zanga que vai embora. Ela recebe respostas do tipo: “já vai tarde”. É muito impulsiva, diz que às vezes pensa em matar todos e ir embora de vez. Ela fala mesmo. Disse que hoje a tia se zangou, gritou. Ela conta tudo, ri, quando fala que grita e teima com sua avó quando a tia não está em casa e que é para fazer tudo o que quer e ela faz tudo escondido. Odeia porque a tia escolhe suas roupas. Diz que são muito ultrapassadas. Mini-blusas, biquínis curtos, isso nem pensar. Na verdade, não organizei, não está arrumado o texto, isso aqui são fragmentos de conversas com ela. Em outro momento, conversando com ela, ainda já numa outra reunião, sobre a mesma rotina de casa, ela disse: “hoje está tudo melhor, a tia hoje, não me deu bronca”. Notei nesse espaço da conversa, quando ela quer entrar na rotina de casa, ela muda o tom de voz. Ela entra no casual, nós nos divertimos, ela muda o estilo, ela sai do real, vira uma espécie de personagem, então ela banaliza. “Quando ela quer alguma coisa, ela me trata bem, quando ela não quer nada é daquele tipo de tratamento. Vai para lá diabo. É com essa expressão, é dessa forma”, desabafou sua tia. Nossas conversas, comportamentos observados na escola e também em outros momentos, a rotina de casa são relatos. Eu ainda não vivenciei essa rotina de sala de aula, não invadi esse espaço ainda, não retornei para conversar com a tia sobre uma versão dela. Nesse convívio de casa, estou sentindo necessidade disso, e também por outro lado. No recreio ela é muito extrovertida, alegre nas brincadeiras, usa celular, tem amigos. Agora, um fato que eu observei na praça,

tanto que ela brinca no passeio (calçada), ou aqui no colégio: particulariza suas relações com meninos. Não observo sua amizade com meninas. Inclusive em sala de aula, ela é desatenta, conversa bastante, não se esconde, é do tipo que chama atenção de si, mas sempre com meninos. É também muita curiosa na praça da sua pequena cidade, na rua, na “lan house”. Mantém sempre três amigos, um vínculo muito forte, para ir à internet, acessar orkut, MSN. Adora filmes de terror e coleciona tudo sobre RBD (Banda musical mexicana), nesse momento.

Rodolfo – Lena, por que você está sentindo a necessidade da versão com a tia?

Lena – Porque no momento do relato dela, me assustei quando aparece na relação de casa palavrão, “diabo”. E ela afirmou aqui a questão da tia bater, bate mesmo, de cinto, de tapa, de couro. Então eu sinto que eu não posso ficar com essa primeira impressão do lado dela. Então deveria, de alguma forma, buscar opiniões externas, não sei se diretamente da tia, porque eu acho que seria muito claro, a vizinhança, a cidade é pequena, aquela fase familiar bem na rua, são muitos parentes na mesma rua então deveria tentar buscar mais esse, um relato verídico. Quando eu conversei com a tia, ela demonstrou também essa preocupação com o educar e como essa coisa de medo, dessa responsabilidade, eu receio dela bater. “Quando eu quero fazer eu faço escondido”, diz Diana. Eu deveria penetrar mais nesse universo da realidade dela, até que ponto de fato existe essa questão?

Rodolfo – Eu vou abrir parênteses para fazer umas observações a fim de esclarecer melhor a todos: a função do pesquisador etnográfico não é apurar a verdade. Agora, se está evocando em você, Lena, esse desejo, é uma outra coisa. Vocês não têm nenhuma responsabilidade nesse sentido, nem queiram isso. Essa função específica de apurar fatos não existe neste momento porque vocês são pesquisadores, não são delegados, de saber quem está condenado ou quem não está. Porque, às vezes, pelo nosso próprio tratamento de educador, de justiça, de ética, disso ou daquilo, queremos solucionar problemas. O mais importante são os fenômenos observados tais como eles são. Como se apresentam para nós, se são verdades ou não, isso não é o mais importante dentro da nossa investigação na pesquisa. Retornemos a você, Lena: que tipo de sentimentos, desses casos todos que você foi apontando, mexeu e o que não mexeu com você? Quais sentimentos vieram?

Lena – Bom, no primeiro instante Diana deixa simplesmente de ser uma aluna. Nessas angústias já nos tornamos muito próximas e observar uma aluna que afirma coisas assim, “eu quero fazer tudo, eu faço escondido, eu entro na relação de

namoro”. Como está esse namoro? Como você está se sentindo? Em relação a esse namoro, é legal? “Eu quero um homem que me sustente e pague minhas contas”, diz Diana.

Rodolfo – Isso lhe remete a alguma coisa?

Lena – Ora eu me vejo bem preconceituosa revendo os princípios nos quais eu fui educada e a gente tende a ser meio tendenciosa como mãe. Eu me senti assim, por exemplo, eu deveria nessa hora ficar e intervir, estar como namorado pensando nesses valores. Então fico tentando dar logo uma de conselheira para tentar mudar essas opiniões. Pensar em um namorado, naquele que sustenta. Onde está sua autonomia, sua construção de menina, seu amor próprio? Então, fica difícil definir como estou indo como pesquisadora, como conselheira, os valores tradicionais como família, ouvir esses elementos já assusta. Em mendigar, em ir para Igreja e, às vezes, eu pergunto sobre os meus conceitos, o que há de errado ensinar sua filha a ir para Igreja e se vestir com uma roupa bem interessante. De repente eu me pego revendo também os meus valores de educação e reafirmando esses valores que eu os considerava, no passado, ultrapassados, hoje me pego acreditando nesses valores tradicionais, refletindo-os. Eu fico mais tentada em dar conselhos que ajudem, pois naquele momento me vi policiando, queria ajudar a sua tia a educá-la, ao mesmo tempo. Também, tive medo de ser aquela conselheira que vai liberar demais.

Rodolfo – É interessante isso que Lena está falando. Mais uma vez digo que vocês não estão para ser conselheiros também. É uma observação participante e realmente esse processo é um processo de “estranhamento” e é isso que você está falando mesmo. Esse estranhamento do lugar que é seu. Que você como pesquisadora, como mãe, como professora. Residem aí uma série de coisas que devem estar mexendo nos valores: a aluna confrontando você com seus próprios sentimentos.

Neet – Quando Lena estava falando, eu fiquei com uma preocupação também porque eu não fiz uma pesquisa tão detalhada como ela fez. Eu não fiz justamente por ter medo, de entrar na vida pessoal de meu colaborador.

Rodolfo – Sem julgamentos, Neet.

Lena – Então Neet, talvez seja por isso que eu fiquei com Diana. Agora é minha vizinha, você não pode dizer a quantidade de vizinhos, porque Diana vai comigo no transporte, é minha aluna, ela me procura na hora do intervalo, na praça. De

repente... a cidade é muito pequena, ela está na praça, na “lan house”, na Igreja comigo. Estou fazendo relatos do cotidiano, não é que eu tenha forçado visitas, com relação à vida pessoal. À tardinha, eu marquei essas visitas oficiais de ir a casa dela, eu pedi a permissão para ir oficialmente. É por isso que eu estou me sentindo preocupada, pois acabo envolvida com mais esse fator: de pessoa da cidade, pessoa da comunidade, como amiga, como aluna.

Rodolfo – Vá pensando nisso, nesse questionamento para você. Escreva Lena, você deu muitos pontos e deixou muitas reticências. Os próprios textos, os próprios esquemas que você chamou, são momentos de você se colocar como mulher. Eu não sei se percebeu, você deixou várias deixas e nessas deixas...

Lena – Eu senti, quando estava lendo a orientação, a carta. Fiz um cronograma de ação, um relato dos ambientes que ela passou. De fato eu não me coloquei no texto. Como me colocar nesse texto?

Rodolfo – Então vá pensando, todos pensem, a partir de agora, de se inscreverem no texto que vocês estão produzindo. Deixem que seus sentimentos perpassem o texto em vocês e vocês nele; é a escrita sendo inscrita. Outra pessoa para partilhar, por favor.

Neet – Eu sistematizei um pouco minhas idéias, num pequeno texto, então eu vou lendo. Quando Rubem Alves diz que “Tudo parece mais gostoso quando começamos a rir de nós mesmos”, não percebemos o real significado desta citação. Mas, foi na visita à casa de Pierrô Silva que ela se tornou aplicável à minha vida. Sim, porque foi nesta visita que um tapete de descobertas pessoais se estendeu em minha frente e na frente da família Silva. Foi bem interessante observar o espaço físico que já havia sido desenhado apenas em pequenas conversas informais. Ao chegar, percebi que Dona Colombina não estava em casa e Pierrô conversava com alguns amigos do outro lado da rua. Logo que me viu, veio ao meu encontro e pediu a sua irmã que fosse à procura de sua mãe. Tentei observar dentro da casa, mas não tive muito êxito. Fiquei então a conversar com as crianças que estavam à porta e a ouvir o som de um aparelho de TV que, pelo volume, parecia estar na sala. A casa parecia pequena e ao mesmo tempo lugar de refúgio para aquelas duas crianças. Pierrô me ofereceu uma cadeira para sentar embaixo do pequeno alpendre em frente da casa. Ao chegar, Dona Colombina me recepcionou com um sorriso enlarguecido, dizendo que estava suada e que não podia me abraçar, mas eu abracei-a. Foi engraçado, pois ela reagiu afastando um pouco seu corpo, mas

pareceu gostar. Pierrô, Dona Colombina e eu sentamos embaixo daquele mesmo alpendre. Levei algumas fotos para criar um relacionamento de confiança, e deu certo. Surgiram muitas conversas, que mais pareciam vizinhos pondo as fofocas em dia. Dona Colombina começou falando que tinha nove filhos, entre homens e mulheres e que alguns já haviam “se juntado”, e os outros ainda moravam com ela na pequena casa. Seu marido, pouco aparece, ficando assim com todo o sustento da família. Das muitas palavras que pronunciou, a frase: “Eu sou pai, mãe e tudo na vida de meus filhos”, foi bem reforçada. Ela trabalha como agente de saúde, mas também como “gari”, e tem uma carga horária muito puxada. É envolvente a admiração que tem pelo Pierrô e os cheiros e abraços, beijos e elogios que lançava aos filhos, sem vergonha. Ela deposita no Pierrô uma esperança ímpar, o que não vi nos outros filhos. Adora quando ele vai ao teatro. Quer investir nos filhos menores para que eles retribuam no futuro quando estiver idosa. Dona Colombina ficou muito feliz com a escolha de seu filho para o trabalho de pesquisas etnográficas. Convidou-me a voltar e espera que seu filho participe com afinco das atividades propostas, contando assim, com a sua ajuda. Então houve algumas coisas que ela falou que Lena me fez lembrar. Citou quatro pontos: 1º) Graças a Deus, o meu filho estuda no Colégio Cristão do Nordeste. Acredita que no Colégio Cristão do Nordeste ele vai ter um futuro melhor. 2º) As professoras da antiga escola, dizem que a escola morreu depois que ele saiu de lá. 3º) Quer que os outros filhos estudem no Colégio Cristão do Nordeste. 4º) A mesma liderança que parece ter na rua onde mora, tem na escola (liderança criativa). Então, a conversa foi muito boa, apresentei a ela a Carta de Informações, para mim foi a parte mais formal da apresentação da carta, mas a li, não li tudo que estava, mas fui explicando tudo em detalhes, algum trecho, usei um linguajar bem parecido com o que ela costuma usar. E ela adorou, já me conhecia. Uma coisa que me emocionou muito foi quando ela disse que todas as vezes que o filho dela vinha às aulas ou para participar do projeto Confete-Serpentina que incentiva a leitura, onde eu trabalho com ele. Ela disse: “é como se entregasse para Deus”. Ela tinha plena confiança. Então fiquei muito emocionado. Outra coisa, o bairro que ela mora fica ao lado do bairro que eu fui criado. Então eu me lembro de ter jogado bola em frente à casa dele hoje, eu lembro de ter matado passarinho ali por perto quando eu era criança (Risos). O papo foi legal, porque eu vivi daquelas coisas. Não pude entrar na casa, porque eu notei que ela ficou

envergonhada de me colocar para entrar, então logo colocaram a cadeira para fora para eu sentar debaixo do alpendre.

Rodolfo – Além dessas lembranças de infância, quais outros sentimentos vieram ao se deparar com a realidade do Pierrô?

Neet – Assim, meu pai é alcoólatra. Desde criança, reconheço-o como pai alcoólatra, e a gente sofreu muito com isso. Nós estávamos vivendo muito bem e teve uma época que ele sofreu um acidente muito grave, mas ele estava bebendo no bar, um homem que não gostava dele acabou furando ele com um facão. Então, assim, ele passou anos e anos muito mal, ou seja, ele e minha mãe sustentavam a casa, humildes, bem humilde mesmo. Tinha uma vida boa e com esse acidente, a gente passou a sofrer muito, tanto psicologicamente, quanto financeiramente. Eu lembro que foi o primeiro choque que eu tive na casa ao entrar. Nesse passado, porque a gente viveu aquele momento e eles não viveram naquela casa, pois não tinha um chão bom, não tinha uma TV boa, não tinha essas regalias que hoje eu tenho e que a minha família tem. Eles sorriam, estavam felizes, em nenhum momento eles falaram, “nós estamos passando necessidade”. Só falavam coisas boas. Eu saí de lá, e eu me lembro que era da mesma forma da minha família, só falava de coisas boas, mesmo passando dificuldades. O sentimento ficou guardado no meu coração, que eu de certa forma compartilhei com eles, mas muito camuflado. Camuflei um pouquinho a minha história, mas eles queriam saber tudo sobre mim. O sentimento mais forte veio em lembrar desse momento da minha infância e que parecia que tinha voltado aquele momento. É tanto que quando eu escolhi Pierrô eu lembro que antes tinha escolhido Alfredo, mas percebi que Pierrô parecia muito comigo. Nas aulas, parece muito comigo, eu queria me descobrir mais. Quando eu li essa citação de Rubem Alves começamos a rir de nós mesmos, todos rimos de nós mesmos. “Ah! O menino está sem chinela” e a gente começava a rir. Eu fiz muito isso quando eu era criança, minha mãe fez muito isso. Então se tornou gostoso, o contato foi ótimo.

Rodolfo – Muito significativa essa história e você não conseguiu colocar nada na escrita. É aquilo que eu dizia para Lena: esse é o momento de você se misturar com o seu personagem, dizer o que você sentiu, quando entrou na casa etc. E captar o fenômeno que está se apresentando no ambiente. Pela sua narrativa esse ambiente estava receptivo. Você fez uma imersão, o momento de se misturar, aquilo que eu dizia: “inicialmente parece ser o sujeito e o objeto pesquisado, depois passa a ser

sujeito-sujeito”. A propósito, vão anotando o que achar mais de interessante que cada um vai falando aqui.

Neet – Assim quando o Rodolfo falou sobre o mergulhar, eu pensei que era para fazer esse texto, descrever esse texto em poucas palavras, mas sem me envolver na escrita. Além disso, colocar essas coisas para fora, dá medo. Mas agora já sei.

Rodolfo – Só uma observação: não desperdicem o primeiro texto escrito, façam um memorial do primeiro texto e no segundo texto vão se colocando. O ideal seria uma terceira versão depois da Terapia Cultural, pois muda a fala, a escuta, as provocações.

Sofia – A menina que eu escolhi não deu certo porque eu fui três vezes na casa dela, e aí eu perguntava para as meninas (suas irmãs) se ela estava em casa e nada. Um dia, saí daqui 9h30min (sua casa fica perto da Escola dos Pingüins), quando eu cheguei lá, perguntei para vizinha, “a mãe de Marília está aí?” Bati a porta, ninguém respondeu. Fiquei um bom tempo, então voltei, depois eu fui novamente, do mesmo jeito, bati não tinha ninguém. “Hoje mamãe está em casa”, disse-me Marília. Fui novamente, olhei pela brechinha da porta, era Marília. “Que foi tia? Mamãe não está, mamãe saiu”. Sabe, eu notei que a sua mãe estava e como se não quisesse me receber. “Mamãe saiu e só vai chegar à noite”, disse Marília. À tarde na aula, a referida aluna me disse: “mamãe mandou perguntar se a Sra. não achava ruim fazer o trabalho com outra menina?”. Fiquei pensando que havia sido uma forma delicada, para dizer que não queria. Fiquei assim muito triste, porque eu queria que fosse com ela. “Não deu certo, então Deus te abençoe”, disse-lhe. Só que já escolhi outro.

Rodolfo – Então vamos ao texto, estamos curiosos...

Sofia - Pedro Birimbau, filho de Gustavo Birimbau e Josy Birimbau, residente na Rua dos Cata-ventos, 1185. (Aluno do 8º ano). Visitei sua casa três vezes e fui muito bem recebida pela sua mãe, que ficou bastante emocionada, por eu ter escolhido seu filho. Imediatamente foi logo contando da alegria de seus filhos serem alunos do Colégio Cristão do Nordeste. Foi aluna do Colégio Cristão do Nordeste e queria muito que seus filhos também estudassem nela. Quando sua filha mais velha completou idade para estudar, matriculou-se no Colégio Cristão do Nordeste e aqui ela cursou a Educação Infantil, logo em seguida nasceu seu segundo filho; o Pedro, e as condições financeiras não permitiram que ela continuasse com filha estudando no Colégio Cristão do Nordeste, pois na época era pago. Diante da situação

financeira, matriculou em outra escola. Somente no ano passado, viu seu sonho se tornar realidade, conseguiu uma bolsa para Pedro e sua filha entrou no Colégio pela filantropia. Neste ano de 2006 conseguiu matricular os três filhos, no Colégio Cristão do Nordeste. Para a sua mãe ele é um filho muito meigo, bastante afetivo, compreensível e muito preocupado com a situação financeira de seus pais. Ela ama todos os filhos, porém ele é especial, pois deposita nele toda confiança e quando necessita toma conta da mesma com muita responsabilidade. Em casa sua mãe tem um diálogo aberto com todos os filhos, conversa sobre diversos assuntos, inclusive sobre drogas, namoro e sexo. Ele tem um melhor relacionamento com a mãe do que com o pai, pois de acordo com sua mãe o pai é muito fechado, mas apesar de sua maneira de ser ama muito seus filhos. Adaptou-se muito bem ao Colégio, gosta muito de estudar e apesar de suas dificuldades de aprendizagem se esforça bastante para superá-las. Seus dois irmãos são bem mais claros (cor) do que ele e por esse motivo, sente-se um pouco discriminado, não por parte de seus irmãos, mas pelas pessoas com as quais convivem (escola, rua, igreja). É evangélico, junto com seus pais e irmãos. Participa de diversos eventos na Igreja, inclusive participa de um grupo e canta. Conversei com sua irmã, Carla, falou muito bem de seu irmão. Também o considera especial, disse que apesar dele ser mais novo que ela, é o mais responsável e às vezes, até quer resolver os problemas por ela. Em casa eles mantêm um bom relacionamento e são muitos amigos. Ele não tem muitos amigos na rua onde mora, porque eles não foram criados “soltos na rua”, pelo contrário, foram criados sempre dentro de casa. Quando não estavam na escola, estavam na Igreja. Sente-se muito triste, quando alguém lhe pergunta se ele é mesmo seu irmão devido sua cor. Pedro gosta muito de estudar, de trabalhar com arte. No Colégio ele não tem amigos, somente colegas, pois seus melhores amigos estão em casa ou na Igreja, onde ele se sente valorizado. Considera-se tímido, mas diz que a Igreja o ajudou bastante a superar um pouco sua timidez. Falou do preconceito que sofre devido a sua cor, porém disse que isso não acontece em sala de aula. Em casa ele se sentiu mais discriminado, pois quando seu irmão nasceu, ele tinha a mesma cor de sua irmã, porém sua mãe explicou que isso era genético e ele aceitou muito bem. É bastante preocupado com a situação financeira de seus pais. Disse que seu pai é pedreiro e ele algumas vezes fica sem trabalho, principalmente no período do inverno. Quando isso acontece o pai fica triste, não conversa muito e fica bastante tempo deitado e com dor de cabeça. Sua mãe trabalhava em casa, agora surgiu

uma vaga na escola da Igreja, e ela está substituindo uma professora que está de licença gestante. Disse estar muito feliz porque melhorou um pouco a situação financeira em sua casa. Pedro ficou bastante emocionado, quando eu perguntei quem era seu melhor amigo - inclusive ele até chorou - e disse que seu irmão é seu melhor amigo, que lhe ajuda bastante, principalmente nas tarefas escolares. Ele reforçou que não tem amigos, a mãe não deixa brincar na rua, pois os maiores amigos dele são os irmãos.

Rodolfo – Vamos fazer dois recortes: você falou que sentiu tristeza por uma aluna não ter aceitado, juntamente com seus familiares, de serem ambos colaboradores na pesquisa. Que sentimentos vieram ou brotaram no que diz respeito a isso?

Sofia – Eu tinha certeza de que ela ia aceitar, ela já me conhecia, conhecia a mãe, inclusive até ela perguntou para meu sobrinho: “Sofia está me procurando, o que ela quer?” Aí depois perguntou: “será que a professora vai à minha casa?” Também a menina disse para mim, “tia, a mamãe participa da Igreja, ela tem de ir toda noite para lá, e o sábado é sagrado, e mais agora que arranjou um emprego, depois ela chega uma hora, duas horas, chega muito cansada”. Para mim ficou um sentimento de perda, é como se eu quisesse muito uma coisa e tivesse perdido. Fiquei muito triste, não vou mais. E realmente quando eu escolhi Marília, eu visualizei Pedro.

Rodolfo – O outro recorte é sobre a situação pesquisada com Pedro. Veio alguma lembrança em você?

Sofia – Não, a lembrança que veio foi a de família, gostei muito quando ela falou em que o amor de mãe é igual para todos, mas a maneira de ver o Pedro é especial, e eu senti uma lembrança da minha família, porque eu achava minha mãe sempre fria. Depois eu fui lembrando quando eu morava no interior, eu passei muito tempo aqui, porque eu ajudava minhas irmãs, a gente passava muito o final de semana no interior, eu herdei muita coisa dela, muito amor, muito cuidado. Hoje eu faço com minha filha. Houve muita falha e eu só vim descobrir mais tarde num encontro que eu fiz na capital, tipo uma terapia também. Eu lembro que para conversar sobre família, eu estava chorando bastante, estava muita tensa. A orientadora falou que eu estava muito tensa, depois havia relaxado. Quando me falam de família eu lembro disso, e quando a mãe me falou que ele era muito especial, eu me lembrei de meu pai, de todos, ele é muito especial, ele tem um carinho muito grande por mim e por isso os outros meus irmãos ficavam dizendo: “Sofia é muito especial para papai”. A mãe tem esse carinho especial por Pedro, ela disse que uma vez chegou na casa

dela um sobrinho que usava droga, ela tinha muito medo de sair de casa e deixar os outros meninos. Disse: “eu podia deixar Carla e Marcos tranqüilo, porque Pedro tem muita responsabilidade”. Com medo de se envolver, Samuel ficou pouco tempo e depois foi embora. Eu me vi assim, alguém especial. Também a timidez, porque eu sou bastante tímida. Eu digo que eu me realizo dentro na minha sala de aula, eu me solto, sou muito tímida e eu vi o caso de Pedro. Ele canta, por assim dizer, na Igreja, ele é tesoureiro de um grupo, sente valorizado, a Igreja o ajudou a superar a timidez.

Rodolfo – Você se sente tímida nesse grupo?

Sofia – Não, aqui não, mas em outros ambientes, sim, eu entro muda e saio calada (risos).

Rodolfo – OK, obrigado Sofia! Vamos lá! Outra pessoa que queira apresentar seu texto, por favor.

Isadora – No texto eu coloquei as iniciais de Paula (P. A. J.). Durante a visita domiciliar à residência da aluna Paula, dia 31 de agosto de 2006, fui bem recebida pela senhora Tereza. Foi realizada a leitura da Carta de Informações e esclarecidos alguns pontos. Conversamos informalmente e no decorrer da conversa pude perceber que a mãe descreveu a filha como uma criança tímida, triste e revoltada, que se sente sozinha, fala que não tem amigos; demonstra sentimentos de posse, às vezes chora compulsivamente por horas, não aceita a cor que tem, queria ser branca. Isto tudo após a separação dos pais. Paula me mostrou suas fotos, focando muito a figura do pai, que, segundo a mãe, ficou totalmente ausente após a separação. Ressalto que a mãe ficou emocionada ao ver os momentos felizes em família quando Paula mostrava as fotos. Chegou a chorar e comentou que era muito difícil. Ao me despedir da família, Paula caminhou comigo até a casa da avó e afirmou, após o elogio feito por mim referente a sua cor, que não gosta de ser morena e que acha muito difícil fazer amigos. No período escolar, durante o recreio, costuma ficar sozinha. Em suas visitas à biblioteca, busca leituras tipo: “As sete faces do crime”, “Castelo de intrigas” etc. Ela diz que gosta desse tipo de leitura. A mãe espera que esse trabalho possa ajudá-la. E para mim estes momentos de observação e contato mais próximo de Paula estão direcionando a forma de lidar com ela e os demais alunos em sala de aula. É preciso conhecer para construir aprendizagem, sem fazer julgamentos. Esse trabalho está me ajudando nesse sentido. Ela não aprende porque não quer, o que está por trás é toda uma vida. Quando ela começou a mostrar as fotos, a mãe se emocionou e até chorou quando

mostrou momentos felizes. Ela disse que passou muito tempo sem o sorriso no rosto. Ela também me disse que não sabia o que era sorrir depois da separação e que Paula, sente muito a falta da presença do pai, que é totalmente ausente. Aí eu me reporteí na questão da separação dos meus pais. Eu tinha de 11 para 12 anos e aí eu me senti totalmente roubada. E ela falava que é difícil para ela porque essa busca constante que ela tem, na questão de ter um pai próximo e um avô. Eu me vi assim, quando aconteceu isso comigo, eu lembro que meu pai se separou de minha mãe quando a outra estava grávida. Então ele teve a decisão depois de vinte anos de casamento e deixou-nos para assumir outro caso. Aí eu cheguei para ele e disse assim: “pai, por favor”... (silêncio e choro de Isadora. Lena foi pegar um lenço para Isadora). Eu pedi para que ele não deixasse a casa e ficasse conosco, mas ele disse que não podia fazer isso, ele tinha de ir, que era uma decisão, mas que ele nunca ia deixar de ser presente. Naquele momento é como se tudo apagassem, na minha memória restaram poucos momentos bons vividos que aconteceram entre mim e ele. Foi colocada uma pedra nos meus sentimentos. Depois de um tempo ele chegou para mim e disse: “minha filha como é que pode eu lhe procuro, tento ter contato com você e não está nem aí pra mim, parece que você colocou uma pedra no seu coração”. “Quem colocou fui eu? Ou foi o senhor?” disse-lhe certa vez. Eu lembro bem desta última conversa. Mas ele está sempre presente nas datas de aniversário, sempre procurou ser presente, embora fosse tomada essa decisão. Isso foi depois que eu me casei, que eu fui mãe, que eu fui entender, ter maturidade suficiente para entender. Existe um relacionamento marido e mulher e relacionamento entre pai e filho. O relacionamento amoroso tinha acabado entre ele e minha mãe e a minha própria irmã cobrava isso. Os outros tinham contato com ele e ele se sentia muito triste, porque eu não tinha muito contato com ela. Depois que eu tive a Paula eu fui amadurecendo, começar a ter contato com a minha irmã e me aproximar mais do meu pai. E na doença da minha avó eu tive que freqüentar a casa de sua segunda mulher, não eram casados, mas viviam juntos há quase vinte anos. Então quando Tereza começou a chorar me emocionei também. Veio tudo da minha infância. E a filha dela está passando por esse processo que eu passei. Só que ela busca ainda a presença do pai, porque ela tem muito amor, ela não se escondeu, nem se fechou. Eu vejo também que eu era muito tímida, eu sou tímida e o teatro foi que me ajudou muito nesse sentido. E é justamente por isso que eu busco sempre trabalhar em sala

de aula utilizando o teatro, é quando você se solta, é quando você se expõe, é quando você se expressa.

Rodolfo – História bonita essa sua, Isadora. Muito forte esse momento, esse texto evocado. Não tenhamos medo de colocar na escrita esses sentimentos que às vezes nos sufocam, é para desafogar, mesmo. Algum comentário para Isadora? Outra pessoa.

John – Na verdade eu não fiz o trabalho que foi feito pelo grupo. Tive muita dificuldade em encontrar a casa da Maria. Chegando lá os vizinhos foram até lá na casa para saber da mãe dela o que estava acontecendo, porque estava um homem de fora na casa dela. Por esse motivo a conversa foi de 20 minutos. Então só por volta de 21h começamos a conversar sobre o Colégio Cristão do Nordeste. A mãe dela falou que os filhos estão gostando de estudar no Colégio e que aceitava a filha Maria participar da pesquisa etnográfica. Não levei nada de papel. Nas aulas comecei a observar Maria e também o irmão dela. Ele perguntava o que nós iríamos fazer com ela. Foi só isso (risos). Eu erre a casa, pois Mélore falou que era próxima à Escola Viva, entrei na esquina e perguntei: “alguém conhece Maria que estuda no Colégio Cristão do Nordeste?” “Não”, todos a quem eu perguntava. Aí eu fui para outra esquina e dois caras grandões disseram: “está procurando quem aí?” (Risos). “Não, rapaz, não mora ninguém aqui não”. Aí eu fui para outro local, pro...

Rodolfo – Cemitério (Risos).

John – Não, eu fui para a Rua 2 de novembro. Aí encontrei, foi uma hora até encontrar.

Rodolfo – Que sentimentos vieram mesmo nas suas visitas, mudanças de rua, bairro, o desencontro. O que evocou em você? Que sentimentos vieram, quais lembranças?

John - Lembrança nenhuma, mas sim medo da mãe não aceitar, pois a mãe dela estava deitadinha na rede, deitadinha ficou.

Rodolfo - E você foi para dentro da rede da mãe (risos).

John – Fiquei procurando, não encontrei nada, tinha uma cadeirinha por ali...

Rodolfo – Lembrem-se de que vocês são estranhos de certa forma, não vão ter sempre uma acolhida com cafezinho.

John – Quando eu entrei era vizinho para tudo que era lado, e eu disse: “depois eu venho aqui”.

Rodolfo – Como você se sentiu com esses vizinhos todos?

John – Eu senti que estava sendo uma pessoa estranha naquele meio ali. E também ela não falou nada de Maria, não falou nada da família, como foi relatado há pouco pelos colegas. Ela só falou: “vou pensar sobre Maria e depois lhe dou a resposta”.

Rodolfo – Que resposta?

John – Aceitar a pesquisa.

Rodolfo – Não fiquem angustiados se não saírem muitas falas por todo o encontro, também isso faz parte do estudo. A gente continua, a não ser que o colaborador diga: “eu não quero mais”. Mesmo que não diga nada, mas vão observando os gestos, comentando algum aspecto, falar um pouco de si para o colaborador, enfim, demonstrar alguns poucos gestos de simpatias.

John – É uma casa onde tem um comércio, mais conhecido como bodega, uma irmã mais velha com uma criança de dois ou três meses, isso foi que eu observei. Agora, de conversa eu não tive espaço, a mulher não falava nada, eu notei por causa dos vizinhos, porque teve uma vizinha que disse assim: “o senhor me dá licença para falar com ela”. Eu tive que sair para vizinha poder falar com a mãe dela, aí depois queria saber o meu nome, onde morava, queria saber o quê mais?

Rodolfo – “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Vá registrando esses sentimentos, de rejeição, de acolhimento.

John - Agora, o irmão dela, antes não falava nada, mas agora, ele pergunta muito.

Rodolfo – Vá registrando isso, a curiosidade do irmão é uma coisa interessante. Talvez seja a sua brecha para a sua colaboradora. O canal seja ele, fique alerta.

Mélora – Vou falar de minha pesquisa de campo. Dois encontros e meio por causa do horário que não era compatível com o meu, pois a mãe trabalhava de 6h da manhã às 2h da tarde, e depois mudou de 1 às 9h da noite. O aluno Jazz Pinto Lima, reside à Rua das Baratas, 1291, Bairro do Chafariz, sendo seus pais Jhonattan Pereira de Lima e Verônica Pinto de Lima, ambos separados, há cinco anos. Mas o aluno recebe assistência do pai. Nasceu em 1995, com problema de saúde e de imediato precisou ir para a capital. Como o seu parto foi cesariana, a tia, até hoje, considera-se mais responsável por ele. Devido ao problema de saúde conseguiu uma cirurgia. Na época, o pai disse que não tinha condições, porém, uma equipe dos Estados Unidos se prontificou, mas não foi possível fazer essa cirurgia. Ele nasceu com problema no cérebro. Se hoje você olhar para a testa dele você observa que há um probleminha, e ele disse que a maior preocupação era em

crescer com esse problema. Hoje ele tem onze anos e não é possível mais realizar a cirurgia porque com dois ou três anos os ossos estão flexíveis e tudo seria possível. Então aconteceu que ele continua no tratamento. O mesmo convive com sua mãe, uma irmã de treze anos, que estuda no Colégio, sua avó materna, e a tia que se responsabiliza por ele por completo. Pelas visitas que eu fiz, Jazz recebe total atenção dos familiares, especialmente da tia. Inclusive ela diz que até hoje ele toma leite na mamadeira e os médicos falaram que não pode ser tratado como uma criancinha, tem que ser uma criança normal. Não só com problema no cérebro, mas também ele usa aparelho nos dentes. Está só com um ano e meio, que faz tratamento dentário. Mas as condições financeiras não permitiram, só agora foi possível. Iniciou sua vida escolar na creche permanecendo do maternal ao jardim II. Não cursou a alfabetização e sua segunda experiência escolar foi uma instituição onde permaneceu do 1º ao 5º ano, concluindo assim, o Ensino Fundamental. O seu maior sonho era estudar no Colégio Cristão do Nordeste. Ele sempre falava para mãe que quando pudesse iria estudar no Colégio Cristão do Nordeste. A mãe tinha maior afinidade com a outra instituição, mas ele queria mesmo era o Colégio Cristão do Nordeste. No ano de 2006 pleiteou uma vaga, onde está cursando o 6º ano, para a sua maior alegria. Suas dificuldades em acompanhar a série está sendo o seu maior desafio, pois na maioria das disciplinas precisa de acompanhamento e isso já faz, num processo de contra-turno que a mãe agradece até demais. O Colégio Cristão do Nordeste é a segunda casa, pois se sente muito bem, ressaltando de suas simpatias e antipatias pelos que lecionam. Durante as aulas é um garoto muito prestativo e até foge às regras para querer aprender. Sua atenção é voltada para as brincadeiras, ficando disperso muito rápido ao que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem. Percebo que durante as explicações seu raciocínio lógico é lento, algo impede de assimilar o conteúdo. Logo de início, chorava desnecessariamente, mas consegui contribuir para que seu choro fosse controlado. Cada dia que passa, sinto a necessidade de acompanhá-lo ainda. Comentários meus. Foi difícil fazer essa pesquisa uns dois dias e meio que eu passei. Foi pouco tempo, mas valeu a pena e a mãe me ressaltava uma coisa interessante: a preocupação com Jazz quando ele tinha dois anos. Ela foi às 5h da manhã no posto de saúde, conseguir uma consulta, porque na época ela trabalhava e tudo era difícil. Quando ele se depara com a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, faz as suas preces. Pediu a Nossa Senhora de Lourdes, que se possível, à medida que fosse crescendo, essa

altura em sua testa desaparecesse, porque ele queria ser um homem normal. Ele rezou, abriu os braços e começou a cantar aquela música sobre Nossa Senhora, de Roberto Carlos, e a mãe disse que as pessoas que moravam próximas ao lugar acharam muito bonito, isso por conta da idade dele. E o tempo foi passando e ela conseguiu ajuda. Conversando com ela, disse-me: “não percebo isso, como o cabelo dele é fino, mas eu e minha irmã estávamos preocupadas em ele crescer com preconceito. Hoje eu já corto o cabelo dele feito “Chitãozinho e Chororó” para exatamente tirar o preconceito”. Ele hoje já aceita. Logo que se separou, ficou sem condições de pagar casa de aluguel. Há cinco anos mora com a mãe dela, uma senhora de idade, e essa irmã. Antes trabalhava em um hospital e por problemas de saúde, osteoporose, deixou de trabalhar. Ela já me dizia que fez dezenove cirurgias. Quando eu conversava com Jazz, eu percebia que a tia é mais responsável por ele do que a mãe, desde o ato do nascimento, porque ele já nasceu com problema e a mãe fez cesariana e não pode acompanhá-lo, então, a tia sentiu essa responsabilidade. A mãe me disse: “Jazz vou garantir o seu pão e o leite, então é assim que eu vou conseguir manter o estudo. Estou muito feliz, porque consegui uma vaga no Colégio Cristão do Nordeste e eu espero que ele termine os estudos lá”. Quando eu marquei com ela o primeiro contato foi aqui no Colégio Cristão do Nordeste. Li a Carta de Informações e hoje eu percebo como ela estava esperando uma autoridade máxima em sua casa: lavou a casa e eu cheguei junto com a mãe. Tive uma visão muito rápida. Eu só vi o quintal e enquanto ela conversava eu observava tudo. Era uma casa humilde, só tem o necessário. A minha impressão é que só tem cinco cômodos. Ela deixou bem claro que quando eu quisesse voltar ficasse à vontade. Eu até pensei em trocar de aluno, porque não tinha condição de fazer a visita, pois os horários não combinavam com o dela. Por exemplo, hoje eu conversei com ela. Um quarteirão antes de sua casa nos encontramos, ou eu ia depois das nove da noite. Sou uma pessoa muito insistente, até porque eu já tinha conversado com ela e não poderia mais mudar. Até a velha me conhecia. Ela soube da minha ficha sem estar presente, foi daí que eu me senti segura, “bateram” minha ficha (risos).

Rodolfo – Lembre-se que o quarteirão também é um campo de pesquisa, não é só a casa, o quarteirão, a missa, a praça, a praia, os vizinhos, onde você encontrar seu colaborador inserido em seu contexto. Mas o que fez você lembrar de coisas de sua própria vida, Mélore, nesse período curto, o que evocou em você?

Mélore – A responsabilidade. A tia é muito responsável.

Rodolfo – E você?

Mélore – A responsabilidade. Eu não tenho sobrinho, só é Nei (irmã adulta e professora também) e mamãe. Quando eu falei na responsabilidade, a questão de criar, financeiramente, educacionalmente. Eu sou a mais velha, “siga o que eu estou dizendo não escute os outros”. Quando eu sentir que ela está totalmente segura das responsabilidades, pode caminhar com suas pernas.

Rodolfo – Você acha que tem semelhança com as atitudes da tia de Jazz?

Mélore – Tenho, a tia criando Jazz, porque a mãe dele não pisa com muita firmeza.

Rodolfo – Alguma outra pessoa para partilhar? Obrigado Mélore.

Jaque – Meu primeiro contato foi no Colégio. Conversei com ela (Kakimik), disse que ia fazer uma visita. Ela gostou muito e nós combinamos assim: como ela ia ensaiar, ela ia lá para casa, para eu poder conhecer onde ela morava realmente, aprender o caminho. O primeiro dia foi às 04h45min. Visitei a casa de Kakimik, conheci D. Zilu que me recebeu muito bem, já foi acalmando meu coração, já contou muita coisa, um pouco de sua vida, pois quando teve a sua filha, não tinha condições de criar, então a avó criou. Kakimik tem uma relação muito fria em relação a sua mãe biológica. Ela sempre vai à casa da mãe, ela chama pelo nome mesmo, como uma irmã, pois é a avó que cria, o grande xodó é o irmãozinho de cinco ou seis anos. “Seu” Conde é marido de D. Zilu, ela é desquitada, e está no momento com outra pessoa; ama muito Kakimik, se preocupa muito com ela, ele é pescador e anda doente por conta dos desmaios que ele teve. D. Zilu torce para que ele desista desse trabalho de pescaria. Mora com D. Zilu, sua filha mais nova que já tem 20 anos e já tem um filhinho de 2 anos, adora passear de moto. Assim que eu cheguei, ela estava na casa da vizinha, aí de repente, logo me avistou. Os vizinhos me cumprimentaram e eu também os cumprimentei, sorri, e quando a gente entrou, ela disse: “vamos ficar aqui que é mais fresco”, tipo uma areazinha que tinha na casa. Quando eu avistei o carrinho diferente, grande, com uma bicicleta enganchada no carrinho, eu pensei logo: “aqui deve ser ligada ao trabalho dela, tem na ficha da aluna – feirante”. Aí eu perguntei se ela trabalhava no mercado e ela disse que vendia roupas e que ultimamente tinha sido roubado um saco de roupas e também ela tinha feito uma viagem para Catacumba e tinha sido assaltada. Dessas coisas que tinham ocorrido, ela estava entristecida. Ainda bem que eu percebi muita força em suas palavras. Ela falava sobre a sua mãe, fato este que muito incentivou.

Começou cedo a trabalhar. Sua vida, seu ganha pão, citou alguns lugares que trabalhou, entre eles, a Fortex. A casa onde mora hoje foi comprada há algum tempo e está reformando. Ela resolveu comprar essa casa porque, na outra em que ela morava, havia muitas intrigas da vizinhança, tinha muitas confusões, muitas brigas, drogas também. Então ela resolveu vender a casa e comprar essa outra. Enquanto conversávamos, sua filha mais nova chegou, cumprimentou logo, saiu com seu filho. Fui no outro dia à tarde, acho que já estava pronto o café, mas não tomei café, prometi para ela que da próxima vez tomaríamos café e eu levaria o pão. Durante nossa conversa Kakimik não interrompeu, só quando estávamos nos despedindo. Ela foi até o portão com a avó naquele sorriso de sempre. D. Zilu tem três filhos e a mãe da Kakimik é a primeira, a mais velha. A mãe de Kakimik teve outro menino do mesmo pai. Seu pai morreu num assalto que teve naquele tempo em uma farmácia aqui, era mais ou menos umas 08h30min da noite quando teve esse assalto na farmácia de Gustavo. Então a mãe da Kakimik foi para cidade grande. Teve um caso com esse novo marido que se suicidou. Aí ela voltou novamente e Kakimik não gosta de falar nesse assunto. A mãe deixou bem claro que ela não gosta de falar desse pai e dessa mãe, mas ela sabe. Quando o pai dela morreu, ela sofreu muito porque a vizinhança da casa antiga, falava muito nisso, para ela o seu pai morreu. Eu percebi em Kakimik uma tristeza, embora ela tenha esse sorriso direto no rosto, tinha uma tristeza. Quando a avó começou a falar sobre Kakimik, que era muito inteligente, que gostava de ajudar, era responsável, sonhava em estudar no Colégio Cristão do Nordeste, (porque estudou sempre na Escola Viva e Mundo Azul, fez até o 5º ano lá). Quando ela soube que ia estudar no Colégio Cristão do Nordeste foi uma felicidade muito grande. É uma aluna muito responsável. Essa presença do Colégio Cristão do Nordeste dentro da vida dela fez com que ela esquecesse um pouco do sofrimento dela. No início, ela me convidou para conhecer a casa, uma conversa tranqüila. No dia na entrega de notas, tinha muita gente aqui e eu perguntei: “a senhora é mãe da Kakimik?”, ela respondeu que sim. Eu percebi que Kakimik gostou de ter sido escolhida, e que a mãe também gostou.

Rodolfo – Algum fato ou fala que lhe remeteu alguma coisa na sua vida?

Jaque – Interessante, sim..., o olhar, eu não queria falar, dizer o que é, é uma coisa assim que para mim é muito doloroso, mas o olhar de Kakimik, não é situação dela, não. (Choro e silêncio).

Rodolfo – Respire fundo e silencie, então. Uma outra pessoa, por favor, para continuar.

Árvore – Francisco Condor, nascido em 1999, residente na Rua das Rosas 1025, no bairro dos Amores, numa pequena cidade. É filho de Roger Nogueira e Vera Nascimento. Condor convive diariamente com sua mãe que cuida do lar, e com o avô materno, mas há quatro anos tinha a presença de dois tios, nos quais, segundo informações, faleceram por suicídio, sendo que o último caso, Condor já tinha quatro anos de idade. Portanto, guarda algumas lembranças desse tio, chegando às vezes a fazer alguns comentários sobre o mesmo. Seu pai, Roger Barbosa, mora nas proximidades de sua casa com outra família e não lhe oferece nenhuma ajuda financeira, mas o reconhece como filho e lhe faz visitas esporádicas. Condor é estudante do Colégio Cristão do Nordeste desde o ano de 2003, quando iniciou sua vida escolar aos três anos de idade, no Nível 4 (Educação Infantil) com a professora Renata, com a qual permaneceu durante dois anos consecutivos. Aos quatro anos de idade, a mãe percebeu que seu filho tinha dificuldades para falar alguns sons e decidiu procurar uma fonoaudióloga. Ela conta que sempre que o levava à clínica, falava de sua outra preocupação com a especialista, que era a inquietação que seu filho demonstrava no Colégio, pois enfatiza – já não agüentava mais receber tantas reclamações, sobre o comportamento do menino. Após ouvi-la algumas vezes, a fonoaudióloga perguntou para ela se gostaria que seu filho fosse acompanhado por uma psicóloga. Ela então concordou e logo começou o acompanhamento que era feito na mesma clínica particular. Após um ano de acompanhamento, Vera conta que a especialista diagnosticou que Condor já não precisaria mais de acompanhamento especial, e que, portanto, não haveria nenhuma necessidade de continuar o tratamento. Hoje, na Série Inicial, Condor continua demonstrando muita inquietação e grande dificuldade de concentração. Apresenta um comportamento inconstante, é agressivo e protetor, não consegue lidar com outras crianças, não assimila as regras de convivência propostas pelo grupo, provocando constantes conflitos com a turma. Segundo sua mãe, Condor não tem com quem brincar, e considera que ele se sente muito sozinho, e que por isso não consegue se relacionar com os colegas do Colégio.

Rodolfo - Algum outro comentário sobre essa visita, Árvore?

Árvore – Ela ficou muito assustada no início, e uma preocupação muito grande que as pessoas pensassem que o filho dela não é normal psicologicamente, porque já

tinha feito esse tratamento. Então ela tem essa preocupação do julgamento das pessoas e ela foi logo me questionando, “mas esse estudo é para gente doente da cabeça?” E aí eu conseguir desmistificar isso de sua cabeça. Ia perguntar para os vizinhos o que estava acontecendo, mas disse para ela que não precisava perguntar para os vizinhos, não se preocupasse com nada, uma conversa informal bem na calçada, para ela ir relaxando. Li a Carta de Informações, ela me mostrou a sua casa. Ela ia pedir para uma irmã dela ler a carta, uma pessoa que a orientasse, aí conversei com ela se concordava com a carta. De outra vez fui recebida na calçada e entrei rapidamente no quarto do Condor e a gente conversou naturalmente.

Rodolfo – O que você percebeu no quarto do Condor?

Árvore – O quarto do Condor tinha duas camas, onde de vez em quando o primo dele dorme. Tem alguns brinquedos. Foi logo tirando a bicicleta, mostrando que sabia andar. Então quando eu conversava com a mãe, percebi que ela protege demais ele das outras crianças. Ela parece meio dura, também gosta de proteger. Quando vê outras crianças. Ela disse que prefere que ele não brinque com ninguém. Aí ela disse que isso justifica o comportamento de Condor. Quando ele se vê com muitas crianças não tem com quem brincar. Ele só tem um avô e ela dentro de casa. Na calçada ela não o deixa sair, nem na casa do amigo, nem um amigo quer brincar.

Rodolfo - E isso mexeu com você?

Árvore – A figura da Dona Vera lembra muito a minha avó, porque eu sou a caçula de quatro filhos, a minha mãe era educadora e trabalhava três expedientes, e nós fomos criados com nossas ajudantes do lar. Nem a mãe presente nem o pai. Aí a ajudante do lar não cuidava direito e acabou chamando minha avó. Ela era dura, não deixava a gente brincar com as outras crianças. Lembro que ela fechava a porta. Na verdade, eu me sentia sozinha, mas os meus irmãos brincavam entre si, os meus irmãos sempre estudavam no horário que não era o mesmo que o meu e a gente se sentia sozinho, essa solidão, a dureza da minha avó. Penso que foi isso que mexeu comigo.

Rodolfo – Muito obrigado. Outra pessoa, por favor.

Rita – Eu encontrei muitas dificuldades. A aluna Ana Camargo é uma criança de apenas três aninhos, mas bastante esperta em tudo que faz. Seus pais são Jhonas Camargo e Joana Camargo. Sua história me chamou atenção, por ser adotiva. A pequena é adotada desde os dez dias de nascida. A idéia de adotá-la partiu do casal, pois Joana não podia ter filhos, já que se encontravam numa certa crise

conjugal e chegaram à conclusão que tudo se resolveria se tivessem uma criança em casa. Resolveram adotar uma criança que apresentasse as mesmas características da mãe, escolha dela. E para felicidade dos dois, conseguiram adotar Ana. À visita ao lar da Ana, tive algumas dificuldades, resistências. Senti que a mãe se sentia insegura, certo receio, talvez em pensar que iria somente falarmos a respeito da adoção. Prometendo algumas vezes em não tocar no assunto, consegui convencê-la a falar um pouco da sua filha, suas características etc. Segundo a mãe é uma menina muito inquieta, mas muito esperta, carinhosa e às vezes um pouco carente. Talvez por a mãe ser um pouco resistente, dando sempre o limite a certas ações e esquecendo de pôr o carinho e demonstrar o afeto para com ela. Já o pai o que pude observar é que ele está sempre disposto a dar amor e preocupado em fazer certos mimos, esquecendo de dar o limite. Ana reside no bairro dos Patinhos, na Rua das Orquídeas, nº. 1751. Quando ela não está com seus pais, vai para a casa da avó materna, no qual tive presente e pude observar que lá a criança pode brincar livremente e se divertir com sua prima. É uma criança que interage muito rápido com as outras pessoas e isso acaba incomodando a sua mãe. A mesma mostra bastante independência nas suas atitudes e ações. Logo na entrega da Carta de Informações e de Autorização, ela não assinou. Pedi que quando o esposo chegasse do trabalho assinaria. Marcamos um dia para eu ir lá, e quando chegou esse dia eu fui. Simplesmente ela não me recebeu. Bati à porta de sua casa, mas estava fechada. Aí a vizinha apareceu e disse que ela não estava em casa, mas eu a vi, por uma brechinha da porta. Eu a vi dentro de casa, eu escutei bem quando ela disse: “tranca a porta e fecha o ferrolho”. Eu não insisti, vim embora, e me deu a idéia de ir à casa da avó dela. Nós tomamos um cafezinho, começamos a conversar a respeito da menina e a respeito da mãe, conversamos a respeito dessa adoção. Então ela disse que se fosse eu, desistia, pois a primeira vez ela tinha aceitado, tinha conversado com ela, mas estava com medo. Perguntou-me se era a respeito de alguma coisa da escola, se a assistente social iria a sua casa, atrapalhar o estudo, a bolsa de estudos da menina. E se fosse eu, desistisse, porque ela era uma pessoa muito “espoletada”, muito “espiritada”. Contudo, eu não vou desistir, Rodolfo. Quando foi ontem fui na casa dela e fez de conta que ia fechando a porta, dizendo: “ah! Mulher, eu estou de saída”. “Você pode me dar um minutinho?” disse. “Vamos sentar aqui, nós duas na praça, mas não pode passar de dez minutos, tudo bem?”. A gente conversou a respeito da menina e ela disse que achava que podia dar certo,

até ajudar a filha, pois é muito inquieta, mas ela não tinha tempo de receber essas visitas. Eu acho que ela tem um pouco de receio de mostrar a casa dela. Eu acho que ela queria que eu não entrasse na casa dela por ser tão humilde. Eu achei isso, porque toda vez que eu chegava na casa ela ficava na porta, queria sair, e nós conversamos um pouco. Não falava a respeito da adoção, pois ela tinha muito receio, eu achava ela muito triste, mas ela disse que eu continuasse o trabalho. Se fosse para aprofundar mais da vida dela, da vida menina ela não ia aceitar, eu fiquei assim... Difícil, não é?

Rodolfo – Mas não desista! Agora, Rita, marque no seu relógio, quando passar de 10 minutos, o tempo já está acabando, lembre para ela os 10 minutos, aí você vai conquistando espaço.

Rita – Mas ela me lembrou quando estava terminando os 10 minutos. Agora eu conversei com o pai da menina e disse-me que a casa dele estava aberta quando eu quisesse visitar. Eu fico sem ação, o pai diz uma coisa, a mãe diz outra. É difícil, ele trabalha na saúde, os horários não coincidem com os meus, a ligação dele com a menina é mais forte e são mais especiais.

Rodolfo – Aí nós temos um campo de resistência. Mas o que foi que evocou em você essa resistência, “eu não desisto”, que sentimentos vieram?

Rita – Na primeira vez eu insisti. Eu estou vendo que eu vou ter muitos obstáculos, mas aí depois que eu tive uma conversa com o pai da menina me deu força de continuar persistindo. Até despertou em mim certa saudade de meu pai. Essa é uma obrigação difícil de conversar.

João Marcos - A mãe dela trabalha na área de filtros.

Rita – A mãe pediu para não tocar em certos assuntos, por exemplo, que ela não pode ter filhos. Se tocar nesse assunto, ela pode brigar.

Rodolfo – Vamos ao poucos ganhando terreno. Rita teria alguma outra consideração? Então vamos ao próximo?

Tereza – O João de Oliveira Silva mora em uma casa humilde, próxima da Escola Integração, no bairro mais conhecido por Graça Sena. Ele, a mãe e mais sete irmãos sobrevivem sem o mínimo de conforto, e segundo ela agradecem o dia em que tem o que comer. Para se ter uma idéia, era domingo e percebi que não havia o que comer. A mãe faz bicos, ou seja, pequenos serviços como lavagem de roupas, faxinas e quando há festas no Flamengo ela é responsável por cuidar dos banheiros. Segundo a mãe, o João foi o motivo de sua separação do marido, o qual

acusava de traição. Logo foi uma gestação muito atribulada, mas apesar de tudo ela quis o filho, ou melhor, todos os filhos e nunca tomou nenhum remédio ou fez alguma tentativa de aborto. Sua maior preocupação é com um filho apelidado “Fui” que apesar de ter curso de locutor, ser capoeirista e dançarino, largou os estudos e tornou-se viciado em crack e cujos escândalos e conseqüências são presenciados pelos outros irmãos, todos menores. Esse irmão foi a causa de seu filho mais velho ter ido embora para capital, pois justamente o motivo do mesmo ser um viciado não era aceito de forma nenhuma pelo irmão, o que ocasionava freqüentes conflitos. Um dos filhos, Antônio, de 12 anos, também faz bicos para ajudar a mãe a criar os irmãos e, à primeira vista, me pareceu uma criança de temperamento doce e tranqüilo. Diante dessa triste realidade, pude compreender melhor as dificuldades e o comportamento do João. Ele não tem praticamente nenhum acompanhamento em casa. A cunhada, às vezes, apesar do baixo nível de escolaridade tenta ensiná-lo as atividades de casa. Segundo ela, o João é carinhoso e obediente e uma espécie de vigia do irmão. Quando o irmão se mete em alguma encrenca, logo ele vai chamar a mãe para resolver. Não tem interesse pelos estudos. Quando pega algum trocado logo vai para a locadora que há perto de sua casa. Quanto a sua colaboração nas atividades em casa, João vai buscar água para cozinhar, beber, tomar banho e outras atividades. O primeiro sentimento que me veio foi de remorso, de estar lá naquela hora. Eu senti remorso, assim, foi preciso a pesquisa, alguns obstáculos que a mãe dele falou, me fez lembrar os obstáculos que eu enfrentei na minha infância também. Minha mãe lavava roupa, trabalhos que a minha mãe também fez. Eu senti revolta até de criança. Além de passar fome vivia aqueles conflitos de drogas, de roubos também. É situação precária, a casa numa situação lastimável, não tinha o que comer no dia, e foi logo domingo. Eu saí muito tocada, não tinha como não me envolver naquela hora. Muito atenciosa, ela se abriu comigo, percebi que ela ficou à vontade, chorou contando as dificuldades do dia a dia, do sofrimento. Tem mais uma irmã que é prostituta, que convive em casa e essa tem um filho, tem problemas mentais.

Rodolfo – Você falando e a gente escutando, a professora Santinha deveria ir para sentir essa realidade, pois esse 3º ano que João estuda é muito heterogêneo, ademais temos ali filhos de médicos e “Joões” da vida. O que você sentiu?

Tereza – O sentimento foi de remorso, eu já deveria ter estado lá, não pelo motivo da pesquisa, mas cumprir meu papel de educadora e eu saí assim, e de resolver ajudar aquela criança.

Rodolfo – Uma observação: participante é aquela que observa, mas também tenta trazer elementos que também transformem a vida da comunidade, daquela realidade. Não é estranho que o pesquisador cuide da realidade, mas como essa realidade também vai afetar você. Em verdade somos todos atingidos ou afetados por essa realidade.

Tereza – Se eu não conhecer a realidade, como é que eu vou exigir que aquela criança traga a atividade de casa, venha com “todo gás” para sala de aula? Isso esclarece tudo, aí é que a gente reconhece que é difícil fazer escola sem ajuda dos pais.

Rodolfo – Por isso é que o currículo da escola tem que mudar. Aliás, o currículo, seja qual for, tem que mudar sempre. É o cotidiano do aluno que deve trazer conteúdo para o currículo da escola. Se ele estiver distante da realidade do aluno, ele não vai contribuir em nada com a sua realidade. Isso é uma coisa para a gente refletir como educadores. O currículo da escola, na maioria das vezes, é um currículo baseado em realidades neocapitalistas, para manter o “status quo”. Temos aí desafios fantásticos.

Iridênia – Eu não fiz o texto no tempo pedido, pois eu tive de ir à casa da menina Clara Barbosa, para fazer a pesquisa de campo. A mãe dela trabalha como promotora de vendas. Quando começou esse trabalho de ir a sua casa, a mãe estava trabalhando de faxineira num supermercado. Então ela entrava às sete da manhã e só saía às sete da noite, mas nesse horário eu estava na faculdade. No horário do almoço, ela almoçava no emprego. Daí quando foi essa semana ela me disse que ia aceitar, daria um jeito e aceitaria em fazer a pesquisa. Só que nessa semana ela conseguiu um emprego de promotora de vendas num supermercado. Só estava em casa do meio-dia a uma e meia da tarde e à noite chegava muito cansada, disse-me. O que foi que eu fiz: pedi a ela o endereço, perguntei se ela aceitava e combinamos de eu ir a sua casa entre 12h e 13h30min. Então fui e não acertei a casa, me perdi, não sabia onde estava. Deparei com gente que não tinha visto, liguei para minha mãe desesperada, pois não sabia onde estava. Tinha uma senhora sentada naquele lugar, que me disse: “espere aqui que sua família vem lhe buscar”, então o meu irmão foi me buscar. Eu só tive acesso à casa da Clara, hoje.

Eu entreguei a Carta de Informações e Autorização para a sua mãe hoje. Ela me disse: “eu vou conversar com você, porque eu preciso de alguém para falar da minha vida, da vida da minha filha”. Mesmo sem ler a carta, ela disse que tinha necessidade e estava com vontade de falar da vida da Clara e que não era uma história muito bonita. A mãe dela se casou muito cedo, com 19 anos, tinha muita vontade de ter filhos, mas para ela ter filhos precisaria fazer um tratamento de “policistos”, então fez o tratamento e quando terminou o tratamento, engravidou de Clara. Quando Clara tinha um ano e meio ou dois anos, mais ou menos, o seu pai teve uma crise neurológica. Era uma coisa muito estranha, ele era uma pessoa normal, o problema que ele teve na cabeça é como se tivesse perdido a noção de tempo. Ele perdeu a memória e o emprego. Ela trabalhou vendendo coxinhas, esse tipo de “bico” para cuidar de Clara, ela foi percebendo que seu marido ia piorando cada vez mais e Clara não sabia o que estava acontecendo. Quando Clara completou três anos, o pai teve uma crise muito forte na cabeça, “pirou o juízo mesmo”. Ele começou a correr na rua, saiu de casa, chegou ao meio do caminho ele parou, olhou para o mundo e começou a cantar uma música de infância. E foi a partir daí que ela percebeu que ele não estava no estado normal dele, estava sem condições de cuidar de uma criança de três anos e um marido com mentalidade de criança de três anos. Deixou Clara e ele em casa, enquanto ia lavar roupa na casa da sogra. Um dia, ao chegar ao meio do caminho, o pai de Clara piorou e começou a tirar a roupa no meio da rua, e começou a correr nu, no meio de todas as pessoas. Clara, a filha, viu tudo, ele quebrando vidros de carro e tudo que vinha a sua frente. Clara perguntou à sua mamãe o que estava acontecendo com o seu pai. E quando Clara falou isso, ele se jogou por cima de uma caçamba que ia passando, Clara viu tudo isso, ele agrediu sua mãe, batendo-a, agredindo-a com palavras. Foram dez homens para levá-lo ao Hospital. Lá, os médicos constataram que tinha uma doença muito grave, desde infância, mas que não tinha se manifestado, só veio manifestar naquele momento. Nesse tempo ela engravidou sem querer. Ela é quem trabalha para dar o sustento das filhas, mora de favor numa casa, passou muita necessidade pelo marido não ter emprego e hoje ela mora numa casa emprestada, uma casa muito simples, só ela e as duas filhas. Têm dias que as filhas passam o tempo todo na casa da avó. O pai toma remédio controlado e esse remédio vem dos Estados Unidos, no Brasil não existe, e uma caixa desse comprimido custa R\$ 400,00 (quatrocentos reais), e é muito forte. Ele não pode ficar um dia sem tomar o remédio.

Um dia houve um movimento na cidade, mandaram uma carta para o Distrito Federal, pedindo para ele ganhar os comprimidos todos os meses. Com os remédios ele pode se tornar uma pessoa quase normal, ele fica controlado com os remédios. Ele, hoje, mora com a mãe dele e seus parentes; só que ela não deixa de ter contato com a família dele, não deixa de ter amizade. Ela não tem mais relacionamento com o marido, e a mãe dele disse que entendia o lado da Cláudia não o querer, por causa da doença do marido. Afinal ela é muito nova, e não tem condições de conviver com uma pessoa de 30 anos, com um raciocínio de uma criança de três anos. Eu percebi em Clara, que é isso que faz com que ela tenha um olhar carente, de um jeito necessitado de alguém, a falta que ela sente do pai em casa, apesar dela ter contato o dia todo com ele, não é um pai normal, ele só vive na rede. Às vezes ele vem buscar Clara na escola, ele não é aquela pessoa de conversar. Essa é a realidade que a mãe de Clara falou. Clara gosta muito dela; do pai, sente falta, de não poder passear todos os dias com o ele. Essa é a história da Clara.

Rodolfo – Quais as lembranças e sentimentos? Em outras palavras: o que fez você pensar, sentir e lembrar sobre essa imersão?

Iridênia – Me tocou muito a questão de Clara. O meu pai... ele tinha - não é questão de ter uma carência de pai - o meu pai foi coração, eu vi, eu e meu irmão mais velho, nós vimos o meu pai morrer (silêncio e choro).

Quando ela começou a falar eu tentei me segurar, para não contar a minha história, porque quando meu pai descobriu que tinha problema no coração, a gente morava aqui há muito tempo. Depois fomos morar no Conrado, a pedido dos médicos, íamos morar lá para que meu pai tivesse mais tempo de vida. Então numa tarde, eu estava com meu irmão conversando e o meu pai tinha chegado do Hospital. Foi tomar o remédio de pressão que ele tomava, sentou-se na calçada e estava minha mãe, eu e meu irmão. Ele disse que estava indo embora e aí começou a “espumar” (subentendido que morreu logo após essa crise). A história da Clara me tocou muito, isso eu tenho certeza. Já faz 11 anos que ele morreu, mas aquela lembrança não apagou da memória. Vejo essa questão da mãe ir trabalhar, o meu pai que cuidava da gente, somos quatro. Eu passava o tempo todo em casa, meu pai não queria que eu saísse na calçada para não ver as pessoas nas ruas e hoje que a gente veio descobrir que ele tinha três mulheres, uma ficava na frente de minha casa e eu nunca soube. Depois eu descobri que tinha um irmão na mesma idade minha; um mais novo de 20 anos, mora no Conrado, veio descobrir depois, pois o meu pai

morreu por isso. Ficou claro que ele não queria que eu fosse para rua, para não ter contato com as pessoas, pois todo mundo sabia, menos eu e meus irmãos. Isso mamãe trabalhava o dia todo e só chegava à noite. Isso me tocou, a questão de Clara, essa foi a lembrança que veio da minha história.

Rodolfo – Tente reconstruir isso no texto. Você coloca as emoções, essas lembranças. Vamos lá, João Marcos. Assim, vamos tecendo essas histórias de vida.

João Marcos - Eu já comentei aqui no grupo que eu trabalhei com técnica do Teatro do Oprimido. Então, a partir do momento que eu descobri que eu ia trabalhar a pesquisa etnográfica com a Juliana Belmira, eu comecei a observá-la muito mais, pelo fato de que eu sou muito observador. E quando eu perguntava para os meninos, quando foi que eles se sentiram mais oprimidos, as respostas me prenderam muito, pois Juliana disse que é oprimida constantemente. Ela sabia que era uma criança que não tinha sido desejada, que tinha nascido por acidente, fruto de uma aventura, era oprimida constantemente pelas primas, pelas pessoas da família, enfim. Já começou a me chamar atenção daí. Tem um primo dela que é muito meu amigo, Augusto, e eu comecei a perguntar coisas de Juliana. Eu disse assim: “Augusto, eu estou fazendo um trabalho e preciso ir à casa dos meus alunos, preciso conversar, até porque faz parte do processo de trabalho”. Pedi para ele entrar em contato com a avó de Juliana. Ela sabe que é criada pela avó, a sua responsável, então ele conversou com a avó dela porque eu não quis conversar com ela antes, eu queria conversar com as duas ao mesmo tempo e explicar o que era o trabalho de nossa pesquisa. Conversei com a avó. Ela já tinha simpatia por mim, pois Juliana falava muito de mim em casa e a avó ficou muito feliz, “diga a ele que venha, pois as portas estão abertas”, recebi seu recado. Marcamos num sábado e quando me preparava para ir, de repente um outro amigo meu me liga dizendo que a mãe de Juliana tinha morrido. Na hora eu nem me liguei de tal pessoa, porque ele me ligou dizendo assim: “a tia de Augusto morreu”. Como eu sou ligado a Augusto, Neet, no entanto, foi quem me lembrou que era a mãe de minha colaboradora. Egoisticamente, na hora da notícia, não percebi que era a mãe de Juliana. Pensei por um momento: “puxa, a minha pesquisa foi toda por água abaixo”, pensei logo isso, depois que eu caí na real. Passei a perceber que era muito mais grave de que eu não realizar a pesquisa naquele dia, fiquei pensando: “vou ou não vou”, “como interajo agora? Como é que eu faço?”. Liguei para Augusto, chorava muito ao telefone, parecia que ele tinha recebido a notícia naquele momento, e o corpo ia

chegar à tardinha. Eu vi que aquele momento era um momento muito de família, não quis ir naquele momento, mas quando foi à noite, 19h, eu fui. Quando cheguei lá, muita gente na calçada, sentada e eu era um estranho chegando. Então as pessoas me olharam muito diferente, pois nunca tinha me visto ali naquela casa. Me olharam de uma maneira diferente, ao passo que me acompanhavam e eu ouvi muitos comentários. “Quem é ele?” Quando eu entrei, deparei com uma casa humilde de chão batido, uma casa que não é forrada. Existem muitos cômodos, mas os cômodos são muito apertados, não tinham portas, somente cortinas, como se fosse de “chita” entre uma porta e outra, poucos móveis, um quarto e a sala muito tumultuada. Algumas pessoas típicas de velório, rezando, outras penalizadas pela morte, muitas pessoas se afastaram para que eu fosse ver o corpo. Aproximei e Augusto veio me abraçar. Ficamos um bom tempo abraçados e depois ele disse assim: “vou buscar minha avó”. Foi buscá-la dentro de seu quarto, e percebi que ela vinha muito abalada, triste. Sentou-se do lado do caixão e abraçou o corpo da filha, chorou, chorou, chorou. Eu a abracei e na hora ela olhou para mim como se não entendesse, então Augusto disse-lhe: “é João Marcos, professor da Juliana”, disse-me: “ah! Meu filho!”. Abraçou-me fortemente, chorou muito no meu ombro e tentei acalmar. Por mais que não adiante muito, mas a gente tenta consolar, usar as palavras de consolo, enfim. Quando Belmira me viu deu um abraço muito forte, achei ela bem controlada. Começou a conversar um pouco comigo. Eu nem perguntava tanto o que tinha acontecido. Disse-me que a sua mãe já tinha problemas cardíacos desde a infância, mas na verdade nunca cuidou muito, ela estava há dias doente, ia para UTI, saía da UTI, “eu sabia que ela tava no hospital, mas eu nunca imaginava que ela fosse morrer”, disse Belmira; é tanto que ela se apresentou no teatro dois dias antes da morte. E continuou: “eu precisava ir, para eu me apresentar no teatro. Era necessário naquele momento, porque se eu ficasse em casa eu pirava, em casa era só tristeza então eu tinha que ir, me sentia muito bem no teatro”. Peguei-a pelo braço e levei-a à calçada para conversar um pouquinho, e sentei com ela. Juliana Belmira é uma menina tão calada e quase nunca ela se abre muito, muito observadora já percebi isso. E geralmente quando ela fala, ela tem questionamentos, uma visão muito inteligente das coisas. E quando nós sentamos, sem que eu não puxasse conversa, ela começou a dizer: “João Marcos, eu nunca me senti tão triste como hoje, porque assim, você sabe de toda minha história, não fui desejada pela minha mãe, só que amava muito a minha mãe. Eu nunca disse

isso para ela, sempre tive vergonha de dizer isso para ela, tive até vergonha de dizer para os outros que eu amava minha mãe, mas a amava muito. E aí ela puxou o papelzinho do bolso e começou a chorar. Olha aqui!”. Era uma cartinha em forma de coração, que era uma declaração de amor de uma mãe para uma filha. Ela disse que tinha escrito várias daquelas para a mãe nos Dias das Mães. Apesar de não ser criada pela mãe, ela sabia que a aquela era a mãe dela. Mostrou-me a carta muito emocionada. Emocionei-me muito ao ler a carta, comecei a chorar por dentro, deu vontade de chorar, mas dei uma controlada. E era uma carta muito linda, feito um coração com tesoura de picotar, toda cheia de florzinha, exatamente o contrário do que é Juliana Belmira. Perguntei: “você chegou a entregar essa carta?” Ela achou o retratinho dela, disse que achou as cartinhas, com o nome escrito atrás, letras de pessoas que estão começando a aprender a ler e a escrever. Estava escrito: “minha mãe”. Mostrou-me isso muito emocionada, depois colocou de volta no bolso e disse que ia guardar aquilo para o resto da vida dela. E daí logo ela retornou com choro, enxugou as lágrimas, e começou a conversar sobre muita coisa de sua vida. A mãe nunca a criou porque não tinha condições financeiras e a avó a assumiu e o irmão. Ela disse que a vida da casa chegou a ser muito difícil, porque eram várias famílias que moravam na mesma casa. O corredor era um caminho de rede, a casa era virada em rede para todos os lados, num quarto morava uma família, num outro, a outra família. Nessa época era muito difícil e assim algumas pessoas ajudavam nas economias de sua família. A sua avó ficava com a despesa maior. O relacionamento dela com a mãe era muito frio, ela não recebeu nem um abraço de sua mãe, nenhum carinho, nem de ninguém da família. Agradece muito a avó dela, por tê-la criado. Pensa muito no dia em que a avó falecer, sabe que o dia está próximo, porque a avó dela tem 86 anos, e fica se perguntando: “o que vai ser da minha vida?” Então a única pessoa, de fato, que se importa com ela, é a sua avó. “Eu quero que demore muito, eu quero que, pelo menos quando minha avó morrer, isso chegar a acontecer, eu já tenha me estabilizado na vida. O que vai ser da minha irmã agora? Ela vem morar com a gente agora, eu não vou deixar ela de jeito nenhum”. Disse que a mãe foi muito reprimida pela família. “E engraçado, todos estão em volta da minha mãe agora, mas nunca estiveram. A minha mãe chegava aqui pedindo um real para comprar pão, porque não tinha em casa, todo mundo falava: ah! Mande seu marido vagabundo trabalhar”, desabafou Belmira. Disse-me que a mãe vivia com um homem mais jovem e que, de fato, ele não trabalhava e ela

o sustentava. Ela não quer agora que de jeito nenhum a sua irmã fosse criada por aquele homem. Na verdade, eu senti na fala de Juliana Belmira que se ela tem consciência disso, que não se sente muito amada pelas pessoas, não se sente muito capaz de fazer as coisas. Ela me disse: “João Marcos, você nem sabe como eu me sinto feliz quando estou em sua aula, de dar uma contribuição, nem que seja apagar o quadro. Eu me sinto feliz porque sou enxergada, as pessoas me vêem, eu sinto que eu existo”. Quando eu recebi na aula de teatro a personagem de Helena, eu me senti tão feliz, tão feliz, porque fui valorizada, ser protagonista de uma peça de teatro do meu grupo e ser escolhida. Isso tudo no velório da mãe e a gente conversando naturalmente. O seu sonho é ser atriz ou jornalista, mas tem consciência de que para ela realizar esse sonho vai ser muito difícil, pois mora numa cidade onde as coisas não acontecem e ela não tem parentes que moram fora e possam dar apoio. Perguntei a ela sobre o pai, não tive como me conter. “Conheci meu pai assim, ia passando e minha prima disse assim: ‘olha o teu pai!’ “Eu olhei, fiquei horas olhando para ele, ele ficou um tempo de costas, eu esperando para ele virar de frente para ver o seu rosto. Ele pode passar na minha frente agora e eu não sei mais se o reconheço”. A família a humilha quando faz alguma coisa de errado e dizem para a sua avó: “pra que a senhora foi criar esse traste, tá vendo no que dá, só dá trabalho, veio criando essas coisas de pequena”. Ela vem ouvindo muito isso desde pequena. Um dia teve uma discussão com a avó como fosse discussão de mãe, essa coisa de conflito de gerações. “Uma vez eu tive uma discussão com minha avó. Veio quase minha família todinha em casa me crucificar e me disseram: ‘olha, ninguém te queria, a minha avó fui a única pessoa que te quis, tu ainda é assim atrevida’”. A rejeição a acompanha a vida inteira. Uma coisa que eu percebi voltando alguns dias atrás, como ela se sentiu bonita quando eu a maquiei para fazer aquela personagem. Sentiu-se tão bonita! Eu acho que aflorou esse lado feminino dela, foi para casa maquiada e quando voltou me disse: “todo mundo me achou linda”. Ela falava com uma felicidade tão grande! Ela foi embora com a maquiagem, enquanto todos os outros tiraram, porque ela sentiu esse lado feminino, ela sentiu que é uma menina bonita, que de fato a é. Ela tem dois irmãos, tem muito amor e muito carinho dos dois irmãos. Ela me disse: “vai ser até bom agora porque minha irmã vai estar perto de mim”. Tem um irmão que é “amancebado” com um cara lá e tem a irmã dela que é uma menina muito quieta, muito introvertida. Essa foi a leitura que eu fiz daquele dia. Eu senti que as pessoas começaram a perceber

quem eu era e eu vi comentários: “é o filho do seu João Silva.” E as pessoas começaram a me tratar de uma forma melhor. Ofereceram-me caldo, depois me levaram para conhecer a irmã de Juliana, eu achei a menina muito tristonha. Quando eu estava conversando com Juliana na calçada, tinha muitas crianças brincando. “Olha, as crianças nem imaginam o que está acontecendo”, ela até comentou. “É muito bom ser criança, nem imaginam o que se passa e tudo mais”. Ela diz que a avó ganha um salário mínimo, passa necessidade, mas compreende, não exige nada da avó, não é uma menina de ficar em computador, nem de modismos, não exige roupa tal e calça tal. Tem consciência de que a avó só ganha para dar de comer a ela e agradece muito por causa disso.

Rodolfo – Agora você fala num lugar não muito comum que é começar uma etnografia num velório, tente escrever isso se imprimindo, também, nas suas observações.

João Marcos - Eu percebi quando ela me mostrou as crianças brincando e lembrei automaticamente do velório do meu avô quando eu era criança. Eu também estava brincando, os adultos estavam na sala e as crianças brincando com os meus primos, todos no quintal. E aí quando ela falou que todos estavam em volta agora, mas ninguém ligou para ela, aí eu refleti a minha história familiar, quando a minha avó era viva. Toda a família estava em volta da minha avó. Era sagrado no dia das mães, domingo, nos almoços, tinha a história do terço em que as famílias se reuniam para rezar, aquela coisa bem tradicional. Hoje não existe mais, pois minha família é muito esfacelada, então eu lembrei quando ela fez esse comentário. Quando ela lembrou e me mostrou aquela lembrança que tinha dado para a sua mãe e também lembrei mexendo nas coisas de minha mãe procurando uma coisa para ela. Vi todas as cartinhas, todos os trabalhos meus quando eu era criança e minha mãe lá, tudo guardadinho. Automaticamente, eu me emocionei quando lembrei, a minha mãe guarda tudo, até roupa de batizado.

Rodolfo – Fechamos esse ciclo, nesse primeiro momento, as diferenciações de cada história, cada história com seus valores. Para o próximo encontro, vamos mostrar alguns registros de fotografias e vocês irão à casa da pessoa, observar todo o ambiente dessa pessoa: a escola, a praça, a igreja. A partir do quarto encontro vamos ter três apresentadores. Para este quarto encontro eu já gostaria que tivéssemos três voluntários para apresentar esse material. Serão feitas as projeções e será a partir desse material fotográfico que evocará os nossos conteúdos dos

encontros. Vocês receberão, com exceção de John, uma máquina fotográfica descartável, mesmo quem receber a máquina, se durante a sua pesquisa, conseguir uma máquina digital pode trabalhar com ela. Trabalharemos com imagens das vinte sete fotografias, façam escolhas das fotos mais significativas. Hoje teríamos um momento para falarmos sobre a etnografia, referente ao texto passado, mas infelizmente já são dez horas da noite, tão tarde.

João Marcos - Uma forma interessante é sortear os apresentadores, porque às vezes eu sou introvertido, eu não me sinto capaz, então é uma forma de se preparar com antecedência. Porém, eu sou voluntário para apresentar primeiro.

Rodolfo – Concordamos com essa sugestão? Quem gostaria de ser convidado ou convidada? João Marcos é um voluntário, mais alguém? Então vamos ao sorteio. (Neste momento foi realizado o sorteio para os três apresentadores de cada encontro).

Sofia – Na sala de aula pode tirar fotos? Acredito que eles não perceberão que tiraremos foto de um, mas do grupo.

Rodolfo – Agora cuidado para não criar uma cena de expectativa, estigmatizar o aluno em sala de aula. Se tirar em sala de aula, tire com o grupo todo, porque nesses momentos vocês vão ter que revelar ou perceber alguma coisa. Para o próximo encontro só foto, será uma apresentação do registro fotográfico e o texto-sentido daquele das duas semanas passadas. Além desse “para casa”, eu quero pedir que registrem as coisas no diário de campo; teremos depois um momento para a gente partilhar. Lena e Sofia foram sorteadas para o quarto encontro. Vocês já querem definir as próximas etapas? A próxima, dia 10/10 – Mélore, Tereza e Neet; dia 28/10 – Jaque, Árvore e Isadora; e 11/11 – John, Rita e Irildênia.

Texto-sentido editado por **João Marcos**, acrescentando a sua fala do terceiro encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos:

Tudo estava marcado e programado para iniciar minha pesquisa etnográfica. Seria o meu primeiro contato com a responsável e/ou cuidadora da Juliana, sua avó D. Belmira, quando inesperadamente recebi a notícia de que a sua mãe havia falecido, vítima de complicações cardíacas. No momento fiquei paralisado, sem reação e egoisticamente pensei logo no retardamento da pesquisa do que mesmo no agravante do fato. Mas logo me deparei com meu lado humano e solidário querendo dá o meu apoio. Mas me segurei até a noite, pois o corpo só chegaria ao cair da

tarde e não queria chegar num momento tão complicado para a família, como se em outro momento fosse menos complicado. Fiquei por horas pensando como estaria a Juliana e a sua família e me perguntando o que fazer? O que dizer e como agir numa hora difícil como essa? Por volta das dezenove horas fui até lá com um amigo. Ao estacionar a moto, todos que estavam na calçada me olhavam de tal forma que fiquei um pouco constrangido. Ouvi alguns sussurros como: "Quem é ele?". E umas moças, que logo descobri que eram primas da Juliana se insinuavam para mim com olhares indiscretos. Senti vontade de rir, mas controlei-me diante da fatalidade. Tinha bastante gente na calçada que era bem alta e no interior da casa, que por sua vez era bastante simples, com chão de cimento batido e sem forro, dando para ver as telhas sustentadas por troncos de carnaúba. As paredes também não estavam em bom estado, mas, enfeitadas com retratos de artistas populares e de familiares e lembranças de aniversário e casamento. A casa não era grande, tinha muitos cômodos, porém muito apertados e não existiam portas dividindo-os, mas, cortinas estampadas de pano "vagabundo" como o de "chita" dando a idéia de divisórias. Fiquei um instante na sala a contemplar o corpo, jovem ainda nos seus 43 anos e refleti um pouco. Aquela reflexão pessoal que sempre fazemos em momentos como esses. Tenho medo da morte, de morrer e de perder os meus. É uma das poucas coisas na vida que me apavora e me tenciona. Olhando o corpo, lembrei de entes queridos que já se foram e imaginei outros que ainda se vão. Pedi a Deus que tivesse piedade daquela alma que ali estava e que preservasse a vida dos que amo por muito tempo. Nesse momento também me questioneei sobre o que é a morte, o que é a vida e até mesmo sobre a existência de Deus. A cena era típica de um velório. Velas, flores, pessoas que conversavam penalizados, alguns choravam, outros debulhavam o terço e D. Belmira sentada em uma cadeira, inconsolada, abraçava a filha morta no caixão. Aproximei-me para cumprimentá-la e a mesma olhou-me estranhamente, na verdade eu era um estranho mesmo ali, quando um amigo meu, que é seu neto me identificou dizendo que eu era professor da Juliana. Ela então me abraçou fortemente e ela e chorou sobre meu ombro. A esse mesmo amigo perguntei onde se encontrava a Juliana e ele levou-me até um quarto, onde a mesma estava, quieta, calada e com os olhos parados. Abracei-a demoradamente enquanto chorava e soluçava em meus braços. Senti o medo em seus olhos e uma vontade de protegê-la. Peguei-a pela mão e a levei para calçada onde nos sentamos num batente e conversamos por mais ou menos uma hora. Tentei consolá-la com as

minhas palavras de apoio por mais que soubesse que não adiantaria muito. Juliana, sem que fosse preciso iniciar a conversa, mostrou-se aberta, e começou a falar como se tivesse encontrado alguém que confiava para desabafar. Mal sabia ela, que estava sendo foco de uma pesquisa. Aproveitei então, o máximo, o momento em que estivemos juntos para compor meu material etnográfico. Começou dizendo: "Nunca me senti tão triste assim, triste pela morte da minha mãe, pois não foi minha mãe de verdade, mas eu a amava muito. Nunca disse isso para ninguém, sempre tive vergonha de demonstrar sentimentos e não me lembro de terem um dia demonstrado para comigo. Dávamos-nos bem, mas era uma relação fria, sem carinho, sem amor, falávamos quase o essencial uma com a outra. Mas sempre no dia das mães escrevia cartinhas em corações de papel. Só ali tinha coragem de dizer que a amava..." Nesse momento, puxou do bolso um coração de papel e uma foto sua três por quatro. Ao ir à casa da mãe naquele mesmo dia pegar sua irmã mais nova, tinha o encontrado no meio de seus pertences. Li a cartinha, que era linda, por sinal e atrás da sua foto tinha algo escrito com uma letra trêmula: "Minha querida filha", escrito por sua mãe. Nesse momento a abracei mais uma vez e ela chorou emocionada, fazendo com que eu também me emocionasse, mas controlando as lágrimas. Aquele episódio levou-me a recordar que certo dia, também ao fuçar as coisas de minha mãe, procurando meu registro de nascimento, para minha surpresa, encontrei trabalhinhos meus da época da Educação Infantil, cartinhas semelhantes àquela, cartões meus para ela, poesias lindas que ela tinha escrito para mim antes mesmo de eu nascer e registros da sua vida, como se fossem diários, nos quais registrava todo amor que sentia por mim. Naquele dia senti-me tão amado, tão protegido e muito feliz. Foi impossível não me emocionar, embora estivesse me policiando. Logo após ela colocou a foto dentro da carta e a dobrou novamente colocando de volta em seu bolso, dizendo que iria guardar de lembrança. Eu, tentando continuar a conversa, mas ao mesmo tempo sem saber o que dizer fiz o seguinte comentário: "Está vendo Juliana, como sua mãe a amava? Às vezes nos sentimos por baixo e nos comparamos com o patinho feio da história, mas sua mãe não escreveria aquilo na foto se não sentisse amor por você. Ela a amava sim, ao contrário do que você sempre pensou", e ela disse-me: "Fiquei feliz quando encontrei a foto e li o que estava escrito atrás. Sabe João Marcos, nunca quis ser a coitada, nem o patinho feio, mas sempre fui rejeitada mesmo, sem exagero. Não estou querendo que fique com dó por que sei que um dia superarei

esses traumas por mim mesma. Não fui uma criança desejada. Não sou fruto de uma relação de amor, nem de uma relação fraternal, mas de atração, de sexo sem sentimento, onde minha mãe engravidou acidentalmente e aqui estou eu. Todos a condenaram quando ficou grávida, por já ser mãe solteira, pois meu irmão já era nascido de uma relação semelhante, mas com outro homem. A história se repetia. Meu irmão já morava com a minha avó e por ela sustentado. Tive o mesmo destino. Minha mãe não tinha condições financeiras de nos criar, nem psicologicamente, acho. Não nasceu para ser mãe. Sempre pensei em mim como uma criança que não foi desejada, planejada e que nasceu na hora e no momento errado". Perguntei então como ela sabia de tudo aquilo e ela me respondeu: "Fui juntando os pedaços. Nesta casa moravam todos juntos. Cada cômodo era uma família. Já imaginou como era? A casa era um caminho de redes e as brigas faziam parte do nosso cotidiano. Depois cada um foi para seu canto. Desde pequena quando fazia algo de errado, alguma coisa, as pessoas diziam para minha avó que ela não deveria, depois de velha, assumir os filhos dos outros. Cada um deveria assumir seus erros e carregar suas cruzes e que era muito fácil fazer sem-vergonhices e não arcar com as conseqüências. Até hoje quando têm raiva de mim ainda falam assim. Só que agora não fico mais calada, revido, grito e tenho vontade de avançar e bater e até matar, não vou mentir... Um dia discuti com minha avó, dessas discussões normais que muitas filhas têm com as mães, tipo conflito de gerações. Todo mundo se meteu na discussão e me ofenderam muito. Uma prima minha me ligou e me esculhambou ao telefone, dizendo que eu não era para ter nascido, que eu não era nada, que eu era um atraso, uma carga na vida minha avó, e era por isso que ninguém gostava de mim; que nem minha mãe quis me assumir; que meu pai nem queria saber da minha existência; que eu deveria me ajoelhar e agradecer a Deus todos os dias pela burrada que minha avó cometeu em me criar e ainda disse muito mais.... naquele dia tive vontade de morrer, de me suicidar e passei dias com esse pensamento. Cheguei até a pegar a faca da cozinha e colocar em baixo do meu colchão para que a noite eu me matasse e acordasse morta, mas nunca tive coragem..." Aquelas palavras fez-me refletir que cada um, cada família tem uma história e que também havia passado por momentos tristes na minha infância, os quais mexeram e ainda mexem, apesar de saber lidar com tais lembranças. Contrariamente à Juliana, fui uma criança concebida por um grande amor, muito planejada, desejada e muito bem criada. Sempre tive todo amor, carinho e atenção dos meus pais e dos meus

familiares, mas tinha uma tia muito rica que morava e ainda mora até hoje na capital, que me levava para passar férias na casa dela. Uma mansão com pomar, piscina, cachorros, parquinho e muito espaço para correr e brincar com o meu primo, seu filho. Lá eu era muito mal tratado. A casa tinha muitos cômodos, quarto de hóspedes, mas eu ficava hospedado no quarto da empregada nos fundos da casa. Não podia brincar com os brinquedos dos meus primos, porque quando chegava lá o seu marido colocava-os em cima de um armário enorme e eu ficava só admirando-os. Eram carrões a controle remoto, “ferrorama”, “autorama” e muitos outros. Brinquedos que eu não tinha e que tinham vindo dos Estados Unidos. Numa das vezes o seu marido chegou todo animado anunciando alto e em bom som que íamos ao shopping, no parque de diversões e ao cinema. Fiquei felicíssimo, pois na cidade onde morava não tinha cinema e era a oportunidade de conhecer um. Arrumei-me todo e na hora de sair ele disse que eu não iria, só ele e meu primo. Fui para o quartinho chorar e me sentindo a própria gata borralheira. Uma vez o mesmo colocou-me dentro do carro e correu horrores me deixando em pânico, pois sabia que eu tinha pavor de velocidade. Vivia me chamando de “mulherzinha” porque já era muito ligado à arte e desenhava croquis de moda, dentre outros aspectos femininos que talvez identificasse em mim. Nunca contei nada para os meus pais, nem entendia o porquê disso tudo. Fazia sempre questão de provar que seu filho era mais homem do que eu, mais inteligente, mais bonito e, por ironia do destino, hoje o mesmo é traficante e usuário de drogas e namora um transexual. O engraçado é que todas as férias eu pedia para voltar para lá. Desde criança nunca fui de guardar mágoa ou rancor e tudo passa rápido. Naquela época não entendia direito o que se passava. Lembrei-me também de outro tio que me assediou sexualmente chegando a me violentar um dia. Este dia foi o pior dia da minha vida. Passei dias sentindo fortes dores e escondendo-as dos meus pais que até hoje não tomaram conhecimento. Mas ela continuou a conversa: "Sabe como eu conheci meu pai? Um dia estava na Praça do Pavão, num bingo e ele estava lá. Aí minha prima me apontou dizendo que aquele homem era meu pai. Senti um calafrio. Ele estava de costas e fiquei horas o olhando e querendo que ele se virasse para ver seu rosto e quando o fez, o olhei rapidamente e logo desviei o olhar, acho que com vergonha, sei lá. Vim embora para casa. Minhas primas, João Marcos, sempre mangaram de mim, do meu jeito, me chamava de “Maria-homem”, riam das minhas roupas... Mas, não sou de cobrar da minha avó, o que sei que ela não pode me dá, por isso não

tenho roupa da moda, nem condições de me vestir melhor. Ela só ganha um salário e só dá mesmo para o nosso sustento. Vontade, até tenho, mas tenho consciência também de que não posso. Ela já faz muito por mim. Tenho muito medo de perder minha avó e sei que isso pode acontecer logo, pois já tem oitenta e seis anos. Mas peço a Deus para que ela se vá quando eu já tiver, pelo menos me sustentando. Sei que sem teto não vou ficar, mas sei também que as humilhações serão maiores por parte dos meus familiares." Como já sabia que Juliana tinha irmãos, perguntei por eles e ela me disse que não sabia onde estava seu irmão no momento e que deveria ter saído pra resolver alguma coisa do enterro. Seu irmão, o qual também foi criado pela avó, tem 20 anos, sua irmã morava com a sua mãe. Quando falou da irmã, disse que agora a mesma iria morar com ela e com a avó e que não iria deixá-la morando com o pai, que segundo ela, é mais jovem que sua mãe, a qual o sustentava, pois nunca havia trabalhado e tinha como principal característica a irresponsabilidade. Disse que jamais iriam deixar a irmã na responsabilidade daquele homem, nem que fosse preciso lutar na justiça por sua guarda e que queria a irmã perto dela. E ainda complementou: "Sabe João Marcos, é engraçado quando hoje me deparo com essa situação onde todos se encontram em volta da minha mãe, pois ninguém nunca deu a menor atenção a ela e a tratavam como a ovelha negra da família, da qual todos queriam distância. Já presenciei minha mãe chegar aqui e pedir um real para comprar pão e ser humilhada pelas irmãs e outras pessoas da família. Isso me doía tanto, sabe. Nessas horas eu sempre dizia para mim mesma que um dia iria crescer muito na vida para humilhar todas aquelas que humilharam a mim e a minha mãe a vida inteira e também para dar a ela, a minha irmã e a minha avó, uma vida melhor". Nesse momento eu disse que o sentimento de vingança não nos faz bem e que devemos sempre mostrar mesmo aos nossos inimigos o que de melhor temos e que a melhor forma de passar por cima disso é mostrando que mesmo sendo rejeitada e excluída como disse ser a vida inteira, conseguiu ser alguém na vida. Para isso era preciso que ela estudasse muito e lutasse por seus objetivos. Nesse momento, perguntei como estava a escola, se ela estava gostando e ela disse que estava realizando um sonho em estudar no Colégio Cristão do Nordeste. Segundo ela, no início teve muito medo de se sentir excluída por sua condição social; que mal falava, não tinha amigos, mas que agora estava mais solta e que não se sentia mais sozinha e acanhada. Sente-se muito feliz por estar estudando numa boa escola e em ter sido bem acolhida. Disse que os

momentos em que se sente mais feliz são nas aulas de Teatro da oficina e da Companhia, pois sente-se gente, valorizada, capaz de se expressar, de criar e disse que os seus professores, sempre a trataram com muito carinho, atenção, respeito e sempre acreditaram que era capaz. Sobre esse assunto ainda disse que embora estivesse com todos os problemas do mundo, quando chega o dia que tem aula de teatro, já acorda feliz, cria expectativas e que no momento das aulas esquece tudo, parecendo estar vivendo num outro mundo. Um mundo onde é feliz. Confessou que seu maior sonho é ser atriz ou jornalista e se sente chamada a trabalhar na área da comunicação, mas tem consciência de que será muito difícil realizar-se profissionalmente, pois aqui na pequena cidade não tem faculdade nessa área e acha que seus parentes que moram fora não a acolherão quando precisar sair para estudar. Eu a encorajei dizendo que nascemos para sermos felizes e nos realizarmos na vida, que ela deveria correr atrás de seus sonhos, mesmo quando o mundo parecer está contra ela. Disse ainda que era uma menina talentosa, inteligente, bonita e muito especial. Ela sorriu timidamente e disse: "Por isso que gosto de você. Você me faz enxergar a vida de outra forma e me faz acreditar em mim mesmo". Sorrimos um para o outro e coloquei a mão sobre seu ombro, fazendo-lhe carinho. Ficamos alguns minutos sem falar nada, quando ela quebrou o silêncio, fazendo uma reflexão sobre um grupo de crianças que brincavam de pega-pega em frente da casa. "Engraçado as crianças! Elas brincam, se divertem riem, gritam e nem percebem a dor, a tristeza que se passa aqui dentro de casa. Sabem que morreu alguém, mas nem sabem o que é a morte. Nem eu sei o que é a morte. Às vezes penso que minha mãe deve estar melhor, no céu ou num outro lugar muito bonito e às vezes penso, também, que quando a gente morre acaba tudo." Enquanto fazia essa reflexão, lembrei-me do velório do meu avô materno que enquanto acontecia, eu e meus primos brincávamos também de pega-pega no quintal inocentemente, sem também ter idéia da gravidade da situação e alguns outros fatos da minha infância como as brincadeiras na rua. Fiz também uma reflexão sobre a vida e seus momentos tristes como um acidente na família, a morte... e alegres como: Natal, aniversários, nascimentos... que são capazes de reunir pessoas, família que no cotidiano se encontram espalhados. Expressei inclusive meus pensamentos e minha reflexão para ela. Ela me disse que há muito tempo não sabe o que é Natal, aniversário, nem outras datas comemorativas. Não sente sua família como uma família de verdade e eu disse que todas as relações sejam quais forem,

são complicadas e que cada família também tem seus problemas, divergências e aquilo não acontecia somente com a família dela. Perguntei se sua mãe já estava doente e como tinha acontecido tudo. Ela disse que há mais de uma semana a sua mãe estava gravemente hospitalizada na capital e que melhorava e piorava, seria necessário fazer uma cirurgia, mas não tinha sido feita ainda porque ela se encontrava muito debilitada e que poderia vir a falecer durante a intervenção cirúrgica. Disse que a mesma tinha problemas cardíacos desde criança e que nunca se cuidou. Estranhei o fato de sua mãe se encontrar gravemente doente há mais de uma semana por não ter sabido nem percebido nada de diferente no comportamento da Juliana, uma vez que estivemos juntos por vários momentos e que, inclusive, havia se apresentado dois dias antes numa performance num evento do colégio. Ela me disse que quando estava na aula de teatro se sentia bem e que não iria adiantar ficar em casa esperando uma má notícia, de nada iria adiantar. Mas que, no Colégio algumas pessoas sabiam do que estava acontecendo e que inclusive durante as aulas tinha tido uma crise nervosa na sala de aula. Nessa hora senti-me um péssimo pesquisador, pois não tinha tomado conhecimento de nada anteriormente. Perguntei se sua mãe já tinha ido ao médico alguma vez fazer um “checape” ou se sentia algo diferente. Para minha surpresa me disse que ela nunca tinha ido a um médico, que nunca precisou e que nunca ficou seriamente doente, só gripes, resfriados e pequenas viroses. De repente alguém a chamou para dentro de sua casa para fazer alguma coisa. Eu a abracei de novo e disse mais uma vez que ela era uma menina muito especial e que gostaria muito de ser além de professor, seu amigo. Disse ainda que se precisasse de alguma coisa estaria à disposição. Apertei suas duas mãos com as minhas e disse-lhe: "Força minha linda! Não pense que está sozinha. Existem pessoas que se importam com você, sim, e eu sou uma delas." Vi tombar dos seus olhos uma lágrima e de sua boca um emocionado "obrigado". Meu amigo que, também é da família, pegou-me pelo braço e me levou até a cozinha para tomar um caldo. A cozinha estava cheia de gente e todos tomavam seus caldos em copos descartáveis e conversavam alto. Na mesa havia dois panelões cheios de caldo. Ainda com o copo na mão, fui levado ao encontro da irmã da Juliana que estava numa casa ao lado, também da família, onde funcionava uma oficina do marido da D. Belmira, avô da Juliana, já falecido há dezesseis anos. Comovi-me ao encontrar com a irmã, que me pareceu frágil, indefesa e imensamente abalada como o acontecido. Juliana estava ao seu lado dando-lhe carinho, enquanto uma senhora

dava-lhe caldo numa colher. Abracei a menina e disse-lhe que ela não se preocupasse com nada. Identifiquei-me dizendo quem eu era, beijei sua testa, apertei mais uma vez a mão da Juliana. Deixei meu telefone, caso precisassem de alguma coisa e fui embora. Ao chegar a casa, tomei banho e deitei-me olhando para o teto do meu quarto. Não parava de pensar em tudo que tinha acontecido. Sentia-me triste por tudo, ao mesmo tempo alegre por já ter iniciado a minha pesquisa etnográfica e talvez um pouco culpado por achar que estava me aproveitando de um momento como aquele para me beneficiar através da pesquisa e adormeci.

QUARTO ENCONTRO DE TERAPIA CULTURAL EM CÍRCULOS DE LETRAMENTOS

Rodolfo – É sempre uma alegria para mim, estar com vocês nos nossos encontros. Portanto, sejam bem vindos mais uma vez. Bom, então iniciaremos o nosso quarto encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Quero lembrar-lhes da falta de nosso colega João Marcos, ele nos deixou, por escrito, uma carta se desculpando, inclusive, hoje seria a apresentação dele, com sua aluna, mas houve uma situação de morte em sua família, uma pessoa muito ligada a ele e precisaria dar o apoio neste momento. A família já está na capital e o enterro vai ser lá mesmo, por isso a impossibilidade de sua presença aqui hoje. O seu material já está todo pronto. O mais importante é vermos a fotografia ou recorte do contexto pesquisado, onde o professor captou, a fala que vem junto desse recorte ou desse “parêntese cultural” pelas lentes do professor. Enfim, eu penso que temos um tempo suficiente para que as nossas duas colegas Sofia e Lena, não necessariamente nessa ordem. Decidam quem é que quer apresentar por primeiro. Só lembrando: foi pedido para vocês que, dentre as fotografias tiradas, que são vinte e sete, vocês fizessem uma escolha a partir, claro, do que mais tocou, emocionou vocês nesse trabalho e incentivaram a exposição daquelas realidades vividas como pesquisadora ou pesquisador etnógrafo. Agora, quem for apresentar, faça seus comentários a partir da fotografia, do contexto registrado, e depois o grupo faz suas observações ou outras reflexões.

Sofia – Eu posso ser a primeira. As fotos que eu trouxe só foram aproveitadas quinze e dessas quinze ainda fiz a escolha de algumas, as fotos são bem simples, eu digo que realmente são um retrato de Pedro, pois ele é bastante simples. Retratam três momentos de sua casa, da igreja e da escola. Depois que eu fiz as fotos eu até perguntei a ele se as fotos tinham alguns outros momentos que ele gostaria de ser fotografado, porque não tem nenhum momento de diversão na praia, na praça; e ele disse que não, pois ele não tem esses momentos, na verdade a sua vida se resume a escola, a igreja e a casa. Portanto, as fotos são somente nesses lugares. Agora, antes de começar, tem algumas fotos que eu não sabia manusear e não foi possível registrar, que não estão aqui, mas gostaria muito que estivessem. Uma, era em frente à casa dele, onde a sua avó estava na porta, ele diz que é muito

importante a avó e a casa; e outra era o quintal: o lugar da casa dele que mais gosta, tem muita árvore e ele gosta muito da natureza, do verde. E existe uma outra que ele queria estar com toda a família, mas somente aparecem fragmentos da família. Essa daí (a foto) é Pedro como ele é: simples, não se preparou, não está com nenhuma roupa especial, ele já sabia que eu ia lá fotografar, preferiu estar assim. Você está vendo que ele tem a blusa da igreja que é uma coisa que ele valoriza muito, e ele está na mão com um objeto de arte que foi feito por ele. Ele gosta muito de fazer isso, quando ele não faz com papel reciclado, faz com jornal aqueles canudinhos de jornais. Tem muitos trabalhos assim: porta-retrato, caixinhas, se não me engano para apresentar no Show Cultural (projeto pedagógico que objetiva o aluno a conhecer as culturas populares locais, regionais, nacionais e internacionais). Depois daquela foto que eu tirei ele pediu para tirar uma foto com a mãe dele. Eu acho que ele queria tirar somente com a mãe, mas nesse momento o irmão estava chegando do Colégio e aí ficou no meio. Nós conversamos depois a respeito de cada foto. Segundo ele, sua mãe é seu porto seguro, a mãe e a irmã são as pessoas mais importantes de sua vida. Sua mãe tem muito orgulho do filho, valoriza-o muito, é tudo para ela. Nesta foto, ele está com a família, só falta a sua mãe. Ele disse que essa foto é o complemento de sua família: sua irmã, seu irmão e seu pai são complementos de sua felicidade e são seus melhores amigos. A próxima foto é ele e o irmão, mas ele diz que é seu amigo; não têm amigos na rua, não foi criado na rua. O seu irmão é seu verdadeiro amigo e companheiro de brincadeiras e o irmão, por sua vez, disse que ensina muita coisa, principalmente nas tarefas. Pedro valoriza família, sua família não é só mãe, pai, irmão, filho, é toda uma extensão de primos, avós, pois são muito importantes. Agora são fotos na Igreja e isso aí é o coral onde ele canta, se sente realmente valorizado. Por ser tímido, as pessoas não valorizam essa timidez, conversam ou saem. Ele se sente valorizado porque está mostrando serviço, mostra que é importante. Dentro daquele coral tem um grupo musical e ele é vocalista, canta. Mas não foi possível tirar foto porque no dia que ele estava cantando, eu estava na aula e eu ia tirar com seu grupo, ele cantando. Seus amigos da Igreja, eles realmente são considerados amigos, os irmãos dele. Ele escolheu tirar essa foto com esse menino porque para ele é muito importante. Sobre a escola, ele disse que não tem amigos só tem colegas. Tirou fotos com as pessoas que se identificam na escola e que poderiam se tornar amigos dele, aí eu perguntei: “por que você quis tirar com a Luanna?” Ele respondeu que já

conhecia, estudou no Colégio Mickey com ela, é uma pessoa que faz parte da história de sua vida, e quando chegou ao Colégio Cristão do Nordeste, ficou muito feliz por tê-la encontrado, já eram amigos de outro colégio.

Rodolfo – Você quer fazer mais algum comentário, Sofia?

Sofia – Eu gostaria de falar na importância que eu vi em Pedro, em relação à família, da união, que ele valoriza muito, um menino fechado. Impressionei-me, pois todo menino da idade dele gosta de lazer e diferentes formas de viver na rua. Perguntei: “Pedro, você não tem nenhum animal de estimação que quisesse fotografar?” Disse-me: “Lá em casa no quintal tem alguns animais, peba, mas é do meu pai”. Não é dele, chamou-me a atenção sua a simplicidade, por ser jovem. É muito fechado na escola, em casa, na Igreja e não tem outra parte de diversão.

Rodolfo – Sofia, quais sentimentos vieram em você como pesquisadora co-etnógrafa? Como foi recordar essas cenas vividas pelo aluno?

Sofia – Sentimentos são muitos: de angústia, de medo, de vontade de acertar. Às vezes quando eu estava fotografando, dizia: “meu Deus, é isso mesmo que eu quero retratar?” Eu disse isso levando em consideração o pouco tempo que tive para trabalhar, querer aquele momento de fotografia. Mas a cada fotografia que eu fazia de Pedro, me identifiquei muito, pela simplicidade, pela timidez. Eu também era tímida, ainda sou tímida, e eu sei que muitas vezes ele sofre por causa disso, de não estar aproveitando, por se sentir discriminado. Ele pode não mostrar aquilo que ele é na escola, não se achar valorizado, talvez o professor não veja ele de alguma forma. Ele não pergunta, ele não participa, mas sabe que tem potencial, se sente desprezado, não se sente valorizado pela timidez. A gente sofre muito. Mas com o tempo, você vai superando e eu sei que ele vai ter caminhos muito bonitos a trilhar. Ele é um aluno muito bom, é disciplinado, acredito que a família tem influenciado muito no seu jeito de ser, pelo apoio, pela preocupação do pai, não ser bem sucedido e às vezes o pai entra em depressão por não ter emprego, foram momentos que a gente vai fotografando e vai se identificando, se colocando no lugar dele. Se eu tivesse a idade dele seria assim como me sentiria também em diversos momentos. Achei importante a parte da avó que ele queria muito que saísse na fotografia. Depois eu até tentei com a máquina digital, mas não foi possível e ele se sente muito bem ao lado da mãe. Tudo que a mãe passa para ele foi reflexo da avó, que é tudo para ele, uma segunda mãe.

Rodolfo – Estou lembrando que a sua pesquisa, o seu olhar de etnógrafa pode ir mais longe. Pode continuar suas visitas de campo. Essas observações são também para todos, a pesquisa não acaba com as apresentações do contexto cultural do aluno. Alguém que tem máquina digital pode se sentir à vontade e continuar retratando e escrevendo sobre a realidade desse aluno. Mas, Sofia, o que você observou no ambiente de sua pesquisa?

Sofia – A casa dele é bem simples, é de tijolo, está pintadinha, tem uma garagem, não sei se é alguém da família dele. É uma rua tranqüila, uma rua que ele gosta, é uma rua mais de velhos; mas é simpática, uma casa simples, humilde, aconchegante e o quintal é bem cuidado, tem muita planta, diversidade de plantas. Ele vai para lá, faz meditação, se sente muito bem no quintal de sua casa. Perguntei qual o lugar que ele mais gosta de sua casa e ele disse que era o quintal.

Rodolfo – Queridos professores, o que estas imagens nos fazem lembrar, sentir e pensar?

Lena – Ele é realmente esse menino que percebi, que se coloca na sala. Pedro realmente participa da aula, mas ele tem uma participação silenciosa, não expõe idéias. Porém eu noto que o olhar dele acompanha tudo: ele sorri, ele está presente, mas expressa isso silenciosamente. Eu estava trabalhando determinado conteúdo e pedi que eles trouxessem uma pesquisa, levantamento de dados, suas conseqüências e também pedi o aspecto do artesanato, para demonstrar o que significa, que gastos envolvem o artesão. Então ele trouxe seu próprio artesanato. E foi interessante, porque a classe ficou fascinada com essas caixinhas que ele produz com canudinhos de revistas. Ele teve todo o prazer de dizer o que isso significava para ele, que materiais ele faz, todo o processo, toda seriedade em realizar. Nessa hora ele se distanciou dos colegas como mais um aluno caladinho e demonstrou ser um certo artesão, enquanto os outros traziam artesanato que não tinham significado, como: uma toalhinha de crochê que nem sabia como era feito o processo. No entanto, ele trouxe sua própria obra.

Teresa – Você acha que ele é feliz? Ele tem uma religiosidade fortíssima, eu não sei até que ponto ele se parece comigo e fico me colocando no lugar dele. Ele é cheio de potencial, mas por um lado tem medo. Será que a Igreja é o seu refúgio?

Sofia – Ele é evangélico desde o nascimento.

John – Porque na Igreja, ele canta, dança. Já no Colégio Cristão do Nordeste, ele tem um bloqueio.

Mélore – Dos três, eu percebo que ele tem um potencial, ele só participa se você convidar. Eu já percebi, principalmente no timbre de sua voz, sua dicção.

Jaque – Eu conheci Pedro quando eu trabalhava na Escola Piu-Piu, trabalhei com a irmã dele também. Agora é que Pedro está falando na sala, mas quando estudava comigo no Piu-Piu, ele era aquela criança de não falar nada, apenas presente. Agora, em minhas aulas quando ele fala, todos aplaudem. Essa semana nós estávamos trabalhando um determinado conteúdo, eu fazia assim: os meninos liam, as meninas partilhavam. Ele participou, levantou o braço, mesmo com a timidez que ele tem, e os outros alunos fazem questão de aplaudir, porque quando ele fala, partilha a palavra, ele fala de uma forma com autoridade. Porque a gente nota quando é uma coisa séria e quando é brincadeira e quando é de admiração. Quando ele fala, todo mundo vira, fica olhando, porque ele fala de uma forma simples, que mexe com a gente, mexe comigo. Admiro muito isso nele, ele ajuda aos colegas.

Neet – A questão da valorização é muito forte, ele deve se sentir bem na Igreja, então é muito melhor, mais fácil, falar alguma coisa na aula de sua religião do que em qualquer outra aula. Tem muito fervor a Deus, os pais ensinam aquela coisa toda. Ele demonstrou interesse em ser pastor?

Sofia – Não, ele não comentou, e sinceramente, eu não perguntei. Ele gosta muito de estar na Igreja, mas não comentou.

Rodolfo – Talvez seja um bom lugar para você fazer uma observação e não perguntar. Uma sugestão seria você ir ao culto com ele. E até mais curioso do que você fazer uma pergunta, pois a sua presença no local, de perceber, de observar, seria uma experiência muito rica. Mas, eu vou retomar uma fala de Jaque, quando ela disse mais ou menos assim: “quando ele fala, me veio àquela dimensão da autoridade, isso mexe comigo”. O que mexe com você quando ele fala?

Jaque – Eu me lembro que uma vez quando o Edu estava aqui, ele me disse uma frase que me tocou muito “que a gente possa falar e que as nossas palavras não sejam levadas pelo vento”. Então eu guardei isso para mim, nessa missão de educadora, de jovem, de formação em compartilhar palavras de amor na nossa vida que isso possa tocar; que isso possa chegar um pouquinho no coração de cada um, seja das crianças ou dos maiores. E quando Pedro fala e outras pessoas que eu admiro, toca de uma forma: assim, como se fosse o próprio Jesus falando de uma forma tranqüila, de uma forma sábia, que ele realmente sabe o que está falando,

como está entendendo. A gente faz uma partilha, que Jesus quis dizer para gente nessa palavra, fazendo com que os frutos saiam dessa palavra.

Rodolfo – Mais alguma coisa para acrescentarmos?

Neet – A questão da arte... Quando Sofia falou que na casa dele tinha um bocado de coisas eu lembrei da criança que eu era, assistia “TV Colosso”, um bocado de cachorrinho de pano; à tarde, quando retornava da aula, eu rasgava a roupa de mamãe, dos meus irmãos, pegava agulha e linha e começava a costurar os mesmos cachorrinhos. Eu obrigava a fazer os convites das festas, pegava os meus primos e fazia os convites. À noite, os velhinhos com suas cadeiras, sentados na calçada, cantávamos em inglês, em espanhol, fazia toda aquela festa. Às vezes a gente julga pela religião, mas a arte é uma forma de refúgio, de você querer expressar uma coisa que você não consegue expressar em palavras. Para eu usar aqueles fantoches e dizer aquelas coisas era muito mais fácil do que realmente abrir a boca e falar. Me fez bem lembrar esse momento.

Sofia – Às vezes quando está na sala de aula ele sorri, ele se comunica com a gente, através da expressão do rosto.

Neet – Agora, Sofia, ele administra muito bem os conteúdos em sala de aula, ele tira notas boas, ele não fala. Eu ensinei a ele ano passado e as notas dele eram muito boas, ele não perguntava nada, mas os trabalhos dele eram muito bons.

Lena – Em minha opinião ele não é muito isolamento, Pedro é um menino sereno, posso dizer adulto. Ele olha os colegas com olhar condescendente, até com o pensar. São crianças que desconhecem o mundo. Até perdoar a falha do outro, ele é responsável.

Rodolfo – Mais alguém quer falar alguma coisa, para fechar este parêntese cultural de Pedro? (Um breve silêncio) Obrigado! Vamos bater palmas (risos) para nossa colega Sofia.

Lena – Enquanto eu lia o texto-sentido pensei em fazer as seqüências de fotos: essa é Diana Soares da Penha, residente em uma pequena cidade, aluna do Ensino Médio, no Colégio Cristão do Nordeste. Como vocês vêem, jovem e sorridente. Criativa, ela sonha alto, sem limites. Para ela a vida é uma aventura que só é limitada pelo controle da tia. Essa fala eu resumo sobre vários fragmentos de diálogo. Seus pais a deixaram ainda bebê, com a avó e a tia, para que tentassem melhores oportunidades no Sudeste, na cidade grande. Essa foto foi feita no quintal da casa dela. A tia solteira, professora, rígida e moralista. A avó doente em

decorrência da poliomielite vive presa à realidade de sua casa. Acompanhar Diana é estar exposto a contínuos impactos em seus valores, pois ela tem um modo de portar-se diante dos meus valores como irresponsável. Vejo-a até como descomprometida com as responsabilidades. Como é que isso vai me impactar? A gente vai vendo no decorrer do texto. Porque eu, Lena, fui orientada, desde cedo, a ter uma atitude de compromisso com a vida. Eu levo a vida a sério demais. Primeiro a tarefa, depois a brincadeira. Os próprios compromissos diários, a dor e a preocupação de meus pais, principalmente de minha mãe, fizeram-me precocemente consciente de que não podia relaxar ou falhar diante deles. Vocês vão entender o porquê quando falar do item família. Nessa atitude irreverente dela, vocês vão entender esse “sorrisão”, esse sorriso de menina levada. É interessante como eu cheguei lá. “Oh! Lena, olha logo, me dá um beijo”. Isso me surpreendeu. Eu chego como uma profissional, a pessoa, a amiga, mas ela chega assim e quebra já essa barreira, abraçando, brincando. Então me pega pela mão, me arrasta para o quintal. Outra coisa também: eu selecionei essa foto e vocês observem também o jeito que ela está vestida naquele último encontro. A tia se preocupa muito com o jeito dela se vestir, quer vesti-la como criança. Aí vocês podem perceber a fala da tia, também não há muita diferença, pois eu encontrei, além dos impactos, muitas semelhanças, coisas surpreendentes. Nessa aproximação, eu percebi também trajetórias comuns. Diana foi adotada por uma escolha de familiares, como solução para um problema do momento. Ser educada por outros, era solução financeira pelo fato dos pais terem ido pra o Sudeste do Brasil e a solução foi feita pela própria avó e tia: “deixa Diana comigo, vocês vão e fica mais fácil”, ela passa a ser educada por outros e não pela família. Assim, como Diana, eu fui escolhida em casa, também para solucionar um problema e passei aos cuidados de uma irmã mais velha. Junto a minha irmã tive que ser educada, assimilar seus padrões morais. Junto a ela tive que ser consciente da responsabilidade de ser aquela que orienta as soluções dos problemas familiares. Então está aí, reforçada mais uma vez, a minha responsabilidade. Os próprios modos de vestir e lugar onde ela andava, era definido por sua tia. Eu passei por isso com minha irmã. Eu não a confrontei, eu tinha uma responsabilidade a seguir, não questionava, já que era minha irmã que estava cuidando de mim, me protegendo, eu fazia de tudo para segui-la. Nunca questionei por que usaria aquela roupa se não era do meu gosto. Lembro que vesti coisas em que eu me sentia até ridícula. E tinha vergonha desse pensamento, porque eu sabia

que eu estava sob a responsabilidade dela, sob o salário dela. Vim até trabalhar na casa dela e tudo. Na fala da Diana isso é que me causa impacto, pois a ouço falando de modo irreverente: “ah! eu tenho que usar isso, ela bota essas coisas bregas, arcaicas para vestir, eu não quero isso”. Então, a forma como eu fui educada nesse contexto foram o que é adequado para uma moça de família e o que não é adequado. Essa mesma orientação ela recebe da tia, não vestir roupa curta, não vestir biquíni curto. Pergunto-lhe: “por que tu queres vestir isso?” Ela responde: “Por que é mais legal?” Assim, eu vou conhecendo Diana e também comecei a me confrontar como fui criada. Essa questão do modo de ser, de vestir. Enquanto eu fui criada com os mesmos valores de minha mãe, ela está sendo criada por uma tia que também tem valores semelhantes, que também quer colocar esse jeito de ser e de dizer o que é adequado ou não para uma “moça de família”. E ainda hoje se usa essa expressão. A tia expressou que temia a forma como sua sobrinha se portava, tão diferente da forma como ela mesma fora educada: “a maior preocupação é que ela quer ser educada de um jeito que eu não fui educada”. Enquanto Diana desafia e impõe as suas preferências em vestir-se, acompanhado a moda, eu ao contrário procurava não ser peso, submetia-me aos gostos de minha irmã e a respeitava. A casa de Diana é humilde, lembra raízes comuns. Meus avós também vieram do interior e ambos moravam em casa de taipa e levavam muito a sério a preocupação com o futuro. E, neste ambiente, o respeito e a obediência eram leis. Aquela educação tradicional que os pais falavam você devia respeitar e não questionava. A princípio eu até pensei que ela não se sentisse à vontade em mostrar sua casa a seus amigos, mas semana passada ela levou até colegas da sala para passar a semana lá. Sem nenhum problema convive muito bem com sua casa, com essa realidade. Aí é o espaço dela, que nenhum momento ela reclama do jeito de ser porque todas as casas são todas de alvenaria, casas elegantes. Ela ainda está no estilo que a avó e a tia podem dar de moradia. Chama-me também atenção por isso, lembra também minhas origens, fui educada em ambientes desse jeito, faz parte da minha realidade, nossos avós. Bom, aproveitando essa questão de residência, aí eu passo para o interior da casa e aí vocês observam que é simples. Esse é o espaço: duas redes armadas, o ambiente da casa que traduz a realidade de vida da avó no interior e que reflete ainda até hoje. Agora, interessante, é que não pude fotografar por conta da rotina de trabalho da tia e da minha também, não consegui pegar Marília em casa. “Vamos tirar fotos, não, senta aqui com vovó”, dizia Diana.

Apresentou-se carinhosa com a avó e eu não percebi essa relação de carinho entre as nossas conversas. Todos os momentos foram de desabafo, de frustração da avó, mas aí ela correu, sentou no colo da avó e não vi barreiras nessa foto. Essa cena de encontrar somente uma avó doente dentro de casa. relatei que ela tem coisas de brigar com a avó, de judiar com a avó na fala dela. Também me traz de como eu fui em termos de família, de certa forma eu senti nessa relação de preocupação. Só deixei de morar com os meus pais aos 14 anos de idade. Ela não teve esse direito de escolha que eu tive, ela não convive com seus dois irmãos. Ela sabe que tem foto, nem mesmo os conhece, fala com a mãe por telefone, não gosta de falar com o pai, fala por obrigação, pois não é significativo para ela. Pude perceber o quanto isso a afeta. Diana adotou uma família para ela e eu vim descobrir isso agora. De fato adotou a família, ela chama essa senhora que não me disse o nome de mãe: eu tenho que ir à casa de “Mainha”. No dia em que eu fui tirar as fotos, domingo pela manhã, ela disse que queria ir à casa de “Mainha, minha mãe”. Peguei a moto e fomos lá rápido. Não é na sede mesmo, é no interior. É uma família ampla: a avó, os tios, o Raimundinho, rapaz que já foi seu namorado. Então ela se sentia muito bem na família. Quando o namoro terminou ou o “fica” como ela chama, ela continuou fazendo parte desse ambiente. Ainda tem uma irmãzinha mais nova, de berço que ela beija, abraça, tem todo chamego. A “Mainha” tem por ela realmente um carinho de mãe. Botou bolo, refrigerante, me senti abraçada pelo calor dessa família. Entrar na vida de Diana me fez criar uma relação de vínculo com essa família, até já me convidaram para ir lá. É interessante perceber a necessidade dela buscar essa família. Mais um sentimento que me vem daquela menina que eu apresentei das outras vezes, que não poupa adjetivos para descrever as chatices da tia e as rabugices da avó, revela a vontade de estar inserida muito numa grande família. Isso me entristece, porque esta grande família a qual eu também pertença, são onze irmãos, muitos sobrinhos, sobrinhos-netos, primos em 1º, 2º e 3º graus, todos prontos a interferir nos problemas dos outros e adotá-los como seus e não há segredo nessa grande família. O que Diana sente falta, e que me vem à mente, é uma relação mais afetiva com uma família grande como a minha. Aprendi desde cedo a partilhar, dividir. Não existiam segredos e os nossos sentimentos eram comunitários, afloravam entre irmãos e irmãs e não dava para ter segredos. Aquela menina me permitiu perceber seu egoísmo: “não estou nem aí, tia. Me dá o dinheiro da Lan House!” Certo tipo de coisa que eu fui presenciando no convívio que eu

sempre falei, perguntas que tem me provocado. Diana indispõe-se, pois a própria tia a culpa pela grande responsabilidade em ter de criá-la, e ela teme a fase de adolescente no qual vive passando. Essa foto eu tirei na pracinha, à noite. Interessante que estava havendo um cerimonial grande na cidade, o bispo que é raro aparecer por lá, fazia um cerimonial de ordenação de Ministros de Eucaristia e a tia dela estava acabando de receber esse cargo. A cidade estava toda organizada, um ritual belo, senhoras na comunidade. Mas eu saí, escapei e fugi da missa também para ser a etnógrafa. Pensando eu que Diana estava na fila, assistindo a tia e aplaudindo, porém Diana estava lá atrás namorando. Em nenhum momento ela ficou constrangida, aí eu brinquei e disse: “peguei no flagra”. E ela disse: “oba! tira aqui a foto de um beijo”. O rapaz ficou meio constrangido. Observando a conduta de Diana, fotografando o beijo quando ela fez questão de ser fotografada, permitiu-me um olhar de certa inveja de tanta vitalidade e juventude, dessa coisa de estar solta e saber que eu tinha um compromisso. Dessa professora que fala continuamente de futuro. Eu sou essa professora, falando: “olha! Atenção! Olha o que vem aí”. Também me veio à tona o olhar da mulher que já foi flagrada pelas próprias experiências de vida. Quando eu deixei de ser assim: com essa irreverência de “ficar”; dos compromissos; de curtir um beijo tão misto e de ser pega e curtir às escondidas; essa jovialidade me provocou inveja, saudosismo e também do olhar da professora que foi flagrada pelas suas próprias experiências de vida. Naquele momento, o medo da tia de Diana tornou-se meu, me veio à mente esse questionamento: “até quando Diana vai ter seus limites, seus projetos? Até quando ela vai conseguir ficar livremente de perder-se, desvincular de adolescente, de mãe, de mulher? Será que ela vai dar passos em falso?” Escrevendo esse texto à luz dessas fotos, a palavra segurança que minha mãe tanto falava me veio à mente sempre preocupada com o futuro. Foi com segurança que minha mãe tinha, que sustentou onze filhos. Diana é livre da domesticação, da preocupação com o dia-a-dia, com o futuro. Esta liberdade de ser reflete suas rodas de amigos à noite na praça, ou no recreio do Colégio. Infelizmente eu tirei umas fotos, mas também não deram certo nesses espaços de rodas de amigo aqui na escola, acabei “deletando” a imagem, por ignorância de tecnologia mesmo. Mas a idéia exatamente era mostrar o recreio. Ela também está sempre com turmas, apesar de estar selecionando sempre os amigos dela, que é o Paulo e o Tomás. Tem o namorado que foi nosso aluno. No meu tempo e no da tia de Diana, uma moça não deveria estar andando com jovens

de brinco, essa coisa da convenção do jovem ser hoje. O padrão de jovem pelo olhar de educação que eu tive, não era para ser com esse aí, e sim para está na missa com os outros. Sim, eu estou colocando o que deveria ser e Diana está optando em ser ela mesma. Esses não estão na missa, nós também não estamos, a culpa é do Rodolfo, deveria estar na missa (risos). O interessante é que eu não tive direito a isso quando criança. Mais uma vez ela (Diana) me causa um impacto, pois esse prazer me foi cortado muito cedo. Numa família de agricultores, e nós somos trabalhadores agricultores, colhemos o fruto que nós plantamos. Essa responsabilidade diária de ter de conciliar estudo e campo, com colheita, de debulhar e no final disso, quando as safras não existiam e compensar a falta de safra com artesanato de palha, de ter que ficar sentada continuamente. Isso Diana não tem acesso. Para ela já tem alguém em campo, a tia e a aposentadoria da avó. Mas eu convivi na responsabilidade de produzir o meu próprio alimento. Numa família de agricultores, você paga com o que come do trabalho, não que isso seja uma imposição de fato, eu não considero isso exploração de trabalho infantil, mas também foi uma coisa de que me lembrei. Vamos ao lazer: as formas de lazer na Cidade Divina devem acontecer para ela sob o olhar atento da tia. Não pode ir ao centro sozinha, só se a tia deixar ou com alguém de responsabilidade. Ir a uma festa e por vezes vai, mas lá não pode dançar do jeito que ela gosta. Diana gosta daquelas danças sensuais que o pessoal dos bailes funks fazem, todos os trejeitos de sensualidade. Pedi permissão a tia e a levei ao rio, local que ela gosta, e fez pose de todo jeito que vocês podem imaginar. Essa é a minha pequena cidade. Quem quiser conhecer o ambiente, o Rio Mágico é magnífico. Ela começou a brincar de fazer pose, pose de todo jeito. Revela ser uma menina moleca. Ela ficou encarando o rio de um jeito tão especial, como se tivesse serenando, infelizmente eu não coloquei essa foto, mas gostei muito dela, porque também eu selecionei a questão do lazer. A história da pequena cidade é bem semelhante e o Rio Mágico também. Apesar de ser em água doce e aí está em água salgada. O rio para nós, como para minha mãe também, era o da obrigatoriedade, não era de lazer. Representava o padrão moral. Virgem Maria! Uma menina passar um dia de domingo na Cidade Divina, tomando banho de rio, naquela época, feria todas as convenções morais, era coisa de desocupado. A gente ia ao rio, sim, eu estava lá lavando roupa como no velho estilo de lavadeira mesmo, de trouxa na cabeça. Porém, não me lembro de sentimentos de vergonha - eu estava fazendo essa análise. Era aquele dia em que

mamãe dava trégua da gente ir à roça. E tinha que ir lá, eu nem me lembro dela dizer: “pode ficar na Cidade Divina que é o lazer de vocês”. Negócio de biquíni? Nem me lembro de ter comprado um, nós tínhamos aquele calção e camiseta de malha: “mergulha aí no intervalo para estender na corda”, dizia minha irmã. Chegava meio-dia, vestia a roupa bem rápido. Aquelas que estavam passeando eram as minhas colegas de sala de aula. Agora eu chegava, sentava e ia estudar, porque não sobrava tempo entre o lazer e o estudo. Vêm as reflexões e as reclamações de vida hoje, porque existem desde à infância. Estive preocupada em lutar pela sobrevivência ao lado de todos que tinham que fazê-la e ela (Diana) não tem essa responsabilidade. Ela, na sala de aula, não é muito presente, não consegue demonstrar preocupação com os estudos. Na escola, quer continuar buscando sua liberdade, porém não coloca energia no que faz, ela tem muita vitalidade, sei lá. Esses dias todos que eu saí com ela, me senti moleca mesmo, de sair, de brincar, bem diferente da minha rotina de casa: o marido, o filho, o trabalho, a responsabilidade. Então eu me permiti também ser um pouco moleca com Diana. Isto quebrou um pouco minha rotina. Ela não gosta dos limites da sala de aula. Nas relações de grupo, na Igreja, nos shows que a Igreja promove, na renovação carismática. Mas mesmo lá, apesar de cumprir todos os ritos. Ela acha enfadonho todos esses ritos. Está nas reuniões agora de crisma. Até me chamou para ser a sua madrinha de crisma. Enfim, ao acompanhar a rotina de Diana, ouvir seus sonhos, deparei-me com seu próprio cinismo. Essa coisa de ela querer ser artista de Hollywood... Eu queria poder evitar esse desastre na vida dela, queria que ela não se machucasse, ou machucasse alguém. Mas, contudo, sei que a vida só se vive experimentando, ela tem que experimentar, ela tem que arriscar, tem que sonhar, de recriar sonhos. E é preciso que a gente colha os frutos dessa aventura que é viver. E também, não dá para evitar que ela sofra. Eu me permiti ter certa inveja, talvez eu esteja colocando esse lado da mulher rebelde subentendido.

Rodolfo – Uma etnografia em pouco tempo, foram sentimentos que a transportaram para o texto-sentido. É bom prestarmos a atenção naquilo que nos faz lembrar enquanto estamos ouvindo, e nos faz pensar sobre essas realidades que nós observamos.

Neet – Lena falou muito sobre a questão: “eu não tive o direito de fazer também”. Eu fui observando que em sua fala, teve muito medo de ousar durante a sua juventude e quebrar certas regras. E a Diana faz! Mas você não quis ousar, talvez com medo

de magoar os pais. E assim eu fiquei lembrando de Rubem Alves, quando ele fala da adolescência como “aborrecência”, a partir da Diana. E você queria fazer, mas não o fez com medo de quebrar.

Lena – Talvez essa coisa para mim de inveja seja trabalhada, isso também é muito de passar por aquilo que é correto. “Grossa, lá vem a ignorante”, eu nem percebo o que eu faço.

Rodolfo – No entanto, essas pessoas têm, em nome de uma liberdade, ousadia, mas também podem olhar para os “politicamente correto”, com inveja de não conseguirem ser um adolescente “politicamente correto”. Cada um deve ter essa sensibilidade de etnógrafo, do cuidado em diferenciar suas vidas, sem se preocupar em fazer julgamentos do que é errado ou certo em nossos alunos colaboradores. Enfim, mas o que mais suscitou no grupo, o que me fez lembrar, o que me fez pensar enquanto...?

Neet – Desde os primeiros textos que Lena escreve a respeito dela mesma, eu fui lembrando das minhas aulas, no ano passado, com Diana. Achei a casa dela linda, a minha avó e as recordações de sua casa são as mais belas possíveis. Aquela janelinha onde eu ficava escrevendo, enquanto as pessoas ficavam na rua. Aquele monte de areia, ali que jogava bola com meus amigos. Então me deu uma certa saudade muito grande da casa da minha avó. Ela aparece mais feliz fora do ambiente familiar, ver essa nova família que ela construiu, do que dentro de sua própria casa. Fica muito confuso para mim, é difícil de você compreender.

John – Ano passado ela procurava mais os professores. Esse ano ela não procurou, ela não quer saber de estudo; tem capacidade de fazer amizade muito grande. Ela só tem dois amigos na sala, fica isolada, sai de sua carteira para falar com Manuel.

Lena – É uma menina muito “certinha, calminha, educada”.

Rodolfo – Eu só quero enfatizar para vocês: do que essas fotos querem nos dizer? O que nos faz lembrar, sentir ou pensar? Estamos falando do amigo, da amiga. Esquecendo o recorte cultural do texto visual. Os Spindler chamaram isso de “parênteses culturais”, a expressão da cultura trazida sob parênteses por vocês.

Irildênia – É interessante essa foto que parece um rosto de criança, vestido como criança, mas a atitude de mulher. A foto que ela está vestida agora é de mulher.

Sofia – Aí ela está com uma postura de mulher, é como se ela fosse mais carente, mais criança, mais necessitada. Tem uma hora que ela se solta, quer ser independente.

Lena – Expressa muito a avó dela em todos os momentos, ela é séria, fechada.

Jaque – O sentimento que ela passa é um sentimento de preocupação. A gente a percebe como criança e outras vezes como mulher. Eu tenho uma filha de dezessete anos e se ela tivesse esse jeito dela (Diana), esse tipo de comportamento, com certeza eu estaria muito preocupada, pois ela passa uma sensação de liberdade que não está em seu rosto. Quando está com os colegas, é uma fisionomia totalmente diferente. Esse sentimento de liberdade me assusta. Se fosse minha filha, com certeza, estaria muito preocupada.

John – Ela tem uma idéia padronizada fora da escola.

Rodolfo – Talvez John, ela não encontre significado na aula. Este ambiente fora da escola, falo como hipótese, mas que a nossa etnógrafa poderá constatar ou não, é o de sua liberdade. No entanto, a sala de aula não é para ela exercer a sua liberdade.

John – Ela tem vontade de crescer como pessoa. (Nesse momento, algumas pessoas conversam entre si).

Rodolfo – Deixem John continuar, por favor, pois John estava ajudando em nosso raciocínio.

John – Ela não fala com Lucíolo, ela fala só com João, ela não procura se envolver na sala, crescer como pessoa.

Rodolfo – Você não afirmou o contrário, antes?

Lena – A tia dela passou em frente lá em casa e perguntei se Diana estava doente: “como assim, ela não foi hoje?” Indagou-me.

Rodolfo – A coordenação do Colégio está sabendo disso? Porque mesmo que seja doença, o coordenador deverá saber.

Lena – A tia sai de casa, no momento em que ela sai...

Rodolfo – A Assistente Social deverá saber disso. O preocupante é que não posso interferir como diretor, já que sou pesquisador, neste momento.. Os papéis não devem se misturar, é complicado, embora diretor e pesquisador sejam a mesma pessoa.

Lena – A tia disse que ela estava fardada, veio na quinta-feira e ela saberia que no dia seguinte teria duas avaliações para nota.

Neet – A gente também precisa direcionar o nosso olhar para as afinidades. De repente ela não faz amizade com todo mundo, tem mais afinidade com aquele rapazinho do 2º ano, pois ele é muito comunicativo. Existem coisas nele que parece com ela. Se a gente olhar porque ela não está se soltando, de repente pode se

soltar com os três colegas. Na sala de aula, por exemplo, eu não fui muito de conversar, somente com os meus amigos e não me sentia uma pessoa calada.

Rodolfo - Quero lembrar, mais uma vez, que isso aqui não é Conselho de Classe. Vira e mexe isto está se misturando com a Terapia Cultural. Isso foi um recorte para ver justamente a ausência da colaboradora, da nossa etnógrafa. Eu vejo que Lena e Sofia apresentaram hoje e ficaram muitas pistas como pesquisadoras etnógrafas. Para vocês irem a campo fazer esse outro olhar etnográfico. Quero também lembrar que o etnógrafo ou etnógrafa, não tem o papel de julgar, pode até ser que eu sinta. É a observação para descrever a realidade sentida. Haverá talvez uma transformação como pessoa-profissional, porque eu não estou trazendo a profissional professora moralizante, digamos assim. Na fala de Lena: “eu me lembro da época que eu lavava minha roupa, a trouxa de roupa, na hora que fazia a colheita, na época em que a casa era muito grande e não tinha privacidade nenhuma”, essas coisas vão fazendo a gente se encontrar e se reencontrar consigo mesmo e aí a gente vai finalizando o texto-sentido fotográfico.

Isadora – Eu me lembro que sou a caçula. Depois de cinco anos do último filho, foi que minha mãe me teve. Não tive muitos amigos nem irmãos. Na minha adolescência mamãe já me permitia a ir para uma festa e se eu namorasse, ninguém contava. Não tinha “ficar”, era amor, embora as meninas soubessem. Aí tem a Mara, que minha mãe não permitia muito que ela saísse. Então ela pegava muito no meu pé. Será que não foi essa questão? A tia dela foi muito oprimida, eu me vi nesse sentido. No tempo de Isadora podia, mas o meu não podia pois o tempo é outro. Você tem que ter outra visão: o que não era permitido no meu tempo, quando a minha filha estiver adolescente, eu tenho que orientá-la. Eu não vou poder proibir, o tempo dela vai ser outro, e quem aqui não se permitiu fazer coisas proibidas na adolescência?

Rodolfo – Não só na adolescência, mas na vida toda. São interessantes essas reflexões, pois isso nos faz deslocar de um outro lugar e ver de um outro ângulo também. De não ser do lugar do professor, da professora, do responsável, do moralista, da moralista. Convidaria a todos para irmos à mesa e vamos fazer outra discussão. Eu gostaria que a gente retomasse a discussão do texto sobre etnografia (Branco, 2006). Onde estamos nos distanciando ou aproximando da etnografia? Eu acho importante cada vez mais nos apropriarmos do conteúdo etnográfico, pois vai nos dando mais qualidade no trabalho, em nossa pesquisa. Pelas falas que vocês

estão trazendo e da observação quando você vai junto com seu colaborador. O que vocês têm de dúvidas falem, pois a etnografia, como metodologia, é nova para mim e para vocês também. Se eu tiver dúvida, levarei para o meu orientador, nos acompanhamentos supervisionados.

Jaque – Uma perguntinha sobre o caso da Kakimik: a gente sabe que ela não é filha de D. Zilu, é filha da filha de D. Zilu, no caso, neta. Eu devo conversar com essa mãe biológica de Kakimik mesmo?

Rodolfo – A sua colaboradora permitiu isso ou não?

Jaque – Eu nunca conversei com ela sobre isso.

Rodolfo – Espontaneamente você vai aprofundando. A sugestão é que essa sua colaboradora permita entrar no assunto. Lembre-se de que você não tem o direito de fazer um questionário policial com a sua colaboradora (risos). Assim como já houve um convite para ela (Sofia) ir ao culto evangélico, por exemplo.

Jaque – Mas a D. Zilu não quer falar sobre a sua filha.

Rodolfo – Então respeite essa atitude dela. Aquilo que o nosso colaborador não permitir ser socializado com você, onde ele não abrir a sua porta você não pode forçar, já que não tem a chave, porque quem tem a chave é ele. Você só entra nos espaços que forem se abrindo para você.

Jaque – Eu não quero conversar com Kakimik sobre a sua mãe, sem que ela saiba, eu gostaria de conhecer as razões pelas quais ela entregou a filha para a mãe.

Rodolfo – Eu vou fazer uma pergunta a você: por que essa curiosidade, Jaque?

Jaque – Eu queria entender o porquê dela ter feito isso.

Rodolfo - Isso vai ajudar na pesquisa, esse detalhe vai ajudar a você entender o contexto cultural de sua colaboradora?

Jaque - Na minha opinião, tem relação com a pesquisa. Vai ajudar sim. Quem sabe se essa mãe não tem vontade...

Rodolfo – Você está levantando uma hipótese. Essa mesma colaboradora pode não querer fazer nenhuma ponte, nenhuma relação. Sugiro que centre mais essa pergunta: “porque eu estou curiosa em saber a relação dessa mãe com essa filha?” Vale enfatizar, também, que o pesquisador não deve ter a pretensão de mudar o ambiente introduzindo modificações nele. Isso caracterizaria uma pesquisa experimental, pois eventos, pessoas devem ser observados, fazer sua manifestação cultural. Por isso esse modelo de pesquisa, ser também conhecido com uma abordagem *naturalística*. Modifica alguma coisa no seu pensamento tudo que

emerge no natural. Por exemplo: o que Lena fez, uma missa muito bonita da ministra da Eucaristia. Quando, de repente, percebeu que a sua colaboradora não estava dentro do local previsível. Para onde ela foi? Para um outro local, se encontrar com o namorado. E ela (Lena) aproveitou essa fuga de sua colaboradora para acompanhar o que essa menina fazia. Porém, vocês perceberam a vontade de Lena em também fazer. E disse a menina: “Diana, você!” Essa é postura de uma etnógrafa?

Neet – Não, além de julgamento, houve a tentativa de mudar o ambiente, mudar a situação.

Rodolfo - Você poderia ter visto uma cena de sexo explícito. Se você não tivesse ido com essa carga moralista, teria visto uma situação natural para aquele contexto. O exercício do etnógrafo é extremamente delicado e provocador, porque tem que se despir. O que foi que eu disse no 1º dia? Que ficássemos nus...

Sofia – A minha sogra é evangélica e eu nunca fui lá. É uma resistência muito grande, pois eu nasci na igreja católica. Eu me desculpava dizendo que ia dar aula. Como é que eu vou? O que eu vou fazer? Como voltar é difícil, são coisas que a gente vai conhecendo aos poucos.

Lena – Uma pergunta da etnografia, em relação a sua objetividade.

Rodolfo – Ela é objetividade, porque traz o fato como ele é, sem nenhuma máscara. Ela mostra a realidade como ela é, embora traga elementos de subjetividade por parte de quem a interpreta, claro! Mas a descrição é objetiva.

Lena – Como pesquisador, é possível manter esse afastamento mesmo?

Rodolfo – A neutralidade na ciência não pode existir, como também fora dela. O recorte que a etnografia faz de reconstruir as culturas como elas são, quem faz a interpretação é aquele que está fazendo a leitura, pois se trouxéssemos fotografias de uma outra realidade, provavelmente teríamos uma outra reação da mesma leitura fotográfica e do que falaríamos, explicando essas fotografias. Portanto, depende muito do contexto, por isso que não existe uma cultura que seja melhor ou maior que outra. O que a etnografia traz é uma pluralidade de culturas e que, na verdade, somos uma colcha de retalhos, somos construídos com várias cores, em situações de vários contextos.

Lena – O que me impacienta nessa etnografia é a questão do tempo. Deixar-se estar, no sabor de estar dentro, de observar. Há um limite no tempo estabelecido.

Rodolfo – O que vocês sentiram quando leram o texto “*Fundamentos da Pesquisa Etnográfica*”?

Lena – De me inserir nele mais tempo?

Tereza – De aceitação, de tempo disponível.

Rodolfo – Quanto mais tempo você estiver no local, melhor. Porque você vai mergulhar no campo. Está na descrição e na indução, mas lembre que a pesquisa etnográfica busca a formulação de hipóteses, e foi o que Jaque trouxe agora há pouco. Ela cria uma hipótese “se eu falar com a mãe, pela necessidade que ela está sentindo”. Conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem, aqui está a grande diferença.

Lena – Aquele encontro que houve, “Será que ela está falando a verdade?”

Rodolfo – São hipóteses que você cria.

Sofia – O foco está em descobrir novos conceitos, novas relações, nova forma de entendimento e compreensão da realidade.

Rodolfo – Quanto mais vocês tiverem em campo, observando, descrevendo, construindo novas hipóteses, mais terão compreensão da realidade e criam novas hipóteses. Eu tenho certeza que uma leitura de uma ficha de escola de um aluno ou aluna que vocês fizeram na visitação de campo, hoje já tem um outro cabedal de informações e de visões. À medida que forem entrando mais no campo, melhor será.

Neet – Você não muda a rotina da pessoa, é a rotina da pessoa que muda você. Mas acaba mudando a rotina. Então, de certa forma, a pesquisa etnográfica está modificando muito o pesquisador. Porque vai ter situações, sobre a qual Lena refletiu há pouco, em que a coisa para ela não é com o pesquisador, porém, acaba se modificando muito com esse processo. Pode abrir uma pesquisa para vida inteira, porque descobrimos coisas que nos modificam sempre.

Rodolfo – Se um pesquisador não quiser se implicar numa pesquisa, não invente de entrar numa etnografia. Agora, querendo se conhecer profundamente, mudar também seus pontos de vista, gostar de mudanças, de se deslocar no tempo, faça uma pesquisa do tipo etnográfico.

Neet – Rodolfo, eu morei dois anos no Rio dos Peixes e quando eu fui para lá eu fazia um trabalho social, o objetivo era visitar as famílias, conversar sobre seus problemas, ajudar a comunidade. Como a comunidade modifica o espaço! Agora que me bateu, quando você falou sobre isso. De certa forma estava fazendo uma pesquisa etnográfica sem ser terapia. Via a realidade das famílias, falavam isso, falavam aquilo. E muitas coisas eu trouxe para minha vida até hoje. Então, de

repente, a gente está fazendo isso como no nosso dia a dia, mas a gente não nota o que está fazendo, que está pesquisando, de certa forma.

Rodolfo – Eu vou dar a vocês um texto científico de um pesquisador da Bahia (Goldman, 2003). Ele fez um trabalho etnográfico sobre Candomblé e como aquilo modificou sua vida através da pesquisa, ele fez uma imersão naquela realidade. Aprendemos, também, nesses momentos quando lemos textos etnográficos. Como é que isso me implica ou não? Também abro o espaço aqui para nós avaliarmos os encontros, pois nós estamos no quarto encontro de Terapia Cultural, a metade da proposta de oito encontros, e quais são os nossos temores também? As nossas facilidades e dificuldades para avaliarmos um pouco.

John – A minha dificuldade foi encontrar a casa de Maria, e a mãe dela estar deitada na rede. Eu fiquei assim... Deixei à vontade, fiquei um pouco incomodado. Fazia uma pergunta e ela nem ligava. Uma pesquisa de campo dessa eu não posso interferir, eu não gostei.

Rodolfo – Em que sentido você quis interferir, John?

John – Eu não me senti à vontade, por isso eu queria uma sugestão. Eu não me senti à vontade pelos vizinhos, não tinha onde sentar.

Rodolfo – Sentiu necessidade de sentar?

John – Eu cheguei, dei boa noite! Mas ela estava fria...

Rodolfo - Nesses casos quanto mais naturais e quanto mais se fizerem daquele ambiente melhor. Porque, veja bem, natural que eu digo é o seguinte: não esperem que as mães sirvam café, preparem a casa, arrumem-se e estejam com as portas abertas. Isso também é um contexto, também é um recorte cultural do brasileiro. O que nós chamamos de má educação, o que nós chamamos de hospitalidade, então, isso também é cultura, pela qual você, porventura, foi contemplado. Eu digo isso porque é extremamente desafiador, entre eu ter as portas todas escancaradas com tudo que há de “bom”, o melhor para mim, como se fosse o “rei da cocada” e eu ter todas as portas fechadas, demonstração de resistências. Isso vai me deslocar muito como pesquisador e buscar novas estratégias. É a mesma coisa de vocês em sala de aula. Prepararem a melhor aula do mundo. Entra em cena o aluno resistente. Suponho que vocês buscam outras estratégias com muito suor, com muito trabalho, para poder penetrar nesse cenário. Digo-lhes que tenham paciência, tragam, descubram a forma mais próxima possível, evitem falar de pesquisa, de registros, porque isso inibe quem está resistente. Faça aquilo que o professor Bem Te Vi fez:

passou uma semana em frente a uma loja de bijuterias e todo dia dizia para si mesmo: “é a mesma coisa.” De repente começou a perceber que os homens entravam e saíam mais rápido que as mulheres; que não eram só as mulheres que entravam na loja. Depois ele descobriu que os homens passavam a experimentar os adereços. Então não “era a mesma coisa”, pela observação podemos descobrir muitas coisas.

Rita – Por exemplo, eu estou passando por esse mesmo problema e nessa semana a mãe da Ana chegou e me convidou a ir a sua casa. Isso foi um alívio, porque eu estava angustiada. Eu cheguei a visitar Ana só na casa da avó e essa semana foi uma surpresa. Ela convidou para ir a sua casa e eu fiquei muito feliz.

Rodolfo – Provavelmente você não vai fazer perguntas ou muitos “porquês”, deixar fluir mais essa conversa, naturalmente sem gravar, sem escrever à sua frente, para que essa colaboradora não fuja.

Árvore – Depois dos dois últimos encontros, foi uma batalha, um conflito comigo mesmo, e disse: “pronto, agora a pesquisa acabou e eu tenho que me identificar com o Condor. Ficava procurando: “meu Deus, quanto é difícil você falar de si mesmo!” O meu “eu” dizia pra não fugir. “Você tem alguma coisa, procure-se dentro do Condor”. Eu não iria procurar um defeito, mas uma coisa boa do Condor. E aí eu fiquei num verdadeiro conflito e não consegui escrever nada. Só hoje, que eu cheguei em casa e conseguir escrever alguma coisa. Mas o verdadeiro conflito com o meu “eu”, alguma janela do meu psíquico: “não, não fuja de você, pois você tem esse lado agressivo do Condor, você tem que se descobrir no Condor, isso está lhe causando uma angústia danada.”

Lena – Eu não saí com essa impressão. Quando eu disse “procure”, me veio sentimentos de simpatia ou empatia. Se eu não encontrar, o semelhante é um oposto, eu estou precisando disso, algo desafiante. Eu me lembro que a Sofia disse essa mesma coisa. Eu estou precisando de algo assim na minha vida. Daí não escolher uma pessoa semelhante a mim. Seria muito monótono eu estar descrevendo uma pessoa igual a mim.

Rodolfo – Não é intuito da etnografia, como pesquisador, se identificar, de ser um igual, isso é muito importante também. Eu estou convivendo com, mas eu não sou um igual. Agora, isso mexe naturalmente com os meus sentimentos, porque a Terapia Cultural vai tratar dessas questões culturais que me afetam e aí talvez esteja o grande mérito como educador. Cada vez mais eu vou vendo aquele lugar sensível

da cultura do meu aluno. Eu consigo me ver como um ser cultural também, percebo que aquelas fragilidades também são minhas que não estão distantes de mim. Carl Rogers numa de suas grandes falas para os educadores ele disse mais ou menos assim: “na escola, quem usa muitas máscaras são os professores e quando as máscaras começam a cair, o aluno ou aluna começa a perceber quem é o professor autêntico”. Começa, assim, uma relação de confiança, porque eu começo a ver no outro autenticidade e congruência. Que é eu ser aquilo que eu sou, testemunha daquilo que eu faço; daquilo em que eu acredito; que eu exponho, que realizo. Isso é autenticidade. O ser autêntico é cada vez mais anestesiado pelo mundo, hoje. Quanto mais máscaras, quanto mais eu me esconder, melhor, nessa lógica. Vejam que nós estamos resgatando uma escola e uma educação que seja autêntica, seja humanizadora. Como educadores, se não formos isso, nós não estamos ajudando ao aluno ser gente também, nós estamos inventando, e só educamos com o exemplo: o nosso.

Isadora – O que mais me deixou assim, quando comecei a fazer esse trabalho, foi perceber além da escolhida. Outros também precisariam desse olhar mais perto, e às vezes eu quero fazer tudo ao mesmo tempo e não posso. Isso está me ajudando a ver a aluna que eu achava dispersa, olhava o outro lado. Com essa visão que eu estou tendo de A para B. A mãe dela me disse: “Você vai trazer uma solução já para o problema da minha filha que é o caso da total ausência do pai. Mesmo separado, ele deve saber que a filha necessita da presença dele”. Ele mora perto da casa, mas não vai visitá-la, nem nos momentos especiais. Se eu tentar intervir para que esse pai venha entrar em contato com a filha, já entra um outro conflito que é a mulher que ele convive agora. Então, tenho que me afastar. Aí vem a questão da mãe que está na expectativa de que você vai trazer uma solução, que é a aproximação: “a minha filha vai parar com aqueles momentos de melancolia, de choro”, eu estou entre a cruz e a espada. O que eu faço?

Rodolfo – Você vai ajudar como professora, na sala de aula. Esse vai ser o seu grande mérito, a pesquisadora aqui, vai interferir na professora lá. Têm papéis que são de professora, outros da mãe. Você não vai ser a mãe, nem está substituindo essa mãe e nem suprimindo uma expectativa dela, pois a pesquisadora não vai salvar o mundo. Esse não é o nosso papel. Então eles é que vão dizer se vão querer ou não. Se existem outras dificuldades que porventura vocês queiram expor, esse é o

momento. Dificuldades ou facilidades que a gente está encontrando no percurso até agora.

Neet – Para mim está sendo muito fácil e muito bom fazer esse tipo de pesquisa. Pude retornar a casa de meu colaborador, assistimos filmes, começamos a conversar. Imediatamente eu lembrei das fotografias e disse assim: “Pierrô, vamos fazer aqui uma lista dos lugares que marcaram você, que o deixou triste ou muito feliz?” E a gente começou a fazer essa lista de lugares e aí ele foi falando dos pontos, e a gente foi conversando e até me emocionou em muitos pontos. E mais um vez eu tenho consciência que muita coisa da vida dele parece com a minha. Eu fiz uma relação de lugares que ele se prontificou comigo da gente ir para esses lugares e fotografar. Eu estou ansioso para conhecer esses lugares, porque todos eles estão nas proximidades onde eu morava também. Ele morou de um lado bem próximo a mim, mas eu nunca tive oportunidade de ver.

Rodolfo – Deixe todas as falas dessa experiência que você vai vendo, para relatar depois, pois quando chegarem as fotografias, você fará uma releitura do que você registrou. A novidade daquilo que você experienciou.

Neet – Na verdade eu estou bem ansioso em conhecer.

Rodolfo – Reticências... Vão descrevendo sobre esses sentimentos.

Neet – Eu notei que o Pierrô tem muita dificuldade em expressar o sentimento dele com relação a necessidades materiais em casa. Às vezes ele começa a falar alguma coisa e pára no meio da conversa e começa um novo assunto. Como se quisesse fugir daquele momento.

Rodolfo – Onde as pessoas fecharem as portas, nós não podemos invadir, nós não somos terapeutas clínicos, lembrem-se disso: elas vão continuar fechando, porque não é o nosso papel estar abrindo portas de ninguém. Vamos imaginar que continuem indo para a casa daquela pessoa que não estão conseguindo abrir. No caso do John, continue fazendo a etnografia com todas essas limitações, ficando em pé na porta da casa, até a pessoa dizer: “chega! Você não percebeu que eu não quero fazer mais isso”.

Lena – A minha colaboradora não tem dimensão do que está sendo feito. Ela está se sentindo estrela, foi brincar de fazer isso.

Mélore – O meu, eu fui dizer que ia tirar as fotos, ele disse: “se for para ficar no Colégio Cristão do Nordeste eu não autorizo”. Não vai ficar no Colégio, disse-lhe. “Então, pode tirar quantas quiser.”

Rodolfo - Tenham o cuidado de fotografar o mais natural possível. Então sempre ande com a câmera à mão. Não marquem dias para fotografar. Isso cria certa artificialidade. Se vocês estão imersos no ambiente e surgirem oportunidades com os seus colaboradores, fotografem, registrem e tentem escrever as descrições desse ambiente depois.

John – Eu poderia tira fotos em sala de aula?

Rodolfo – Pode. Só não seria interessante tirar em todos os momentos, focando seu colaborador. Você não pode criar um ambiente artificial.

Lena – Eu estou esses dias com a máquina e nunca me preocupei em tirar fotos da sala de aula, pois já faz 12 anos que trabalho aqui e nunca fiz isso. Vai causar admiração.

Rodolfo – Nesse congresso que houve em Salvador (II Congresso Internacional de Pesquisa [Auto]biográfica), os relatos, as belezas dessas histórias de vida de educadores, com sua formação centrada em si a partir do outro, suas experiências de vida. Isso é uma coisa fenomenal! Se soubéssemos como é importantíssimo aquele dia, por exemplo; onde aquela aula foi extremamente desgastante para mim. Colocar isso como registro no papel, para depois refletir a minha prática. Não avaliamos isso como qualidade para nossa formação docente.

Tereza – E, quanto a pesquisa se mostrar desafiadora, ela se torna melhor.

Jaque – Na minha monografia falei um pouco da minha vida, como eu trabalhava com meus alunos, quais eram as minhas preocupações, os meus objetivos. Tem um pouco de minha vida profissional.

Rodolfo – Antes da profissional tem a dona-de-casa, tem a mulher, tem a mãe. Não se angustiem, se encorajem. Na verdade, vocês estão sendo empoderados. Eu acho que o momento de nos encorajar, de fazermos alguma coisa diferente... Aquilo que eu dizia hoje pela manhã: vamos continuar em nossas jornadas pedagógicas. Aquilo que a gente critica tanto que é “educação bancária”, de ficar uma manhã ou uma tarde escutando, de fazer os nossos planejamentos anuais. Ou nós partimos para fazer uma escola diferente, na qual nós acreditamos, sem repetir, como fazemos há séculos e séculos. Esses modelos de escola em que nós fomos formados e que não é só culpa de vocês é minha também. Cadê a nossa autonomia, a nossa criatividade? Está na hora de sermos protagonista da nossa própria história. Ou é mais fácil eu ser um ouvinte, passivo, como caixa de banco que recebe dinheiro?

Lena – Seria interessante que na próxima Jornada Pedagógica se criasse um espaço de vínculos. A gente começa sentir uma coisa e tem vontade de trocar experiências. Talvez o primeiro passo seja de provocar essa história, ter vontade de sair transformando.

Rodolfo – Lembrem-se de que nós estamos num movimento de mudança, e nesse movimento de mudanças temos incertezas. O mais importante é estar aberto para o novo. Uma Jornada Pedagógica construída pelos educadores da casa... Os outros educadores vão perceber que o ambiente está mudando. A pergunta ficaria no ar: continuar um professor “papagaio”, mediador de conteúdos?

Isadora – Têm pessoas que já estão se mostrando. Então talvez a gente vai ser as cobaias, justamente por acontecer essa abertura. Se não tiver esse momento, vai continuar sendo assim, cada um na sua.

Jaque – Nunca a gente vai ter esse Conselho de Classe, na escola, se não tivermos esse tempo para estudar, visitando, percebendo a vida dessa criança, do avô dessa criança etc.

Rodolfo – E perceber a minha vida e me colocando também com outros professores, nós vamos passar isso por osmose, sem revelar determinados detalhes, etc. Com isto, nós vamos finalizando esse nosso encontro e gostaria de agradecer o sigilo até agora permanecido entre nós. Isso demonstra segurança para quem está fora e sabemos que é um grupo sério e ético. Sabemos também, que tudo que acontece, aqui fica Então isso nos dá confiança, existe o sigilo. Isso vai nos exercitando em fazer isso em sala de aula com a mãe, com o aluno que eu atendo, sem ter nenhum direito de levar para minha casa, conversar com outra pessoa. As nossas histórias de vida são histórias muito sagradas. Creio que estamos num processo bonito de (des)construção da educação.

QUINTO ENCONTRO DE TERAPIA CULTURAL EM CÍRCULOS DE LETRAMENTOS

Rodolfo – Primeiro espero que tudo tenha dado certo em mais uma jornada desta pesquisa. E o que não deu certo vamos expor agora para que possamos nos ajudar uns aos outros. Estava ansioso por mais este encontro por isso pergunto: o que vocês têm a falar? O que vocês sentiram e perceberam no texto “*os tambores dos mortos, os tambores dos vivos, etnografia. Antropologia, política em Ilhéus, na Bahia*”, do antropólogo Márcio Goldman? O que chamou a atenção de vocês?

Sofia – Eu acho interessante quando ele fala que você tem que deixar de lado as anotações, os cadernos, e se entregar de corpo e alma à pesquisa de campo, esqueça essas anotações, se entregue. Eu achei interessante essa parte do observador se entregar a si mesmo, do ponto de vista dos “nativos”.

Neet – A pessoa que está vivendo naquele espaço cultural, ela não nota certas coisas, é como se fosse um estranho. Chegar ao espaço e notar essas diferenças, confrontar essas culturas, porque você vive uma coisa entrando na cultura de outra pessoa. E você começa a fazer certas comparações como elas vivem, o que pensam. O que tem causado na gente, sentimentos de rejeição, ou de comparação.

Isadora – A primeira leitura que eu fiz não ficou claro. Eu estou toda confusa, eu não entendi nada. A segunda leitura, no entanto, comecei a compreender que ele vai muito além do artificial, da aparência, ele coloca os tambores dos mortos e dos vivos; não só os tambores velhos, de gritos e oprimidos; a questão política, ele faz toda uma comparação, uma pesquisa muito profunda, foi clareando as idéias.

João Marcos – Só completando um pouco da fala de Neet, é interessante como na vida da gente tem coisas que terceiros observam melhor do que a gente mesmo, por exemplo: a gente tem aqui uma paisagem maravilhosa na pequena cidade, um casario. Quando as pessoas vêm ficam impressionadas com tudo, enquanto que a gente daqui vive toda essa riqueza, e não percebe isso. A mesma coisa quando a gente vai pra outro lugar, a gente percebe tudo muito bonito, muito maravilhoso, a gente faz também as nossas leituras críticas, de cada lugar que a gente vai. As pessoas que estão naquele lugar talvez não observem muito bem o que acontece ali. É interessante esse terceiro olhar, um olhar de fora.

Isadora – Ele é muito preciso, tudo ele resolve com a data e no dia que aconteceu, todos os momentos vivenciados por ele a partir de uma data, de um eixo.

Sofia – Ele fala que você não deve entrevistar, deixe que o seu colaborador fale. Não interromper, deixar que o entrevistado revele seus sentimentos através da sua fala. E nunca se entregue, ele fala, estar sentindo. Eu acho interessante quando ele diz na entrevista: “deixe que ele fale”.

Rodolfo – Vocês lembram que no começo eu falei que fizessem uma entrevista aberta, apenas uma temática que vocês levariam à mão, a partir desses diálogos? O outro colaborador vai entrar em cena. A partir disso é que vai revelando, na verdade, o caminho do pesquisador, aí surgem as conversas. Não intervenham de forma inquisitorial, com muitas perguntas, para não constranger o entrevistado naquele contexto.

Lena - Uma coisa que eu observei na fala dele, que passa por tudo. No primeiro momento quando ele diz: “se ouviu ou não os tambores que foi provocado, se é verdade, se é natural, mas esses sentimentos existem e é real”. Toda a sua fala se refere a algum autor que ele já leu na vida. Mostra o subjetivismo no texto, mostra como é científico e pesquisador. Ele quer criar uma fala e se expressa, é alguém que está consciente do seu todo científico com suas credences, suas vivências de amizade. Ora, ele cita um autor, ora ele cita seus sentimentos, essa relação que ele tem, a pesquisa política, o que ele fez no passado. Então é um ser que se compreende com todas as suas influências. Uma dificuldade que eu estou sentindo é produzir o texto, eu não sei até que ponto, intercalar com outros autores e voltar ao meu contexto. Quando eu vou terminar? A questão de novas influências sobre o mesmo foco. Eu sempre volto aquele olhar para as coisas.

Rodolfo – O que Lena está colocando referencia o artigo científico. Se entrarem nesse sítio eletrônico, e por sinal, eu o recomendo: www.scielo.br, vão encontrar vários artigos de temas que vocês quiserem. É só colocar a palavra-chave. Vocês vão encontrar artigos científicos vinculados à temática estudada. Outra coisa que eu achei interessantíssima nesse artigo: jamais tome nota na frente dos seus colaboradores. Depois eu acho bonito quando ele fala sobre o etnógrafo como aquele que descreve para quem não esteve no local, sentir que está ali. Um etnógrafo consegue ser muito bom, quando ele, em sua leitura, em sua escrita, leva-nos para aquele local que é estranho a nós. Era o que João Marcos estava inicialmente falando: da familiarização e do familiarizar. Qual é o papel do etnógrafo?

Tornar o estranho familiarizado. O papel do etnógrafo é este: fazer aquilo que é estranho se tornar familiarizado, porém mantendo uma certa distância.

Lena – Não foi investigar, prestigiar os fatos, foi um sentimento que moveu.

Tereza – Foram outras colegas que tiveram a mesma experiência e foram tocadas de outra forma.

Lena – Você precisa ter o direito de tentar transformar, aquilo que você está sentindo. O etnógrafo é aquele que descreve.

Rodolfo – A fotografia reporta ao ambiente. A casa de Diana não é só aquela casa que aparentemente você viu. Com certeza, você deve ter visto galinhas, Lena, e isso não saiu na fotografia. Você deve ter visto, por exemplo, um cachorro morto, ou uma mãe que estava por trás da porta. Se você não descrever, o leitor que não testemunhou a cena, também não saberá disso.

Sofia – E depois, se a gente voltasse lá, já veria diferente.

João Marcos – Confesso que, nas duas últimas semanas, me distanciei um pouco da pesquisa etnográfica por causa de muito trabalho, de domingo a domingo. E uma coisa que eu percebi, é o quanto isso transforma a vida da gente. Tudo isso faz a gente pensar, refletir e às vezes a gente percebe valores, muitos valores. Hoje percebo coisas em Juliana que eu não tinha recebido. E esses valores eu gostaria muito de tê-los. Como se aprende! É bom para a vida da gente!

Lena – Eu já venho trabalhando muito esta obrigação profissional e, de repente, sentir esse momento é tão gostoso! E ter que fazer força de vontade! É gostoso fazer um trabalho que significa. Já fazia e faço tudo por momentos prazerosos. Isso é um reencontro de prática que reproduz esse momento de reviver e essa coisa que despertou. Não importa naquele momento se é verdade, se não é. Naquele momento que eu senti, essa coisa de significar o momento... E naquele momento foi uma sensação, foi especial.

Sofia – Você não precisa se tornar, você tem que sentir, perceber. Eu achei interessante essa parte.

João Marcos - Respeitar mais o outro, se ver no outro. É impressionante que no início do trabalho eu não estava me colocando nos meus textos, tinha muita cara de relatório, me colocava muito pouco, aqui e acolá é que eu fazia uma referência a mim mesmo. De repente, você passa a se ver no outro, pois o outro tem muita coisa de sua vida. É bom se coloca no lugar do outro, se ver realmente no outro.

Neet – Aí é que está a questão: a partir do momento que começa a se expor, começa a ter medo e essa exposição faz com que você fique com um pé aqui e outro ali, será que eu faço isso ou aquilo? Quando você vai observar uma coisa, deve ter muito cuidado, pois pode ser que isso implique em sua vida.

João Marcos – Eu acho que você tem que se despir para fazer uma pesquisa etnográfica, você não pode ir criando preconceitos daquilo que vai ser pesquisado, construir a sua reflexão a partir daquilo que se ver.

Lena – Quando a gente entra no campo sem preconceitos ou tiver a coragem de perceber esse preconceito, é fundamental. Eu tenho preconceito, mas quando eu escrevo, faço minha auto-reflexão e confronto comigo mesma. É o processo da pessoa em si.

Rodolfo – Peço a colaboração de todos os professores participantes desses encontros para que me ajudem a fechar o quebra-cabeça. Estamos inseridos num processo de “biografização” nas práticas pedagógicas. Vamos à etnografia, ou seja, ao contexto cultural apreendido, primeiro, por três professores. A partir da exposição vamos observar naquilo que sentimos, lembramos e pensamos sobre esses parênteses culturais. Mélore já sinalizou que quer iniciar a sua apresentação, então ela vai narrar um pouco esta realidade vivida por ela até agora, sabendo que o trabalho não pára neste momento aqui. Vocês sabem que, como professores colaboradores, devem continuar suas visitas de campo, apreendendo outros materiais, outras categorias e isso vão construir outros dados a partir dessas imersões no campo.

Mélore – Na realidade foram várias fotografias, mas eu tive que selecioná-las. Esta aí a gente percebe que o Jazz está sentado, está tomando sorvete em uma tarde de domingo. Quando cheguei à sua casa, ele me viu e disse: “ah! Tia eu vou tomar banho que eu estou todo sujo”. Nesta fotografia a gente percebe uma imagem na TV, o som, o telefone. E eu procurava saber o que tinha no restante da casa, como eu coloco a colher, o que eu faço? E eu tentei fotografar a casa. Não é uma casa humilde, mas simples, tem o necessário. Na terceira foto se percebe que ele está fazendo tipo teatro, foi assim que ele me disse do teatro que participava no Centro das Flores (colégio). E ele fez questão de segurar a rede. É nela que ele descansa e estuda para as provas, é o seu lugar cativo. E o terceiro cômodo está próximo, até então insisti em tomar banho, porque não quis sair feio na foto. Fiquei esperando na cadeira onde está a avó dele sentada. Ela se chama Benta, tem 80 anos. Para

ele, essa avó é tudo. Foi um sufoco para conseguir tirar a foto da tia e da mãe, pois na concepção das duas, elas não estavam adequadas para tirar uma foto e em especial para uma pesquisa. A avó fez questão de segurar o terço, é a arma dela. Ela vive exclusivamente para rezar na gruta do Loreto que está em reforma. Está localizada em bairro de risco e foi preciso fazer uma campanha para que pudesse colocar o piso, o altar, o portão, até por questão de segurança. Ele queria ficar da altura da imagem, nessa fotografia junto à Nossa Senhora. Ele lembra quando tinha três anos de idade, com o problema que ele nasceu, ele foi lá e fez uma promessa, perguntei: “Jazz você não pagou?”, Que é assim que a gente fala. “Depende da minha mãe, esta semana mesmo ela brigou comigo, que vai aproveitar o feriado do dia da criança para eu pagar. Não eu não posso dizer a promessa”. Aos três anos ele pediu a graça e conseguiu. A primeira experiência escolar dele foi na creche conhecida como Creche das Orquídeas, por ficar vizinho e ele tem muitas recordações. Destaca bem em sua fala o cuidado das professoras, diz que recebeu carinho. Ele tem carinho em casa e foi muito bem acolhido pelas professoras da creche. Fomos lá, pedi autorização ao porteiro para entrar. Fomos bem recebidos. Nas classes eu não pude tirar fotos porque não tive acesso, Jazz lembra de uma professora que é mãe de um aluno nosso do 7º ano. Fica muito feliz quando ele encontra essa “tia”, só em falar, para ele é tudo. A segunda experiência escolar foi no Centro das Flores. No dia da foto a escola estava em festa e não pude atrapalhar. Foi exatamente onde ele cursou do 1º ao 5º ano. Já na creche ele lembrava bem que fazia o Maternal, Jardim I e Jardim II, ele não fez alfabetização. A mãe dele disse-me que foi pela dificuldade de aprendizagem. Mesmo assim ele vai conseguir superar as dificuldades. O parque ele fez questão de tirar fotos, pois era ali que ele esbanjava energia, que ele tinha sido mais feliz. Essa fotografia foi tirada na Capela dos Tamanduás, Centro das Flores. Ele até me fazia uma comparação: “tia, há muitos anos que esta imagem está neste colégio e a gente só veio tomar conhecimento quando houve aquele grande evento na cidade”. Ele fica feliz quando se trata de religião. Até falou para mim dois sonhos que ele queria muito realizar: quando saísse do Centro das Flores queria vir para o Colégio Cristão do Nordeste, hoje agradece demais por estar aqui e só pretende sair quando terminar o Ensino Médio. O “apóstolo da juventude” para ele é tudo. É muito difícil quando entra na Escola que não vai visitar e conversar com Deus. Dias desses chegou tarde, mas mesmo a música tocando, ele entrou e conversou tanto, ficou tão empolgado, que a

música terminou e nem se deu conta de como tudo estava em silêncio, tudo já tinha acabado. A família é católica. Ele mora com a avó e ela vive assistindo o dia todo a Rede Vida. Ele fará 11 anos. Ele faz parte de um grupo de coroinhas da Igreja. E fui três vezes aos domingos, à missa, mas o grupo não se reuniu, queria falar com o coordenador. Fica para a próxima vez. Ele se sente muito bem nesse grupo.

Rodolfo – Só uma observação, Mélore. É importante sentir esse grupo em que ele faz parte. Você pode ir fazendo uma imersão no local e verificar sem ir com a máquina fotográfica. Você pode construir um texto detalhadamente. Na verdade, a câmara passa a ser seus olhos.

Mélore – Eu consegui tirar esta foto no projeto “Terra e Cultural”. Ele me disse: “por favor, tire essa foto que eu estou mais para maconheiro do que aluno do Colégio Cristão do Nordeste”, (risos). “Você acabou de me dizer que sou um teatrólogo. Você foi à semana de Amostra na Escola dos Amores?” Respondi que sim, e “por sinal a primeira fotografia que estava bem exposta era a sua”. Ele diz que é um teatrólogo, e que tem que participar de todas as peças. Está aqui para o que der e vier. Até falecer, vai dar tudo para o seu grupo de teatro. Essa foto foi tirada no Colégio. Quando me viu com a máquina queria fazer mil posições. Tive que dar mil explicações à série dele. Elas me jogaram na parede, e eu dizia que era uma fotografia que eu queria colocar no álbum do meu projeto.

João Marcos – Ele é um menino ótimo, ele mexe muito com os outros. Ele fica o tempo todo chamando de apelidos, protege ou briga com os outros.

Rodolfo – Essa escolha de seu colaborador não foi aleatória. Que relação existiu entre você e a etnógrafa?

Mélore – O que mais afetou foi o tempo. Essas fotos dele, recordam muito bem o que eu sou. De família católica, a minha mãe que reza muito. Às vezes eu falo assim: “não dá para mudar de cerimonial pra gente pegar uma coisa mais engraçada”. A gente anoitece e amanhece, quem acordar primeiro coloca alguma coisa na “Rede Vida” ou na “Canção Nova” e saio com o terço e chego com o terço. Às vezes falo tanto em terço que tem aqui em casa que me dá uma preguiça para eu ficar mecanicamente. A minha casa tem um local onde dorme Maria e mamãe As igrejas de pequenas cidades estão perdendo em número de imagens para aqueles santos lá de casa, guardados naquele local. Quando chega junho, falam que a gente tem que pedir um bom namorado ou casamento e nas igrejas que frequento eu digo assim: “Meu Deus, se o Colégio Cristão do Nordeste não me segurar na religião eu

vou acabar me direcionando para a Igreja Regular. Não sei o porquê. Eu sou de outra geração, como vocês são. A gente brincava, a gente ficava até dispersa, mas a gente correspondia com os estudos. Eu lembro que eu era chefe de sala de aula nas brincadeiras, hoje chamam líder, mas eu me considerava chefe porque eu dominava mesmo. Vocês vão ver as fotografias. Antes de escolher as fotografias do Neet, da Tereza eu disse: “eu estou é ferrada.” O que posso fazer? Será que é isso mesmo? Sou diferente e eu vou ter que me encaixar em alguma coisa. Os olhos principais do etnógrafo são os de Rodolfo, duas pessoas que eu estou observando a fundo: a minha que é mais importante, e a do aluno, e penso comigo mesmo: “eu tenho que me identificar com alguma coisa?”.

João Marcos – Uma característica muito grande dele: é um menino extremamente carinhoso. Todos os dias a primeira coisa que ele faz é me abraçar. Uma coisa me chamou atenção ontem: eu consegui umas lembrancinhas, e ele ficou tão feliz como se nunca tivesse ganhado presente. A felicidade dele de receber aquele presente, era tão grande que ele dava pulos de alegria. Outra coisa também: eu o vi dançando na abertura da Semana da Criança e percebi a alegria, a energia e a garra dele quando está dançando. E ao final do espetáculo a sua comemoração, tão feliz. No final, todas aquelas crianças dançavam, mas ele dançava com uma energia maior, era um sorriso tão grande no rosto! Depois era abraçando os colegas, feliz por dar tudo certo, de estar no meio daquelas crianças, passando a Semana da Criança no Colégio Cristão do Nordeste.

Mélore – Ontem, quando eu vinha para o Colégio, eu fiquei muito inquieta. Eu sei que hoje é dia da Criança e tenho dúvidas se posso dar presente, dar uma lembrança para o Jazz. Primeiro quis conversar com as minhas companheiras que têm crianças colaboradoras e se iriam dar alguma lembrancinha. Mas como não foi possível conversar, ainda me resta uma outra data que é o aniversário dele. Percebi que ele só comentava a Semana da Criança. Querendo dizer: “tu não vais me dar nada?” Na minha concepção ele está ou estava pedindo a lembrancinha. Você olha para casa e ele diz assim: “eu queria muito que minha casa fosse rebocada, tivesse piso e forro”. Eu olhei para ele: “tua casa não é rebocada, Jazz?” “A senhora viu o quarto da minha mãe. Não tem reboco, está caindo. “Eu quero trabalhar e construir uma casa em cima, para eu ter o meu quarto, ter minha liberdade e ver tudo da pequena cidade. Ficar observando todos os lances. Eu faço teatro, continuo fazendo, e quem sabe no futuro possa ser minha profissão, para eu desenvolver

várias peças de teatro em São Paulo ou no Rio. Na verdade meu sonho é ser marinheiro, eu acho bonito, interessante”. Brincando falei: “tu sabes pelo menos nadar? Ele me disse: “eu vou ter bastante tempo para estudar, me formar, mesmo com essa dificuldade. Aliás, eu tenho um tio que, quando ele vem, eu converso tudo sobre marinheiro”.

João Marcos – Ele tem uma auto-estima bem elevada. Vejo algumas coisas: a questão da religiosidade na vida dele e os textos que ele escreve. Na última aula, eles fizeram um acróstico dos nomes deles e uma das letras que ele colocou foi: “faço parte da igreja de todos os povos.”

Rodolfo – Que contexto cultural ele trouxe para os demais professores, alguma coisa os afetou?

Árvore – Foi o sonho de ser aluno do Colégio Cristão do Nordeste. Eu não conhecia esta cidade, só conhecia a praia e o Colégio Cristão do Nordeste. Conhecia o Colégio Cristão do Nordeste por nome, não conhecia o espaço físico, e aí chegava para minha mãe: “quero estudar no Colégio Cristão do Nordeste”. Um sonho de consumo era estudar no Colégio Cristão do Nordeste.

Mélore – Se vocês observaram, perceberam que todas as fotos houve pose. Eu não tive oportunidade de pegar naturalmente, porque o único canto que poderia pegá-lo seria o Colégio Cristão do Nordeste e eu ficava pensando na pesquisa. Em relação às fotografias elas iriam ficar muito restritas ao Colégio. Fui a casa e ficou muito restrito. Ele não é menino de rua. Às vezes que eu fui ele estava em casa. Lembro de ter entrado de vez na casa porque eu queria chegar até o quintal. A tia estava varrendo, a avó estava na cozinha e a mãe no quarto. Fui entrando e olhando...

Rodolfo – Lembrem-se de que as fotografias que vocês trazem, não necessariamente têm que ter a pessoa. Vocês estão trazendo o contexto cultural desses alunos para a Terapia Cultural. Não se angustiem, se não tiverem a pessoa para fotografar, pois existe o ambiente. A etnografia é a fotografia em que nossos olhos vêem a partir de onde estamos imersos, não necessariamente o colaborador. Lembro também que, quanto mais vocês estiverem no campo mais familiaridade vocês terão nesses espaços e, naturalmente, menos estranho se tornarão na pesquisa.

Mélore – Obrigada pela atenção de todos.

Rodolfo – Lembrando que o trabalho não terminou aqui e deve continuar. Palmas para a nossa co-pesquisadora.

Tereza – Agora é a minha vez. A casa de João tem três pequenos cômodos, onde vivem onze pessoas. Não estão todos aí. A situação é bem precária... de higiene também. Um momento de descontração. A televisão eles ganharam de alguém da família. Antônio é filho do marido de outra senhora. Aqui vivia nas ruas e dormia também. Eu achava que as crianças chegavam demasiadamente sujas na Escola, farda muito suja, e pude observar que eles não têm guarda-roupa. Guardam as roupas em cima de cadeiras. Também tem bicicleta pendurada na parede. Eu percebi que o João não se sente rejeitado, é como se ele fosse ignorado.

Mélore – O que fez pensar talvez que ele seja ignorado, são atitudes?

Tereza – Alguns diálogos, conversas entre mim e a mãe dele, inclusive na primeira visita. Disse-me que foi motivo da separação porque o pai pensava que ele fosse filho de outro pai, fruto de uma traição e a abandonou. Percebi também isso através das fotos e mexeu muito comigo, porque a pessoa que eu mais amo no mundo é a minha mãe e eu sempre fui uma criança que fiz de tudo para agradar. Eu me sentia um pouco rejeitada, principalmente na infância. Eu me sentia rejeitada por vários atritos que havia entre minha mãe e minha avó. Ela não gostava de mim (choro e silêncio). Eu fiz de tudo para agradar. Eu acho que elas me retraíram um pouco. Era tímida, hoje eu já acho que é uma coisa superada. Tenho muito dificuldade de abraçar, de chegar mais próximo. Também foi essa sensibilidade de perceber as pessoas. Mais uma vez a irmã abraçando a criança, os onze netos dessa senhora, inclusive o neto com deficiência. Fazia quatro dias que a criança estava desaparecida. Ela entra nos carros escondida e foi parar em Lago Azul, em três Pontes e em outras localidades. Alguns conhecidos da cidade também trazem essa criança de volta. Nesse dia eu fui à noite e a avó do menino estava aflita. O João já participou do Projeto Rumo Certo. No dia em que eu fiz essa visita um dos netos estava desaparecido, com deficiência mental. Esta foto traz um momento muito significativo na minha infância. Eu passei também por um momento muito difícil, com dificuldade, por não ter água em casa. Muitas vezes apanhei para buscar, porque não gostava realmente. Vocês estão vendo a situação pouco mais adiante (um bico de cano meio à lamas, onde a família de João pega água para consumo, local totalmente inóspito), eles vão pegar água todos os dias. A vasilha que tem na sua casa é um pote que serve para cozinhar. Mais uma vez eu compreendi os motivos pelos quais as crianças chegam sujas à escola. Outra coisa: esta foto despertou em mim a preocupação pela saúde física e mental deste menino. Também não

imaginava nesta cidade ter tanto desemprego e o tráfico de drogas, está crescendo cada vez mais. Sinceramente o problema de água afeta muito a população. Onde ele está indo pegar água é onde abastece a maioria das casas.

Mélore – A água que eles consomem vem de um poço?

Tereza – Não, da Companhia de água do estado. No dia em que eles foram pegar água e aí eles tiveram que esperar um tempão, por um fio de água, com paciência e todo percurso da água levam esse balde. Entendi que atrás de um fato existe tanta coisa, que a gente nem procura conhecer, porque é mais fácil. Tem um mau cheiro próximo ao esgoto e toda rotina diária é uma maratona. Ele tem dez anos e a outra vai fazer oito anos. A casa abandonada tem um banheiro, mas cabe somente uma pessoa, um vãozinho. Mas como não tem água e só uma vasilha, vocês vão perceber que eles tomam banho neste mesmo local. Muitas vezes a mãe dele fala que ele sai para tomar banho e volta porque já tem gente e às vezes tem que ir para escola. Uma foto que eu gostaria de ter registrado, mas não foi possível; é onde essas crianças estão andando. Este lugar é um pouco deserto e também me preocupe. A paciência... Ao mesmo tempo me tocou porque eu me senti tão mesquinha! Às vezes, eu recordo de tanta coisa! O João me tocou muito. Lembrei de coisas parecidas que já passei, me fez endurecer em alguns aspectos, por isso serviu para quebrar de novo o que estava endurecido dentro de mim. A mãe me disse que João era uma criança que só pensava em brincar, não tem interesse nenhum em construir sua aprendizagem. Então eu decidi voltar momentos diferentes na sala de aula. E nos momentos em que eu cheguei na sala de aula e estava perguntando como era a criança vizinha, eu estava ouvindo também. Então o João é uma criança ignorada em seu processo, e isso me fez pensar também como tem sido o meu papel de educadora até aqui. Quantas crianças eu tenho ignorado dessa forma? Veio-me a lembrança do aluno do 4º ano, o Vicente, que tem uma deficiência mental. Eu sei que, mesmo como professora, eu o ignorei algumas vezes. Poderia ter feito mais. Essa minha situação me trouxe à tona o ano de 2002, uma turma do 2º ano, uma criança chamada Marta, aluna daqui desde o Maternal, que também chegou sem fazer o nome completo. O Colégio ainda não era filantrópico. A vice-diretora chegou e disse que aquela criança teria de aprender logo. Eu entrei em contato com a mãe e a indiferença da mãe logo se estampou. Então fui assumindo um compromisso pessoal com ela. Foi difícil, muita luta, mas eu venci, porque no final do ano Marta estava lendo muito bem e avançou em outros aspectos em

relação à leitura. Mais uma vez o João está pedindo ajuda para a colega vizinha. Os colegas o ajudam, ele não é rejeitado em sala de aula. Talvez eu saiba que ele esteja sofrendo, muito triste, pois ele sabe que não sabe, chegou aqui sem ser alfabetizado. Essa outra foto mexeu demais comigo porque me fez rever: “quem sou eu?” E o meu papel de educadora? Esta foto eu a escolhi para ser a última porque me revela, me faz pensar. A escola que pode abrir um novo horizonte para essa criança. E não estou dizendo isso ingenuamente, pois sei que as dificuldades são grandes. Por trás desta situação do João existem várias outras. Eu, como educadora, tenho que lutar, acreditar que a escola vai abrir um novo horizonte do João para outras crianças também. Nessa situação, e vai exterminar essas situações de riscos, e potencializar a esperança que resta para construir uma nova história.

Rodolfo – Na qualidade de co-etnógrafa, como é que você captou com seus olhos esse contexto que fizeram os “parênteses culturais” no percurso de João?

Tereza – Como pude observar, senti que eu estava sendo egoísta e em alguns aspectos, negligentes em outros. Não vou negar também que esse trabalho me afetou. Com certeza, em alguns aspectos me fez acordar e outros me fizeram despertar o que estava adormecido. Muitas situações que vive o João são por nós desconhecidas. Situações que eu já vivenciei. E hoje eu posso compreender melhor várias coisas que eu não entendi que eu tachei, coisas que eram simples. Isso estava registrado. Como por exemplo: crianças que chegavam muito sujas e até fedorentas, que eu escutei falar e este trabalho de etnógrafa me clareou. E é isso gente.

Rodolfo - Que ações evocam nesse contexto?

Lena – Eu acho que essas fotos retratam a proposta do Colégio Cristão do Nordeste atualmente. Essa foto me comoveu bastante, temos que aceitar essa realidade aos poucos. É contar a história da criança e ela chegar num mundo perfeito, lindo, totalmente estabilizado de amor, de bem-vindos, crianças de uma felicidade incrível, de um mundo maravilhoso, de arte. Mas esse menino volta a uma realidade tão conhecida pela própria miséria da vida que ele quer mais respaldo, ele não é só aluno, não. Para provocar uma imagem dessas, a gente se depara com tanta coisa! E eu, como professora, me deparo com tantas realidades políticas num mundo em desenvolvimento, onde às vezes esqueço que o meu aluno pisa nessa lama todo dia. Parece um discurso estéril ao conhecer a realidade da pessoa. Uma foto dessa

fala mais do que mil discursos. Seria interessante em nossa Jornada Pedagógica passar essas imagens da cidade, a realidade local. Uma escola com um projeto popular é essa aqui. Vamos mostrar logo a idéia do projeto e não ser somente teoria. Que tal a realidade do dia-a-dia, esse projeto não serviria para a nossa Feira de Ciências?

Rodolfo – Não esqueçam de que nós temos a grande pedagogia de amor, fundamentada pelo nosso fundador. A nossa escola é sócio-interacionista numa perspectiva popular. Penso que é isto o que Lena está querendo dizer.

Lena – A partir de projetos do real conhecimento, qual é o projeto para gente trabalhar? Por que eu vou trabalhar com a água do Rio Mágico que é tanta? Como é que eu vou dar noções de higiene para quem tem um balde de água? Como é que eu vou ensinar a não defecar em locais abertos, quando vimos uma realidade que não tem nem banheiro? Eu acho que a gente tem que partir da pior realidade e refletir no que fazer para solucionar o problema da nossa realidade.

Rodolfo – A gente está mexendo com o Projeto Político Pedagógico da escola.

Isadora – Porque essas águas sujas a céu aberto ficam ao lado do Colégio que eu trabalho, e a gente já tentou solucionar: “assim não, é essa Secretaria que resolve”, vai passando, vai passando. É o que eles dizem.

Rodolfo – É um jogo de pingue-pongue.

Iridênia – Para gente tomar consciência e perceber o descaso.

Mélore – Interessante que na escola que eu trabalho, Mundo Azul, denunciaram a escola, enfatizando a questão do esgoto que existe na escola que tem mau cheiro, que atrapalha. A diretora se preocupa muito com a fachada, com a beleza, mas não se preocupa com a questão da saúde. E eu olhava essa questão do esgoto, como fazer, como denunciar, como alertar, para a sociedade tomar conhecimento? A idéia que eu tenho é que o nosso centro é bonitinho, a idéia verídica. À medida que a gente se afasta, a cidade vai se tornando feia. Os nossos representantes que nós colocamos aqui possam resolver isso. Fica aquele velho pingue-pongue, alguém tem que tomar atitude. Não sei como, mas tem que ver isso aí.

Rodolfo - Como educador e educadora, quem foi que disse que os conteúdos na escola, têm que ser aprisionados em livros? Quem disse isto está equivocado. Qual é o papel social da escola? Uma excelente disciplina de geografia e história, de biologia, de química, de filosofia, de tudo o que vocês possam imaginar. As ciências, as artes são reais conteúdos, de todos nossos livros. Às vezes eu vejo alunos que

estão fazendo pesquisas, colando textos, literalmente. Vão à biblioteca e aquele conteúdo do livro, passam para o papel. Essas inquietações são para mover uma outra realidade, inclusive como pesquisadores co-etnógrafos ou como educadores. Quando eu releio minhas práticas, em que fui afetado? O que me move à mudanças?

Mélore – Eu acredito sim, que a gente tem que mostrar os dois lados da moeda, o verso e o reverso.

Lena – E hoje nós temos uma arma tão poderosa!

Rita – Como Mélore falou, é muito fácil criticar. E como nós podemos encontrar solução?

Rodolfo – A gente vai com faixas, à imprensa, à emissoras de TV, em nossas salas de aulas, nas reuniões com pais e professores, na formação continuada. Por que o processo de conscientização? Como é que se dá? Ele se dá na prática, nessa realidade, nessa teoria inscrita pelos pobres. Vamos lembrar de Paulo Freire.

Lena – O sujeito pode ser colocado como um meio. Como é que você vai ajeitar o mundo?

Rodolfo – Aluno adora sair de sala de aula, aluno adora fazer trabalho de campo. Eu já vi as criancinhas fazer trabalho de “etnografia” na própria escola. Se vocês elaboram um projeto, por exemplo, na primeira metade da aula hoje, numa da turma do 1º ano, e diz que vai ser numa determinada região da cidade, fazer um estudo da ação das pessoas sobre os mangues. Tenho certeza que não vai faltar nenhum aluno.

Rita – A questão é dos próprios educadores irem para lá, na Biruta e na Sentinela (bairros periféricos).

Mélore – Aquela fotografia que tem a mãe quando Tereza mostrou, de onze pessoas, por exemplo, eu acompanho também uma família pobre. Enquanto Tereza falava, eu somente trocava as personagens da história. Acompanho diretamente e é no centro da cidade e sempre que eu posso dar exemplo na sala de aula, de mostrar a realidade. Eu digo que eu estou criando os netos e daqui a pouco os bisnetos, porque tem um filho, um neto e vai se juntando. Quanta desigualdade social! Quanta pobreza e até classifico, pobreza não, miserabilidade. Às vezes nós somos felizes e não sabemos, principalmente, agradecer. Se os meus alunos pudessem um dia estar aqui!

Rodolfo – Devemos ter cuidado no foco, para que não seja como um choque, que a gente vá, olhe, sensibilize-se, e que em muitas escolas em nome da “solidariedade”, entre aspas, está sendo questionada. Inclusive, nas nossas escolas ricas, que fazem trabalhos em nome da solidariedade. O que foi mudado ou modificado na realidade? Ter o cuidado para o pobre não ser o deleite da consciência do rico. Não se tornar a vitrine da piedade, dar a esmola e acaba-se a culpa da exploração, por exemplo.

Mélore – Não temos que dar o peixe e sim, ensinar a pescar.

Rodolfo – Exatamente, na sensibilização temos que questionar isso. Vamos fechando esse momento, então, para passar para o próximo colega.

Tereza – Só quero dizer uma coisa: a respeito da minha mãe, hoje é uma coisa superada, graças a Deus. Eu consegui trabalhar isso e hoje nos damos muito bem. Quanto aos alunos, nós cobramos que as crianças tragam atividades feitas, tenham interesse, mas...

Rodolfo – Sem julgamentos, Tereza. Muita gente acha que uma boa escola é aquela que passa muito dever para casa. Porém, é importante pensarmos em que condições essa criança terá para desenvolver uma atividade, e compreender o “para casa” como uma fixação daqueles conteúdos que já foram bem trabalhados em sala de aula. O que for evocando em vocês durante a estada em campo ou nas apresentações aqui, não se preocupem com os julgamentos.

Neet – A respeito das atividades de casa quando Tereza apresentou a questão da mesa, num Conselho de Classe, um colega falou que tinha que passar muitas atividades mesmo, para o aluno não ficar ocioso em casa. Refletindo agora, muitos deles, não têm um acompanhamento em casa para executar tais atividades. No entanto, agora, quero apresentar o contexto cultural de Pierrô. Ele é um menino muito legal, inteligente, é um menino que pensa antes de agir e desenvolve as atividades com gosto e muita vontade. Essa foto foi tirada no projeto “Confete-serpentina”, de onde ele faz parte. Recentemente eles escreveram algumas histórias que foram publicadas em dois livros de História que trarei para a Escola. É Albaniza ao seu lado, estuda no Colégio Cristão do Nordeste e faz parte do Projeto. Essa foto não foi batida por mim e sim por Mélore. Ela pegou o momento em que Pierrô estava no palco. Esse dia foi o primeiro em que ele se apresentou, e durante os ensaios ele apresentou um personagem que era muito diferente. O personagem tem muito a ver com a história dele. Ele me contou no dia em que nós tiramos a fotografia: é um personagem que passa no sertão, e que sofreu muito, que lutou muito para

encontrar água para o povo dele. Esse personagem que lutava pelo povo tem muito a ver com Pierrô, porque ele não pensa só nele. Está estudando no Colégio Cristão do Nordeste, e pensa em construir um futuro digno para sua família. Vai conseguir ajudar sua mãe, a seus irmãos ter uma vida melhor e saudável. Essa casa foi a primeira casa em que eles moraram. Ela está dividida. Eles moraram nessa casa emprestada e a casa desabou sobre a família e ele conseguiu se salvar debaixo de uma estante e a coluna central caiu sobre o peito de um irmão (choro de Neet e silêncio).

Rodolfo – Depois você retoma essa parte (silêncio).

Neet – Eu estou muito fragilizado com as fotografias da Tereza (silêncio). Isso me toca muito porque a Tereza mostrou uma criança que provavelmente não tem nenhuma perspectiva de vida. E o Pierrô já passou pelas mesmas condições. É um menino que pensa em vencer, conquistar o espaço, (silêncio) e se parece muito comigo.

Rodolfo – Como foi você sair deste meio? Tente falar do contexto e do ambiente de Pierrô (silêncio). Tente não se mover no seu ambiente. Descreva como foi esse ambiente do aluno.

Neet – Então assim, ele conseguia muitas coisas na vida dele, essa casa foi emprestada, e eles passaram por muitos problemas quando a casa caiu e teve o irmão dele que quase morreu por causa disso. A coluna central era feita de carnaúba, e aí caiu sobre o peito dele e teve que fazer umas cirurgias, mas conseguiu sobreviver. E aí foi a escola (foto) que ele mais gostou: a creche. Tirei essa foto porque ele gostava de brincar com brinquedos improvisados. Ele diz que foi a escola mais bonita até hoje, onde ele se divertiu mais e se reconheceu como gente, com o carinho das professoras e até pelas brincadeiras. O garoto segurar na mão e arrastá-lo sobre o chinelo, ele disse que foi a brincadeira mais divertida e mais legal que ele brincou em sua vida. Essa foto foi a que eu mais gostei, porque na hora ia passando umas criancinhas e ele dizia que ia passando os filhos de fulano de tal. Foi na hora que ele comparou o mundo com esse espaço aqui. Lembrei da minha mãe quando lavava roupa. E hoje eu saí de casa, moro em outra casa, mas ela quer passar a roupa para mim. E eu lembrava muito quando eu brincava no quintal, sempre essas roupas penduradas assim. Pedi para as crianças estarem na fotografia por fazerem parte da vida do Pierrô. São crianças do mesmo lugar, do mesmo bairro, das mesmas redondezas e que ainda não têm a mesma

perspectiva de vida que Pierrô. Conseguiu construir o desejo de vencer, de querer crescer e de conquistar o seu espaço. Nessa foto eu tentei pegar o espaço e responder a muitas perguntas como essa: Por que Pierrô tem uma mentalidade tão diferente das pessoas que vivem num lugar assim? Essa árvore é uma árvore grande, eu me lembro dela. Quando criança, também andei por esses lados e as crianças costumavam subir nessa árvore e fazer brincadeiras, mas hoje ela está queimada. Ele disse para mim: “eu gosto tanto dessa árvore, porque tem tantas coisas aí que eu vivi; brincadeiras com os meus amigos; e um dos espaços de lazer era subir nessa árvore e ficar lá em cima brincando. Em frente ao Centro das Flores brincava várias vezes aí”. Pierrô está rindo nessa outra fotografia porque praticamente eu o obriguei. Ele tem medo desse homem de boné, esse homem de boné o pegou juntamente com seus amigos pulando em cima dos túmulos e eles quebraram uma cruz que é da família de Damasco. Esse homem correu atrás dele e o pegou no braço e não quis soltá-lo, ficou até a marca, foi o coveiro do cemitério. Só que ele me falou que o coveiro era muito chato e bravo, mas eu disse que tivesse cuidado quando fosse pedir para tirar uma fotografia. O homem deu um sorriso muito grande, não tinha um dente na boca, e aí ele perguntou se a fotografia ia para a TV. Disse-lhe que era um trabalho que a gente estava fazendo. Ele decidiu pousar e eu tirei a fotografia. Um dos espaços mais interessantes para o Pierrô brincar foi no Cemitério. Eles se escondiam, se assustavam. Tinha até a história de uma velhinha que estava andando dentro do Cemitério à noite, e eles pularam o muro para brincar e um dos amigos saiu correndo e gritando dizendo que era um fantasma, pegaram uma pedra bem grande e jogaram na velhinha. Quando a velhinha virou, esculhambou mesmo. Eles correram e realmente pensaram que era um fantasma. Essa do Cemitério me deu uns sentimentos muitos estranhos. Em uma época da minha vida, em que eu pensei em trabalhar, vinha na minha cabeça: “eu quero trabalhar”, possuir certas coisas que eu não tinha. Eu trabalhei muito, não ligava para o descanso, minha vida era a Escola Viva e Escola das Valsas. Entrei numa depressão porque não descansava o suficiente e outros problemas da vida que iam aparecendo. Eu tinha muito medo de morrer, porque eu amo muito minha mãe. Ela para mim é tudo, uma pessoa que eu quero que esteja no meu lado sempre, sempre. Tinha medo de morrer e deixá-la, porque nas condições que ela vive, com o marido alcoólatra, um marido para quem a bebida era mais importante que a própria família. O importante era ter o que comer em casa. Ela que se virasse. Educação era

minha mãe que cuidava; roupa, a minha mãe. Tudo era minha mãe. E eu tinha muito medo de passar no Cemitério. Passei um bom tempo sem entrar lá. Até hoje quando morrem pessoas muito próximas na minha família, eu fico com um pé atrás para entrar no Cemitério. Mas esse dia estava tão gostoso, porque Pierrô estava contando tantas piadas que aconteciam no Cemitério. E de repente eu estava lá e entrei como um lugar qualquer e foi muito bom. Quando a gente estava saindo, eu relembrei esse momento da minha vida. Esta foto é a casa do Pierrô hoje. A minha casa nunca foi assim nessas condições, mas foi um pouco parecida. Tinha essa portinha, essa janelinha do lado, tinha um muro na frente, onde eu gostava de brincar com os bonequinhos. Eu assistia TV e costurava os bonequinhos para contar histórias para os velhinhos. A casa dele, não sei o tamanho, eu não fui até o fim. Essa foto muito bonita é o seu irmão. Ele e o Pierrô pegaram os cachorros e tiraram fotos. Essa é uma cadela e esse é um cachorrinho, com quem o irmão gosta muito de conversar. Então eles estavam ali tentando que os cachorros ficassem em frente à câmera. Eu os deixei brincarem e depois eu tirei a fotografia. O espaço em que ele viveu e que brincavam bastante. Ia passando o homem na carroça. Aquela casa foi emprestada pelo Arlequim e ela é ao lado da Escola Viva. Como construíram a Escola, não quiseram retirar as famílias, deram um espaço pra construir outra casa. Só que o povo não quis sair e ficou, morando lá, por determinado tempo. Eles moraram um bom tempo nessa casa. Arlequim disse que ia ser demolida, mas conseguiu o espaço da casa em que eles moram agora e conseguiu material com Zé Dantas para construir. Eles saíram e a casa não foi demolida e outras famílias moram lá. Ao lado da Escola Viva é um espaço onde rolou muita droga e a mãe dele me falou que quando morava aí as pessoas costumavam deixar restos de droga em frente a casa; que ela chegava a chamar atenção dessas pessoas e dizia: “você pode usar a droga que quiser aí do lado, que não tem problema, eu já convivo com isso há muito tempo, agora não traga para minha porta, porque eu não quero que o meu filho seja igual a você”. Disse-me que teve de entrar em matagais com amigos, sem saber o objetivo e quando chegavam lá os amigos com cola. E acrescentou: “nunca usei, nunca foi do meu interesse”. Então nessa casa brincou muito porque os brinquedos nunca fizeram falta. Pegava pedaços de madeira, brinquedos velhos, tinha muito mais significado. Às vezes, a mãe chegava com o brinquedo novo e eles brincavam de comidinha, de casinha. Eu fiz muito isso quando criança. Construí as casinhas no fundo do quintal e fogareiro, de latinha de leite e barro, fazia as

comidinhas, e comia quando era criança. Na Escola Viva eu estudei todo o Ensino Médio, sempre quis estudar lá. Eu estudava no Olimpo e o meu desejo era em estudar na Escola Viva, porque todo mundo que eu conhecia estudava na Escola Viva. Tive o desejo era estudar num colégio particular até o 8º ano, no Colégio das Flores. As crianças iam para a capela antes de entrar na sala. A minha irmã me levava para creche e era um contraste muito grande, porque todo mundo arrumadinho, cheirosinho. Na creche era um ambiente totalmente diferente, mas eu nunca quis deixar de estudar numa escola pública. As pessoas diziam que o Colégio Cristão do Nordeste tinham grandes apresentações, mas eu queria fazer na minha escola, eu queria que a Escola Viva aparecesse mais. Era a minha escola que eu queria mudar, sair, abandonar. Então eu quis fazer isso e consegui, consegui fazer como aluno e como professor. Tenho orgulho de dizer isso. Eu saí da Escola Viva e vejo que a arte não está tão forte quanto antes. Me dá uma tristeza muito grande, porque eu tinha feito muita coisa, fiz muita coisa na Escola das Valsas e eu acho que a escola pública pode mudar muito. Essa outra fotografia é amiga do Pierrô ela estava na janela, aí lembrei da história da Maria Rapunzel, que quando a gente passou, ela gritou: “Pierrô”! Eu corri para porta e tirei uma fotografia dela. Essa sala de aula é na Escola da Alegria onde ele aprendeu a fazer teatro, a falar mesmo, a não ter medo de dizer o que queria. Eu pedi que ele ficasse na fotografia para sentir que ele estava ali. O sonho dele era estudar no Colégio Cristão do Nordeste, mas às vezes ele passa ali. A mãe, D. Colombina é um amor de pessoa, maravilhosa mesmo. Aí vem a minha resposta porque ele tem a cabeça tão diferente das pessoas, até dos próprios irmãos, porque ela gosta muito do Pierrô. Assim ela se expressa: “você é que vai cuidar de mim, eu estou dando tudo o que posso, o pouco que eu tenho, mas eu estou dando boa educação, a partir do Colégio Cristão do Nordeste, para você cuidar de mim”. Ele sente essa responsabilidade. E isso é muito bom, porque ele tem um objetivo. O estudo dele não é para conseguir um bom emprego não, o estudo dele é para modificar a vida da família dele. E se todo mundo pensasse assim, seria bem melhor para as pessoas. Tem poucas coisas na sala, no quarto. Parece bagunçado, mas fazia pouco tempo que ela tinha chegado do trabalho, e ela estava tratando peixe, lavando roupa. Apesar das dificuldades, o sorriso. Observo porque as pessoas costumam sorrir quando estão tirando fotos, eles são realmente felizes do jeito que são. Eles querem conquistar novas coisas, porque eu tive uma vida mais ou menos parecida e eu sempre quis crescer, quis

mais, quis mais. Hoje eu não tenho tudo o que quero. Eu estou pagando minha faculdade hoje, porque estou trabalhando, não esperei por meus pais, para fazer isso. E quando terminar quero fazer outra coisa, porque não chegou o fim. Eu observo isso e não dá para parar aqui, tem mais. Fiz um texto-sentido e quero partilhar com vocês agora:

A visita à casa de Pierrô me trouxe boas recordações e também recordações tristes que já haviam sido esquecidas. Quando falo esquecidas, não quero dizer que as lembranças foram se esvaindo vagorosamente de meus pensamentos, mas que foi através de uma luta incansável. Dona Colombina e o Pierrô me fizeram recordar fatos relacionados ao meu pai durante uma época muito difícil para minha família. Também me fez lembrar de situações na infância que jamais lembraria, se a situação não fosse tão propícia. A casa onde morei quando menino, onde dei meus primeiros passos e amei meu primeiro bichinho de estimação. Esse bichinho era um pintinho amarelinho que eu troquei por um pedaço de ferro velho que minha mãe guardava no quintal. Tudo aconteceu quando um grande caminhão passou na minha rua, cheio de pintinhos, com um homem falando alto num megafone. O bichinho de estimação foi uma grande alegria e também uma grande surpresa, pois na mesma semana que o troquei, minha irmã despercebida pisou o bichinho e ele morreu. Lembro-me de correr, pegar uma panela, colocar sobre ele e bater com uma colher para ver se ele voltava à vida. Chorei muito naquele dia.

Pierrô tem um pai alcoólatra, assim como o meu. Ambos, sempre passaram mais tempo fora de casa deixando as esposas no papel de pai e mãe. O menino sentia-se triste pelas reações do pai e não aceitava a bebida.

Há muito tempo, eu deveria ter uns cinco ou seis anos, lembro que por causa da bebida, meu pai discutindo com outro homem num bar e acabou sendo apunhalado por um facão, da costela ao ombro, precisando ficar hospitalizado durante meses. Ele quase morreu. Na noite em que o fato aconteceu, lembro de minha mãe sair enlouquecida deixando-nos (meus irmãos e eu) numa pequena rede trancados dentro de casa. Ficamos cantando músicas religiosas. Parecíamos bichinhos assustados. Foi muito duro tudo aquilo, principalmente relembrar tais fatos hoje. Pierrô tem muitas atitudes que parecem um pouco comigo, eu posso senti-las. A vida dele parece muito difícil, mas sua família apesar dos problemas, é muito feliz e cheia de esperanças. Parece que eles vivem pelos ideais. Dona Colombina é quem sustenta a casa. Quando cheguei, ela estava vindo da casa de uma vizinha,

acredito que lavava roupa ou algo do tipo, pois estava suada e reagiu ao meu abraço dizendo que estava suja.

Ela tinha muito orgulho ao dizer que os professores do Pierrô na “Escola da Alegria” (antiga escola) reclamavam que a escola morreu depois que ele saiu para estudar no Colégio Cristão do Nordeste. Ela adora vê-lo ir ao teatro e representar.

Uma semana depois Pierrô apareceu na minha casa, queria saber algumas coisas sobre a pesquisa, se ele estava indo bem etc. Então conversamos muito. Relembramos coisas que havíamos conversado em sua casa e ele me falou sobre outros lugares onde morou e que as melhores lembranças vinham da Creche Caminho das Flores onde estudou quando criança.

Na sua primeira casa tudo era pequeno. Ficava uma parte dentro dos muros da Escola Viva e a outra ao lado de um campo baldio. Naquela casa quase perdeu a vida junto com seus irmãos, pois a casa desabou sobre eles e a viga principal caiu sobre o peito do irmão deixando uma cicatriz enorme. Pierrô salvou-se embaixo de uma pequena estante que estava na sala. Nesta casa tinha uma árvore onde adorava brincar de casinha com seus irmãos. Sempre gostou dos poucos brinquedos que tinha por mais simples que fossem.

Depois que a casa caiu, o Arlequim ajudou-os a construir a nova casa onde moram até hoje. Para Pierrô o futuro representa chegar o mais longe que puder, pois nunca mais quer sentir a sensação da fome em sua vida. Deseja cuidar de sua mãe quando trabalhar, pois ela é a pessoa que mais ama. Pierrô parece determinado em conseguir seu objetivo. No teatro continua tão atencioso e dedicado com suas responsabilidades, desenvolvendo habilidades e competências relativas ao seu desenvolvimento artístico e educacional. Fizemos uma lista das pessoas e lugares que marcaram sua vida.

Rodolfo – A pergunta que eu ia fazer você já respondeu. Que imersões desse contexto do Pierrô, nos faz lembrar, pensar e sentir desse contexto cultural?

Mélore – Interessante, a vida socioeconômica que ele tem. Eu sou professora dele e se não tivesse essas fotografias, jamais eu iria tomar conhecimento da situação de Pierrô. Ele não deixa transparecer. À noite, quase todos os dias, me encontro com a mãe do Pierrô catando lixo. Acredito que ela me dá um sorriso porque me acha parecida com alguém, na maior simplicidade.

Tereza - A gratidão do Pierrô foi um dos fatores que fizeram chegar onde ele está, uma valorização que já faz o seu espaço.

Neet – Quanto a escola faz diferença na vida dele! Aquela primeira escola foi isso, a segunda foi isso, e a terceira foi isso. Olha, eu não aceito de forma nenhuma as condições socioeconômicas que estão nas fotos, mas o que eu posso fazer se eu não tenho dinheiro para modificar isso? Aí só me resta motivar, é um trabalho de sala de aula. Aquela coisa de que nas ruas as pessoas dão dinheiro e ficar no costume, não dá. É motivar para mostrar que tem algo ali e, além disso, você pode ser o protagonista de uma história vitoriosa, e não de uma história de miséria e decepção.

João Marcos – O que Tereza disse me chama muito a atenção, porque às vezes a gente discrimina tanto a escola pública e eu trabalho numa escola pública também. Eu percebo que tem muito amor. Quando o Pierrô falava que era a escola mais bonita para ele era ter toda uma estrutura do Colégio Cristão do Nordeste. Mas a escola mais bonita para ele foi a creche que não tem essa estrutura. Pierrô é um menino que tem uma auto-estima muito elevada. E se a gente analisar, as condições sociais dele, as condições da casa e da família, perceberemos que ele não tem nem o que vestir. Ele faz parte do Projeto Confete-Serpentina, e eles estavam lançando um livro na sexta-feira e ele sentado numa mesa enorme para falar de sua história. É impressionante como Pierrô se expressa bem, sabe entrar num auditório lotado de professores, de autoridades, de alunos e fala com uma facilidade tão grande. Essa história do menino que passa dentro do Cemitério, não deixa de ser seu texto etnográfico. Uma coisa que me chamou atenção, foi a Renata ontem me dizer: “vocês devem estar aqui às 18h30minutos. Venham cheirosos, bonitos, roupa bem limpinha”. E quando Tereza apresentou seu colaborador, entendemos porque eles chegam sujos. Às vezes aqui, eu acho que a gente tem que pensar muito, não é abordá-lo em questão da limpeza, dentro do Colégio Cristão do Nordeste. Eu vejo muita vontade dessas crianças, nesse sentido mesmo Talvez seja o momento de pegar essas fotos, se possível deixar a ética de lado, para ver a realidade dessas crianças. Hoje eu entendo porque Condor é um menino super ativo e quando chega em casa, a mãe prende. Porque não quer que ele seja um menino de rua, então o espaço para eles extravasarem isso é na sala de aula. Hoje eu já chamo a atenção dele de outra forma. É cruel a forma de chamar a atenção do nosso aluno. Eu acho que a gente tem que ter acesso a essa pesquisa e transformar a forma de ver a nossa.

Isadora – Por exemplo, lá na Escola das Valsas, fica difícil de mandar as crianças para casa porque a roupa está suja.

João Marcos – “Sua mãe não lavou sua farda?” Eu vejo muitos alunos do reagrupamento sem farda, muitas vezes serem chamados a atenção por Laura. E eles não tinham condições de se defender. É a autoridade e o menino, então só fazia baixar a cabeça. Eu perguntando para ele: “porque você não veio com a farda? – Tio, porque na hora de eu vir para escola estava suja, então só tenho uma farda, minha mãe só lava uma vez por semana”. Não deixamos espaço para criança falar. Tem que ver a forma, tem que conhecer a realidade do aluno, essa flexibilidade para educar. Eu sei que muitas vezes a gente educa não é passando a mão na cabeça, por isso devemos saber abordar essa criança, eu fico chateado com várias situações aqui no Colégio Cristão do Nordeste.

Neet – Eu acho que a nossa realidade pode mudar, até com esse grupo aqui. Nós estamos falando em Semana Pedagógica, poderá fazer trabalhos etnográficos e quem sabe quando as pessoas tomem conhecimento do que é uma pesquisa dessa forma, o que é estar mais próximo. No Colégio Cristão do Nordeste nós temos a oportunidade de fazer um caminho sério para a transformação.

Rodolfo – Acho muito interessante essas reflexões que vocês trazem, mas, vamos fechar esses parênteses que fomos observando, vivenciando juntos, que foram apresentados. Então a gente vai deixando reticências porque com certeza, no próximo encontro a gente vai ver esses cenários culturais, eles vão se encaixando. Lembro que a Terapia Cultural é como uma faca de dois gumes, pois somos pessoas e estamos falando de um contexto cultural, e esse contexto afeta diretamente a minha pessoa, o meu psíquico. Como hoje apareceram muitos conteúdos da psicoterapia, é o ser que está emergindo dentro de vocês, com certeza. Eu sugiro que façam um texto-sentido hoje à tarde, se possível. Coloquem aqueles sentimentos que estão brotando em vocês, determinadas falas, determinados contextos. Isso vai amenizar, suponho, os sentimentos que imergiram de vocês. Quero agradecer mais uma vez a participação e até o nosso próximo encontro.

A seguir, transcrevo os textos-sentido feitos naquele dia:

Lena - *O dia 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, e que também se convencionou comemorar o Dia da Criança, trouxe para mim*

emoções conflitantes. Neste dia pude ingressar no universo de três crianças muito especiais por seus sentimentos, sonhos, aspirações e por estarem inseridas em uma realidade social que escapa ao seu controle.

No primeiro momento pude me deparar com um “milagre”. O menino que pude ver pelos olhos de Mélore, nasceu com uma doença grave e em meio às complexidades de seu nascimento, parece mover seu cotidiano em busca da perenização do milagre que parece tê-lo curado. Assim, espera novos milagres para solução dos problemas do cotidiano. É nesta espera que identifico a realidade do brasileiro sincrético, místico que busca suportar e mesmo encontrar a felicidade junto à fé em seus santos. Assim, conheci Jazz com seus altares, capela, santos, sonhos e projetos, um menino que na simplicidade da vida projeta-se para Deus. Comove-me antecipar o que Jazz ainda tem que enfrentar.

No segundo momento a realidade me assalta de forma crua, sem disfarces. De repente me vi invadindo a casa de João, pelas lentes e relato de Tereza. Vi o Brasil pobre, miserável, carente de ações sociais, políticas e morais, visitei, olhando as imagens, uma das muitas famílias de minha cidade, que vive uma realidade conseqüente da poderosa exclusão social.

Emocionei-me com Tereza, ao identificar dentro da exclusão, uma exclusão ainda maior, a dor de João que em meio a uma numerosa família não é aceito, excluído do carinho familiar.

Bateu uma revoltante angústia. João, uma criança excluída de todas as oportunidades, que luta horas a fio por um balde de água sofre uma exclusão maior, o carinho familiar.

Amola-me dúvidas angustiantes: O que mais resta a este menino?

A realidade que eu falo, a hipocrisia dos governantes, a trajetória das conseqüências políticas e histórias que eu apresento em teorias, são novidades para quem é a própria conseqüência? Para quem vive a realidade crua de conviver com onze pessoas em um casebre de dois cômodos e um cubículo como banheiro?

Realidade não muito diferente conheceu Neet, com seu aluno Pierrô, fruto desta mesma realidade e que até pouco tempo sua mãe, gari, lutava pela casa própria.

Pierrô busca transpor a dureza do seu cotidiano, pela porta da escola. Projeta seus sonhos na arte, no teatro. Brinca sobre túmulos para zombar da morte.

Simples realidade da periferia onde o cruel é simples, e que vida e morte partem de um mesmo ponto. Só que felizmente Pierrô escolheu a vida.

Diante das realidades percebidas me reporto à minha prática de educadora e me sinto desafiada. O que posso dar ou fazer pelas crianças e jovens desta realidade e de outras tantas? Esperança?

Assola-me um sentimento cívico, patriótico, guerreiro. É preciso lutar! Contra quem? Quem é o culpado. Bate-me o desânimo...

Vem à tona o lado racional, o profissional entra em cena. É a conjuntura, conseqüência do imperialismo de nações liberais. É o subdesenvolvimento, é conseqüência da ação de políticos corruptos.

Até quando a realidade vai ser mediada pela teoria? Saio dos Círculos de Letramentos angustiada e renovada. Não sei o que fazer enquanto educadora e cidadã e, principalmente cristã, mais sei que algo precisa ser feito.

As realidades percebidas não são novidades. É sobre elas que trabalho. O que dói é percebê-las tão perigosamente perto, tão vivas, tão pessoais e parecidas com minha própria luta.

Tantos relatos! Tantas perguntas!

Reporto minhas reflexões aos 12 de Outubro. Que os afilhados de Nossa Senhora Aparecida encontrem alento e proteção e que suas crianças tenham mais que esperança, tenham vida.

Sofia - *Eu sabia que nossos alunos apresentavam uma condição financeira difícil, porém não tinha noção da realidade de vida dessas crianças e jovens.*

Foi preciso ver pelas fotos, sentir de perto a realidade. Confesso que fiquei bastante sensibilizada, com o modo de vida dessas crianças.

Durante a exposição das fotos da Tereza e do Neet, mostrando a pesquisa de campo de seus colaboradores, eu fiquei imaginando se nós, os observadores, conseguiríamos entender tudo, pois as fotos em si nos falavam tudo.

Um modo de vida precário, uma realidade cultural diferente, crianças em sua infância, assumem responsabilidades de adulto, como por exemplo: carregar água em balde para abastecer sua casa, pedir comida na rua para saciar sua fome e de sua família, viver sem um mínimo de conforto possível e não ter momentos de lazer. Apesar de tudo, elas ainda conseguem sorrir e serem felizes.

Observando as fotos sobre João, em sala de aula, deu para perceber que ele estava sempre olhando para os colegas, enquanto fazia suas atividades, buscando ajuda nos deveres dos colegas, para conseguir fazer o seu, já que em casa ele não tinha nenhum acompanhamento pedagógico que possa lhe ajudar a superar suas dificuldades de aprendizagem.

Fiquei profundamente emocionada quando a Tereza disse, que agora ela sabia porque ele vinha sem fazer o “dever” para aula, pois em sua casa não tinha um lugar adequado para fazer suas lições.

Fico pensando o que se passa na cabeça desses jovens, quando chegam ao Colégio Cristão do Nordeste, se deparando com uma realidade física e cultural, totalmente diferente daquela em que estão inseridos.

O João gosta muito de brincar na escola, e eu consegui entender. Na verdade é porque ele em casa não tem esse momento...

Irildênia – “Meu coração palpitante”

Senti muita tristeza em meu coração ao ver nas fotos do João a realidade que ele vive todo dia, o lugar tão desfavorável para uma criança crescer. Ao ver o lugar onde o mesmo pegava água, me lembrou de quando eu tinha de 11 a 12 anos, que eu e meus três irmãos íamos puxar água da bomba da casa de uma senhora. Quando ela dizia para gente: “poupem água e se possível tome um só banho por dia, pois água está difícil”, mas por sermos crianças não levávamos tão a sério. E hoje, quando vejo ainda essa realidade estampada nele (João), me sinto cada vez mais triste. Às vezes nós nos preocupamos tanto com coisas tão pequenas, e esquecemos de valorizar um gesto que para essa criança seria grandioso, por exemplo, dizer um “Bom Dia”!

Enquanto hoje, me preocupei em comprar um presente para agradecer meu sobrinho, me vi diante da realidade do João, que além de não ter uma educação em sua casa, principalmente hoje, que é seu dia de brincar e se divertir, ele não tem nem o que comer. Só resta o aconchego da escola para ele, e cabe a mim como educadora dar. Ainda mais não só a ele, mas a outros parecidos, dando atenção, se tornar criança como eles para deixá-lo mais felizes e acolhidos. Acho que isso é pouco, mas talvez assim ele possa ter uma perspectiva de vida melhor, podendo ajudar a sua mãe quando crescer.

Se cada pessoa tivesse a oportunidade que nós estamos tendo de conhecer uma criança como o João, logo mudaria o seu modo de pensar sobre uma criança de rua, que muitas vezes ignoramos.

John - *Todo mundo tem momento na vida de sofrimento na família, com o dinheiro, saúde, morte etc. Eu tive esses problemas nas visitas na casa de Maria. Senti a minha vida passando como fosse o filme “A Grande Família”. Só que a minha família é educada e a de Maria não. Em qualquer organização formal ou familiar, há necessidades de alguém que, em determinado momento, tome iniciativas, tome decisões. Na casa da Maria é a mãe e na minha casa é a família junta.*

A pior coisa que pode acontecer a uma pessoa com necessidade é sentir-se isolada, rejeitada, malquista e a Maria é assim. É mais importante ter amizades do que obter sucesso na carreira. Maria é assim: eu já sou muito alegre. É um fato social que as pessoas motivadas pela necessidade de afiliação.

Todo ser humano vive em grupo. É vivendo em grupo, socialmente que ele aprende e desenvolve as atitudes e comportamentos básicos, que lhe possibilitam realizar-se como pessoa.

“Aqueles fotos”

Já foram dadas muitas definições para a expressão educação popular e aquelas fotos abrangem essas definições. Compreendo a educação popular, como sendo a educação que atende aos interesses do povo, das camadas populares da população. Camadas populares são as classes dominadas, oprimidas, que se opõem as classes dominantes. As fotos analisadas, a partir da realidade de minha cidade, levam-se em conta nossa história educacional.

É urgente que todos juntem esforços para melhorar a educação de nossa cidade. Ninguém pode fugir a esse compromisso. Por isso, que esse trabalho é importante na comunidade do Colégio Cristão do Nordeste.

João Marcos - *Quando pequeno, minha mãe contava-me muitas histórias. Uma delas marcou-me profundamente. A história de uma divindade, a filha de Indra que vivia no seu mundo perfeito, a qual nem lembro mais o nome, que desceu a terra para conhecer a vida terrena.*

Assim sou eu. Grande parte da minha vida, vivi num mundo lúdico, maravilhoso, rodeado de amor, carinho, proteção, brinquedos, educação, pão...

Tanto tive e tenho, enquanto outros ao meu lado, vivem num mundo cruel, violento, injusto, frio e maltratado. Senti-me culpado por tanto ter e impossível foi conter as lágrimas, a aflição e o sentimento impotente do fracasso diante da nudez agressiva daquelas imagens carregadas de escuridão. Imagens que expressam fome, sede, miséria, angústias humilhações de todas as formas. Nossa! Mundo contrastante, dividido e incoerente. Tristeza, choro, esperança, dor e desejo de ser mais luz e vida para os Joões, Paulos e Julianas Belmiras da vida vieram à tona. Talvez até então eu tenha sido uma tênue e minúscula chama e precisasse ser uma tocha viva e intensa. Preciso ser mais luz, imagens que não me causaram revolta ou exasperação, mas um apelo para que possa trabalhar mais. Um despertar, um abrir ainda mais de olhos para as necessidades alheias e de mudanças em mim mesmo. Preciso renovar-me sempre. Renovar meus sentimentos, modificar posturas, ser mais corajoso, mais águia para voar mais alto e levar comigo os que precisam também voar.

Rita - *Ao ver as fotos do aluno de Neet, elas me chocaram muito, pois muita coisa comparei com o que já passei. No entanto, no momento da partilha não tive coragem para me expressar. Sendo assim, ao chegar em casa transcrevi os sentimentos que estava sentindo naquela hora para o papel. O que realmente me chamou atenção foi a história do aluno (Jazz), o fato de ele ser muito ligado às coisas de Deus, ter muita fé e ser persistente em tudo que faz. E um outro (Pierrô), acreditar nos seus sonhos. Isso tem muito a ver comigo, sempre procuro persistir por mais que as coisas sejam difíceis. Logo tenho a responsabilidade de oferecer condições sempre melhores para minha mãe, uma pessoa que sofreu demais para me transformar no que eu sou hoje. E isso teve muito a ver com o aluno, por ele também carregar essa responsabilidade e querer mostrar para sua mãe que um dia tudo que sonhou se responsabilizará. Assim como sua mãe está fazendo o possível e o impossível para lhe oferecer uma educação melhor, um dia minha mãe fez o mesmo por mim e hoje agradeço demais. Outra coisa que me chamou atenção na sua história foi o fato de ele ter morado por muito tempo em casa emprestada, ou alugada, e isso me fez lembrar as histórias pelas quais minha mãe passou por não ter casa própria por muito tempo e isso a fez sofrer bastante. Não me lembro muito, pois era muito pequena, mais toda vez que ela me conta essa história fico triste, porque sei que minha mãe sofreu muito para criar seus filhos, no caso eu e meu irmão, pois ficamos*

órfãos de pai muito cedo. Entretanto, na hora da partilha dos sentimentos, sempre fiquei tentando ligar a história do garoto com a minha vida, em tudo que já passei e que graças a Deus superei e hoje já me sinto bem melhor...

Árvore - *Condor é uma criança de seis anos que, de acordo com sua mãe, não tem amigos além das crianças do Colégio. Sua rotina é, portanto, no período da manhã, vai para a escola, à tarde vai para o reforço e por volta de oito horas adormece.*

No Colégio, Condor demonstra grande inquietação, não consegue permanecer um tempo mínimo em um espaço só. Nas rodas de conversa, ele está sempre irritando algum colega seja com pontapés, empurrões ou provocações verbais. Durante as atividades que se fazem necessárias, o uso da escrita de próprio punho, ele sempre se recusa a fazer. O que gosta mesmo é de brincar, recortar e colar. Durante estas atividades de recortar ele parece está sossegado, quando de repente levanta da cadeira e com a tesoura ameaça os colegas. Às vezes fala que vai trazer um revólver para a sala, para matar todo mundo. Mas Condor também tem seu lado protetor. Se alguém do grupo estiver machucado ou triste, ele abraça o colega e fala palavras de conforto.

Vera, sua mãe, sempre o pega no Colégio, e durante o tempo que venho acompanhando Condor como professora, comecei a perceber que ele não demonstrava o mesmo comportamento diante de sua mãe. Logo que ela se aproxima, rapidamente ele muda seu olhar, e sua agitação logo se transforma em sossego. Dona Vera é uma mãe muito exigente com o filho e consigo mesmo. Certamente com intenção de protegê-lo, ela não permite que ele conviva com outras crianças.

Durante a pesquisa ela tem me lembrado minha avó materna, que cuidava de mim e de meus três irmãos quando criança, para que meus pais pudessem trabalhar. Lembro-me que minha avó era bastante exigente nesse sentido de convivência social, e sempre nos proibia de brincar com outras crianças, despertando em mim um sentimento de isolamento e solidão, já que eu, como caçula, sempre me sentia a mais sozinha. Quando adolescente tinha dificuldades para me integrar nos grupos. Era insegura, tinha medo que me tratassem com indiferença. Às vezes ficava de longe a observar os grupos e pensava: por que será que eu não consigo me enquadrar no perfil dos meus colegas, o que falta? Como

devo agir para me sentir integrante do grupo? Passava horas a fio me questionando, e logo caía a ficha, quando algo me dizia: Seja você mesma.

Hoje me sinto mais segura nos relacionamentos. Mesmo com certo receio em alguns casos, tem julgamentos preconceituosos. Gosto da convivência em grupo, não tenho amizades profundas. Além da minha família, prefiro fazer parte de um todo a pertencer a uma parte.

Tereza - *O domingo estava calmo. O calor insistente me agitava e uma certa saudade e preocupação me impulsionavam a uma nova visita. No caminho, pude observar muito mais coisas que das outras vezes. As casinhas pequenas, apenas no tijolo, a estrada esburacada, os pequenos grupos de homens que fumavam e conversavam alto, alguns bêbados que passavam carregados por outros. Um terreno baldio, logo a minha frente, sinalizou que eu havia chegado.*

Como antes, apesar da extrema pobreza, a humilde casa de três cômodos pareceu-me simpática. O João não estava em casa. Resolvi esperá-lo e enquanto isso, procurei conhecer melhor o dia-a-dia de sua família. O fogão formado por dois pedaços de tijolos e sem nenhum vestígio de cinzas revelava-me que há muito não era aceso. As poucas panelas estavam guardadas na velha panela. O único local onde as crianças realizavam suas atividades escolares, reduz-se a uma mesa esburacada e sem equilíbrio. Havia roupas espalhadas em várias partes da casa. Duas velhas redes estavam armadas e numa delas, estava uma criança de um ano, que me sorria afavelmente, e que inocente e alheia a tudo, me fez refletir amargamente sobre a dureza da vida. A criança é um dos onze netos da dona Cecília, e estava passando uns dias com ela.

Conversamos e ela acabou se expressando a respeito do filho que fuma craque. Ele ajuda a distribuir e passar a droga adiante (o conhecido aviãozinho) e em troca, recebe a droga para consumo. Ela revelou uma tristeza profunda e ele por sua vez diz que é difícil demais largar o vício.

Mais ou menos uma hora depois o João e a Margarida chegaram do Colégio Cristão do Nordeste (Projeto Rumo Certo). Com um pequeno balde saíram em busca de água. O caminho é sujo e um esgoto fica a poucos metros do local onde eles pegam água. Mais adiante há um grande lixão. As crianças esperaram pacientemente, pois havia um homem com vasilhas enormes para encher. Muitas pessoas também pegam água ali. Ao encherem o balde, foram deixá-lo em casa e

retornaram para tomar banho: uma cruel maratona, em pleno meio-dia, um sol escaldante. Senti novamente minhas mãos calejadas. A lembrança dos tempos em que eu e meus irmãos íamos buscar água longe, veio forte demais essa imagem. Por um instante quis fugir dali. Enquanto eles tomavam banho, percebi o quanto o local é deserto. Nem uma viva alma. Bateu um medo!

Neet – “Pierrô”

É importante para mim, falar que estive presente e ausente entre o espaço real da Terapia Cultural e o mundo da reflexão. Estive imerso em outro continente, numa dimensão cósmica completamente distanciada das estruturas convencionais da realidade elaboradas pelo homem. Sim, mergulhei nas fotos-imagem captadas por mim e meus colegas vagando num rio de lágrimas e desabaços. As imagens apresentadas no último encontro me cortaram o peito. As câmeras me mostraram além das palavras e captaram a essência do momento. Para mim é revoltante um ser viver em condições subumanas. É revoltante as pessoas terem tão poucas oportunidades na vida. Juntar as realidades tão contrastantes dessas crianças e observar a diferença bombástica entre elas, convivendo na mesma escola e participando das mesmas atividades me faz refletir sobre a condição de nossa existência. Eu chorei e acredito que sempre chorarei ao me deparar com tudo isso, pois fez parte de mim. Eu também carreguei água no balde, tomei banho com latinha, passei necessidades. É essa empatia que me faz sentir coisas já passadas e me expõe a tais circunstâncias.

A cada dia, descubro que a motivação é fator importante na concretização das atitudes. É preciso motivar para ver acontecer.

Quando observava as imagens do João e do Pierrô, houve uma explosão de sentimentos em meu peito que parecia rasgar desde o fundo, deixando minha respiração difícil. Aqueles eram sentimentos de conquista, por ter chegado onde estou. De culpa, por não fazer mais por crianças e adolescentes. De tristeza, por não ver perspectiva nos familiares destas crianças e adolescentes etc. Mais uma vez quero sonhar, para acordar com esperança.

Mais uma vez quero sonhar

Mais uma vez quero brincar de ser cavalinho

É, porque tudo que está sobre o cavalinho

Só está por causa dele mesmo

É o cavalinho que anda e corre
 Sem ele ninguém vai nem volta
 Eu quero brincar de esquecer
 Esquecer o mundo e as dores
 E se isso não fosse possível
 Sonhar de estar nele
 Mas sendo o super-herói, não o problema.
 Eu quero sonhar
 Pois já não agüento nadar em minhas próprias lágrimas
 Sonhar é sobrenatural
 Quase ninguém sonha
 Parece besteira
 Besta sonhando sem eira nem beira
 Mas é na beira que prefiro ficar
 Entre o real e o imaginário
 No portal que separa a verdade do medo
 Onde não há penar
 Só sonhar.

Jaque - Até hoje eu não sei bem porque me neguei a escrever sobre aquele encontro, naquela manhã de feriado tão calma e ao mesmo tempo tão iluminada. Talvez o medo de incomodar ou de escrever (sem julgamentos), já sei.

Engraçado que quando o Rodolfo nos aconselhou, que ao chegarmos em casa pudéssemos estar escrevendo sobre nossos sentimentos, referentes ao encontro, pois iríamos em seguida nos sentirmos aliviados, mais tranqüilos, eu não consegui, e procurei dormir, pois estava com dor de cabeça. Mas não consegui. Os olhos sequer fechavam, e a todo momento eu lembrava principalmente do João e do choro de Neet.

Aquelas imagens me fizeram lembrar muito de minha infância, quando nós não tínhamos água encanada e meu pai nos dava a tarefa, a mim e minhas irmãs mais velhas de puxar água numa bomba que tinha numa casa vizinha. E como meu esporte era à tardinha, três vezes na semana, eu chegava já quase à noitinha e ia no escuro levando às vezes uma vela, pois não tinha luz próximo à bomba, que ficava no quintal e lá puxava sete latas d'água para encher a jarra grande.

Não gosto de lembrar da minha infância, nem de como meu pai tratava a minha mãe. E de repente quando aquelas imagens começaram a passar e a Tereza emocionada, falando de alguns fatos de sua família, de sua mãe, eu começava a lembrar de momentos meus. Meu Deus, eu não sei como não fiquei louca.

Lembro quando na minha apresentação eu falei a Rodolfo que havia coisas que ele não deveria saber. Eu penso que existem alguns momentos nossos que não sabemos como resistir, ao mesmo tempo quando no futuro, como agora, relembramos. Compreendo que foi somente a graça de Deus, e sei que as cicatrizes estão guardadas comigo, mas eu luto para pelo menos mantê-las distantes.

Tenho certeza que não só Rodolfo como os outros do grupo iriam ficar tristes, e como eu me abalo muito quando sinto ou escuto sobre experiências dos nossos colegas, penso que seria o mesmo. Voltando ao momento da apresentação, eu me comovi muito com o Neet, com o seu choro e me vi nele, porque sei que ele também sofreu muito ao lembrar fatos de sua infância. Lembrei então da minha irmã mais velha, a Ângela, mãe de Paulo, que está longe e era a única pessoa com quem eu conversava e que eu sei que me escutava. Hoje as pessoas olham para você, fazem de conta que estão escutando, mas não estão. Fiquei com vergonha do meu choro descontrolado, mas eram fardos acumulados. Eu queria muito ter abraçado Neet, talvez estivesse precisando de um abraço, mas preferi sair. Lá fora, o Sérgio que ia passando, não compreendeu meu choro e eu não sabia o que dizer, então, a Isadora, graças a Deus, falou com ele que era por conta de alguém de minha família. Ela ficou ainda alguns minutos comigo e me escutou um pouquinho (desabafo).

Ao retornar para sala, eu me sentia anestesiada, e mesmo olhando para apresentação de Neet eu não conseguia me concentrar. Meu coração pedia para que terminasse tudo logo.

Em resumo, meus maiores sentimentos referentes a este momento foram de angústia, diante das lembranças e de responsabilidade, pela vida daqueles que estão pertinho de nós.

Isadora - *Durantes as falas dos meus colegas no encontro Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, realizado no último dia 12, percebi diante das imagens apresentadas algo já vivenciado por mim na escola pública que trabalho desde 2004. É como se do lado de fora da sala de aula observando as crianças, convivendo mais de perto com os pais, começamos a nos sentir parte do mundo real*

que cerca nossos alunos. Ouvimos sua história de vida, passamos a compreender o motivo de algumas atitudes ao olhar os dois lados da moeda, penetramos de verdade no mundo real dessa criança.

Diante das imagens reveladas, senti e vi além da vulnerabilidade dos alunos o peso da obrigação (brincar/trabalhar), aprender e se permitir ser livre, já que em casa não há espaço para isso.

Vi a responsabilidade de um adulto em uma criança, a fome, o desrespeito político e social dos nossos governantes, que não são os únicos culpados, para com a população carente.

Mélore - *Nada em nossa vida acontece por acaso. Tudo começou em uma tarde de domingo, quando me dispus a visitar a casa do Jazz, onde fui bem recebida pela família. Senti total apoio por ambas as partes, ou seja, da sua avó e tia bem como da sua mãe com quem o mesmo convive.*

No primeiro contato confabulamos muito, e foi o suficiente para que eu pudesse voltar outras vezes para fazer a então pesquisa etnográfica. As visitas foram acontecendo conforme minha agenda e também o horário de trabalho da mãe do Jazz, já que as informações que eu precisava colher só poderiam ser oriundas da mãe, que era a pessoal ideal para deixar a pesquisa completa.

Percebi que todas as pessoas que estavam ao meu redor (mãe, tia, avó e a irmã) estavam curiosas para saber o verdadeiro sentido de estar ali, uma vez que não era de costume minha presença naquela casa.

Durante nossa conversa, observei que existia fidelidade na fala das pessoas que estavam comigo. Até que me senti segura em voltar outro dia para que completasse minhas interrogações. E assim, consegui criar um vínculo de amizade e, acima de tudo, confiança com a família.

Quando resolvi registrar através de fotos, não achei por bem avisar, pois, no domingo iria novamente a sua casa para fotografar. Mas tudo aconteceu naturalmente. Conversamos com mais clareza e para mostrar os lugares que ele gostaria de ser revelado (fotos) e todos com o seu verdadeiro significado. Foi uma experiência fabulosa!

Após a segunda visita, eu tinha certeza e convicção que aquela pesquisa iria contribuir para o meu profissionalismo. E assim aconteceu. Hoje, posso dizer com mais segurança que os momentos mais significativos da vida dos alunos, as

amizades mais ricas e mais profundas, conseguem-se na convivência diária com os alunos, nos recreios, nos contatos informais e até em visitas a sua casa.

Sei que não foi fácil, pois o que me impedia era exatamente o horário que não correspondia para que eu pudesse fazer as visitas de campo. Com muito sacrifício consegui conciliar o meu horário com o da mãe, bem com o de Jazz.

No decorrer da pesquisa, fiquei preocupada quando conversávamos sobre os alunos que escolhemos e observei que o meu não ficava aquém, pois, a maioria tinha suas raízes encravada no bolsão da miséria, sem vez e sem voz, convivendo com um mundo acirrado da competição.

Foi então que compreendi que uma pesquisa etnográfica precisa ser bastante diversificada e só assim o meu aluno colaborador estava imerso no processo.

Após três meses de pesquisa, sinto cada vez a necessidade de abraçar a nobre causa que me incomoda com afinco, a profissão e a minha vocação, que um dia eu descobri. Posso ser útil para contemplar com alegria toda a paisagem que posso vislumbrar no meu curso.

SEXTO ENCONTRO DE TERAPIA CULTURAL EM CÍRCULOS DE LETRAMENTOS

Rodolfo – Bom dia! Sintam-se à vontade em mais um encontro de nossa Terapia Cultural. Então hoje nós vamos continuar a seqüência de exposições do nosso trabalho em campo. Isadora, você fique à vontade para fazer a sua apresentação.

Isadora – Esta fotografia tem Paula com a sua mãe. Quando eu cheguei a casa, elas ficaram um pouco envergonhadas porque não estavam com roupas apropriadas e nem arrumadas. Eu disse que as fotos tinham que ser tiradas com as pessoas fazendo suas atividades, naturalmente, e que elas não precisavam estar arrumadas. Fomos à casa dos avós. Percebi que ela tem um amor imenso pela tia. A tia estava se escondendo porque também não estava apropriada para foto. Eu aproveitei e bati. Ela mostrou um carinho muito grande pela tia Leda, que também foi minha professora de catequese. Esta foto é da Capela. Nesta rua fica a casa da mãe e na lateral, a casa dos avós. Então são as pessoas que Paula tem mais contato, pessoas com mais de 60 anos. Pude observar nessa foto que Paula é muito tímida, pois ela não chegou muito perto, não abraçou, cheirou, ela só ficou lá na posição para tirar foto e pronto. Também percebi que por parte dos avós não teve nenhuma demonstração de carinho, nem afeto. Diferentemente com a tia, que ela chegou e abraçou com mais apego. Lembrei dos meus avós, por parte de mãe, eu não os conheci. E os meus avós por parte de pai, a gente não tinha afetividade, era só “a bênção avô”, “a bênção avó”. Com respeito, mas não tinha essa questão de afeto muito próximo. Ela estava brincando, pois gosta muito desse brinquedo pula-pula. Depois que eu tirei a foto ela me trouxe para o Colégio. “Paula, tu estás muito assanhada, não faz isso”, dizia sua mãe. Aproveitei e tirei a foto. Esses são os cachorros da casa dos avós. Ela tem um cachorrinho em casa e quando ela chegou na casa dos avós, ele gosta de chamar a atenção. Isso aí é em frente da casa da avó dela e que já ia viajar para a cidade vizinha quando eu cheguei. Aí a mulher disse assim: “Paula tu adoras fazer pose”. O conflito da vida de Paula está visível. Se você caminhar reto, é a casa de sua mãe. Na lateral da casa, a dos avós. Passam-se duas casas e aí fica a casa da amante do pai. Eu convidei Paula para irmos até à praça, que eu não sabia, passa em frente a casa da amante. Nesse momento eu observei que quando a gente passou, ela olhou, espichou os olhos para

ver se tinha alguém. Não tinha e nós passamos direto. Percebi que a mãe dela permitiu, mas ficou numa certa aflição. Fomos à praça mesmo assim. Ela quis ficar em cima do tronco para bater a foto que fica na praça do bairro do Tamanduá. Poucas vezes ela vai aí, justamente para não enfrentar essa situação. Se ela não passar tem que fazer um percurso bem mais longo. Essa parte que desce para o rio que fica na lateral da praça e você tem que andar um pouquinho mais. Essa é a rua da casa da Paula. É uma rua simples, calma, sem muito movimento. Não percebi Paula freqüentar casa dos vizinhos. A casa que ela sempre vai é a da tia, da avó e da Lúcia. Quando ela está em crise de choro, a mãe geralmente manda ela para a praia, mantendo a distância e vai para casa das tias. Na escola ela se mantém muito distante, “tia eu não tenho amigas”, me queixa. Mas eu pude observar, das duas meninas que ela tem mais contato, que ela tem convívio somente com as suas mães. Mais uma vez a capela. Ela freqüenta muito pouco as aulas, às vezes, nos eventos maiores, participa de missas, como 13 de maio, as festividades maiores do bairro. Eu acho que é justamente por isso, pelo percurso que ela tem que fazer, que ela e a mãe evitam esse trajeto em frente à casa do pai. Na conversa com Paula percebi que estava um pouco retraída. Ela culpa a mãe por causa dessa separação, pois ela me disse que se fosse ter que agüentar tudo, ele ainda estaria em casa. Mas o seu orgulho não permitia mais e Paula cobra muito essa presença do pai. A amante não permite que ele tenha contato com os filhos. Com isso, Paula sente muito a sua falta. Quando está próximo dos eventos da Escola, ela gostaria também de ter a presença do pai, não só a da mãe. Para compensar essa falta o seu corpo fala, ela sente dor de cabeça, passa mal, geralmente é assim. Fez-me lembrar na época que os meus pais se separaram, que eu fiz todos os tipos de exame, até suspeita de febre reumática eu tive. Mas não foi diagnosticado nada. Na verdade, o meu psicológico estava afetado. Quanto mais chantagem eu fazia, mais aproximava meu pai de casa. Só que isso intrigava mais ainda o meu pai e minha mãe. Eu não tinha essa visão, só tinha visão de filha. Queria ter meu pai próximo e de qualquer forma. Eu passava mal na escola e tinha que ligar para o trabalho dele para ele ter esse contato comigo. Não só a minha mãe tinha que vir, porque mamãe nunca levou um filho ao médico, nunca veio à escola assinar o boletim, tudo isso era responsabilidade do meu pai. Ao contrário da mãe de Paula, que a leva ao médico, está sempre presente nas apresentações, pega o boletim na escola. A minha aprendizagem caiu muito naquela época. Eu lembro que, na mesma época, a

professora Chiquinha teve muita paciência, pois o meu rendimento escolar em Matemática foi muito baixo, mas ela conseguiu me recuperar. Paula está tentando se aproximar mais dos colegas em sala de aula, acredito que aos poucos ela vai superar essas dificuldades, só o tempo é que sabe.

Rodolfo – Isadora tente passar mais detalhes daquilo que os nossos olhos não conseguiram ver. O etnógrafo é aquela que consegue ir ao local da pesquisa, transmitir suas percepções ao leitor, e este sem ter ido ao local da pesquisa, é afetado por suas constatações através das descrições.

Isadora – O ambiente em que Paula convive é calmo, mas eu não observo as pessoas tão solidárias, pois é cada um no seu cantinho e os contatos são poucos. Paula não tem essa convivência com outras garotas de sua idade, pois geralmente o ambiente da praça que ela podia freqüentar, é impedida em relação à casa da avó. Paula, de alguma forma, rejeita muito a mãe. Comigo foi o contrário: a rejeição passou a ser de meu pai e não da minha mãe. Eu vi na minha mãe o sofrimento e eu também sofri.

Rodolfo – Vejam: aquilo que a etnógrafa constatou no campo cultural através das fotos está revelado como se tivesse uma desertificação humana no contexto cultural dessa aluna. Você gostaria de acrescentar alguma coisa para os demais membros do grupo, sobre esta aluna? O que a fez pensar, lembrar, ou sentir?

John – Fez lembrar um dia de domingo numa pequena cidade.

Rodolfo – Uma fala de Isadora: “eu convidei a aluna para ir à praça”. Esses ambientes fotografados foram convites seus? Ou era a aluna que a convidava? Ou você foi fotografando naturalmente?

Isadora – Eu cheguei à casa da avó e da amiguinha. Como estava próximo, eu sugeri ir até à praça.

Rodolfo – Isadora, é interessante essa sua iniciativa, porém, é importante deixar todo o contexto da pessoa transcorrer sem haver um direcionamento. As pessoas com as quais nós acompanhamos, ou que estão imersas na pesquisa, na verdade são nossas colaboradoras. São elas que nos puxam para a “correnteza”. A gente tem esse discernimento, pois a pesquisa etnográfica parte do princípio da naturalidade. O pesquisador não coleta dados, ele produz dados com os outros colaboradores. Os fenômenos vão surgir e nos fornecerão os conceitos emergentes.

Isadora – Eu fiz o convite, pois a gente chegou à casa da amiga dela ela não estava. Então, eu disse: Paula vamos até à praça?

Rodolfo – Sem problemas, Isadora. Você não queria perder a viagem. Nos relatos dos etnógrafos, quando eles têm uma imersão exaustiva de campo, pessoas que passam muito tempo no ambiente... Há muito do “perdido”. Porém, nesse “perdido” é onde está a riqueza da etnografia, aquilo que os pesquisadores acham no fenômeno não apresentado. Disto isto, então vamos a apresentação de *Árvore*, para que ela faça a sua exposição. Mas também queremos agradecer a apresentação de Isadora.

Árvore – Esse é o Condor, de óculos e com a blusa da semana da criança, tirada aqui no Colégio. Condor vive com a mãe e com a avó. São duas pessoas que cuidam muito bem dele, dão muito carinho. Essa foto foi no Colégio. Os únicos colegas que ele tem são daqui da escola. Aproveitei esse momento e vocês observam que ele está puxando os colegas, as brincadeiras de puxar a camisa, de derrubar. Condor e Chaves são amigos, mas brigam demais. Ele está pegando na camisa dele. É sempre assim, a brincadeira de policial e bandido. Sempre tem alguém para me dizer que Condor chutou. Ele agora está mais cuidadoso, fica bem mais quieto porque é uma recomendação muito grande da mãe. Às vezes ele quer mesmo aprontar. Ele guarda os óculos na bolsa e vai para o recreio. Quando eu estava com a máquina no recreio todos queriam tirar fotos, aí eu começo a fingir que eu estou tirando foto de todo mundo. Condor na piscina. Esse foi um dos melhores dias, pois ele curtiu “à beça”, de sunguinha perto do Chaves. Quando a sua mãe está recebendo muita reclamação dele, ameaça tirá-lo do Colégio. Ele promete que vai melhorar, pois ele é apaixonado pelo Colégio. Faz questão de acordar bem cedo para vir ao Colégio. Quando ele não pode vir, está no tratamento, início de artrite, está tendo um acompanhamento de vez em quando. Depois da consulta, ele vem para pegar a tarefa com a mãe. Essa foto é do Condor mergulhando. Eu tirava a foto e ele queria ver, pois pensava que a máquina era digital. Vocês vêem que a maioria das fotos foi tirada no Colégio, porque é a convivência social que o Condor tem. Segundo a mãe, os amigos da rua não convive com ele. Desde o começo, eu venho observando muito Condor. Ele bate nos pequeninhos, nos menores, ele vai atrás de outros e não se conforma, reage tentando interromper a diversão dos meninos. Bate, puxa, quer mudar o percurso da brincadeira, e acaba o recreio todo em conflito. Essa foto foi em seu quarto. A sua mãe é um pouco cismada e acha que a pesquisa era para o Colégio; que a gente está pensando que o filho dela está doido. Ela usa essa expressão: “todo mundo acha que Condor está doido”, ela tem muito

receio. No dia que fui até sua casa, ele estava dormindo. Era um momento único, pois ele estava paradinho. A mãe dele gostou, ela sorriu. Este é o quartinho dele. O avô demonstra um carinho muito grande por ele. Foi impossível tirar a foto, porque a mãe não queria. Eu expliquei que não era para o Colégio, era para mim, para meu trabalho. Mesmo assim ela não concordou, e não quis insistir. Foi chamada pela Assistente Social para resolver várias coisas do Colégio. Ela junta tudo e diz: “eu acho que vou tirar Condor do Colégio, é muito complicado, tem muita criança pobre”. E agora criou uns medos: “Árvore, ele chega com a cuequinha suja e disse que está com medo dos meninos, os meninos estão agredindo meu filho”. Eu explico para ela que Condor não tem o mesmo comportamento diante dela. Quando ele percebe que a mãe vem pegá-lo, ele já muda, ele se acalma, não sei se por medo. Diz que os colegas querem bater nele, querem se juntar no Colégio para baterem primeiro nele. Quando é o contrário. Ele adormece muito cedo, às 20h. A rotina dele é de ir para escola de manhã, depois professora particular - porque a mãe dele não entende muito -, e à noite adormece cedo. Vê televisão também. A mãe dele acredita que não seja tão agitado. Ele muda o olhar, se solta no Colégio, coisas que não apronta perto da mãe. Essa semana ele fez um gesto tão bonito! No dia da entrega de notas, eles iam sair mais cedo, Tom mora próximo ao Colégio e vive razoavelmente bem, não é uma criança tão vulnerável, mas se desesperou porque a mãe não tinha mandado lanche, e começou a chorar, dizendo que estava com fome. Condor se comoveu com o choro, pegou um real que tinha e foi dar para o Tom: “tome, vá lanchar com o meu dinheiro”. Disse palavras de conforto para o Tom, passava a mãozinha na cabeça dele. Ele tem esse lado cuidadoso. Se percebe que alguém está triste, chorando, belisca, chora, por qualquer motivo, vai lá tentar harmonizar as coisas. Ele tem esse lado protetor. Por enquanto é só!

Rodolfo – Nesse contexto narrado por Árvore, o que suscitou em nós e que fez nos lembrar, sentir ou pensar?

Lena - Que responsabilidade tem a escola quando vê a realidade do menino, sem espaço para o convívio social, com amigos e outras experiências? Que perspectiva tem a escola para esse menino? E quais expectativas a mãe tem da escola para esse menino? A meu ver, o professor passa a ser o diferenciador de aprendizagem, daquilo que o menino pode ser. O sucesso ou fracasso desse menino acaba sendo colocado para escola, de exigências, tem que produzir certas coisas, evitar certos

traumas. Responsabilizarmo-nos pelo religioso, social, esportivo; e aí como é que nos envolvemos com essa criança?

John – Ela acha que ele não deve brincar com os colegas...

Árvore – Ela não tem preocupação com o ensino-aprendizagem. Ela sempre acha que a gente está com “marcação”.

Lena – Tem duas realidades esse aluno: a formação dele que vive na realidade da mãe e do avô, ou vive a realidade da escola, e tentar driblar essa duas situações porque são duas vidas.

Isadora – Implica que ele vem para escola, não para aprender, mas só vem para se socializar com uns dois amiguinhos, para brincar. No próprio ambiente que a criança vive, é isolado...

Árvore – Ela não quer que ele brinque, porque os meninos vão reclamar, não aceita. Tem que estar em casa nesse pequeno espaço. Não fotografei os cômodos da casa, evitei. Eu acho o espaço da casa muito pequeno e a escola para ele é um mundo.

Rodolfo – Como é que você se sentiu como co-etnógrafa nessa pesquisa de campo? É um campo muito aberto e você passa uma impressão de muitas restrições desse campo pesquisado. Inclusive, a maioria das fotos foi tirada no Colégio. Como é que você está se sentindo com tantos fatores limitados e delimitados na pesquisa? Como é que você se sente, Árvore?

Árvore – Eu me senti numa caixa de fósforos. Meu Deus, o que eu faço, todo mundo conseguiu espaços. Não quero comparar trabalhos, mas na vida do Condor só tem foto no Colégio. Que mundo é esse que essa criança está? Eu me senti sufocada realmente, num limite muito grande. O meu campo de estudo foi só o Colégio.

Rodolfo – Você já pensou se fosse designada para fazer uma etnografia dentro de uma cela, passar um mês com outras presidiárias? Seria uma etnografia em campo restrito, convivendo entre quatro paredes, claro! (Risos).

Árvore – A mãe me passou essa rotina. Só saí acompanhado para tudo. Eu também pensei de fotografar a rua. Eu não tirei a foto em frente da casa dela sem comunicar, e como é muito resistente...

Rodolfo - Lembrando que na etnografia, como pesquisadora, não terminou aqui e hoje. Então algumas dúvidas, algumas inquietações, que surjam durante todo esse semestre, é o momento de você voltar ao campo, fotografar ou não. O que a câmera não fotografar, seus olhos e suas mãos vão registrando.

Sofia – Ele mora atrás do Beco dos Cegos, e às vezes recolhem ali muito lixo. Fica andando de bicicleta e lá na frente tem bar, até tarde tem gente bebendo, tem som alto. Essa frente é meio escura, tem muitos casais namorando, colocam muito lixo em frente a casa dele.

Rodolfo – Quer uma sugestão *Árvore*? Nesse barzinho, disfarçada, parece ser um ambiente em que o seu colaborador pode produzir conteúdos com você e que teriam coisas importantes para você observar no entorno.

João Marcos – A pesquisa etnográfica me faz lembrar duas coisas: uma é quando o ator vai para o laboratório vivenciar a vida daquele personagem que ele está interpretando; outra coisa é a complexidade do que é ação de educar. Porque se a gente for observar a vida desse menino, estudar, hoje não se pode estereotipar a criança por estereotipar: “esse menino não quer nada.” Tem que observar esse contexto, talvez o contexto da mãe, os traumas, os complexos, essa geração que vai passando para geração. Eu tive uma conversa com meu irmão. Ele passou por alguns problemas, de depressão, auto-estima em baixa, e a gente percebe que essas características são também da minha mãe, que eram da minha avó. Então é uma coisa que vai passando de família para família. É muito complexo educar hoje, compreender esse menino sem saber o porquê ele reage assim. Você tem que fazer uma viagem antropológica.

Rodolfo – Interessante pela apresentação de *Árvore*: desse ambiente muito parado, muito calmo aparentemente, atrás dessa calma está uma auto-revelação dentro da escola, por parte de seu colaborador.

Mélore – Eu até concordo com os estereótipos. Conheço o pai que é agitado, a mãe é agitada; ele presenciou e conviveu com duas mortes trágicas. Ninguém pode ser tranqüilo ali, porque dá tanta ênfase em dizer que não vai brincar com os coleguinhas? Mil motivos ele tem. Primeiro pelo espaço físico, pois o colégio dele é um mundo. Porém um dia tem vinte e quatro horas e ele só estuda quatro. Também fica difícil para a sua mãe pelo que ela passou e continua passando. O avô dele tem mais de 80 anos. A mãe tenta equilibrar e acaba segurando, sustentando, protegendo. Tem momento que é dócil, mas tem momento que ele é perverso. Eu acho que até mesmo não sabe como agir. Ele precisa de um acompanhamento psicológico, que há muito tempo já era para ter acontecido.

Tereza – Já houve suicídios, brigas, eu acho que essa criança precisa de um acompanhamento psicológico, também. Ele tem todo cuidado com esse menino que ele vai lá. Eu percebo que ele bate para machucar, batendo mesmo.

Árvore – Ele gosta de recortar e colar e aí tem momentos que eu o deixo no cantinho. Mas daí eu tenho medo. Um dia desses ele levantou uma tesoura e ameaçou os colegas com a tesoura. Eu tranco o armário, porque às vezes ele vai lá. Ele vive dizendo que vai trazer o revólver para matar todo mundo. Só para terminar, ele conviveu com o último tio, aquele do suicídio. O primeiro ele não chegou a conhecer, mas o segundo ele convivia. Seu tio tinha a mentalidade de criança, então eles brincavam muito, brincavam demais, tinha muito cuidado com esse tio, presenciou esse fato, “meu tio que morreu me fala tudo”, diz Condor.

Jaque – Ele conta história que dá para você construir três filmes de terror, ele conta que vê o homem embaixo da cama, embaixo do berço. Ele não tem uma seqüência lógica.

João Marcos – A gente tem que trabalhar muito é com a mãe dele.

Rodolfo – Bom, a gente vai trazendo para a nossa consciência, a cultura desse aluno, nesse contexto todo. A professora está diretamente ligada, cada vez mais deve ter consciência de que isso afeta a sua cultura como cultura docente, não é nem cultura da pessoa, mas sabendo desse entorno. Porque uma coisa é o olhar da mãe que tem um entorno dela, o outro é o da professora, que não tem somente conhecimento da realidade do aluno, mas dos alunos, das múltiplas realidades. Também não vamos nos angustiar com esses problemas particulares, pois não vamos dar conta, o máximo que podemos fazer é tomar consciência dos fatos. A etnografia passa a desvelar fenômenos que até então eram desconhecidos e ignorados, porque não nos foi permitido estar naquele ambiente. Como sugestão, é bom que percorra um pouco mais o universo do Condor de uma outra forma. É você quem vai desenvolver a criatividade, não encerre aqui as suas provocações etnográficas. Obrigado Árvore e vamos ouvir agora Jaque.

Jaque – Kakimik Albuquerque tem 10 anos, está cursando o 6º ano, mora no bairro do Patinho Feio. Aquilo que eu havia falado no início sobre Kakimik, quando a escolhi, sentia pelo seu olhar: é constante esse sorriso, ela sorri muito. Na primeira visita eu conversei com a avó dela, D. Zilu. Esse sorriso constante no rosto dela é a tristeza que ela escondia, por causa de alguns fatos que ocorreram na vida da Kakimik desde pequenininha, não era a questão da adoção. Pensei que Kakimik era

muito feliz. Esta foi uma das últimas fotos que nós tiramos. Na hora que eu fui bater, o seu cabelo ficou desarrumado. Ela escolheu esse lugar porque se sentia muito bem, fazia os trabalhos do teatro, o quiosque era um lugar onde ela gostava de brincar com os colegas. Fiz minha segunda visita e parte da família se reuniu. Quando eu cheguei estavam todos de frente a casa. Fui muito bem recebida. O sr. Naldo é o marido atual de D. Zilu. Ele queria muito me conhecer. Ele é pescador. As crianças queriam tirar foto. Começaram a mostrar os álbuns de Kakimik. Eu queria sentar e não consegui, pois ela ficou olhando para mim e eu senti muito mal com o olhar dela. Ela ficava olhando para mim e eu não conseguia falar, tinha uma coisa presa, o olhar dela prendia o meu. O pai de Kakimik foi assassinado num assalto e um outro membro da família também foi assassinado, o companheiro da mãe foi assassinado. D. Zilu comentou que tinha sido há pouco tempo, na Rua da Escola Viva. À medida que ia escutando essas coisas, me chocava realmente. Ela é muito séria, mas sorriu para essa foto, e em nenhum outro momento eu percebi ela sorrindo. Kakimik fala desse assunto com muita naturalidade, ela não trata a mãe por mãe, ela não quer mudar, as pessoas criticam. O companheiro dela falou que algumas pessoas o chateiam porque com quem ela casa, a pessoa morre. Perguntei se depois poderíamos conversar e ela balançou a cabeça muito séria. O olhar dela me comoveu muito, eu não fiquei tranqüila, não me senti bem, eu senti um alívio de ter saído dali. Na primeira vez que eu fui eu não tinha entrado, vi tudo arrumadinho, uma cozinha, poucos móveis. Há quatro anos que ela vem reformando a casa e fez o cantinho da oração com bíblia. D. Zilu me falou que o pai adotivo gosta muito da Kakimik, tem muito cuidado com ela, mas não é registrada. O pai de quem fala é o Sr. Naldo. Ele passa a maior parte do tempo no mar e tem umas fotos dele com ela. Ficamos no colégio um pouco a sós e ela conversou sobre sua vida, todas as mortes na vida da mãe. Depois mais três mortes, três filhos que perdeu, ela foi me contando que era muito feliz, gostava muito dos irmãos, os únicos momentos que ela sentia, era quando o marido de D. Zilu chegava em casa bêbado e que ela passava horas e horas acordada. Estava confiante em conversar e partilhar comigo, e me disse uma frase assim: “Deus nos ajuda a entender o que vai acontecendo e assim a vida continua e muitas vezes em nossa vida muitas coisas vão acontecendo. Tem momentos que a gente não compreende”. Relembrei de algumas coisas que eu passei no ano passado, questão de doença. De repente ela começou a falar sobre o pai. Esse ano descobriu-se um câncer de pele do meu pai, mas essa palavra me

assusta, descobriu-se um câncer no meu sobrinho. Enquanto estava na casa de D. Zilu foi muito duro, muito triste, de desligar as minhas lembranças. Queria dizer para vocês que no dia dos professores, ela me deu bilhetinho. Mesmo pesquisando a Kakimik, eu não fiquei muito perto dela, preferi ficar junto a outras crianças, mas foi a única aluna do 6º ano que mandou uma cartinha para mim dizendo: “Não temas, teu anjo te protege com tuas asas, quero ser muitas coisas para ti”. E mesmo diante de tudo que eu passei, eu agradeço de não ter desistido desse momento com vocês. Tem uma música que eu queria tocar de Padre Fábio (Melo, 2005) para vocês. (Jaque apresenta essa música em forma de mensagem para o grupo por meio do data-show, e que transcrevo para você, caro leitor).

Voltei pra perguntar

*“O que deixa, o que marco em sua vida
Quando eu passo por você?
O que os meus olhos confessam
Quando encontram com os seus?
Se eu deixo uma saudade boa pra lembrar
O que fica de mim?”*

*Eu pergunto se valeu a pena
Ter deixado eu ir além
Ter entrado aí na sua casa
Dividindo o que é seu
Essa vida vai muito depressa
E é bom saber*

*O que deixei de mim?
Pode ser que nesta vida
Eu não possa mais voltar
Para amar que não amei
Consertar o que estraguei*

*O perdão que eu não pedi
A solidão que eu não desfiz
O sorriso que neguei
E aquele esforço que eu não fiz*

*Eu sei que o tempo vai passar
As pessoas vão e vêm
Mas sei que algumas vão ficar
Pelo mal ou pelo bem
Não morrerá quem soube amar
E que seja sempre assim
Que eu deixe só o bem que existe em mim*

*Se com você não consegui
Eu voltei, quem sabe assim
A gente possa se olhar
Como quem nunca se viu
E no perdão recomeçar...
Pra depois reconhecer
Minha vida é bem melhor por ter você*

*Eu sei que o tempo vai passar
As pessoas vão e vêm
Mas sei que algumas vão ficar
Pelo mal ou pelo bem
Não morrerá quem soube amar
E que seja sempre assim
Que eu deixe só o bem que existe em mim*

*Eu sei que o tempo vai passar
As pessoas vão e vêm
Mas sei que algumas vão ficar
Pelo mal ou pelo bem
Não morrerá quem soube amar*

*E que seja sempre assim
 Que eu deixe só o bem que existe em mim
 Se com você não consegui
 Eu voltei, quem sabe assim
 A gente possa se olhar
 Como quem nunca se viu
 E no perdão recomeçar...
 Pra depois reconhecer
 Minha vida é bem melhor por ter você.”*

Rodolfo – Alguma coisa, então, para acrescentarmos, diante do recorte cultural da Kakimik?

Lena – Eu percebi que tem dois momentos que se acham, e Kakimik escondia algo por trás do sorriso, como foi essa história de tristeza e mais alguma coisa. Você modificou essa concepção inicial, ao encontrar Kakimik com essas adversidades da família?

Jaque – Eu achei a maior tristeza. Ela amadureceu. Tudo que aconteceu fez com que ela amadurecesse muito rápido. Quando eu tive esse momento com ela, só eu e ela lá no auditório, um pouquinho que ela falou sobre si...

Lena – Eu a percebo muito frágil para penetrar nessas realidades de emoções, de vida; a questão de ter se abalado com o olhar de uma mulher que tem uma história muito triste, viúva por três vezes, podemos considerar assim. O que tu aprendes? O que essa menina amadureceu? Se sente preparada, segura a encarar esse olhar de Kakimik? O que percebe assim de frágil, quando penetra nesse campo? Essa Kakimik amadurecida, essa mãe que te indagava, a fragilidade na tua fala de estar em dois momentos, como é que sentiu isso mesmo? Fala mais, não sei... Estou pressionando?

Jaque – Quando eu descobri que ela era adotada... Eu também tenho uma irmã que foi adotada. Quero mostrar para vocês aqui (mostra a fotografia que trouxe e todo o grupo vê). É quando eu tinha 18 anos. Eu descobri, não sei se por ciúme. Eu sofri muito. Nos primeiros dias eu não olhava para ela. Ela estudava no Colégio Cristão do Nordeste também, e com o tempo eu fui me apaixonando por ela. Isso eu não esqueci, pois não a tinha aceito. Ela cresceu e minha mãe sempre escondeu isso dela, porque era adotada, o ano passado ela descobriu. Tinha 19 anos e minha mãe

falou para ela: “olha a pessoa que mais rejeitou você foi Jaque”. A primeira coisa que ela perguntou foi se Andréia sabia. Porque ela era apaixonada por Andréia, minha filha. Eu me casei e ela era pequenininha. Quando eu olhei para Kakimik eu percebi que eu fiz essa revelação, essa declaração, porque a minha irmã também é triste. Ela não gosta de sorrir. Com o passar do tempo ela ficou com maturidade, e era esse sorriso de Kakimik que eu queria ver. Queria muito falar naquele dia, mas não conseguia. Depois que eu falei isso aqui, eu estou me sentindo muito melhor. Eu queria contar a Andréia. Às vezes machuca e ela não sabe que está machucando, mas eu não posso contar, porque se contasse seria tudo mais fácil, e realmente como você falou eu não vou desistir, eu não vou desistir. E sou grata por ter contado. De certa forma estou me sentindo melhor. Eu estava até sorrindo, porque eu sou muito séria. Uma vez, na sala, o Rodolfo passou, me viu muito séria e disse para Lorena que eu era muito séria. Ela conversou comigo (risos). Eu percebi, e eu vejo tudo isso o que está acontecendo com minha vida. Esse momento aqui para mim, está sendo muito rico. Está me aliviando em algumas coisas. Têm coisas que se eu escrevesse aqui, e eu confio em todos vocês aqui, eu não me importo se de repente alguma coisa que eu fale, alguém disser a outros, eu confio, mas tem coisas aqui que eu acho que são só minhas.

Lena – Têm coisas nossas que temos coragem de ver, isso acontece comigo, eu me escondo de mim mesmo, eu sou uma crítica terrível de mim mesma, eu tenho muito medo. E essa Terapia Cultural move a isso. Essa coisa de escrever emoções é muito difícil. No entanto, houve momentos aqui que realmente se puseram a chorar e eu senti certa inveja e implodi. As implosões são aqui dentro, ter uma fala madura e racional. E de repente, nesse último momento, me permiti soltar a mente. Filtrei as emoções de mulher. Quando mamãe e papai morreram, entrei em casa como uma administradora. Papai morreu, recebi o telefonema, peguei um carro e cheguei em casa, varri a casa, fiz chá, almoço, fiz tudo, e ainda segurei a mão de mamãe. Sabe aquela coluna que assume e racionaliza. Essa terapia, pelo próprio nome já diz, é permitir a gente se identificar, se ver, se reconhecer. Claro que é muito difícil, quando a gente escreve não quer que alguém veja, se tem coisa que a gente queira que não descubra não pode ser registrada.

João Marcos – Eu me identifico com todos. É muito bom a gente sentir calor humano. Eu me identifico com Kakimik em alguns sentidos. Eu era também uma criança calada na escola. Em relação ao amadurecimento, acho que aos meus 18

anos, eu vivi coisas muito precoces, que aconteceram antes do tempo, os conflitos, eu fui um menino muito limitado, bem educado, era uma educação com limites, e eu tinha o necessário, mas eu enfrentei muita coisa. Hoje a gente vai aprendendo que quanto mais coisa você passa, nos deixa mais fortes. Tem situações que aconteceram comigo, que me trazem lembranças muito ruins, mas ao mesmo tempo eu sei conviver com esses traumas.

Rodolfo – Sobre a família da Kakimik, do que está sentindo, como você, Jaque, está se sentindo? Esse desinstalar, o sentir-se diferente e como é interessante que nós todos somos diferentes, temos histórias de vida diferentes, sejam elas públicas ou privadas, mas como nós nos achamos diferentes. Se você é criada por uma família, sem ter sido gerada biologicamente, o que possibilita o menosprezo de sentir-se inferior? Só porque não foi gerado na própria mãe? Então isso é uma representação cultural. Se você tem irmãos legítimos, de direito, tem melhor aceitação, culturalmente falando. Se esses empecilhos culturais fossem destruídos, poderíamos ter um mundo melhor e mais feliz. Na verdade isso traz sofrimentos para as pessoas. É o sofrimento do esconder. Foi a fala de Jaque: “como eu gostaria que ela soubesse seria mais fácil”. O entendimento de 19 anos em silêncio, o medo. Prof. Bem Te Vi dizia para mim, no último acompanhamento, de que “quem tem medo não pode ser etnógrafo, o medo não pode estar associado à etnografia”, porque a etnografia nos lança ao desconhecido.

Jaque – Essa coisa de expor o sentimento... Eu estava aqui e acontece que as coisas foram se passando.

Rodolfo – Interessante quando sai de dentro, inscrever-se e narrando-se como fenômeno, se colocando nas palavras. Interessante é que, quando vocês me entregam os textos-sentido, na verdade, vocês não estão me entregando, vocês estão se entregando. Então a leitura não é minha, a leitura é sua. Até porque a gente estabeleceu aqui um contrato do não-julgamentos. Lena falou muito bem: a censura não está no outro, o que ela diz está dentro dela, vocês estão vendo a vocês mesmos. Por isso que é uma Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, o texto-sentido é um texto sentido por vocês, vem da essência, do ser, porque se não for, nós estamos cada vez mais construindo as nossas máscaras. Temos a oportunidade de desconstruir as *personas* que foram construídas durante anos em nosso contexto cultural. Outra coisa que apareceu hoje nas falas de vocês é que, na etnografia, chama de “espelhamento”. É aquela realidade pesquisada e me vejo

naquela situação, naquela pessoa. Então é como se eu me colocasse naquela situação ou pessoa imediatamente. Porém, a Terapia Cultural é isso mesmo, eu passo para a cultura do outro e volto para a minha. Às vezes a gente volta com um conteúdo psicoterapêutico, o que aconteceu no encontro passado, na situação do Neet, sair dele para o aluno, porque houve um espelhamento muito forte. Enfim são essas nuances que vão acontecendo na Terapia Cultural. Há casos que vão ficar só em você ou só no outro. Aparentemente você não vai conseguir falar dessa afetação, também vamos evitar as comparações de apresentações, pois sentimentos de campo são únicos, como também cada contexto de nossos colaboradores.

João Marcos – Impressionante como a gente passa tantas emoções fortes. Esses momentos têm me amadurecido muito. Uma coisa que está me chamando muita atenção é a necessidade de fazer uma mini-pesquisa etnográfica com nossos alunos. Sei que isso é extremamente difícil, mas como seria bom a gente conhecer melhor a realidade de nossos alunos para conhecer melhor a nossa realidade.

Lena – Em termos de práticas educativas, eu não sei se vocês sentiram o discurso de vocês em sala, como ele está mais significativo. Esta semana, falando de questões sociais, me vi mais crítica. De repente eu não medi as palavras. Dependendo da realidade, me vi dentro da realidade deles, o meu discurso já se confirmou a partir da realidade de meu aluno. Como objetivo claro de estar naquele momento, falava da pobreza com mais significado, mais criticidade, para meu aluno perceber o contexto que não é muito diferente do nosso. Olhando no olho do aluno, sabendo que minha mensagem o penetra, pela sua realidade. Saio fortificada, seja ele menino ou menina. Eu me senti mais dona do meu discurso. Vocês já sentiram isso? É como se todos os discursos até aqui apresentados tivessem vida em sala de aula com os nossos alunos.

Rodolfo – Carl Rogers em seu discurso chama isso de empatia. Na jornada pedagógica eu vou tentar trabalhar esses conceitos de empatia na sala de aula, um professor congruente, autêntico. Eu tenho uma sugestão para vocês, nesse final de semana: ontem à noite eu vi, com olhar de etnógrafo, o filme “Eu tu e eles” (Waddington, Tambelini, Barros & Hollanda, 2000), filme nacional, de nossa região, para vocês serem o etnógrafo(a), a câmera do cineasta. É um filme maravilhoso com Regina Cazé, Lima Duarte, Stênio Garcia. Eu o revi com o olhar de etnógrafo, que antes eu não tinha, um nordestino que quer aprender a ver as culturas regionais. É

um filme que traz muito dessa realidade que nós estamos estudando como pesquisadores. Eu gostaria que vocês me trouxessem as horas de imersão no campo, isso vai ser importante, até o último encontro. Vão somando as horas, pois eu não posso validar a pesquisa sem, no mínimo, ter as horas de imersão (risos). Quero lembrar-lhes que a etnografia não pára, em hipótese alguma, com as fotografias. A fotografia é um meio, é um recorte somente, para vocês registrarem. Eu ainda estou sentindo as fotografias muito programadas: “solte o cabelo, fique aqui, para você sair mais bonita”, e assim sucessivamente. Entre na realidade do sítio eletrônico sobre fotoetnografia: www.ufrgs.br/fotoetnografia. Eu acho interessante vocês irem em busca de mais coisas e cultivar esse lado de pesquisador, para assim retroalimentar a prática pedagógica. Por exemplo, uma professora tem um grupo ambientalista na escola e seria bom e ela poderia formar, no próximo ano, pequenos etnógrafos ambientalistas. Trazer uma descrição ambiental a partir desses alunos, o que nós estamos fazendo, você vai fazer nesse contexto. Para isso a gente deve estar se fundamentando, se apropriar de teoria também. E agora? Tem alguma dificuldade que vocês queiram partilhar?

João Marcos – Eu sinto vontade ter mais liberação em relação a minha vida profissional e acadêmica para me dedicar a Etnografia.

Rodolfo – Por quê? Você não apresentou uma proposta diferenciada para sua professora? De você aproveitar a etnografia como um estágio seu, é um material científico que você tem documentado. Você ministra aula de língua portuguesa, como estágio? Todo o Brasil já faz isso, entrega relatório, supervisão etc. Fazer uma etnografia num estágio de graduação seria uma grande novidade na sua faculdade. Agora, tem que ter autorização da sua orientadora. Eu acho que temos de provocar uma mudança de mentalidade na Universidade, sair dessa mesmice, sair desses relatórios, dessas cópias. São relatórios estéreis. Nada se cria, tudo se copia.

João Marcos – Muitas vezes quando chego em casa, estou exausto. É deitar, dormir, descansar. Eu tenho tão pouco tempo para almoçar.

Rodolfo – Ontem mesmo eu tirei o meu tempo, às 10h30min da noite para assistir ao filme, e como aquilo foi bom, foi mais um aprendizado para mim.

João Marcos – Sempre nas férias tive trabalho, nunca tive tanto tempo para mim.

Rodolfo – Isso não é bom! Deve tirar um tempo para descansar. Muito bem pessoal, então agradeço, muito obrigado a todos pela participação e até o próximo encontro em novembro, quando voltaremos para mais uma socialização do nosso trabalho.

Antes de finalizar tenho uma outra dica de um outro filme-documentário, no estilo da etnografia voltada para o cinema, falo do filme “A pessoa é para o que nasce” (Berliner, Cheuiche & Domingos, 2004), trata do cotidiano de três irmãs cegas. É excelente esse documentário sobre essas cantoras!

(Apresento a seguir os textos-sentido produzidos pelos professores, com exceção de John que não entregou):

Isadora – *(Texto 1) No decorrer das apresentações dos meus colegas, tentei manter a distância das fotos e relatos e até mesmo da minha fala. Entretanto, ao chegar em casa durante o meu repouso noturno, algo estranho ocorreu. Parecia que as imagens apresentadas pela manhã, pelos meus colegas, passaram como flash-back na tela da minha memória através de sonho, que aos poucos transformou-se em pesadelos e me fez acordar aos gritos. Até agora escrevendo não consigo conter o sentimento de angústia no sonho. Parecia que todos os fantasmas ocultados durante muito tempo em minha mente viessem à tona. Lembro de uma imensa parede azul-clara em minha frente, a agonia da figura de um dos alunos que fora apresentado naquela manhã. Senti uma sensação de medo e estranheza ao acordar, consegui dormir só após acesa as luzes de minha casa. Ao conversar com o Rodolfo, o fato ocorrido, algo ficou zoando em minha cabeça quando ele falou: “Isso é reelaboração do seu subconsciente diante dos fatos vivenciados em sua vida, tente escrever sobre isto”. Cheguei em casa por volta das 11h30min. Organizei a mesa para o almoço como é costume e fui tomar banho. Para minha surpresa lembrei das cenas vivenciadas por mim aos onze anos de idade, quando meu pai saiu de casa e minha mãe tentou suicídio várias vezes.*

(Texto 2) - Paulinha como muitas crianças hoje vive os conflitos e traumas de um casamento desfeito pela infelicidade.

Em seu universo infantil ela não consegue compreender o desfecho trágico de uma família tão feliz.

Como explicar a ausência do pai nos eventos escolares diante das perguntas dos colegas: - Onde estão seus pais? Por que ele não veio? Fica entre a vontade de participar e a tristeza de está sempre sozinha, conviver em uma sociedade preconceituosa, onde tudo que foge aos padrões normais, passa a ser motivo de tormento e constrangimento.

Paulinha em meio as suas revoltas sente-se feia, não gosta da sua cor, tem sentimentos de inferioridade e comprova os mesmos diante da escolha dos amigos. Está sempre próxima de crianças que compartilham as mesmas angústias e conflitos, onde não existem comparações muito menos perguntas indesejáveis.

Sua mãe, por sua vez, tenta preencher todo este vazio, entretanto é cobrada e vista como culpada por não permitir que o pai volte, pois sabe que não está presente. Desta forma a mãe passa a conviver com as chantagens emocionais diante das crises de choro e doenças de surto psicossomático causado pela difícil aceitação do transtorno que é ser filha de pais separados.

Paula ainda se sente roubada, e deseja resgatar o sonho de ter novamente sua família unida e feliz.

Assim como Paulinha, muitos meninos e meninas da sua idade almejam viver este mesmo sonho, talvez um dia realizado. E diante da negativa, isso será algo compreendido ou superado, talvez dependendo da maturidade de cada um na idade adulta. Já fui ao contrário, quando isso não ocorre, o medo de aceitar em fazer parte de uma vida matrimonial, passa ser uma decisão dolorosa.

Dentre os conflitos de Paulinha estão a vontade de ter, junto consigo, o pai e o tormento de ser rejeitada pelo resto da sua vida, já que a mesma não sente vontade de trazer para o ambiente do seu lar a alegria perdida. Ressalvo este ponto porque ela afirma ser esse o significado do seu nome escolhido com muito carinho pelos seus pais e irmã mais velha. É impressionante como a sociedade idealiza hoje o sacramento matrimonial. Homens e mulheres fazem juras de fidelidade eterna, juram ficar juntos até que a morte os separe e diante de alguns obstáculos renunciam a tudo.

Como fazer educação, construir uma família, fazer parte de uma cultura social onde estão esquecidos os valores e princípios que permeiam ou deveriam semear a formação humana?

Rita - *A pesquisa de campo é a descrição de determinados aspectos, pessoas, ambientes, situações etc.*

O período de tempo que permaneci na pesquisa de campo pude observar e entender diversas situações. Tudo isso se deu como uma experiência nova que adquiri. Conseguir usar diferentes descrições, depoimentos para que eu pudesse formular conceitos para determinadas situações que antes era desconhecida.

Através da minha pesquisa de campo, pude ir além do que era previsto com determinados fundamentos teóricos. Consegui repensar e até mesmo comparar com a minha própria história de vida.

Descobri novas revelações que antes não existiam, com as próprias pessoas envolvidas na minha pesquisa e novas formas de entendimento, compreensão da realidade.

Passei a criar vínculos e sensibilidade para perceber e me relacionar melhor com as outras pessoas, respeitando as diversidades.

João Marcos – “O campo”

Partir em busca de você mesmo no outro, tem sido um exercício de auto-conhecimento e reflexão, ambos provocadores de mudanças nas diversas formas de enxergar o outro, a nós mesmos e o mundo. Quando iniciei meu processo de pesquisa, tive muito receio de que não conseguisse atuar, primeiramente pelo tempo que tinha para desenvolver o trabalho, o qual requeria muita dedicação e depois pelo medo de não ser aceito em campo por um motivo qualquer. A insegurança dominava-me por ser algo novo em minha vida. O campo ao qual me refiro trata-se da casa e conseqüentemente da família da Juliana, embora saiba que o campo de pesquisa é todo e qualquer lugar onde se encontra o objeto de pesquisa, mesmo que esteja ausente. A primeira oportunidade de ir a campo causou-me ansiedade e medo de não saber agir diante da situação que se sucedera a morte, pois na casa onde iria começar a desenrolar minha pesquisa havia um velório. Lá estava eu em meio a choros, velas, flores e pessoas que me olhavam se perguntando quem eu era. Mas enquanto me observavam, eu as observava mais ainda, como também a casa nos seus mínimos detalhes. Mal sabiam todos ali que eu trabalhava com meus múltiplos olhares, a fim de colher material. Fui frio na maioria do tempo, mas em alguns momentos me reportei ao passado e a situações semelhantes que havia vivido e quase emocionei-me, mas contive-me. Era preciso. Senti como se houvesse um conflito dentro de mim entre a razão e a emoção, mas racionalizei, mesmo diante de um momento cruel e penoso como aquele. Uma vez iniciado meu trabalho etnográfico, deparei-me com vários outros momentos que deixaram de ser um momento qualquer para ter maior significado. Como fui bem acolhido naquela casa. Senti-me muito à vontade como se ali já tivesse estado por muitas vezes. As conversas fluíam com tanta naturalidade como se já conhecesse aquelas pessoas

há anos. Senti-me aliviado, feliz e com liberdade para desenvolver minha pesquisa sem muitos questionamentos, regras ou imposições por parte dos envolvidos e ou/ pesquisados. Em outros momentos, quando estive com a Juliana em outros cenários, senti a mesma alegria, pois sempre estava aberta a contribuir. Senti também alegria e até gratidão por parte dela por ter sido escolhida e em mim logo depositou muita confiança. Senti naquele momento que aquela moça não era uma moça qualquer, uma aluna qualquer, mas uma protagonista na minha vida. Passou a ter para mim uma importância que foi aumentando gradativamente porque me via nela, na maioria das vezes. Cinco minutos ao seu lado no recreio da escola não eram mais simplesmente cinco minutos quaisquer. Aprendi então que cinco minutos pode ser tempo suficiente para muita coisa. Minha vida mudou muito desde que comecei a fazer a pesquisa etnográfica, porque não consigo ver mais como antes, porque uma lente de aumento se instalou nos meus olhos. Hoje valorizo as coisas mais simples e mais ínfimas, como por exemplo, cinco minutos em meio as 24 horas do dia. Sinto-me aceso, alerta e consciente de que estou em campo sempre e que todos os lugares, pessoas e situações não serão mais vistas por mim como quaisquer e mesmo que eu só tenha cinco minutos de vida, vou vivê-los intensamente.

Irildênia – “As fotos”

De início não foi tão fácil tirar as fotos da Clara em sua casa, pois sua mãe trabalha de 7h às 12h e entra de 13h30min às 19h30min, nesse mesmo horário de manhã eu estava no Colégio Cristão do Nordeste, à tarde estava no estágio da Faculdade e à noite na Faculdade. Nos finais de semana elas iam para a casa da avó materna que eu não sabia aonde era. Então ia preocupada, comecei a tirar algumas fotos no Colégio, na piscina, brincando com seus amiguinhos, no local de trabalho do pai, na casa da avó paterna. Nessa casa, não demorou muito e a avó dela chegou me cumprimentou e meio desconfiada perguntou se a minha presença seria por causa da separação dos pais da Clara. Eu logo disse que na tinha a haver para ganhar a confiança dela. Perguntei como era a moradia, a vizinhança, o comportamento da neta com eles. Ela disse que tudo lá era bom, principalmente cuidar da menina por quem o avô tem muito carinho e amor. Percebi nos dois uma ligação muito forte com a menina, um carinho, uma dedicação e uma preocupação tanto nos estudos com na saúde dela. No dia seguinte, consegui tirar as fotografias. Maria, mãe da Clara

perguntou se podia arrumá-la. Eu falei que não precisava, pois era daquele jeito que eu queria tirar as fotos. Percebi que a vida da Maria é muito agitada e corrida e que o acompanhamento, a dedicação e o amor para com as duas filhas são dados a cada tempo que ela tem. Agora falando das apresentações dos colegas de grupo, senti um aperto no coração ao ouvir as histórias das nossas crianças, o que cada uma já passou ou passa e que mesmo acontecendo isso, não deixam de sorrir. Agora mais do que nunca me sinto responsável por cada um deles, tudo que eu fazia antes de entrar no colégio para ajudar uma criança, agora faço em dobro com meus alunos e vou procurar de alguma forma, ajudar ainda mais, mesmo que seja com um simples bom dia, um abraço ou um sorriso.

Neet – “O campo”

Depois do último encontro da Terapia Cultural, assisti à reportagem muito marcante. Nela, algumas pessoas que passavam por um ponto turístico paravam para tirar algumas fotos. Essas pessoas pareciam muito felizes e tinham um grande sorriso no rosto. Essas imagens eram fotografias de um profissional e fizeram-me refletir até que ponto vai a minha ética. Ética era o tema da reportagem. Todas as pessoas que por ali passavam e tiravam suas fotos não observaram que tinha outra pessoa fazendo a mesma atividade. Só que eles eram os personagens principais da fotografia. Eles e mais um mendigo estendido no chão coberto por um saco plástico preto e que aquelas pessoas nem sequer repararam a sua presença. Era como se ele fizesse parte da paisagem insatisfatória do ponto turístico que não se fazia necessário. Depois de fotografar por muito tempo, o profissional foi até o mendigo e tomou um grande susto. O mendigo estava morto desde a noite passada, devido a um espancamento. O mendigo morto e aquelas pessoas nem sequer notaram, ou não quiseram notar.

O meu papel na comunidade do Pierrô foi mais ou menos parecido com a do fotógrafo profissional. Estive tão sensibilizado que parti para a observação do espaço e suas influências dele em relação às atitudes do Pierrô. Pensei então que observar é uma ação conjunta entre a sensibilidade e a realidade, transpassando qualquer tabu em busca da verdade.

Observando a comunidade do Pierrô, sua casa, bairro etc., foi muito tocante e revelador, cheio de verdades numa realidade misteriosa e ao mesmo tempo aparente.

Apesar de viver praticamente toda a minha vida na mesma redondeza, hoje, ao voltar para determinados lugares senti certo medo. Acredito que por causa das diversas mudanças. Ainda não é tão forte, mas a marginalidade tem aumentado na região. No meu tempo de menino, lembro de brincar até altas horas da noite sem precisar justificar a minha mãe onde estava, pois sabia que estava seguro. Lembro de jogar bola num campo que hoje é coberto de casas. Sinto saudades! É como se as imagens voltassem á minha mente feita foto antiga. Ainda é forte o uso da carroça como meio de transporte e para a sobrevivência. Uma coisa muito bonita no bairro das Flores é a solidariedade entre os vizinhos. Mas às vezes essa solidariedade causa brigas e desavenças, resultando em confrontos com armas e palavras duras (o conhecido bate-boca).

Um dia, estava caminhando com Pierrô para o cemitério e no caminho fomos levados a observar uma senhora idosa que xingava com palavras fortes algumas crianças que teimavam em brincar em frente a sua porta. Foi muito engraçado, e eu dei muitas gargalhadas, pois me lembrei vários momentos parecidos com esse em que fui pego de surpresa brincando em frente à casa de pessoas que odiavam crianças sujando suas portas.

Ao entrarmos no cemitério as sensações não foram tão agradáveis. Conversamos tantas coisas engraçadas que só notei que havia entrado lá quando já estava dentro. De certa forma foi difícil devido a pensamentos de um tempo em que fui surpreendido por uma depressão devido ao stress no trabalho e decepções familiares. Sempre evitei passar por frente do cemitério, pois sempre achei que ia morrer. Era sempre um medo muito grande. Na morte do meu avô, enquanto toda minha família ia para o cemitério, eu olhava pela janela até que eles dobrassem a esquina, pois a casa da minha mãe é próxima ao cemitério.

Pierrô tem muitas coisas de sua comunidade. Por exemplo, a forma de comer, sentar e vestir, parece até que todos os meninos da região fazem o mesmo. Agora, penso que a liderança vem de sua mãe, por causa das dificuldades que sempre passou. Sua mãe teve sempre que assumir o papel de pai e de mãe, pois seu pai quase nunca está presente.

No Projeto Confete-Serpentina, as atividades no Programa de Arte, todas as crianças que participam do projeto adoram a simpatia do Pierrô e sua forma de conversar e perceber as coisas.

São poucas as crianças que convivem nas redondezas da casa de Pierrô. Elas têm o mesmo desejo de crescer e ser alguém na vida, ter um bom futuro. Elas preferem apostar que serão grandes jogadores de futebol e que não precisam tanto de escola. Na verdade até que elas querem ser alguém na vida, mas numa meta a longo prazo e sem educação. É triste ver que poucos irão progredir e que poucos reconhecerão que cada um faz parte do crescimento da comunidade e que ela depende de todos.

Lena - *Meus últimos contatos com Diana não variaram quanto aos ambientes observados.*

Na escola foram detectados longos períodos de ausência, justificados por uma terrível crise de garganta que a deixou acamada com febre e sob um tratamento intensivo com antibióticos.

Ela revelou-se uma paciente irritadiça e manhosa, recusando-se a comer o que lhe era oferecido, chegando a perder 4 kg do corpo já magro.

Neste período de repouso a rotina da casa foi alterada. A tia levou-a a médicos e comprou medicamentos receitados. Já a avó cercou Diana de mimos e tratamentos que julgava mais eficazes: infusões, ervas, chás, mel e que a “impaciente” não queria ingerir. Foi interessante rever o filme de minha infância se repetindo. As crises constantes de amidalite me perseguiram e me perseguem até hoje e, por intermédio de minha mãe, tive que experimentar todas as receitas da medicina natural dos ancestrais de minha mãe e que eu “tinha que tomar para ficar boa”. Ao retornar a aula fui acometida por uma crise de rubéola.

Enquanto Diana esteve ausente da escola, pude conversar com seus amigos, a preocupação que os mesmos têm com o desinteresse da amiga, pelos estudos e participação nos trabalhos escolares. Brinca, ironiza outros, não tem dó em usar adjetivos pejorativos sobre aqueles de quem não gosta. Em sua rotina sobra pouco espaço para o estudo.

Na escola é desatenta, muito tempo na internet com seus 2.500 amigos. Ora na praça em frente à sua casa, ou nas “escapadelas” da igreja. Namorados: o quarto, desde sua primeira paixão, desde quando comecei a observá-la.

Em outro momento percebo-a brincando com os amigos dedicando-me a circular pela cidade de bicicleta.

No seu aniversário não escondeu sua decepção por não ter recebido nenhum presente, pois a tia não perdoou as notas apresentadas no 3º bimestre.

Sinto o ambiente daquela casa muito estranho, como se as peças não se encaixassem. Três pessoas e em seu universo. Três gerações de concepções e anseios diferentes.

Pesa sobre Diana expectativas que ela não quer acatar e desafia abertamente.

O observar torna-se estranho quando visto sob a ótica de meu quadro familiar, tão cheio de emoção e carinho.

Jaque - *Meus momentos na pesquisa de campo, principalmente nas visitas à casa de Kakimik, me fazem descrever “Meus” momentos na pesquisa de campo, me fazem descrever de início, uma grande verdade, que Jesus exercitava nas pessoas, em ser ao mesmo tempo fortemente convicto e bastante flexível.*

Penso que foi o desejo de aprender mais, que me encorajou o suficiente, para esse compromisso, de entrar na vida e na intimidade do outro, me comprometendo com a verdade, permanecendo aberta a novas relações que me impulsionaram a não desistir.

Na primeira visita, eu logo percebi que nossos julgamentos sempre se baseiam em informações distorcidas por nosso modo de ser e que não correspondem necessariamente à realidade e à verdade.

Conhecendo melhor a Kakimik, ao contrário do que eu pensava, ela era feliz com todos os desencontros de sua família. Conseguiu obter um amadurecimento seu, que talvez a própria família ainda não tenha percebido.

Diante de alguns momentos, ia me sentindo inundada por dolorosos sentimentos da minha vida, que sempre eu guardava a sete chaves. Sentimentos de insegurança, de medo, como se fossem uma montagem, num breve clipe, onde imagens, palavras, dores, tudo muito rápido, uma confusão na minha cabeça.

Lembrei-me do meu Pai e das taxinhas que sempre eu o ajudava a pregar nos sapatos. Ele era sapateiro e muitas vezes quando algo acontecia, eu não falava nada e depois num cantinho, respirava e chorava escondida. Até hoje quando alguém me acelera para fazer algo eu só me lembro do meu Pai e sinto as mesmas coisas.

Sei que por causa de tantas outras coisas, por vezes tenho medo de falar, perturbando as pessoas e por isso ser rejeitada. Eu senti isso quando estive com D. Zilu. Escutei muito mais do que falei e me surpreendi com a acolhida na minha segunda visita em sua casa, onde a mesma me tratou tão bem que eu fiquei orgulhosa e me senti bem vinda de verdade.

Houve momentos, em que eu fiquei sem graça, em estar fotografando a família, a casa, os quartos, o quintal. Porém, o mais difícil foi me sentir presa e observada pelo olhar da mãe biológica da Kakimik. Mais tarde me fez pensar no que eu havia dito para ela, afinal para mim aquele olhar tem uma mensagem que só será conhecida através de um próximo encontro.

Foram momentos grandiosos e uma experiência maravilhosa para minha vida, pensar que muitas vezes os nossos afazeres não nos permitem vivenciar profundamente.

A terapia proporciona as pessoas um relacionamento de levá-las a se conhecerem melhor, descobrindo assim, outras verdades da própria vida.

Sofia - *Fazer a pesquisa de campo foi um desafio, algo novo e desconhecido. No começo a que eu escolhi morava longe, depois a mãe não aceitou. Tive que escolher outro colaborador, o qual fui muito bem recebida em sua casa. Porém precisei reorganizar meu tempo disponível para poder ir ao campo. E aos poucos os desafios foram aparecendo.*

Está sendo muito gratificante fazer essa pesquisa. Estou me redescobrando, me encontrando em diversas situações e aprendendo muito.

Comecei observar em sala de aula, com um olhar diferente e aos poucos fui descobrindo um mundo ao seu redor, um contexto social do qual ele estava inserido, com problemas, com alegrias, dúvidas e medo. Mas que fazia parte de um universo único, Pedro. Assim, passei a olhar meus outros alunos com uma visão de etnógrafa, ver além do ver...

Várias vezes durante o intervalo das aulas fiquei andando pelos corredores para ver onde ele ficava, com quem conversava, se tinha muitos amigos como se comportava. No início eu não conseguia vê-lo, e ficava me perguntando, onde ele está? Depois de alguns dias, descobri que ele ia merendar, ficava um pouco na cantina conversando com sua irmã, depois vai para sala de aula, ou senta em um lugar qualquer, sempre só ou com poucos colegas.

A pesquisa de campo me fez ver que os valores vividos por Pedro fazem dele um jovem diferente, dos padrões vivenciados pela maioria dos jovens do nosso colégio. Ele é feliz mesmo não usando roupa da moda, não tendo celular, não indo à balada, não curtindo internet. Ele se diverte indo à Igreja, participando do coral de eventos, gincanas de jovens, congresso, pois essa é a sua realidade.

Ir a sua casa conversar com sua mãe, com seus irmãos foi bastante agradável. Conheci sua avó, o seu quarto, o quintal de sua casa, que ele fez questão de mostrar, pois é um lugar onde ele gosta de ficar. O mais difícil da minha pesquisa foi participar de um evento na Igreja Evangélica, nunca tinha participado de nenhum culto. Recebi o convite, dele, porém fui adiando, sempre inventando uma desculpa, o tempo disponível também não havia...

Na sala de aula, ele mais uma vez me convidou para participar de uma gincana na Igreja, ia ser no sábado. Falei para ele que eu iria viajar. Sábado pela manhã, ele foi a minha casa, disse que a gincana começaria já, que estava esperando por mim e que eu fosse com uma blusa verde. Confesso que já havia esquecido, porém resolvi ir. Foi sem dúvida uma experiência maravilhosa. Houve uma prova na gincana, que ganhava vinte pontos a equipe que levasse um visitante, com mais de quinze anos de idade e que não fosse evangélico. Para minha surpresa, fui a escolhida. Ele me levou à frente e pediu para que falasse a todos os presentes e foi muito legal. Fazer as fotos foi muito gratificante.

Árvore - *Desde o início da pesquisa, Vera já demonstrava insegurança, não entendia o que seria esse estudo. Percebendo a sua preocupação, tentei agir com muita naturalidade e cuidado. Buscava informações apenas nas conversas diárias no Colégio, quando vinha pegar o Condor no final das aulas. Depois de sentir mais tranquilidade em Dona Vera, comecei então a marcar as visitas. Sempre fui muito bem recebida por todos da casa.*

Durante a última visita, D. Vera contou que foi até o Colégio a pedido do diretor. Demonstrou bastante insatisfação, disse que esse ano de 2006, o Colégio Cristão do Nordeste está muito exigente e tem crianças demais no Colégio. Parece que depois de seu filho estar estudando de graça, ela não tem mais o direito de fazer nenhuma reclamação. É todo mundo de olho no filho dela e só deve ouvir o Colégio, aceitar tudo calada.

A partir de então percebi um maior desafio, que era de continuar a pesquisa. Sabia que certamente as visitas iam se tornar ainda menos frequentes. Comecei então a pensar em novas estratégias. Não podia permitir que a resistência de Dona Vera viesse a pôr um ponto final no meu trabalho.

De certa forma aquilo que no primeiro momento parecia ser o fim tornou-se um recomeço, pois criou em mim mais inquietações. Às vezes é preciso parar e voltar para o foco de minha pesquisa que é o Condor. Mas há o entorno dele e isso o influencia, pois também faz parte dele, e, sua mãe tem me provocado forte inquietação. Às vezes me pego focalizando mais a mãe do que o próprio Condor.

No momento o meu campo de estudo tem sido somente o Colégio Cristão do Nordeste. Explicar certas atitudes de uma criança de seis anos de idade é coisa para especialista, mas é possível ser compreendido por alguém que o acompanha 20 horas semanais, tendo como base algumas informações passadas por uma pessoa que convive permanentemente com essa criança que é a sua mãe. Ela não acredita em nenhuma outra leitura de seu filho, senão a sua. Acho que o meu campo de estudo, apesar de bastante limitado, pode ser bastante aproveitado.

Mélore - *Olhar as coisas com o outro olhar é perceber o mundo com olhos infantis, encantados, despertando-se não para o que é útil, caro, imediato ou convencionalmente interessante, mas para tudo quanto é realmente significativo. Olhar o outro com o resgate do encantamento, de quem descobre no estranho o aprendiz, no diferente o igual.*

Foi a partir das imagens divulgadas que me fez refletir com mais categoria da diversidade, que é uma das características mais marcantes hoje em nosso convívio escolar. A situação de extrema pobreza que será cada vez mais próxima no nosso dia-a-dia. Toda caminhada educativa exige um despojar-se de si mesmo e um voltar-se para outros, nossos alunos, para juntos encontrarmos o caminho que melhor nos leve à realização pessoal e grupal como educadores.

Exatamente através desses encontros que hoje percebo o quanto os nossos alunos almejam carinho, respeito, sorriso, compreensão e principalmente a confiança. Como cumpri-los se o seu convívio não permite ter uma vida digna, humana?

Tenho convicção da difícil tarefa de educar, quando vejo o desajuste nas camadas sociais, dos menos favorecidos, fruto de uma sociedade competitiva e

excludente. São as imagens da perversão e da exteriorização de um modelo econômico desigual e não-sustentável.

Diante da realidade cruel que vivem muitos de nossos alunos, é preciso que eu tenha consciência do fato para me debruçar e procurar meios, recursos com uma tentativa para buscar soluções.

A experiência nos ensina que devemos respeitar o ritmo do caminhar dos nossos alunos, aceita-los como são nas suas diferenças, aspirações e limitações. Desde já ficou gravado na minha memória o mundo daqueles com quem eu convivo. É mais uma parcela que não desfruta de saneamento, boa moradia, alimentação saudável, água e acima de tudo uma família estruturada. Compete então, a minha dedicação, tendo um olhar mais criterioso para aqueles compelidos. São Paulo nos diz que o “amor é paciente, é bondoso, não se escandaliza. O amor tudo crê, tudo espera, tudo suporta”. E meditando nas suas palavras, chego à conclusão de que a verdadeira educação só acontece num clima de amor.

Tereza - *Viver essa experiência era necessário e urgente, principalmente para compreender melhor as pessoas com quem convivo, os meus alunos, especialmente.*

Ter escolhido João, foi coisa de Deus. Ele é o futuro, o futuro que encontrarei cada vez mais, o futuro que quero ajudar a transformar. Adentrar em sua casa, em sua vida, em seu mundo foi doloroso e gratificante. Aguçou meu senso crítico, minha sensibilidade e o amor que há em meu coração.

Confrontar essa experiência com as vividas pelos meus colegas de pesquisa deu sentido a própria pesquisa. Lidamos diariamente com pessoas (alunos) carentes, seja de comida ou de afeto. Só temos duas alternativas: fazer ou não fazer. Arrumar desculpas, mascarar a realidade não vai adiantar. À medida que nos envolvemos, que conhecemos suas histórias de vida, passamos também a nos conhecer melhor. É impossível que essa experiência não gere ética, compromisso e felicidade.

Minha sede de educar cresce a cada dia e não é qualquer água que me poderá saciar-me. Hoje sei que o João está na minha vida e ficará para sempre. Levo em conta que ele não está só, tem uma história, tantas coisas por trás do seu modo de ser e agir. Compreendo também a complexidade, a riqueza e a diversidade dos aspectos humanos de uma escola, principalmente se ela é uma escola para

“pobres”. Sei o quanto esses pobres me ensinam e o quanto precisam de mim e o quanto eu preciso deles.

Se disser que é apenas a pesquisa que me leva a voltar ao campo, estou mentindo. É certo que a habilidade e a sensibilidade para observar pormenores em uma vida, possivelmente lhe trarão subsídios para nela intervir de forma positiva. Assim sendo, conhecer nossos alunos é indispensável se quisermos construir uma aprendizagem viva. Durante todo esse tempo, vários sentimentos tomaram conta de mim: medo, ansiedade, compaixão, remorso, repulsa e incerteza. Cada visita à sua casa, era, ou melhor, é um mergulho em sensações que marcaram minha história. A cada relato ouvido e experiência vivida, pude comprovar que o “saber compreender o outro” é indispensável para que haja relações humanas equilibradas. A pesquisa e os fatos observados mexeram tanto comigo, que por vezes travei batalhas comigo mesmo. O sentimento de impotência e por diversos momentos, o desejo de fugir foram grandes companheiros. Quantas vezes pensei: “afinal, o que posso fazer?” Hoje, sei o muito que posso fazer. Estou no lugar certo. Quero fazer!

Gostaria de dizer obrigado, de coração a cada um dos que juntamente comigo, vivenciaram essa experiência determinante. Cada um colaborou, a seu modo, e nossas experiências se misturaram, se fundiram e creio eu, provocaram mudanças!

SÉTIMO ENCONTRO DE TERAPIA CULTURAL EM CÍRCULOS DE LETRAMENTOS

Rodolfo – Boa Tarde! Mais uma vez quero expressar a alegria e a satisfação de estar novamente com vocês para continuarmos as nossas apresentações. Esses contextos, trazidos por vocês nesses Círculos de Letramentos estão, cada vez mais, ajudando-nos a entender muito os comportamentos de nossos alunos. Vamos continuar então? Pode começar a sua apresentação, Rita.

Rita – Antes de começar quero falar que foi muito difícil para mim, tirar essas fotos, pois teve uma rejeição da mãe. Ela não aceitou tirar foto em casa. Essas primeiras fotos foram aqui na Escola. Ana da Silva tem três anos, filha adotiva desde os dez dias de nascida, é uma criança bastante esperta, é sociável com todas as colegas. Esta foi na hora do recreio, ela estava correndo para eu não pegar. Essa outra, na hora do repouso na sala de aula. A gente pode perceber que ela está fazendo alguma coisa para chamar a atenção dos coleguinhos. Ela é muito inteligente, vocês podem notar que em todas as fotos ela está com um coleguinha diferente, brinca com todos, é amiga de todos. Uma apresentação que teve na Escola. Essa foto aí ela está perto dos dois alunos, mas a atenção dela é voltada para o menino que está falando alto. Tentei tirar a foto na casinha, e ela estava empurrando o colega. É uma criança muito ativa. Essa foto foi tirada à noite e foi escondida, mas com autorização da avó, porque se a mãe pegasse... Eu cheguei a casa da avó dela de surpresa, a vi brincando e tirei logo essa foto. Não gostaram. Eu fiquei muito reprimida por isso, pois não queriam que batessem foto. Mas quando Ana me viu foi uma felicidade só. Ela é louca por mim. Ela pede para eu levá-la para minha casa. Ela é muito carinhosa com as pessoas. Fui muito criticada e a avó dela não queria essa foto. Aproveitei porque ela ia sair e a avó me disse: “Rita, você não era para tirar foto”. Mas Ana queria mais foto, foto por cima de foto. Fazia pose, não queria mais parar. Essa menina é prima de Ana, uma menina muito querida da avó. Ela me disse que gosta muito da Ana, mas não tanto quanto Paula, pois Paula é neta de sangue e Ana não é. Foi difícil tirar as fotos porque a mãe dela não queria, pois disse que achava que isso ia prejudicar alguma coisa na Escola da menina, na bolsa. Ela disse que não permitia nada que registrasse. Todas as minhas visitas eram na casa da avó. Eu nunca fui a casa dela, nem ela me convidou para entrar.

Rodolfo – Suponho que ela tenha lido a Carta de Informações e a autorização da pesquisa, além de ter assinado. Não é verdade?

Rita – Quem leu foi o pai, mas a assinatura era dela, na hora ela não aceitou quando chegou, disse que não aceitava de maneira nenhuma tirar foto, não gostava de tirar foto, e que podia prejudicar no Colégio. Porém o pai aceitou, mas a mãe com reticências.

Rodolfo – Como você descreveria o contexto dessa criança?

Rita – Ela é adotiva, a adoção se deu mais por ele, pelo pai, que queria muito ter filho, e ela não podia ter filho. Pelo que eu conversei com a mãe, foi muito difícil se abrir comigo, mas para manter o casamento em pé ela resolveu adotar Ana, disse que não gosta muito de tocar nesse assunto. Não tem paciência com a menina. Ela diz que tudo o que faz é por ela, porque por ela mesma, não. Eu vejo que é uma criança amada, muito amada pelo pai, mas eu não vejo esse amor da mãe. A avó disse que gosta mais da outra do que dela.

Rodolfo – Rita, o contexto cultural de Ana, lhe afetou de algum modo?

Rita – Essa ligação com o pai, lembrou muito a mim. Faz mais de 20 anos que eu perdi o meu pai e tinha essa ligação muito forte com ele. A maneira dele com ela... Isso me lembra muito o carinho, o afeto.

Rodolfo – Tem algum comentário que vocês gostariam de fazer para Rita?

Lena – Eu conheço bem essa realidade aí, dessa família, porque a mãe da Ana, ela é basicamente a minha amiga de infância. Porque era na mesma rua, eu era maiorzinha, brincava, que eu cuidava. Conhecia a mãe dela. E existe nessa família uma história de ego. Pois o pai dela é filho do dono da padaria. Ela tinha riqueza, tiveram seus períodos de riqueza e era família tradicional lá da cidade. A mãe de Joana, avó de Ana, já era submissa. Percebo o medo de expor, hoje, sua condição social. Joana tem toda uma história de doença. Teve que fazer uma cirurgia quando pequena, na idade da filha, de implante no coração. Ela sempre foi uma menina criada sob os mimos pois poderia morrer a qualquer momento. Então ela cresceu muito “filha de papaizinho”. E que não era tão papaizinho, mas ao mesmo tempo dava todos os mimos. O processo do seu casamento, a princípio, a família não aceitava. Tem conflito familiar terrível na casa dos avós dessa menina; tem a disputa pela propriedade dessa casa; o avô dessa menina tem uma outra família na cidade vizinha, paralela a essa. A mãe de Joana é uma mulher muito sofrida, vítima da opressão, dos irmãos. Ela é a dona da casa sem estar na casa. É o marido da

mulher divorciada sem ser. Tem outro casamento, outros filhos, é uma estrutura familiar muito doída. O irmão queria botar a mãe para fora de casa. E no final a avó da Ana, é empregada dos netos. A coitada não tem peso sobre a família. Se você notar bem, ela tem a visão mais equilibrada da família toda, mas é a menos respeitada e vive em função de cobrir problemas de Joana, ela cobra quando a mãe não cuida da neta, a mãe não quis adotar mais. Ela assume, ela cobre as dívidas da filha, vive desesperada.

João Marcos – A gente percebe que Joana, hoje, tudo que ela faz, o mais importante da vida dela é o corpo. E aí eu me questiono quando ela diz assim: “nossa, eu não quero que a minha filha seja atendida pela filantropia”. E um dia desses, ela fez plástica no nariz, e que está ajuntando dinheiro para colocar silicone nos seios. Eu estou dizendo isso porque na academia a gente conversa, ela passa o dia inteiro praticamente na academia, malhando. Pega pesos exorbitantes e competindo até com os próprios homens que estão lá na academia. Existe um conflito também entre ela e o marido por causa disso. Porque ele não quer que ela faça musculação, não use fio dental. Ela fala do marido e de sua vida pessoal para quem quiser ouvir, ela banaliza. Até admiro porque ela pegou a menina para segurar o seu casamento. Ela fala para todo mundo ouvir na academia: “ele quer que eu fique uma velha dentro de casa, eu não vou deixar de competir”. Ela é um corpo somente.

Rita – Ela não dá muita atenção, conversava com ele no dia da entrega de notas e compreendi que ele cobra muito dela essa atenção com a menina, e ela cobra muito dele. Ana é muito independente, ela mesma se arruma para vir à escola, ela mesma veste a fardinha. Ela só gosta da menina assim, porque ela é independente. Ela não quer que a menina dependa dela para nada.

João Marcos – E sem falar que a alimentação dela é cara, aqueles remédios que são caríssimos, todo dia ela toma um e compra vários tipos. Ela leva uma sacola para academia, e toma de um por um aqueles comprimidos.

Rita – Essa falta de atenção com a Ana, prejudica muito, porque a menina na sala de aula, de vez em quando diz: “tia, eu te amo, eu te amo”. Acho que ela sente falta disso em casa e ela me abraça muito. Quando vou a sua casa ela quer que eu a leve para minha casa. Em outras palavras a mãe só pensa nela. A última visita que eu fiz à casa da avó, ela estava se arrumando para sair. Se aprontou me dizendo que ia ficar bonita para sair. “E a Ana, você não vai arrumar?” Perguntei. “Não, está

bom” respondeu-me. Peguei uma roupinha lá na gaveta e fui arrumar Ana para sair com ela.

Lena - A avó fica desesperada em cobrir todas as suas dívidas.

Rodolfo – Aí a gente está entendendo porque ela não quis que fotografasse casa, esse contexto cultural. Porque a gente olhando bem as fotografias, para nos posicionar na fotoetnografia, esses detalhes da resistência, um ambiente delimitado, por isso as colaboradoras não permitiram entrar nesse espaço. Bom, a gente pode está fechando essa situação dentro de seu contexto cultural.

Irildênia – Com respeito a vida familiar, o marido dela foi sempre religioso. Ele fazia parte da Renovação e saiu. Pedia a presença dela, mas ela ia para competição e não ia para igreja. Foi um desses motivos pelo quais iam se separar.

Rodolfo - Agora imaginem a cabecinha dessa criança nesse mundo. Então agora, a próxima será Irildênia com sua colaboradora. Obrigado a Rita. Vamos aplaudir o seu trabalho.

Irildênia – Bem gente, essa é a Clara Barbosa. Para começar eu queria dizer que foi difícil tirar as fotos na casa da Clara, porque nas duas semanas que eu marquei para fazer a visita de campo, a sua mãe estava muito deprimida por causa do que ela passa para sustentar as duas filhas. Só vê a filha à noite, depois das nove horas. A outra filha, de dois anos e meio, fica na casa da avó materna. O seu pai trabalha num negócio de ajeitar sofá com os irmãos e Clara fica com a avó e o avô nessa casa. Depois de duas semanas que eu conversei com a mãe da Clara, no Colégio, pois ela estava chorando muito, ela me autorizou passar em sua casa. Então eu cheguei e consegui tirar as fotos. A avó tinha ido vender “Avon” e Clara estava na casa de umas tias brincando com os primos. Vocês podem perceber que é uma rua bem simples e calma, tem muita areia. Ali atrás vocês podem perceber muito lixo, um matagal. Clara disse que passa a maior parte do tempo brincando na calçada. Nessas duas cadeiras estavam a avó e o avô, mas ele não quis tirar fotos. O pai dela é gente fina, percebi nele um amor muito grande por Clara. Ela, por sua vez, tem paciência e um jeito muito carinhoso de tratá-lo. Neste mesmo dia, ele passou mal, tremia muito, e aí a mãe dele falou que talvez fosse emoção, de ter alguém na casa dele conversando sobre a sua filha Clara. A avó dela por parte de pai disse que queria muito saber quem era a tia Irildênia, que tanto Clara falava. Eu saí logo porque ele passou mal. Ele toma um remédio para dormir à noite. Nesse mesmo dia ela chorava muito, pedindo para que eu a ajudasse, pois não queria perder o pai.

Clara diz que ama a mãe, mas gosta mais do pai, pois o pai dá mais atenção a ela, mais carinho e brinca com ela como se fosse criança. A mãe já não tem muito tempo de fazer isso. Esta é a cozinha da mãe da Clara. Vocês podem perceber que está um pouco bagunçada, pois quando eu cheguei não avisei que ia tirar fotografia. Ela até riu, disse para mim que se eu tivesse dito antes ela teria arrumado tudo, tinha “ariado” as panelas; teria limpado o fogão, teria feito toda a arrumação na casa. Mas aí ela explicou que era a falta de tempo. Saí de manhã para trabalhar, chega, almoça, come qualquer coisa, sanduíche, volta para trabalhar e só a noite é que limpa a casa. Esse é o quintal da casa de Clara. A única coisa que ela gosta é dessa planta. Às vezes ela tira as folhinhas para brincar como se fosse comida da boneca, ela trata a boneca como filha. “É a minha filha. Quando eu crescer, vou ter a minha filha, mas eu vou cuidar dela toda hora, não vai ser como a minha mãe que não tem tempo para mim”, diz. Esta aí Clara no banho de piscina, junto com as amiguinhas, brincando comigo no Dia das Crianças no Colégio. Para vocês conhecerem a mãe da Clara, eis uma foto. Ela disse que estava suada, ia começar a arrumar a casa. Vocês podem perceber no olhar da mãe da Clara um olhar triste, sofrido, porque ela gosta muito do ex-marido, mas sabe que não tem condições de ficar com ele, porque ele não volta mais ao normal.

Neet – É interessante, pois eu estou dando aulas para a turma dela. A sua mãe já estudou comigo. Quando eu a vi pela primeira vez levando Clara, eu fiquei muito feliz. Mas é interessante o carinho que ela tem pela filha. Ela deixa a filha lá na cadeira, senta, beija, parece que está se separando da filha, e dá vontade de chorar. Chamou-me atenção muitas vezes, aquele homem sentado em frente à supervisão e não parecia ter problemas de saúde.

Irildênia – O problema do pai é congênito. Ele tem um problema na cabeça é como se fosse uma bola de encher.

Rodolfo – Como esse contexto afetou sua vida?

Irildênia – Eu vejo que o carinho que ela tem pelo pai, eu vejo em mim também. Quando meu pai era vivo, o amor que eu tinha por ele, o apego, pois a gente era apegado tanto pelo meu pai quanto pela minha avó, e avô por parte de pai.

Rodolfo – E agora? Vocês querem fazer alguma pergunta para Irildênia?

Neet – Eu lembro quando você desabafou sobre o seu pai e parece que de repente você quer ajudar a menina para não perder esse pai; quer protegê-lo; quer que ele não se vá. Essa foi a situação que tocou bastante, não sei se eu estou...

Irildênia – Mas é verdade.

Neet – É um sentimento bem etnográfico.

Lena – Eu fico preocupada quanto esse trabalho nos provoca, penetrando nessas vidas e como já foi dito inicialmente, dessa cidade ser muito familiar e todos têm uma origem bem comum. A vida é com base na vida de fulano e beltrano, e aí esse trabalho de etnografia... É muito complicado ser um pesquisador. O etnógrafo que penetra em realidades que são bem familiares, ver e não se envolver. De repente, agora a realidade dessas fotos me atinge. De fato a foto me atingiu profundamente. Clara é companheira de sala de aula do meu filho, é amiga do meu filho, então o problema não me é estranho. Clara é uma amiga quase de vizinhança. Esses meninos moram ao lado do meu cunhado, de repente, esse pessoal vem para mim. Eu estou olhando como etnógrafa ou como cidadã local? Sou abordada por um companheiro da cidade...

Rodolfo – Não seriam as duas coisas? O que vocês viram sobre pesquisa etnográfica? E o engajamento do pesquisador?

Neet - É aquela que você não vai com a intenção de modificar o ambiente, nem resolver problemas, mas você contribui para que as coisas aconteçam o melhor possível, mas você é afetado pela comunidade, começa a existir uma cumplicidade entre ambos. Essa coisa que Lena fala, automaticamente você mergulha e como é uma cidade pequena, realmente você se envolve e se deixa envolver.

Rodolfo – Voltando a essas questões sobre a pesquisa etnográfica, ela traz conteúdos inicialmente que não têm uma intencionalidade. Na hora em que vocês entram em campo, é como se fossem uma cadernetinha, sem nada. E à medida que vão acontecendo as coisas, vai se registrando. O pesquisador etnógrafo é assim: ele é afetado pelo campo. Quando a gente fala em não se envolver, é no sentido de estranhamento, para não fazer julgamentos a partir mim, mas descrever a realidade como ela é. Agora há pouco, vimos, a partir de fotos, uma cozinha que estava desarrumada, a cozinha como ela é, ela tem que estar daquele jeito, o mais natural possível. Nada impede que eu entre na pesquisa. Qual foi o movimento interno que me impulsionou a pensar assim? A transformação vem de onde primeiro? O lugar da Terapia Cultural é esse do contexto cultural que está lá e afetou a mim como pesquisador. Mas eu também estou nesse campo em outros papéis sociais. O que essa terapia vai fazer para que eu me transforme? Para tentar também transformar a realidade, pois a cultura é um espelho que eu tenho. Eu me vejo diante do outro, e

isso provoca uma mudança em mim, não vou esperar que essa mudança seja no outro, não, porque essa transformação tem que ser de dentro para fora, ela não é de fora pra dentro.

Neet – A pesquisa etnográfica torna você mais humano, muito mais humano, em todos os sentidos. Você fica mais fragilizado em certas coisas e observo que hoje parece que tem algo a mais em mim. Depois dessa pesquisa etnográfica, do trabalho etnográfico, quando você passa por certas situações, isso toca e você pára e registra. É interessante como essa é uma proposta mágica. E uma pergunta para Irildênia sobre esse carrinho na frente da casa que apareceu na foto?

Irildênia – Eu ia falar sobre o carrinho e acabei esquecendo. O avô da Clara faz banquinhos ou cadeirinhas e esse carrinho serve para ele pegar um tipo de material para a construção dos pequenos móveis.

Rodolfo – A gente agradece e vai fechando esse “parêntese cultural” da colaboradora de Irildênia. João Marcos, agora pode apresentar o contexto pesquisado.

João Marcos – Bom pessoal, antes de mostrar a primeira foto, eu tive a liberdade de adentrar na casa, na vida de Juliana Belmira, com total liberdade. Fui muito bem recebido e acolhido, principalmente quando a avó dela soube de que família eu era. Meu pai é uma pessoa muito querida na cidade, ela conhecia minha mãe, minha avó, meu avô, sou de família tradicional, enfim. Disse que Juliana falava muito bem de mim em casa, que era uma pessoa que ela gostava muito. Me mostraram muitas coisas da vida deles, inclusive um álbum de fotografias bem velho, vários álbuns, e num desses álbuns tinha essa fotografia aí, que a Juliana me deu. Ela tinha duas fotografias semelhantes, e aí ela retirou do álbum, perguntou para avó se podia me dar essa fotografia de presente. A própria fotografia diz: “lembre-se de mim, pra lembrar de mim pra sempre”, me tocou muito por ela ter me dado essa fotografia. Senti-me uma pessoa especial na vida dela. A gente percebe que não é uma criança feliz, que tem muita tristeza no semblante. Aí está, é a casa de Juliana, as duas casas e essa amarela vizinha. As duas pertencem a avó de Juliana. Essa casa vizinha onde funcionava uma oficina de pólvora, foi onde o seu avô fazia bombas, fogos de artifício. Era muito conhecido na cidade porque era a única pessoa que trabalhava com esse tipo de coisa. Falecido há 16 anos, então Juliana nem chegou a conhecer. Ele morreu também de problemas cardíacos. Quando fiz a visita de campo, estacionei a moto, e a primeira coisa que eu fiz foi tirar a foto da fachada da

casa. É uma casa simples, não é forrada. Você percebe que a caixa d'água lá em cima não é uma caixa totalmente fechada. Entrei na casa de Juliana e tirei logo uma foto surpresa com ela estudando. Não tinha me visto ainda. A porta estava aberta, eu fui entrando e ela levantou a cabeça, olhou, me abraçou. Esse é o lugar onde Juliana mais fica dentro de casa, na sala. É nela que ela estuda, que ela faz os desenhos. Nesse sofá, nessa posição. Eu cheguei várias vezes na casa e sempre a encontro nessa mesma posição, estudando, fazendo desenho. Vocês percebem que é uma casa simples, o piso é de lajotão; o sofá tem boa qualidade; as paredes não são muito bem pintadas, mas tem problemas de salitre; muitos quadros de artistas, santos; tem um móvel "rack", onde está a televisão e tem telefone próprio. Eles não têm muito conforto, mas também não é uma família que vive padrão de miséria. Dona Francisca é uma senhora muito agradável e me recebe muito bem. Me abraça, me beija e quando eu vou embora não quer me deixar ir, bota lanchinho para mim. A avó costuma sempre ficar sentada nessa cadeira de balanço fazendo trabalhos de artesanato. Ela faz labirinto e faz também ponto de cruz, crochê. Tem 86 anos. Numa dessas conversas que eu tive com Juliana disse o que ela tem mais medo hoje é de perder a avó, porque ela sabe que está perto. "A avó não vai durar muito tempo", diz Juliana. Tem muito medo de ficar desamparada. Ela só quer que a avó vá embora depois que conseguir um emprego, depois que ela sustentar a sua irmã. É uma senhora que teve muitos filhos, se não me engano, vinte e cinco ao todo, e todos chegaram a morar nessa mesma casa. Então eram várias famílias que moravam aí. Cada cômodo era uma família diferente, na sala, na cozinha, no corredor, e ela me dizia que era rede por cima de rede, a casa era um caminho de rede. Não tinha sofá, não tinha móvel. Para passar, era baixando e levantando. Hoje não vive numa condição muito boa, mas o que ela tem pode sustentar os netos. Interessante é que a própria Juliana, em nossas conversas, tem essa consciência de não gastar. Agradece muito o que a avó faz por ela. Quando estávamos conversando, nesse dia, a avó me perguntou como ia Juliana dentro da escola. Aí eu disse que Juliana estava ótima, está mais sociável, e ela dizia assim: "só dentro da escola, porque aqui ela entra calada e sai calada; ela entra, ou fica no quarto, ou fica no sofá. Às vezes eu não dou nem notícia que ela chegou, - chegou e tu não falas nada, 'eu estou ocupada, eu estou estudando', então é uma menina assim". Dentro de casa é inteiramente introvertida. Nessa mesma conversa, Juliana dizia para avó: "eu só queria saber uma coisa, porque ninguém queria que eu nascesse?"

Ninguém me respondeu, esse direito, a senhora sempre desconversou. Porque ninguém queria que eu nascesse?” Senti que a avó ficou meio sem jeito com a pergunta, mas respondeu que não era por ninguém não querer que ela nascesse, “a sua mãe já tinha um filho, era mãe solteira, já éramos nós que criávamos, e de repente pegar um outro filho, de outro homem... Naquela época a sociedade criticava muito, então muita gente queria que sua mãe tirasse (abortasse), os vizinhos, principalmente, ficaram enchendo a cabeça dela”. Pediam para Dona Francisca mandar a mãe de Juliana para capital, para ninguém saber da gravidez, e lá mesmo fazia um aborto, ou logo que a criança nascesse dariam a criança. Só que D. Francisca nunca permitiu. Ela acabou assumindo total responsabilidade sobre Juliana. As próprias irmãs de Stella não queriam que Juliana tivesse nascido. “Mamãe, a senhora vai criar mais um. Quantas vezes a Nena (como todo mundo conhece a Dona Stella) vai chegar com o menino e a senhora vai criar?”, dizia sua tia. Juliana nasceu muito forte. A avó não lembra de nenhum dia de tê-la levado ao hospital, sempre teve muita saúde. Foi uma menina que nunca causou nenhum tipo de desgosto para ela. A única coisa que ela queria muito era que ela fosse mais companheira. Se a avó não chamar para comer, ela não vai comer. E o que ela gosta muito de comer é ovo frito com farofa e arroz. Eu diria que essa foto representa muito a infância da Juliana. Essa rua é significativa. Ela não tinha muitas amigas, não tinha muito com quem brincar. De vez em quando ia para rua brincar com os meninos mais do que com as meninas. Brincava muito de futebol, e eu fiquei impressionado quando ela pegou a bola e botava a bola na coxa, no peito. Aí eu fotografei inclusive. Dois lugares eram preferidos dela para brincar: o quintal da casa, que é um quintal enorme e também a rua. Rasgava muito os dedos, chegavam em casa com os dedos todos rasgados, pois jogava descalça no calçamento. O quintal da casa dela é quintal enorme, com muitas árvores. Tem uma criação de galinha, que têm nomes, pois elas colocam nomes nas galinhas, aqueles pintinhos que você compra na rua, cor de rosa, amarelo..., tem também garças.

Rodolfo – Vamos ver se os etnógrafos descobrem? (Fotografia do quintal com muitos detalhes).

João Marcos – Bem aqui tem duas garças brancas muito bonitas, roupas no varal, galinheiro ali. A foto ficou muito clara. Tem um cachorro que Juliana morre de medo e inclusive eu entrei no quintal morrendo de medo dele se soltar, porque Juliana me disse que ele se solta com facilidade. Ela não gostava de subir em árvore porque

tem medo de altura desde criança. Todos subiam, mas ela ficava morrendo de vontade de subir. Aí tem uma gaiola com o periquito. Aqui representa a parte da infância de Juliana, antigamente se chamava creche de Educação Infantil “Lindo Lago”. É um prédio simples, muito simples e as instalações são precárias. Mas ela foi muito feliz ali, sempre foi bem cuidada e tratada. Creio que Juliana gostava muito de ir para escola porque em casa, se sentia muito só. Ela não me falou, mas eu sinto. Lá ela tinha o carinho das professoras. Teve outra escola que foi no Centro. Dessa escola ela guarda muitas lembranças boas. A gente lamentou por ela estar fechada. Essa árvore na rua é onde Juliana gostava de ficar conversando com as amiguinhas. Embaixo dessa árvore (ela é enorme) tem muita sombra. Depois da aula ela ficava um tempinho, adorava a sombra dessa árvore. Esses trabalhos (artesanato) são feitos pela Juliana. A referência da avó, são trabalhos feitos de pontos de cruz. Me admirei, pois são trabalhos muito bem feitos, são pedacinhos de panos. Juliana é uma artesã e eu não sabia. Ela disse que gosta muito de fazer isso e ainda faz nas horas vagas. É um trabalho que a relaxada, concentrada exercita sua criatividade. Faz também labirinto, porém, não tinha nenhuma peça para me mostrar. Comecei a olhar como minha avó fazia, e eu fui aprendendo. Aliás, a avó tem muito orgulho porque ela faz isso. A avó disse assim: “nenhuma de minhas filhas, nenhuma das minhas netas sabe fazer e Juliana aprendeu por si”. A gente sabe que o artesanato, as labirinteiras vão acabar. Esse momento aí foi tocante, eu me segurei para não chorar, porque foi quando ela tirou de dentro da caixa de sapatos os pertences que ela tinha da mãe. No dia que a sua mãe faleceu, ela foi a sua casa pegar algumas coisas e a única roupa que a mãe dela tinha era essa. Nessa hora ela me disse chorando: “eu olho para essa roupa e parece que estou vendo a minha mãe, porque para onde ela ia era com essa roupa, que era um estilo “capri”, no meio da perna e em preto, uma camiseta vermelha”. Aí é um terço da mãe. Ela rezava pois é de uma família católica. Essa é a escova que a mãe dela fazia. Na escova tinha fios de cabelo da mãe e ela juntou na caixinha de fósforo. Tinha também a carteira de trabalho e tinha um coração de papel. Lembra aquela cartinha, que tinha no bolso no dia do enterro da mãe? Esta é a cartinha em forma de coração. A gente colocou os objetos em cima e fotografei. O quarto dela é simples, me chamou atenção por estar muito arrumado. Quando ela abria as gavetas para me mostrar as coisas, um capricho tão grande, tudo muito cheiroso, tudo bem arrumado. A gente percebe que Juliana tem 15 anos, mas tem um lado

infantil. Ela tem ursinho “Puff” na parede, um coração, uns desenhos animados, a colcha de cama tem desenhos da Disney. E o quarto dela em si, tem muita coisa de criança, tem uns bebês: “Meu bebê”, que fica em cima do guarda-roupa. Em cima dele muitos livros, todos arrumados. Perguntei se ela gostava de ler e ela disse que nem tanto, mas desde que entrou no teatro, de tanto o professor falar da importância da leitura... Ela é fã de Leonardo, de música sertaneja e diz que até às vezes, os colegas brincam com ela, dizendo que ela é brega. Essa é uma foto dela jogando futebol. Sofreu muitos das pessoas, o preconceito de ser uma menina que gostava de fazer coisas de meninos. Só não sofreu nem da avó, nem da mãe, mas sofreu dos vizinhos, que a chamava de Maria-Homem, e ainda diziam: “Essa menina vai ser ‘sapatão’, essa menina devia ter nascido com uma ‘piroca’, ela fala como menino”. Ouvia e não dava importância naquela época, mas hoje ela entende e disse que fica triste quando lembra desses fatos. A irmã dela dorme com ela, nessa cama, pois não consegue dormir sozinha, tem medo, ela está sentindo hoje como se Juliana fosse a sua mãe. Eu percebo Juliana, realmente, uma mãe para ela, pois é impressionante, a preocupação com ela. A mãe de Juliana trabalhava, fazia bicos de empregada doméstica, de limpeza, inclusive uma senhora pagava para limpar de frente à rua, limpar a calçada, dava de uma rua para outra. Todo dia ela ia fazer esse trabalho, mesmo doente. Juliana tem uma outra referência forte da avó, tem muita fé em Nossa Senhora. No quarto tem a santa na penteadeira, tem santinhos em tudo que é lugar, na cozinha. Coração de Jesus e de Maria e na penteadeira é cheia de santinhos. Diz ter muita fé principalmente em Nossa Senhora de Fátima. Não gosta de ir à missa, acha que muitas pessoas vão para missa olhar a roupa dos outros, para fofocar, não adianta ir para missa nesse contexto. Esta é Juliana atuando. É apaixonada pelo teatro. Lá se realiza, é o lugar que mais gosta de estar, a aula que mais gosta de fazer, se sente muito valorizada. Sempre cita os nomes de seus professores. Eles fazem com que ela se sinta capaz de escrever um texto, de se expressar, de se encontrar. Então ela diz que perde o contato do mundo externo. Naquele momento o mundo dela é a aula de teatro. Ela tem alguns sonhos e um deles é ser modelo. Ao mesmo tempo acha que não alcançará porque não é bonita suficiente. Segundo ela, tem muita vontade de ser jornalista, também. Tem muita vontade de seguir a carreira de atriz, coisa que ela gosta muito. Esses são os sonhos dela. Essa foto é forte. É no túmulo da mãe. Como eu poderia mostrar a sua mãe? Foi na hora que ela me mostrou as roupas e tudo. Disse que queria tirar uma

foto do túmulo, então a deixei sozinha. Ela se ajoelhou diante do túmulo, chorou muito, muito. Dizia-me: “eu não me conformo, a gente vive e a pior covardia da vida é a morte por que a gente é tão feliz quando a gente está vivo. Minha mãe era tão feliz, tinha todos os problemas do mundo, mas era feliz e de repente minha mãe não existe mais. A sensação de nunca ouvir a voz, a sensação de não mais vê-la”. Eu estou querendo mostrar, agora, para vocês a Juliana despertando para feminilidade, para a mulher que existe dentro dela. Até pouco tempo não soltava o cabelo, não usava brinco, não usava maquiagem, nem batom e hoje está se descobrindo. Aí foi numa peça de teatro. Todas as meninas e meninos maquiados para a apresentação, uma maquiagem muito simples, só para realçar. Ela se achou tão bonita quando se viu no espelho, que disse: “como eu estou diferente”. Ela ficou impressionada com ela mesma, de cabelo solto. Eu percebo que a partir desse dia começou a se ver mais bonita, a se achar mais mulher. Ela começou a despertar o lado feminino. Aqui termina a apresentação.

Rodolfo - João Marcos, como foi essa experiência de ser etnógrafo?

João Marcos – Cada dia que eu conversava com a Juliana Belmira eu percebia muitas coisas semelhantes que aconteceram comigo, na minha vida. Eram pensamentos que eu já tinha na idade dela. Eu fui uma criança que tive uma infância muito boa, mas que amadureci muito cedo, por uma série de coisas que aconteceram precocemente na minha vida. Eu com 18 anos, eu já tinha vivido coisas na minha vida, que pessoas talvez de 40 anos não tivessem vivido. Eu fazia tratamento com psicólogo nessa época, e eles me diziam muito... “Você viveu muito precocemente”. Quando ela me mostrou essa foto, eu lembrei também que lá em casa tenho várias fotos dessa. Todos os anos eu tirava uma foto na escola. Comecei a me identificar até fisicamente com ela. O olhar, o sorriso, um olhinho apertado. Existia uma diferença muito grande: eu sempre estudei em escolas particulares, Juliana sempre estudou em escolas públicas; eu sempre tive tudo o que eu quis na minha vida. Eu tive todos os brinquedos pois o meu pai me dava. Meus pais me ensinavam a não ser mesquinho. Meu pai veio de uma família muito pobre, muito pobre, mesmo e com 14 anos sustentava a família inteira. Quando o meu avô abandonou a família e foi para Manaus e voltou, então meu pai sustentava a família com 14 irmãos e tudo mais. Ele sempre me dizia que eu nunca tratasse as pessoas mal, as tratasse com delicadeza, com educação. O meu brinquedo não era só meu, ele era meu e do vizinho da rua. Muitas vezes minha mãe me deixava brincar na rua,

mas tinha hora de entrar. Porém brincava na rua, e às vezes levava os meus colegas lá para casa. Identifiquei-me com os desenhos de Juliana, porque fazia desenhos, eu também gosto de desenhar. Ela hoje está gostando de ler; eu sempre gostei de ler, desde criança. A minha mãe gostava de ler, minha mãe foi professora. Lembro de algumas discussões do meu pai porque a minha mãe empurrava livros que não eram para minha idade. Uma vez ganhei o livro “Pequeno Príncipe”, que é infantil-juvenil, mas é complexo. Meu pai achava que minha mãe estava querendo que eu me tornasse um super inteligente. Quando olho para Juliana, os muito maltratos das pessoas da família, apesar de eu ter uma infância feliz, perto dos meus pais e das pessoas que mais me queriam bem, tinham pessoas dentro da minha família que me maltratavam, sim. Eu me lembro de um tio e de uma tia que moravam na capital. Sempre ia passar férias lá. Casa com piscina, com mar, parquinho, tudo isso seduz qualquer criança e eu sempre ia. Às vezes minha mãe não queria deixar, mas eu sempre ia. Eu sofria muito por lá, muito, porque ele me fazia sofrer, esse meu tio. Era um menino do interior que ia para a cidade grande, então ele fazia pouco de mim o tempo inteiro. Chamava-me de “jeca-tatu”, eu dormia no quarto da empregada, os outros quartos eram uma mansão. Eu fazia xixi na cama e ficava a noite inteira acordado com medo de fazer xixi de novo, porque ele me dizia que se eu fizesse xixi na cama, iria me dar uma surra no dia seguinte. Isso tudo porque o piso era diferente, não podia manchar, era de taco, então eu passava a noite inteira com medo de fazer xixi na cama. Uma vez eu fiz e na hora que eu estava fazendo acordei e fiquei tão desesperado, eu fiquei louco, comecei a chorar e tirei as minhas roupas de dentro do armário e comecei a limpar o xixi com as minhas roupas, depois as escondi. Eu sentia que ele não gostava quando eu estava perto do filho dele. Ele passava o dia trabalhando, era uma maravilha. Quando chegava, eu já me recolhia. Ele não gostava, ele me chamava de “mulherzinha”, “esse daí tá na cara”, dizia escancaradamente. Talvez encontrasse em mim alguns traços femininos, pois desde criança eu gostava muito de arte e desenhava muito. Quando eu desenhava, era voltado muito para o estilismo, tinha um sonho, quando era adolescente de ser estilista. Eu me lembro dele pegar nos meus desenhos e dizer: “oh! Marquinhos, os vestidinhos, esse daí não sei não...”. Ele fazia isso na frente de todos. Se ele estava no churrasco com os amigos dele, dizia assim: “João Marcos vá buscar seus desenhos para mostrar”, eu ia todo contente. “Olha os desenhos do João Marcos” e ficava fazendo hora comigo. Então isso era maldade muito grande.

Quando era nas outras férias eu queria ir de novo, porque era o único lugar que eu tinha para passar férias na capital. Mas fui ultrajado por esse tio. Ele é casado com minha tia, porque é uma família extremamente complicada. Em tudo ele queria fazer uma competição entre mim e o filho dele e sempre o filho dele tinha que ser melhor. Hoje seu filho namora um transexual. Vou ser bem aberto, bem claro: usa drogas, é um perdido na vida. O pai pagou faculdades e faculdades e ele nunca fez, foi jubilado e o pai não sabia. Um dia desses o encontrei aos amassos com outro cara. Eu não sabia que ele era gay. Meu Deus do céu, parece àquela história. É mesmo verdade: você fala, fala, fala e depois paga. Não que eu não tenha nada contra o meu primo eu o adoro, mas eu tenho muitas mágoas. Essas coisas foram trabalhadas em mim, ao longo dos anos. Mas se eu disser que eu não tenho mágoa, estou mentindo. Se eu disser que eu gosto desse homem, não gosto, também não odeio, também não desejo o mal, também eu não gosto dele, eu tenho horror. Um dia desses a minha tia estava na UTI e tive de ir ali, pois eu sabia que ia me encontrar com ele. Mas fui por causa da minha tia. Eu nunca contei isso a ninguém, eu estou contando isso para vocês. Eu estou falando disso comparando com a Juliana. Porque Juliana passou muito por isso. As pessoas a humilharam, tanto pela questão de dizerem que ela é “homem”, como pela questão de ser uma menina sem mãe. Uma menina que foi jogada, que é considerada uma cruz para avó. Ela passou a vida toda ouvindo isso, o tempo inteiro. Uma coisa também que aconteceu comigo na minha infância: Juliana Belmira me falou que existiu uma tentativa de estupro em sua vida, que não chegou a se concretizar porque alguém chegou e a socorreu. Alguém ligado à família, o seu primo já tentou seduzi-la. Tentou fazer coisas com ela à força, pois ela não queria, então quis rasgar a roupa dela. Foi um dia em que eles estavam sozinhos em casa: “ah! Bem me disseram que você é homem mesmo”, dizia seu primo. Ela disse que não contou isso para ninguém. Me fez recordar também, é muito duro de contar, mas eu vou contar. Quando eu tinha dez anos de idade, eu fui estuprado por um tio, e foi assim muito duro, muito duro, porque aquele tio era muito carinhoso comigo. Aquele tio que me levava para muitos lugares, entendeu? E um dia ele me pegou à força e me estuprou. Hoje, ainda é um grande amigo do meu pai. Ele o adora. Já tive muita vontade de falar para o meu pai. Depois de grande, tive muita vontade. Acho que eu vou causar uma desgraça muito grande se eu fizer isso. Eu acho que vai ser uma decepção muito grande para ele. Eu não digo por causa do meu pai e não por ele. Sabe meu pai adora ele, são

irmãos. Eu me lembro que passei dias e dias que não agüentava sentar, não agüentava nem fazer cocô, muito dolorido, muito dolorido, porque ele foi muito violento. Passei muitos dias sangrando e escondendo tudo da minha mãe, do meu pai, escondendo tudo da minha família porque não queria causar uma desgraça familiar. Eu tinha 10 anos, eu tinha consciência de que se eu falasse isso iria causar uma desgraça muito grande na minha família (Choro).

Rodolfo – João Marcos tente, nesse momento, que é muito seu, ir fechando esses parênteses culturais da sua colaboradora e seu; desse seu sentimento de pesquisador, saindo um pouquinho da sua infância, que não deixará de estar escrito no pesquisador, claro. Mas tente fechar essa história como pesquisador. Que sensações depois dessa visita de campo, desses conhecimentos, dessa história de sua colaboradora, dos sentimentos que vieram do pesquisador. O que acrescentou isso tudo na sua vida?

João Marcos – Uma aprendizagem muito grande, porque assim, não consigo mais olhar as coisas, as pessoas, para Juliana, para Pierrô, para nenhum aluno, sem meu olhar enviesado. Tenho agora diversos olhares. Por exemplo, quando eu olho para Juliana sinto que eu tenho que ter mais cuidado com ela, com Pierrô, pois eu tenho que ter mais carinho e atenção, ter mais vontade de acolhê-los. A gente passa a ver a vida do outro e se colocar no lugar dele. A gente valoriza mais o outro. Um dia desses eu estava comentando com um amigo meu, e ele fazia o seguinte comentário. Antes de entrar no programa Ata ou Desata, eu criticava muito quem estava lá, porque eu via que tinha um monte de coisas que poderia ter feito e antes não fazia, e hoje eu me encontro como Coordenador do Programa Ata ou Desata, e não consigo fazer as coisas que eu gostaria de fazer também. Aí eu disse assim: “um dia você é o prego, outro dia você é o martelo”. Então, hoje antes de falar de qualquer pessoa, de fazer qualquer comentário, eu analiso muito bem o contexto dessa pessoa. Eu jamais vou falar ou fazer uma exposição dessa pessoa, sem antes analisar muitos pontos, sem julgamentos. Então eu acho que isso para mim foi o maior aprendizado da pesquisa etnográfica.

Rodolfo – Muito bem, eu acho que a gente pode ir fechando esse parêntese cultural como todo parêntese é fechado. Mas ele é aberto também quando a gente permite. Quero agradecer a confiança de João Marcos em nós, também, e palmas para ele. E entrego agora os seus textos transcritos até o sexto Encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos.

João Marcos – Deixa só eu mostrar a mãe de Juliana Belmira, eu vou passar (foto) para vocês olharem. Essa foi a última foto que ela tirou antes de falecer.

Rodolfo – Uma boa noite a todos e até a próxima!

OITAVO ENCONTRO DE TERAPIA CULTURAL EM CÍRCULOS DE LETRAMENTOS

Rodolfo – Prezados professores, prezadas professoras, boa noite! Estamos nos aproximando do final deste trabalho de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Tudo que observamos, sentimos, fizemos, enfim, tudo isso tem nos tornado mais sensíveis e mais conscientes do nosso papel de educador. Com isso, atingimos mais uma meta desta pesquisa. Vocês perceberam também? Hoje vamos continuar com a nossa última apresentação com o trabalho feito por John sobre sua colaboradora. Através desta exposição vamos conhecer um pouquinho do contexto cultural dessa aluna.

John – Bem, boa noite! Eu queria, primeiro, agradecer essa oportunidade. Foi muito boa. Estou vendo o Colégio Cristão do Nordeste com outros olhos. Essa jovem, acho que todo mundo conhece, é a Sílvia, faz o 1º ano, tem 16 anos e passa por muitas dificuldades. Essa é a casa dela, a mãe, dona Cida. O pai, Sr. Jorge, é este que está deitado. Ele não queria tirar foto. Tem dez anos que o Sr. Jorge tem outra mulher. E ele prende muito a Sílvia. Se ela botar o pé fora, bate nela mesmo. A mãe dela fala que foi um sonho sua filha estudar no Colégio. As vizinhas mais próximas da casa, a um quarteirão, falavam que ela não ia conseguir colocar Sílvia na escola, pois a escola não ia aceitar. Aqui é a casa de sua irmã. Ela adora essa rua. Ao lado é a igreja evangélica, tranqüila, faz sombra toda hora e tem um banquinho em frente. Toda hora tem uma sombra maravilhosa. Eu sentei e ia caindo, pois quebrou o banco, era de tijolo. Não é movimentada, a rua é tranqüila. Só passa muito carro nessa parte da outra rua. Como eu não podia tirar foto do pai e como ele gosta de pássaro, tirei do pássaro. A casa é bem simples e foi herança. Há trinta e quatro anos que ela mora aí, e é da família do pai do marido dela. Sr. Jorge é católico. Eu gostei demais de ter conhecido a família. Ela é uma pessoa muito meiga, mas está com dificuldade devido às amigas. A mãe acha que as amigas estão levando ela para o outro lado, no caso, a Joanhina e a Letícia, que não saíram na foto. Ela estava mentindo para mãe dizendo que vinha à Escola e, na verdade, saía com as meninas. Ontem, ela faltou à aula da tarde. Fui a casa dela, mas não estava. Esperei até ela voltar e quando ela voltou perguntei: “Sílvia, onde você estava?” “Estava na aula à tarde”, me respondeu. Como a mãe estava próxima, fiquei calado. Quando a

mãe saiu, eu falei: “você não estava lá”. Ela tinha saído com a Joana D’Arc, a Letícia e a Camila, que é um trio. Assim que elas chegaram, o pai saiu de casa. Sílvia esteve doente segunda-feira, com dor de cabeça, teve que sair da aula. À tarde eu cheguei em sua casa, tinha saído no sol com Joana D’Arc, Letícia e Camila. Faltou hoje, porque está doente ainda. Os professores falam que ela está também atrapalhando as aulas, e vai com certeza, prejudicar. A mãe fala que é uma oportunidade muito grande estudar aqui, e parece que ela está jogando fora essa oportunidade, que ela está mentindo para sair com as meninas. Ela tem dificuldade em matérias de cálculos, principalmente matemática e tem vergonha de perguntar, devido a sala. Ela adora o professor Teodoro, mas tem vergonha das pessoas, pois, segundo ela, gostam de discriminar, e por ser muito forte (gorda) e ter essa cor. Poucas horas que eu estive com a Sílvia observei que muitos alunos, muitos alunos, mesmo, moram nessa proximidade da casa dela, penso que uns vinte alunos, da sala dela têm umas oito pessoas. Essa foto mostra um ambiente tranquilo, que dá para estudar sentada do jeito que está aqui, ninguém atrapalha. Eu perguntei sobre esse banco, devido a essa sombra, disseram-me que era para alguém tomar cachaça. Aí Dona Cida falou que o seu marido, Sr. Jorge, não aceita ninguém beber na casa dele. A Sílvia é mal do irmão dela, quando ele bebe, a chama de prostituta, vagabunda. E ela é mal de “fogo a sangue”, como se diz no Nordeste. Nessa sala dos pássaros, não sei se dá para ver as redes, tem desse lado, tem do outro lado, tem no sofá, mais ou menos em cada compartimento, de três a quatro redes.

João Marcos – Parece que a casa é baixa, não é?

John – A casa é baixa. Para você ter uma idéia do que é a porta, a janela chega mais ou menos 1,60m, dá para notar pela frente da casa.

Rodolfo – John, que outro contexto, além da casa, nessa rua, você vem acompanhando da sua colaboradora? Que o outro ambiente ela permitiu que você entrasse, fora este?

John – Não, ela não queria tirar foto, porque se acha muito feia, essas coisas. Mas ela me deixou à vontade e, no caso, desse limite casa.

Rodolfo – No clube, na praia, nada? Você não a observou em outro lugar?

John – Não, porque ela não sai. Se o pai tiver em casa não a deixa sair. Para ela sair, ela tem que mentir para mãe, e esta menti para o pai. Aí é uma briga que tem o pai e a mãe.

Sofia – Ele trabalha em quê?

John – Ele trabalha aqui ao lado, em frente à ferrovia.

Lena – Esse irmão costuma também brigar?

John - Não, quando está bêbado inventa que é ela é prostituta, sai com as amigas que não valem nada. Diz que ela está estudando na escola errada. Ele cria uma história.

Sofia – Tem um irmão dela que é casado e os outros irmãos todos já têm filhos e moram lá, tem dois ou três filhos. Ele já viveu com uma mulher. Ele usa droga e também bebe. O pai dela já levou uma facada, inclusive ele já ficou sem falar. É bastante doente, já perdeu parte das cordas vocais. Ele teve várias mulheres. Como Sílvia é a mais nova, realmente ele não a deixa sair, ela só sai com essas meninas escondida. Acho engraçado que ela chega da escola e fica até quatro horas da tarde com a farda do Colégio Cristão do Nordeste.

John – A mãe dela falou que quando ela estudava no Instituto dos Gansos, ou no Colégio Arco-Verde, ela era uma menina estudiosa, mas depois que ela veio estudar no Colégio Cristão do Nordeste, e conheceu essas amigas, a Sílvia mudou da água para o vinho.

Mélore – Ela está com namorado. A mãe da Joyce que me disse e eu pedi todas as características dele. Quando foi na segunda-feira, aproveitei e conversei com ela. “Estou sabendo, você está com namorado”. “Quem lhe disse?” Ela está mudando demais a postura na sala de aula. De vez em quando eu digo: “homem muda a vida da mulher”. Dias desse a encontrei num bar com as mesmas amigas Vi que alguém bebia, tinha homem casado...

Rodolfo – Ou seja, parece que não tem tempo para estudar. Agora a gente tem que ter muito cuidado, Mélore, na forma como você viu essas coisas. Como é que você está devolvendo essas observações? Porque quando você diz assim: “cuidado que homem muda a vida da mulher”, entendeu? Como é que os outros alunos também vão ouvindo isso, e ela mesma fica alerta. Cuidado para você não ser a repressora, a “megera”. Você aqui preocupada em ajudar e ela vê justamente o contrário. Ver a professora que está a expondo, a mesma que está indo atrás de outras coisas. Eu sugiro até que você conversasse com Cortês, o coordenador, pois me parece que a mãe é conivente também. Mas pelo menos sabe o que está acontecendo, e quem tem que dar conta dessas situações fora da escola é a família, pelo menos a gente entende assim. Porque se não, os professores vão ficar muito moralizadores, querendo consertar. Nesses casos, o coordenador é uma ponte oficial da escola;

dizer para mãe e deixar que ela resolva. Nós estamos percebendo que é uma situação que começa a complicar na própria família desorganizada, estruturalmente ou moralmente. E associada a isso ela já está com algumas companhias, que já têm históricos de bebedeiras em bares, em praias...

Mélore – Eu acredito que ela seja amiga da namorada desse homem casado.

Rodolfo - Mas uma coisa vai influenciando a outra.

Mélore – A mãe da Joyce disse que ela sabe.

Rodolfo - Porque diz assim: “no Colégio X, era uma aluna muito aplicada, estudiosa, e agora que está no Colégio Cristão do Nordeste, está indo para esse caminho”. Como é que a mãe percebe isso? Você disse que ela gostou muito de ver a filha estudar neste Colégio?

John – Ela acha que a mudança da Sílvia foi por causa das meninas e não da escola.

Lena – Primeiro, vamos voltar a fala do John, quando no primeiro momento, ela sentiu-se rejeitada. Agora, interessante, eu lembro que no início do ano, quando Sílvia passou por esses problemas, as meninas faziam piadas, ironizavam, que tinha todo um preconceito com os coleguinhas de sala, inclusive, com a Maria e com Thiago, irmão da Maria. Sílvia teme “língua ferina”? Inclusive uma aluna do 1º ano, alegou desistência da escola, por conta desse preconceito, foi uma polêmica danada. Gláucia acabou saindo do Colégio, por conta desse trio e Sílvia foi uma dos pivôs e a Gláucia acabou escapando da “língua ferina” das três. Sílvia acabou indo para o lado das três e foi aí onde ela começou a ficar desatenta e com brincadeiras, conflitos em sala e de muitas chamadas. Acho que para se sentir pertença do grupo, resolveu optar por esse grupo, sentir-se mais familiarizada com a outra, porque mora próximo. Assim, para Sílvia foi uma forma de ascensão social, de estar dentro do grupo, das meninas mais pra frente, irônicas. Elas tinham um grupinho de piadas mesmo, de detonar literalmente os novatos, de debochar. A Camila é muito disso e a Joyce e a Joana D’Arc são muito “felinas”.

João Marcos – Eu percebo essas mudanças no quadro do aluno vulnerável, que vem estudar no Colégio Cristão do Nordeste e muda de comportamento. Vi em diversos alunos. Eu posso citar um, o Daniel Calixto. Ele tinha um comportamento completamente diferente quando estudava na Escola das Valsas e hoje, aqui, andando com os amigos dele, do 2º ano, um comportamento completamente diferente. Ele e muitos outros. Agora quando pára para idealizar os outros, isso é

natural, esse quadro de que gosta de sair, de que gostam de beber, e tudo mais. Eu vejo que não é uma coisa natural.

Mélore – Deixo bem claro que elas não estavam bebendo. Quando falo em relação a sair escondida mesmo, foi muito escondido mesmo. Que isso é muito normal entre as meninas da idade delas.

João Marcos – O mais preocupante é essa mudança de comportamento. Ela está deixando de ser ela, de querer ser as meninas, dar uma vida para ela que não é ela. Ela quer ser as meninas. Eu não sei como não pensou até em emagrecer, porque às vezes tem amigos que influenciam mesmo, eu tive vários. Influenciaram para o bem e para o mal, isso é preocupante. É preocupante também a desestrutura dela, essa família desestruturada.

John – Interessante que o pai não trabalha, chega meio-dia, almoça. Quando dá quatro horas da tarde, ele vai pra casa da outra até 10 horas da noite. Aí volta e dorme em casa.

João Marcos – Se a gente analisar, as três formam um mesmo estilo, mesmo tipo de cabelo, e a outra é completamente diferente, querendo ser uma pessoa superior. Quando ela emagrecer, ela vai mostrar.

Rodolfo – Aos poucos vamos sair desse contexto dessas garotas e vamos voltar ao contexto de John. Para você qual foi o impacto, o que afetou em você, ou não, nessa entrada em campo?

John – Eu creio que na área profissional, nós temos que ter muita atenção a essas coisas. Esses alunos que estão chegando, poucos alunos tarimbados aqui na escola, mas a princípio nenhum impacto...

Rodolfo – Então vamos fechando esse parêntese. Finalmente o John conseguiu uma colaboradora que abrisse as portas e talvez, com mais dias, você iria descobrir mais coisas. A gente agradece e... Palmas para nosso amigo. (Nesse momento houve uma discussão sobre a Jornada Pedagógica do Colégio Cristão do Nordeste, a partir dos educadores co-etnógrafos. Em seguida retomei a minha fala). Bom, caros educadores, faremos agora mais um texto-sentido em nosso encontro. Para isso, desenvolvam, a partir da frase evocativa a seguir, seus sentimentos através da escrita. A pergunta é a seguinte: “O que as histórias de vidas dos alunos fizeram-me refletir sobre minha prática ou intervenções pedagógicas?”. Se preferirem, podem criar um título para suas histórias. (Os professores pediram-me que se podiam escrever esses textos-sentido em casa, pois queriam fazer um agradecimento

especial a mim e dali sugeriram que fôssemos a um restaurante para uma confraternização. Atendi-os de imediato, e sugeri mais um último Encontro de Terapia Cultural, todos concordaram. A seguir os textos-sentido entregues posteriormente).

Lena - *Ao longo dos encontros na Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, foram introduzidos em nossas vidas personagens que ao se inter-relacionarem produziram uma história comum a todos.*

Origens simples, o convívio em que os problemas de ordem familiares são abalados pelos problemas de ordem financeira. São alunos que sentem falta de acompanhamento familiar, são carentes de afeto, de atenção.

Refletindo sobre a influência dessas realidades em minha vida pedagógica, percebo o quanto é estéril o discurso do conteúdo pelo conteúdo, de informações voltadas para o futuro, que eu, educadora, julgo intervir.

Falar de futuro para crianças que sentem o presente em toda sua crueldade e que pensam o futuro com o imediato dia seguinte, requer uma grande responsabilidade.

Sei que é preciso apresentar possibilidades, esperanças. Não a esperança piegas de otimismo irreal e sim a esperança construída pela análise de uma realidade que é possível ser alterada pelo conhecimento de si e do outro.

Acredito que a prática pedagógica requer olhar o aluno de frente, buscando identificar as histórias de vida dos alunos, revelam-se também como alguém que tem uma história pessoal. Prescinde saber que na casa dos alunos a rotina não funciona sob concepções ou teorias pedagógicas. É preciso conhecer a realidade de luta dos familiares, pela sobrevivência e admitir, como educadores, que temos a mesma luta.

Outro fator a ser incorporado é o próprio padrão de família. Como educador corremos o risco de lembrar ao aluno responsabilidades para com uma família convencional. Mas o conceito de convencional aqui apresentado, foge a toda regra, crianças adotadas, criadas por tias, avós. Órfãs de mãe ou pai, crianças sem pai, pais com duas famílias. Diante destes exemplos me permito refletir: quem são os modelos de autoridade na vida destes alunos?

Daí a importância do professor orientador, observador, aberto ao diálogo; que educa não para o “seu” sonho, o “seu” projeto, mas com a esperança de educar para

novas realidades; que o aluno seja capaz de sonhar com autonomia e realizar seus próprios sonhos.

Neet - *Um dia minha mãe espreitada na pequena janela de nossa antiga casa observava-me jogando bola, brincando de pegue-esconde e barra-bola com meus amiguinhos na rua. Foi dessa janela, que recebi um de meus primeiros aprendizados, pois, dali vieram muitos outros. Minha mãe disse: “Seja sempre um homem de bem”. Essas palavras sempre ficaram marcadas na minha mente e acredito que elas afloraram durante o trabalho da Terapia Cultural. Ser um homem de bem é justamente promover o bem e não esperar oportunidades para fazê-lo. Observar, estudar, acompanhar os fatos e depoimentos na sala aconchegante da Terapia Cultural impulsionou-me a refletir sobre minha postura como educador e reforçou a buscar novas soluções, com outros companheiros de trabalho e escola.*

É muito duro perceber a dolorosa diferença social existente na nossa cidade. Como isso tudo me choca, me apavora e me lança contra a parede. Ao mesmo tempo sinto um desejo tão grande de fazer muito mais do que faço. Só que às vezes sinto medo de não agüentar as minhas próprias cobranças.

Algumas vezes encontro me indagando sobre como descobrir novos caminhos para amenizar minhas inquietações. Depois de cada reunião tudo parecia mais complexo, todavia, o desejo de fazer mais e mais aumentava.

É certo que meus olhos jamais voltarão a ver o “dito”. Eles optarão por galgar os caminhos desconhecidos das sensações e das ações ocultas, que levam o ser humano a ser o que ele é.

Pedagogia é prática e só se pratica tentando, observando, pesquisando... Hoje sou um pesquisador, um oportunizador de reflexões, um vira-lata de restos de sonhos, sensações e emoções jogadas na lata do lixo (desilusões). Sou como a coruja que sonha acordada, para não perder um momento sequer dos atos e dos fatos. Espero que assim seja para sempre, que eu possa ajudar os alunos a despertar o interesse pela pesquisa de seu próprio “eu” e seu dirigir seu próprio destino.

João Marcos - *Estou farto de tantas coisas que se dizem e que não fazem. Discursos tão belos contornados de sentimentalismos falsos. Estou farto de tanto discutir sobre avaliação, sobre conteúdos, disciplinas, de defender pontos de vistas*

verbalmente, para concordar com autores e/ou estudiosos, a maioria do que educadores pensam ou parecem pensar, e assim a minoria fica sempre em desvantagem. Estou farto de ver a confusão que fazem entre pena (dó) e respeito, com relação aos alunos que atendemos. Ter pena é simplesmente oferecer um trocado quando se pede esmola e vai embora. Ter respeito é dar atenção, conversar e refletir com o outro o porquê de se pedir esmola, quando poderia ser diferente, indicar caminhos, orientar e ver o outro como pessoa, não como vitrine da marginalidade social.

Sou extremamente crítico em relação à postura de supostos educadores e me pergunto muitas vezes se não sou um deles. Talvez em alguns momentos sim, pela pressa que me faz tirar um trocado da carteira e dá para o menino que fica a pedir no estacionamento do shopping, porque estou sempre correndo e dá-lhe atenção me custaria tempo. Tempo que não tenho disponível. Não seria o mesmo a corrida com os conteúdos programáticos e com o quantitativo de notas que se tem para entregar à secretaria para fechar o bimestre? Muitas vezes passam-se anos com o mesmo aluno, no caso de educadores que lecionam em séries consecutivas, e nada se sabe dele. Apenas o nome. Como educar assim? Como diz um padre educador: “antes de se educar é preciso amar” e digo que não se ama aquilo que não se conhece e conhecer vai muito além do saber o nome.

Pensamos também muitas vezes que educar amando é estarmos agora atendendo crianças vulneravelmente sociais, quando educar amando deve ser prática incondicional de qualquer educador que acredita que seja educador de verdade, independentemente do preço da hora-aula ou do cansaço de tantas horas-aulas.

Fico me perguntando também quem de fato escolheu ser educador e quem é educador por acaso? Frustrado na maioria das vezes, por não ter conseguido ou por não ter lutado o suficiente para conquistar aquilo que queria. Eu, por exemplo, não sonhei em ser educador, inclusive saí de uma escola onde estudei da Educação Infantil ao Fundamental Maior para outra, porque o que oferecia como Ensino Médio era o pedagógico (Normal). Hoje estou aqui. Que ironia! Mas para minha alegria não me sinto frustrado porque meus sonhos mudaram de foco quando descobri que poderia contribuir, orientar, formar e transformar vidas através da educação. Cada projeto que desenvolvi passou pela fase do sonho e cada projeto que ainda desenvolverei está passando ou passará por esta fase. Portanto sonho todos os dias

e trabalho para que os mesmos se realizem para que eu possa sonhar com o próximo.

Agora, diante de Terapias Culturais, das quais tive a sorte de ser sorteado e o privilégio de participar, sinto-me mais consciente ainda da minha verdadeira missão de educador no mundo. Percebi-me e me descobri no outro e isso me fez ver que sou muito mais humano do que pensava ser.

Minhas lágrimas, durante as apresentações sobre histórias de vidas dos alunos escolhidos, dentro da pesquisa, não eram de dó, mas de vergonha pelas vezes que cobrei ou vi ser cobrado dos mesmos na escola, coisas humanamente impossíveis para eles. Vergonha por não ter percebido tais realidades e não ter interagido como deveria. Vergonha por pensar que era um bom educador daqueles que um padre educador, que com o exemplo educa amando, e não pude amar o que não conhecia. Vergonha por não me ter visto no outro as minhas limitações, fragilidades e incertezas. Vergonha por ter me preocupado somente em estudar e continuar estudando tanto, por olhar tanto no relógio e este sempre correndo, por ser tão tarefeiro e escravo do tempo, e não ter parado de vez em quando para simplesmente conversar com meu aluno. A Terapia Cultural causou uma reviravolta na minha vida, nos meus conceitos enquanto educador que ainda não sou, mas preciso ser e serei.

John - *O novo Ensino propõe “Educar para a vida”, preparar para o mundo, superar o “rótulo” de anti-sala da universidade. Mas a formação ética pressupõe a transmissão de valores referidos às práticas sociais. A mudança é inevitável. Então a história de vida dos alunos me fez refletir sobre minha prática pedagógica, como etnógrafo. Nas minhas pesquisas em campo observei as exclusões, preconceitos, os racismos. Com tudo isso, apliquei na minha sala as aulas mais práticas do dia-a-dia com meus alunos e esta havendo mudança entre eles.*

Tereza – *Analisando a trajetória dessa experiência vivida, reconheço que sou privilegiada por ter participado dela. Até então eu desconhecia o quanto meus ideais estavam engessados, embora continuassem existindo. Percebi que a certeza de que estava sempre procurando fazer o melhor, em vez de verdade, havia tornado-se um hábito. Descobri que o outro é a maior arma da qual disponho para ser feliz. Não é à toa que o Mestre falou: “amai ao próximo como a ti mesmo”. Agora sei também que*

para que as poeiras da vida não venham nos cegar e enferrujar, precisamos sacudi-las com veemência.

Durante a Terapia consolidei alguns pensamentos, apaguei outros e ainda elaborei novos. Creio que me tornei uma pessoa mais humana. Compreendo mais as pessoas e estou mais resistente as intempéries da vida. Procuo fazer a melhor leitura possível dos fatos.

Essa experiência me fez refletir profundamente sobre minha prática pedagógica e mostrou-me que fazemos a diferença quando saímos de nosso comodismo e discursos estéreis e partimos para a ação. Agora estou certa de que é impossível educar significativamente sem conhecer, compreender e valorizar o contexto sociocultural de nossos alunos. Não dá para educar sem envolver-se. Aprendi ainda que o tempo em que paramos para ouvir o outro é o tempo mais produtivo de nossas vidas. Hoje, escuto ainda mais os meus alunos e os estimulo a expressarem seus pensamentos e sentimentos, a defenderem suas idéias e lutarem por seus ideais.

Na verdade, sempre me preocupei com suas vidas, mas agora estou mais atenta para os diversos olhares que preciso ter sobre eles ao mesmo tempo e levo em conta os diversos olhares que eles têm sobre o mundo e sobre a vida. À medida que conheço melhor meu aluno, também me conheço melhor. Quando me conheço melhor, sou capaz de resolver meus conflitos, me compreender, curar minhas feridas e fico mais fortalecida para lidar com os desafios alheios.

Estou por demais inquieta com a aprendizagem dos meus alunos, principalmente porque sei que a educação é o único meio que eles têm de se capacitar diante da vida. Procuo diante de seus interesses dinamizar minhas aulas e despertar neles a alegria de vir à escola todos os dias para aprender. Agora penso mais ainda que a escola deva ser um espaço onde ocorrem felizes momentos de aprendizagens, onde o aluno encontre esperanças de futuro e aprenda a lidar com os desafios da vida.

O contato maior com meus colegas de trabalho, perceber e sentir suas inquietações pedagógicas, ouvir suas histórias de vida. A partilha das experiências vividas na pesquisa me fez sentir que não estou caminhando sozinha e reascendeu minha paixão pelo trabalho coletivo e minhas esperanças de que muito pode ser feito.

E permitir ao aluno ver o mundo através de suas próprias lentes, pois sabemos que ele é capaz de enxergar muito mais longe que nós. É urgente permitir que ela seja realmente o centro do processo. É urgente que sejamos a força que o impulsiona para frente e não a pedra que o faz tropeçar.

Estou amando ainda mais meus alunos e redobrei minha firmeza e minha atenção para com eles. Procuo conversar mais com seus pais e com jeitinho, despertar neles zelo e responsabilidade, claro, dentro de suas possibilidades. Já compreendi e aceitei com prazer o desafio de fazer as duas partes (escola e família) quando for necessário. A terapia foi uma das melhores experiências que tenho vivido.

Rita - *Com base nas histórias ouvidas e vividas, durante a pesquisa etnográfica passei a me preocupar com determinadas situações. A refletir e compreender com mais ênfase as situações práticas da escola.*

A minha maneira de pensar e de agir mudaram sistematicamente. Percebi que tudo e todos são percebidos de maneira natural, que as pessoas devem ser compreendidas através da sua própria realidade.

Devo conhecer, saber os interesses, as preferências, as dificuldades e as próprias facilidades de cada um dos envolvidos, no cotidiano pedagógico.

Todas as histórias me comoveram pela forma como foram apresentadas. Entendi que devemos conhecer o mundo que cerca cada uma das pessoas.

Com todos esses conceitos, posso analisar alguns porquês existentes na minha prática escolar e tentar, de alguma forma ou maneira, reconstruir algumas ações ou atitudes minhas.

Isadora – “Ser educador”

Ser educador hoje exige desprendimento, busca, vontade constante de querer aprender. O papel do educador hoje vai além do simplesmente ensinar já que é preciso ter consciência que não podemos mais educar utilizando janelinhas ou pequenos compartimentos. Trabalhamos com gente que chora, sorri, sente, sofre e deseja a cada instante ser e permanecer gente. No âmbito educacional não deveria mais existir o conteúdo pelo conteúdo, o ser humano não nasceu isolado. Diante do quebra-cabeça humano não podemos deixar separado as suas partes, é dever do educador torná-las inteiras.

Precisamos incutir em nós mesmos a necessidade implícita de que é preciso humanizar nossos alunos e nos tornarmos também humanos. Educamos para vida, não é nossa função preparar máquinas. É preciso sair das nossas salas de aula e perceber em que universo estão inseridos os nossos alunos. Participar para transformar não só o outro, mas principalmente a pessoa humana que é cada um de nós.

Hoje é impossível ficarmos insensíveis às necessidades e conflitos dos nossos alunos sem procurarmos diagnosticar o que há por trás da falta de interesse em querer aprender, por exemplo. Somos gente e como tal precisamos está motivados a ser eternos aprendizes.

Mediante as fotos e falas dos meus colegas educadores, senti que a fome, o medo, a rejeição, a dor fazem parte do cotidiano de muitas das nossas crianças. Desta maneira é impossível continuarmos indiferente e pensarmos educar simplesmente para garantir o sustento ou para termos uma profissão. Precisamos ter o amor e doação ao ensinarmos, sermos autênticos, transpassarmos humildade e oportunizar aos nossos aprendentes, construindo aprendizagem com base na cumplicidade, confiança, camaradagem e trocas. A convivência junto ao grupo de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos me proporcionou esta nova forma de olhar, além de aprender com os meus alunos e “sem julgamentos”.

Árvore - *Na verdade, algumas histórias de vida contadas através dos participantes do grupo não me surpreenderam muito, porque são histórias reais e muito comuns ao meu olhar. Muitas vezes fui comovida quando ao passar pelas ruas, ficava observando as desigualdades sociais, que em muitos casos são gritantes.*

Lembro-me de um dia ter passado por uma das grandes avenidas da capital, o carro parado no sinal quando se aproximou um jovem com a pele marcada pela injustiça social, entregando panfletos. Olhei para a propaganda, ao mesmo tempo em que olhava aquele menino. Imediatamente fui tomada por uma revolta, uma dor profunda, dor de me sentir incapaz de mudar aquela dura realidade, dor de vergonha de mim mesma por tantas vezes reclamar da vida sem razão. Essa dor, impossível de ser sentida e que se transformou em lágrimas disfarçadas de ciscos nos olhos para que as outras pessoas não percebessem.

Ao levantar a cabeça novamente, percebi do meu lado direito um mendigo sentado na calçada à espera de carinho, de receber alguns trocados. Na esperança

de ver o próximo nascer do sol, voltei novamente meu olhar para o panfleto, e o que vejo? O egoísmo e a ambição humana “a construção de um grande ‘resort’ à beira mar”. Não resisti, apesar de ter uma consciência ambiental, rasguei em mil pedaços aquele papel que no momento representou para mim um desabafo, um grito, um grito pelo oprimido, pelo injustiçado, pelas últimas dos grandes concentradores de riquezas naturais.

Sou filha de professora e desde criança gostava de brincar de imitar minha mãe. Quando tinha dez anos minha mãe começou a ser diretora de uma escola de um bairro pobre de Jatobá e sempre que podia, me levava junto para a escola. Ficava a observar o cuidado e o carinho que ela tinha com escola, com as crianças e com a comunidade. Penso que essa convivência me ensinou a olhar diferente para as pessoas em minha volta.

Não foi uma escolha fazer faculdade para professora. Na verdade eu tinha uma grande paixão que era a administração, sempre tive um espírito empreendedor. Penso que tenha sido influência já por parte do meu pai, que era dono de uma pequena empresa.

Uma coisa é certa: queria ser grande, ser orgulho para minha família, meu pai sempre sonhava com “grandes” profissões para nós, penso que esse desejo de meu pai foi o que me incentivou a estudar com prazer. Enfim, não tive muitas opções, a não ser a faculdade que ficava mais próxima de minha cidade.

Sou iniciante nessa profissão, sei que ainda tenho muito a aprender. Aprendi que o olhar do educador para o aluno e para o seu contexto inserido, poderá trazer grandes transformações. Esse olhar sem barreiras, sem fronteiras, um olhar capaz de atravessar as paredes de concreto do Colégio e capaz de romper os preconceitos, a mediocridade e o egoísmo.

Irildênia – “Aprendendo com o próximo”

No início, meu coração disparou, as emoções tomaram conta de todos os sentimentos e pensamentos, deixando-me, às vezes, ansiosa e angustiada, pois não sabia o que falar, trêmula, pois, não sabia me expressar em público.

Então, parei, respirei fundo e entreguei nas mãos de Deus tudo aquilo que meu coração palpitava e depois rezei em silêncio para acalmar-me e retornei, falando da minha família. Não foi fácil falar da morte de meu pai, mas consegui na Terapia expor todo aquele sentimento que estava preso e me fazendo tão mal, a

ponto de nem conseguir falar, apenas chorar. Hoje, aprendi muito e consigo lidar com esse assunto de forma natural, sem medo de julgamentos.

Sobre a vida das crianças apresentadas por nós co-etnógrafos, sinto que se cada professor tivesse a oportunidade de conhecer um pouco o cotidiano de uma criança, o atrito entre professor e aluno seria bem menor. A frustração de um menino de não responder a atividade passada no dia anterior, por falta de comida em casa, acabaria e daria lugar ao afeto, ao carinho, ao amor e à compreensão, acima de tudo. O meu dia-a-dia, como professora mudou a minha forma de ver, pois hoje, sou mais flexível com relação a trabalhos e provas. Procuo cada vez mais, fazer rodas de conversas para ouvi-las sobre suas vidas, como é sua casa, sua família.

Se antes eu dava um simples “bom dia”, agora dou um abraço, um beijo, falo palavras de conforto e sempre procuro saber como foi sua noite anterior. Além de uma boa conversa com eles, ensino a dividirem o que têm com o próximo e na hora da comida, perguntar se o colega ao lado quer um pouco, pois assim, cresceremos todos juntos em um só coração de Deus.

Mélore - *Olhar a Educação de uma maneira diferente significa aprender a caminhar ao lado. E foi exatamente durante três meses que fui privilegiada para sentir bem de perto diversas situações, por onde passam nossos alunos, como somos responsáveis pela sua formação em âmbito geral.*

No mundo em que vivemos hoje, somos uma massa detentora de um sistema capitalista, em que é visível uma boa parcela inserida em uma camada excludente. Assim, convivemos com pessoas que infelizmente não dispõem de moradia digna, saneamento básico, água encanada, rua pavimentada, energia elétrica, enfim, recursos básicos para a sobrevivência humana.

Foi através das pesquisas que realizamos com os nossos alunos que percebi minha forte influência como um ser integrante de uma sociedade perversa que deixa imperar a desigualdade.

Diante desse contexto socioeconômico, quem trabalha com Educação necessita pensar, preparar, projetar para uma vida que nunca saberemos como será. Sabemos que a escolarização de uma pessoa reflete diretamente em sua capacidade de produzir, de autonomia, conhecimentos e de desenvolvimentos científico e tecnológico.

Tenho convicção de que essa experiência, compartilhada com outras pessoas, me fez crescer no meu profissionalismo e optei está até hoje no ramo da educação. É um grande desafio trabalhar com jovens e adultos que provêm de famílias sem estrutura, mas não é impossível moldá-los como seres pensantes e atuantes.

Por está exercendo um trabalho na educação, não sinto dificuldade em desempenhar meu papel como educadora, pois o início da minha carreira foi exatamente em escola pública onde convivo até hoje com pessoas carentes de amor, carinho, afeto e principalmente do pão de cada dia.

A cada história de vida que compartilhei com os demais, aprendi a ter mais sensibilidade, respeito e acima de tudo a valorizar cada pessoa, resgatando e descobrindo no estranho o aprendiz, no diferente o igual.

Hoje, perante tudo que observei já desenvolvo uma postura coerente com a realidade que me apresenta e não esqueci: “faça o bem sem olhar a quem”.

Sofia - *Diante dos fatos e relatos de vidas, que vivenciei, durante todo esse período, é impossível, agora, não refletir sobre minha prática pedagógica. A cada história apresentada, fui me deparando com diferentes realidades e modo de vidas. Às vezes, realidades cruéis, frutos de um sistema social e político perverso.*

Ao penetrar na esfera dos problemas de vida dos nossos alunos, agora não dá mais para continuar passiva diante de todo contexto vivido. Hoje sei que o meu aluno é uma construção histórica e cultural, que tem condição de aprender o legado cultural que a humanidade construiu. Através da educação e de minhas práticas e intervenções pedagógicas posso fazer muito por ele, pois acredito e aposto no potencial de cada um.

Não posso, jamais esquecer de que por trás de cada um aluno, existe uma história de vida, alguém que pensa, sente, sofre, sonha... São diversas vidas, diversos sonhos, valores, enfim, diversas vidas, cada um com seu próprio universo. Contudo, sabe-se que o ser humano se “transmuda”, permanentemente, não a transformação meramente exterior, mas a transformação interior que faz dele um ser histórico.

Tenho em minhas mãos uma grande responsabilidade de fazer algo, para transformar a realidade, vivida por muitos alunos.

Como professora, sei que preciso ser mediadora entre os alunos e o conhecimento a ser conquistado, facilitando sua aprendizagem.

A história particular do aluno deve ser considerada no processo de ensino. É necessário lembrar, que cada criança e adolescente que chega em nossa escola, é diferente, em razão de terem passado por experiências distintas ao longo de sua vida. Essas diferenças devem ser consideradas, de modo que possamos dar mais a quem precisa mais, fazendo da escola um espaço de igualdade. Nossas atitudes em relação aos nossos alunos podem deixar marcas profundas de forma positiva ou negativa.

Observando nossos estudantes, compreendo que cada um deles é uma totalidade em metamorfose, ao mesmo tempo universal e única.

Práticas pedagógicas adequadamente organizadas puxam para frente o desenvolvimento dos alunos, fazendo com que aprendam progressivamente, sabendo que no interior da escola e da sala de aula, está a pessoa concreta e multidimensional, rica em turbulências, conflitos e processos de transformações.

Jaque - *A partir de todos os momentos vivenciados nestes últimos meses, seria estranho e frio não dizer que meu olhar, meus sentimentos e minha vida mudaram, de tal forma que eu mesma me surpreendo. E retomo mais uma vez aquilo que em outra oportunidade eu questionei. Como é possível avaliar meu aluno, num conselho de classe, nem ponderar sua vivência lá fora, se não o conheço?*

Eu sempre fui e vou continuar sendo, independente das críticas, a “tia” da segunda ou terceira chances, já que meu diretor, no último conselho de classe, enfatizou esse pensamento e prática, então estou segura.

Relatos de vidas e fotos foram registros cravados em minha vida. Muitas vezes o mergulhar levava a suscitar em meu coração um sentimento de desespero, angústia, uma guerra de imagens, raiva, culpa de quase nunca ter tempo para olhar além dos olhos. Como nossa realidade é fria e cruel.

Eu, na missão que me foi confiada por Deus, preciso transformar pelo menos um pouquinho dessa realidade e sei que não vai ser fácil, porque também preciso de ajuda. Hoje, quando entro na sala de aula, fico imaginando como é a vida dos meus alunos. E o meu olhar curioso, por incrível que pareça, é principalmente para aqueles que não se concentram, que são agressivos ou então os caladinhos com olhar sereno.

Outro dia, o João, aquele da história marcante, que se inseriu em todas as outras, estava conversando com ele. Pedi para ver seu ferimento e percebendo a gravidade do que poderia vir acontecer, se o mesmo não fosse medicado. Chamei o Renato e mostrei os golpes abertos. E para minha alegria, o mesmo já de imediato mandou comprar o remédio, ficando assim, sendo acompanhado pela Lídia todos os dias. “Perceber sem conhecer é muitas vezes vazio e indiferente”.

Nossa responsabilidade e nosso compromisso enquanto educador, vai muito além dos planejamentos e das dicas apresentadas vagamente em alguns acompanhamentos pedagógicos, que muitas vezes nem sequer conhece o aluno pelo nome. Perdão pelas palavras, já tenho plena consciência que uma das metas para 2007 é esquecer o silêncio, o medo e argumentar defendendo sempre meu pensamento.

*Doze estudantes colaboradores, como os doze apóstolos de Jesus, cada um com sua história de vida. Cada um pesquisado transformou o seu pesquisador, a partir do desejo de mudança e prática como a meta em nossa caminhada. Fidelidade para mim neste momento é a palavra-chave e **ATITUDE** será o meu foco.*

NONO ENCONTRO DE TERAPIA CULTURAL EM CÍRCULOS DE LETRAMENTOS

Rodolfo – O objetivo é fazermos hoje uma avaliação dos encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. É uma avaliação muito pessoal, na transparência, passando pelo viés de nossa criticidade. Acreditamos que essa avaliação será interessante para aperfeiçoarmos o método da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, uma vez que esse método está sendo desenvolvido e introduzido no Brasil há pouco tempo. A nossa contribuição para a ciência da Psicologia ou das Ciências Humanas. Então fica aberto o espaço para expormos a nossa avaliação.

João Marcos – Sou muito observador, não aquele observador passivo, um observador muito ativo, porque muitas vezes eu gosto de intervir no meio em que eu observo, de diversas formas, também sou muito curioso. Quando Rodolfo chegou com essa proposta de Terapia Cultural, o primeiro sentimento que eu tive me impulsionou a querer fazer parte foi essa curiosidade, o que será isso? Como será isso? Eu quero participar. E eu fiquei muito feliz, eu até coloquei o nome no meu papel e não tinha nem tanta esperança de ser sorteado, porque nunca num sorteio, em bingo, eu nunca sou sorteado. Eu brinquei até quando fui sorteado: meu Deus, pela primeira vez na vida eu fui sorteado. Logo no início do trabalho, eu já comecei a perceber do que se tratava, não demorou muito tempo para “cair a ficha”. Eu já comecei a perceber mudanças na minha forma de agir, de me comportar, porque eu sou uma pessoa que muitas vezes vive para o trabalho e muitas vezes viver para o trabalho faz com que a gente seja uma pessoa talvez técnica, uma pessoa que não passe muito a observar o outro. Apesar de ser educador, convivo com outro, e preciso ter essa concepção do outro, e hoje eu não consigo mais olhar para vocês, meus companheiros de Terapia, como eu olhava antes, porque hoje eu sinto mais intimidade; porque hoje eu conheço muito da vida de vocês e vocês conhecem muito da minha vida. Coisas que eu não contei para ninguém, nem para minha mãe ou pai, que são as pessoas íntimas para mim, mas falei para vocês. Quando eu falo do aluno, eu me vejo nele. Um dia eu fui criança, fui jovem, fiz muita coisa que não devia como jovem, como muito jovem faz hoje. Fiz muita danação como as crianças fazem hoje. Quando vejo uma criança ou um adolescente, eu não consigo tratá-lo

com moralismo, pois tudo eu vivi. Depois daqui, a Terapia Cultural passa e a gente se vê como aluno e se vê nas pessoas, porque hoje eu me vejo como qualquer pessoa. Se eu vir um mendigo na rua eu me vejo naquele mendigo. Ficar na minha função de educador, de gente, de estar na terra de passagem, convivendo com gente, eu gosto de olhar as pessoas e respeitá-las sem julgamentos, sem falsos moralismos, sem nenhum tipo de preconceito. Enfim, eu me sinto muito feliz, contemplado, realizado, por fazer parte dessa Terapia Cultural, porque eu não só passei por ela, eu não só passei pela pesquisa etnográfica, mas isso vai ficar na minha vida como prática, eu acho que eterna.

Rodolfo – Obrigado João Marcos, outra pessoa, pode fazer sua exposição.

Sofia – Eu gosto dos desafios e na hora eu imaginei deve ser bom para o crescimento pessoal, então eu vou colocar o meu nome. E também fiquei muito feliz quando fui sorteada. Agora vieram dúvidas, medos: o que será isso? Logo, eu sou muito ocupada, meu tempo é todo ocupado, é todo dividido. Eu estou aqui no Colégio, em casa, os filhos... Até depois eu pensei assim: não, eu vou dizer para o Rodolfo que não vou ter tempo de realizar um bom trabalho. Se eu me organizar vai dar certo. E para mim foi ótimo. Eu sempre coloquei isso nos meus textos-sentido. Depois dessa terapia eu sou outra pessoa, no modo de ver as coisas, de viver as emoções, eu me entrego nas emoções, me vejo totalmente de um modo diferente. Eu fiz tão pouco pelo Pedro nas pesquisas de campo, mas o retorno ele me deu. Uma ação tão pequena que a gente pode fazer por alguém, pode dar um retorno imenso para ele, torná-lo feliz. Na sala de aula, sempre procurei conversar, ver, sentir o que aquele menino estava sentindo, como se fosse em mim. E vi como a gente pode fazer algo diferente. Foram medos, angústias, falta de tempo, mas eu me sinto privilegiada e fico imaginando se eu não tivesse aqui. Imagino se outras pessoas pudessem ter participado como a gente. Aprendi a confiar. Cada um abriu a sua vida, contou algo e acreditou na gente. Conhecer diversidades culturais, de modos de vida diferentes, maneiras de viver, de valores vivenciados por cada família que teve aqui. Às vezes, valores que não eram nossos, da nossa família, que a gente foi aprendendo um pouco em cada família dos alunos. Então para mim foi muito bom. Eu acho que foi um crescimento muito grande.

Rodolfo – Obrigado Sofia, pela sua colaboração.

Neet – A gente lembra muito daquela história do homem da caverna. Aqueles homens estavam ali e viam aquelas imagens na parede, não podiam nem sair, nem

olhar para trás. Mas teve um homem que saiu, passou por tantas coisas, quando retornou foi, de certa forma, rejeitado pelos outros. Assim, todas as vezes que eu fico na sala dos professores, de certa forma, eu me sinto como esse homem que saiu e depois retornou. É como se existisse em mim certa energia que os outros não têm. A Terapia Cultural foi essa conquista de uma energia nova, de uma forma de pensar que estava no tempo adormecida. Por ter sido criado da forma como fui criado, eu sempre fui uma pessoa que me importei com os outros, pensei muito no outro e deixei minha pessoa por último. Eu até já tinha esquecido disso. A Terapia me fez ter empatia pelas pessoas, me colocando no lugar delas, tentando agir como elas, para sentir o que elas sentiam. Por isso que eu comparei essa questão do “mito da caverna”. Eu enxergo a mãe do Pierrô no meio de tanta gente! É incrível! Ela pode estar misturada com muita gente, se eu passar, eu consigo vê-la. “Conheça a você mesmo”, expressão utilizada por muitos pensadores, e eu me conheci durante essa pesquisa. Descobri diversas coisas, das que eu não gosto, das que eu gosto. Uma coisa na pesquisa que, para mim, seria uma falha e o Rodolfo explicou: partindo daqui, já seria uma outra área. É aquela situação da Psicologia e o do que é da Terapia Cultural. Ela, de certa forma, te puxa para um desabafo e de repente ela te alimenta naquele desabafo. Aí chega um momento que tu tens que controlar aquele desabafo, tu não podes, tu tens que saber até onde é o teu limite. Eu não sei se é uma falha. Ao mesmo tempo em que ela te puxa, de repente não podes mais ir, tu não sentes a mesma coisa. Tens que trabalhar a inteligência emocional. Eu tive que controlar tudo aquilo, segurar, segurar, segurar. Aí eu volto para minha realidade. E a realidade do outro? Tive dificuldades, enfim, de fazer essa distinção. Mas, eu adorei a Terapia Cultural sem nenhuma demagogia. Eu me sinto como uma luz maior, eu sinto essa luz na Sofia, na Irildênia, mas não vejo nas outras pessoas que não participaram (risos).

João Marcos – Engraçado essa coisa da inteligência emocional. A gente conversava baixinho sobre a Terapia Cultural. Eu achei muito interessante.

Jaque – Ou simplesmente só o olhar.

Neet – Então, assim, outro dia eu estava lá na sala dos professores e me fizeram uma pergunta assim: “como é essa Terapia Cultural?”. Respondi assim: “não vou contar como é, mas eu acho que todo mundo deveria fazer”. Aí os professores ficaram naquele pé: “ah! O Rodolfo devia também fazer isso com a gente”. Eu agradeço muito pela oportunidade de ter participado. Eu também penso como João

Marcos: fui sorteado e eu achei isso incrível, pois eu não sou nunca sorteado em nada. Mas eu acredito que Deus sabe o momento certo de colocar as pessoas naquele lugar para falar sobre certas coisas e aprender outras. Nessa Terapia Cultural me tornei mais homem, mais humano, me aproximei demais até do próprio Deus. Estar no lugar da outra pessoa. Eu consigo sentir um pouquinho de como foi a sua situação. Tem um amigo meu que é ator. Ele experimenta muito o teatro do invisível. É um teatro experimental que você se caracteriza de um personagem, vai à rua e não é você. Ele experimentou fazer isso como travesti. Saiu às ruas vestido de mulher, com peruca, sentava num barzinho, tomava cerveja, fumava cigarro e ele notou a reação das pessoas ao redor com relação àquela personagem, de certa forma caricato, que estava ali. As pessoas não o compreendiam. No entanto, ele sentiu na própria pele o que é sentir ser travestir, pois ele mesmo como ator não compreendia. Precisou se vestir naquela personagem, estar num bar e viver as frustrações, os preconceitos, em relação a esse grupo de pessoas. Então, ninguém via antes o personagem comum, Tereza, Isadora, Sofia, mas uma classe de pessoas, hoje nós conhecemos um pouco cada um. Eu acredito que foi isso que a Terapia Cultural fez, abriu os nossos olhos para a sensibilidade alheia e a nossa própria.

John – Primeiro eu queria agradecer. Eu não sabia que ia ser sorteado para a Terapia, pensei: “vou colocar o nome, mas com certeza, não vou ser escolhido”. No primeiro encontro não foi uma escolha em vão, eu tenho esse pensamento. Acho que foi a dedo, pois as pessoas que estão mais ou menos há cinco meses aqui, pessoas de classes diferentes, mãe, solteiros, solteiras, idéias diferentes, somaram a nossa riqueza. Essa pesquisa criou um vínculo. Eu agradeço também pela confiança dos colegas aqui. Foi muito importante ninguém comentar nada daqui. Tudo ficou nessas quatro paredes. O que nós falamos fica aqui e no papel, depois com o pesquisador Rodolfo. Então a ética profissional desse grupo foi imensa. Creio que nós somos responsáveis em passar isso, vamos ter essa oportunidade de passar, de falar da etnografia na Semana Pedagógica. Eu espero que todos os professores do Colégio tenham essa sensação de mudança profissional. Com a Terapia Cultural estávamos olhando o todo. Eu observei muito a Juliana, não era porque ela não era minha colaboradora, e sim de João Marcos, mas eu estava observando com um outro olhar. Eu nunca a tinha visto e, de repente, ela começou a participar tanto na aula. A história do outro me comove também. Eu espero que a

Terapia não acabe, que continuem esses encontros. Com certeza queremos mais, pois foi muito bom. Parabéns pela sua pesquisa, na verdade, é nossa. Com certeza todo mundo aqui mudou para melhor, estamos de parabéns.

Rodolfo – Ok, John! Obrigado pela participação.

Mélore – Quando coloquei meu nome, Rodolfo falou assim: “se tiver mais gente vai para o sorteio”. Aproveitei e fui para o sorteio pensando que eu não iria participar. Eu fiquei muito triste porque uma outra colega não participou. O que me incomodou, logo no início, foi que eu queria contar para ela e não podia, eu lembrava: “olha a ética!”. Jazz, meu colaborador, está me preocupando, pois todos os dias a sua mãe quer saber se eu ainda vou lá e eu falei para ela que a pesquisa terminou. Mas eu vou fazer uma visita e eu sinto que ele está cobrando e eu já estou preocupada. Eu não fiquei muito feliz na Terapia quando eu escutava o aluno da Tereza, da Isadora. E eu fiquei: “Meu Deus, porque eu escolhi...” Se fosse hoje para gente começar, eu não teria ficado com Jazz, pois, como João Marcos disse: é difícil trabalhar com gente. Eu pensava assim: “o que é terapia? Será que ela vai me ajudar, ou ela vai me atrapalhar?”. Sou daquelas que você me diz uma coisa e quando não conheço, eu vou logo atrás das palavras: etnografia, Terapia Cultural. Quando iniciei a pesquisa, pensei: “o que esse Rodolfo quer, ele está pensando que eu vou me abrir, eu vou contar? De jeito nenhum”. E comecei pensando errado, vou sair pensando o correto mesmo. Eu acredito que quando nós começarmos a Jornada Pedagógica, não vai mais ter aquela necessidade de estar respondendo o que é Terapia. Porque na própria fala eles vão perceber o que é a Terapia Cultural. Foi muito positivo. Se tivesse novamente, eu não gostaria de ser sorteada, colocava logo o meu nome.

Rodolfo – Obrigado Mélore também pela sua colaboração. Outra pessoa quer falar.

Isadora – Em relação à Terapia, que bom perceber que eu continuo humana, continuo gente. Porque o trabalho deixa a gente muito técnica, muito mecânica e eu percebo que eu continuo gente, continuo humana sensível à humanidade. Agradeço por estar participando, pois passei recentemente uma crise séria no meu casamento, a maneira de ver com os outros olhos. Talvez se eu não tivesse me percebido, e permitido ver com outros olhos, talvez hoje eu não estivesse mantendo os laços matrimoniais. Se fosse em outra época, eu tinha agido por impulso, tinha jogado tudo pro alto, e não teria me colocado no lugar do outro. Porque numa relação os dois são culpados. Às vezes a gente dá espaço demais para que as coisas erradas aconteçam. A terapia foi muito positiva, nesse sentido. Outra coisa também que eu

gostaria de dizer para o grupo, a relação da questão de desequilíbrio por onde as pessoas passam. Quando a Árvore colocou o tio do Condor, aquilo ficou na minha mente diariamente, até pesadelos eu tive. Analisei que entre onze ou doze anos, os meus pais se separaram, a minha mãe teve esse ato de desequilíbrio (tentou suicídio). Então, no início, eu disse para o Rodolfo que eu não ia colocar porque era algo que me deixava envergonhada. Só que agora eu vejo que não é motivo de me envergonhar. Qualquer pessoa pode passar por isso. Eu não posso estar julgando. Isso serviu para eu me fortalecesse. O sofrimento vem justamente por isso. Talvez se eu não tivesse passado por tanto sofrimentos, eu não fosse a pessoa que eu sou hoje, e não passaria para minha filha os valores que eu tento passar. Então eu agradeço muito, pois a terapia me ajudou em todos os sentidos, inclusive o profissional com os meus alunos e também no sentido pessoal.

Rodolfo – Obrigado pela sua avaliação, Isadora.

Tereza – Sempre eu tive consciência que eu precisava conhecer melhor os meus alunos, para realizar uma prática mais consistente. Sempre soube que sozinha eu nunca faria. Quando apareceu essa oportunidade, desde o primeiro encontro de terapia que o Rodolfo disse que nós tínhamos que sair a campo, veio a calhar. E eu disse para mim mesma: “vou aproveitar com gosto de gás”. Só que eu não imaginava a amplitude de tudo que ia acontecer. Não imaginava que as mudanças iam acontecer primeiramente em mim. Foi isso que aconteceu. Eu fui sempre melindrosa, qualquer coisa eu me magoava nos relacionamentos. Isso me prejudicou muito. Eu procurava tratar as pessoas melhor e eu tinha dificuldade de compreendê-las, por isso eu me magoava tanto. Eu passei a ver também o lado do outro. Eu passei a ver o lado da outra pessoa e foi aí que eu achei muito bonito e concordo com Neet, quando ele disse que encontrou Deus também na Terapia. Descobri também que para haver mudanças significativas na nossa prática ela tem que estar primeiro em nós, começar em nós. Essa mudança não está separada, eu vou ser uma professora, uma educadora melhor, estou mudando também, estou me vendo como pessoa, descobrindo meus traumas, minhas fraquezas. Então tenho que agradecer. Eu acho que essa experiência deve fazer parte do curso de educadores. Todos os educadores deveriam vivenciá-las. Agradeço a todos vocês. Foram vocês que me disseram pra crescer muito e eu precisava descobrir, pois a minha vida estava parada, o meu trabalho de certa forma. Eu agradeço também Rodolfo por essa oportunidade.

Rodolfo – Obrigado a você, Tereza.

Jaque – Primeiro, eu quero agradecer muito a Deus pela oportunidade. Agradecer a Rodolfo. Essa experiência na minha vida serviu para me fortalecer na minha profissão, na minha casa, na minha família. Todos me deram mais força. Eu lembro que semana passada um certo professor deixou um aluno de castigo, sem merenda, sem nada e esse aluno chegou na sala, pedindo para merendar: “não, você vai ficar de castigo, você vai fazer a sua tarefa”, disse ele. Em outros tempos, eu não teria a coragem de discutir com ele. Mas sorrindo, numa boa, foi uma discussão “light”, mas eu o enfrentei. Ele me disse que eu não podia fazer aquilo, que eu era professora de outra matéria, que eu gostava de passar a mão, só porque eu queria dar o direito de merenda daquele aluno. Foram coisas muito positivas na minha vida. Muitas vezes eu tinha vontade de fazer e não fazia. Não fazia nada na minha casa, na minha vida, no meu casamento. Esses meses foram meses de crises na minha casa, no meu casamento, na minha família e eu dizia assim: “Meu Deus, eu não vou conseguir”. Eu senti uma força, e eu me lembro que o Rodolfo me dizia para escrever, me terapeutizar através da escrita, escrever minha história. Começava a escrever e vinha aquilo que eu estava sentindo e cada vez que eu escrevia me sentia melhor. Era outro significado que eu dava. E foi muito bom pra mim, até para lidar com certas pessoas no trabalho. Eu não consigo entender o porquê essas pessoas ou vários professores não passam por esse momento, para que pudessem conhecer melhor, respeitar o outro. (Choro e fala)

Sofia – Ter mais sensibilidade.

Jaque – Porque a gente que luta com essas crianças, esses jovens, tratar bem as outras pessoas... Mas hoje eu olho para essa pessoa que me magoou muito e entendo que ela precisa de ajuda. Seria tão bom! E eu agradeço muito ao Rodolfo e a todos vocês (Choro).

Rodolfo – Obrigado, Jaque!

Irildênia – Para mim, foi muito bom, muito prazeroso. De início, eu fiquei preocupada como ia ser essa terapia, como ia estudar. Mesmo porque eu nunca tinha participado de grupo de estudos, a não ser em escola. Fez-me crescer na questão de falar em público. Hoje eu já consigo falar. Quando o Rodolfo falou que era para procurar uma criança colaboradora, a primeira criança que veio na minha mente foi a Letícia, mesmo sem saber se ela era vulnerável ou não. Essa terapia me fez crescer muito porque, falar da minha vida era muito difícil, (silêncio seguido de

choro). Mesmo porque eu não tinha falado da minha vida para ninguém. A gente se emociona porque são coisas que a gente vivencia sempre no dia-a-dia, como por exemplo a leucemia descoberta da minha avó. Eu fui a única pessoa que conseguiu controlar a família toda. Falo chorando porque é um desabafo. A minha mãe até hoje toma remédio tranqüilizante e no mesmo tempo a minha tia passou por problema sério no casamento. Mesmo sem ter tempo, vejo tudo isso como forma de crescimento para mim, de poder expor e confiar em todos vocês, contar tudo isso e fazer de tudo para que ninguém percebesse a não ser vocês, que eu estou contando agora (choro e fala).

Rodolfo – Eu quero lembrar que os vínculos que vamos fazendo na terapia, como pesquisa, eu devo ser sujeito com o outro sujeito. Não é um sujeito-objeto, não é um objeto estático da pesquisa. É uma relação sujeito-sujeito. Então que a gente continue a criar esses laços entre nós, falemos sobre nós mesmos. Isso serve para você não se sufocar e esperar falar somente na Terapia Cultural, para que também possamos confiar nos corredores da casa da gente. A gente lança esse olhar acolhedor, atento e sensível, o olhar de quem quer cuidar do outro.

Iridênia – Interessante que eu comecei chorando. Toda vida quando vinha para terapia, eu chorava. Hoje eu tomei um suco de maracujá, eu estou tranqüila, eu não vou chorar, eu comecei chorando e estou terminando chorando, será?

Rodolfo – Choro é também uma linguagem, como uma expressão autêntica de nossa linguagem. É humanamente nosso.

João Marcos – Eu vejo o choro que você segurou, é o choro de tantas situações! Tem um momento que a gente tem que chorar, e não é pecado. Lembre-se que aqui não existem julgamentos (risos).

Rita – Também foi um momento grandioso nessa terapia. Fez a gente crescer bastante e superar as dificuldades que estavam passando em casa. Isso foi grandioso para mim, cresci muito, só vi coisas positivas. E fora esse vínculo maravilhoso que a gente criou com o grupo! Também eu tinha muita dificuldade de me expor, de falar. E eu superei isso. Foi muito gostoso e sei que gente pode. E tenho certeza que a gente pode confiar um no outro, e ter essa liberdade de chegar com algum problema e falar para Tereza, Isadora ou João Marcos. Todo mundo daqui, poder se abrir, pedir um conselho. Ajudou-me muito essa Terapia, eu agradeço muito, ter passado esse momento. Espero que não tenha terminado aqui.

Rodolfo – Ainda vão ter muitas histórias. Aguardem a dissertação e outros artigos (risos).

Árvore – Na verdade, quando o Rodolfo anunciou o grupo de estudo, eu queria me inscrever, queria ser sorteada. Apesar de muito medo, desconhecia. Mas eu gosto muito dessa coisa de desafio, de aprender. Quando disse que tinha quatro vagas na Educação Infantil, e eu me inscrevi era porque eu gostaria de estar. Eu me sentia inútil, pois a escolha de Condor, realizar a pesquisa de campo com ele não foi fácil. Todos daqui sabem disso, porém hoje eu vejo assim: observadora, pois temos uma arma pedagógica muito grande que é olhar, o olhar e a ação. Esse tempo de fazer a etnografia com todos os alunos, a questão do tempo, já é uma coisa que inexistente na gente. Tem um amor muito grande. Ah! Gente, por trás daquele menino que não quer nada, parece que só quer brincar... Vamos ver o que tem por trás? Pergunte-se primeiro: “o que tem esse menino?” Depois julgar, ou melhor, “sem julgamentos”. Essa frase foi importantíssima. Eu durmo e acordo com ela. Essa frase foi a que ficou. É isso!

Rodolfo – Obrigado Árvore! Daqui a pouco vocês estarão vendo meus agradecimentos formalmente, quer dizer, por escrito. Porém, dando continuidade à Terapia Cultural, quero lembrar sobre os trabalhos que vocês deverão fazer a partir das falas de vocês, já modificadas com os codinomes. Claro que vocês deverão fazer uma releitura, ver se não tem nenhum nome que não seja fictício. Peço encarecidamente que façam o acompanhamento dessas falas, mas não mudem o que disseram, o que foi falado, registrado. Valorizem o máximo e com fidelidade aquilo que vocês disseram. Coloquem-se ao longo desses nove encontros. Entrego hoje, também, as falas de vocês transcritas do sétimo e do oitavo Encontros. Pode ser que vocês tenham percebido aspectos que não falaram ainda. Por exemplo: nesse nono encontro vieram conteúdos que não apareceram nos anteriores. Se a gente tivesse mais doze ou quinze encontros, iam aparecer mais sentimentos, lembranças e vocês se sentiriam encorajados. É cultural, mas é uma terapia. Vocês irão refletir esses encontros à luz da biografização, ou seja, se autobiografizar, se inscreverem no texto. A sua fala vai permeando a fala do outro; a sua história traz uma polifonia. Já não é um relato autobiografizado ou individualizado, mas um relato coletivizado, a partir de nossa experiência em grupo. E vamos agora para a nossa “cerimônia de encerramento” (todos riem). (Transcrevo, a seguir, os textos que os

professores colaboradores fizeram logo após o nono encontro de Terapia Cultural em Círculo de Letramentos).

Irildênia – “Conhecendo-me”

Todos os encontros que tivemos na Terapia Cultural foram muito significantes, pois a confiança que obtivemos uns com os outros, o conhecimento adquirido com a fala sobre a vida do outro, a descoberta de vidas com objetivos diferentes, me fizeram ver o mundo com outros olhos. Procurando respeitar e valorizar ainda mais a minha família, pois sei que se eu amar verdadeiramente a minha vida respeitando os meus limites, terei suporte suficiente e confiança para dar ao meu próximo, principalmente crianças e idosos que no nosso meio social têm tanta carência, não só de comida, mas de afeto e atenção.

Ao chegar à sala da Terapia Cultural no último encontro, estava muito ansiosa e não via a hora de falar sobre o que tinha passado na minha família, nas semanas anteriores. Mesmo nervosa, tinha prometido a mim mesma que não choraria, mas a pressão foi muito grande e como sempre chorei. Mas acho que foi bom, pois consegui aliviar meu coração e tirar aquela tensão que tanto me atormentava o sono. Naquela semana foi muito difícil para minha família, pois apareceram vários desafios.

Agradeço muito a Deus, em primeiro lugar, por ter me dado o dom da paciência. Em segundo lugar a Rodolfo, por me dar essa oportunidade de trabalhar no Colégio Cristão do Nordeste, e por ter feito parte dessa tão importante Terapia Cultural. Pois, aprendi muito com meus 12 colegas de Terapia e com as 12 crianças que pesquisamos. Hoje tenho certeza que me conheço ainda mais como pessoa, como profissional, como filha e como colaboradora. Para ajudar o meu próximo quando necessário, com tudo que aprendi e ouvi do outro, respeitando seus limites, sem julgamentos, pois me sinto mais segura e mais madura com relação aos meus pensamentos e opiniões.

Fico muito feliz ao passar na rua e saber que tudo que eu observar vai ter sempre um olhar diferente sobre qualquer coisa ou alguém, “sem julgamentos”.

Jaque – “Olhar de deslumbre num retorno que evoca aprender no reencontro e experienciar a vida”.

Descrever em resumo, nossos momentos, representam para mim mais um desafio. Deus me deu dois grandes presentes neste ano. Um, foi participar de um encontro de espiritualidade e o outro foi ter sido sorteada para Terapia Cultural. Ambos enriqueceram demais minha vida, minhas atitudes, meus pensamentos e principalmente meu olhar.

Cada encontro era uma emoção diferente, e as horas, em alguns momentos, pareciam não passar. Já em outros, não percebíamos sequer que existia o mundo lá fora. Quantas palavras nos norteavam e até desnorteavam, no bom sentido da palavra. (Expressar, transformar, sem julgamentos, mergulhar, voltar, avaliar, evocar, sentir, observar, vivenciar, recriar, somar, se encontrar, imersão etnográfica e outras). Como eram profundas essas palavras tão simples do nosso dia-a-dia. Como, profundamente as sentimos enquanto falávamos, escrevíamos, fotografávamos e até mesmo sonhávamos.

Incrível como conseguíamos nos comunicar apenas pelo olhar, inclusive um par de olhos verdes, que segundo seu olhar etnográfico, nos observava em alguns momentos.

Chorei muito e pedi forças a Deus para não desistir. Não foi fácil o reencontro comigo mesma e conhecer o coração daqueles que todos os dias cruzavam meu caminho.

A todo o momento eu ficava me avaliando e me questionando. Tudo mudou no meu cotidiano. Passei a observar tudo e todos só que com uma diferença (sem julgamentos) o que não é fácil, porque humanamente em alguns momentos se tem vontade de explodir com pessoas que não tem sequer humildade de tratar os outros.

Com minha família passei a compreender melhor as atitudes minhas e deles, assim, ver de outra forma nosso relacionamento. Em alguns momentos necessitei parar e refletir sobre a minha caminhada, meus valores, perdas, vitórias, tudo como partes cortadas de um filme (Retorno, Transformação e Dor).

Na minha vida profissional, como educadora, fiquei mais sensível ainda e angustiada pelas vezes que deixei de ir além da sala de aula. Porém, meu compromisso hoje visa a uma meta diferente, um olhar mais cristão.

No grupo, aprendi a amar aquelas pessoas e sentir uma afeição muito especial com muito carinho por três delas. Quantas histórias de vida!

Nas apresentações dos nossos educandos colaboradores, principalmente da minha Kakimik, vivenciei sentimentos e momentos profundos que me emocionaram,

me feriram, me angustiaram e até mesmo me fizeram viajar no tempo, compreendendo um pouco de mim mesma, dos outros e do mundo.

Alguns marcaram demais minha vida e quando eu os via sentia vontade de abraçar, só abraçar. Alguém comentava, um dia desses, que depois que fiz essa Terapia Cultural estava “metida” a justificar tudo que os outros faziam ou falavam, mas essas pessoas precisam saber seguir o caminho de quem olha com o coração. E olhe que estou aprendendo, tentando, caindo e firme levantando!

Por fim, agradeço mais uma vez a Deus, a Rodolfo e ao grupo por todo o aprendizado de suas vidas para minha também, que hoje se faz presente em minha história que se revela no meu olhar de deslumbre.

Isadora - *Fazer parte da equipe colaboradora da Terapia Cultural em Círculos de Letramentos foi vivenciar uma experiência única. Mergulhar em minhas entranhas, retirar máscaras, e me abrir para o novo, sentir-me liberta e pronta para superar os meus medos.*

Perceber que apesar de todos os sofrimentos sentidos e vividos em minha infância, dificuldades financeiras; estudar em uma escola privada por ter ganhado uma bolsa de estudos; concluir os estudos em uma escola pública; passar constrangimento diante da ausência do pai no lar (separação) não me endureceram, e sim tornaram-me mais gente e chegar a esta conclusão é algo maravilhoso.

Sentir que somos diferentes, mas presenciamos histórias e situações tão parecidas tais como: vulnerabilidade, crise de adolescentes, pais separados, suicídio, traumas, medos etc. E a pergunta que não quer calar: “Por que é preciso usar tantas máscaras de autodefesa?” Se às vezes o que muda são apenas as personagens É melhor retomar do início onde tudo começou para chegar fortalecido ao final da luta mesmo em meio às lágrimas.

Hoje posso afirmar que não sou mais a mesma ao fim da Terapia Cultural, já que me sinto transformada e incapaz de olhar ao meu redor sem tentar desvendar o que está além das lentes do etnógrafo diante da situação observada e estudada “afetando-a e sendo afetada por ela”. Afetada em me perceber mais humana diante dos meus educandos, mais companheira, mulher, mãe, sensível em meio ao sofrimento do outro. Fortalecida para vencer outras batalhas, sentir que apesar da escolha inconsciente hoje sei que tenho dentro do meu ser a vocação do verdadeiro educador onde quer que eu vá.

Os momentos vividos e os mergulhos de volta aos traumas mascaradamente resolvidos não me fazem sentir revoltas, não existe mais medo. Mas apenas o aprendizado do recomeçar.

Lena – “A ação transformadora da Terapia Cultural”

A construção de nossa personalidade resulta das relações que travamos com os outros e com o meio. A Terapia Cultural promove a desconstrução do sujeito para que o mesmo identifique e re-signifique estas relações e o poder de suas influências sobre os sujeitos envolvidos.

Experiência significativa e especial promovida na Terapia Cultural em Círculos de Letramentos foi o envolvimento com 12 (doze) pessoas que, por sua vez, observam outras 12 (doze) e com elas mergulharam em sua realidade e reencontraram suas experiências e conceitos formadores frutos das relações vividas.

Pelos olhares dos outros nos espelhamos em suas realidades e através dos relatos e imagens nos projetamos e nos apropriamos da vida do outro. O resultado foi a formação de um grupo coeso, fortalecido pelas experiências, análises, impactos e sentimentos comuns.

Ao penetrarmos em realidades particulares fomos induzidos a evocar a nossa própria realidade, perceber seus elementos constitutivos, o meio, os valores e a personalidade que direta ou indiretamente, forjavam a nossa personalidade.

O elemento importante que norteou a terapia foi a aceitação do outro em sua diversidade. Sentimentos fluíram carregados pela subjetividade de quem se auto-analisa e se reconstrói.

Pelo relato do grupo pude me reencontrar em meu meio original e redescobrir elementos de minha formação inicial: o meio rural, a escola, as primeiras teorias pedagógicas, os valores de uma educação tradicional familiar para uma educação tradicional escolar.

Foram confrontados valores e necessidades atuais de crianças de uma realidade social excludente. Realidades cruas, carregadas de dor, revelando o quão duro é o dia-a-dia dos alunos com quem trabalhamos.

Ao identificar os significados emocionais dos integrantes do grupo, a prática educativa de todos toma corpo e exige uma prática consciente da necessidade de mudança; de fazer diferença na intervenção das realidades apresentadas e que passaram a ser de todos.

O autoconhecimento tornou-se imperativo e o professor passa a se autobiografizar em sua prática, buscando elementos reais e funcionais para apresentar aos seus educandos. Este surge como um ser empático com a realidade, expondo-se como alguém que se sujeita às fragilidades do cotidiano, revelando-se como um ser humano e histórico, e que coloca energia pessoal no que faz.

Enfim, a maior contribuição da Terapia Cultural foi o resgate dos sujeitos que estão inseridos no educador, rompendo sua estigmatização como professor, sem uma história pessoal, trazendo para sala o ser múltiplo, seguro de sua história, questionador e de auto-estima elevada; um ser transformado e transformador, vivo e cheio de esperança.

Mélore - *Ser educador é de fato a “missão mais elevada e mais nobre”, contudo é exigente e pouco reconhecida. Aquele que não sabe amar seus alunos não será capaz de educá-los. O amor gera dedicação, capacidade de doar-se sem reservas e de estar sempre disponível.*

Toda pessoa necessita ser reconhecida individualmente, como gente. Ser conhecida pelo nome, com um “rosto” e uma história próprios. Por isso, foi muito importante esse período, quando fui privilegiada, contemplada para participar da Terapia Cultural. Assim, compreendi e vivi o método da interação da Fé e da Vida, na convivência com os outros pesquisadores, enriquecidos pela experiência observada através do amor, do diálogo e do acolhimento.

Em educação o amor deve ser recíproco: do mestre para o aluno e deste para seu educador. O respeito, fruto do amor e da estima, não separa e diante desse contexto a “Terapia Cultural” me fez refletir que não basta inculcar na alma a semente da virtude; é necessário cultivá-la com delicadeza e inteligência.

Foi exatamente com as histórias reveladas durante todo o processo que percebi que cresci em relação a minha postura como colaboradora, educadora e, acima de tudo, como pessoa, pois aprendi a ter mais sensibilidade, a valorizar cada ser humano resgatando de quem descobre o aprendiz, no diferente o igual.

Durante quatro meses, pesquisamos, observamos, refletimos sobre o que foi apresentado a partir do levantamento de dados e do conhecimento da realidade. É um olhar para a busca da realidade, onde requer procurar conhecer cada aluno a sua pessoa, a sua realidade familiar por meio de visitas bem como de outras realidades que os envolvem.

John - No dia 5 de agosto de 2006 começamos a Terapia Cultural com 12 professores do Colégio Cristão do Nordeste. Achei que era outro curso como alguns outros que eu ouvia, mas na verdade, tive lições de vida através da participação educacional.

Os demais conselhos que dou baseiam-se unicamente em minha própria experiência de vida, mas eu estava com medo dos professores. Porém, o grupo da terapia era muito forte. Falamos sem ter medo de nossas falas ou do que as outras pessoas pensassem.

A pesquisa etnográfica era uma enciclopédia de pesquisa de campo, por certo a característica peculiar mais notável da antropologia, como uma ciência humana.

Hoje já tenho uma boa organização das atividades com meus alunos e colegas professores. Como cada evento científico importante traz sua cultura, é justo que a descrição etnográfica se torne acessível ao grande público. Agradecimento, em primeiro lugar a Deus, a Rodolfo e aos meus amigos professores da Terapia Cultural.

Teresa - A Terapia Cultural em Círculos de Letramentos mudou em muitos aspectos minha vida, meu modo de ver o mundo, a vida e as pessoas. Desinstalou-me, levou-me a vislumbrar outros horizontes, a buscar sempre. Ir além das aparências. Com a Terapia Cultural, iniciou-se em minha vida um processo doloroso, mas indispensável para minha realização como ser humano. Pouco a pouco vou saindo dessa redoma de aço, formada por meus medos e terríveis escrúpulos e vou assumindo os desafios que a vida me apresenta. Sei que me tornei melhor como pessoa. E como sou um todo e não fragmentos, creio que me tornei melhor como educadora.

Esta experiência singular levou-me principalmente a rever e questionar minha prática educativa e refletir qual o real papel da educação na sociedade, até que ponto ela está contribuindo para o crescimento e realização da pessoa humana. Ou não estará a educação contribuindo cada vez mais para o desânimo, a alienação, a exclusão e as injustiças? Será que eu como educadora estou respeitando e levando em conta a história de vida dos meus alunos, suas diferenças, suas culturas tão diferentes, tão ricas e significativas, suas inúmeras e diversas capacidades, seus sonhos, anseios e angústias? Estou eu estimulando-os a prosseguir ou encorajando-os a desistir?

Os momentos de escuta e de rica interação na Terapia Cultural, o contato com experiências tão semelhantes e ao mesmo tempo tão diversas; a oportunidade de adentrar melhor na vida daquele aluno que tanto me ensina até hoje e na vida de tantos outros alunos, me ajudaram a compreender melhor as diferentes realidades com as quais lido diariamente. Sim, insisto na importância da compreensão, acredito que ela é inerente à transformação. Hoje estou mais atenta e sensível aos pequenos detalhes, que parecendo insignificantes, são tantas vezes decisivos. Cada vez mais me convenço da sublimidade e da humanidade do ato de educar. Se não houver o toque humano na relação professor e aluno o processo perde a beleza, o sentido, a utilidade e a legitimidade. O amor legitima o ato educativo.

Minha prática educativa nunca mais será a mesma e nem poderia ser. Ela hoje está povoada não por personagens distantes e discursos vazios, mas por pessoas, pensamentos, sensações, experiências tão reais que não me permitem parar, mas que me estimulam a lutar por uma educação de verdade. Em suma, meu compromisso e meu zelo pela educação se consolidam a cada dia, num constante cair e levantar. Sou extremamente feliz ao educar. Agradeço a Deus a oportunidade de ter participado da Terapia Cultural, uma das experiências mais prazerosa e mais significativa que já vivenciei.

Sofia - *Participar da Terapia Cultural foi algo único, sem dúvida, uma experiência maravilhosa. Durante todo esse período cresci bastante como ser humano, passei a valorizar mais as pequenas coisas os pequenos gestos da VIDA. Conheci contexto social com particularidade diferente de uma realidade vivida.*

A cada encontro vivenciei emoções diversas, fui me redescobrando, me encontrando em diferentes situações as quais foram muito gratificantes.

Hoje, depois da terapia sinto-me fortalecida para lidar com meus sentimentos e os de outras pessoas que me cercam. Aprendi a me ver através do outro. Houve momentos difíceis, de medo, angústia e fracasso. Sofri com o outro... Houve momentos alegres, sorrimos juntos, criamos vínculos, fomos cúmplices, amigos, confidentes e companheiros.

Aprendi a não julgar, a observar, captar ações e entender o porquê. Descobri que ninguém pode conquistar o mundo de fora se não aprender a conquistar o mundo de dentro... Ninguém pode brilhar no palco do mundo se não brilhar no palco de sua própria vida.

Sentirei saudades, mas estarei feliz e agradecida pela oportunidade que me foi dada. Presenteio todos vocês com um poema que fiz, intitulado: "Sentimento de uma terapia".

*Terapia Cultural algo bom em meu destino
 Fez-me crescer, possibilitou-me novas descobertas.
 Ela é tão fascinante que chega a dar medo
 Diversas emoções vivenciadas ou contadas
 Algumas vezes em segredo
 Esse medo fascinante e fremente de curiosidade
 Que faz o etnógrafo seguir em frente
 Desvendando mistério, captando ações.
 Sem julgamentos e pensamentos povoados
 Tudo isso eu aprendi
 Hoje eu ando à procura de espaço
 Para o desenho da vida
 Trabalho de campo me permitiu
 Ser um grande observador
 Capaz de aprender realidades
 Se tornando uma necessidade
 Um dia segui viagem
 Fui a campo viver emoções
 Passei por diversas experiências
 Dotadas de particularidade
 Não discuto com destino
 Acreditando ser capaz
 De confrontar situações
 Construindo novos conceitos.*

Árvore - *Para mim foi uma grande alegria poder participar pela primeira vez de um grupo de estudo junto a grandes colegas de trabalho e tendo à frente pesquisadores de tão alto nível. Colegas de trabalho que tive a oportunidade de conhecê-los tão intimamente, dividindo suas alegrias e tristezas, partilhando sentimentos como: medo, insegurança, dúvida, saudade, mágoas, perdão enfim, sentimentos presentes e que só em momentos especiais temos a coragem de expressá-los.*

A Terapia Cultural me proporcionou momentos inesquecíveis, que me marcaram profundamente, principalmente quando os colegas ao narrarem suas histórias, se emocionavam e se mostravam em sua mais pura essência. A essência do ser humano que apesar das dificuldades e do dia a dia insistia em mascarar. Não podemos fugir dos sentimentos que são inerentes ao Homem.

Outra coisa que foi bastante marcante foi a descoberta de mim mesma. Sempre ao final da terapia eu refletia bastante, sempre me vendo no lugar do outro, buscando algo em comum, fazendo, na verdade, uma terapia com meu espelho.

Dentre tantas descobertas não poderia deixar de destacar a importância do “sem julgamentos”. Afinal foi o lema dos encontros. Com esse lema aprendi a não julgar as pessoas pelas aparências, pois outra revelação me provou a força desse lema. Foi quando alguns colegas de trabalho que, pareciam uma verdadeira rocha em determinados momentos, se transformaram em uma criança indefesa e carente de colo. Descobri que já escrevia texto-sentido e não sabia, pois desde cedo gostava de expressar meus sentimentos escrevendo, passava horas escrevendo.

Se tivesse que definir a Terapia Cultural, eu definiria como sendo um encontro de descobertas que se encontrava coberta.

Rita - *Através da experiência vivida com o grupo de estudo, posso afirmar que foi uma experiência única. Lembro-me claramente as várias visões e de compreensões de cada uma dessas pessoas.*

Comecei, a partir desse estudo, a compreender a nós mesmos, aos outros, ao mundo e a todas as diferenças.

Na minha vida pessoal essa experiência que vivenciei me reportou para as minhas raízes, para sentimentos que foram esquecidos, deixados para trás. Aprendi também a dar mais valor a pequenos e significadas coisas que passaram em minha vida sem que eu desse alguma importância necessária. E de maneira muito limitada, passei a me questionar muito mais através dos meus próprios comportamentos interativos e experiências de vida que adquiri até agora, passando a entender mais algumas indicações que passaram sem um entendimento, que devia ter sido feito na época.

Na sociedade passei a ver certas situações com mais sensibilidade, compreendendo e entendendo o porquê de cada situação. Até mesmo me

colocando em algumas dessas situações, através da comparação de cultura que só existe por meio da vida de relações entre pessoas e, entre pessoas e símbolos.

Na minha profissão já tinha a prática de recuperar ou valorizar o diálogo entre meus alunos, não esquecendo de conhecer a vida de cada um especificamente. A partir desse estudo, só tive a certeza que devo continuar a minha prática escolar, lembrando que devemos resgatar a cultura e até mesmo o suporte que o próprio educando vem trazendo e que não deve ser esquecido, e se extraído para sua própria vida.

Sendo assim, baseado nas minhas afirmações, posso ter a sensibilidade de que devemos abraçar a todos com igual carinho e iguais direitos. A sorte de quem participar de um estudo assim, perceberá que o mundo enfim, pode ser mais justo, livre e solidário. Compreenderemos as coisas sociais umas pelas outras, umas através das outras. E que podemos extrair de um fato simples, um retrato vivo.

Guardarei essa experiência para o resto de minha vida!

Obrigado a todos por me proporcionarem essa experiência e pelos momentos de estudo que passamos juntos!

Neet - *Estar na Terapia Cultural foi fazer nascer um novo NEET. Foi criar novas dimensões e me tornar parte delas. Foi tornar a mim mesmo e dizer quem sou e o que sou. Acredito que uma pesquisa como esta deixa marcas. Percebo que esse resultado deu-se através do processo contínuo de descoberta e desabafos, jogados ao círculo pelos doze participantes, ligados a outros doze, imergidos na profundidade das sensações. Fiquei maravilhado com as histórias contadas e principalmente atingido pela abrangência e fidelidade das narrações, quando mostravam em slides as fotos dos alunos participantes. Para mim, há diversos motivos para regozijo, pois encontrei naquelas histórias a minha própria vida.*

O aluno que escolhi para ser co-participante nesta pesquisa estava comigo imerso nas descobertas de si mesmo e na afloração das reflexões pessoais. Essas descobertas me fizeram perceber o quanto sou valoroso para o desenvolvimento do outro e como posso ajudar as pessoas a minha volta. As histórias desabafadas entre os co-etnógrafos nas sessões de Terapia Cultural envolveram-me de tal forma que me senti moldado e transformado a cada encontro, numa realidade sócio-construtivista. Senti-me uma engrenagem motivadora e desencadeadora de inovações.

Seguindo o pensamento de Paulo Freire, hoje me sinto ainda mais motivado a estabelecer uma escola viva, cheia de criatividade e que faça o diferente. Sinto-me um novo educador, um novo amigo e um novo homem. Essa necessidade de descoberta me fez querer buscar novas formas de agir com os educandos que estão dentro e fora de meus cuidados. Perceber o outro e fazer parte do outro, através de sua cultura, se inserindo nessa cultura, tornei-me mais ligado ao meu passado e fomentou em mim um desejo grandioso da importância do “ser” pensante. Acredito que a partir do momento que me valorizo como sou e descubro o que realmente desejo, mergulho num mar de significados e minhas metas se tornam mais reais e atingíveis.

Fazer parte desta pesquisa etnográfica tornou-me um pesquisador contínuo e verdadeiro, e, como já disse: “Estampado com marcas fortes e visíveis, que ninguém poderá retirar”.

Obrigado, Rodolfo, pela oportunidade!

Rodolfo – Termina aqui a transcrição de nossos nove encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos. Saiba que foi gratificante partilhar nossas vidas com você, bem como ter a sua presença até aqui. O nosso até breve!



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia

CARTA-CONVITE

[cidade], 24 de junho de 2006.

Caro(a) Educador(a),

Estou realizando a pesquisa para minha dissertação do mestrado em Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), sob o título: “DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE DE SER, APRENDER E ENSINAR NA ESCOLA CRISTÃ”, com o objetivo de compreender a relação entre o(a) docente e o(a) discente, na perspectiva do desenvolvimento humano, como resultado da liberdade de ser, aprender e ensinar.

Por esse motivo, pretendo formar um Grupo de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, com 12 (doze) professores do Colégio [nome], sendo 3 (três) de cada segmento: Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio. Utilizarei narrativas autobiográficas de suas trajetórias profissionais e reflexões evocadas a partir dos textos-sentido, que servirão de suporte para os diálogos entre os participantes.

Convido-o(a) a participar desse Grupo, voluntariamente, no Colégio [nome], com encontros quinzenais durante 4 (quatro) meses, portanto, perfazendo um total de 8 (oito) encontros, que começarão a partir de agosto e terminarão em novembro do corrente ano, com duração de 2h e 30min. cada encontro. Os dias e os horários serão acertados de acordo com a conveniência dos colaboradores desta pesquisa.

Esclareço que há possibilidade do número de encontros ser ampliado para até 12 (doze) encontros, dependendo das demandas e necessidades que

emergirem no grupo. Prorrogarei os outros possíveis 4 (quatro) encontros para o mês de dezembro, no formato de 2 (dois) encontros por semana.

Esclareço ainda que:

- Seu nome aparecerá em forma de codinome (de sua escolha) em qualquer consideração que possa vir a ser feita no decorrer de minha dissertação, assegurando o seu anonimato;
- Sua liberdade será assegurada, podendo se recusar a participar ou se retirar desta pesquisa no momento em que achar necessário, sem qualquer punição;
- Todas as informações que você possa me fornecer serão resguardadas de acordo com a ética da pesquisa, garantindo o sigilo que assegure a privacidade dos colaboradores quanto aos dados confidenciais obtidos; e
- Caso deseje, os dados do texto final ficarão ao seu inteiro dispor.

Portanto, será um grande prazer contar com sua compreensão e disponibilidade em participar voluntariamente desta pesquisa.

Antecipadamente agradeço sua grande colaboração.

Lúcio Gomes Dantas.

Pesquisador

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, tenho interesse em participar desta pesquisa de acordo com as condições apresentadas na Carta-Convite do dia 24 de junho de 2006.

(assinatura)

[cidade], _____
(data)



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia

**ROTEIRO BÁSICO A SER SEGUIDO NA REALIZAÇÃO DA
ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

- Pobreza;
- Educação e pobreza;
- Opção pelos pobres;
- Educação Cristã;
- Educação na perspectiva do Instituto
- [Nome do Fundador] e os pobres.



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia

CARTA DE INFORMAÇÃO

[cidade], 8 de agosto de 2006.

Caro(a) Educador(a), Pais ou responsáveis,

Estou realizando a pesquisa para minha dissertação do mestrado em Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), sob o título: “DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE DE SER, APRENDER E ENSINAR NA ESCOLA CRISTÃ”. Por isso, venho solicitar a sua colaboração voluntária para participar da referida pesquisa que tem como objetivo compreender a relação entre o(a) professor(a) e o(a) aluno(a), na perspectiva do desenvolvimento humano, como resultado da liberdade de ser, aprender e ensinar na escola cristã.

Por esse motivo, pretendo formar um Grupo de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, com 12 (doze) professores do Colégio [nome], sendo 3 (três) de cada segmento: Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio. Utilizarei narrativas autobiográficas de suas trajetórias profissionais e reflexões evocadas a partir dos textos-sentido, que servirão de suporte para os diálogos entre os participantes. Cada professor(a) irá ao contexto sociofamiliar do aluno, com a devida permissão dos pais ou responsáveis, onde fará registros (gravação, fotografia, escrita) com a finalidade de dispensar-lhes uma atenção maior.

O(a) professor(a) participará desse Grupo, voluntariamente, no Colégio [nome], com encontros quinzenais durante 4 (quatro) meses, portanto, perfazendo um total de 8 (oito) encontros, que começarão a partir de agosto e terminarão em novembro do corrente ano, com duração de 2h e 30min. cada encontro. Os dias e os horários serão acertados de acordo com a conveniência dos colaboradores desta pesquisa.

Esclareço que há possibilidade do número de encontros ser ampliado para até 12 (doze) encontros, dependendo das demandas e necessidades que emergirem no grupo. Prorroguarei os outros possíveis 4 (quatro) encontros para o mês de dezembro, no formato de 2 (dois) encontros por semana.

Esclareço ainda que:

- Sua liberdade será assegurada, podendo se recusar a participar ou se retirar desta pesquisa no momento em que achar necessário, sem qualquer prejuízo;
- Seu nome aparecerá em forma de codinome, em qualquer consideração que possa vir a ser feita no decorrer de minha dissertação, assegurando o seu anonimato e segredo;
- Todas as informações que você possa me fornecer serão resguardadas de acordo com a ética da pesquisa, garantindo o sigilo que assegure a privacidade dos colaboradores quanto aos dados confidenciais obtidos;
- Sua colaboração e participação poderão trazer benefícios para o desenvolvimento científico brasileiro e internacional, sobretudo no campo educacional; e
- Caso deseje, os dados do texto final ficarão ao seu inteiro dispor.

Portanto, será um grande prazer contar com sua compreensão e disponibilidade em participar voluntariamente desta pesquisa.

Estarei disponível para quaisquer outros esclarecimentos no endereço eletrônico: luciogomesd@hotmail.com, através do telefone (xx) ou no Colégio [nome].

Em face dos motivos anteriormente apresentados, gostaria muito de poder contar com sua valorosa cooperação a qual, desde já, agradeço.

Atenciosamente,

Lúcio Gomes Dantas
Pesquisador

“A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COÉTICA/UNIFOR. Endereço: Av. Washington Soares, 1321 – CEP 60811-905 – Fortaleza, CE.”

APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Professor

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
 Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – VRPP
 Centro de Ciências Humanas – CCH
 Mestrado em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PROFESSOR

Através deste, eu, _____, portador(a) da cédula de identidade n._____, e do CPF n._____, após leitura minuciosa da Carta de Informação sobre a Pesquisa, aceito participar, voluntariamente, do corpo da pesquisa de dissertação de mestrado: “DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE DE SER, APRENDER E ENSINAR NA ESCOLA CRISTÃ”, de autoria de Lúcio Gomes Dantas, devidamente explicada pelo pesquisador em seus mínimos detalhes, declarando estar em plena concordância com as cláusulas abaixo especificadas:

1. Os dados colhidos por ocasião dos relatos pessoais, através de entrevistas e debates, registros de áudio e fotográficos, poderão ser utilizados pelo autor como elementação de análise na pesquisa em questão;
2. Os depoimentos estarão liberados para eventuais gravações e registros;
3. Todo o material coletado poderá ser utilizado, em forma de artigo, livro, crônica, anais e conferência, eximindo o Colégio [nome] de pagar quaisquer tipos de direitos autorais;
4. Estarei presente nos horários pré-estabelecidos para as discussões e entrevistas na Terapia Cultural em Círculo de Letramentos com o pesquisador; e
5. Fica claro, no entanto, que o participante pode a qualquer momento retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar desta pesquisa.

Ciente das atividades de pesquisa das quais participaremos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo meu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, concordando em participar da pesquisa proposta.

[cidade], 8 de agosto de 2006.

 Participante

 Lúcio Gomes Dantas
 Pesquisador

APÊNDICE F – Carta de Boas-vindas aos Professores



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
 Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
 Centro de Ciências Humanas - CCH
 Mestrado em Psicologia

CARTA DE BOAS-VINDAS AOS PROFESSORES

[cidade], 8 de agosto de 2006.

Estimado(a) Educador(a),

Com muita alegria compartilharemos, a partir de hoje, nossas vidas, nossos sonhos, como colaboradores de uma pesquisa de mestrado, contribuindo assim, para a Ciência da Educação e da Psicologia.

No entanto, para nos organizarmos, em nosso calendário semestral, e facilitar nossos encontros de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, segue abaixo, as datas dos nossos Encontros, de acordo com o consenso do grupo, anteriormente reunido para definir nosso calendário.

	Terça-feira (19h)	Quarta-feira (19h)	Sábado (16h30min)
Agosto	8 e 15	-	-
Setembro	5	-	23
Outubro	10	-	28
Novembro	21	-	11
Dezembro¹	12 e 19	20	16

Sua colaboração, portanto, construirá uma história singular em nossa pesquisa.

Seja Bem-vindo(a)!

Cordialmente,

Lúcio Gomes Dantas
 Pesquisador

¹ Se necessário

APÊNDICE G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Pais



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
 UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
 Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – VRPPG
 Centro de Ciências Humanas – CCH
 Mestrado em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PAIS/RESPONSÁVEIS)

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr. (a) _____, portador(a) da cédula de identidade nº _____, e do CPF nº _____, responsável pelo(a) estudante _____, matriculado(a) no Colégio [nome], sob sua responsabilidade, após a leitura minuciosa da Carta de Informação sobre a Pesquisa “DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE DE SER, APRENDER E ENSINAR NA ESCOLA CRISTÃ”, de autoria do mestrando **Lúcio Gomes Dantas**, devidamente explicada pelo pesquisador em seus mínimos detalhes, ciente das atividades de pesquisa das quais participará, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, concordando em participar da pesquisa proposta e declara estar em plena concordância com os itens abaixo:

1. As falas e as fotografias registradas por ocasião das entrevistas e da observação participante, realizadas pelos professores colaboradores, poderão ser utilizadas pelo autor como dados de análise na pesquisa em questão;
2. Os depoimentos estarão liberados para eventuais gravações e transcrições;
3. Todos os dados coletados poderão ser transformados em artigos, capítulos de livros, crônicas, anais e conferências, com isenção da cobrança de qualquer tipo de direito autoral.

Fica claro que o participante pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar desta pesquisa.

E, por estarem de acordo, assinam o presente termo.

[cidade], 8 de agosto de 2006.

 (participante)

Lúcio Gomes Dantas
 Pesquisador

APÊNDICE H – Carta de Agradecimento aos Professores

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia

CARTA DE AGRADECIMENTO

[cidade], 16 de dezembro de 2006.

Estimado(as) educadores(as) co-etnógrafo(as), colaboradores(as) desta pesquisa.

Chega o momento tão esperado de nosso último encontro de Terapia Cultural em Círculos de Letramentos, e assim, agradeço a cada um(a) de vocês pela disponibilidade, dedicação e o espírito investigador que vocês tão bem viveram nesses quatro meses em que convivemos juntos.

A participação nas discussões, nas reflexões, nas narrativas de suas experiências de vida, sejam elas de cunho mais privativo ou em suas trajetórias como docente, concomitantemente aos relatos de campo que vocês trouxeram do contexto cultural do educando, a partir de suas imersões, enaltecera essa pesquisa, que agora podemos dizer que é nossa.

Cada de um(a) de vocês teve uma singular participação no grupo e em cada Encontro, senti a força de nos mantermos como grupo, entrelaçado com vínculos afetivos e efetivos, pois criamos uma “polifonia” pedagógica, mas nem por isso deixamos de fazer ciência, no sentido rigoroso do termo. A seriedade e a competência que vocês dispuseram foram outras tantas características que apresentaram no percurso.

Com tantas pessoas maravilhosas e especiais, agradeço a Deus por colocar cada um(a) de vocês em meu caminho. Saibam que aprendi muito com vocês nas partilhas de vidas.

Portanto, a todos e a cada um(a) em particular, os meus votos de um Feliz Natal e um abençoado ano de 2007, com renovada fé e confiança em Deus, pois nEle e com Ele tudo podemos. Ao darmos graças pelo ano que se finda, embalados pelo dom da vida que nos concede e envolvidos na magia silenciosa, alegre e religiosa que acalenta nossos corações, rogo ao Menino Jesus que nos permita sonhar por uma educação de qualidade, alimentados pela esperança.

Com toda minha afeição e admiração a todo(as) vocês, contem com meu apoio, pois também sei que posso contar com o de vocês.

Meu muito obrigado!

Lúcio Gomes Dantas
Pesquisador

APÊNDICE I – Certificado dos colaboradores co-etnógrafos



CERTIFICADO

Certificamos que o professor *João Marcos do Nascimento* participou da pesquisa de mestrado de Psicologia, sob o título: “**Desenvolvimento como liberdade de ser, aprender e ensinar na escola cristã**”, da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), como pesquisador co-etnógrafo, no período de agosto a dezembro de 2006, num total de 120 horas de imersão no campo, e Terapia Cultural em Círculos de Letramentos.

Rede
Lusófona
de Estudos
da Felicidade

Prof. Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D.
Coordenador - orientador

Lúcio Gomes Dantas
Pesquisador

ANEXOS

Anexo A - Requerimento para tramitação da Qualificação

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia

QUALIFICAÇÃO DE PROJETO**Formulário 01****REQUERIMENTO**

Do: Professor Doutor e Orientador Francisco Silva Cavalcante Junior

Para: Coordenador do Mestrado em Psicologia

Solicito a V. S^a., o procedimento da tramitação oficial da Qualificação do Projeto de Dissertação do mestrando **Lúcio Gomes Dantas**, intitulado “DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE DE SER, APRENDER E ENSINAR NA ESCOLA CRISTÃ”. Declaro que o projeto em questão encontra-se apto ao exame a ser realizado em 11/07/2006, às 9h, pela banca a ser convocada, no que se refere a: justificativa, delimitação do problema, objetivos geral e específicos, metodologia e análise dos dados.

UNIFOR, Fortaleza, 22/ 06/ 2006.

Professor Orientador

De Acordo.

Mestrando

Obs: O projeto deverá ser entregue em 3 vias juntamente com este requerimento

Anexo B - Requerimento para composição da Banca de Qualificação



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia

QUALIFICAÇÃO DE PROJETO

Formulário 02

ENCAMINHAMENTO DE PROFESSORES DE BANCA DE QUALIFICAÇÃO

Do: Professor Doutor e Orientador Francisco Silva Cavalcante Junior

Para: Coordenador do Mestrado em Psicologia

Solicito a V. S^a., a oficialização dos Srs.(as) Professores(as) abaixo relacionados, para composição da Banca de Qualificação do Projeto de Dissertação, intitulado “DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE DE SER, APRENDER E ENSINAR NA ESCOLA CRISTÃ”, pertencente ao mestrando Lúcio Gomes Dantas, por mim orientado.

NOME	TITULAÇÃO/ ÁREA	IES	ENDEREÇO P/CORRESPONDÊNCIA
Francisco Silva Cavalcante Junior	Ph.D./Psicologia	Universidade de Fortaleza (UNIFOR)	Av. Washington Soares, 1321, Bloco N – Edson Queiroz. 60811-905, Fortaleza – CE cjuni@unifor.br
Teresa Gláucia Rocha Matos	Dra./Psicologia	Universidade de Fortaleza (UNIFOR)	Av. Washington Soares, 1321, Bloco N – Edson Queiroz. 60811-905, Fortaleza – CE terezamatos@unifor.br
José Arvedo Flach	Dr./Educação	Centro Universitário La Salle (UNILASSALE)	Av. Victor Barreto, 2288 92010-000, Canoas – RS irjusto@unilassale.edu.br

UNIFOR, Fortaleza, 22/06/2006.

Professor Orientador

Aprovado em: ___/___/06

Colegiado do Mestrado em Psicologia

ANEXO C – Ata de Qualificação de Projeto de Dissertação



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

ATA DE QUALIFICAÇÃO DE PROJETO DE DISSERTAÇÃO

Declaramos que a Qualificação do Projeto de Dissertação "*Desenvolvimento como liberdade de ser, aprender e ensinar na escola cristã*", autoria de Lúcio Gomes Dantas, foi realizada no dia 11 de julho de 2006 no Mestrado em Psicologia, da Universidade de Fortaleza, obtendo os seguintes resultados, atribuídos pelos membros da banca examinadora.

	ASSINATURA	RESULTADO
Prof. Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D (UNIFOR)		Apto.
Prof. Dr. José Arvedo Flach (UNILASALLE)		Apto.
Profª. Drª. Tereza Gláucia Rocha Matos (UNIFOR)		Apto.

OBS:

Os membros da banca ressaltaram a clareza do desenho metodológico da pesquisa, a pertinência dos conceitos apresentados, sugerindo modificações para uma melhor compreensão da pesquisa proposta pelo mestrando.

Fortaleza, 11 de julho de 2006.

ANEXO D – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

**UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Comitê de Ética em Pesquisa – COÉTICA**

PARECER N.º. 287/2006

Projeto de Pesquisa: Desenvolvimento como liberdade de ser, aprender e ensinar na escola cristã

Pesquisador Responsável: Lúcio Gomes Dantas

Data de apresentação ao COÉTICA: 06/09/06

Registro no COÉTICA: 06-281

Parecer: APROVADO na data de 26/09/06

Prof. Dr. Haroldo Rodrigues de Albuquerque Júnior
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR – COÉTICA

ANEXO E - Carta justificativa do professor João Marcos

[cidade], 22/09/2006.

Caro Rodolfo,

Ontem à tarde ao terminar minha aula, recebi um telefonema com uma triste notícia. Um amigo de infância, desses que consideramos como irmão, falecera tragicamente num acidente de carro na Capital. No momento, fiquei tão abalado que vim para casa sem nem mesmo completar o meu horário, faltando ainda uma hora.

Preciso muito ir lá e estar presente no velório, enterro e confortar sua mãe e seu irmão que também são muito queridos por mim. Mas, ao mesmo tempo, fiquei preocupado, pois tenho compromissos de trabalho amanhã aí no Colégio. Pela manhã, reunião pedagógica e à tarde, Terapia Cultural, onde estaria fazendo a minha apresentação. As fotos ainda não estão com Francisco, pois havia combinado com o mesmo que as entregaria hoje, pois já estão arrumadas em CD-ROM. Mas devido meu esquecimento, perguntei se teria algum problema em entregá-lo amanhã pela manhã e ele disse que não.

Certo de que compreenderá a minha ausência, peço-lhe encarecidamente para que me deixe apresentar nos próximos encontros, pois já estou com o material todo pronto.

No mais, um grande abraço, um bom fim de semana e votos de que mais uma vez, a Terapia seja um sucesso!

João Marcos.

ANEXO F – Declaração de revisão estilística e gramatical**DECLARAÇÃO**

Declaro, para constituir prova junto ao Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, que procedi ao trabalho de revisão estilística e gramatical da dissertação intitulada “*A liberdade de ser, aprender e ensinar na escola cristã*”, de autoria de Lúcio Gomes Dantas, orientada pelo Prof. Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D., pelo que assino a presente.

Fortaleza, 18 de julho de 2007.

Prof^a Sandra Maria Maia Barros de Freitas

Registro do MEC – RN, Nº 39848

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)